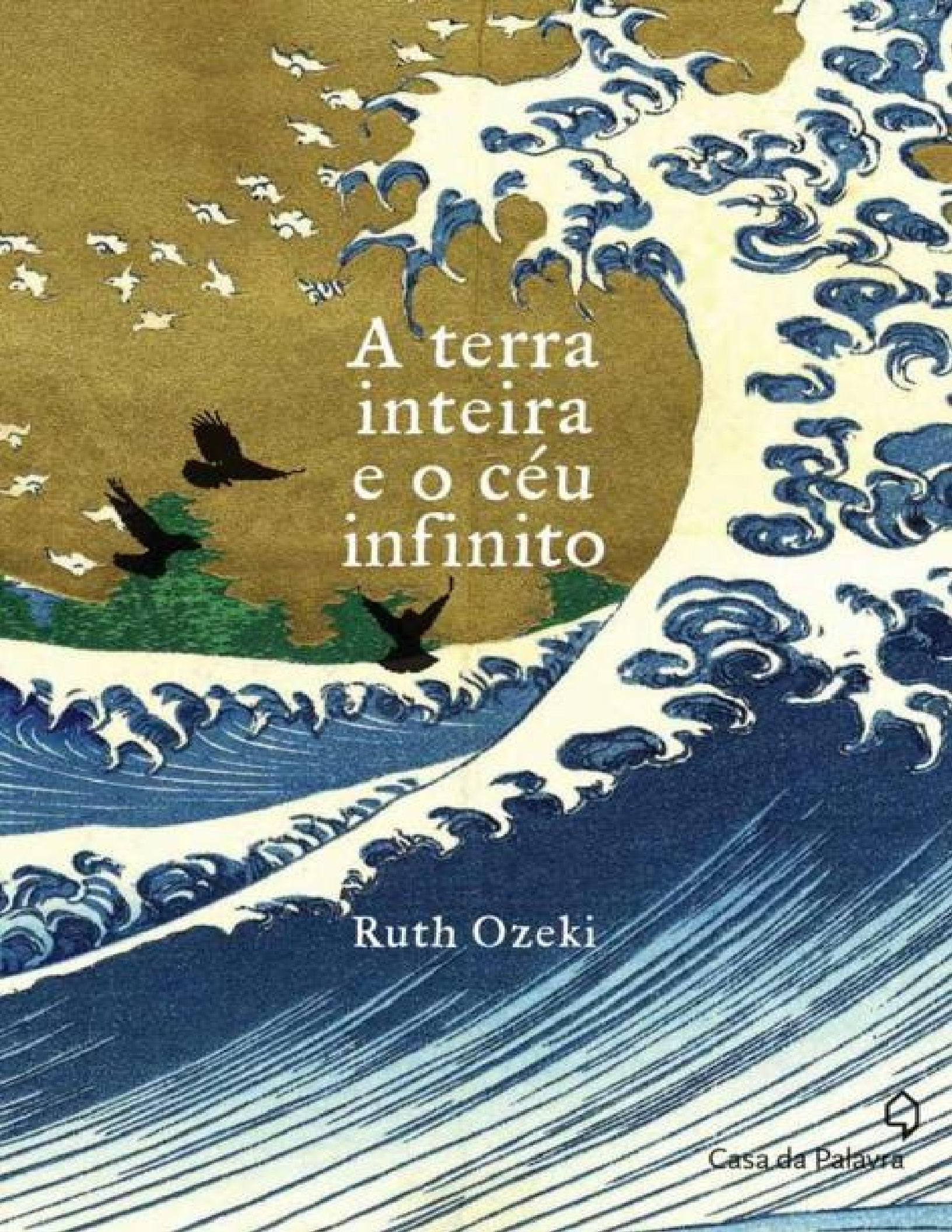

A terra
inteira
e o céu
infinito
Ruth Ozeki
Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

A tale for the time being © 2013 by Ruth Ozeki
Copyright © 2014 Casa da Palavra
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Copidesque
Marluce Melo
Beatriz Sarlo

Revisão
Elisa Nogueira

Capa
Joana Figueiredo

Imagem de capa
A grande onda de Kanagawa, 1831 © Katsushika Hokusai

Diagramação
Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
O99t
Ozeki, Ruth L.
A terra inteira e o céu infinito / Ruth Ozeki ; tradução Débora Landsberg, Daniela P. B. Dias. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2014.
Tradução de: A tale for the time being
ISBN 9788577344420
1. Romance americano. I. Landsberg, Débora. II. Dias, Daniela P. B. III Título.
14-10075 CDD: 813
CDU: 821.111 (73)-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL
Av. Calógeras, 6, 1001 – Rio de Janeiro – RJ – 20030-070
21.2222 3167 21.2224 7461
divulga@casadapalavra.com.br
www.casadapalavra.com.br

Para Masako,
Por ora e para sempre

Parte I



Uma vez, um velho Buda falou:

Para o ser-tempo, parado no cume da montanha mais alta,
Para o ser-tempo, nadando no leito mais fundo do mar,
Para o ser-tempo, um demônio com três cabeças e oito braços,
Para o ser-tempo, os cinco metros de ouro do corpo de um Buda,
Para o ser-tempo, o bastão de um monge ou o espanta-moscas[1] *de um mestre,*
Para o ser-tempo, um pilar ou um farol,
Para o ser-tempo, qualquer José ou Maria,[2]
Para o ser-tempo, a terra inteira e o céu infinito.

– Dōgen Zenji, “Para o ser-tempo”[3]

1 Japonês *hossu* – um espanta-moscas feito de rabo de cavalo que o monge zen-budista carrega consigo.

2 Japonês *chōsan rishi* – literalmente, o terceiro filho de Zhang e quarto filho de Li; uma expressão idiomática que significa “qualquer pessoa comum”. Traduzi como “qualquer José ou Maria”, mas poderia muito bem ter traduzido como “qualquer João, Manuel ou Jorge”.

3 Eihei Dōgen Zenji (1200-1253) – mestre zen japonês e autor de *Shōbōgenzō* (*O tesouro do verdadeiro olho do dharma*). “Para o ser-tempo” (Uji) é o décimo primeiro capítulo.

Nao

1.

Oi!

Meu nome é Nao e eu sou um ser-tempo. Você sabe o que é um ser-tempo? Bem, se você me der um minutinho, eu explico.

Um ser-tempo é alguém que existe no tempo, e isso quer dizer você, e eu, e todos nós que estamos aqui, ou já estivemos, ou que um dia estarão. Quanto a mim, estou neste exato instante sentada em um café onde as garçonetes usam uniformes de empregada doméstica, em Akiba, a Cidade Elétrica, escutando uma canção melancólica que toca em algum ponto do seu passado, que também é o meu presente, escrevendo isto e me perguntando sobre você, em algum momento do meu futuro. E se você está lendo isto, talvez também esteja se perguntando sobre mim.

Você se pergunta sobre mim.

Eu me pergunto sobre você.

Quem é você e o que está fazendo?

Você está em um vagão do metrô de Nova York, se segurando numa correia, ou está de molho na sua banheira de hidromassagem em Sunnyvale?

Está se bronzeando em uma praia arenosa em Phuket ou está fazendo as unhas dos pés em Abu Dhabi?

Você é homem ou mulher ou está no meio-termo?

Sua namorada está preparando um jantar gostoso para você ou você vai comer macarrão chinês direto da caixa?

Você está encolhido, de costas viradas para a sua esposa roncadora, ou espera com ansiedade que seu lindo amante termine o banho para fazer amor apaixonado com ele?

Você tem um gato e ele está sentado no seu colo? A cabeça dele cheira a cedro e ar doce e fresco?

Na verdade, não tem muita importância porque, quando você ler isto, tudo estará diferente, e você não estará em nenhum lugar específico, folheando à toa

as páginas deste livro, que por acaso é o diário dos meus últimos dias na Terra, se perguntando se você deve continuar a leitura.

E se você resolver não ler mais, ei, problema nenhum, porque não era você que eu esperava, de qualquer forma. Mas se decidir levar a leitura adiante, então imagina só? Você é meu tipo de ser-tempo e juntos vamos criar mágica!

2.

Ui. Que idiotice. Preciso me sair melhor. Aposto que você está se perguntando que menina imbecil seria capaz de escrever palavras como essas.

Bom, eu seria.

Nao seria.

Nao sou eu, Naoko Yasutani, que é o meu nome completo, mas você pode me chamar de Nao, já que é assim que todo mundo me chama. E é melhor eu contar um pouco mais de mim se a gente vai continuar se encontrando desse jeito…! ☺

Na verdade, pouca coisa mudou. Continuo sentada no café da Cidade Elétrica Akiba, e Edith Pilaf entoa outra canção melancólica, e Babette acabou de me servir um café e tomei um golinho. Babette é minha garçonete e também uma amiga nova, e meu café é Blue Mountain e o bebo puro, o que é incomum para uma adolescente, mas, sem dúvida, é como um café de qualidade deve ser tomado caso você tenha algum respeito pelo grão amargo.

Puxei a meia para cima e cocei a parte de trás do joelho.

Alisei as pregas da saia para que ficassem bem arrumadas sobre as minhas coxas.

Coloquei meu cabelo, que bate no ombro, atrás da orelha direita, que tem cinco furos, mas agora deixo que ele caia no meu rosto de novo porque o otaku[4] de colarinho branco sentado na mesa ao lado está me encarando, e isso me causa arrepios embora eu também ache divertido. Estou usando meu uniforme de aluna do ginásio e dá para ver pelo jeito como olha para o meu corpo que ele tem um enorme fetiche por colegiais e, se este é o caso, então o que é que ele está fazendo em um café com garçonetes vestidas de empregadas? Quer dizer, que burro!

Mas nunca se sabe. Tudo muda, e tudo é possível, então talvez eu mude de ideia em relação a ele também. Talvez nos próximos minutos ele se incline de um jeito desastrado na minha direção e me diga algo surpreendentemente belo, e eu seja tomada de carinho por ele apesar do cabelo oleoso e da pele ruim, e

eu acabe concordando em conversar um pouquinho com ele, e uma hora ele me convide para fazer compras, e, se me convencer de que está loucamente apaixonado por mim, eu vá a uma loja de departamento com ele e deixe que ele me compre um cardigã fofinho, um keitai[5] ou uma bolsinha, embora seja óbvio que ele não tem muito dinheiro. Depois, talvez a gente vá a uma boate e beba uns coquetéis, e corra para um motel com banheira de hidromassagem grande e, depois de tomarmos banho, assim que eu começar a me sentir à vontade com ele, sua verdadeira natureza surja de repente, e ele me amarre e enfie o saco plástico do meu cardigã novo na minha cabeça e me estupre, e horas depois a polícia encontre o meu corpo nu inanimado curvado num ângulo estranho no chão, ao lado da enorme cama redonda coberta de pele de zebra.

Ou talvez ele só me peça para estrangulá-lo de leve com a minha calcinha enquanto se excita com o belo aroma.

Ou talvez nenhuma dessas coisas aconteça fora da minha mente e da sua, porque, como eu já disse, juntos estamos criando mágica, pelo menos por enquanto.

3.

Você ainda está aí? Acabei de reler o que escrevi sobre o otaku de colarinho branco e quero me desculpar. Foi obsceno. Não foi um bom começo.

Não quero te causar a impressão errada. Não sou uma imbecil. Sei que o nome da Edith Pilaf não é Pilaf. E não sou uma garota obscena nem uma hentai.[6] Na verdade, não sou uma grande fã de hentai, então, se esse for o seu caso, faça o favor de largar este livro agora mesmo e não ler mais, ok? Você só vai se decepcionar e perder tempo, porque este livro não vai ser o diário secreto de uma garota devassa, repleta de fantasias cor-de-rosa e fetiches obscenos. Não é o que você está pensando, já que o objetivo que tenho para escrevê-lo antes de morrer é contar a história de vida fascinante da minha bisavó de 104 anos, uma monja zen-budista.

É provável que você não ache monjas muito fascinantes, mas a minha bisavó é, e de modo algum no sentido devasso. Tenho certeza de que existem montes de monjas devassas por aí… bom, talvez nem tantas monjas devassas assim, mas monges devassos, sem dúvida, há monges pervertidos espalhados por tudo quanto é canto… mas meu diário não vai falar sobre eles ou o comportamento bizarro deles.

Este diário vai contar a história de vida real da minha bisavó Yasutani Jiko.

Ela foi monja e romancista e Nova Mulher[7] da era Taishō.[8] Também foi uma anarquista e feminista que teve inúmeros amantes, tanto homens como mulheres, mas nunca foi devassa ou obscena. E, por mais que talvez eu acabe mencionando alguns de seus casos amorosos, tudo o que escrever será historicamente verdadeiro e fortalecedor para as mulheres, e não um bando de bobagens relativas a gueixas. Portanto, se devassidões obscenas são sua fonte de prazer, faça o favor de fechar este livro e entregá-lo à sua esposa ou amigo e assim poupar bastante tempo e trabalho.

4.

Acho que é importante ter objetivos claros na vida, não acha? Principalmente se não te resta muita coisa. Porque, se você não tiver objetivos claros, o seu tempo pode se esgotar e, quando o dia chegar, você vai se pegar de pé no parapeito de um prédio alto, ou sentada na cama com um frasco de comprimidos na mão, pensando, *Merda! Dei mole. Se ao menos tivesse estabelecido objetivos claros para mim!*

Estou te dizendo isso porque, na verdade, não vou estar aqui por muito tempo, e é bom que você saiba disso logo para não criar suposições. Suposições são um saco. São que nem expectativas. Suposições e expectativas matam qualquer relação, então você e eu não vamos entrar nessa, ok?

A verdade é que muito em breve vou me diplomar no tempo, ou talvez seja melhor não dizer que vou me diplomar porque assim fica parecendo que na verdade alcancei meus objetivos e mereço seguir em frente, quando a realidade é que acabei de fazer 16 anos e não realizei absolutamente nada. Zero. Nadica. Pareço patética? Não era a minha intenção. Só quero ser justa. Talvez, em vez de me diplomar, deva dizer que vou me desligar do tempo. Me desligar. Sair do tempo. Abandonar a minha existência. Estou contando os momentos.

Um…

Dois…

Três…

Quatro…

Opa, já sei! Vamos contar os momentos juntos![9]

4 *otaku* (お宅) – fã ou fanático obsessivo, pessoa viciada em computadores, nerd.

5 *keitai* (携帯) – telefone celular.

6 *hentai* (変態) – pervertido, depravado sexual.

7 Termo usado no Japão no início dos anos 1900 para descrever mulheres progressistas e instruídas que rejeitavam os limites impostos pelos papéis de gênero tradicionais.

8 Era Taishō, 1912-1926, assim designada em homenagem ao imperador Taishō, também chamada de Democracia Taishō: um período curto de liberalização social e política, que terminou com a tomada de poder pela direita militar que levou à Segunda Guerra Mundial.

9 Para mais considerações a respeito de momentos zen, ver o Apêndice A.

Ruth

1.

Uma centelha minúscula atraiu o olhar de Ruth, um brilhinho de sol refletido formando um ângulo, escapando por baixo de um gigantesco emaranhado de alga seca, que o mar empurrara para a areia na maré alta. Imaginou que fosse o brilho de uma águas-vivas agonizante e quase pisou em cima. As praias estavam inundadas de água-viva naqueles tempos, do tipo vermelho monstruoso que causava queimaduras e parecia feridas ao longo da costa.

No entanto, algo a levou a parar. Ela se inclinou e cutucou o monte de algas com a ponta do tênis e depois o revirou com um graveto. Desenredando as algas que pareciam chicotes, deslocou o objeto o suficiente para ver que aquilo que cintilava ali embaixo não era uma água-viva agonizante, mas uma coisa de plástico, um saco. Não era de surpreender. O oceano estava cheio de plástico. Cavou um pouco mais, até conseguir levantar o saco pela ponta. Era mais pesado do que esperava, um saco plástico danificado, coberto de cracas que se espalhavam pela superfície como borbulhas na pele. Devia estar no mar havia muito tempo, ponderou. Dentro do saco, viu um indício de algo vermelho, o lixo de alguém, sem dúvida, jogado no mar ou deixado para trás após um piquenique ou uma rave. O mar sempre trazia coisas e as levava de volta: linhas de pesca, boias, latas de cerveja, brinquedos de plástico, tampões, tênis da Nike. Uns anos antes, eram pés arrancados. As pessoas os encontravam por todos os lados na ilha de Vancouver, atirados na areia pelas ondas. Acharam um exatamente naquela praia. Ninguém sabia explicar o que havia acontecido com o resto dos corpos. Ruth não queria pensar no que poderia estar apodrecendo dentro do saco. Atirou-o mais longe. Terminaria a caminhada e o pegaria na volta, levaria para casa e o jogaria fora.

2.

– O que é isto? – perguntou seu marido no vestíbulo.

Ruth preparava o jantar, picando cenouras e se concentrando.

– Isto aqui – repetiu Oliver, já que ela não respondeu.

Ela ergueu o olhar. Ele estava na porta da cozinha, balançando o saco plástico grande e danificado com os dedos. Ela o deixara na varanda, com o intuito de jogá-lo no lixo, mas acabara se distraindo.

– Ah, larga isso – disse. – É lixo. Um troço que peguei na praia. Não traz isso para dentro de casa, por favor. – Por que precisava explicar?

– Mas tem alguma coisa aqui dentro – ele declarou. – Você não quer saber o que é?

– Não – ela respondeu. – O jantar está quase pronto.

Ele o levou para dentro da casa mesmo assim e o pôs na mesa da cozinha, espalhando areia. Foi inevitável. Era da sua natureza a necessidade de saber, de desmontar as coisas e às vezes montá-las de novo. O freezer estava cheio de mortalhas plásticas que continham carcaçazinhas de pássaros, musaranhos e outros bichos pequenos que o gato levara para dentro, à espera da dissecação e do empalhamento.

– Não é só um saco – ele informou, abrindo cuidadosamente o fecho do primeiro e pondo-o de lado. – São sacos dentro de sacos.

O gato, atraído pela agitação, pulou na mesa para ajudar. Não tinha permissão para subir na mesa. O gato tinha nome, Schrödinger, mas nunca o usavam. Oliver o chamava de Peste, que vez por outra se transformava em Pesto. Estava sempre fazendo coisas erradas, estripando esquilos no meio da cozinha, deixando órgãos pequeninos e luzidios, rins e intestinos, bem na porta do quarto dos dois, e Ruth pisava neles de pés descalços a caminho do banheiro durante a noite. Formavam uma equipe, Oliver e o gato. Quando Oliver ia ao segundo andar, o gato ia ao segundo andar. Quando Oliver descia para comer, o gato descia para comer. Quando Oliver saía para fazer xixi, o gato saía para fazer xixi. Agora Ruth observava os dois examinando o conteúdo dos sacos plásticos. Estremeceu, imaginando o fedor de um piquenique apodrecido, ou algo pior, que fosse arruinar a fragrância da refeição. Sopa de lentilha. Tomariam sopa de lentilha e comeriam salada no jantar, e ela havia acabado de pôr alecrim.

– Que tal você dissecar o seu lixo na varanda?

– Foi você que pegou – ele disse. – E, de qualquer forma, acho que não é lixo. Foi muito bem embalado. – Ele continuou o descasque forense.

Ruth fungou, mas só sentia o cheiro de areia, sal e mar.

De repente, ele caiu na gargalhada.

– Olha, Pesto! – ele disse. – É para você! Uma lancheira da Hello Kitty!

– Por favor! – pediu Ruth, sentindo desespero.

– E tem alguma coisa dentro…

– Estou falando sério! Não quero que você abra isso aqui. Leva lá para fora…

Mas já era tarde demais.

3.

Ele havia esticado os sacos, deixando um em cima do outro em ordem decrescente de tamanho e depois arrumando o conteúdo em três pilhas organizadas: um montinho de cartas escritas à mão; um livro grosso de capa vermelha desbotada; um relógio de pulso antigo e resistente com fundo preto opaco e mostrador luminoso. Ao lado ficou a lancheira da Hello Kitty, que protegera os artigos dos efeitos corrosivos do mar. O gato farejava a lancheira. Ruth o pegou e o largou no chão. Depois voltou sua atenção para os objetos sobre a mesa.

As cartas pareciam ter sido escritas em japonês. A capa do livro fora impressa em francês. O relógio ostentava marcas gravadas no verso que eram difíceis de decifrar, portanto Oliver pegou o iPhone e usou o aplicativo de microscópio para examinar o entalhe.

– Acho que também é japonês – disse.

Ruth folheou as cartas, tentando distinguir os caracteres escritos em tinta azul desbotada.

– A letra é antiga e cursiva. Linda, mas não entendo uma palavra. – Pôs as cartas em cima da mesa e pegou o relógio da mão dele. – É. São números japoneses. Mas não é uma data. Yon, nana, san, hachi, nana. Quatro, sete, três, oito, sete. Será que não é o número de série?

Aproximou o relógio do ouvido e tentou escutar o tique-taque, mas estava quebrado. Deixou-o na mesa e pegou a lancheira vermelha. O tom vermelho que se insinuava através do plástico danificado era o que a levara a confundir o saco com uma água-viva. Quanto tempo passara boiando no oceano antes de ser jogada na areia? A borda da tampa da lancheira era vedada por um elástico. Apanhou o livro, surpreendentemente seco; a capa de tecido era macia e puída, as pontas arredondadas pelo manuseio descuidado. Ela levou a borda até o nariz e inalou o aroma bolorento das folhas mofadas e da poeira. Olhou o

título.

– *À la recherche du temps perdu* – leu em voz alta. – *Par* Marcel Proust.

4.

Gostavam de livros, todos os livros, mas em especial dos antigos, e eles transbordavam pela casa. Havia livros por todos os lados, empilhados em estantes e amontoados no chão, nas cadeiras, nos degraus da escada, mas nem Ruth nem Oliver ligavam. Ruth era romancista, e romancistas, Oliver afirmava, tinham que ter gatos e livros. E, realmente, comprar livros era o consolo que ela encontrava por ter se mudado para uma ilha remota no meio de Desolation Sound, onde a biblioteca pública era uma salinha úmida em cima de um centro comunitário infestado de crianças. Além da seção vasta e cheia de dobras de literatura juvenil e alguns títulos adultos populares, a coleção da biblioteca parecia consistir primordialmente de livros sobre jardinagem, enlatamento, segurança alimentícia, energia alternativa, cura alternativa e escolarização alternativa. Ruth sentia falta da abundância e diversidade das bibliotecas urbanas, de suas amplidões silenciosas, e quando ela e Oliver se mudaram para a ilhota concordaram que ela poderia encomendar qualquer livro que quisesse, e Ruth o fazia. Pesquisa era o nome que ela dava a isso, embora no final das contas ele lesse a maioria e ela lesse uns poucos. Ruth simplesmente gostava de tê-los por perto. Havia pouco tempo, no entanto, começara a reparar que a umidade da maresia dilatava as folhas e que as traças tinham se alojado nas lombadas. Quando abria as capas, sentia o cheiro de mofo. Isso a entristecia.

– Em busca do tempo perdido – disse, traduzindo o título em dourado desgastado, estampado na lombada de tecido vermelho. – Nunca li.

– Eu também não – declarou Oliver. – Mas acho que não vou tentar ler em francês.

– Mm – ela murmurou, concordando, mas abriu o livro mesmo assim, curiosa para ver se conseguia entender as primeiras linhas. Esperava um fólio marcado pelo tempo, impresso numa fonte antiga, portanto estava totalmente despreparada para a letra roxa de adolescente que se esparramava pela folha. Parecia um sacrilégio, e ficou tão chocada que quase deixou o livro cair das mãos.

5.

Letras impressas são previsíveis e impessoais, transmitindo informações numa transação maquinal com os olhos do leitor.

Letras de mão, em contrapartida, resistem aos olhos, revelam seus significados aos poucos e são pessoais como a pele.

Ruth fitou a página. As palavras roxas estavam, em sua grande maioria, em inglês, com alguns caracteres japoneses aqui e ali, mas seus olhos não estavam exatamente absorvendo o significado deles, mas uma sensação *percebida*, sombria e sentimental, da presença da autora. Os dedos que seguraram a caneta de tinta roxa devem ter sido de uma menina, uma adolescente. A letra, aquelas marcas roxas cheias de volteios gravadas na folha, preservava seus estados de espírito e angústias, e no instante em que Ruth pôs os olhos na folha, não teve dúvida de que as pontas dos dedos da menina eram rosadas e úmidas e de que roía as unhas até o sabugo.

Ruth examinou as letras mais de perto. Eram arredondadas e um pouco desleixadas (como imaginava que a menina também fosse), mas estavam mais ou menos de pé e marchavam com coragem pela folha num ritmo bom, não às pressas, mas tampouco fazendo hora. Às vezes, no fim da linha, se amontoavam um pouco, como pessoas se acotovelando para entrar no elevador ou no vagão do metrô quando as portas estão se fechando. A curiosidade de Ruth foi estimulada. Estava claro que se tratava de uma espécie de diário. Tornou a inspecionar a capa. Será que devia lê-lo? Agora de propósito, abriu na primeira página, com uma vaga sensação de malícia, como uma bisbilhoteira ou alguém que olha pelo buraco da fechadura. Romancistas gastam boa parte do tempo metendo o nariz na vida dos outros. Não era uma sensação desconhecida para Ruth.

Oi!, ela leu. *Meu nome é Nao e eu sou um ser-tempo. Você sabe o que é um ser-tempo?…*

6.

– Restos de um naufrágio – decretou Oliver. Ele examinava as cracas que haviam se fixado na superfície do primeiro saco plástico. – Não dá para acreditar.

Ruth desviou os olhos da folha.

– Claro que são restos de um naufrágio – disse. – Ou a carga de um navio jogada no mar. – O livro estava quente em suas mãos, e queria continuar a leitura, mas se flagrou indagando, *De qualquer forma, que diferença faz?*

– Naufrágio é acidental, coisas boiando no mar. A carga de um navio é alijada. O ponto é a intenção. Então você tem razão, talvez seja carga alijada. – Ele pôs o saco de volta na mesa. – Acho que está começando.

– Está começando o quê?

– Destroços – ele explicou. – Escapando da órbita do Giro do Pacífico...

Os olhos dele brilhavam e ela notou que estava animado. Pôs o livro no colo.

– O que é um giro?

– Existem onze grandes giros planetários – ele disse. – Dois deles escoam na nossa direção, vindos do Japão, e bifurcam pouco depois da costa da Colúmbia Britânica. O menor, o Giro das Aleutas, segue para o norte, rumo às ilhas Aleutas. O maior segue para o sul. Às vezes é chamado de Giro Tartaruga, porque as tartarugas marinhas são transportadas por ele quando migram do Japão para a Baixa Califórnia.

Ele levantou as mãos para descrever um círculo grande. O gato, que adormecera em cima da mesa, deve ter percebido sua empolgação, porque abriu um dos olhos verdes para observar.

– Imagine o Pacífico – disse Oliver. – O Giro Tartaruga acontece no sentido horário e o Giro das Aleutas acontece no sentido anti-horário. – Suas mãos traçaram enormes arcos e espirais representando o fluxo do mar.

– Não é a mesma coisa que a Kuroshio?

Ele já havia lhe falado da Kuroshio. Também era chamada de Corrente do Japão, e levava a água quente tropical da Ásia até a costa noroeste do Pacífico.

Mas agora ele fazia que não.

– Não exatamente – respondeu. – Os giros são maiores. São como uma série de correntes. Imagine um círculo de cobras, uma mordendo o rabo da outra. A Kuroshio é uma das quatro ou cinco correntes que formam o Giro Tartaruga.

Ela assentiu. Fechou os olhos e imaginou as cobras.

– Cada giro orbita num ritmo – ele continuou. – E o comprimento da órbita é chamado de tom. Não é uma lindeza? Como a música dos astros. O período orbital mais longo é de treze anos, o que estabelece o tom fundamental. O Giro Tartaruga tem o semitom de seis anos e meio. O Giro das Aleutas tem o quarto de tom de três anos. Os restos de naufrágios que são carregados pelos giros são chamados de destroços. Os destroços que permanecem na órbita do giro são considerados parte da memória do giro. A incidência de fuga do giro determina a meia-vida do destroço... – Ele pegou a lancheira da Hello Kitty e a virou e revirou. – Todas aquelas coisas das casas das pessoas no Japão que o tsunami

varreu para o mar? Andam monitorando e a previsão é de que venham parar na nossa costa. Acho que está acontecendo antes do esperado.

Nao

1.

Tenho muita coisa para escrever. Por onde eu começo?

Mandei uma mensagem de texto para a minha velha Jiko com essa pergunta e ela respondeu isso:現在地で始まるべき[10]

Está bem, minha querida Jiko. Vou começar daqui mesmo, do Fifi's Lovely Apron. O Fifi's é um dos muitos cafés com garçonetes vestidas de empregadas que pipocaram pela Cidade Elétrica Akiba[11] uns anos atrás, e o que o torna meio que especial é a temática de salão francês. A decoração do interior é basicamente vermelha e cor-de-rosa, com toques de dourado, ébano e marfim. As mesas são redondas e aconchegantes, com tampos que parecem mármore e pernas que parecem mogno entalhado, e as cadeiras têm assentos acolchoados em tapeçaria cor-de-rosa. Rosas de veludo vinho se enroscam no papel de parede, e as cortinas das janelas são de cetim. Do teto dourado pendem candelabros de cristal, e bonequinhos Kewpie nus flutuam como nuvens nos cantos. Há uma entrada e uma chapelaria com uma fonte que goteja e a estátua de uma mulher nua iluminada por uma lâmpada vermelha pulsátil.

Não sei se a decoração é autêntica porque nunca fui à França, mas o meu palpite é de que provavelmente não há muitos cafés com temática francesa iguais a este em Paris. Não tem importância. A impressão no Fifi's Lovely Apron é muito chique e acolhedora, como estar espremida dentro de um cartão grande e claustrofóbico de Dia dos Namorados, e as garçonetes, com os seios levantados e uniformes cheios de babados, também parecem namoradinhas fofas.

Infelizmente, o recinto está bem vazio neste momento, a não ser por alguns garotos ao estilo otaku[12] na mesa do canto e dois turistas americanos de olhos esbugalhados. As garçonetes estão paradas em uma fila amuada, mexendo nas rendas das anáguas, com cara de tédio e decepcionadas com a gente, como se esperassem que clientes novos e melhores entrassem e animassem as coisas. Houve certa agitação há pouco, quando um otaku pediu omurice[13] com uma

cara grande da Hello Kitty desenhada com ketchup. A garçonete de crachá escrito Mimi se ajoelhou diante dele para lhe dar comida, soprando cada colherada antes de enfiá-la em sua boca. Os americanos se divertiram à beça com isso, o que foi hilário. Queria que você tivesse visto. Mas aí ele terminou, e Mimi levou o prato sujo embora, e agora o tédio voltou. Os americanos estão só tomando café. O marido tenta convencer a esposa a deixá-lo pedir um omurice da Hello Kitty, mas ela é bem nervosinha. Escutei-a sussurrar que o omurice é muito caro, e ela tem razão. A comida daqui é um roubo, mas ganho café de graça porque Babette é minha amiga. Se a esposa relaxar e mudar de ideia, eu te conto.

Antes não era assim. Babette me contou que na época em que os cafés com garçonetes vestidas de empregadas eram ninki #1![14] Os clientes faziam fila e esperavam horas por uma mesa, e as garçonetes eram as meninas mais bonitas de Tóquio, e dava para ouvi-las apesar do barulho das ruas do bairro, Okaerinasaimase, dannasama!,[15] o que provocava nos homens a sensação de que eram ricos e importantes. Mas agora a moda passou e as garçonetes não são mais *o que há*, e os únicos fregueses são turistas do exterior e otaku[16] do interior, ou hentai tristonhos com ultrapassados fetiches por empregadas. E as garçonetes também não são mais tão lindas ou simpáticas, já que dá para ganhar muito mais grana sendo enfermeira em um café com temática médica ou cheio de coisas de pelúcia em Bedtown.[17] Empregadas francesas são uma tendência decadente, sem dúvida, e todos sabem disso, então ninguém se dá ao trabalho de se esforçar. Dá para dizer que a atmosfera é deprimente, mas, na minha opinião, é relaxante exatamente porque ninguém se esforça demais. O deprimente é quando todo mundo se esforça demais, e o mais deprimente de tudo é quando se esforçam demais e realmente acham que está dando certo. Com certeza este lugar era assim, com toda a alegria dos toques de sinos e as risadas, e as filas de clientes dando a volta no quarteirão, e as empregadinhas lindas puxando o saco dos donos de cafés, que ficavam parados com seus óculos escuros de marca e Levi’s vintage que nem príncipes das trevas ou magnatas de um império de jogos. Esses carinhas tinham um longo, longo caminho rumo à ribanceira.

Portanto, não dou a mínima. Eu meio que gosto porque sei que sempre vou conseguir mesa aqui no Fifi’s Lovely Apron, e a música é boa, e as garçonetes já me conhecem e geralmente me deixam em paz. Talvez devesse se chamar Fifi’s Lonely Apron. Ei, boa ideia! Gostei!

2.

Minha velha Jiko adora quando eu conto um monte de detalhes sobre a vida moderna. Ela não sai muito a esta altura porque mora num templo nas montanhas no meio do nada e renunciou ao mundo, e também tem a questão de ter 104 anos. Fico dizendo que é essa a idade dela, mas na verdade é só um palpite. Não sabemos ao certo quantos anos ela tem, e ela também declara que não se lembra. Quando você pergunta, ela diz,

– Zuibun nagaku ikasarete itadaite orimasu ne.[18]

O que não é uma resposta, então você pergunta de novo e ela diz:
– Soo desu ne.[19] Faz tanto tempo que não conto…

Daí você pergunta quando é o aniversário dela, e ela diz:

– Hmm, eu não me lembro de ter nascido…

E se você importuná-la mais um pouco e perguntar quanto tempo faz que está viva, ela diz:

– Pelo que me lembro, sempre estive aqui.

Bom, dã, vovó!

A única coisa de que temos certeza é de que não existe ninguém mais velho que se lembre, e o registro da família na secretaria do distrito foi queimado por uma bomba incendiária durante a Segunda Guerra Mundial, portanto só nos resta aceitar a palavra dela. Uns anos atrás, ela meio que se fixou em 104, e é assim desde então.

E, como eu estava dizendo, minha velha Jiko adora detalhes e adora quando falo de todos os barulhinhos e aromas e cores e luzes e propagandas e pessoas e modas e manchetes de jornal que formam o oceano ruidoso de Tóquio, e foi por isso que me eduquei a reparar e lembrar. Conto tudo a ela sobre tendências culturais e notícias que leio sobre colegiais que foram estupradas e asfixiadas com sacolas de plástico em motéis. Dá para contar à vovó todo esse tipo de coisa e ela não liga. Não estou querendo dizer que ela fica contente. Ela não é uma hentai. Mas ela entende que merdas acontecem, e ela fica sentada e escuta e faz que sim com a cabeça e mexe nas contas de seu juzu,[20] fazendo orações às pobres colegiais e aos pervertidos e a todos os seres que estão sofrendo no

mundo. Como é monja, imagino que seja sua função. Juro que às vezes penso que a razão principal para ainda estar viva são todas as coisas que dou para que ela faça as orações.

Uma vez perguntei por que gostava de ouvir histórias como essas, e ela me explicou que, quando foi ordenada, raspou a cabeça e fez votos para ser uma bosatsu.[21] Um dos votos foi salvar todos os seres, o que basicamente quer dizer que concordou em só se tornar iluminada quando todos os seres do mundo atingirem a iluminação. É quase como deixar todo o mundo entrar no elevador antes de você. Quando você calcula todos os seres que há na Terra num dado momento e depois soma aos que nascem a cada segundo e aos que já morreram – e não apenas seres humanos, mas todos os animais e os outros seres vivos tipo amebas e vírus e talvez até plantas que já existiram ou vão existir um dia, bem como todas as espécies extintas –, bom, dá para perceber que a iluminação vai levar muito tempo. E o que acontece se o elevador fica cheio e as portas se fecham e você continua do lado de fora?

Quando perguntei à vovó sobre isso, ela coçou a careca brilhante e disse:

– Soo desu ne. O elevador é muito grande…

– Mas, vovó, vai levar uma eternidade!

– Bom, nós vamos nos esforçar mais ainda, então.

– *Nós?!*

– Claro, querida Nao. Você tem que me ajudar.

– De jeito nenhum! – eu disse à vovó. – Esquece! Não sou uma porra de uma bosatsu…

Mas ela apenas estalou os lábios e apertou as contas do juzu, e pela maneira como me olhou através daqueles óculos grossos de armação preta, imagino que também estivesse orando por mim naquele instante. Não liguei. Isso me deu a sensação de que estava segura, como se eu soubesse que, acontecesse o que acontecesse, vovó garantiria que eu entrasse no elevador.

Sabe de uma coisa? Neste exato segundo, escrevendo isso, percebi algo. Nunca perguntei a ela para onde vai o elevador. Vou mandar uma mensagem de texto agora e perguntar. Eu te digo o que ela respondeu.

3.

Ok, então agora vou mesmo te contar sobre a vida fascinante de Yasutani Jiko, a famosa anarquista-feminista-romancista-que-virou-monja-budista da era TaishŌ, mas primeiro tenho que explicar este livro que você está segurando.[22]

Você já deve ter notado que não parece o diário inocente de uma colegial, com bichos balofos de marshmallow em uma capa cor-de-rosa brilhante, tranca em forma de coração e chavezinha dourada. E na primeira vez que o pegou, é pouco provável que tenha pensado *Ah, é um adorável diariozinho escrito por uma interessante colegial japonesa. Nossa, acho que vou ler!* porque quando o pegou, você imaginou que fosse a obra-prima filosófica intitulada *À la recherche du temps perdu*, do famoso autor francês chamado Marcel Proust, e não um diário insignificante de uma qualquer chamada Nao Yasutani. Isso mostra que é verdade o que dizem: não se pode julgar um livro pela capa![23]

Espero que a sua decepção não seja muito grande. Acontece que o livro do Marcel Proust foi arrancado, só que não por mim. Eu o comprei assim, já cortado, numa lojinha de artesanato lá em Harajuku[24] onde vendem peças únicas estilo "faça você mesmo" como lenços de crochê e bolsas keitai e pulseiras de contas e outras coisas legais. Artesanato está super em alta no Japão, e todo mundo anda tricotando e fazendo enfeites de contas e crochês e pepakura,[25] mas sou muito desajeitada, então tenho de comprar as minhas coisas do tipo "faça você mesmo" se eu quiser acompanhar a tendência. A menina que faz esses diários é uma artesã superfamosa, que compra caixas cheias de livros velhos do mundo inteiro e depois corta direitinho todas as folhas impressas e põe folhas em branco no lugar. Faz isso com tanta precisão que você nem nota o corte, e quase pensa que as letras escaparam das páginas e caíram no chão como uma pilha de formigas mortas.

Recentemente, umas coisas detestáveis têm acontecido na minha vida, e no dia em que comprei o diário, como estava matando aula e me sentindo muito triste, resolvi fazer compras em Harajuku para me animar. Ao ver os livros antigos na prateleira, imaginei que fosse um mostruário da loja, então nem prestei atenção, mas quando a vendedora me mostrou o corte, claro que tive de comprar um na mesma hora. Não eram baratos, mas amei a sensação de que a capa estava gasta, e dava para ver que seria uma delícia escrever ali dentro, como um livro de verdade, publicado. Mas o melhor de tudo é que eu sabia que seria excelente como forma de segurança.

Não sei se você já passou pelo problema de outros te baterem e roubarem coisas suas e usá-las contra você, mas, se já passou, você entende que este livro seria uma coisa de gênio se um dos meus colegas de classe idiotas por acaso resolvesse pegar o meu diário e colocá-lo na internet ou algo desse tipo. Mas quem pegaria um livro velho chamado *À la recherche du temps perdu*, não é? Os idiotas dos meus colegas pensariam que é dever de casa para juku.[26] Nem

saberiam o que o título significa.

Na verdade, eu também não sabia o significado, já que a minha capacidade de falar francês é inexistente. Havia um monte de livros com títulos diferentes à venda. Alguns eram em inglês, como *Great Expectations* e *Gulliver's Travels*, que também são bons, mas achei que seria melhor comprar um título que eu não entendesse, já que saber o significado poderia influenciar minha própria manifestação criativa. Tinha também outros em línguas diferentes, como alemão e russo e até chinês, mas acabei escolhendo *À la recherche du temps perdu* porque imaginei que fosse francês, e francês é legal e tem um ar sofisticado e, além disso, o livro tem o tamanho exato para caber na minha bolsa.

4.

No instante em que comprei o livro, claro, quis começar a escrever nele, então entrei em um kissa[27] das redondezas e pedi um Blue Mountain, depois peguei minha caneta preferida de tinta roxa e abri o livro na primeira página marfim. Tomei um gole amargo e esperei que as palavras surgissem. Esperei e esperei, e bebi mais café, e esperei mais um pouco. Nada. Sou bem tagarela, como você já deve ter percebido, e normalmente não tenho problemas para inventar o que dizer. Mas, dessa vez, apesar de ter muita coisa em mente, as palavras não vinham. Foi esquisito, mas imaginei que estava me sentindo intimidada pelo livro novo-velho e que uma hora isso passaria. Então tomei o resto do café e li uns mangás e, quando chegou a hora de as aulas terminarem, fui para casa.

Mas no dia seguinte tentei de novo e aconteceu a mesma coisa. E depois disso, sempre que pegava o livro, eu olhava fixamente para o título e começava a pensar com os meus botões. Quer dizer, Marcel Proust deve ser muito importante se alguém como eu já ouviu falar dele, ainda que no início não soubesse quem ele era e achasse que era um chef célebre ou um estilista francês. E se o fantasma dele ainda estivesse agarrado ao miolo e irritado com o corte que a menina artesã havia feito, arrancando fora suas palavras e páginas? E se agora o fantasma estivesse me impedindo de usar seu livro famoso para escrever bobagens típicas de colegiais, tipo paixonites por garotos (não que eu tenha uma), ou roupas novas que eu quero (meus desejos são infinitos), ou minhas coxas gordas (na verdade minhas coxas são bonitas, o que eu odeio são os meus joelhos). Não dá para tirar a razão do fantasma do velho Marcel para ficar chateado, achando que posso ser burra o suficiente para

escrever esse tipo de besteira no livro importante dele.

E mesmo se o fantasma não ligasse, eu não iria querer usar o livro dele para coisas tão banais, mesmo se estes não fossem meus últimos dias na Terra. Mas já que *são* os meus últimos dias na Terra, também quero escrever alguma coisa relevante. Bom, talvez não relevante, porque não sei de nada relevante, mas algo que valha a pena. Quero deixar para trás algo verdadeiro.

Mas sobre o que posso falar que seja verdadeiro? Claro, posso escrever sobre a merda toda que aconteceu comigo, e meus sentimentos pelo meu pai e minha mãe e meus supostos amigos, mas não sinto uma vontade especial de fazer isso. Sempre que penso na minha vida idiota e vazia, chego à conclusão de que estou só perdendo tempo, e não sou a única. Todo mundo que eu conheço é do mesmo jeito, a não ser a velha Jiko. Só perdendo tempo, matando tempo, se sentindo péssimo.

E o que significa perder tempo, em todo caso? Se você perde tempo, ele é perdido para sempre?

E se o tempo é perdido para sempre, o que isso significa? Não é como se você acabasse morrendo antes, não é? Quer dizer, se quer morrer antes, você tem que resolver as coisas por conta própria.

5.

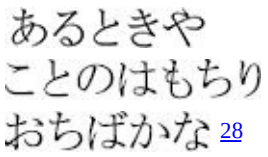
De qualquer forma, esses pensamentos perturbadores sobre fantasmas e tempo não paravam de passar pela minha cabeça sempre que eu tentava escrever no livro do velho Marcel, até que resolvi que precisava saber o significado do título. Perguntei a Babette, mas ela não conseguiu me ajudar porque é claro que não é uma empregada francesa de verdade, só uma menina da província de Chiba que largou a escola, e só o que sabe de francês são algumas expressões sexy que aprendeu com um velho professor francês peidorreiro com quem namorou por um tempo. Então, quando cheguei em casa naquela noite, procurei Marcel Proust no Google e descobri que *À la recherche du temps perdu* significa “Em busca do tempo perdido”.

Estranho, não é? Assim eu estava lá sentada em um café francês em Akiba, pensando no tempo perdido, e o velho Marcel Proust estava sentado na França, cem anos atrás, escrevendo um livro inteiro sobre exatamente o mesmo assunto. Então talvez o fantasma dele estivesse no miolo e entrando na minha cabeça, ou talvez fosse só uma coincidência doida, mas de qualquer modo, não é legal? Eu acho coincidências legais, mesmo que não signifiquem nada, e vai

saber? Talvez signifiquem! Não estou dizendo que tudo acontece por algum motivo. É mais pelo lado de que senti como se eu e o velho Marcel estivéssemos na mesma onda.

No dia seguinte voltei ao Fifi's e pedi um bulezinho de lapsang souchong, que bebo às vezes para dar um tempo do Blue Mountain, e sentada ali, tomando o chá defumado e mordiscando um doce francês, esperando a Babette me arrumar um encontro, comecei a me perguntar.

Como é que a gente faz para buscar o tempo perdido? É uma questão interessante, então a mandei por mensagem à velha Jiko, sempre faço isso quando enfrento um dilema filosófico. E aí tive de esperar por muito, muito tempo, mas por fim o meu keitai soltou um pim que me avisou que ela havia respondido à mensagem. E a resposta dela foi essa:


あるときや
ことのはもちり
おちばかな [28]

o que quer dizer mais ou menos isso:

Para o ser-tempo,
Palavras se espalham…
Seriam elas folhas caídas?

Não sou muito boa com poesia, mas ao ler o poema da velha Jiko, visualizei a imagem de uma velha e uma enorme árvore de ginkgo no jardim de seu templo.[29] As folhas têm formato de leques verdes, e no outono ficam bem amarelas e caem e cobrem o chão, pintando tudo de dourado. E me ocorreu que a velha árvore é um ser-tempo, e Jiko também é um ser-tempo, e pude me imaginar buscando o tempo perdido debaixo da árvore, afastando as folhas caídas que são suas palavras de ouro espalhadas.

A ideia de ser-tempo vem de um livro intitulado *Shōbōgenzō*, que um mestre zen antigo chamado Dōgen Zenji escreveu há uns oitocentos anos, o que o torna ainda mais velho que a velha Jiko e até que Marcel Proust. Dōgen Zenji é um dos autores preferidos da Jiko, e ele tem sorte porque seus livros são importantes e ainda estão por aí. Infelizmente, tudo o que a Jiko escreveu está esgotado, então nunca li suas palavras, mas ela me contou um monte de histórias, e comecei a pensar que palavras e histórias também são seres-tempo, e foi nessa hora que me veio a ideia de usar o livro importante de Marcel

Proust para narrar a vida da minha velha Jiko.

Não é só porque Jiko é a pessoa mais importante que eu conheço, embora esta seja uma das razões. E não é só porque ela é muito velha e porque estava viva quando Marcel Proust estava escrevendo um livro sobre o tempo. Talvez estivesse, mas essa também não é a razão. O motivo para me decidir a escrever sobre ela no *À la recherche du temps perdu* é que ela é a única pessoa que conheço que realmente entende o tempo.

A velha Jiko é supercuidadosa com o tempo dela. Faz tudo muito, muito devagar, mesmo quando está só sentada na varanda, observando as libélulas rodopiando lentamente em volta do laguinho no jardim. Ela diz que faz tudo muito, muito devagar a fim de espalhar o tempo para ter mais dele e viver mais, e depois ri para que você saiba que é uma piada. Quer dizer, ela entende muito bem que não dá para espalhar o tempo como se fosse manteiga ou geleia, e que a morte não vai ficar por perto esperando você terminar de fazer o que estiver fazendo para te liquidar. Essa é a piada, e ela ri porque sabe disso.

Mas, na verdade, não acho muito engraçada. Embora eu não saiba a idade exata da velha Jiko, tenho certeza de que em breve ela estará morta mesmo se não terminar de varrer a cozinha do templo ou arrancar as ervas daninhas da plantação de nabo ou arrumar as flores frescas no altar, e quando estiver morta, este será o seu fim, no que diz respeito ao tempo. Ela não se incomoda nem um pouco com isso, mas eu me incomodo bastante. Estes são os últimos dias da velha Jiko na Terra, e não há nada que se possa fazer quanto a isso, e não há nada que eu possa fazer para impedir que o tempo passe ou mesmo para desacelerá-lo, e cada segundo do dia é mais um segundo perdido. Ela provavelmente não concordaria comigo, mas é esse o meu ponto de vista.

Não ligo de imaginar o mundo sem mim porque não sou excepcional, mas detesto pensar no mundo sem a velha Jiko. Ela é totalmente única e especial, como a última tartaruga de Galápagos ou outro bicho antigo mancando pela terra seca, que é o único exemplar restante da espécie. Mas, por favor, nem me faça falar do assunto da extinção das espécies porque ele é muito deprimente, e eu teria de cometer suicídio neste exato segundo.

6.

Tudo bem, Nao. Por que você está fazendo isso? Tipo, qual é a razão?

Esse é o problema. A única razão que consigo achar para escrever a história de vida da Jiko neste livro é o fato de que eu a amo e quero me lembrar dela,

mas não pretendo ficar aqui por muito tempo, e não vou me lembrar das histórias dela se eu estiver morta, não é?

E fora eu, quem mais ligaria para isso? Quer dizer, se eu achasse que o mundo gostaria de saber da velha Jiko, publicaria suas histórias em um blog, mas na verdade parei de fazer isso um tempo atrás. Ficava triste quando me pegava fingindo que todo mundo ali no ciberespaço ligava para o que eu achava, quando na verdade ninguém dá a mínima.[30] E quando multipliquei essa sensação de tristeza por todas as milhões de pessoas em seus quartinhos solitários, escrevendo freneticamente e publicando suas páginas solitárias que ninguém tem tempo para ler porque estão todos muito ocupados escrevendo e publicando,[31] meio que fiquei de coração partido.

A verdade é que não tenho exatamente um círculo social hoje em dia, e as pessoas com quem eu saio não são do tipo que se interessam por uma monja budista de 104 anos, ainda que ela seja uma bosatsu capaz de usar e-mail e mensagens de texto, e só porque eu a obriguei a comprar um computador para que possa manter contato comigo quando eu estou em Tóquio e ela no templo antigo que está caindo aos pedaços, numa montanha no meio do nada. Ela não é louca por novas tecnologias, mas se sai muito bem para um ser-tempo com catarata e artrite nos dois dedões. A velha Jiko e Marcel Proust vêm de um mundo pré-conexões, que é um tempo totalmente perdido hoje em dia.

Então cá estou, no Fifi's Lonely Apron, encarando todas essas folhas em branco e me perguntando por que me dar ao trabalho, quando de repente uma ideia incrível me arrebata. Preparado? Aí vai:

Vou escrever tudo o que sei sobre a vida de Jiko no livro do Marcel, e quando eu terminar, vou deixá-lo em algum lugar, e você vai achá-lo!

Não é uma ideia legal? A impressão é de que estou esticando o braço para a frente, através do tempo, para tocar em você, e agora que o achou, você está estendendo o braço para me tocar!

Se você quer saber a minha opinião, isso é fantasticamente legal e belo. É como uma mensagem na garrafa, jogada no oceano do tempo e do espaço. Totalmente pessoal, e também real, saído do mundo pré-conexões da velha Jiko e do Marcel. E se você leu até aqui, é provável que entenda o que quero dizer. Você entende? Você já está se sentindo especial?

Vou esperar um minutinho para ver se você responde…

Estou brincando. Sei que você não pode responder, e agora me sinto uma idiota, porque e se você não se sentir especial? Estou fazendo uma suposição, não é? E se você simplesmente me achar uma imbecil e me jogar no lixo, que nem todas essas garotas novinhas sobre as quais eu falo para a velha Jiko, que são assassinadas por pervertidos e cortadas em pedaços e jogadas no lixo só porque cometeram o erro de sair com o cara errado? Seria muito triste e assustador.

Ou, lá vai mais uma ideia assustadora, e se você não estiver lendo isto? E se você nunca achar este livro porque alguém o atirou no lixo ou o reciclou antes que ele chegasse às suas mãos? Aí as histórias da velha Jiko realmente seriam perdidas para sempre, e eu estaria sentada aqui gastando o meu tempo conversando com o interior de uma caçamba.

Ei, me responde! Estou presa numa lixeira ou não?

Brincadeirinha. De novo. ☺

Ok, vou contar o que decidi. Não ligo para o risco, já que o risco torna a situação mais interessante. E acho que a velha Jiko também não vai ligar, porque, sendo budista, ela realmente entende a inconstância e que tudo muda e nada dura para sempre. A velha Jiko realmente não vai se importar se suas histórias de vida forem escritas ou perdidas, e talvez eu tenha puxado dela um pouco dessa atitude de laissez-faire. Quando chegar a hora, posso simplesmente abandonar tudo.

Ou não. Sei lá. Talvez ao terminar de escrever a última página, eu esteja constrangida ou envergonhada demais para largá-lo por aí, e eu acabe me acovardando e o destruindo.

Ei, se não estiver lendo isto, você saberá que sou uma covarde! Rá-rá.

E quanto à questão do fantasma do velho Marcel estar chateado, resolvi não me preocupar. Quando estava procurando seu nome no Google, acabei pesquisando sua classificação nas vendas da Amazon, e nem acreditei, mas todos os livros dele continuam à venda, e dependendo da edição de *À la recherche du temps perdu*, a posição dele é entre 13.695 e 79.324, o que não é nenhum sucesso de vendas, mas não é nada mal para um morto. Só para você saber. Não precisa ter pena do velho Marcel.

Não sei quanto tempo este projeto vai me tomar. Provavelmente meses. Tem muitas páginas em branco, e Jiko tem montes de histórias, e escrevo bem devagar, mas vou me esforçar muito, e talvez quando eu acabar de encher a última folha, a velha Jiko esteja morta, e também será a minha hora.

E sei que não é possível escrever cada detalhe da vida de Jiko, então, se quiser saber mais, você terá de ler os livros dela, se conseguir achá-los. Como eu já disse, as coisas dela estão esgotadas, e é possível que uma garota artesã já tenha cortado as páginas e jogado todas suas palavras de ouro na lixeira de recicláveis, ao lado das páginas de Proust. Seria muito triste, porque a velha Jiko nem aparece na classificação da Amazon. Eu sei porque olhei e ela nem está lá. Hmm. Vou ter de repensar essa ideia de arrancar as folhas. Talvez não seja tão legal assim, no final das contas.

10 *Genzaichi de hajimarubeki* – "Você devia começar por onde você está." *Genzaichi* é usado em mapas e significa "você está aqui".

11 Akihabara (秋葉原) – área famosa de Tóquio pelos eletrônicos; o coração da cultura mangá japonesa.

12 *otaku* (お宅) – também é um jeito formal de dizer "você". 宅 significa "casa", e com o honorífico お, significa literalmente "sua honrada casa", dando a entender que *você* é menos uma pessoa do que um lugar, fixo no espaço e encerrado sob um teto. Faz sentido que o estereótipo do otaku moderno seja um solitário trancafiado e obsessivo, isolado da sociedade, que raramente sai de casa.

13 A palavra vem de *omuraisu* (オム・ライス), que é uma omelete recheada com arroz pilaf, temperado com ketchup e manteiga

14 *ninki nanba wan!* – mais popular, número um em popularidade.

15 *Okaerinasaimase, dannasama* – Bem-vindo ao lar, meu senhor!

16 Também por ser honorífica, a palavra *otaku*, quando usada como pronome da segunda pessoa, cria uma espécie de distanciamento social entre o falante e o *você* a quem ele se dirige. Esse distanciamento é tradicionalmente respeitoso, mas também pode ser irônico e zombeteiro.

17 Não encontrei referências a cafés de temática médica ou a Bedtown. Será que ela está inventando?

18 *Zuibun nagaku ikasarete itadaite orimasu ne* – "Estou viva há muito tempo, não é?" Impossível traduzir, mas a nuance é algo parecido com: *Eu fui causada a viver pelas condições intensas do universo, pelas quais sou humilde e profundamente grata*. P. Arai chama isso de "tempo da gratidão" e diz que a beleza dessa estrutura gramatical é que "não existe dedo apontando uma fonte". Ela também diz: "É impossível sentir raiva durante o uso desse tempo."

19 *Sō desu ne*… – Hmm, sim, imagino que sim…

20 *juzu* (数珠) – um rosário budista.

21 *bosatsu* (菩薩) – bodhisattva, ser iluminado, santo budista.

22 Um tomo volumoso, compacto, quiçá um "crown octavo", que mede aproximadamente 13x19 cm.

23 Capa gasta, feita de tecido avermelhado. O título foi gravado em letras douradas baças na frente e

também na lombada.

24 Harajuku (原宿) – área de Tóquio famosa pela cultura jovem e a moda de rua.

25 *peipaakura* (ペーパー・クラ) – arte feita em papel, do inglês *paper* + *craft*.

26 *juku* (塾) – curso pré-vestibular.

27 *kissa* (喫茶) – cafeteria.

28 *Aru toki ya / Koto no ha mo chiri / Ochiba ka na*
aru toki ya – que o tempo, um dia, para o ser-tempo (有る時や). Mesmo kanji usado para Uji (有時).
koto no ha – lit., "folhas de falas" (言の葉). Mesmo kanji usado para kotoba (言葉), que significa "palavra".
ochiba – folhas caídas, com um trocadilho em *há* (葉), dando a entender que são palavras caídas.
ka na – partícula interrogativa que transmite um senso de admiração.

29 Folhas de ginkgo são usadas no chá para aguçar a memória. É comum plantar árvores de ginkgo no terreno dos templos budistas para ajudar os monges a decorar sutras.

30 "Eu sempre acho que ninguém dá a mínima", declarou Oliver. "É triste, isso? Não acho que seja ruim."

31 "Quando o escritor em cada indivíduo ganhar vida (e esse tempo não está muito longe), entraremos em uma época de surdez universal e falta de compreensão." – Milan Kundera, *O livro do riso e do esquecimento*, 1980.

Ruth

1.

O gato havia subido na escrivaninha de Ruth e se preparava para fazer uma incursão estratégica ao seu colo. Ela estava lendo o diário quando ele se aproximou pelo lado, botando as patas dianteiras nos joelhos dela e pressionando o focinho sob a lombada do livro, o empurrando para cima e o tirando do caminho. Depois disso, se acomodou no colo dela e começou a roçar, esfregando a cabeça na mão dela. Ele era muito irritante. Sempre em busca de atenção.

Ela fechou o diário e o colocou na escrivaninha enquanto acariciava a testa do gato, mas, mesmo depois de largar o livro, estava atenta a uma sensação estranha e duradoura de necessidade de… o quê? Ajudar a menina? Salvá-la? Ridículo.

Seu primeiro ímpeto ao começar a ler o diário foi fazê-lo rápido para chegar ao fim, mas a letra da menina muitas vezes era difícil de decifrar, e suas frases eram temperadas por gírias e coloquialismos intrigantes. Fazia anos que Ruth não vivia no Japão e, embora ainda tivesse um domínio razoável da linguagem oral, seu vocabulário estava ultrapassado. Na universidade, Ruth estudara os clássicos japoneses – *O romance de Genji*, *O teatro Noh*, *O livro do travesseiro* – literatura que datava de centenas ou até milhares de anos atrás, mas tinha apenas um vago conhecimento da cultura pop japonesa. Vez por outra, a menina fazia um esforço para se explicar, mas, como na maioria das vezes não se dava ao trabalho de fazê-lo, Ruth acabava entrando na internet para investigar e confirmar as referências da garota e, quando deu por si, já tinha desentocado o velho dicionário de kanji e estava traduzindo e comentando e rabiscando anotações sobre Akiba e cafés com garçonetes fantasiadas, otaku e hentai. E havia também a monja romancista zen-budista feminista anarquista.

Inclinou-se para a frente e pesquisou Jiko Yasutani na Amazon, mas, como Nao avisara, não achou nada. Procurou Nao Yasutani no Google e, mais uma vez, não achou nada. O gato, aborrecido com sua inquietude e desatenção,

abandonou o colo. Ele não gostava de quando ela ligava o computador e usava seus dedos para digitar e rolar a tela em vez de afagar-lhe a cabeça. Era um desperdício de duas mãos excelentes, na opinião dele, então foi procurar Oliver.

Ruth teve mais sorte com Dōgen, cuja obra-prima, *Shōbōgenzō*, ou *O tesouro do verdadeiro olho do dharma*, de fato constava na classificação da Amazon, apesar de não chegar nem perto da obra de Proust. Claro, ele vivera no início do século XIII, portanto era quase setecentos anos mais velho do que Proust. Quando procurou "ser-tempo", descobriu que a expressão fora usada como título do capítulo 11 na edição em inglês de *Shōbōgenzō*, e conseguiu achar várias traduções, acompanhadas de comentários on-line. O antigo mestre zen tinha uma noção nuançada e complexa do tempo, que ela achou poética, apesar de um tanto hermética. *O tempo em si é ser*, ele havia escrito, *e todo ser é tempo… Em essência, tudo o que há no universo inteiro está profundamente interligado como momentos no tempo, contínuos e separados*.

Ruth tirou os óculos e esfregou os olhos. Tomou um gole de chá, a cabeça tão cheia de perguntas que mal reparou que o chá já estava frio havia muito tempo. Quem era a tal de Nao Yasutani, e onde estaria agora? Embora a menina não tenha sido clara e nem dito que cometeria suicídio, sem dúvida era isso o que ela dava a entender. Estaria sentada na beirada de um colchão em algum lugar, manuseando um frasco de comprimidos e um copo de água? Ou será que aquele hentai a sensibilizara antes do ato? Ou quiçá tivesse decidido *não* se matar e terminou vitimada pelo terremoto e o tsunami, apesar de esta ideia não fazer muito sentido. O tsunami acontecera em Tohoku, no norte do Japão. Nao escrevia em um café em Tóquio. O que estava fazendo naquele café de garçonetes fantasiadas, para começo de conversa? Fifi's? Parecia nome de bordel.

Recostou-se na cadeira e observou pela janela o pedacinho de horizonte visível em meio às enormes árvores. *Um pinheiro é tempo,* Dōgen escrevera, *e bambu é tempo. Montanhas são tempo. Oceanos são tempo...* Nuvens escuras pairavam baixas no céu, formando uma linha quase indiscernível onde tocavam o brilho imóvel, insípido do mar. Cinza-escuro. Do outro lado do Pacífico jazia a costa devastada do Japão. Cidades inteiras haviam sido trituradas e arrastadas pelo mar. *Se o tempo é aniquilado, montanhas e oceanos são aniquilados.* Será que a menina estava no meio daquela água toda, o corpo decomposto a essa altura, redistribuído pelas ondas?

Ruth olhou para o volumoso livro vermelho, com seu título desdourado

estampado na capa. Estava no alto de uma pilha bagunçada de anotações e folhas manuscritas, eriçadas por papeizinhos e feridas por marcações espremidas, que representavam o livro de memórias no qual vinha trabalhando fazia quase uma década. *À la recherche du temps perdu*, realmente. Incapaz de terminar outro romance, resolveu escrever sobre os anos que passara tomando conta da mãe, que sofria de Alzheimer. Agora, olhando para a pilha de folhas, teve um acesso palpitante de pânico diante da noção de todo o tempo que ela havia perdido, da bagunça confusa que criara naquele rascunho e do trabalho que ainda teria de fazer para destrinchar aquilo tudo. O que estava fazendo, desperdiçando horas preciosas na história de outra pessoa?

Pegou o diário e, usando a lateral do dedão, começou a folhear rapidamente as páginas. Não estava lendo, na verdade tentava não ler. Só queria averiguar se a letra de mão continuava até o fim ou se ia se extinguindo no meio do livro. Quantos diários e cadernos de anotações ela mesma havia começado e abandonado? Quantos romances abortados definhavam nas pastas do disco rígido de seu computador? Mas, para sua surpresa, embora a cor da tinta vez por outra passasse do roxo ao cor-de-rosa e do preto ao azul e depois voltasse para o roxo, a letra em si nunca hesitava, se tornando menor e no mínimo mais densa, até a última folha, abarrotada de cima a baixo. As folhas haviam se esgotado antes que as palavras da menina se esgotassem.

E então?

Ruth fechou o livro com força e tomou a atitude extra de cerrar os olhos para se impedir de trapacear e ler a última frase, mas a questão permanecia, flutuando como uma queimadura da retina no breu de sua mente: *o que acontece no fim?*

2.

Muriel examinou a população de cracas na parte externa do saco plástico através dos óculos de leitura que estavam sempre pousados em seu nariz.

– Se eu fosse você, pediria à Callie para dar uma olhada. Talvez ela consiga descobrir a idade destas criaturas e, a partir dessa informação você pode calcular quanto tempo o saco passou na água.

– Oliver acha que é da primeira leva de destroços do tsunami – comentou Ruth.

Muriel franziu o cenho.

– Acho que é uma possibilidade. Mas me parece rápido demais. Tem coisas

mais leves começando a aparecer no Alasca e em Tofino, mas nós estamos entranhados num lugar bem afastado do mar. Onde foi que você disse que achou isto?

– Bem ao sul da praia, depois de Jap Ranch.

Ninguém mais na ilha chamava o lugar por esse nome, mas Muriel era uma veterana e entendia a referência. A antiga fazenda, um dos lugares mais lindos da ilha, havia sido de uma família japonesa, obrigada a vendê-la quando foi internada durante a guerra. A propriedade mudara de mãos várias vezes desde então, e agora os donos eram alemães idosos. Depois que Ruth ouviu o apelido, teve a teimosia de insistir em usá-lo. Já que era de origem japonesa, ela declarava, tinha esse direito, e era importante não deixar que a tentativa New Age de ser politicamente correto apagasse a história da ilha.

– Pega bem para você – disse Oliver. Sua família emigrara da Alemanha. – Não pega tão bem assim para mim. Não é nada justo.

– Exatamente – retrucou Ruth. – Não foi justo. A família da minha mãe também foi internada. Quem sabe eu não apresento uma reivindicação de terras em nome do meu povo? Aquele terreno foi roubado. Eu podia ir lá e me sentar na entrada da garagem e me negar a sair. Retomar a posse do terreno e expulsar os alemães.

– O que é que você tem contra o meu povo? – indagou Oliver.

O casamento deles era assim, uma aliança axial – o povo dela internado, o dele bombardeado em Stuttgart –, uma pequena coincidência fortuita da guerra combatida antes do nascimento dos dois.

– Somos subprodutos de meados do século XX – disse Oliver.

– Quem não é?

– Duvido que seja do tsunami – disse Muriel, pondo o saco plástico na mesa e voltando sua atenção para a lancheira da Hello Kitty. – É mais provável que seja de um cruzeiro que subiu a Passagem Interior, ou talvez de turistas japoneses.

Pesto, que vinha se enroscando nas pernas de Muriel, pulou no colo dela e fez uma investida contra a trança grossa de cabelos grisalhos, que caía em seus ombros como uma cobra. A ponta da trança era amarrada com um elástico de contas coloridas, que Pesto achou irresistível. Também gostou dos brincos pendurados.

– Gosto da narrativa com o tsunami – disse Ruth, fechando a cara para o gato.

Muriel jogou a trança para trás, fora do alcance do gato, e depois esfregou o tufo branco entre as orelhas do felino para distraí-lo. Perscrutou Ruth por cima dos óculos.

– Péssima ideia. Você não deveria deixar que suas preferências narrativas influenciassem o seu trabalho forense.

Muriel era uma antropóloga aposentada que estudava amontoados de refugos. Sabia muito sobre lixo. Também era uma ávida catadora de praia e foi quem achou o pé decepado. Orgulhava-se de seus achados: iscas e anzóis de osso de peixe, pontas de lanças e flechas de sílex e diversos instrumentos de tritura e corte feitos de pedra. Em sua maioria, eram artefatos das Primeiras Nações, mas também tinha uma coleção de flutuadores de pesca japoneses que haviam se desprendido das redes do outro lado do Pacífico e ido parar na costa da ilha. As boias de pesca eram do tamanho de bolas de praia grandes, globos escuros enchidos a sopro a partir de vidro grosso colorido. Eram lindas, como mundos evadidos.

– Sou romancista – justificou Ruth. – É inevitável. A única coisa que tenho são as minhas preferências narrativas.

– Tudo bem – concedeu Muriel. – Mas fatos são fatos, e determinar a procedência é importante. – Ela pegou o gato e o largou no chão, depois pôs os dedos nos fechos laterais da lancheira. Seus dedos eram adornados por anéis pesados de prata e turquesa, que pareciam incompatíveis com a Hello Kitty. – Posso?

– Fique à vontade.

Ao telefone, Muriel pedira para inspecionar o achado, então Ruth reacondicionou a caixa da melhor maneira possível. Agora sentia uma espécie de tensão no ar, mas não sabia de onde vinha. Algo a ver com a formalidade do pedido de Muriel. A seriedade em sua postura ao abrir a tampa. A forma como parou, num gesto quase cerimonioso, antes de tirar o relógio da caixa, virá-lo e levá-lo ao ouvido.

– Está quebrado – declarou Ruth.

Muriel pegou o diário. Examinou a lombada e depois a capa.

– É aqui que você vai achar as pistas – ela afirmou, abrindo o tomo mais ou menos na metade. – Você já começou a ler?

Ao observar Muriel manuseando o livro, Ruth sentiu seu incômodo crescer.

– Bom, já. Só as primeiras páginas. Não é muito interessante. – Ela tirou as cartas da lancheira e esticou o braço. – Elas me parecem mais promissoras. São mais antigas e talvez tenham mais relevância histórica, não acha? – Muriel

deixou de lado o diário e pegou as cartas da mão de Ruth. – Infelizmente, não consigo entender.

– A letra é linda – comentou Muriel, virando e revirando as folhas. – Você já mostrou a Ayako?

Ayako era a jovem esposa japonesa de um ostreicultor que morava na ilha.

– Já – disse Ruth, escondendo o diário debaixo da mesa e longe dos olhares. – Mas ela falou que entender a letra é complicado até para ela, e, além disso, o inglês dela não é muito bom. Mas ela conseguiu decifrar as datas. Disse que foram escritas em 1944 e 1945, e vou tentar encontrar alguém mais velho, que estava vivo durante a guerra.

– Boa sorte – disse Muriel. – A língua mudou tanto assim?

– Não a língua. As pessoas. Ayako falou que os jovens não conseguem mais ler ideogramas complexos ou escrever à mão. Já cresceram com computadores.

Sob a mesa, ela tocou nas pontas rasgadas do diário. Um dos cantos estava quebrado e o papelão coberto pelo tecido balançava como um dente solto. Será que Nao também tinha o hábito de balançar aquela ponta entre os dedos?

Muriel balançou a cabeça:

– Tem razão. É a mesma coisa em todos os lugares. As crianças têm letras horríveis hoje em dia. Nem ensinam mais caligrafia nas escolas. – Ela pôs as cartas ao lado do relógio e dos sacos plásticos em cima da mesa e olhou a coleção. Se percebeu a falta do diário, não a mencionou. – Bom, obrigada por ter me mostrado.

Ela se levantou, limpou os pelos de gato do colo e manquejou em direção à entrada. Havia ganhado uns quilos desde o implante da prótese no quadril e ainda tinha dificuldade de se levantar e se sentar. Estava usando um casaco de lã antigo com desenhos e uma saia comprida feita de um tecido rústico áspero que cobriu a parte de cima das galochas quando voltou a calçá-las. Deu passos duros dentro das botas e ergueu o rosto para olhar Ruth, que a levou até a porta para se despedir.

– Continuo dizendo que o achado deveria ter sido meu – declarou, vestindo uma parca impermeável por cima do suéter. – Mas talvez seja melhor ter sido você, já que pelo menos você sabe um pouco de japonês. Boa sorte. Vê se não vai se distrair demais…

Ruth se preparou.

– Por falar nisso, como vai o livro novo? – indagou Muriel.

3.

De noite, na cama, era comum Ruth ler para Oliver. Antes, quando havia tido um dia de escrita produtivo, ela lia em voz alta o que acabara de escrever, pois percebia que, caso adormecesse pensando na cena na qual estava trabalhando, muitas vezes despertava com a noção do que fazer em seguida. Já fazia bastante tempo, no entanto, que não tinha um dia desses ou dividia algo inédito.

Naquela noite, leu as primeiras entradas do diário de Nao. Quando chegou ao trecho sobre depravados e calcinhas e a cama de pele de zebra, teve uma sensação súbita de desconforto. Não era constrangimento. Ela nunca fora acanhada quanto a esse tipo de coisa. Na verdade, seu desconforto era mais pela menina. Sentia vontade de protegê-la. Mas não precisava ter se preocupado.

– A monja parece interessante – disse Oliver enquanto mexia no relógio quebrado.

– É – concordou, aliviada. – A Democracia Taishō foi uma época interessante para as mulheres japonesas.

– Você acha que ela ainda está viva?

– A monja? Duvido. Ela tinha 104...

– Estou falando da menina.

– Não sei – disse Ruth. – É loucura, mas estou meio preocupada com ela. Acho que vou ter que continuar lendo para descobrir.

4.

Você já está se sentindo especial?

A pergunta da menina permanecia no ar.

– É uma ideia interessante – disse Oliver, que continuava tentando consertar o relógio. – Você já?

– Eu já, o quê?

– Ela diz que está escrevendo para você. Então, você já está se sentindo especial?

– Que bobagem – retrucou Ruth.

E se você simplesmente me achar uma imbecil e me jogar no lixo?

– Por falar em lixo – disse Oliver –, tenho pensado muito no Grande Depósito de Lixo...

– Tem pensando em quê?

– O Grande Depósito de Lixo Oriental e o Grande Depósito de Lixo Ocidental. Montes gigantescos de lixo e entulho boiando nos mares? Você já deve ter ouvido falar disso...

– Já – ela respondeu. – Não. Quer dizer, mais ou menos. – Não tinha importância, já que estava claro que ele queria falar daquilo. Ela deixou o diário de lado, botando-o em cima das cobertas brancas. Tirou os óculos e colocou-os sobre o livro. Os óculos eram retrô, com armação preta e grossa que combinava com a capa surrada de tecido vermelho.

– Existem pelo menos oito nos oceanos do mundo – ele explicou. – Segundo o livro que estou lendo, dois deles, o Grande Depósito de Lixo Oriental e o Grande Depósito de Lixo Ocidental, ficam no Giro da Tartaruga e convergem na extremidade sul do Havaí. O Grande Depósito Oriental é do tamanho do Texas. O Grande Depósito Ocidental é maior ainda, tem metade do tamanho dos Estados Unidos continental.

– O que é que tem neles?

– Plástico, mais do que tudo. Como o seu saquinho plástico. Garrafas de refrigerante, isopor, caixas de quentinhas, lâminas de barbear descartáveis, lixo industrial. Tudo o que boia e a gente joga fora.

– Que horror. Por que você está me falando disso?

Ele balançou o relógio e o aproximou da orelha.

– Motivo nenhum. É só que isso existe, e tudo o que não afunda e não escapa do giro é puxado para o meio do lixão. É o que aconteceria com o seu saco plástico se ele não tivesse escapado. Seria puxado e boiaria, rodopiando devagarzinho. O plástico é transformado em partículas que os peixes e os zooplânctons comem. O diário e as cartas se desintegrando, sem serem lidos. Mas acabaram sendo lançados na praia, depois de Jap Ranch, onde você os acharia...

– O que você está querendo dizer? – indagou Ruth.

– Nada. Só estou dizendo que é incrível.

– Incrível do tipo “conjunção do universo”?

– Pode ser. – Ele ergueu os olhos com uma expressão de espanto. – Ei, olha! – exclamou, mostrando o relógio. – Funcionou!

O segundo ponteiro fazia seu caminho em torno dos números grandes e luminescentes do mostrador. Ela o pegou da mão dele e o colocou no pulso. Era um relógio masculino, mas cabia nela.

– O que foi que você fez?

– Sei lá – ele disse, encolhendo os ombros. – Acho que eu dei corda.

5.

Ela ficou escutando o tique-taque suave do relógio na escuridão e a respiração maquinal de Oliver. Esticou a mão até a mesa de cabeceira e tateou para achar o diário. Passando os dedos pela capa macia, notou o relevo desbotado das letras de dourado gasto. Ainda guardavam a forma de *À la recherche du temps perdu*, mas tinham evoluído – não, essa palavra insinuava um desenvolvimento gradual, e este era repentino, uma mutação ou fissura, folhas arrancadas da capa por uma artesã de Tóquio que transformara Proust numa coisa totalmente nova.

Na sua imaginação, via a tinta roxa traçando linhas sinuosas que formariam blocos uniformes de parágrafos coloridos. Era inevitável perceber e admirar o fluxo desinibido da linguagem da menina. Raramente sucumbia a hesitações. Raramente botava uma palavra em dúvida ou parava para repensá-la ou substituí-la por outra. Havia umas poucas linhas e frases riscadas, e isso também enchia Ruth de algo similar à estupefação. Fazia anos que não se aproximava de uma folha com tamanha segurança.

Estou esticando o braço através do tempo para tocar em você.

Mais uma vez, sentia o calor do diário em suas mãos, o que ela sabia que tinha menos a ver com qualquer característica assombrada do livro e tudo a ver com as alterações climáticas de seu próprio corpo. Estava se habituando às súbitas mudanças de temperatura. O volante do carro que ficava pegajoso e quente sob as mãos. O travesseiro em chamas, quando volta e meia acordava e descobria que ele estava no chão ao lado da cama, onde o jogara durante o sono junto com as cobertas, como se quisesse castigá-los por deixá-la com calor.

O relógio, por outro lado, estava frio contra o punho.

Estou esticando o braço para a frente, através do tempo, para tocar em você... você está estendendo o braço para me tocar.

Ela aproximou o diário do nariz outra vez e fungou, identificando, um por um, os odores: o bolor de livro antigo fazendo cócegas nas narinas, o toque acre de cola e papel, e depois outra coisa que imaginou ser Nao, amargo como grãos de café, doce e frutado como xampu. Inalou de novo, dessa vez bem profundamente, e em seguida pôs o livro – não, não o diário inocente de uma colegial – na mesa de cabeceira, ainda ponderando sobre a melhor forma de ler aquele texto improvável. Nao alegava ter escrito só para ela e, embora Ruth

soubesse que aquilo era um absurdo, resolveu levar a extravagância adiante. Como leitora da menina, era o mínimo que podia fazer.

O tique-taque regular do relógio antigo pareceu se tornar mais alto. Como buscar o tempo perdido, em todo caso? Enquanto pensava na questão, lhe ocorreu que talvez o ritmo fosse uma pista. Nao escrevera o diário em tempo real, vivendo seus dias, momento a momento. Talvez, se Ruth regulasse os passos, desacelerando e não lendo mais rápido do que a menina havia escrito, conseguisse reproduzir com mais rigor a experiência de Nao. Claro, as entradas não eram datadas, então não tinha como ter certeza da lentidão ou da rapidez com que poderiam ter sido escritas, mas havia pistas: os tons alternados das tintas, bem como as mudanças de densidade ou ângulo da letra, que pareciam indicar rupturas de tempo ou estados de espírito. Caso as estudasse, talvez fosse capaz de dividir o diário em períodos hipotéticos e até de atribuir números a eles, e assim continuar a leitura num ritmo adequado. Caso tivesse a impressão de que a menina estava inspirada, se permitiria ler mais e com mais rapidez, mas caso achasse que o ritmo da escrita estava diminuindo, também leria mais devagar, ou pararia totalmente. Dessa forma, não acabaria com uma percepção exageradamente condensada ou acelerada da vida da menina e de seu desenvolvimento, tampouco correria o risco de desperdiçar tempo demais. Poderia equilibrar a leitura do diário com todo o trabalho que ainda precisava dedicar ao próprio livro de memórias.

O plano lhe parecia bastante sensato. Satisfeita, Ruth procurou o livro na mesa de cabeceira e o colocou debaixo do travesseiro. A menina tinha razão, ela refletiu enquanto caía no sono. Era real e totalmente pessoal.

6.

Naquela noite ela sonhou com uma monja.

O sonho se passou na encosta de uma montanha, em algum lugar do Japão, onde a estridência dos insetos rompia o silêncio e as brisas noturnas nos ciprestes altos eram frescas e indóceis.

Em meio às árvores, a curva graciosa das telhas do templo resplandecia, fosca, ao luar e, embora estivesse escuro, Ruth via que o edifício estava caindo aos pedaços, próximo da ruína. A única luz dentro do templo vinha de um cômodo adjacente ao jardim, onde a velha monja se ajoelhava diante de uma mesa baixa, inclinada em direção a uma tela fulgurante de computador que parecia flutuar no breu, jogando seu quadrado de luz prateada na superfície

arcaica de seu rosto. O resto do corpo sumia na escuridão do cômodo, mas Ruth via que suas costas estavam curvadas como um ponto de interrogação porque se aproximava da tela, e que o hábito preto desbotado era velho e surrado. Um quadrado de retalho pendia de seu pescoço, como o babador que um bebê usaria para se proteger de derramamentos. Na parte externa, no jardim do templo, a lua brilhava através das portas corrediças que se abriam para a varanda. A curva da cabeça raspada da monja reluzia ligeiramente sob o luar, e quando virou o rosto, Ruth enxergou a luz do monitor refletida nas lentes dos óculos que usava, cuja armação preta era grossa e quadrada, não muito diferente da que Ruth usava. O rosto da monja tinha uma aparência estranhamente jovem sob aquele brilho pixelado. Digitava alguma coisa, cuidadosamente, com as pontas dos dedos artríticos.

À s v e z e s p a r a c i m a.…, ela digitou. Os punhos se dobravam como galhos quebrados e os dedos se torciam como gravetos arqueados, batucando cada letra no teclado.

À s v e z e s p a r a b a i x o.…

Era a resposta à pergunta de Nao sobre o elevador. Ela apertou ENTER e se apoiou nos calcanhares, fechando os olhos como se cochilasse. Uns minutos depois, um iconezinho na lateral da tela piscou e um sino digitalizado soou o alerta. Ela se ajoelhou, arrumou os óculos e se inclinou para ler. Em seguida, digitou a resposta:

Em cima, embaixo, mesma coisa. E também diferente.

Enviou o texto e voltou a se apoiar nos calcanhares para esperar. Quando o sino tocou, leu a mensagem recebida e assentiu. Pensou por um instante, passando a mão pela cabeça lisa, e depois digitou outra vez:

Quando o de cima olha para cima, em cima está embaixo.

Quando o de baixo olha para baixo, embaixo está em cima.

Não-um, não-dois. Não são iguais. Não são diferentes.

Agora você entendeu?

Levou um tempo para digitar tudo isso e, quando enfim apertou o ENTER para enviar a mensagem, parecia cansada. Tirou os óculos, deixando-os na beirada da mesinha, e esfregou os olhos com os dedos tortos. Voltando a pôr os óculos, desencurvou o corpo devagar e se levantou, sem pressa. Quando os pés já estavam firmes, arrastou-os pelo cômodo rumo às portas corrediças de papel e à varanda de madeira. As meias brancas resplandeciam no brilho escuro da madeira que muitos pés, muitas meias, haviam lustrado até reluzir ao luar. Ficou de pé na beirada e observou o jardim, onde rochas seculares projetavam

sombras compridas e o bambu farfalhava. O cheiro de grama molhada se misturava ao aroma do incenso queimado no início daquele dia. Respirou fundo, tornou a respirar e levantou os braços para os lados, espalhando as mangas pretas e largas do hábito como um corvo abrindo as asas e se preparando para voar. As mangas balançavam e se enchiam de ar e, justamente quando parecia que alçaria voo, ela pareceu mudar de ideia e preferiu esticar os braços e juntar os dedos atrás das costas, apertando-os contra o cóccix, tentando arquear a coluna. De queixo levantado, examinou a lua.

Para cima, para baixo.

A pele lisa da cabeça raspada refletiu a luz. A distância, de onde Ruth estava, pareciam duas luas conversando.

Nao

1.

Timing é tudo. Li em algum lugar que os homens que nascem entre abril e junho são mais propensos a cometer suicídio do que aqueles que nascem em outros meses. Meu pai nasceu em maio, então talvez isso sirva de explicação. Não que já tenha conseguido se matar. Não conseguiu. Mas continua tentando. É só uma questão de tempo.

Sei que eu disse que escreveria sobre a velha Jiko, mas meu pai e eu estamos brigando e por isso estou meio preocupada. Não é uma briga tão séria, mas não estamos nos falando, o que na verdade quer dizer que eu não estou falando com ele. É provável que ele ainda não tenha nem percebido porque anda bem desatento aos sentimentos dos outros e não quero chateá-lo dizendo: “Ei, pai, caso você ainda não tenha percebido, a gente está no meio de uma briga, ok?” Ele tem muito com o que se preocupar e não quero deixá-lo ainda mais deprimido.

O assunto sobre o qual não estamos brigando seriamente é o fato de que não estou indo à escola. O problema é que me ferrei nas provas de admissão do ensino médio, então não consegui entrar em nenhum lugar bom, portanto, minha única opção é frequentar alguma escola profissionalizante onde estudam garotos burros, o que não é opção. Não tenho nenhum grande interesse pelos estudos. Prefiro muito mais virar monja e ir morar com a velha Jiko no templo na montanha, mas minha mãe e meu pai dizem que primeiro tenho que terminar o segundo grau.

Portanto, neste momento, sou uma ronin, que é uma palavra antiga para guerreiros samurais que não tinham mestres. Na época feudal, guerreiros samurais precisavam ter um senhor ou mestre. O único propósito em ser samurai era servir ao mestre e, quando o mestre era assassinado ou cometia seppuku[32] ou perdia seus castelos numa guerra ou coisa do gênero, assunto encerrado. Puft! Sua *raison d’être* acabava, e ele tinha de se tornar ronin e andar sem rumo travando lutas de espada e se metendo em apuros. Esses ronin

eram caras apavorantes, do tipo que os mendigos que vivem debaixo de lonas no Parque Ueno seriam se ganhassem espadas bem afiadas.

Obviamente não sou uma guerreira samurai, e hoje em dia ronin significa apenas uma idiota que se ferra nas provas de admissão e tem que frequentar aulas extras no curso preparatório e estudar em casa enquanto tenta reunir algum entusiasmo e autoconfiança para fazer as provas de novo. Em geral, os ronin já terminaram o segundo grau e moram com os pais enquanto tentam entrar na faculdade. É bem raro ser uma ronin no ensino fundamental que nem eu, mas sou velha para a minha classe e, na verdade, agora que tenho 16, não preciso ir à escola se eu não quiser. É o que dita a lei, pelo menos.

Ronini 浪人 se escreve com o caractere da onda e o caractere da pessoa, que é exatamente como me sinto: uma pessoa na onda, boiando pelo mar tempestuoso da vida.

2.

Na verdade não é culpa minha eu ter me ferrado nas provas de admissão. Com o meu histórico escolar, não conseguiria entrar num bom colégio japonês nem com toda a preparação do mundo. Meu pai quer que eu me candidate a um colégio internacional. Quer que eu vá para o Canadá. Ele tem uma coisa pelo Canadá. Diz que é como os Estados Unidos, só que com saúde pública e sem armas, e que lá é possível atingir seu potencial sem se preocupar com o que a sociedade pensa ou com a possibilidade de adoecer ou levar um tiro. Disse a ele para não se preocupar, porque já não dou a mínima para o que a sociedade pensa e meu potencial é insuficiente para que eu gaste meu tempo pensando nele. Ele tem razão quanto à parte de adoecer e de levar um tiro, no entanto. Minha saúde é ótima e não ligo para a ideia de morrer, mas também não quero morrer com uma bala perdida disparada por um colegial bizarro de casaco com capuz que esteja viajando em Zoloft e tenha trocado o Xbox por uma semiautomática.

Antigamente, meu pai morria de amores pelos Estados Unidos. Não estou de brincadeira. Era como se os Estados Unidos fossem sua amante, e ele os amava tanto que juro que a mamãe sentia ciúme. Nós morávamos lá, numa cidade chamada Sunnyvale, que fica na Califórnia. Meu pai era craque em programação e foi descoberto por um *headhunter* quando eu tinha três anos e arrumou um emprego excelente no Vale do Silício, e nos mudamos para lá. Minha mãe não gostou muito, mas na época ela acatava tudo o que o papai

dizia, e quanto a mim, não tenho nenhuma lembrança do Japão de quando era bebê. No que me diz respeito, minha vida começou e terminou em Sunnyvale, o que faz de mim uma americana. Mamãe conta que no início eu não falava inglês, mas eles me enfiaram numa creche com uma moça legal chamada Sra. Delgado e eu me adaptei como um peixe à água. É assim que as crianças são. Foi mais complicado para a minha mãe. Ela nunca conseguiu entender inglês ou fazer amizades, mas para ela estava tudo bem porque papai ganhava uma grana preta e ela podia comprar roupas ótimas.

Portanto, estava tudo uma maravilha e nós simplesmente seguíamos a maré, exceto pelo fato de que vivíamos numa terra dos sonhos chamada de Bolha da Internet, e quando ela estourou, a empresa do papai faliu e ele foi despedido e nós perdemos os vistos e tivemos que voltar para o Japão, o que foi uma porcaria porque não só o papai não tinha emprego como também havia investido uma boa porcentagem de seu salário gordo em ações, então de repente ficamos também sem poupança nenhuma, e Tóquio não é uma cidade barata. Foi um golpe pesado. Papai andava pela casa de cara amarrada feito um amante rejeitado, mamãe estava amarga e tensa e íntegra, mas pelo menos se viam como japoneses e ainda falavam a língua fluentemente. Eu, por outro lado, estava totalmente fodida, porque me via como americana e, embora sempre falássemos japonês em casa, minha capacidade de conversar era limitada ao básico, coisas do cotidiano como “cadê minha mesada”, “passa a geleia” e “ah, por favor, por favor, por favor, não me obrigue a ir embora de Sunnyvale”.

No Japão, existem escolas particulares especiais para crianças kikokushijo[33] que nem eu, que ficam para trás nas matérias depois de passar uns anos em escolas americanas idiotas quando os pais são transferidos pelas empresas e aí precisam alcançar o nível das aulas japonesas quando os pais são mandados de volta. Só que o meu pai não foi transferido pela empresa e não tinha sido mandado de volta. Ele foi despedido. E a questão é que não estou atrasada nas matérias da escola – só frequentei escolas americanas, então nunca não estive atrasada. E meus pais não podiam arcar com uma escola particular sofisticada, então acabaram me enfiando numa escola pública e tive de repetir metade do oitavo ano porque entrei em setembro, que é o meio do ano escolar japonês.

É provável que já faça um tempo desde que você saiu do ensino fundamental, mas se você se lembra da pobre coitada da criança estrangeira que entrou na sua classe do oitavo ano no meio do ano, então talvez sinta alguma empatia por mim. Eu não tinha nenhuma noção de como me comportar numa sala de aula

japonesa, e meu japonês era uma porcaria, e na época eu tinha quase 15 anos e era mais velha que os outros alunos e, além disso, era grande para a idade, por ter ingerido muita comida americana. Também estávamos duros, então eu não tinha mesada nem coisas legais, portanto eu era basicamente torturada. No Japão, chamam isso de ijime,[34] mas essa palavra não chega nem perto de descrever o que as crianças faziam comigo. Eu provavelmente já estaria morta se a Jiko não tivesse me ensinado a desenvolver meu superpoder. Ijime é o motivo pelo qual não tenho a opção de ir para uma escola para idiotas, já que, na minha experiência, idiotas podem ser ainda mais cruéis do que as crianças inteligentes, já que não têm muito a perder. A escola simplesmente não é segura.

Mas o Canadá é seguro. Meu pai diz que essa é a diferença entre o Canadá e os Estados Unidos. O segundo é veloz e sexy e perigoso e estimulante, e lá é fácil se queimar, mas o Canadá é seguro, e meu pai quer muito que eu fique segura, o que faz com que soe como um pai típico, o que ele seria se tivesse emprego e não tentasse se matar o tempo todo. Às vezes me pergunto se ele quer que eu fique segura para que sinta menos culpa quando finalmente conseguir.

3.

A primeira vez que ele tentou foi mais ou menos um ano atrás. Fazia cerca de seis meses que tínhamos voltado de Sunnyvale e estávamos morando num apartamento minúsculo de dois quartos na zona oeste de Tóquio, que era a única coisa que podíamos pagar porque os aluguéis estavam exorbitantes e só conseguíamos morar nesse apartamento porque o proprietário supostamente era um amigo de faculdade do papai e nos facilitou com o dinheiro.

Era um apartamento nojento, e todas as vizinhas eram atendentes de bar que nunca separavam os recicláveis e comiam bentō[35] do 7-Eleven e voltavam para casa bêbadas, acompanhadas de homens, às cinco ou seis da manhã. Tomávamos café da manhã ouvindo-as fazerem sexo. No início, achávamos que eram gatos no beco, e às vezes eram gatos no beco, mas geralmente eram as atendentes, embora fosse difícil ter certeza, já que os barulhos eram muito parecidos. Assustador.

Não sei como escrever isso, mas era mais ou menos *ooo… ooo… ooooh…* ou *ouu… ouu… ouuuu…* ou *não… não… nãão…* como uma jovenzinha sendo torturada por um sádico que fosse meio maquinal e estivesse um pouco

enfadado, mas ainda não sentisse vontade de parar.

Minha mãe sempre fingia não escutar, mas dava para perceber – pela forma como a pele em torno de seus lábios ficava pálida e retesada e ela comia a torrada com mordidinhas cada vez menores até por fim largar a crosta comida pela metade e contemplá-la – que ela ouvia tudo. Claro que ouvia! Só surdo para não ouvir aquelas garotas idiotas, gemendo e urrando e gritando como gatinhos fervidos, com os ruídos de suas bundas nuas batendo contra as nossas paredes e se chocando contra o nosso teto. Às vezes umas bolotas de poeira e insetos mortos caíam do buraco da lâmpada fluorescente no meu leite e, tipo, era para eu ficar calada? Meu pai basicamente também ignorava tudo aquilo, menos quando havia um BAQUE! muito alto, então ele abaixava o jornal e me encarava e meio que revirava os olhos e tornava a levantar o jornal antes que mamãe reparasse e se zangasse por ele ter feito eu perder o controle e soltar leite pelo nariz.

Naquela época, papai saía todos os dias para tentar arrumar emprego, então ele e eu íamos embora do apartamento juntos de manhã. Saíamos cedo para pegar o caminho mais longo. Foi algo que nunca precisamos discutir ou planejar. Assim que terminávamos o café da manhã, botávamos a louça na pia e escovávamos os dentes, pegávamos nossas coisas e íamos para a porta. Acho que só queríamos fugir da minha mãe, que exalava um ar bastante tóxico naquela época de nossas vidas. Não que papai e eu tenhamos conversado sobre isso. Não conversamos, mas tampouco queríamos ficar por perto.

Havia sempre um instante, ao deixarmos a segurança do nosso prédio e pôr os pés na rua, em que meio que nos olhávamos, depois desviávamos o olhar. Tenho quase certeza de que sentíamos as mesmas coisas – culpa por deixar mamãe sozinha em casa e desamparo por sairmos num mundo para o qual não estávamos preparados – que pareciam totalmente irreais. Ambos parecíamos ridículos e sabíamos disso. Em Sunnyvale, papai era descolado. Pedalava até a empresa de jeans e tênis Adidas e carregava uma bolsa carteiro estilosa, e agora usava um terno feio de poliéster azul e mocassins sem cadarço e carregava uma pasta barata que fazia com que parecesse conservador e velho. E eu tinha que usar um uniforme escolar imbecil que era pequeno demais e, apesar de todas as minhas tentativas, não conseguia descobrir um jeito de deixá-lo bonitinho em mim. As outras meninas da minha classe do oitavo ano eram mignon e conseguiam ficar superfofas e sexies de uniforme, mas eu parecia uma gorducha nojenta, e era assim que me sentia. Portanto, quando saíamos do apartamento, o que ficava na minha memória era essa sensação maldita de

irrealidade, como se fôssemos atores ruins em figurinos horríveis numa peça cujo fracasso era garantido, mas tivéssemos de subir no palco mesmo assim.

O caminho mais longo nos levava a bairros antigos e ruas de comércio e por fim a um templo pequenininho no meio de um bando de horrorosos prédios empresariais de concreto. O templo era um lugar especial. Havia o aroma de musgo e incenso, e também os sons – dava mesmo para ouvir os insetos e pássaros e até uns sapos – e era quase possível sentir o crescimento das plantas e das outras coisas. Estávamos bem no centro de Tóquio, mas se aproximar do templo era pisar em um bolsão de ar úmido e ancestral, que, sabe-se lá como, foi preservado que nem uma bolha no gelo, com todos os barulhos e odores ainda presos ali dentro. Li que os cientistas no Ártico, ou na Antártida, ou em um lugar muito frio, conseguem furar bem fundo e pegar amostras de núcleo de gelo da atmosfera arcaica de centenas de milhares ou até mesmo milhões de anos atrás. E apesar de achar isso muito legal, fico triste quando penso nesses torrões de gelo derretendo e soltando suas bolhas antigas como suspiros minúsculos no nosso ar poluído do século XXI. Bobagem, eu sei, mas era essa a impressão que eu tinha do templo, como uma amostra de outra época, e eu adorava isso, e falei para o meu pai, e isso foi bem antes de eu sequer conhecer Jiko ou de passar o verão em seu templo na encosta da montanha ou qualquer coisa desse gênero. Nem sabia de sua existência.

– Você não se lembra de ter visitado quando era bebê?

– Não.

– Nós visitamos o templo dela antes da viagem para os Estados Unidos.

Percorremos a vereda que levava ao portão de madeira. Um gato dormia ao sol junto a uma lanterna de pedra. Subimos uns degraus desgastados até onde Shaka-sama, o Senhor Buda, estava sentado no altar escuro. Ficamos lado a lado, olhando para ele. Parecia estar em paz, de olhos semicerrados, como se cochilasse.

– Sua bisavó é monja. Sabia disso?

– Pai, eu já te falei. Eu nem sabia que tinha uma bisavó.

Juntei as palmas das mãos duas vezes e fiz uma reverência e um pedido, como papai havia me mostrado. Sempre desejava as mesmas coisas: que ele arrumasse emprego, que voltássemos para Sunnyvale e que, se nenhum desses desejos se concretizasse, ao menos o pessoal da escola parasse de me torturar. Na época eu não tinha interesse nenhum em bisavós que eram monjas. Tentava apenas sobreviver de um dia para o outro.

Após o templo, papai me acompanhava a pé até a escola e conversávamos de

coisas. Não me lembro exatamente de quê, e não interessava. O importante era que ele era gentil e não falava de tudo o que nos deixava tristes, que era a única forma que conhecíamos de amar um ao outro.

Quando chegávamos perto dos portões da escola, ele desacelerava o passo, e eu também, e ele olhava ao redor para ter certeza de que ninguém nos via, e então me dava um abraçozinho rápido e um beijo na testa. Era a coisa mais comum do mundo, mas parecia que estávamos fazendo algo ilegal, como se fôssemos amantes ou algo assim, porque no Japão os pais geralmente não abraçam e beijam os filhos. Não me pergunte o motivo. Simplesmente não agem assim. Mas nos beijávamos e abraçávamos porque éramos americanos, pelo menos de coração, e em seguida nos afastávamos rapidinho antes que alguém nos visse.

– Você está muito bonita, Nao – ele dizia, me olhando de cima.

E eu examinava meus sapatos e dizia:

– É, você também está muito bem, pai.

Nós dois estávamos mentindo, mas tudo bem, e andávamos o restante do caminho sem dizer nada, porque se abríssemos a boca depois dessas grandes mentiras, a verdade podia escapulir, então tínhamos de manter o bico fechado. Mas apesar de não sermos francos um com o outro, eu gostava que o meu pai caminhasse comigo até a escola todas as manhãs, porque assim as crianças só podiam começar a me zoar depois que ele acenava e dobrava a esquina.

Mas me esperavam. Eu sentia os olhares voltados para nós quando estávamos junto ao portão, e os pelos dos meus braços e da nuca começavam a se arrepiar, e meu coração começava a bater forte, e minhas axilas eram como rios transbordando. Queria me agarrar ao meu pai e suplicar que não fosse embora, mas eu sabia que não podia.

– Ja, ne – meu pai dizia, alegre. – Estuda bastante, ok?

E eu apenas fazia que sim porque sabia que se tentasse falar começaria a chorar.

4.

No instante em que ele virava as costas, eles começavam a se aproximar. Você já viu aqueles documentários sobre a natureza que mostram um bando de hienas selvagens se aproximando para matar um gnu ou um filhote de gazela? Eles vêm de todos os lados e isolam o animal mais patético de seu bando e o cercam, se aproximando aos poucos e formando um círculo bem fechado e, se

por acaso o papai se virasse para acenar, pareceria uma brincadeira bem-humorada, como se eu tivesse um monte de amigos divertidos se juntando à minha volta, entoando saudações num inglês tenebroso – Gudi moningu, cara Aluna Transferida Yasutani! Olá! Olá! – e papai ficaria contente em ver que eu era tão popular e que todo mundo se esforçava para ser legal comigo. E geralmente é uma hiena, nem sempre a maior, mas uma pequena e veloz e cruel, que avança primeiro, cortando a carne e tirando sangue, o sinal para que o resto do bando parta para o ataque, assim, no momento em que cruzávamos as portas da escola, geralmente eu já estava coberta de cortes novos e machucados dolorosos, e meu uniforme já estava todo desarrumado, com pequenos rasgos feitos pelas pontas afiadas das tesourinhas de unha que as meninas carregavam no estojo para aparar as pontas duplas. Hienas não matam a presa. Elas as mutilam e depois as comem vivas.

Basicamente, continuava assim o dia inteiro. Eles passavam ao lado da minha carteira e fingiam vomitar ou fungavam e diziam Iyada! Gaijin kusai![36] ou Bimbo kusai![37] De vez em quando treinavam o inglês comigo, repetindo coisas que aprendiam com letras de rap americano: *Yo, big fat-ass ho, puliiz show me some juicy coochie, ain't you a slutto, you even take it in the butto, come lick on my nutto, oh hell yeah*. Etc. Você entendeu. Minha estratégia era ignorá-los ou me fazer de morta ou fingir que eu não existia. Imaginava que, se fingisse com todas as minhas forças, talvez se tornasse verdade, e eu ou morreria ou sumiria. Ou talvez se tornasse uma verdade suficiente a ponto de meus colegas acreditarem nela e pararem de me atormentar, mas não pararam. Só pararam depois de me seguirem até o apartamento e de eu correr escada acima, entrar e trancar a porta, arfando e sangrando através de vários pontos debaixo dos braços e entre as pernas, onde os cortes não ficavam à mostra.

Mamãe quase nunca estava em casa na época. Estava na fase da água-viva e costumava passar o dia inteiro diante do tanque dos invertebrados no aquário da cidade, onde se sentava, agarrada à velha bolsa Gucci, e observava kurage[38] através do vidro. Sei disso porque ela me levou uma vez. Era a única coisa capaz de tranquilizá-la. Tinha lido em algum lugar que observar kurage era benéfico para a saúde porque reduzia o nível de estresse, mas o problema é que outras donas de casa também tinham lido a matéria, então sempre havia um ajuntamento em frente ao tanque, e o aquário arranjou cadeiras dobráveis, e era preciso chegar bem cedo a fim de conseguir um lugar bom, o que era muito estressante. Agora, pensando nisso, tenho quase certeza de que ela estava sofrendo uma crise nervosa na época, mas me lembro de como ficava pálida e

linda com seu perfil delicado contra o taque de água azul, e os olhos injetados seguindo os movimentos das águas-vivas cor-de-rosa e amarela que flutuavam como luas pulsantes em tom pastel, arrastando os longos tentáculos.

5.

Assim era a nossa vida logo após Sunnyvale, e pareceu ter durado uma eternidade, mas na verdade durou apenas alguns meses. E então, numa noite, papai chegou em casa e anunciou que havia sido contratado por uma empresa recém-criada que estava desenvolvendo uma linha de software empático de produtividade e que seria o chefe de programação e, embora seu salário correspondesse a uma fração mínima do que ganhava no Vale do Silício, pelo menos era um emprego. Era um milagre! Lembro que mamãe ficou tão feliz que caiu no choro, e papai ficou muito constrangido e irritado e nos levou para comer enguia grelhada doce com arroz, o prato de que mais gosto no mundo inteiro.

Depois disso, papai continuava saindo comigo de manhã e voltava tarde da noite e, apesar de ainda ser zoada na escola e de aparentemente continuarmos sem dinheiro, estava tudo bem porque recuperamos o otimismo quanto ao futuro da nossa família. Mamãe parou de ir ao aquário e passou a arrumar o nosso apartamento de dois quartos. Limpava o tatame e organizava as estantes de livros e chegou a confrontar as atendentes de bar, encurralando-as no corredor quando estavam a caminho das boates para reclamar aos berros da reciclagem e do barulho que faziam.

– Tenho uma filha adolescente! – eu a ouvi dizer. Isso me deixou constrangida – tipo, oi, já tenho quase 15 anos e sei o que é sexo –, mas também orgulhosa porque me considerava uma filha pela qual valia a pena lutar.

Aquele foi o primeiro Natal e Ano-Novo de que me lembro de ter passado no Japão, e minha mãe e meu pai tentaram acreditar que tudo estava bem e o desastre todo de nossas vidas era apenas uma grande aventura, e eu entrei na onda porque era só uma criança, e eu lá sabia de alguma coisa? Trocamos presentes de Natal, e mamãe fez osechi,[39] e fizemos um círculo em volta da televisão e comemos camarão cristalizado e peixinhos fritos e ova salgada e raízes de lótus em conserva de salmoura e feijão doce enquanto papai tomava saquê, e durante os comerciais ele nos contava histórias sobre a linha de software de produtividade que estava desenvolvendo e que os computadores

sentiriam empatia e preveriam nossas necessidades e emoções melhor do que outros seres humanos e que em breve seres humanos não precisariam uns dos outros da mesma forma. Dado o que acontecia na escola, achei isso tudo bastante promissor.

Nem imagino o que papai pensava. Não acredito que achasse que sairia ileso dessa. Talvez não achasse. Talvez nem sequer pensasse, ou talvez já estivesse maluco a ponto de acreditar nas próprias histórias. Ou talvez estivesse simplesmente cansado de se sentir um fracasso, e portanto tivesse inventado o emprego para se dar um tempo e nos deixar felizes, pelo menos por um tempinho. E deu certo. Por um tempinho. Mas pouco depois, ele e minha mãe passaram a discutir à noite, primeiro com calma, depois de forma cada vez mais intensa.

Era sempre por dinheiro. Mamãe queria que ele entregasse o salário semanal para que ela o administrasse. É assim que se faz no Japão. O marido dá o dinheiro todo à esposa, e ela lhe dá uma quantia para gastar em cerveja e pachinko ou no que bem entender, enquanto ela guarda o resto para que fique seguro. E mamãe tinha um bom motivo para querer agir ao estilo japonês. Quando foram para os Estados Unidos, papai insistiu em agir do jeito americano, em que o Homem da Casa toma todas as Grandes Decisões Financeiras, mas, no final das contas, com o negócio das ações, o jeito viril americano acabou em desastre. Mamãe não estava disposta a deixar que isso acontecesse outra vez, portanto insistia em que ele entregasse o salário, e ele insistia em dizer que havia depositado tudo em uma conta blá-blá-blá altamente rentável. De vez em quando, ele lhe dava um maço de notas de dez mil ienes, mas era só isso. E teriam continuado assim por mais tempo, só que papai relaxou e uns dias antes do meu aniversário de 15 anos, mamãe achou recibos da casa de apostas em corridas de cavalos no bolso dele e o confrontou, e, em vez de confessar que andava mentindo, ele saiu e se sentou no parque, se embebedou com o saquê vendido em máquinas e depois foi à estação de trem, comprou uma passagem para entrar na plataforma e pulou na frente do expresso de 12:37 que ia de Chuo a Shinjuku.

Para a sorte dele, o trem já tinha começado a desacelerar antes de se aproximar da estação e o condutor o vira hesitar na beirada da plataforma e pôde pisar no freio de segurança a tempo. Foi por um triz. Atropelou aquela pasta idiota que ele usava. A polícia da estação foi até lá e arrastou papai para fora dos trilhos e o prendeu por causar transtorno e atrapalhar a pontualidade das operações do sistema de transportes, mas já que não estava claro se ele

havia pulado ou se tinha tropeçado devido à embriaguez, em vez de botá-lo na cadeia, deixaram-no sob a custódia da mamãe.

Mamãe foi buscá-lo na delegacia, levou-o para casa de táxi e o enfiou na banheira, e quando ele saiu de lá, molhado e um pouco mais sóbrio, se declarou pronto para confessar tudo. Mamãe me mandou para o quarto, mas papai disse que eu já tinha idade para saber que tipo de homem ele era. Sentou-se diante de nós à mesa da cozinha, com os dedos brancos e entrelaçados com força, e admitiu que tinha inventado tudo. Em vez de ir trabalhar como chefe de programação, ele passava os dias num banco do Parque Ueno, analisando dados de corridas e alimentando os corvos. Tinha vendido os periféricos do computador antigo para conseguir dinheiro, que usava para apostar nos cavalos. Às vezes ele ganhava e guardava parte do dinheiro para apostar de novo, e o resto ele entregava à mamãe, mas ultimamente perdia mais do que ganhava, e por fim o dinheiro acabou. Não existia nenhuma conta blá-blá-blá altamente rentável. Não existia software empático de produtividade. Não existia nenhuma empresa recém-criada. Existia apenas a multa de cinco milhões de ienes que a companhia de trânsito o obrigara a pagar por ter causado um “incidente humano”, um jeito sutil de se referir à sua tentativa de usar um dos trens para se matar. Ele foi abaixando a cabeça até quase encostá-la na mesa da cozinha e pediu desculpas por não ter dinheiro para me dar presente de aniversário. Tenho certeza de que estava chorando.

O Incidente do Expresso de Chuo foi a primeira vez e ele estava embriagado, então quase dá para acreditar que tinha sido um acidente. No final das contas, foi o que mamãe resolveu fazer, e papai entrou na onda, embora seus olhos me dissessem que não era verdade.

6.

Minha velha Jiko diz que tudo acontece devido ao seu carma, que é uma espécie de energia sutil que você gera através das coisas que faz ou diz ou até mesmo pensa, o que significa que você tem que se vigiar e não ter muitos pensamentos devassos, senão eles voltam para te pegar. E não é só nesta vida, não, mas em todas as vidas que você teve no passado e que vai ter no futuro. Portanto, talvez seja apenas o carma do meu pai acabar em um banco de parque alimentando corvos nesta vida, e na verdade não seja possível culpá-lo por causar um incidente humano e querer passar logo para a próxima vida. Em todo caso, Jiko diz que contanto que não pare de tentar ser uma boa pessoa e se

esforce para mudar, um dia todas as coisas boas que você fez cancelam todas as coisas ruins que você fez, e o torna uma pessoa evoluída e o faz entrar no elevador e nunca mais voltar – a não ser, como eu já disse, que você seja como a Jiko e faça o voto de só entrar no elevador depois que todo mundo o fizer. Essa é a coisa incrível da minha bisa. Você sempre pode contar com ela. Ela pode até ter 104 anos e falar uns troços esquisitos, mas minha velha Jiko é totalmente confiável.

32 *seppuku* (切腹) – ritual suicida de retirada das vísceras; literalmente “estômago” + “corte”. Os mesmos kanjis são usados em *harakiri* (腹切り).

33 *kikokushijo* (帰国子女) – crianças repatriadas.

34 *ijime* (いじめ) – bullying.

35 *bentō* (弁当) – quentinha de almoço.

36 *Iyada! Gaijin kusai* – Que nojo! Ela fede que nem uma estrangeira!

37 *Bimbo kusai* – Ela fede que nem uma pobretona!

38 *kurage* (水母) – água-viva; literalmente “água” + “mãe”.

39 *osechi ryōri* (おせち料理) – jantar frio de Ano-Novo, preparado com antecedência e servido em uma caixa dividida em várias camadas.

Ruth

1.

– Interessante, isso dos corvos – disse Oliver com hesitação.

Ruth fechou o diário e olhou para o marido. Estava deitado de costas na cama, a cabeça em cima do travesseiro, fitando os dedos dos pés. Ela examinou seu perfil harmonioso, bem delineado, e se admirou. Depois de tudo o que havia acabado de ler – sobre a vida de Nao, o pai da menina, a situação dela na escola –, sua mente aterrissava nos corvos! Havia tantos outros aspectos mais prementes que ela preferiria discutir, e estava prestes a dizer isso, mas uma leve hesitação nas palavras dele a levou a se refrear: ele tinha consciência de que suas reações eram frequentemente irregulares, e ela sabia que isso o preocupava. Não era uma tentativa de irritá-la, muito pelo contrário. Ela respirou fundo.

– Corvos – ela repetiu. – É. O que é que têm eles?

– Bom – ele disse, em tom de alívio –, é engraçado que você tenha feito menção a eles, porque andei lendo um pouco sobre corvos japoneses. A espécie nativa é o *Corvus japonensis*, que é uma subespécie de *Corvus macrorhynchos*, o corvo-de-bico-grosso ou corvo da selva. É bem diferente do corvo americano...

– Estamos no Canadá – ela retrucou, interrompendo-o embora sua cabeça estivesse em outro lugar. – A gente devia ter corvos canadenses. – Ela estava imaginando o pai de Nao sentado no banco. Ele acordava todos os dias, vestia o terno azul barato, tomava café da manhã, acompanhava a filha até a escola. Talvez pegasse um exemplar do jornal dos recicláveis a caminho do parque, para ler no banco.

– Pois é – disse Oliver. – Como eu estava falando, o corvo nativo dessas regiões é o *Corvus caurinus*, o corvo do noroeste. Quase idêntico ao corvo americano, só que menor.

– Era de se imaginar – ela comentou. Será que ele tinha um banco especial, de que gostava mais do que os outros? Ele se sentava e lia o jornal e analisava

os dados das corridas. À tarde, talvez desse as migalhas de seu sanduíche ou grãos de seu bolo de arroz aos corvos antes de tirar um cochilo, estirado em seu banco com o rosto tampado pelo jornal. Será que realmente achava que escaparia ileso?

Oliver havia se calado.

– Eu nem sabia que a gente tinha corvo – ela declarou logo, para mostrar que continuava escutando. – Achava que a gente só tinha gralhas.

– A gente tem – ele explicou. – A gente tem corvo e gralha. Mesmo gênero. Aves diferentes. E essa é a esquisitice. – Ele se sentou na cama e esperou que ela lhe desse atenção total antes de continuar: – Aquele dia, quando você voltou com o saco plástico? Eu estava no jardim e ouvi a conversa das gralhas. Estavam na copa de um pinheiro, fazendo um estardalhaço, batendo as asas, cheias de ânimo. Olhei para cima e percebi que estavam perturbando um pássaro menor. O pássaro tentava se aproximar, mas elas não paravam de azucriná-lo, aí ele acabou voando até a cerca, foi para perto de onde eu estava trabalhando. Parecia um corvo, mas era maior que o *Corvus caurinus*, com uma saliência na testa e bico grosso e curvo.

– Então não era um corvo?

– Não, era sim. Acho que era um corvo da selva. Ele ficou um bom tempo ali, me analisando, então eu também pude analisá-lo bem. Seria capaz de jurar que era um *Corvus japonensis*. Mas o que é que ele estaria fazendo aqui?

A esta altura ele estava inclinado para frente, os olhos azuis claros concentrados nas cobertas, como se tentasse encontrar nos lençóis a resposta para o enigma desse deslocamento geográfico.

– A única ideia que me ocorre é de que ele veio de carona nos destroços de um naufrágio. De que ele faz parte da correnteza.

– Isso é possível?

Ele passou as mãos pela coberta, alisando as montanhas e vales.

– Tudo é possível. As pessoas chegaram aqui em toras vazadas. Por que não os corvos? Eles podem pegar carona nos destroços e ainda têm a vantagem de poder voar. Não seria impossível. Só é uma anomalia.

2.

Ele era uma anomalia, uma mutação, um desvio da média. “Frita o peixe numa panela diferente” era como as pessoas da ilha às vezes o descreviam. Porém, Ruth sempre ficava fascinada com as correntes sinuosas de sua mente, e apesar

de se impacientar com frequência, tentando seguir o fluxo dele, acabava ficando contente por fazê-lo. As observações de Oliver, como as que diziam respeito ao corvo, em geral eram as mais interessantes.

Tinham se conhecido na década de 1990, numa colônia de artistas nas montanhas rochosas do Canadá, na qual ele conduzia uma residência temática chamada Fim da Nação-Estado. Ela havia sido convidada à colônia para fazer a pós-produção de um filme que preparava na época, e ele era um grande entusiasta do cinema japonês de meados do século, então logo ficaram amigos. Ele ia visitá-la na sala de edição com um pacote de seis latas de cerveja, e eles bebiam, e ele falava de montagem, conglomerações, fronteiras e tempo enquanto ela juntava com muito cuidado os quadros de seu filme. Ele era um artista ambientalista, fazia instalações públicas (intervenções botânicas em áreas urbanas, como ele as chamava) à margem do mercado de arte, e ela foi atraída pelo anarquismo desenfreado e fértil de suas ideias. Na escuridão bruxuleante da sala de edição, ela escutava o que ele dizia, e em pouco tempo se mudou para o quarto dele no dormitório.

Depois que a residência terminou, se separaram e seguiram rumos opostos: ela, de volta à cidade de Nova York, ele, à fazenda na ilha da Colúmbia Britânica, onde lecionava permacultura. Se tivessem se conhecido apenas um ano antes, o caso acabaria por ali, mas aquela era a época do início da internet, e ambos tinham contas de e-mail pela rede discada, o que lhes permitia manter acesa a urgência da amizade. Ele compartilhava uma linha de telefone com três outras casas da ilha, mas esperava a madrugada, quando ninguém mais usava o telefone, para enviar despachos diários com o assunto *missivas das margens musguentas*. No verão, enquanto mariposas grandes batiam as asas empoadas contra a tela de sua janela, ele lhe escrevia sobre a ilha, descrevendo os arbustos repletos de frutinhas silvestres, contando onde encontrar as ostras mais suculentas e relatando como a bioluminescência iluminava as ondas e enchia o mar de contornos planctônicos cintilantes que espelhavam as estrelas do céu. Traduzia o ecossistema vasto e selvagem da Bacia do Pacífico em poesia e pixels, transmitindo-os até o pequeno monitor dela em Manhattan, onde ela esperava, se aproximando da tela, lendo avidamente cada palavra com o coração na boca, porque a essa altura já estava profundamente apaixonada.

Naquele inverno, tentaram morar juntos em Nova York, mas, quando a primavera chegou, ela já tinha cedido aos impulsos e marés de sua mente, permitindo que suas correntes a levassem de volta para o outro lado do continente e a atirassem na costa longínqua de sua ilha verdejante, cercada

pelos fiordes e cumes nevados de Desolation Sound – os impulsos de sua mente e da assistência médica canadense, pois ele era assolado por uma doença misteriosa que parecia gripe, e estavam sem dinheiro e precisavam de um seguro de saúde acessível.

E, se fosse totalmente sincera, teria de reconhecer o papel que tivera no percurso dos dois. Queria o que fosse melhor para ele, queria que ele ficasse feliz e seguro, mas também procurava um refúgio para ela e para a mãe. Na época, a mãe sofria de mal de Alzheimer. Recebera o diagnóstico poucos meses antes da morte do pai de Ruth, e em seu leito de morte, Ruth lhe prometera cuidar da mãe depois que ele partisse, mas então o primeiro romance dela foi publicado e ela embarcou numa turnê de lançamento que a levou a viajar o mundo duas vezes. Cuidar da mãe demente em Connecticut e do marido acometido por uma doença crônica no Canadá era claramente inviável. A única alternativa era unir os membros restantes da família e levar a mãe para morar na ilha.

Parecia um bom plano, então, quando o dia da mudança chegou, Ruth ficou contente por trocar o minúsculo apartamento de um quarto no sul de Manhattan a que chamava de lar pelos oito hectares de floresta tropical e as duas casas em Whaletown. “Só estou trocando uma ilha por outra”, ela disse aos amigos de Nova York. “Não deve ser muito diferente, não é?”

3.

Era, ela descobriu, muito diferente. Whaletown não era uma cidade propriamente dita, mas uma “localidade”, definida pela província da Colúmbia Britânica como “uma região ou área nomeada, geralmente com uma população dispersa de 50 ou menos”. Mesmo assim, era o centro com a segunda maior população da ilha.

Outrora fora uma estação de pesca de baleias, e daí se originara seu nome, embora agora fosse raro ver baleias nas águas das redondezas. A maioria fora caçada em 1869, quando um escocês chamado James Dawson e o sócio americano, Abel Douglass, fundaram a estação de Whaletown e começaram a matar baleias com uma arma nova e muito eficiente chamada bombilança. A bombilança era um rifle pesado que apoiavam no ombro e disparava um arpão especial equipado com uma dinamite e um detonador que explodia dentro da baleia segundos após furar sua pele. Em meados de setembro daquele ano, Dawson e Douglass já tinham despachado mais de 450 barris de óleo, com 75

mil litros, para o sul dos Estados Unidos.

A principal fonte de óleo na época era gordura de baleia, e a única forma de obtê-la era minando-a do corpo de baleias vivas. Quando a tecnologia para a extração de querosene e petróleo inativo desde a pré-história passou a ser comercializada, no final do século, a espécie cetácea teve chance de lutar pela sobrevivência. É possível dizer que os combustíveis fósseis surgiram a tempo de salvar as baleias, mas não a tempo de salvar as baleias de Whaletown. Em junho de 1870, um ano depois de estabelecida a estação, as últimas baleias da região já tinham sido abatidas ou haviam fugido, e Dawson e Douglass fecharam as portas e também foram embora.

Baleias são seres-tempo. Em maio de 2007, uma baleia-da-groenlândia de cinquenta toneladas, morta por baleeiros esquimós na costa do Alasca, foi encontrada com o projétil de nove centímetros em formato de flecha disparado por uma bombilança entranhado na gordura de seu pescoço. Pela época do fragmento, pesquisadores conseguiram estimar a idade da baleia: entre 115 e 130 anos. Animais que sobrevivem e vivem tanto tempo supostamente têm memória boa. As águas que circundavam Whaletown outrora eram traiçoeiras para as baleias, mas as que conseguiram escapar aprenderam a manter distância. Dá para imaginá-las estridulando e arrulhando entre si com suas belas vozes subaquáticas.

Passem longe! Passem longe!

Vez por outra, as pessoas avistam baleias quando usam barcaça que serve à ilha. O capitão desliga o motor e pega o alto-falante para anunciar que um bando de orcas ou uma jubarte foi visto a bombordo, e todos os passageiros vão para esse lado do convés para esquadrinhar as ondas em busca de um vislumbre de uma barbatana ou uma cauda ou costas pretas luzidias emergindo da água. Os turistas levantam as câmeras e celulares na esperança de captar um salto ou uma aparição, e até os moradores locais se empolgam. Mas, de modo geral, as baleias ainda passam longe de Whaletown, deixando para trás apenas o nome.

4.

Um nome, ponderou Ruth, pode ser um fantasma ou um presságio, dependendo de que lado do tempo você está. O nome Whaletown virou um mero espectro do passado, um vislumbre crepuscular do Pacífico, mas o nome Desolation Sound ainda pairava no espaço limiar e lhe parecia ao mesmo tempo oracular e

assombrado.

Seu próprio nome, Ruth, muitas vezes funcionava como prenúncio, projetando uma sombra complexa sobre sua vida futura. A palavra “ruth” é derivada de “rue”, do inglês medieval, que significa remorso ou arrependimento. A mãe de Ruth, que era japonesa, não estava pensando em etimologia inglesa ao escolher o nome, tampouco quis agourar a filha – Ruth era simplesmente o nome de uma velha amiga da família. Mas ainda assim, era comum Ruth se sentir oprimida pelo sentido de seu nome, e não só em inglês. Em japonês, o nome era igualmente problemático. Japoneses não conseguem pronunciar “r” e “th”. Em japonês, Ruth é pronunciado como “rutsu”, que significa “raízes”, ou “rusu”, que significa “não estar em casa” ou “ausente”.

A casa que compraram em Whaletown fora construída em uma clareira que parecia um prado arrancado do meio da densa floresta tropical temperada. Havia um chalé menor junto à entrada da garagem, onde viveria a mãe. Estavam cercados de enormes abetos de Douglas, cedros vermelhos e bordos de folhas largas por todos os lados, apequenando tudo o que era humano. Da primeira vez que Ruth viu essas árvores gigantescas, ela chorou. Agigantavam-se ao seu redor, seres-tempo arcaicos, se elevando cinquenta ou sessenta metros acima de sua cabeça. Com 1,67 metro, nunca na vida havia se sentido tão insignificante.

– Nós não somos nada – ela declarou, enxugando os olhos. – Nós mal estamos aqui.

– Pois é – disse Oliver. – Não é uma maravilha? E elas podem viver uns mil anos.

Ela se amparou nele, inclinando a cabeça para trás para ver as copas das árvores furando o céu.

– A altura é inacreditável – comentou.

– Não é inacreditável – disse Oliver, segurando-a para que não caísse. – É só uma questão de ponto de vista. Se você fosse a árvore, eu não alcançaria nem o osso do seu calcanhar.

Oliver estava extasiado. Adorava árvores e não via serventia nenhuma em hortas organizadas ou plantas sazonais de raízes superficiais como alface. Assim que se mudaram, continuava muito doente, propenso a tonturas e a se cansar rapidamente, mas deu início a um regime diário de caminhadas e pouco depois já corria pelas trilhas, e aos olhos de Ruth a floresta o curava, como se ele absorvesse sua força vital inexorável. Enquanto ele corria pela densa

vegetação rasteira, lia os sinais de intrigas arbóreas, o drama e as batalhas pelo poder à medida que as espécies disputavam o controle de um espaço sob o sol, ou abetos gigantes e esporos fúngicos que preferiam trabalhar juntos em benefício mútuo. Ele percebia o tempo se desenrolando ali e a história, entranhada nos verticilos e contornos fractais da natureza, e voltava para casa, suado e ofegante, e lhe contava o que tinha visto.

A casa era feita do cedro da floresta. Era uma construção extravagante de dois andares erigida por hippies na década de 1970, com telhado de lascas de madeira, beirais avançados e uma varanda larga com vista para o prado e rodeada pelas árvores enormes. O corretor tinha listado a casa como se tivesse vista para o mar, mas a água só era vislumbrada de uma janela do escritório de Ruth, de onde via um pedacinho do mar e do céu através da fenda em forma de U nas copas das árvores, que parecia um túnel invertido. O corretor frisara que podiam derrubar as árvores que bloqueavam a vista, mas nunca o fizeram. Na verdade, eles plantaram mais.

Numa tentativa vã de domesticar a paisagem, Ruth plantou rosas trepadeiras europeias em volta da casa. Oliver plantou bambu. As duas espécies cresceram rápido, virando um emaranhado denso, até que em pouco tempo tornaram quase impossível de achar a entrada da casa se a pessoa já não soubesse onde ficava. A casa parecia correr o risco de desaparecer, mas àquela altura o prado também começava a encolher, pois a floresta o invadia como uma onda conífera vagarosa, ameaçando engoli-los por completo.

Oliver não se preocupava. Preferia pensar a longo prazo. Prevendo as consequências que o aquecimento global teria sobre as árvores nativas, ele se esforçava para criar uma floresta de mudança climática de quarenta hectares bem definidos, pertencente a um amigo botânico. Plantava bosques de nativas antigas – metassequoia, sequoia-gigante, sequoia vermelha, *Juglans*, *Ulmus* e ginkgo –, espécies que eram naturais daquela região durante o Máximo Térmico do Eoceno, uns 55 milhões de anos atrás.

– Imagina – ele disse. – Palmeiras e jacarés vicejando outra vez no norte, chegando até o Alasca!

Essa era sua obra de arte mais recente, uma intervenção botânica a qual chamava de Neoeoceno. Ele a descrevia como uma colaboração com o tempo e o espaço, cujo resultado nem ele nem nenhum de seus contemporâneos viveriam para testemunhar, mas não via problema em não saber. A paciência era parte de sua natureza, e ele aceitava seu destino de mamífero efêmero, correndo para dentro e para fora em meio às raízes dos gigantes.

Porém, Ruth não era paciente nem tolerante, e gostava muito de saber. Depois de uns anos breves (quinze, para ser exata – breves pelas contas dele, intermináveis pelas contas dela) rodeada por toda aquela exuberância vegetativa, se sentia cada vez mais insegura de si. Sentia falta do ambiente desenvolvido da cidade de Nova York. Somente em uma paisagem urbana, em meio à arquitetura e às linhas retas, conseguia se situar na história e tempo humanos. Como romancista, precisava disso. Sentia falta de gente. Sentia falta das intrigas, dramas e batalhas por poder dos seres humanos. Precisava da própria espécie, não para conversar necessariamente, mas só para se misturar, no papel de uma observadora na multidão ou de testemunha anônima.

Mas ali, na ilha pouco populosa, a cultura humana mal existia, e somente como um leve verniz. Engolfada pelas rosas espinhosas e o bambu amontoado, olhava pela janela e tinha a impressão de que havia entrado em um conto de fadas malévolo. Fora enfeitiçada. Havia espetado o dedo e caído num sono profundo, similar ao coma. Os anos passaram e a juventude só se esvaía. Tinha cumprido a promessa feita ao pai e cuidado da mãe. Agora que a mãe estava morta, Ruth sentia que sua própria vida passava por ela. Talvez fosse hora de abandonar aquele lugar que esperara tornar seu lar para sempre. Talvez fosse hora de quebrar o feitiço.

5.

Deixar a vida familiar é um eufemismo budista para sair do mundo secular e entrar no caminho monástico, o que era exatamente o oposto do que Ruth pretendia ao ponderar a volta à cidade. O mestre zen Dōgen usa a frase “O mérito de deixar a vida familiar”, que é o título do capítulo 86 de *Shōbōgenzō*. Esse é o capítulo em que elogia seus jovens monges pelo compromisso com o caminho da iluminação e explica a natureza granular do tempo: os 6.400.099.980 momentos[40] que constituem um único dia. Seu argumento é que cada um desses momentos nos oferece a oportunidade de restaurar nossa determinação. Até um estalar dos dedos, ele diz, nos dá 65 oportunidades de despertar e escolher ações que gerem carma benéfico e mudem nossas vidas.

“O mérito de deixar a vida familiar” foi um discurso proferido aos monges de Eiheiji, o mosteiro que Dōgen fundou no meio das montanhas da província de Fukui, bem distante da decadência e corrupção da cidade. No *Shōbōgenzō*, o texto da preleção é seguido pela data de sua declamação: *Um dia de retiro de verão no sétimo ano de Kenchō*.

Está tudo muito bem, menos o fato de que o sétimo ano de Kenchō corresponde a 1255 no calendário gregoriano, e durante o retiro de verão daquele ano, o mestre zen Dōgen, que supostamente proferia seu discurso sobre o mérito de deixar a vida familiar, já estava morto. Havia falecido em 1253, dois anos e muitos momentos antes.

Existem várias explicações para essa discrepância. A mais plausível é a de que Dōgen haveria esboçado o discurso alguns anos antes de morrer e, tencionando revisá-lo, deixara anotações e comentários para este fim, e mais tarde eles foram incorporados à versão final e recitados aos monges pelo herdeiro do dharma, o mestre Koun Ejō.

Há outra possibilidade, no entanto, que é a de que naquele dia de verão do sétimo ano de Kenchō o mestre zen Dōgen não estivesse totalmente morto. Claro que tampouco estaria totalmente vivo. Como o gato de Schrödinger, no experimento do pensamento quântico, ele estaria ao mesmo tempo vivo e morto.[41]

A grande questão de vida e morte é o tema verdadeiro de "O mérito de deixar a vida familiar". Quando Dōgen exorta seus jovens monges da floresta a continuarem, momento a momento, a se agarrarem à determinação e se manterem firmes no compromisso com a iluminação, ele quer dizer simplesmente o seguinte: *A vida é fugaz! Não desperdicem nem um momento de suas vidas preciosas!*

Despertem agora!

E agora!

E agora!

6.

Ruth cochilou na cadeira de seu escritório no segundo andar. A torre abundante de papéis que representava os últimos dez anos de sua vida jazia com perfeição em cima da escrivaninha à sua frente. Letra a letra, folha a folha, havia construído o edifício, mas, agora, sempre que contemplava as memórias, sua mente se contraía e ela sentia uma sonolência inexplicável. Já fazia meses, talvez até já fizesse um ano, que não acrescentava nada a ele. Palavras novas se recusavam a surgir e mal se lembrava das velhas que escrevera. E tinha medo de olhar. Sabia que precisava reler o rascunho inteiro para consolidar a estrutura e depois começar a editar e preencher as lacunas, mas era coisa demais para seu cérebro nebuloso processar. O mundo dentro das páginas era

turvo como um sonho.

Lá fora, Oliver cortava lenha e ela conseguia escutar o baque ritmado do machado rachando a madeira. O exercício lhe fazia bem. Fazia horas que ele estava lá fora.

Ela reuniu toda a sua coragem e endireitou a coluna, resoluta, na cadeira. O diário grosso e vermelho estava em cima das memórias, e ela o pegou para movê-lo para o lado. O livro parecia uma caixa em suas mãos. Ela o virou ao contrário. Quando pequena, sempre se surpreendia ao pegar um livro de manhã, abri-lo e encontrar as letras bem alinhadas em seus lugares. Por alguma razão, esperava que se misturassem, depois de caírem para os pés das folhas quando a capa se fechava. Nao descrevera algo similar ao ver as páginas em branco de Proust e se perguntar se as letras teriam caído como formigas mortas. Quando Ruth leu isso, sentiu um choque de afinidade.

Ela pôs o diário na beirada mais distante da escrivaninha, fora do caminho, e em seguida olhou com raiva para o manuscrito. Talvez a mesma coisa tivesse acontecido com suas folhas. Talvez, ao começar a leitura, descobrisse que suas palavras haviam desaparecido. Talvez fosse bom. Talvez fosse um alívio. As memórias surradas retribuíam o olhar de ódio. Enquanto a mãe estava viva, o projeto lhe parecia uma boa ideia. Durante o longo período de decadência, Ruth registrara a erosão gradual da mente da mãe e observara que ela também fazia anotações copiosas dos próprios sentimentos e reações. O resultado foi essa pilha canhestra em cima da escrivaninha à sua frente. Passou os olhos pela primeira página e a afastou na mesma hora. O tom da escrita causou incômodo – enfadonho, melancólico. Ela estremeceu. Era uma romancista. Tinha interesse na vida dos outros. Onde estava com a cabeça quando se imaginou capaz de escrever um livro de memórias?

Não havia como negar que o diário de Nao era uma distração e, apesar de decidida a diminuir o ritmo, ainda dava conta de passar grande parte do dia na internet, examinando listas com os nomes das vítimas do terremoto e do tsunami. Achou um site para localizar pessoas e pesquisou Yasutani. Havia algumas, mas nenhuma Jiko ou Naoko. Como não sabia o nome dos pais, olhou os arquivos dos desaparecidos que as pessoas tinham divulgado em busca de possíveis similaridades. As informações eram escassas: dados básicos sobre idade e sexo e residência, local de trabalho das vítimas, último lugar onde foram vistas e a roupa que usavam. Muitas vezes havia fotos, tiradas em momentos mais felizes. Um menino sorridente com o boné da escola. Uma jovem acenando para a câmera diante de um santuário. Um pai em um parque

de diversões, segurando o filho. Sob essa camada tênue de dados jazia a abrangência da tragédia. Todas essas vidas, mas nenhuma era a vida que estava procurando. Por fim, desistiu. Precisava de mais dados sobre seus Yasutani, e a única maneira de obtê-los era lendo o diário.

Ruth fechou os olhos. Na sua imaginação, visualizava Nao, sentada sozinha na cozinha escura, esperando a mãe levar o pai da delegacia para casa. O que ela teria sentido nesses longos momentos? Era difícil ter noção da textura da passagem do tempo através do diário. Nenhum escritor, nem mesmo o mais hábil, conseguiria reproduzir em palavras o fluxo de uma vida vivida, e Nao estava longe de tal habilidade. A cozinha lúgubre era mortiça e imóvel. As atendentes de bar gemiam e batiam contra a parede fina. O tinido metálico da chave na fechadura devia tê-la assustado, mas permanecera no mesmo lugar. Pés se arrastavam na entrada. Será que os pais falavam? É provável que não. Ouviu o som da água correndo quando a mãe encheu a banheira enquanto o pai se despia no quarto. Não se mexeu. Não ergueu o olhar. Manteve os olhos fixos nas unhas, apoiadas no colo feito coisas mortas. Ouviu o pai tomando banho e depois, sob o olhar severo da mãe, ouviu-o gaguejar sua confissão. Teria se esgueirado para olhar as bochechas rosadas do pai e as considerado um vexame, ou simplesmente supôs que se devessem à quentura do banho? Reparara no suor de sua testa? Quantos momentos haviam transcorrido desde que ele começara a falar até o instante em que a mãe se levantou e foi embora? O zumbido da lâmpada fluorescente parecera extremamente alto no silêncio?

E depois, no quarto que dividia com os pais, teria enfiado a cabeça debaixo das cobertas, ou ligado o abajur e lido um livro, ou estudado para o teste do dia seguinte, em que tinha certeza de que tiraria nota ruim? Talvez tivesse entrado na internet e pesquisado “suicídio”, “homens”, enquanto os pais dormiam, ou fingiam dormir, de costas um para o outro, em seus futons separados sobre o assoalho, atrás dela. Caso o fizesse, descobriria, assim como Ruth, que o suicídio superava o câncer como principal causa de morte de homens de meia-idade no Japão e, portanto, que seu pai estava bem na marca. Serviria de consolo? Vestida de pijama, estava sentada em frente à tela brilhante na escuridão, pouco atenta aos ruídos das respirações sincronizadas ou não, a respiração do pai mais alta, regular, apesar do desejo professado por sua cessação, a da mãe mais suave, mas pontuada de tempos em tempos por uma inalação pronunciada e apavorada ou uma interrupção apneica.

O que ela sentira naquele momento?

Ruth abriu os olhos. Algo havia mudado. Prestou atenção. Ouvia os pássaros lá fora, uma revoada de patos saindo da água, os batuques de um pica-pau com crista, a queda líquida e o grasnido dos corvos, mas o que chamou a sua atenção naquele instante não foi um barulho, e sim sua ausência: faltava o baque ritmado do machado de Oliver. Ela sentiu uma pontada de medo. Quando havia parado? Levantou-se e foi até a janela com vista para a pilha de lenha. Teria se machucado? Teria ficado zonzo e decepado a perna? A vida rural era perigosa. Todos os anos, alguém da ilha morria ou se afogava ou sofria feridas graves. O vizinho morrera colhendo maçãs. Caíra da escada e batera com a cabeça, e a esposa achara o corpo debaixo da árvore, rodeado de frutas caídas. Os riscos eram numerosos: escadas, árvores frutíferas, telhados escorregadios cobertos de musgo, calhas de chuva, machados, marretas, motosserras, escopetas, facões, lobos, pumas, ventos fortes, queda de galhos de árvores, ondas traiçoeiras, instalações elétricas defeituosas, traficantes de drogas, motoristas embriagados, motoristas idosos, suicídio e até assassinato.

Olhou pela janela. Lá embaixo, na entrada da garagem, viu o marido. Ele parecia estar bem. Estava equilibrado sobre as duas pernas junto à pilha de lenha, com uma mão no bolso e a outra no cabo do machado, olhando para o alto de uma árvore e escutando os corvos.

7.

– O corvo da selva voltou – ele declarou durante o banho naquela noite. – Está enlouquecendo os corvos.

Ruth grunhiu. Estava escovando os dentes com a escova elétrica e a boca estava cheia de pasta. Oliver estava estirado na banheira, folheando o último número da revista *New Science*, enquanto Pesto estava empoleirado na borda da banheira, ao lado da cabeça dele.

– Eu estava lendo sobre os corvos da selva – disse ele. – Ao que parece, viraram um problema sério no Japão. São muito inteligentes. Decoram os horários dos caminhões de lixo e esperam as donas de casa botarem os sacos na rua para abrir todos eles e roubar o que têm dentro. Comem filhotes de gatos e usam cabides para fazer ninhos nos postes, o que causa curto-circuito nos fios e provoca quedas de energia. A companhia elétrica de Tóquio diz que os corvos são responsáveis por centenas de casos de falta de luz por ano, inclusive alguns dos piores, que paralisam até os trens-bala. Eles têm patrulhas especiais para os corvos, que vão atrás deles e desfazem os ninhos, mas os corvos são mais

espertos e fazem ninhos de mentirinha. As crianças têm que levar guarda-chuvas para a escola para evitar ataques e se proteger do cocô, e as mulheres pararam de usar grampos brilhosos no cabelo.

Ruth cuspiu.

– Parece que você fica feliz com isso – disse, com o rosto voltado para a pia.

– Fico mesmo. Eu gosto de corvos. Gosto de todos os pássaros. Você se lembra daqueles incidentes com as corujas de Stanley Park, uns anos atrás? Que volta e meia os corredores iam parar no pronto-socorro com cortes na cabeça, reclamando de ataques de corujas? Os médicos acabaram desvendando o mistério. Era época de emplumação e, como as corujas eram filhotes, ainda estavam aprendendo o ofício da corujice. Então alguém se deu conta de que os corredores eram todos homens de meia-idade que estavam ficando calvos e usavam rabo de cavalo. Imagine aquelas cabeças lustrosas e rabos balançantes que pareciam ser de roedores quando vistos de cima. Deviam parecer iscas brilhosas. Irresistíveis para os filhotes de coruja.

Ruth levantou a cabeça e enxugou a boca na toalha.

– Você é um cara de meia-idade que está ficando careca – disse ela. – Melhor tomar cuidado.

Ela batucou na cabeça dele com delicadeza a caminho da porta. O gato deu um golpe em sua mão.

– Pois é – disse Oliver, voltando à revista *New Science*. – Mas você deve ter percebido que não uso rabo de cavalo.

40 Japonês *setsuna* (刹那), do sânscrito *ksāna* (ver Apêndice A).

41 Para algumas ideias sobre Dōgen e mecânica quântica, ver Apêndice B.

Nao

1.

Jiko Yasutani é minha bisavó por parte de pai e tem três filhos: um homem chamado Haruki e duas mulheres chamadas Sugako e Ema.

Aqui está a árvore genealógica:



Ema era minha avó, e quando Ema se casou, Jiko adotou o genro, Kenji, para assumir o lugar de Haruki, que morreu na Segunda Guerra Mundial. Não que alguém pudesse substituir Haruki, mas a família precisava de um filho para dar continuidade ao sobrenome Yasutani.

Haruki era tio do meu pai, e Ema deu esse nome ao meu pai em homenagem a ele. Haruki nº 1 foi piloto camicase, o que é meio estranho quando você para e pensa, porque antes de se tornar bombardeiro suicida ele estudava filosofia na Universidade de Tóquio, e meu pai, Haruki nº 2, gosta muito de filosofia e vive tentando se matar, portanto acho que é possível dizer que suicídio e filosofia estão no sangue, pelo menos dos Haruki.

Quando eu falei disso com Jiko, ela me contou que na verdade o Haruki nº 1 não queria cometer suicídio. Era um mero rapaz que adorava livros e poesia francesa, e não queria nem mesmo ir à guerra, mas foi obrigado. Todo mundo era forçado a lutar na guerra naquela época, querendo ou não. Jiko disse que Haruki era muito zoado no exército porque adorava poesia francesa, então essa

é outra coisa que está no sangue: se interessar por cultura francesa e ser alvo dos valentões.

Em todo caso, foi por conta de Haruki nº 1 ter sido morto na guerra que primeiro sua irmã, Ema, e depois meu pai foram incumbidos de passar adiante o sobrenome Yasutani, e é por isso que hoje sou Nao Yasutani. E só quero dizer que fico meio assustada quando olho a árvore genealógica, porque dá para ver que tudo depende de MIM. E, como não pretendo casar ou ter filhos, é meio que isso aí. Acabou. Finito. Sayonara, Yasutani.

Por falar em nomes, minha avó Ema recebeu esse nome por causa de Emma Goldman, uma das heroínas da Jiko. Emma Goldman foi uma anarquista famosa muito tempo atrás, quando Jiko era nova, e Jiko a considera incrível. Emma Goldman escreveu uma autobiografia chamada *Vivendo minha vida*, que Jiko vive me dizendo para ler, mas ainda não pude porque estou ocupada demais vivendo minha vida ou tentando descobrir como não a viver.

Jiko deu à filha caçula o nome Sugako em homenagem a Kanno Sugako, outra moça anarquista famosa e heroína da Jiko e a primeira mulher a ser enforcada por traição no Japão. Hoje em dia, as pessoas chamariam Kanno Sugako de terrorista porque ela tramou assassinar o imperador com uma bomba, mas, ouvindo o que Jiko fala sobre ela, dá para perceber que ela não compra essa história. Jiko a adorava. Não foram amantes nem nada assim porque Jiko era uma menina quando Sugako foi enforcada e provavelmente nem chegou a conhecê-la, mas acho que foi apaixonada por ela da mesma maneira que as meninas ficam apaixonadas por cantoras pop ou lutadoras profissionais mais velhas. Sugako escreveu um diário intitulado *Reflexões a caminho do patíbulo*, que eu também deveria ler. É um ótimo título, mas por que essas mulheres anarquistas tinham que escrever tanto?

Quando meu pai era pequeno, a vovó Ema o levava ao templo da velha Jiko, no norte, para onde ela se mudou após virar monja, então eles se tornaram bastante próximos. Papai disse que eles me levaram de trem algumas vezes para visitá-la, também quando eu era bebê, mas depois nos mudamos para Sunnyvale e só revi Jiko depois que encontraram papai nos trilhos e eu descobri que tipo de homem ele era.

2.

O Incidente do Expresso de Chuo foi um grande divisor de águas para nós, embora fingíssemos que ele nunca tinha acontecido. Após o incidente, papai

começou a se afastar do mundo e a virar um hikikomori,[42] e mamãe finalmente entendeu que alguém na nossa pretensa família teria de arrumar um trabalho e que definitivamente esse alguém não seria ele. Ela parou de frequentar o aquário para observar as águas-vivas, arranjou um terninho bonito e um corte de cabelo de mulher de negócios, telefonou para um bando de colegas de classe da época da faculdade e conseguiu um emprego como assistente administrativa em uma editora que publicava periódicos e livros acadêmicos. Se você tem alguma noção de como as empresas japonesas funcionam, vai se impressionar, porque, embora o cargo fosse de iniciante e o salário uma porcaria, foi incrível ela tê-lo sequer arranjado, já que tinha 39 anos e ninguém emprega OLs[43] de 39 anos.

Portanto, agora tínhamos papai se escondendo no apartamento e mamãe botando o pão na mesa, e assim restava o problema que era eu. O novo ano escolar havia começado em março, e eu tinha conseguido, sabe-se lá como, passar para o nono ano, porém o ijime só piorava. Até então, eu tinha dado um jeito de esconder todas as cicatrizes e hematomas em forma de beliscões nos meus braços e pernas, mas uma noite a nossa banheira quebrou. Sempre tinha vazado e estava cheia de mofo preto, mas pelo menos dava para usá-la, porém, quando a parte do aquecedor estragou e o dono não quis consertá-lo, apesar de supostamente ser amigo do papai, tivemos de começar a frequentar o sento.[44]

Eu sabia que estaria encrencada se mamãe me visse nua de perto, então, da primeira vez que fomos, eu disse algo do tipo, *De jeito nenhum! Esquece! Não vou tirar a roupa na frente desse bando de senhorinhas!* E era verdade mesmo. Por fim, minha mãe ficou de saco cheio e me abandonou no vestiário, e acabei me despindo e indo atrás dela, segurando aquela toalhinha besta para tampar os genitais na frente do meu corpo e com vontade de morrer. Só me lembro de olhar fixo para os meus pés e sentir o rosto arder quando por acaso vi o mamilo de alguém. Mas, se tem uma coisa que aprendi com a vida depois de passar de filha de um yuppie da tecnologia de classe média em Sunnyvale, Califórnia, a filha de um fracassado desempregado em Tóquio, Japão, é que a gente se acostuma com tudo.

Depois dessa primeira vez, eu sempre tentava ir quando mamãe estava trabalhando. A parte boa de ir ao sento cedo é que as banheiras não estão muito cheias e sempre dá para conseguir um lugar perto da torneira, de onde você pode ver o que está acontecendo. No nosso bairro, àquela hora, a maioria era vovozinhas bem idosas e as atendentes de bar que estavam se arrumando para o trabalho, e era divertido espiá-las.

Era meio que incrível, na verdade. Em Sunnyvale, Califórnia, não temos muitas oportunidades de ver mulheres nuas, a não ser estrelas dos filmes pornôs em capas de revistas nos pontos de parada de caminhões, e não são exatamente o que se pode chamar de realistas. E nunca publicam fotos de velhinhas nuas porque é provável que seja ilegal ou algo assim, portanto eu achava interessante de uma maneira científica. O que quero dizer é que as atendentes eram magras e tinham pele lisa, e, apesar dos seios e quadris e cinturas serem de tamanhos diferentes, todas eram jovens e muito parecidas. Mas as velhinhas... caramba! Eram de tamanhos e formas completamente diferentes, umas com seios enormes e outras com apenas uma onda de pele e mamilos que pareciam puxadores de gaveta, e barrigas que eram como a nata que cobre o leite fervido quando empurrado para a beirada da xícara. Eu costumava brincar de ligar as atendentes às senhorinhas, tentando imaginar qual corpo jovem se transformaria em qual corpo envelhecido, e como esses seios bonitinhos murchariam e se tornariam aqueles tristes penduricalhos, e como a barriga iria inchar ou perder a firmeza. Era esquisito, como ver o tempo passar, só que num instante budista, entende?

O que mais me fascinava eram as atendentes e todos os seus rituais de beleza. Eu as seguia até a sauna e investigava como lixavam a pele morta de seus corpos com escovas e bastões e raspavam o rosto com lâminas pequenininhas de cabo de tons pastel. O que elas raspavam? Não tinham barba nem nada do tipo. Quando entravam, dava para perceber que haviam acabado de acordar, porque bocejavam muito e davam bom-dia embora já fosse fim de tarde, mas em geral não falavam muito e tinham os olhos inchados e vermelhos por conta da ressaca. Mas, depois de uma hora no banho, já estavam animadas, rosadas e refrescadas de novo, e quando já estavam secas, sentadas no vestiário com lingeries rendadas e passando maquiagem, elas riam e falavam dos encontros da noite anterior. Depois que já me conheciam melhor, até caçoavam dos meus seios, que tinham começado a crescer, e seria de imaginar que eu ficaria envergonhada, mas não ficava. Secretamente, ficava lisonjeada por sequer notarem. Eu as admirava. Eu achava que eram lindas e ousadas e tinham um comportamento liberal e faziam exatamente o que queriam, e deve ter sido por isso que minha mãe decidiu que o ambiente não era saudável para mim. Ela passou a me obrigar a ir à casa de banho depois do jantar, que é o pior horário de todos por causa das mães chatas com criancinhas detestáveis e tias enxeridas de meia-idade e cabelo de tom metálico, que olham fixo para você e fazem comentários sobre coisas que não lhes dizem respeito. E, é claro, uma delas

notou as minhas feridas, embora eu estivesse encolhida e tentando me manter coberta, e falou bem alto:

– Nossa! O que foi que te aconteceu, mocinha? Você está com urticária?

A princípio, mamãe não deu atenção, mas aí aquela vaca velha a chamou e disse:

– Okusan, Okusan![45] O que é que a sua filha tem na pele? Ela está com butsubutsu[46] no corpo inteiro. Espero que não tenha alguma doença!

Mamãe se aproximou e parou ao meu lado, enquanto eu me curvava sobre meu balde. Ela pegou meu pulso e levantou meu braço e o virou, examinando a parte de baixo, onde os machucados eram mais abundantes. Ela enterrou os dedos nos ossos do meu punho e doeu mais do que os beliscões que as crianças da escola me davam.

– Acho que ela não devia entrar na água – disse a vaca velha. – Se for urticária, pode ser contagiosa...

Minha mãe soltou o meu braço.

– Tondemonai[47] – ela declarou. – São só hematomas da aula de educação física. Jogaram com força demais. Não é, Naoko?

Apenas fiz que sim e me concentrei em me limpar e não vomitar ou me levantar às pressas e sair correndo dali aos berros. Mamãe voltou à própria bacia e não disse mais nada até terminarmos o banho, porém, mais tarde, já no apartamento, ela me mandou ir para o quarto e tirar a roupa de novo. Papai ainda estava na casa de banho. O sento era o único lugar aonde continuava indo, e gostava de ir sem pressa e às vezes tomar uma lata de cerveja gelada em seguida, portanto mamãe tinha o apartamento inteiro para si quando me atacou. Ela puxou uma lâmpada de halogênio para perto de mim e examinou meu corpo inteiro, e pela milionésima vez eu achei que iria morrer. Ela descobriu todos os hematomas e as cicatrizes e cascas provocadas por pontas de tesouras e reparou até na área calva da minha cabeça, de onde o menino que se sentava na carteira atrás da minha arrancava meus cabelos, fio a fio. Tentei mentir e explicar que era uma alergia, e depois declarei que era queda de cabelo causada por estresse, e depois eu disse que na verdade era devido à aula de educação física, e depois sugeri que poderia ser hemofilia ou leucemia ou doença de Von Willebrand, mas, como mamãe não acreditou em nada disso, tive de confessar e contar o que estava acontecendo. Tentei não fazer muito estardalhaço em torno disso, já que não queria que ela fosse à escola, reclamasse e criasse confusão.

– Está tudo bem, mãe. É sério. Não é pessoal. Você sabe como são as

crianças. Sou aluna transferida. Eles fazem isso com todo mundo.

Ela fez que não.

– Talvez você não esteja se esforçando para fazer amizades – ela insinuou.

– Tenho um monte de amigos, mãe, sério. Está tudo bem.

Ela queria acreditar em mim. Sei que, assim que voltamos para Tóquio, ela se preocupou muito com a minha adaptação a uma escola nova, mas depois se distraiu com as águas-vivas, e em seguida com o Incidente do Expresso de Chuo, e por um tempo eu parecia ser a pessoa mais centrada da família. E então, depois que mamãe se popularizou e passou a ter um emprego de verdade, se já não tinha muito tempo para se preocupar com a minha situação na escola, imagine supervisionar minhas atividades extras. Não queria que me misturasse com as atendentes nas casas de banho, mas tampouco queria que eu ficasse em casa só com o papai, já que ele estava deprimido e suicida. Imagino que tinha medo de que ele fizesse uma loucura como aqueles pais dos Estados Unidos que atiram nos filhos e nas esposas com armas de caça enquanto dormem em seus quartos, depois vão até o porão e estouram os próprios miolos, só que no Japão, por causa das leis rígidas que controlam as armas, geralmente fazem isso com canos, fita vedante e briquetes no carro da família. Sei disso porque já estava adquirindo o hábito de ler matérias no jornal sobre suicídios, mortes violentas e sofrimento. Queria saber o máximo possível para me preparar para a morte do meu pai, mas eu meio que fiquei viciada nas histórias, principalmente depois, quando passei a lê-las para Jiko a fim de que ela fizesse aquele troço das orações com as contas do juzu.

Bem, a questão é que, comparado com o que os meus colegas de classe me faziam, eu preferia me arriscar com o papai depois da aula, principalmente porque não tínhamos carro, muito menos uma casa com porão. Porém, a mamãe não gostava muito da ideia.

– Que tal fazer mais atividades extras depois da escola? – ela sugeriu. – Você vai começar outro ano. Não devia participar de algum grêmio? Você já consultou o professor conselheiro da classe? Talvez seja uma boa eu conversar com ele...

Sabe nos desenhos animados, quando o personagem fica surpreso e seus olhos saltam para fora das órbitas como se tivessem molas ou elásticos? Juro que foi isso o que aconteceu, e em seguida meu queixo foi ao chão como a pá de um trator. Eu estava parada no meio do nosso quarto, de calcinha branca de algodão e regata, sob o feixe da lâmpada de halogênio, e senti um peso no estômago como se um peixão frio agonizasse logo abaixo do meu coração. Eu

a encarava, pensando, *Meu Deus do céu, ela vai me levar à morte*. Tinha acabado de me examinar dos pés à cabeça e visto o que meus colegas faziam comigo, e agora sugeria que eu passasse ainda mais tempo com eles depois da escola?

Eu já achava meu pai maluco, porque nessa época ainda se pensava que somente malucos tentavam se matar, mas, inconscientemente, imagino que esperasse que minha mãe estivesse normal e bem outra vez, agora que havia parado de observar águas-vivas e arranjado emprego. Mas naquele momento eu soube que ela era tão maluca e irresponsável quanto o meu pai, e sua pergunta só servia de prova, o que queria dizer que não restava mais ninguém na minha vida com quem pudesse contar para me manter a salvo. Acho que nunca me senti tão nua e só. Meus joelhos amoleciam à medida que eu afundava, agachada ali, embalando meu peixe. Ele se debateu pela última vez, quase subindo à minha garganta, e então caiu e ficou prostrado ali, tentando respirar. Eu o segurei. Agonizava nos meus braços. Recolhi as roupas do tatame e as vesti, dando as costas à minha mãe para não ter que ver seu rosto fitando o meu corpo.

– Eu vou ficar legal, mãe. A verdade é que não tenho muito interesse nas atividades extras.

Porém, ela não me dava ouvidos.

– Não – ela retrucou. – Sabe, acho que preciso ter uma conversa com o seu professor conselheiro...

O peixe estremeceu na curva da minha caixa torácica.

– Não acho uma boa ideia, mãe.

– Mas, Nao-chan, é preciso pôr um ponto final nessa situação.

– Vai ter ponto final. Sério, mãe. Me deixa em paz.

Mas mamãe balançou a cabeça.

– Não – ela decretou. – Não posso ver isso acontecendo com a minha filha e ficar de braços cruzados. – Havia algo novo em sua voz, um quê de determinação que soava bem americano. Combinava com a nova atitude confiante e corte de cabelo ao estilo Hillary Clinton, e me deixou apavorada.

– Mãe, por favor...

– Shimpai shinakute ii no yo – ela me disse, abraçando de leve os meus ombros.

Não se preocupe? Que idiotice!

De início, nada aconteceu, e por uns dias imaginei que ela tivesse esquecido ou mudado de ideia. Desde que se tornara um hikikomori, papai havia parado de me levar à escola, portanto eu ia sozinha e adotei o hábito de chegar no último minuto, no instante em que o sino tocava pela última vez. Também adotei o hábito de matar o tempo naquele templo que havia no caminho, inspirando o incenso e ouvindo os pássaros e insetos. Não rezava para o Senhor Buda porque na época pensava que ele era como Deus, e eu não acreditava em Deus, o que não é nenhuma surpresa diante da mediocridade das figuras masculinas em posição de autoridade na minha vida. Mas o velho Shaka-sama não é assim. Nunca fingiu ser algo mais que um professor sábio, e já não me incomodo mais de orar para ele, pois é igual a orar para a velha Jiko.

No jardim atrás do templo existe um montinho de musgo verde debaixo de um bordo atrofiado e próximo a um banco de pedra, e eu me sentava ali e observava os botões verdes-claros do bordo se desdobrarem em folhas em formato de dedos. No outono, quando essas folhas ficavam bronze e caíam, um monge as varria do tapete de musgo verde com uma vassourinha de bambu, e na primavera ele às vezes saía para arrancar as ervas daninhas. Aquele montinho verde era como uma ilhota da qual ele cuidava, e acima de tudo eu queria me encolher a ponto de ficar pequena o bastante para viver debaixo do bordo. Era tão pacato. Eu me sentava no banco e fantasiava até o último instante, quando precisava deixar os muros altos do templo, onde estava a salvo, e correr para a escola, onde não estava, atravessando de fininho o portão no segundo em que o último toque do sino perdia a força.

Era esse o meu hábito, mas, uma semana depois que mamãe descobriu minhas cicatrizes e machucados, fui ao jardim e me deparei com uma barricada obstruindo a vereda. Estavam fazendo obras no terreno do templo, portanto naquele dia cheguei mais cedo na escola.

Percebi no mesmo instante que havia algo diferente. Ninguém levantou o rosto quando me aproximei ou pareceu me notar. Fiz hora do outro lado do portão e depois entrei de mansinho, mas ninguém estava me esperando, ou me procurando, ou me rodeando. Prestei atenção, mas não escutei meu nome sendo entoado com doçura por crianças de olhos brilhantes. Todos me ignoravam e continuavam suas conversas como se eu nem estivesse ali.

No início fiquei nervosa, vibrando devido a uma sensação que parecia alívio ou até empolgação, mas então pensei, *Não, espera aí, vai ver eles estão planejando um ataque realmente diabólico. Deixa de ser burra, Nao! Toma cuidado. Fique alerta!* Então fiquei de olhos abertos e esperei. As aulas

matinais se arrastaram – história japonesa, matemática, educação cívica –, mas ninguém me incomodou. Ninguém me beliscou ou cuspiu ou me cutucou com a ponta da caneta. Ninguém tapou o nariz ou ameaçou me estuprar ou fingiu vomitar ao passar do lado da minha carteira. O menino que sentava atrás de mim não arrancou meu cabelo nem uma vez, e quando a tarde chegou, eu já estava começando a acreditar que o pesadelo finalmente havia terminado. Durante o almoço, fui deixada totalmente sozinha na minha carteira, com minha lancheira, e ninguém a derrubou no chão ou pisou na minha bola de arroz. No intervalo, fiquei sozinha com as costas apoiadas na cerca do pátio e fiquei olhando as outras crianças rindo e batendo papo. Quando o sino tocou e as turmas foram liberadas, cruzei o corredor abarrotado como se fosse invisível, um fantasma ou o espírito de um morto.

4.

Não sei se foi a visita da mamãe à escola que os fez parar de me torturar fisicamente. Eu meio que duvido. É provável que tenham se entediado e já estivessem pensando em parar, e a reclamação da mamãe só os tivesse levado a essa nova fase. Não sei com quem ela falou, mas não deve ter sido com o meu professor do nono ano, Ugawa Sensei, que era apenas substituto da professora regular, que estava de licença-maternidade. Acho que mamãe deve ter recorrido a alguém superior, talvez o vice-diretor ou até o diretor em pessoa, e o motivo que tenho para pensar assim é que Ugawa Sensei cooperava com os meus colegas, me ignorando e fingindo que não me via ou ouvia. No começo, não percebi. Ele sempre me ignorou e nunca me chamava, e, como eu nunca levantava a mão para responder as perguntas, pode-se dizer que o comportamento era recíproco. Mas aí ele passou a fazer uma coisa nova na hora da chamada, de manhã. Ele lia o meu nome, “Yasutani!”, e eu respondia, “Hai!”, mas em vez de marcar minha presença, ele me chamava de novo, “Aluna transferida Yasutani!”, como se nem tivesse me ouvido. Eu respondia de novo, *“HAI!!!”*, o mais alto possível, mas ele franzia a testa, balançava a cabeça e anotava minha ausência. Assim foi por alguns dias, até que percebi que alguns dos meninos abafavam o riso e comecei a entender. Minha voz parou de funcionar naquela época. Por mais que eu me esforçasse, não conseguia emitir nenhum som. Era como se os músculos da minha garganta tivessem se transformado nas mãos de um assassino, estrangulando minha voz quando ela tentava se elevar. Às vezes, uma das crianças respondia por mim,

dizendo, para ajudar, “Yasutani-kun wa rusu desu yo”,[48] até que depois de um tempo passei a nem me mexer quando meu nome era chamado, olhando fixo para o tampo gasto da minha carteira com os lábios bem fechados, pois sabia que eles já tinham entendido tudo, e riam em silêncio.

Era uma paz estranha. Não dava muita importância aos risos abafados, porque ao menos não deixavam cicatrizes no meu corpo, e me sentia quase feliz em ver Ugawa Sensei ganhando crédito e caindo nas graças das crianças populares da nossa classe. Professores substitutos são ainda mais menosprezados do que estudantes transferidos, e Ugawa Sensei era um enorme fracasso, até maior que eu, portanto sentia pena dele. Sua cabeça era do formato e da cor de um enoki,[49] seus dentes eram feios, o cabelo rareava e tinha o hábito de usar suéteres de gola rulê de poliéster com flocos de caspa que pareciam sementes nos ombros. Também cheirava mal, seu fedor de suor era horrível.

Estou te contando tudo isso não por crueldade, mas para você entender exatamente quão difícil era um fracassado como Ugawa Sensei se tornar popular entre os alunos populares da turma, mas, graças a mim, ele realmente estava conseguindo. Eu percebia a empolgação em seu rosto ao chamar meu nome e fingir aguardar. Percebia pelo jeito como me olhava, e em seguida olhava através de mim, de forma tão convincente que eu quase acreditava não estar ali. Quando anotava a minha ausência, era com um floreio triunfante do lápis em sua mão, como se tivesse realizado algo incrível.

Espero que você entenda que não o considero um homem mau. Só acho que era muito inseguro e capaz de se convencer de qualquer coisa, assim como pessoas inseguras são capazes. Como o meu pai, por exemplo, que é capaz de se convencer de que seu suicídio não fará mal a mim ou à minha mãe porque nos sairíamos melhor sem ele, e de que a certa altura, no futuro não tão distante, nos daremos conta disso e agradeceremos a ele por ter se matado. A mesma coisa vale para Ugawa Sensei, que provavelmente imaginou que eu também ficaria mais feliz se não estivesse ali, e na verdade tinha razão neste ponto. De certo modo, estava apenas me ajudando a alcançar meu objetivo, e, como consequência, eu quase sentia gratidão.

Passei pela minha época de escola como um filete de nuvem, como um sinal flutuante de umidade, praticamente inexistente, e depois das aulas eu caminhava até o nosso apartamento, em geral mais ou menos sozinha, o que era bem melhor do que ser perseguida e levar rasteiras e ser empurrada contra vendedoras automáticas ou bicicletários cheios de bicicletas. Sabia que ainda

não estava totalmente fora de perigo porque às vezes meus colegas me seguiam, mas sempre ficavam do outro lado da rua ou meio quarteirão atrás de mim, e embora fizessem comentários em voz alta sobre meu bairro de favelados, pelo menos nunca tentavam falar comigo ou me tocar.

Quando eu chegava em casa, meu pai costumava me preparar um lanche, e eu me sentava com ele e fazia o dever ou só navegava na internet, matando o tempo ou trocando mensagens com a minha melhor amiga em Sunnyvale, Kayla, que ainda gostava de mim o bastante para conversar on-line comigo. Mas até isso era meio estressante, para falar a verdade, porque ela vivia perguntando como era a minha escola, e eu me negava a contar do ijime, pois assim ela saberia que fracasso total eu havia me tornado, então preferia tentar explicar a ela todas as coisas esquisitas e engraçadas que diziam respeito ao Japão. A cultura japonesa é bem popular entre os jovens dos Estados Unidos, portanto nossas conversas giravam principalmente em torno de mangá, pop japonês, anime, tendências da moda e coisas assim.

"Você parece tão distante", Kayla escreveu. "É meio irreal."

Era verdade. Eu era irreal e minha vida era irreal, e Sunnyvale, que era real, estava a zilhões de quilômetros de distância no tempo e no espaço, como a bela Terra vista do espaço sideral, e eu e papai éramos astronautas, morando em uma espaçonave, orbitando nas trevas frias.

5.

Eu disse que meu pai havia se isolado do mundo e virado um hikikomori, mas não quero passar uma impressão errada. Meu pai me amava e queria que eu ficasse em segurança. Não piraria e enfiaria nossas cabeças no forno nem nada disso. E, apesar de a maioria dos caras hikikomori ficar dentro de casa o dia e a noite inteiros lendo mangás pornográficos e visitando páginas de fetiche hentai, graças a Deus, meu pai não era tão patético assim. Era patético de outra maneira. Tinha praticamente parado de entrar na internet, preferindo passar o tempo lendo livros sobre filosofia ocidental e fazendo insetos de origami, que, como você provavelmente se lembra da sua infância, é a arte japonesa de dobrar papéis.

O lance todo da filosofia começou porque a empresa da mamãe publicava uma série de livros chamada As Grandes Mentes da Filosofia Ocidental. Como você já deve ter imaginado, não era um sucesso de vendas, portanto ela levou uma coleção encalhada para o papai, achando que isso talvez o ajudasse a

descobrir o sentido da vida, e além disso, ela os conseguiu de graça. Ele começou por Sócrates e concluiu mais ou menos um filósofo por semana. Eu não achava que aquilo o ajudava a descobrir o sentido da vida, mas ao menos lhe dava um objetivo concreto, o que já é alguma coisa. Acredito que não interessa o que é, contanto que você descubra algo concreto com que se ocupar enquanto vive a sua vida sem sentido.

E o que quer que você imagine que sabe sobre origami, esqueça, porque as coisas que papai dobrava não eram as típicas garças, barcos, chapéus de festa e travessas de balas. As coisas que ele fazia eram origamis elevados ao cubo, superdoidos e lindos. Na verdade, ele gostava de dobrar as folhas de As Grandes Mentes da Filosofia Ocidental, e depois que terminava de ler, ele as cortava do livro com estilete e régua com borda de aço. Como você já deve saber, existiram muitas grandes mentes na filosofia ocidental, e os livros eram impressos em papel-bíblia para que pudessem enfiar mais mentes na série. Papai diz que papel-bíblia é mais fácil de dobrar, principalmente na hora de fazer algo complicado como um *Trypoxylus dichotomus*, o besouro-rinoceronte japonês, ou um *Mantis religiosa*, o louva-a-deus. Só usava as mentes de que não gostava para dobrar, então acabamos com um monte de insetos feitos de Nietzsche e Hobbes.

Papai passava horas no chão do kotatsu,[50] lendo e dobrando, e dobrando e lendo, e eu me sentava ao lado dele e fazia o dever de casa, contanto que ele prometesse não fumar demais. Ele usava uns cigarros fajutos de plástico com sabor de menta para combater o desejo pela nicotina, e às vezes eu lhe pedia um, e nos sentávamos de frente um para o outro, debruçados sobre nossos livros, com os cotovelos apoiados na mesa, sugando e mascando juntos nossos cigarros de mentirinha. Era uma situação meio fofa, porque, depois de um tempo, ele ficava animado, e quando ficava animado ele começava a assentir. Ele assentia e assentia, e quando realmente se envolvia, ele segurava a armação dos óculos com as duas mãos como se fossem binóculos e tentasse entrar nas páginas e enxergar além das palavras para tirar mais sentidos delas. Era difícil me concentrar com ele na minha frente, fazendo que sim e que não com a cabeça, principalmente quando começava a falar. Ele murmurava, “So, so, soooo…”, ou exclamava de repente, “Sore! Isso! Sore da yo!”[51] e às vezes me interrompia e dizia, “Nao-chan, ouve só!” e lia uma ou duas páginas de Heidegger em voz alta.

Como se eu fosse entender, não é? Mas eu não me importava. Era bem mais interessante do que o dever idiota que precisava fazer para a escola. Estávamos

estudando proporcionalidade direta em matemática, e toda vez que eu via uma questão como: Se um trem que percorre três quilômetros por minuto faz y quilômetros em x minutos, então… etc., minha cabeça ficaria entorpecida e tudo o que eu conseguia imaginar era como um corpo ficaria no momento do impacto, e a que distância a cabeça seria jogada nos trilhos, e até onde chegariam os respingos de sangue. A filosofia do papai era bem mais árida e menos grotesca que a minha matemática, e vai saber, embora eu não entendesse tudo, talvez uma parte ficasse. Pessoalmente, preferia que meu pai não gastasse o tempo todo em um emprego idiota, ou retocando o currículo para procurar um emprego idiota, ou sentado em um banco de praça em Ueno fingindo estar em um emprego idiota e alimentando os corvos. Gostava do fato de que havia basicamente desistido da ideia de ter emprego e que por isso tivesse tempo livre para gastar comigo, embora suspeitasse de que ele preferia estar morto.

6.

Por falar em tempo livre, você sabe de furiitaa?[52] No Japão, existe um tipo de pessoa chamada furiitaa, que trabalha em empregos de meio-expediente e tem bastante tempo livre porque não tem carreira de verdade ou cargo de tempo integral numa empresa. A razão pela qual pensei nisso agora é que estou de volta ao Fifi’s Lonely Apron, e por acaso levantei a cabeça e percebi que estou rodeada por um monte de caras otaku que devem ser todos furiitaa, e é por isso que eles têm tanto tempo livre para ficar aqui entre os empregos de meio-expediente, antes de ir para casa, para seus quartos na casa dos pais. E as garçonetes vestidas de empregadas com certeza são furiitaa e só estão trabalhando aqui por enquanto, até acharem empregos melhores ou um velho para sustentá-las. E os garçons e os caras da cozinha são todos furiitaa, a não ser que sejam imigrantes ou trabalhadores de outros países. Não se pode chamar de furiitaa imigrantes ou trabalhadores de outros países, já que nunca sequer houve a possibilidade de arrumarem empregos de verdade em empresas japonesas.

Mas talvez você esteja pensando, *E quem é que vai querer um emprego de verdade em uma empresa japonesa?*. Você já deve ter ouvido histórias de terror sobre a cultura corporativa japonesa e as muitas horas de trabalho e os funcionários de colarinho-branco que nunca têm tempo para suas famílias ou para abraçar os filhos e que caem duros de tanto trabalhar, que é outro conceito totalmente diferente.[53] Comparado a isso, é provável que pareça ótimo ser

furiitaa, mas não é. O Japão não é um bom lugar para se ser livre em qualquer aspecto, porque ser livre significa apenas estar completamente sozinho e por fora.

Às vezes as pessoas põem “freeter” quando escrevem a palavra em inglês, o que parece bastante com *fritter*, como na expressão “estar frito”, que é como eu e papai estamos, se você quer saber a minha opinião. Como ainda sou jovem, não é assim tão patético, mas me preocupo muito com o meu pai.

Pronto. Mas onde eu estava mesmo?

42 *hikikomori* (引きこもり) – um recluso, uma pessoa que se nega a sair de casa.

43 *ō eru* – abreviação de “office ladies”, moças que trabalham em escritórios.

44 *sentō* (洗湯) – casas de banho públicas.

45 *okusan* (奥さん) – esposa. O caractere *oku* (奥) significa “interior” ou “dentro”, como de uma casa. Com o honorífico –*san*, é o jeito formal de se dirigir a uma mulher casada.

46 *butsubutsu* (ぶつぶつ) – caroços, brotoejas avermelhadas.

47 *tondemonai* – não é nada.

48 *Yasutani-kun wa rusu desu yo* – Yasutani não veio.

49 *enoki* (えのき) – um cogumelo pequeno e branco de chapeuzinho redondo cuja base comprida parece um fio; cresce em bandos na escuridão e nunca vê a luz do dia.

50 *kotatsu* – mesa baixa com um aquecedor embaixo e uma coberta para manter o calor.

51 *Sore! Sore da yo!* – Isso! Isso mesmo!

52 *furiitaa* – um profissional freelance, do inglês *free* + alemão *arbeiter*.

53 Provavelmente *karōshi* (過労死), “morte por excesso de trabalho” – um fenômeno na década de 1980, no auge da bolha econômica japonesa.

Ruth

1.

Um freeter, ponderou Ruth. *Somos nós. Estamos fritos.*

Ela fechou o diário e o pôs em cima da barriga. Oliver dormia a seu lado. Estava lendo para ele quando adormeceu, e em vez de acordá-lo, continuou a leitura em silêncio. Sabia que a história de hikikomori o incomodara. Também ficara perturbada.

A mudança deles para a ilha fora uma espécie de retirada. A primeira noite de Ano-Novo, eles passaram no sofá, com a mãe dela enfiada debaixo da coberta entre os dois, bebendo vinho espumante barato e vendo o mundo chegar ao ano 2000. A BBC cobria as celebrações do milênio, acompanhando os fusos horários e abrindo lentamente o caminho do planeta em direção ao Oeste. Toda vez que uma nova explosão de fogos de artifício iluminava a tela da televisão, a mãe se inclinava para frente.

– Nossa, que lindeza! A gente está comemorando o quê?

– É Ano-Novo, mãe.

– Sério? Em que ano estamos entrando?

– É o ano 2000. É o novo milênio.

– Não! – a mãe exclamava, estapeando os joelhos e se recostando no sofá. "Minha nossa. Imagine só." E então fechava os olhos e cochilava até ser acordada por uma nova explosão de fogos, quando se sentava e se inclinava para frente.

– Nossa, que lindeza! A gente está comemorando o quê?

Quando o novo milênio enfim chegou ao fuso deles, o resto do planeta já tinha ido para a cama e Ruth estava com uma dor de cabeça excruciante. Estamos comemorando o Fim dos Tempos, mãe. O colapso da rede elétrica e o sistema bancário mundial. O arrebatamento e o fim do mundo…

Minha nossa. Imagine só.

Não eram todos os prognósticos bobos quanto ao bug do milênio que lhe preocupavam. As angústias que estimularam seu isolamento eram mais difusas

e inomináveis, e ao fim desse primeiro ano, ao se sentar na frente da televisão e ver as eleições presidenciais serem trituradas até a conclusão, tinha certeza de que algo terrível estava para acontecer. Como em um barquinho à deriva em meio ao nevoeiro, durante os trechos em que a cerração se dissipava ela vislumbrava um mundo bem distante, em que tudo mudava.

Estava tarde. Ela pôs o diário de lado e apagou a luz. A seu lado, escutava a respiração de Oliver. Um chuvisco tamborilava o telhado. Quando fechava os olhos, conseguia ver a imagem de uma lancheira vermelha da Hello Kitty balançando sobre as ondas cinzentas e tediosas.

2.

De manhã, armada com uma caneca grande de café, ela abordou o livro de memórias com um sentimento revigorado de determinação. O que precisava era de uma reconciliação. Um livro inacabado, abandonado, vira uma fera, e ela precisaria de toda a concentração, vontade e determinação implacável para tornar a domá-la. Ela expulsou o gato de sua cadeira, limpou a escrivaninha e pôs a pilha de folhas do manuscrito diante de si.

O gato, irritado, saltou na escrivaninha, mas ela o pegou com a mão, o pôs no chão e em seguida lhe deu um empurrão em direção ao corredor.

– Vai fazer uma visita ao Oliver, Pesto. É ele que você ama.

O gato lhe virou as costas e saiu do cômodo de um jeito arrogante, o rabo no ar, como se já tivesse a intenção de ir embora.

Vez por outra, quando era difícil se concentrar, ela achava útil fazer corridas cronometradas, definindo objetivos alcançáveis a curto prazo para si mesma. Desde que Oliver conseguira botar o relógio antigo para funcionar, ela o usava todos os dias, e agora o desafivelava e o tirava do punho. Eram quase nove horas. Trintas minutos de trabalho seguidos por dez minutos de intervalo. Ela viu que o segundo ponteiro girava em sua órbita sem percalços, mas encostou o relógio na orelha só para ter certeza. O tique-taque era reconfortante. Era um belo relógio, art déco tardio, com mostrador preto, números em negrito e face luminosa. A traseira de aço exibia as marcas da idade, mas ela conseguia distinguir os números em kanji – um número de série ou outra coisa? Acima dos números havia outros dois caracteres japoneses. Reconheceu o primeiro. Era o kanji 空, de céu. O segundo kanji, 兵, também lhe parecia familiar, mas não o entendia naquele contexto. Abriu o dicionário de ideogramas e contou os traços. Sete. Examinou a longa lista de kanji com sete traços até encontrá-lo.

Hei, ela leu, que significa *soldado*.

Soldado do céu?

Ela despertou o computador e procurou *soldado céu relógio japonês*. Surgiram centenas de sites onde poderia assistir a uma série de anime chamada Soldado do Céu. Serventia nenhuma.

Tentou *relógio antigo*, depois *relógio vintage*, depois *relógio militar vintage*. Bingo. Existia um mundo inteiro de colecionadores de relógios militares vintage.

Agora, fazendo outra suposição, ela acrescentou *Segunda Guerra Mundial* e *soldado do céu*, mas logo depois, por intuição, trocou o *soldado* por *camicase* e apertou o ENTER. O mecanismo de busca rodou e em poucos instantes estava em um fórum de discussão de entusiastas por relógios militares, lendo sobre a origem do relógio que segurava na mão, analisando retratos de relógios similares, descobrindo que haviam sido fabricados pela Seiko Company durante a Segunda Guerra Mundial e que eram os preferidos das tropas camicases. Por motivos óbvios, apesar de fabricados aos montes, poucos tinham sobrevivido. Os relógios eram raros e procurados com avidez pelos colecionadores. Os números gravados na parte de trás eram realmente o número de série, não do relógio, mas do soldado que o usava.

Haruki nº 1?

3.

Ela buscou Haruki Yasutani na internet, fazendo referências cruzadas de seu nome com todos os termos pesquisáveis de que se lembrava do diário de Nao: *céu*, *soldado*, *camicase*, *filosofia*, *poesia francesa*, *Universidade de Tóquio*. Não deu sorte. Passou ao segundo Haruki, acrescentando novas palavras-chave: *programador de computadores*, *origami*, *Sunnyvale*, mas, embora tenha achado alguns Yasutani, uns Haruki e um punhado de pessoas da indústria de tecnologia com esses nomes, não descobriu ninguém com ambos os nomes, e ninguém que parecesse ter parentesco com o piloto camicase ou com seu sobrinho, o pai de Nao.

Frustrante. Ela voltou para o site de procura de vítimas do tsunami e procurou Haruki e Tomoko, mas nenhum dos dois estava nas listas de Yasutani desaparecidos e falecidos. Era um alívio. Ela seguiu em frente, em busca de templos zen no norte do Japão, mas tinha poucos dados para prosseguir, já que não sabia em que lugar do norte o templo ficava, ou mesmo a que grupo do zen

pertencia. Tentou acrescentar o nome Jiko Yasutani à busca pelo templo, junto com as palavras *anarquista*, *feminista*, *romancista* e *monja*, em combinações diversas. Nada. Pesquisou templos no norte que foram destruídos pelo tsunami. Foram vários. Outros templos haviam sobrevivido e lideravam ações humanitárias.

Os ponteiros do relógio do soldado do céu circundavam o mostrador, mas ela os ignorava e continuava a leitura, revirando artigos publicados em 2011, nos meses seguintes a 11 de março. Excêntricos líderes religiosos colocavam a culpa pelo terremoto em deuses raivosos que puniam os japoneses por tudo, do materialismo e adoração pela tecnologia à dependência do poder nuclear e o abatimento temerário de baleias. Pais revoltados de Fukushima exigiam saber por que motivo o governo não fazia nada para proteger seus filhos da radiação. O governo reagia fraudando os números e elevando os níveis de exposição admissíveis; nesse ínterim, os operários de usinas nucleares, enfrentando o desastre de Fukushima, caíam mortos. Um grupo que se denominava Esquadrão de Idosos com Morte Certa,[54] formado por engenheiros aposentados na faixa dos 70 ou 80 anos, se oferecia para substituir os operários mais jovens. O índice de suicídios entre a população desalojada pela precipitação radioativa e o tsunami estava em ascensão. Ela digitou *morte certa* e *suicídio* e então se recordou do trem. Procurou *Expresso de Chuo* e, por fim, *Harryki*, que, na pressa, digitou errado, o indicador da mão esquerda apertando o *r* por tempo demais e o dedo da direita tentando alcançar o *u* e batendo no *y*, mas, antes que pudesse corrigir os erros, o mindinho apertou o ENTER.

Suspirou enquanto a roda do mecanismo de busca girava, e depois ficou boquiaberta ao ver os resultados.

4.

O site era de um professor de psicologia da Universidade de Stanford, um tal de Dr. Rongstad Leistiko. O Dr. Leistiko estava pesquisando narrativas de suicídio e autoaniquilação em primeira pessoa. Havia publicado um trecho de uma carta que lhe fora escrita por um de seus informantes, um homem cujo nome era “Harry”. O trecho era o seguinte:

> *Suicídio é um assunto muito intenso, mas já que você tem interesse vou tentar lhe explicar meus pensamentos.*
>
> *Ao longo da história, nós, os japoneses, sempre apreciamos o suicídio. Para nós, trata-se de algo*

belo, que dá sentido e forma e honradez às nossas vidas para sempre. É um método para tornar mais real a sensação de que estamos vivos. Por muitos milhares de anos, foi uma tradição nossa.

Pois, veja só, essa sensação de estar vivo não é muito fácil de ser vivenciada. Mesmo embora a vida seja uma coisa que parece ter uma espécie de peso e forma, isso é apenas uma ilusão. Nossa sensação de estar vivos não tem nenhuma fronteira ou limite real. Então nós, os japoneses, dizemos que às vezes a nossa vida parece irreal, assim como um sonho.

A morte é certa. A vida está sempre mudando, como uma lufada de vento no ar, ou uma onda no mar, ou até um pensamento na cabeça. Então fazer um suicídio é encontrar o limite da vida. Ele para a vida no tempo, assim podemos captar que forma ela tem e sentir que ela é real, pelo menos por um instante. É tentar fazer uma coisa concreta real com o fluxo da vida que está sempre mudando.

Hoje em dia, na cultura tecnológica moderna, às vezes ouvimos as pessoas reclamando que nada mais parece real. Tudo no mundo moderno é plástico ou digital ou virtual. Mas eu digo, a vida sempre foi assim! Assim é a vida! Até Platão discutiu que as coisas dessa vida são apenas sombras de formas. Então é isso o que quero dizer quando falo da sensação de mudança e irrealidade da vida.

Talvez você queira me perguntar como é que o suicídio faz a vida parecer real?

Bom, perfurando as ilusões. Perfurando os pixels e achando sangue. Entrando na caverna da mente e andando no fogo. Fazendo sombras sangrarem. Você consegue sentir a vida completamente ao tirá-la.

A sensação do suicídio é de ser a Única Coisa Autêntica.
A sensação do suicídio é de ser o Sentido da Vida.
A sensação do suicídio é de se ter a Última Palavra.
A sensação do suicídio é de parar o Tempo Para Sempre.

Mas é claro que isso também não passa de uma ilusão! O suicídio é só uma parte da vida, então é parte da ilusão.

Hoje em dia no Japão, por causa da Recessão Econômica e do enxugamento, suicídio é muito popular, principalmente entre assalariados de meia-idade que nem eu. Eles são despedidos da empresa e não conseguem sustentar a família. Às vezes têm muitas dívidas. Não podem contar para a esposa, então passam os dias sentados no banco da praça feito gomi. Você sabe o que é gomi? Significa lixo, do tipo que você joga fora e nem recicla. Os homens ficam assustados e sentem vergonha que nem gomi. É uma situação triste.

Quanto a métodos, existem muitos. Enforcamento é um, e o lugar mais popular para suicídios por enforcamento é perto do Monte Fuji, na floresta Aokigahara. O lugar ganhou o apelido de "Floresta do Suicídio" por causa dos muitos assalariados que se enforcam nos galhos do mar de árvores.

Alguns outros métodos são:

1. Pular da plataforma na frente do trem (o Expresso de Chuo é um popular)
2. Pular de um telhado

3. Método do briquete de carvão
4. Método de suicídio do detergente

Tem muitos filmes populares sobre suicídio e também livros que ensinam a usar esses métodos. Eu mesmo tentei o método da plataforma de trem, mas fui um fracasso. Os jovens preferem o nº 2, método de pular de um telhado, e às vezes eles gostam de fazer isso juntos, de mãos dadas. Infelizmente, o suicídio é popular entre os jovens, principalmente estudantes do ensino fundamental e ginásio, por causa da pressão acadêmica e do bullying. Me preocupo porque minha filha é jovem e não está feliz na escola japonesa.

Ultimamente existe a moda dos clubes de suicidas, como você já deve ter ouvido. As pessoas podem se achar pela internet e conversar sobre como fazer um suicídio. Elas podem discutir um método e adaptar como quiserem, por exemplo que tipo de música é certa para a trilha sonora de suas mortes? Então, se acharem uns amigos com quem se sintam em harmonia, eles podem fazer um plano. Eles se encontram em um lugar, por exemplo na estação de trem ou na frente de uma loja de departamento ou em um banco de praça. Talvez carreguem alguma coisa para se reconhecerem? Ou talvez vistam uma roupa especial? Então trocam mensagens de textos até seus olhares se encontrarem, e é assim que eles se reconhecem.

Muitos membros de clubes preferem o nº 3 – método do briquete de carvão. Para fazer esse método, eles precisam alugar um carro juntos e dirigir até a zona rural. Então podem pôr uma música bacana no CD player e escutar enquanto morrem com o gás CO2.

Na maioria das vezes gostam de ouvir músicas tristes de amor.

O aluguel de carros é caro no Japão, e muitas pessoas suicidas não têm muito dinheiro por causa do enxugamento e da falência etc., então é mais econômico ter mais membros. É por isso que às vezes a polícia acha cinco ou seis corpos em um carro.

Toda vez que leio sobre esse método, eu me lembro do dia em que você me levou para fazer compras na loja The Home Depot. Você se lembra disso? Você me apresentou à grelha Weber BBQ e ao briquete com sabor de algarobeira? Infelizmente, não consigo achar briquete com sabor de algarobeira em Tóquio, e a grelha Weber BBQ também não é muito popular por aqui.

Às vezes eu acho que os americanos nunca vão conseguir entender por que um japonês quer fazer um suicídio. Os americanos têm uma impressão forte sobre a própria importância. Acreditam na individualidade, e também têm o Deus deles para dizer que suicídio é errado. Isso é tão simples! Deve ser bom acreditar em uma coisa tão simples. Ultimamente ando lendo uns livros de filosofia escritos por grandes mentes ocidentais sobre o sentido da vida. São muito interessantes, e espero achar algumas respostas neles.

Eu não ligo para mim mesmo, mas tenho medo de que minha atitude não seja saudável para a minha filha. No começo eu achava que devia cometer suicídio para que ela não sentisse vergonha por conta do meu fracasso em arrumar um bom emprego com salário gordo, mas depois de tentar o método nº 1, vi tanta tristeza no rosto dela que mudei de ideia.

Agora eu acho que preciso tentar continuar vivo, mas não tenho nenhuma confiança para isso. Por favor, me ensine um jeito americano simples de amar a minha vida para que eu nunca mais pense em suicídio. Quero descobrir o sentido da minha vida pela minha filha.

Sinceramente,
“Harry”

5.

Prezado Professor Leistiko,

Estou lhe escrevendo devido a uma questão de certa urgência. Sou romancista e, ultimamente, ao pesquisar sobre o tema do suicídio no Japão para um projeto no qual estou trabalhando, por acaso encontrei o seu site e sua pesquisa sobre narrativas de suicídio e autoaniquilação em primeira pessoa. Foi com grande interesse que li a carta muito comovente escrita pelo informante chamado “Harry”, e estou lhe escrevendo para perguntar sobre a identidade dele. Existe alguma possibilidade de que esse “Harry” seja um engenheiro de computação japonês chamado Haruki Yasutani, que morou em Sunnyvale, na Califórnia, e trabalhou no Vale do Silício na época da explosão da internet?

Sei que este pedido deve ser incomum e que sem dúvida há questões de confidencialidade envolvidas, mas estou tentando contatar o Sr. Yasutani ou a filha dele, Naoko. Alguns objetos, inclusive cartas e um diário, que creio pertencerem à filha, caíram em minhas mãos por meios um tanto misteriosos, e estou preocupada com o bem-estar dela e gostaria de devolvê-los assim que possível.

Se houver qualquer outra informação que eu possa dar, ficarei contente em fazê-lo. Fui escritora residente no Departamento de Literatura Comparada de Stanford tempos atrás, e tenho certeza de que o Professor P-L, ou qualquer outro membro do corpo docente, ficaria feliz em atestar minha boa-fé. Espero que o senhor me contate assim que lhe for possível.

Muito cordialmente,
etc.

Ela enviou o e-mail, recostou-se na cadeira e olhou para o relógio do soldado do céu, que estava em cima do manuscrito intacto, onde ela o abandonara horas antes. Seu estômago se revirou. Já passava de uma hora, e a manhã inteira se esvaecera. E, então, como se isso não bastasse, ela escutou o barulho de pneus na entrada da garagem.

6.

O tempo interage com a atenção em formas engraçadas.

Por um lado, quando Ruth estava absorta na mania compulsiva e na hiperconcentração de uma pesquisa na internet, as horas pareciam se agregar e elevar como uma onda, engolindo bons pedaços de seu dia.

No lado oposto, quando sua atenção estava dissipada e fraturada, ela

vivenciava o tempo em sua forma mais granular, em que os momentos pairavam como partículas difusas e suspensas na água parada.

Também costumava haver um meio-termo, quando sua atenção estava centrada, mas era ampla, e o tempo parecia uma piscina cristalina, rodeada de samambaias iluminadas pelo sol. Uma fonte subterrânea alimentava a piscina a partir das profundezas, gerando uma corrente branda de palavras que borbulhavam, enquanto na superfície as brisas tremulavam e brincavam.

Era desse estado jubiloso que Ruth se lembrava de ter desfrutado, outrora, quando escrevia bem. Agora, por mais que se empenhasse, esse Éden lhe escapava. A fonte havia secado, a piscina estava entupida e estagnada. Culpava a internet. Culpava os hormônios. Culpava o DNA. Revirava sites, coletando dados sobre DDA, TDAH, transtorno bipolar, transtorno dissociativo de identidade, parasitas e até mesmo doença do sono, mas seu grande temor era o mal de Alzheimer. Tinha visto a mente de sua mãe definhar e estava familiarizada com o efeito corrosivo que esse quadro tinha sobre a função cerebral. Assim como a mãe, Ruth vivia se esquecendo das coisas. Ela se repetia. Faltavam palavras. Entrava e escapulia do tempo.

O carro era de Muriel, e agora ela e Oliver estavam sentados na cozinha, tomando chá e falando de lixo. Ruth, que descera para ser educada, sentou-se entre os dois, um pouco entediada, escutando a conversa e manuseando as cartas da lancheira da Hello Kitty. Em cima da mesa, ao lado da lancheira, havia um tubo surrado de pasta de dente da marca japonesa Lion, a desculpa que Muriel dera para aparecer de surpresa. Ela o achara na praia, pouco depois de Jap Ranch, e o levara imediatamente.

Ruth não gostava de visitas repentinas. Logo após se mudar para a ilha, ficava pasma com o fato de que as pessoas simplesmente pegavam o carro para fazer uma visita sem antes telefonar ou mandar um e-mail. Oliver achava essa prática ainda mais incômoda do que ela, e uma vez chegara a se esconder em uma caixa de geladeira antiga que havia no porão ao escutar o ruído dos pneus no cascalho, mas a tática não funcionara. As visitas simplesmente abriram a porta e entraram na casa e se sentaram ao redor da mesa da cozinha para esperar, e quando Ruth chegou da rua, se deparou com elas. Ofereceu chá e se perguntou em voz alta onde Oliver estaria.

– Ah, ele não está aqui – disseram-lhe.

Bateram papo e bebericaram chá enquanto Ruth tentava desvendar o propósito da visita. Um tempo depois, ouviu um barulho furtivo vindo do porão

e em seguida Oliver apareceu na porta.

– Por onde você andava? – ela indagou, desconfiada e aborrecida por ele ter sumido por tanto tempo, deixando em suas mãos a tarefa de lidar com a situação.

– Ah, lá fora. Na floresta – disse, tirando as teias de aranha do cabelo.

Por fim, as visitas foram embora e ela o pressionou, e ele acabou confessando.

– Quer dizer que você estava sentado lá embaixo? – ela questionou.

Ele fez que sim, sem graça.

– Na caixa? Esse tempo todo?

– Não foi tanto tempo assim.

– Foram horas! O que você ficou fazendo?

– Nada.

– Você escutou a nossa conversa?

– Um pouco. Não dava para escutar direito.

–Então o que foi que você ficou fazendo?

Ele balançou a cabeça, com uma expressão ao mesmo tempo perplexa e um pouco presunçosa.

– Nada – ele afirmou. – Só fiquei sentado. Foi bom. E estava fresco. Tirei um cochilo.

Ela teve muita vontade de ficar com raiva, mas não tinha como. Era simplesmente da natureza dele e, portanto, ela riu. Aliviado, ele também riu.

Era da natureza dele, assim como visitas inesperadas eram parte da natureza da ilha. Por mais esquisito e enervante que fosse o costume, quando as visitas apareciam, eram convidadas a entrar e tomar um chá.

A descoberta do tubo de pasta da marca Lion era curiosa, e era uma delicadeza de Muriel compartilhá-la, mas a conversa tinha se voltado para a meia-vida do plástico no giro, assunto que Ruth achava enfadonho, portanto, ela desviou a atenção para as cartas. Espalhou as folhas na mesa, desdobrando cada uma e examinando o inescrutável kanji. No mínimo, talvez conseguisse decifrar um endereço. Até o nome da província já seria útil. Oliver e Muriel continuaram a falar, embora aquilo não fosse exatamente uma conversa, Ruth percebeu. Na verdade, a troca de ideias mais parecia uma sessão de um congresso acadêmico, dois professores se alternando no estrado, apresentando dados que ambos conheciam, e sobre os quais já estavam mais ou menos de acordo.

– O plástico é assim – Oliver dizia. – Nunca se biodegrada. É jogado de um

lado para o outro do giro e transformado em partículas. Os oceanógrafos chamam de confete. No estado granular, existe para sempre.

– O mar está cheio de confete de plástico – Muriel afirmava. – Ele boia e é comido pelos peixes ou atirado na praia. Está na nossa cadeia alimentar. Não sinto nenhuma inveja dos antropólogos que tentarão entender a nossa cultura material a partir de todas as pepitas duras de cores vivas que vão desencavar dos amontoados de lixo no futuro.

A última carta era mais volumosa que as outras. Havia sido embrulhada em um pacote feito de várias camadas de papel encerado e engordurado. Com cuidado, Ruth removeu as camadas, deixando o papel grudento de lado. Enfiado ali dentro e dobrado duas vezes, havia um caderno de redação fino, do tipo que um aluno teria usado na universidade para escrever um ensaio. Ela o desdobrou e o abriu, esperando ver mais da letra cursiva japonesa, mas para sua surpresa, o alfabeto era romano e a língua era a francesa.

Era a vez de Oliver.

– Os antropólogos do futuro… – ele começava a dizer quando Ruth o interrompeu.

– Com licença – ela disse. – Detesto mudar de assunto, mas alguém sabe francês?

7.

Ela lhes mostrou o caderno de redação e eles se revezaram na tentativa de lê-lo, mas não chegaram muito longe.

– A educação bilíngue não me valeu de nada – declarou Muriel. Ela olhou para o relógio, tirou os óculos de leitura e começou a juntar suas coisas. – Tente ligar para o Benoit.

Ruth não conhecia Benoit.

– Benoit LeBec – disse Muriel. – Ele é o cara do depósito, é do Quebec, frequenta o A, dirige a empilhadeira…

– A?

– AA – explicou Muriel. – Mas como nada é anônimo nesta ilha, chamam só de A. A esposa dele trabalha na escola, e sei que ele é um leitor voraz. Os pais dele eram professores de literatura.

Ela estendeu o braço para pegar o tubo destroçado de pasta de dente Lion que estava ao lado do saco coberto de cracas.

– Você já ligou para a Callie para falar disso? – indagou Muriel, apontando

para o saco, que exalava gases à medida que as cracas agonizavam.

– Não – respondeu Ruth, pesarosa. Ela pretendia fazê-lo, mas vinha achando cada vez mais difícil pegar o telefone. Não gostava mais de conversar com as pessoas em tempo real.

– Bom, fiquei sabendo por acaso que ela acabou de voltar de um cruzeiro e vai passar um tempo aqui na ilha. É melhor você ligar para ela antes que esses bichinhos fiquem mais mortos ainda.

Ruth sentiu uma pontada de remorso.

– Será que a gente devia ter tentado mantê-los vivos? Nunca pensei…

Muriel encolheu os ombros e se levantou.

– Bem provável que não tenha importância, mas liga para ela assim mesmo. Quem sabe ela não consegue te dizer alguma coisa. – Ela mudou de ideia e deixou a pasta de dente sobre a mesa, e agora acenava na direção do tubo de um jeito meio professoral. – Vou deixar isso com você, então – declarou. – Sob a sua curadoria, digamos, porque a minha impressão é de que isso é uma coleção e tem que ficar junta.

Eles a acompanharam até o carro. Muriel estava usando um cardigã masculino amarfanhado sobre a saia comprida e as galochas, e ao vê-la se esforçar para impulsionar o corpo na descida dos degraus da varanda, Ruth pensou na descrição feita por Nao sobre as idosas nas casas de banho, em como tinham várias formas e tamanhos. Ruth também sentia a idade, nos joelhos, nos quadris. Em Nova York, ia a todos os lugares a pé e nunca achava difícil fazer exercícios físicos suficientes. Ali na ilha, ela geralmente dirigia. Pensou no East Village, seu bairro de outrora, nas cafeterias, nos restaurantes, nas livrarias, no parque. Sua vida em Nova York ainda lhe parecia vívida e real. Como Sunnyvale para Nao.

…a zilhões de quilômetros de distância no tempo e no espaço, como a bela Terra vista do espaço sideral, e eu e papai éramos astronautas, morando em uma espaçonave, orbitando nas trevas frias.

São apenas quatro horas, mas já escurece lá fora. A chuva deu uma trégua, mas o ar ainda está úmido e frio. Caminharam pelo gramado empapado. Oliver segurava a porta do carro para Muriel quando uma movimentação repentina nas alturas chamou sua atenção. Ele ergueu o olhar e em seguida apontou.

– Olhem!

No galho do bordo, nas sombras crepusculares, havia um corvo peculiar. Era de um tom negro luzidio, com uma saliência singular na testa e bico comprido, grosso e curvo.

– Que estranho – comentou Muriel. – Parece um corvo da selva.

– Acho que é uma subespécie – declarou Oliver. – *Corvus japonensis*…

– Também chamado de corvo da selva – acrescentou Muriel. – Que coisa mais estranha. Você acha…?

– Acho – disse Oliver. – Um dia ele apareceu, do nada. Imagino que tenha pegado carona em um destroço.

– Uma visita inesperada – disse Muriel.

Ela sabia da aversão que tinham a visitas inesperadas. Achava graça.

O corvo abriu as asas e pulou uns centímetros no galho.

– Como você sabe que é macho? – indagou Ruth.

Oliver encolheu os ombros, como se a pergunta fosse irrelevante, mas Muriel assentiu.

– Tem razão – ela disse. – Ele pode ser ela. Vovó Corvo, ou T'Ets, em Sliammon. Ela é uma das ancestrais mágicas que podem mudar de forma e se transformar em bichos ou seres humanos. Ela salvou a vida da neta quando a menina engravidou e o pai dela mandou que a tribo a abandonasse. O pai falou para o P'a apagar todos os fogos, mas T'Ets escondeu um carvão em chamas para a neta numa concha e salvou a vida da menina. A menina depois deu à luz sete cachorrinhos, que mais tarde se despiram de suas peles e se transformaram em humanos e se tornaram o povo Sliammon, mas essa já é outra história.

Ela apoiou o braço no chassi do carro e se abaixou devagar até se sentar no banco. Ruth lhe deu a mão, amparando seu cotovelo.

O corvo observou os acontecimentos de seu galho. Quando Muriel já estava dentro do carro, ele abriu o bico e emitiu um grasnido estridente.

– Tchau para você também – disse Muriel, dando partida no motor e acenando na direção da ave.

O corvo inclinava a cabeça à medida que o carro descia lentamente a entrada longa e sinuosa, diminuindo de tamanho até desaparecer numa curva em meio às árvores gigantescas. Oliver foi para o jardim colher verduras para o jantar, mas Ruth ficou mais um tempo ali, junto ao monte de lenha, contemplando o corvo.

– Ei, Corvo – ela chamou.

O corvo inclinou a cabeça. *Ke*, ele respondeu. *Ke*, *ke*.

– O que é que você está fazendo aqui? – ela perguntou. – O que é que você está querendo?

Porém, dessa vez, o corvo não respondeu. Simplesmente a fitou com seus olhos de azeviche. Esperando. Ruth tinha certeza de que o corvo esperava.

54 *Shinia Kesshitai* (シニア決死隊).

Nao

1.

É complicado escrever sobre coisas que aconteceram há muito tempo, no passado. Quando Jiko me conta histórias empolgantes de seu passado, como a vez em que seu ídolo, a famosa anarquista e terrorista anti-imperialista Kanno Sugako, foi enforcada por traição, ou quando meu tio-avô Haruki nº 1 morreu no decorrer de um ataque suicida de bombardeiros a um navio de guerra americano, as histórias parecem tão reais, mas depois, quando me sento para anotá-las, elas escapolem e voltam a se tornar irreais. O passado é esquisito. Quer dizer, ele existe de verdade? A sensação é de que existe, mas onde ele está? E se existiu mesmo mas não agora, então onde foi parar?

Quando a velha Jiko fala do passado, os olhos dela se voltam totalmente para dentro, como se olhasse fixamente para algo enterrado no fundo de seu corpo, no tutano dos ossos. Os olhos dela são leitosos e azulados por causa das cataratas e, quando os volta para dentro, é como se entrasse em outro mundo congelado lá no interior do gelo. Jiko chama suas cataratas de *kuuge*, que significa “flores de vazio”.[55] Acho lindo.

O passado da velha Jiko está muito distante, mas, mesmo que o passado não tenha acontecido há tanto tempo, como minha vida feliz em Sunnyvale, ainda é difícil escrever sobre ele. Essa vida feliz parece mais real do que a minha vida de verdade atual, mas ao mesmo tempo é como uma memória pertencente a uma Nao Yasutani totalmente diferente. Talvez aquela Nao do passado nunca tenha existido, exceto na imaginação desta Nao do presente, sentada aqui no café temático da Cidade Elétrica Akiba. Ou talvez seja o contrário.

Se você já tentou manter um diário, entende que o problema de tentar escrever sobre o passado, na verdade, começa com o presente: por mais rápido que escreva, você está sempre preso no *antes* e nunca consegue chegar ao que está acontecendo *agora*, o que quer dizer que o *agora* está basicamente condenado à extinção. É inútil, sério. Não que o agora seja lá muito interessante. O agora geralmente sou eu, sentada em um café temático

espremido ou em um banco de pedra do templo a caminho da escola, mexendo a caneta de um lado para o outro da folha uma centena de bilhões de vezes, tentando alcançar a mim mesma.

Quando eu era mais nova em Sunnyvale, fiquei obcecada com a palavra *agora*. Meus pais falavam japonês em casa, mas todas as outras pessoas falavam inglês, e às vezes eu ficava imprensada entre as duas línguas. Quando isso acontecia, palavras rotineiras e seus significados de repente se separavam e o mundo se tornava estranho e irreal. A palavra *agora* sempre me causou uma sensação especial de estranheza e irrealidade porque ela era eu, pelo menos na sua sonoridade inglesa, *now*. Nao era *now* e tinha um sentido bem diferente.

No Japão, certas palavras têm kotodama,[56] que são espíritos que vivem dentro da palavra e lhe dão um poder especial. O kotodama do *agora* me parecia um peixe escorregadio, um atum gordo e liso de barriga grande, cabeça pequena e rabo, que é mais ou menos assim:



NOW parecia um peixe grande engolindo um peixe pequeno, e eu queria pegá-lo e impedi-lo. Eu era só uma criança e achava que, se conseguisse captar o sentido do peixe grande *NOW*, poderia salvar o peixe pequeno *Naoko*, mas a palavra sempre me escapulia.

Acho que tinha uns 6 ou 7 anos na época, e eu me sentava no banco traseiro da nossa perua Volvo, contemplando os campos de golfe e shoppings e os prédios em construção e fábricas e salinas jorrando às margens da Bayshore Freeway, e ao longe a água da baía de São Francisco era azul e cintilante, e eu deixava a janela aberta para que a bruma quente, seca e poluída soprasse meu rosto enquanto sussurrava *Agora!*… *Agora!*… *Agora!*… inúmeras vezes, cada vez mais rápido, para o vento, enquanto o mundo continuava a açoitar, tentando captar o momento em que a palavra era o que é: quando o *agora* se tornava *AGORA*.

Mas com o tempo que se leva para dizer *agora*, o agora já está terminado. Já é *antes*.

Antes é o oposto de *agora*. Portanto, dizer *agora* destrói seu sentido,

tornando-o exatamente o que não é. É como se a palavra estivesse cometendo suicídio ou algo desse gênero. Então eu passava a encurtá-la… *agora, ago, ag, o*… até que ela virava um bando de grunhidos e nem era mais uma palavra. Era inútil, como tentar segurar um floco de neve na língua ou uma bolha de sabão entre os dedos. Segurá-la é destruí-la, e sentia que eu também estava desaparecendo.

Coisas assim podem te deixar louco. É nesse tipo de coisa que meu pai pensa o tempo inteiro, lendo suas Grandes Mentes da Filosofia Ocidental, e depois de observá-lo compreendo que é preciso cuidar da própria mente, ainda que ela não seja grande, porque se não você pode acabar com a cabeça nos trilhos.

2.

O aniversário do meu pai era em maio, e meu funeral foi um mês depois. Papai estava bastante otimista, pois havia conseguido suportar mais um ano vivo e tinha acabado de ficar em terceiro lugar no Great Bug Wars por seu *Cyclommatus imperator*[57] voador, o que era grande coisa porque é muito difícil dobrar as asas estendidas. Portanto, papai estava muito bem para uma pessoa suicida, e eu também estava bem para uma vítima de torturas. As crianças da escola continuavam a fingir que eu era invisível, só que agora o nono ano inteiro agia assim, e não apenas a minha classe. Sei que parece algo extremo, mas no Japão é muito comum, e existe até nome para isso, que é zen-in shikato.[58] Então, eu era alvo de grandes atos de zen-in shikato, e quando estava no pátio ou no corredor ou me dirigindo à minha carteira, escutava meus colegas de classe dizendo coisas como: “A aluna transferida Yasutani não aparece na escola há semanas!” Nunca me chamavam de Nao ou Naoko. Somente de aluna transferida Yasutani ou apenas de aluna transferida, como se eu nem tivesse nome. “A aluna transferida anda doente? Vai ver que a aluna transferida está com uma doença americana nojenta. De repente o Ministério da Saúde botou a garota de quarentena. A aluna transferida devia ficar de quarentena. Ela é um baikin.[59] Eca, espero que não seja contagiosa! Só é contagiosa se você fizer aquilo com ela. Que nojo! Ela é uma piranha. Eu nunca faria aquilo com ela! É, isso é porque você é broxa. Cala a boca!”

Típico. Era o tipo de coisa que antes diziam na minha cara, mas agora diziam uns para os outros, na minha frente, para que eu ouvisse. E também faziam outras coisas. Quando você entra numa escola japonesa, tem um lugar com armários onde você tira os sapatos usados na rua e põe os chinelos. Eles

esperavam o instante em que eu já havia tirado um dos sapatos, me equilibrando em um pé, e esbarravam em mim e me empurravam para o chão e pisavam em mim como se eu não estivesse ali. “Ai, que fedor!”, eles diziam. “Alguém pisou em cocô de cachorro?”

Antes da aula de educação física, é preciso vestir o uniforme de ginástica, mas a minha escola era tão ridícula que não tinha vestiários de verdade, como em Sunnyvale, então todo mundo se trocava na sala de aula, na carteira. As meninas tinham uma sala e os meninos, outra, e você precisava se levantar e tirar as roupas e vestir aqueles uniformes idiotas, e quando eu estava sem roupa, as meninas tampavam o nariz e a boca, olhavam ao redor e diziam “Nanka kusai yo![60] Tem alguma coisa morta por aí?” e talvez tenha surgido daí a ideia do funeral.

3.

Faltava mais ou menos uma semana para as férias de verão quando tive uma sensação arrepiante de que algo havia mudado novamente. Foi tudo supersutil, mas dá para perceber, e se você já foi o alvo de operações psicológicas militares, ou torturado ou caçado ou perseguido, sabe que o que digo é verdade. Você é capaz de ver os sinais porque sua vida depende disso, só que, dessa vez, o que acontecia era praticamente nada. Eu não era mais empurrada e pisoteada no genkan[61] e ninguém fazia comentários de que eu fedia ou era doente. Todos preferiam andar em silêncio e com cara de tristeza, e quando um menino nerd perdeu o controle e caiu na risadinha no instante em que passei por perto, ele logo tomou um soco. Eu sabia que ia acontecer alguma coisa, e isso me deixava maluca. Então, no almoço, reparei que distribuíam algo, uma espécie de papel dobrado, como se fossem cartas ou coisa assim, mas, como é claro que ninguém me entregou nada, tive de esperar até as aulas terminarem naquela tarde para descobrir o que era.

Terminada a aula, fui para casa como sempre, e estava no apartamento, fingindo fazer o dever de casa e tentando pensar numa desculpa para sair de novo, quando meu pai começou a procurar alguma coisa, e então o ouvi suspirar, o que queria dizer que procurava cigarro e o maço estava vazio.

– Urusai yo! – eu disse, irritada. – Tabako katte koyo ka?[62]

Só o fato de me oferecer já era grande coisa. Meu pai não gosta de sair, apesar de a máquina de venda automática ficar a poucos quarteirões, mas em geral me recuso a ir comprar cigarro para ele porque, de todas as maneiras que

alguém pode cometer suicídio, fumar é a mais idiota e também a mais cara. Quer dizer, por que deixar um monte de fabricantes de tabaco rico e ainda mais rico matando você, não é? Mas dessa vez seu hábito repulsivo foi a desculpa perfeita, e ele ficou agradecido, e me deu um dinheirinho a mais para comprar refrigerante. Calcei meus tênis de corrida em vez dos chinelos de plástico que normalmente usamos para fazer as coisas no bairro, e, a caminho da porta, enfiei uma faquinha de cozinha no bolso. Corri pela ruela e me escondi atrás da fileira das máquinas automáticas que vendem cigarro e revistas pornôs e energéticos.

Eu esperava Daisuke-kun. Ele era da minha sala e morava com a mãe no nosso prédio. Era mais novo que eu, um insetinho de criança e, como a mãe dele era solteira e atendente de bar e pobre, ele era quase tão zoado quanto eu. Daisuke-kun era realmente patético, e depois de um tempo o vi, com uma bolsa de livros na frente do corpo e tropeçando rua afora, andando sempre com as costas viradas para a parede de concreto. Era o tipo de menino que até de calça comprida parecia que deveria usar short. Só de ver sua cabecinha de alfinete balançando sobre o pescoço magro e os olhos arregalados ao olhar em todas as direções embora ninguém o seguisse, já perdi a cabeça e fiquei louca de raiva, então, quando ele passou na frente das máquinas, dei um salto, segurei-o e puxei-o para a ruela, e imagino que a adrenalina da raiva tenha me dado poderes sobre-humanos, porque derrubá-lo era tão fácil quanto tirar uma meia de um varal. Sinceramente, foi ótimo. Me senti ótima. Poderosa. Exatamente da maneira que esperava me sentir quando sonhava em obter vingança. Derrubei seu boné da escola e o peguei pelo cabelo e o fiz se ajoelhar diante de mim. Ele caiu e ficou paralisado, assim como uma baratinha quando você acende a luz da cozinha, instantes antes de ser esmagada pelo chinelo. Puxei sua cabeça para cima e encostei a faquinha de cozinha no pescoço dele. A faca era afiada, e eu percebi a veia pulsando no pescoço fino. Não precisaria fazer esforço nenhum para cortá-lo. Seria um ato insignificante.

– Nakami o misero![63] – eu disse, chutando a bolsa de livros com o pé. – Esvazia isso aí! – Minha voz estava grave e áspera, como uma sukeban.[64] Até eu me surpreendi.

Ele abriu a sacola de livros e despejou o que havia ali dentro junto aos meus pés.

– Não tenho mais dinheiro nenhum – ele gaguejou. – Já me levaram tudo.

Claro que levaram. Os meninos poderosos, liderados por uma verdadeira sukeban chamada Reiko, tinham uma operação inteira para depenar crianças

patéticas como eu e Daisuke.

– Não preciso da sua porcaria de dinheiro – eu disse. – Eu quero é o cartão.

– Cartão?

– Aquele que foi distribuído na escola. Eu sei que você ganhou um. Me dá. – Chutei seu estojo do Ultraman e os lápis e canetas saíram voando. Ele revirou as coisas, se apoiando nos joelhos e nas mãos, procurando no meio dos livros escolares. Por fim, me entregou um cartão feito de papel e dobrado, tomando o cuidado de não me olhar nos olhos. Peguei o cartão das mãos dele.

– De joelhos – ordenei. – Fecha os olhos e abaixa a cabeça. Ponha as mãos debaixo dos joelhos.

Ele enfiou as mãos embaixo das coxas. Era uma posição que ele conhecia bem, e eu também. Vem de uma brincadeira infantil chamada kagome kagome,[65] uma espécie de ciranda japonesa. A criança que vai para o meio da roda se torna o oni[66] e tem que se ajoelhar no chão, de olhos vendados, e todas as outras se dão as mãos e andam em círculo à sua volta, entoando a seguinte canção:

Kagome Kagome
Kago no naka no tori wa
Itsu itsu deyaru? Yoake no ban ni
Tsuru to kame ga subetta.
Ushiro no shoumen dare?

Cuja tradução é:

Kagome, kagome,
Pássaro na gaiola,
Quando, ah, quando você vai fugir? Na noite do amanhecer,
a Garça e a Tartaruga fracassaram.
Quem está aí agora, atrás de você?

No final da canção, todo mundo para de rodar e o oni tenta adivinhar quem está atrás dele, e se acertar, trocam de lugar e a outra criança se torna o oni.

É assim que a brincadeira deve ser feita, mas a versão da nossa escola era diferente. Acho que se pode dizer que é uma espécie de versão aprimorada, chamada kagome rinchi,[67] muito popular entre os alunos do ginásio de hoje em dia. No kagome rinchi, caso seja o oni, você tem que se ajoelhar no chão com as mãos debaixo das coxas enquanto as crianças rodam, te chutando e socando

enquanto entoam a canção do kagome. Terminada a canção, mesmo se ainda tiver voz, você não ousa adivinhar o nome da criança que está atrás de você, porque mesmo se você acertar, seu palpite estará errado e eles começam tudo de novo. No kagome rinchi, depois que se torna o oni, você é sempre o oni. A brincadeira geralmente acaba quando você não consegue mais ficar de joelhos e cai.

Portanto, Daisuke-kun estava de joelhos na ruela, de olhos bem fechados, esperando que lhe desse um soco ou um chute ou que o cortasse com a faca de cozinha, mas eu não tinha pressa. Ainda estava cedo e não havia ninguém na ruela àquela hora, já que as atendentes de bar não têm juízo nem para pôr os recicláveis na rua antes do escurecer. Desdobrei o cartão que ele me dera. Era o anúncio, escrito a pincel numa bela caligrafia, de uma cerimônia fúnebre. A letra era formal e delicada, como a de um adulto, e me perguntei se não fora escrito por Ugawa Sensei. A cerimônia fúnebre aconteceria no dia seguinte, na última aula antes das nossas férias de verão. A falecida era a ex-aluna transferida, Yasutani Naoko.

Daisuke permanecia ajoelhado aos meus pés, cabeça baixa, olhos fechados. Peguei um punhado de seu cabelo, puxei sua cabeça para cima e enfiei o papel diante de seu nariz.

– Isso te deixa feliz?

– Na… não – ele gaguejou.

– Usotsuke…![68] – eu disse, puxando o cabelo dele. Claro que aquele inseto patético estava mentindo. Quando você não é ninguém, sempre fica feliz quando outra pessoa é torturada em vez de você, e eu queria castigá-lo por isso. O cabelo dele era nojento, áspero demais para um menino daquela idade, como o de um velho na cabeça de um jovem e, além disso, era oleoso, como se tivesse passado o gel do namorado da mãe. Aquilo me deu arrepios. Cerrei os dedos e puxei com mais força, até sentir os folículos se soltando dos poros. Peguei a faca e apertei a lâmina contra o pescoço dele. A pele era pálida e quase azul, um pescoço de menina. Os tendões estavam retesados e trêmulos, e as veias pulsavam contra a serrilha fina de metal. O tempo desacelerou, e cada momento se desdobrou em um futuro cheio de possibilidades infinitas. Seria muito fácil. Cortar a artéria e ver o sangue vermelho jorrar e sujar o chão, drenando a vidinha idiota daquele corpinho idiota. Ou soltá-lo. Deixar o inseto patético ir embora. Não fazia diferença. Encostei a lâmina com um pouco mais de força. De quanta pressão a mais precisaria? Se você já examinou as células da pele sob o microscópio nas aulas de biologia, entende como a lâmina

serrada da faca pode separar as células até o sangue começar a vazar. Pensei no meu funeral, no dia seguinte, e em como essa seria uma boa maneira de pôr um ponto final na situação. Dar a eles um cadáver de verdade. Não o meu.

Daisuke gemeu. Estava de olhos fechados, mas a boca estava aberta e o rosto estranhamente relaxado. Uma gotinha de saliva escorreu do canto de seus lábios rachados. Parecia estar sorrindo.

Meu punho, segurando a faca, parecia estar falando sério, e também sentia a força e o poder do meu braço. Gostei disso. Parados ali, estávamos congelados no tempo, eu e Daisuke-kun, e o futuro era meu. Fosse qual fosse a minha escolha, naquele momento eu era dona de Daisuke e era dona de seu futuro. Era uma sensação esquisita, arrepiante e um pouco íntima demais, pois se o matasse agora estaríamos ligados para sempre, eternamente, e portanto o soltei. Ele caiu a meus pés.

Olhei para as minhas mãos como se fossem de outra pessoa. Fios de seu cabelo nojento estavam grudados na minha mão pelas bolhas brancas dos folículos. Eu os desgrudei esfregando a mão na saia.

– Vai embora daqui – mandei. – Vai pra casa.

Daisuke se levantou devagar e limpou os joelhos.

–Você devia ter levado adiante – ele declarou.

As palavras dele me surpreenderam.

– Levado o que adiante? – indaguei como uma boba.

Ele se agachou no cimento e, sem pressa, foi colocando os livros de volta na sacola.

– Me cortado – ele disse, levantando a cabeça e piscando. – Cortado meu pescoço. Eu tenho vontade de morrer.

– Tem? – perguntei.

Ele fez que sim.

– É claro – ele disse, e então voltou a se concentrar no recolhimento de seus papéis.

Eu o observei por um tempo. Senti pena dele, pois sabia do que estava falando, e cheguei a pensar em me oferecer para fazê-lo de novo, mas o momento já havia passado. Puxa vida.

– Desculpe – pedi.

Ele fez que não.

– Tudo bem – ele murmurou.

Passei mais um tempo observando-o rastejar com os joelhos no chão, procurando os lápis debaixo das máquinas de vendas. Quase o ajudei, mas

preferi lhe dar as costas e ir embora. Não olhei para trás. Não me preocupei com a possibilidade de contar a alguém. Ele sabia que não era uma boa ideia, assim como eu. Andei até a estação, onde há máquinas melhores, e comprei para o meu pai um maço de Short Hopes, pois, por conta do nome, era a única marca que eu me dispunha a comprar, e depois, na máquina de bebidas, comprei uma lata de Pulpy. É tipo um suco de laranja com pedaços grandes de polpa que eu gosto de estourar com os dentes.

4.

Meu funeral foi lindo e bem real. Todas as crianças da minha sala usaram braçadeiras pretas, e montaram um altar na minha carteira com vela e incenso e minha foto escolar, ampliada e emoldurada, decorada com fitas pretas e brancas. Um por um, meus inimigos se revezaram junto à carteira e me prestaram suas homenagens, deixando uma flor branca de papel diante do meu retrato enquanto o restante da classe permanecia de pé ao lado das carteiras, de mãos entrelaçadas e olhos fixos no chão. Talvez estivessem tentando conter o riso, mas acho que não. A atmosfera era muito solene e parecia um funeral de verdade. Daisuke-kun empalideceu quando chegou a sua vez de se aproximar, mas ele foi em frente, ofereceu uma flor e fez uma grande mesura, e quase senti orgulho dele, o que reconheço que soa meio perverso, mas acho que a gente se afeiçoa às pessoas que torturamos e que já tiveram o futuro em nossas mãos.

Nesse ínterim, Ugawa Sensei entoava um hino budista. Não o reconheci na época, já que cresci em Sunnyvale e ainda não tinha muito contato com a tradição budista, mas depois, ao escutá-lo de novo no templo da minha velha Jiko, eu lhe perguntei sobre a canção. Ela me explicou que se chamava “Maka Hanya Haramita Shingyo”,[69] que significa algo como “O Sutra do Coração da Grande Sabedoria Completa”. O único trecho de que me recordo é assim: *Shiki fu i ku, ku fu i shiki*.[70]

É muito abstrato. A velha Jiko tentou explicá-lo, e não sei se entendi bem ou não, mas acho que significa que nada no mundo é concreto ou real, já que nada é permanente, e todas as coisas – inclusive árvores, animais, cascalho, montanhas, rios e até mesmo eu e você – estão apenas fluindo por enquanto. Acho que é verdade, e é bem reconfortante, e só achei ruim não compreender isso na época do meu funeral, quando Ugawa Sensei cantarolava, pois teria me sentido bastante aliviada, mas é claro que não sabia, porque esses sutras estão numa linguagem antiquada que ninguém entende hoje em dia, a não ser quem é

como Jiko e tem a função de saber. Mas na verdade não importa, porque, ainda que não seja capaz de entender as palavras, você sabe que elas são belas e profundas, e a voz de Ugawa Sensei, geralmente tão sussurrante e desagradável, de repente ficou suave e triste e amável, e ele cantava com emoção, como se fosse sério. Quando se aproximou da minha carteira para me ofertar uma flor, a expressão de seu rosto me deu vontade de chorar, de tão fechada e tomada por sua própria melancolia. Cheguei a chorar algumas vezes – como no instante em que meu retrato foi pendurado com as fitas fúnebres pretas e brancas e em que percebi o respeito com que meus colegas de classe me tratavam, com suas cabeças abaixadas e flores de papel. Deviam ter se reunido em grupos após a aula para fazer aquelas flores e decorar minha fotografia. Estavam muito sérios e taciturnos. Quase tive amor por eles.

5.

Como não fui à escola nesse dia, não compareci ao meu funeral. Eu o vi depois. Após o meu encontro com Daisuke, fui para casa, entreguei os cigarros ao meu pai e me deitei. Naquela noite, quando minha mãe chegou em casa, vomitei de propósito no chão do banheiro e lhe disse que estava passando mal, e na manhã seguinte vomitei de novo para me garantir, e como era o último dia de escola antes das férias de verão, ela me deixou ficar em casa. Fiquei muito feliz, imaginando ter escapado daquela situação toda, mas naquela noite recebi um e-mail anônimo cujo assunto era “A morte trágica e precoce da aluna transferida Nao Yasutani”. O e-mail era um link para um site de compartilhamento de vídeos. Alguém havia filmado o meu funeral com o telefone keitai e o postado na internet, e nas horas seguintes, vi a contagem de acessos subir. Não sabia quem assistia ao vídeo, mas ele estava com centenas e depois milhares de acessos, como se estivesse se tornando um viral. Estranho, mas quase senti orgulho. Era uma sensação meio boa ser popular.

6.

Acabo de me lembrar de alguns versos do “Sutra do Coração”, que são assim:

gaté gaté, para gaté,
parasam gaté, boji sowa ka…

Na verdade, essas palavras são de uma língua indiana antiga[71] e não do japonês, mas Jiko me falou que significam mais ou menos o seguinte:

partiu partiu, partiu para além,
partiu para o completo além, desperto, vivas…

Eu não parava de pensar em Jiko e no alívio que ela sentiria quando todos os seres sensíveis, até os imbecis dos meus terríveis colegas, despertassem e evoluíssem e partissem, para que ela enfim pudesse descansar. Devia estar exausta.

55 *kūge* (空華) – literalmente flores do “vazio” ou “céu”, uma expressão idiomática que se refere às cataratas; também é o título do capítulo 43 do *Shōbōgenzō* do mestre zen Dōgen. O kanji *kū* (空) tem vários significados, entre eles “céu” e “espaço”, ou “vazio”, como em 空兵 (soldado do céu). A expressão “flores do céu” alude ao ofuscamento da visão pelas cataratas, mas nos ensinamentos budistas tradicionais alude aos enganos causados pelas obstruções cármicas da pessoa. Dōgen parece ter reinterpretado esse conceito de forma a significar “florescer de vazio”; em outras palavras, um estado iluminado. Todas as coisas do mundo, ele diz, são o florescer cósmico do vazio.

56 *kotodama* (言霊) – literalmente “discurso” (*koto*) + “espírito ou alma” (*tama*).

57 Besouro-de-chifre.

58 *zen-in shikato* (全員しかと) – literalmente “ostracismo coletivo” ou “ser ignorado por todos”.

59 *baikin* (ばい菌) – germe.

60 *Nanka kusai yo!* – Tem alguma coisa fedendo!

61 *genkan* (玄関) – entrada, saguão.

62 *Urusai yo! Tabako katte koyō ka?* – Você é muito barulhento! Quer que eu compre cigarro para você?

63 *Nakami o misero!* – Me mostra o que tem aí dentro!

64 *sukeban* (スケ番) – menina mandona, menina delinquente.

65 *kagome* (籠目) – um tipo de tecelagem feita com bambu aberto usada em cestas e gaiolas.

66 *oni* (鬼) – demônio, ogro.

67 *rinchi* – do inglês *lynch*, “linchar”.

68 *Usotsuke!* – Mentiroso!

69 Um texto essencial do budismo maaiana.

70 Forma é vazio e vazio é forma.

71 Sânscrito.

Parte II



Na realidade, todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo. O reconhecimento, por seu foro íntimo, do que diz o livro, é a prova da verdade deste (...).

– Marcel Proust, *Le temps retrouvé*

Ruth

1.

A imagem na tela mostra um homem de trinta e tantos ou quarenta e poucos anos parado em frente a um campo vasto de destroços do tsunami que se estende até longe, até onde alcança o olho da câmera. O homem usa uma máscara de papel branco no rosto, mas a abaixara até o queixo a fim de conversar com o repórter. Veste calça de moletom puída, luvas de trabalho, jaqueta fechada a zíper, botas. Levanta o braço para apontar as ruínas atrás de si.

– É como um sonho – ele declara. – Um sonho terrível. Eu fico tentando acordar. Acho que, quando eu acordar, minha filha vai ter voltado.

Sua voz é monótona, as declarações concisas.

– Perdi tudo. Minha filha, meu filho, minha esposa, minha mãe. Nossa casa, os vizinhos. Nossa cidade toda.

A legenda na parte inferior da tela dá o nome do homem: *T. Nojima, lixeiro, município de O., província de Miyagi*.

O âncora, voz abafada pela máscara no rosto, se dirige à câmera. Explica que estão no lugar onde ficava a casa do Sr. Nojima. O cenário é de devastação total, mas o que a câmera não capta é o fedor. Ele recoloca a máscara. O cheiro, afirma, é insuportável, um odor asfixiante de carne e peixe podres, entranhados nos destroços. O Sr. Nojima procura a filha de 6 anos. Tem poucas esperanças de encontrá-la viva. Está procurando a mochila que ela usava na manhã de 11 de março, quando foram atingidos pelo tsunami.

– É vermelha – diz Nojima. – Com um desenho da Hello Kitty. Eu tinha acabado de comprar. O ano letivo estava começando e ela estava muito orgulhosa da mochila. Usava em casa. Ela ia cursar o primeiro ano.

Nojima e a filha estavam na cozinha de casa quando a parede de água preta e destroços pôs a casa abaixo. Em segundos, Nojima foi espremido contra o teto e a filha sumiu. Ele imaginou que se afogaria, mas por milagre a casa foi arrancada dos alicerces no instante em que o teto desmoronou, e ele foi

empurrado para o segundo andar e depois para o quarto, onde a esposa se encolhia num canto, segurando o filho ainda bebê.

– Tentei segurar a mão dela – ele relata. – Quase consegui, mas a casa virou e se partiu ao meio.

A esposa e o filho foram arrastados para longe. Ele imaginou que ainda conseguiria alcançá-los. Deu conta de subir no telhado de um edifício de concreto que passava por ali. Viu a esposa no canto do quarto deles, que boiava, segurando o bebê, mas ela era arrastada para longe. Ele a chamou. O bramido da água e dos destroços colidindo era ensurdecedor.

– Era muito alto, mas acho que ela me ouviu. Ela me olhou. Os olhos dela estavam arregalados, mas ela não deu nem um grito. Não queria assustar o bebê. Ela ficou me olhando até o fim.

Ele balança a cabeça como se tentasse clarear mais as lembranças da situação. Fixa o olhar no campo de destroços – casas despedaçadas e carros amassados, blocos de concreto e vigas entrelaçadas, barcos, partes de móveis, utensílios esmagados, telhas soltas, roupas, coisas –, um amontoado medonho de vários metros de profundidade. Ele olha para os pés, mexendo num emaranhado lodoso de tecido com a ponta do sapato.

– É provável que eu nunca encontre a minha família – diz ele. – Já perdi a esperança de dar um enterro digno a eles. Mas se eu conseguir achar alguma coisa, qualquer coisa que pertencia à minha filha, vou poder descansar a cabeça e ir embora deste lugar. – Ele engole em seco e respira fundo. – Aquela vida que tive com a minha família é o sonho – ele declara. Faz um gesto em direção à paisagem arruinada. – Esta é a realidade. Tudo se foi. A gente precisa acordar e entender isso.

2.

Nos dias que se seguiram ao terremoto e ao tsunami, Ruth se sentou diante da tela do computador, vasculhando a internet em busca de notícias dos amigos e familiares. Em poucos dias, recebeu a confirmação de que as pessoas que conhecia estavam a salvo, mas não conseguia parar de observar. As imagens do Japão que brotavam a hipnotizavam. De poucas em poucas horas, outra filmagem horripilante surgia, e Ruth assistia a elas repetidas vezes, analisando a onda lançando-se sobre o quebra-mar, arrastando navios pelas ruas da cidade, pegando carros e caminhões e os depositando no telhado dos prédios. Viu cidades inteiras sendo esmagadas e levadas embora numa questão de instantes

e tinha consciência de que, apesar de tais instantes estarem on-line, muitos outros tinham simplesmente esvaecido.

A maioria das cenas havia sido filmada por celulares de pessoas em pânico, a partir de encostas e dos telhados de edifícios altos, portanto as imagens tinham um toque de casualidade, como se os cinegrafistas não tivessem a exata noção do que filmavam, mas soubessem que era crucial, e por isso tivessem ligado os telefones e os apontado para a onda que se aproximava. Às vezes as imagens ficavam borradas e distorcidas, já que o cinegrafista fugia para um lugar mais alto. Às vezes, nos cantos da imagem, se via carros e pessoas minúsculas correndo do paredão de água preta. Às vezes elas pareciam confusas. Às vezes pareciam não ter pressa e até olhavam para trás para assistir, sem perceber o risco que corriam. Porém, sempre, da perspectiva privilegiada da câmera, dava para ver a rapidez com que a onda se movia e a sua imensidão. Aquelas pessoinhas não tinham nem chance, e as que estavam do lado de fora da tela sabiam disso. *Corre! Corre!*, suas vozes desencarnadas berravam detrás da câmera. *Não para! Corre! Ai, não! Cadê a vovó? Ai, não! Olha! Ali! Ai, que coisa horrorosa! Corre! Anda logo! Anda logo!*

3.

Nas duas semanas seguintes ao terremoto, tsunami e fusão dos reatores nucleares de Fukushima, a rede global foi inundada por imagens e relatos do Japão, e durante esse breve período, todos fomos especialistas em exposição à radiação e milisieverts e subducção e placas tectônicas. Mas então a rebelião na Líbia e o tornado em Joplin substituíram o tremor e a nuvem de palavras-chave se desviava para “revolução”, “seca” e “massas de ar instável” à medida que a maré de informações sobre o Japão recuava. De vez em quando, aparecia uma matéria no *New York Times* sobre os erros cometidos pela Tepco no gerenciamento da fusão nuclear ou sobre a incapacidade do governo de reagir e proteger seus cidadãos, mas essas notícias raramente ocupavam a primeira página. O caderno de negócios trazia relatos sombrios sobre o custo da cascata de desastres do Japão, considerado o mais caro da história, e projeções lúgubres para o futuro da economia do país.

Seria essa a meia-vida da informação? Será que o índice de decadência correlaciona-se com o veículo que o comunica? Pixels precisam de poder. O papel é instável no fogo e nas enchentes. Letras gravadas na pedra são mais duradoras, apesar de não serem distribuídas com tanta facilidade, mas a inércia

pode ser boa. Nas cidades da costa do Japão, havia marcadores de pedra nas encostas, entalhadas com advertências antigas:

Não construam suas casas abaixo deste ponto!

Algumas das pedras com avisos tinham mais de seis séculos. Umas poucas foram deslocadas pelo tsunami, mas a maioria ficara longe de seu alcance.

– São as vozes dos nossos ancestrais – declarou o prefeito de uma cidade destruída pela onda. – Estavam falando com a gente através do tempo, mas não demos ouvidos.

Será que a meia-vida da informação correlaciona-se com a decadência de nossa atenção? Seria a internet uma espécie de giro temporal, sugando histórias, como um deslizamento geológico, para sua órbita? Qual é a memória desse giro? Como medir a meia-vida de seus destroços?

Quando observado, o maremoto se quebra em partículas minúsculas, todas elas contendo uma história:

- um telefone celular, tocando debaixo de uma montanha de lama e destroços;
- um grupo de soldados inclinados em direção a um corpo que cobriram com uma bandeira;
- um médico coberto por uma roupa que protege totalmente contra a radiação, passando um detector de metais em um bebê de rosto desprotegido que se contorce nos braços da mãe;
- uma fila de bebês que aguardam em silêncio a sua vez de passar pelo teste.

Essas imagens, umas pouquíssimas representando uma quantidade inconcebível, movem-se em círculos e envelhecem, se decompondo a cada órbita do giro, se despedaçando aos poucos em fragmentos cortantes e cacos de cores vivas. Assim como confetes de plástico, são arrastadas até o núcleo sereno do giro, o depósito de lixo da história e do tempo. A memória do giro é todas as coisas de que nos esquecemos.

4.

A mente de Ruth parecia um depósito de lixo, um emaranhado indistinto de pixels serenos e fraturados. Ela se recostou na cadeira, distante da tela

brilhante, e fechou os olhos. Os pixels permaneciam, dançando atrás das pálpebras na escuridão. Passara a tarde assistindo a vídeos sobre bullying e agressão no YouTube e em outros sites de compartilhamento de vídeos tanto dos Estados Unidos como do Japão, mas o filme que procurava, "A morte trágica e precoce da aluna transferida Nao Yasutani", que, segundo Nao, outrora se tornara viral, não existia em lugar nenhum.

Ela esfregou as mãos pelo rosto, massageando as têmporas e apertando as órbitas oculares com os dedos. Sua impressão era de que vinha tentando puxar a menina pela tela brilhante através da força de seu desejo e a fixidez de seus olhos. Por que isso era tão relevante? Mas era. Precisava saber se Nao estava viva ou morta. Estava em busca de um corpo.

Levantou-se e se alongou, depois desceu a escada. A casa estava vazia. Oliver havia recebido uma remessa grande de mudas de metassequoia, que estava plantando na área bem definida do Neoeoceno. Saíra cedo, assobiando a canção dos anões de *Branca de Neve*. Eu vou, eu vou. Nada o deixava mais feliz do que plantar arvorezinhas. O gato estava lá fora, na varanda, esperando-o voltar para casa.

Eram quatro e meia da tarde e estava na hora de começar a pensar no jantar. Ao passar pela sala de jantar, sentiu um bafejo do fedor de peixe causado pela morte das cracas. O odor estava mais forte. Foi até o telefone, pegou o aparelho e discou o número de Callie.

5.

– São cracas pescoço-de-ganso – disse Callie, examinando-as no saco plástico. – *Pollicipes polymerus*. Família *Pedunculata*. Uma espécie pelágica gregarina, não exatamente nativa, mas não rara de se achar em destroços marinhos que vieram de longe.

Do outro lado da cozinha, olhou para Ruth, que fervia água para o chá.

– Foi esse o saco que você achou depois da casa de Gudrun e Horst?

Ao falar com ela pelo telefone, Ruth não mencionara onde havia encontrado o saco, mas Callie não pareceu nem um pouco surpresa com a ligação e se ofereceu para ir até lá na mesma hora. Era quase como se esperasse o telefonema, mas claro que Callie era mesmo muito prestativa. Era uma bióloga marinha e ativista ambiental que administrava o programa de monitoramento das praias da ilha e fazia trabalho voluntário para um órgão de proteção de mamíferos marinhos. Ganhava a vida como naturalista nos enormes navios dos

cruzeiros que ondulavam as águas abrigadas na Passagem Interior, que circulavam entre ali e o Alasca.

– A barriga da besta – Callie disse. – São essas pessoas que fazem cruzeiros que temos de atingir. São eles que têm recursos para fazer com que a mudança aconteça.

Ela volta e meia contava a história da vez em que estava no convés de um navio rumo a Anchorage, apontando um bando de jubartes para os empolgados passageiros, que se amontoaram na balaustrada, tirando fotos e fazendo vídeos. Um idoso estava afastado do resto do grupo. Quando Callie lhe ofereceu um espaço na balaustrada para que ele tivesse uma visão melhor, ele riu, irônico.

– São só baleias.

Mais tarde, durante o cruzeiro, ela deu uma aula sobre a classe cetácea. Mostrou um vídeo e falou sobre suas comunidades complexas e condutas sociais, sobre suas redes de bolhas e ecolocalização e seu leque de emoções. Tocou gravações de suas vocalizações para ilustrar os estalos que faziam com a boca e as canções que entoavam. Para sua surpresa, o idoso estava na plateia, prestando atenção.

Depois, avistaram outro bando, que dessa vez se aproximou mais e regalou os espectadores com uma exibição espetacular de comportamentos de superfície, dando saltos, espiadelas, batidas das caudas e das nadadeiras. O idoso foi ao convés para assistir.

No final do cruzeiro, ao se aproximarem do porto de Vancouver, o idoso a procurou e entregou um envelope.

– Para as suas baleias – ele disse.

Quando ela agradeceu, ele balançou a cabeça.

– Não me agradeça.

Desembarcaram, e Callie se esqueceu do envelope. Quando chegou em casa, o achou e abriu. Dentro, havia um cheque destinado a seu órgão de proteção a mamíferos marinhos no valor de meio milhão de dólares. Imaginou que fosse piada. Pensou que errara na contagem dos zeros. Mandou para o escritório e o depositaram. O cheque foi compensado.

Usando a lista de passageiros, localizou o senhor em sua casa em Bethesda e o questionou. De início, ele ficou relutante, mas acabou se explicando. Atuara como piloto de bombardeiro na Segunda Guerra Mundial, contou, estacionado na base aérea das Aleutas. Eles voavam todos os dias, procurando alvos japoneses. Muitas vezes, quando não encontravam embarcações inimigas, ou as condições climáticas ficavam ruins, eram obrigados a abortar a missão e voltar

à base, mas como aterrissar com a carga útil inteira era perigoso, descarregavam as bombas no mar. Da cabine do avião, viam as sombras grandes das baleias se movendo debaixo d'água. Lá do alto, as baleias pareciam muito pequenas. Usavam-nas para treinar a mira.

– Eles se alimentam por filtragem – explicou Callie a respeito das cracas. – Mas não são muito bons em movimentar o cirro, então dependem de movimentos vigorosos da água para se nutrir. É por isso que preferem costas mais desprotegidas que as nossas.

– O que é cirro? – indagou Ruth, pegando duas canecas de chá e servindo mais uma para Oliver, que havia acabado de chegar da plantação. Ele tirou a jaqueta e a pendurou e depois se juntou às duas, com o gato no encalço a passos acelerados.

– Saúde – brindou Callie, tomando um golinho de chá. – Cirro são os braços e as pernas das cracas. São fios plumosos que elas usam para puxar plânctons.

– Não estou vendo nenhum fio plumoso – declarou Ruth. Não gostava das cracas. Eram feias e lhe provocavam arrepios.

– Elas só são estendidas quando estão debaixo d'água – explicou Oliver, fechando os dedos avermelhados em torno da caneca quente. – E, de qualquer forma, elas estão mortas.

Ruth inspecionou as cracas, que tinham praticamente o mesmo aspecto de quando estavam vivas. Estavam grudadas ao saco plástico pelos pedúnculos compridos e escuros que eram duros e borrachudos e cheios de saliências. Na ponta solta de cada pedúnculo havia um aglomerado branco e rígido de conchinhas parecidas com unhas. Callie usou a ponta da caneta para apontar para um dos pedúnculos borrachudos. Pesto pulou em cima do balcão para assistir.

– Isto aqui é o pé, ou pedúnculo – ela disse. – E esta parte branca e dura é o capítulo, ou cabeça.

O gato fungou a craca e Ruth o afastou.

– Tem rosto? – ela indagou.

– Não exatamente – respondeu Callie. – Mas tem um lado dorsal, que fica para cima, e um lado ventral, que fica para baixo.

Ela pegou uma caixinha de plástico do bolso de seu colete de pescaria e a abriu. Ali dentro, havia uma coleção de instrumentos forenses: o escalpelo, um par de pinças, tenazes, tesouras, uma reguazinha. Escolheu a maior craca e usou o escalpelo para cortá-la cuidadosamente entre o saco plástico e a base do

pedúnculo. Tirou a craca e a pôs no balcão, à sua frente. Pegou a régua e mediu a criatura dos pés à cabeça.

– Dá para saber a idade dela? – perguntou Oliver.

– Difícil dizer. Elas atingem a maturidade sexual com mais ou menos um ano, e a maturidade plena aos cinco. Vivem uns vinte anos ou mais. Esse camarada, ou essa camarada – na verdade, isso não tem importância, porque são hermafroditas –, é um adulto maduro. Eles chegam a vinte centímetros, mas este aqui só tem sete, e isso indica que a colônia ainda é bem nova, ou que as circunstâncias não estavam boas, ou as duas coisas. Ei, Oliver, posso testar aquele microscópio que você tem no seu iPhone?

Havia pouco tempo, ele alterara a estrutura original do iPhone grudando uma lente digital pequena 45X na capa com uma cola potente. De algum modo, ela também já sabia disso. Tinha acabado de voltar para a ilha. Como poderia saber? Ela esticou o braço e ele enfiou a capa alterada no telefone, abriu o aplicativo e o entregou. O aplicativo ativou a luz do iPhone quando ela mirou a lente na cabeça da craca. Uma imagem em close surgiu na telinha.

– Que maravilha! – ela disse. – Está vendo essas belas placas calcárias?

Por cima do ombro dela, Ruth examinou a telinha. As placas pareciam unhas nos pés de um réptil pré-histórico.

– Logo depois de secretados, são brilhosos e perolados, mas aos poucos, com os golpes da água, ficam irregulares e opacos.

– Como acontece com a gente – disse Ruth, voltando a se sentar.

– Isso mesmo – disse Callie. – E esse é outro indício da idade. Resumindo, eu diria que a colônia passou pelo menos uns dois anos boiando, talvez mais, talvez três ou quatro.

– Três anos seria antes do tsunami – disse Oliver.

– Bom, é como eu disse, é complicado ser mais precisa. Mas acho pouco provável que alguma coisa do tsunami já tenha aparecido nas nossas praias. A gente está num lugar bem recôndito.

Ela desligou a luz do microscópio e admirou a lente.

– Como foi que você acoplou?

Enquanto Oliver explicava a alteração, Ruth segurava entre os dedos a craca cortada e a analisava. Esse novo dado não substanciava sua teoria do tsunami. Talvez Muriel tivesse razão, afinal. Talvez o saco plástico tivesse sido atirado de um navio, embora Nao não fosse do tipo que faz cruzeiros pelo Alasca. Talvez ela o tivesse lançado ao mar, como uma mensagem dentro de uma garrafa, antes do tsunami, ou talvez estivesse em seu bolso, junto com as

pedras, quando entrou no mar e se afogou. Todas essas explicações eram plausíveis, mas tinha a impressão de que nenhuma delas estava certa. Ruth não gostava das cracas, para começo de conversa, e agora se ressentia porque elas não lhe davam os indícios que procurava.

– Mas por que eles são chamados de cracas pescoço-de-ganso? – ela perguntou. – Não têm nada a ver com ganso.

Callie havia devolvido o iPhone a Oliver e estava recolhendo o kit.

– Na verdade, têm sim. Existe um tipo de ganso chamado ganso de faces brancas, que tem pescoço preto e comprido e cabeça branca. Esses seus amiguinhos recebem esse nome em homenagem a ele. As pessoas sempre viam esses carinhas grudados nas madeiras flutuantes, que achavam que eram galhos de árvores que carregavam gansos. Achavam que os capítulos eram ovos que eles tinham botado nas árvores e que os gansos de faces brancas nasciam deles. É uma série de suposições sensatas, mas é claro que estavam totalmente enganados.

– Suposições são um saco – declarou Ruth. Pôs a craca em cima do balcão, e Pesto, que estava à espera, a arrebatou no mesmo instante e saiu correndo. Levou-a até o meio da cozinha e a largou, farejou outra vez e afastou o focinho. Não se dignaria a comer uma coisa que já estava morta.

– É uma iguaria na Espanha – disse Callie. – O pedúnculo é bem macio. É só ferver por uns minutos, tirar a pele, segurar pela concha, pôr o pé na boca e… *ploft*! – Ela fez uma pantomima, imitando o som com os lábios. – A carne desliza para fora da concha. Mergulhada em pasta de alho e limão… hum!

*

Era quase seis horas e já estava bem escuro lá fora. Ruth pegou uma lanterna e levaram Callie até a caminhonete. Olhando para cima, ela viu que as nuvens haviam se partido e a lua cheia iluminava o céu. Ao luar, as copas das árvores eram entremeadas por anéis pálidos de neblina, mas abaixo delas os ramos dos cedros estavam escuros e pesados devido à chuva que caíra o dia inteiro. O feixe de luz da lanterna iluminou um vulto nos galhos.

– Ei, não é o seu corvo da selva? – indagou Callie.

Ajustando o foco da lanterna, Ruth reparou na resplandecência das plumas negras e no brilho dos olhos de azeviche.

– Muriel – ela disse, como se fosse a resposta à pergunta de Callie.

Callie riu.

– É claro – ela confirmou. – Mas todo mundo anda falando disso. Os

nativistas daqui já estão em polvorosa.

– Por quê?

– O que você acha? – retrucou Callie. – Espécies invasivas. Exóticas. Lesma negra, giesta preta, amora himalaia, e agora o corvo da selva? – Ela se virou para Oliver. – Por falar em coisas exóticas, como anda a Guerra do Contrato?

Ele fez uma careta. A área do Neoeoceno, onde plantava a floresta da mudança climática, fora derrubada por uma empresa de exploração de madeira e depois submetida a um contrato que estipulava que qualquer reflorestamento subsequente seria limitado a espécies nativas à zona geoclimática existente. As árvores dele eram consideradas exóticas, portanto violavam o contrato. Nem Oliver nem seu amigo botânico, dono do terreno, sabiam disso.

– Não anda nada bem – ele declarou. – O detentor do contrato quer que eu pare de plantar, mas estou argumentando que, devido à rápida instauração da mudança climática, temos de redefinir radicalmente o termo “nativo” e expandi-lo para incluir as espécies nativas antigas e até pré-históricas. – Ele parecia desanimado. – Semântica – ele disse. – Uma idiotice.

Como se concordasse, o corvo da selva soltou um crocito ríspido, e Callie riu.

– Estão vendo? – ela disse. – Ele está se aclimatando. Não se espantem se os xenófobos da nossa ilha invadirem este terreno com redes e tochas de querosene.

Ruth olhou para o alto da árvore, para o vulto do corvo nas trevas.

– Está escutando? – ela berrou. – É melhor você ficar de olho aberto.

O corvo bateu as asas e saltou para outro galho, derramando chuviscos de água na cabeça de Callie.

– Ei – ela exclamou, enxugando o rosto molhado. – Pode ir parando. Estou do seu lado. – Ela se virou para Ruth. – Eles são muito inteligentes. Você sabia…

Ruth levantou a mão.

– Eu sei – ela interrompeu, mas Callie prosseguiu. – …Que na mitologia Sliammon eles são ancestrais mágicos que mudam de forma e se transformam em seres humanos?

– Não diga – declarou Ruth.

Callie deu um sorriso irônico.

– Pede pra Muriel te contar essa história um dia…

De noite, na cama, Ruth leu em voz alta o trecho do diário destinado àquele dia. Pesto se deitou na barriga de Oliver, ronronando, enquanto este olhava para o teto e acariciava a testa do gato. Ela leu a parte sobre o funeral de Nao e o vídeo que colocaram na internet.

partiu partiu, partiu para além,
partiu para o completo além…

A história do bullying o enraiveceu.

– Odeio essa situação – ele disse. – Como foi que a escola deixou isso acontecer? Como é possível o professor ter participado?

Ruth não tinha resposta. Pesto parou de ronronar e lançou um olhar inquieto para Oliver.

– Mas faz todo o sentido – Oliver disse com tristeza. – A gente vive na cultura do bullying. Políticos, empresas, os bancos, os militares. São todos valentões e trapaceiros. Eles roubam, torturam as pessoas, criam regras insanas e decidem os rumos.

Ela pôs a mão entre o travesseiro e a cabeça dele e massageou sua nuca. O gato levantou a pata e a pôs no queixo dele.

– Veja só Guantánamo – ele continuou. – Veja Abu Ghraib. Os Estados Unidos são ruins, mas o Canadá não está muito melhor. O povo está só seguindo a programação, morrendo de medo de se pronunciar. Veja só as areias betuminosas. E a Tepco também. Odeio essa merda toda.

Ele se virou de lado, jogando o gato no colchão. O gato saltou da cama e se retirou.

Depois que Oliver adormeceu, Ruth se levantou e foi até a janela. O corvo estava empoleirado em algum galho. O corvo crepuscular deles. Não o via, mas gostava da ideia do corvo negro escondido nas sombras. Perguntava-se se ele já teria feito amizade com as gralhas. Voltou para a cama e adormeceu.

Naquela noite, teve o segundo sonho com a monja. Era o mesmo templo. O mesmo ambiente escuro com a tela de papel rasgado, a mesma monja anciã, trajando hábitos pretos compridos, sentada no chão diante do monitor. Do lado de fora, o mesmo luar bruxuleava suavemente sobre o jardim, só que agora ao longe, para além do portão do jardim, Ruth distinguia vagamente o que parecia ser os contornos de um cemitério, a silhueta denteada de mausoléus e lápides nítidos contra o céu pálido da noite.

Dentro do cômodo, a luz cruel e fria do computador iluminava o rosto da

velha monja, deixando-a com um aspecto emaciado e doentio. Ela desviou o olhar da tela. Usava óculos pretos semelhantes aos de Ruth. Ela os tirou e esfregou os olhos fatigados, e então viu Ruth. Esticando sua larga manga preta, ela acenou, pedindo que se aproximasse, e então Ruth estava do seu lado. A monja lhe ofereceu os óculos, e Ruth, percebendo que havia deixado os dela na mesa de cabeceira, os pegou. Sabia que precisava colocá-los. Pestanejou. As lentes eram grossas e turvas. Os olhos levariam um tempinho para se adaptar.

Não, não daria certo. As lentes da monja eram garrafais e potentes demais, borrando e desmanchando o mundo inteiro que conhecia. Entrou em pânico. Tentou tirar os óculos do rosto, mas estavam presos, e durante a luta o borrão do mundo começou a engoli-la, rodopiando e uivando como um tufão e atirando-a de volta numa situação ou lugar amorfo, para o qual não achava palavras. Como descrever? Não um lugar, mas uma sensação, de inexistência, abrupta, sombria e pré-humana, que a encheu de um pavor tão rudimentar que ela berrou e levou as mãos ao rosto, descobrindo que ele não existia mais. Não havia nada. Nem mão, nem rosto, nem olhos, nem óculos, nem Ruth como um todo. Nada além da inexistência vasta e oca de Ruth.

Ela gritou, mas não emitiu nenhum som. Espremeu-se na vastidão, avançando numa direção que lhe parecia ser *para a frente* ou até *através*, mas sem rosto não existia para a frente, tampouco para trás. Não existia em cima, não existia embaixo. Nem passado, nem futuro. Havia somente isso – a eterna sensação de fusão e dissolução em algo inominável que se estendia em todas as direções, para sempre.

E em seguida sentiu uma coisa, um toque leve como uma pluma, e escutou uma coisa que parecia um cacarejo e um estalo, e num instante, seu terror lúgubre desapareceu e foi substituído por um sentimento de profunda calma e bem-estar. Não que tivesse corpo para sentir, ou olhos para enxergar, ou ouvidos para escutar, contudo, de algum modo, provava todos os sentidos. Era como ser acalentada nos braços do tempo em si, e permaneceu suspensa nesse estado jubiloso por uma eternidade ou duas. Ao despertar com um feixe insípido de sol de inverno filtrado pelo bambu que havia do outro lado da janela, sentiu uma paz e um vigor incomuns.

Nao

1.

Você já ouviu falar de atadura de metal?[72] É uma coisa que todo mundo que vive no Japão conhece, mas da qual ninguém ouviu falar em Sunnyvale. Sei porque perguntei à Kayla, então talvez os americanos não tenham isso. Também só fui ouvir falar disso depois de me mudar para Tóquio.

Atadura de metal é o que acontece quando você acorda no meio da noite e não consegue se mexer, como se um espírito maligno enorme de gordo estivesse sentado no seu peito. É apavorante. Depois do Incidente do Expresso de Chuo, eu despertava pensando que era papai que estava sentado no meu peito e que, se era ele, então era um fantasma e estava morto, mas aí escutava seus roncos no quarto e me dava conta de que era a atadura de metal. Você abre os olhos e contempla a escuridão. Às vezes escuta vozes que soam como demônios raivosos, mas não consegue falar nem emitir um barulhinho que seja. Às vezes, quando está deitada, seu corpo parece flutuar.

Antes do meu funeral, tive várias ataduras de metal, mas depois passou, provavelmente porque eu mesma virei um fantasma. Comia e dormia, escrevia e-mails para Kayla de vez em quando, mas no fundo sabia que estava morta, ainda que meus pais não percebessem.

Kayla, no entanto, havia reparado. Tínhamos praticamente parado de bater papo ao vivo por causa da diferença de fuso. Tóquio está 16 horas à frente, o que significa que é dia em Sunnyvale quando aqui é noite, e como eu estava morando em um apartamento de dois cômodos do tamanho do closet da Kayla, não podia me levantar de madrugada, ligar o computador e começar um bate-papo. Eu e ela estávamos usando mais o e-mail, o que era um porre. Detesto e-mail. É muito devagar. No e-mail não existe o agora. É sempre então, e é por isso que é tão fácil ficar com preguiça e deixar a caixa de entrada encher. Não que a minha continuasse a encher, mas antigamente enchia. Logo depois de irmos embora de Sunnyvale, todos me mandavam e-mails que nem loucos e me faziam um monte de perguntas sobre o Japão, mas papai levou umas semanas

para configurar a conexão, e quando a internet foi instalada, todos os meus amigos já estavam ocupados com as férias de verão, e em seguida as aulas começaram e todos eles meio que me largaram de mão.

Tentei escrever um blog por um tempo. Meu professor do oitavo ano em Sunnyvale, o Sr. Ames, me aconselhou a fazer um para comentar minhas impressões e observações e as coisas interessantes que aconteceriam comigo no Japão. Meu pai me ajudou a montá-lo antes da mudança, e dei a ele o nome "O Futuro É Nao!" porque achava que meu futuro no Japão seria uma grande aventura ao estilo americano. Como pude ser tão burra?

Na verdade, não fui totalmente burra. Na época estava esperançosa, e agora vejo isso como uma coisa meio triste e corajosa. Não era culpa minha não entender o que estava acontecendo. Meus pais não foram muito diretos comigo sobre os motivos de termos ido embora da Califórnia. Mantinham as aparências e fingiam que estava tudo bem, e só soube que estávamos falidos e desempregados quando chegamos aqui. Ao ver o chiqueiro que era o nosso apartamento em Tóquio, comecei a entender e me dei conta de que não viveria nenhuma grande aventura e de que basicamente não havia nada que pudesse escrever no blog que não me desse a sensação de que eu era um fracasso total. Meus pais eram patéticos, minha vida escolar era terrível, o futuro era um horror. Sobre o que eu poderia escrever?

"Eu e minha mãe curtimos ficar de molho na banheira quente da casa de banho."

"Hoje na escola me diverti à beça brincando de kakurembo com os meus novos amigos. Kakurembo é parecido com esconde-esconde, e eu fui a escolhida!"

"Meu pai se candidatou a um emprego novo como inspetor de trilhos da Linha Expressa de Chuo."

Levei isso adiante por um tempo, publicando esses comentários alegres e animados no "O Futuro É Nao!", mas me sentia uma fraude. E então, uns meses depois da minha volta, acabei verificando as estatísticas e percebi que, desde o instante em que o comecei, o blog havia sido visitado por apenas doze pessoas, por cerca de um minuto cada, e que fazia semanas que ninguém o olhava, e foi aí que parei. Não há nada mais triste no ciberespaço do que quando você está boiando, isolada, falando sozinha.

Em todo caso, não demorou muito tempo para Kayla descobrir que talvez eu estivesse virando uma criatura patética e que não era mais descolado ser minha amiga. Juro, até na internet as pessoas exalam um cheiro virtual que os outros

farejam, apesar de eu não entender como isso é possível. Não é como um cheiro de verdade, com moléculas e receptores de feromônios e assim em diante, mas é tão óbvio quanto o fedor do medo nas axilas ou a vibração que você emana quando é pobre e não tem autoconfiança ou coisas legais. Talvez tenha a ver com a maneira como seus pixels se comportam, mas com certeza eu estava começando a cheirar e Kayla farejava o odor do outro lado do oceano.

Kayla é o oposto de mim. É superconfiante e tem rios de dinheiro e não tem medo de nada. Apesar de fazer um tempo que não nos correspondemos, e eu nem saber em que escola ela está, tenho cem por cento de certeza de que é a garota mais popular, porque ela é do tipo que é a garota mais popular onde quer que esteja. Ser a número dois não é nem uma possibilidade para Kayla, e a situação já era essa mesmo no segundo ano, quando ela me escolheu e me deixou sentar do seu lado no almoço. Agora, pensando nisso, foi um milagre ela ter sido minha amiga.

As coisas tomaram um rumo terrível depois que lhe enviei uma fotografia minha com o uniforme da escola nova, e ela me respondeu com um e-mail superirônico, que foi mais ou menos assim: “OMG! amei o uniforme! supermangá! vc tem q me mandar 1 pra eu ir de colegial japa no halloween!”

Para ela, minha nova vida era apenas cosplay,[73] mas para mim era completamente real. Não tínhamos mais nada em comum. A gente não podia falar de moda, ou do pessoal do colégio, ou de quem era ridículo, ou de quais professores gostava ou detestava. Nossos bate-papos e e-mails não chegavam a lugar nenhum, e depois ela passou a demorar cada vez mais para me responder, e passado um tempo ela meio que sumiu. Quando tentei achá-la on-line e vi que ela estava sempre em off, embora eu soubesse que ela estava na internet, me dei conta de que tinha me bloqueado da lista de amigos.

Ainda lhe mandava e-mails de vez em quando, mas ela quase nunca respondia. Após o meu funeral, tentei ser sincera ao dividir meus sentimentos sobre meu ódio pela escola e por estar no Japão, e sobre a saudade que eu tinha de Sunnyvale, mas ainda assim não podia contar sobre o ijime ou sobre o meu pai ou sobre a situação toda, então, para ser justa, ela não tinha muito o que comentar. Não posso culpá-la por não entender. Quando enfim me respondeu, foi com um e-mail curto, animado e alegre que deixava claro que ela não tinha nenhum interesse por mim se eu fosse choramingar.

Depois disso, mandei para ela o link do meu funeral, “Morte trágica e precoce da aluna transferida Yasutani”. Fiz isso principalmente para chocá-la, mas, como eu disse, também sentia certo orgulho do número de acessos.

Esperei e esperei até que aparecesse um e-mail dela, mas isso nunca aconteceu. Talvez seja assim quando você morre. A caixa de entrada fica vazia. No começo, você acha que ninguém está respondendo, então verifica a caixa de enviados para ter certeza de que está tudo certo, depois olha o provedor para saber se a conexão ainda está ativa, e por fim conclui que está morta.

Portanto, você compreende por que me sentia um fantasma. Os fantasmas no Japão são muito intensos. Não são do tipo que existe nos Estados Unidos, que saem por aí vestindo lençóis. No Japão, usam quimonos brancos, deixam os cabelos pretos e longos caírem no rosto e não têm pés. Em geral, são mulheres que estão irritadas, com toda a razão, porque alguém lhes fez alguma coisa terrível. Às vezes, se a pessoa é muito maltratada, ela pode até virar ikisudama,[74] e sua alma abandona o corpo adormecido e vaga pela cidade durante a noite, cometendo tatari[75] e descarregando seu ódio em todos os colegas de merda que a torturaram sentando em cima do peito deles. Era esse o meu objetivo nas férias de verão. Virar um fantasma em vida.

Não foi tão louco quanto parece, já que assombrar está no sangue da família, apesar de na época eu só ter uma ligeira noção disso. Meu pai começava a se comportar de um jeito ainda mais estranho. Ficava em casa durante o dia, mas todas as noites, depois que eu e mamãe dormíamos, ele saía para caminhar. Por que ele saía de fininho de madrugada? Será que também estava assombrando alguém? Será que estava virando vampiro ou lobisomem? Estaria tendo um caso?

Eu ficava deitada, insone, com atadura de metal e incapaz de me mexer, imaginando-o de chinelo de plástico surrado, arrastando os pés pelas ruas do shitamachi[76] escuras e sinuosas, atravessando as regiões de Arakawa e Senju e os bairros antigos de Asakusa e Sumida, onde vivia a classe trabalhadora, que ficam vazios à noite porque todo mundo está dormindo. Algumas horas depois, ele acabava em uma pracinha às margens do rio Sumida, onde um muro baixo de concreto impede que as crianças caiam na água, e o imagino encostado no muro, vendo o lixo passar. De vez em quando chegava a ouvi-lo falar com os gatos de rua, que entravam e saíam do lixo e das sombras. Às vezes se sentava no balanço, fumando o último dos cigarros Short Hopes, tentando entender como fazer um corpo vivo afundar. Quando os cigarros acabavam, ele voltava e entrava de fininho no apartamento. Eu sempre escutava o estalo da tranca da porta da frente porque aguardava o ruído. A tranca no ferrolho quebrava o feitiço. Só conseguia me mexer depois de ouvi-la.

2.

Uma noite, talvez uma semana depois do meu funeral, tive um sonho cósmico doido com uma das minhas colegas de classe, a sukeban chamada Reiko. Acho que já te falei dela. Ela é superinteligente e popular, tipo uma Kayla japonesa. Ela nunca me zoou diretamente, e o que quero dizer com isso é que nunca me beliscou ou empurrou ou cutucou com a tesoura. Não precisava, porque todas as crianças faziam fila para agir por ela. Ela só precisava olhar para mim com certa expressão, como se tivesse visto algo repulsivo ou à beira da morte, e seus amigos saíam correndo para cumprir a tarefa. Na maioria das vezes, nem se dava ao trabalho de assistir, mas vez por outra eu a via quando estava se afastando, sem pressa, e o olhar dela era a coisa mais cruel e vazia que existia no mundo.

E era isso que estava no meu sonho, o olhar cruel dela, só que gigante, imenso como o céu. Não sei como explicar. Era noite e eu estava no pátio da escola, com atadura de metal e deitada de costas numa caixa, mas talvez fosse um caixão. Meus colegas me olhavam de cima, e seus olhos brilhavam como os dos animais na floresta escura. Em seguida, começaram a piscar, e desapareceram, um por um, até sobrar apenas os olhos de Reiko, me encarando com desdém e emitindo uma luz de raio laser, mas era o oposto da luz, pois era fria e preta e oca. Crescia sem parar, fazendo pressão para baixo, envolvendo a mim e ao mundo inteiro e a tudo que havia nele, e a única maneira que eu tinha de salvar o mundo era cravar minha faquinha de cozinha bem no meio da pupila, e foi o que fiz. Fechei os olhos e enfiei a faca no buraco negro, várias vezes, até sentir algo se rasgando. Um líquido grosso e frio como nitrogênio começou a se esvair lentamente da laceração da membrana. Sabia que precisava me mexer, mas não conseguia, e então a cavidade explodiu, e o líquido gelado se derramou, e era tarde demais, mas apesar de saber que morreria por causa do frio, o mundo estaria a salvo do olhar terrível de Reiko, graças a mim.

O trinco do ferrolho na porta me despertou. Era papai, voltando da caminhada noturna, e me dei conta de que eu estava sonhando. Era julho, e o ar ficava quente e úmido mesmo durante a noite, mas eu tremia tanto que batia os dentes. Eu me abracei com força, fingindo dormir até escutar papai entrar no quarto e se esticar no futon. Aguardei, prestando atenção até ouvir o som que fazia quando dormia. Mamãe dormia em silêncio, mas papai sempre fazia uns barulhinhos pu-pu-pu com os lábios quando inspirava e exalava o ar. Depois

que tive certeza de que havia adormecido, me levantei e fiquei parada a seu lado, observando-o por um tempo. A luz LED do computador, no canto, emitia luz suficiente para que eu visse a pequena fresta entre seus lábios, e me perguntei o que aconteceria caso eu apertasse o dedão contra a fresta, mas não experimentei. Preferi ir de fininho para a sala de estar.

A jaqueta dele estava pendurada em um gancho na entrada, então a botei sobre os ombros. Era a jaqueta que ganhara da empresa de Sunnyvale, uma jaqueta bacana, de primeira, como aquelas que são dadas em filmagens, feita de Gore-Tex com o logotipo da empresa de TI nas costas, e ele a usava com um capuz por baixo, na época em que também era bacana e de primeira, antes dos ternos de poliéster. O forro macio e sedoso ainda retia o calor de seu corpo, mas contra a minha pele nua me fez tremer mais ainda. Apertei a jaqueta contra o corpo até voltar a me sentir aquecida.

Fui até as portas que se abriam para a varandinha e encostei a testa no vidro. Não era uma bela vista, a que se via da varanda. O bairro onde morávamos não tinha a imagem que as pessoas geralmente associam a Tóquio, toda reta e moderna como Shinjuku e Shibuya, com arranha-céus feitos de concreto e vidro. O bairro mais parecia uma favela, velha e apinhada, com pequenos e feios prédios residenciais construídos com cimento manchado por vazamentos, todos amontoados na rua tortuosa. Da nossa varanda, só se via paredes e telhados e tijolos envelhecidos que se juntavam em ângulos bizarros. Parecia uma colcha de retalhos irregular de planos e superfícies desconexos, encadeados por linhas de telefone e fios elétricos que pendiam em laços de todos os cantos.

Durante o dia, dava para ver pedaços do céu, mas à noite ficava tudo escuro, salvo pelas poças de luz lançadas pelos postes, os faróis dos táxis cortando os edifícios, e os feixes vacilantes das bicicletas fazendo cócegas nas paredes. Também era sossegado. Ouviam-se os ratos revirando o lixo e as risadas estridentes das atendentes de bar tropeçando rumo a suas casas com os acompanhantes. E me lembro de que tudo estava ainda mais escuro e impassível naquela noite, como se a cidade inteira sentisse o horror do meu sonho e estivesse com atadura de metal. Nada se movia, nem mesmo a sombra de um gato.

Meu sonho foi muito realista. Talvez no dia seguinte eu ouvisse notícias de que Reiko havia se enforcado ou sido assassinada de madrugada. Seria culpa minha? E foi então que me passou pela cabeça que talvez eu tivesse virado uma ikisudama, e que, se não ainda, talvez pudesse virar. Precisaria treinar, mas as

férias de verão tinham acabado de começar, e o que mais eu tinha para fazer no meu tempo livre? Quanto mais pensava nisso, mais animada ficava, e no dia seguinte inteiro e nos dias que se seguiram esperei notícias de Reiko. Cheguei a acuar Daisuke para descobrir se ele a vira. Daisuke e Reiko frequentavam o mesmo curso preparatório nas férias de verão. A maioria dos meus colegas de classe fazia o curso para se preparar para as provas de admissão do colegial aplicadas no segundo semestre do nono ano. Basicamente, se você é um jovem japonês, essas provas decidem seu futuro inteiro, e o resto da sua vida, e até sua vida após a morte. O que eu quero dizer é o seguinte:

o colégio onde você estuda determina em qual universidade você vai estudar,
que decide para qual empresa você vai trabalhar,
que decide quanto dinheiro você vai ganhar,
que decide com quem você vai se casar,
que decide que tipo de filhos você vai ter e a criação que vai dar a eles,
e onde você vai morar e onde você vai morrer,
e se os seus filhos vão ter dinheiro suficiente para te dar um funeral elegante com sacerdotes budistas de primeira grandeza para fazer os ritos fúnebres adequados para garantir que você entre na Terra Pura,
e, se não entrar, você vai se tornar um fantasma vingativo e esfomeado, destinado a assombrar os vivos por conta de todos os seus desejos frustrados,
tudo porque você não passou nas provas de admissão e não entrou em um bom colégio de ensino médio.

Então você pode entender o porquê – se você liga para a sua vida – de o curso preparatório ser muito importante. A maioria dos meus colegas de classe e das famílias deles levava isso muito a sério, mas os meus pais não podiam arcar com as aulas extras, e eu também não ligava. Quer dizer, eu já era um fantasma vingativo, assombrando os vivos, portanto não fazia diferença viver ou morrer, e de qualquer forma, como cresci em Sunnyvale, tenho outra atitude quanto a esse tipo de coisa. No meu coração, sou americana e acredito que tenho livre-arbítrio e posso tomar as rédeas do meu próprio destino.

Mas, voltando a Daisuke, eu o acuei junto às máquinas de refrigerantes novamente e o agredi um pouquinho, e depois perguntei sobre Reiko, se alguma coisa tinha acontecido com ela ou se tinha faltado à aula, mas ele me disse que ela estava bem e ia à escola todos os dias.

Eu o encostei contra a parede. Talvez ela estivesse com uma gripe de verão,

sugeri, beliscando o braço dele, ou sofrido uma crise de alergia? O nariz escorrendo? Olhos lacrimejantes?

Sim, ele me disse, agora que você falou nisso, ela foi à aula com um tapa-olho uns dias atrás.

Meu coração quase parou e eu o soltei. Quando?, exigi saber, e ele fez o cálculo com os dedos.

Segunda, ele declarou. Ela usou o tapa-olho na escola na segunda. Perdi o fôlego. Tive o sonho na noite de domingo.

Eu o segurei contra a máquina de refrigerante e o obriguei a contar a história inteira. Ele disse que no começo todo mundo achou que ela estava com tersol, que é um nojo, e um menino teve a audácia de chamá-la de baikin. Mas Reiko deu apenas uma risada gostosa e lhe disse que era cosplay e que estava fantasiada de Jubei-chan, a Garota Ninja de *O segredo do amável tapa-olho*. E era verdade, Daisuke me explicou, que o tapa-olho era cor-de-rosa e em forma de coração, assim como o amável tapa-olho de Jubei-chan, portanto, quando Reiko se virou para o garoto que a chamara de bactéria e o espancou com as próprias mãos, todo mundo concluiu que o tapa-olho lhe dera o poder de luta mágico e incrível da Garota Ninja. Foi a primeira vez que alguém a viu brigar, então realmente foi algo meio sobrenatural, disse Daisuke.

Ele me contou tudo isso num sussurro de palavras emboladas.

– E você acreditou nela? – indaguei. – Você é muito burro!

Ele encolheu os ombros magros. Não estava de uniforme escolar, e seus ossos saltavam por baixo da camiseta, o que o deixava ainda mais parecido com um inseto. Ele era patético mesmo.

– Ela parece com a Jubei-chan – ele murmurou. – Tem um corpo bonito.

Era verdade que Reiko tinha um corpo bem desenvolvido para a idade, e isso me deixava com raiva, além do fato de Daisuke fazer esse comentário me causar calafrios. Isso queria dizer que até um inseto como ele era capaz de reparar em coisas como seios e pernas, e, portanto, o derrubei e segurei com um pouco mais de força do que a necessária, o que só demonstra que não é preciso um Amável Tapa-Olho para ter o poder de fazer alguém chorar. Mas quando terminei e o larguei e estava voltando para o apartamento, repensei no que Daisuke tinha dito e de repente me senti desarmada pelo que eu fizera. Veja só, o que você acha que havia debaixo do tapa-olho? No mínimo um tersol e talvez até um ferimento de verdade, o que significava que eu tinha alcançado meu objetivo. Enquanto dormia e sonhava, minha alma havia realmente escapado do meu corpo para se vingar da minha inimiga. Eu era um fantasma

vivo, e essa constatação me trouxe uma sensação de poder inacreditável.

3.

Uma semana depois de me tornar um fantasma vivo, a velha Jiko apareceu no nosso apartamento. Eu estava na sala lendo mangá e papai, na varanda, sentado em um balde ao lado da máquina de lavar roupa e fumando cigarro, quando a campainha tocou. O normal era ignorarmos a campainha, já que não tínhamos amigos e geralmente eram cobradores ou alguém da associação de bairro, mas ela tocou pela segunda e depois pela terceira vez. Olhei para papai na varanda para ver o que ele queria que eu fizesse. Ele estava parado, com uma expressão de pânico no olhar, a cabeça meio escondida no meio das roupas recém-lavadas, com as meias e calcinhas penduradas em torno das orelhas como uma peruca.

Desde que fora preso por cair nos trilhos do trem, estava cada vez mais paranoico, algo bem típico de pessoas hikikomori. Como eu disse, salvo a caminhada da meia-noite, o único lugar aonde ia era a casa de banho pública, e mesmo assim somente após o anoitecer e quando começava a feder e mamãe ameaçava fazê-lo dormir na varanda caso ele não fosse. Ele provavelmente preferiria assim.

Gostava da varanda porque podia fumar e era o único ar fresco que tomava durante o dia. Ficava sentado ali, em cima do balde virado, e lia mangás antigos que eu tinha achado na lixeira de recicláveis, e quando acabava de fumar, ele entrava e lia as Grandes Mentes da Filosofia Ocidental e dobrava insetos de papel. Já quase não trabalhava no computador ou surfava na internet, o que era esquisitíssimo, pois era só o que fazia em Sunnyvale. Agora mal entrava na internet, a não ser nas poucas vezes em que mandava e-mail para um dos amigos da época de Sunnyvale. Comecei a imaginar que ele também era um ikisudama, ou que tinha sido apossado por um monstro, talvez um suiko, um kappa[77] gigante das águas negras do rio Sumida, que sugara seu sangue todo e entregara o corpo oco à costa. Era o que parecia.

Em todo caso, depois que a campainha tocou umas quatro ou cinco vezes, me levantei para atender. Pensei que fosse a esposa do senhorio ou o homem do gás ou o pesquisador do censo ou um par de mórmons de cara brilhosa numa missão. Por que os mórmons missionários sempre parecem gêmeos idênticos, mesmo quando são de estaturas e raças diferentes? Era isso o que me perguntava, o que explica por que não fiquei muito surpresa ao abrir a porta e

ver dois caras vestidos com pijamas cinza-claros idênticos e com chapéus de palha. Não eram mórmons, mas aparentavam tanto serem clones e tinham o rosto tão luzidio que concluí que eram de outro tipo de religião que viajava em duplas. Por que todas as pessoas religiosas têm rosto brilhoso? Talvez nem todos, mas os entusiásticos, como se a luz de Deus vazasse por seus poros.

A julgar pelo brilho, os dois caras eram bastante entusiásticos, embora também fossem bem baixinhos. Um deles era velho e o outro, jovem, e percebi que por baixo dos chapéus ambos eram calvos. Os pijamas eram como os usados pelos monges do templo que ficava no caminho da escola, então imaginei que fossem budistas batendo na nossa porta para implorar dinheiro, e, se fosse o caso, caramba, haviam errado feio de apartamento.

Abaixaram-se bastante ao fazer a reverência. Eu meio que assenti como retribuição. Não sou muito educada no sentido japonês.

– Ojama itashimasu. Tadaima otōsan wa irasshaimasuka? – foi a pergunta do jovem, que significa mais ou menos "Por favor, perdoe a intrusão. Seu honrado pai por acaso está presente neste momento no tempo?"

– Ei, pai! – eu chamei com a cabeça voltada para a sala, em inglês. – Tem dois anões de pijama aqui querendo falar contigo.

Eu tinha essa coisa de me negar a falar japonês com os meus pais. Agia muito assim quando estávamos em casa, e às vezes quando saíamos para fazer compras ou ir ao sento. Como o povo japonês é bem fraco no que diz respeito a entender o inglês oral, você pode tecer comentários sarcásticos, e em geral eles não compreendem o que você disse. Minha mãe morria de raiva quando eu fazia isso. Eu não estava agindo com crueldade, só um pouquinho de crueldade, e meu pai quase sempre achava graça. Gostava de fazê-lo rir.

Em todo caso, dessa vez, o monge mais novo soltou risadinhas, e eu pensei tipo *Ai que merda, estou frita*, então me virei para dar outra olhada, e no instante em que me ocorreu que os monges na verdade eram mulheres, a mais velha passou ao meu lado, tirando o zori[78] e o chapéu e atravessando a sala, e no instante seguinte ela já estava na varanda, junto ao meu pai, que àquela altura já estava na beirada, olhando para a calçada como se fosse pular. A velha monja subiu no balde e se debruçou ao lado dele, no parapeito, como uma criancinha prestes a subir num trepa-trepa. Além do mais, era miúda que nem uma criança, e talvez tenha sido por isso que papai reagiu daquela forma, abrindo o braço para impedi-la de cair. Foi um reflexo instintivo de pai, o mesmo movimento que provavelmente havia me salvado de quebrar o pescoço ou cair e morrer uma centena de vezes, só que eu nunca tinha visto o ato

daquele ângulo, e fiquei perplexa com a rapidez e a precisão. Pena que ele não tivesse um braço desses que pudesse usar para se salvar.

A velha monja disse alguma coisa. Não sei o que foi, mas papai se virou e a fitou, depois se afastou do parapeito e se sentou no balde e afundou o rosto nas mãos. Comecei a entrar em pânico. Não sei se o seu pai chora muito, mas em minha opinião é uma coisa horripilante de se ver, e já assistira àquilo antes, após o Incidente do Expresso de Chuo, e não tinha lá muita vontade de repetir a experiência, principalmente na frente de estranhos. No entanto, a monja não parecia se importar, ou talvez estivesse apenas lhe dando um pouco de espaço. Ela continuou olhando a rua lá embaixo e, depois de ver o suficiente, se virou e ajeitou o pijama e passou a afagar a cabeça do meu pai daquele jeito meio distraído com que afagamos a cabeça de uma criancinha quando ela cai ou se machuca apenas de leve. Ao afagá-lo, examinou o ambiente com seus olhos vagarosos, enevoados, passando por todas as superfícies do apartamento, o cinzeiro transbordante e as pilhas de roupas e as peças de computador e os mangás e a louça na pia, até que por fim se fixaram em mim.

– Nao-chan desu ne?[79] – ela disse. – Ohisashiburi.[80]

Desviei o olhar, sem querer confirmar logo de cara que eu era a Naoko.

– Ookiku natta ne[81] – ela disse.

Odeio quando as pessoas enfatizam como estou grande, e, como aquela senhorinha era uma anã, que direito tinha de falar isso, e além do mais, quem ela pensava que era, de qualquer modo, para sair entrando no apartamento dos outros e fazer comentários pessoais?

E no instante em que esse pensamento me passava pela cabeça, papai se mexeu sobre o balde, levantou a cabeça e suspirou: “Obaachama…[82]”, e eu pensei tipo *Dã!, porque é claro que aquela era sua vovozinha querida.* Ele ergueu o olhar para ela, e então percebi que não estava chorando, mas que suas faces estavam vermelhas, como às vezes ficavam quando bebia, mas, como eu sabia que não entrava nenhuma bebida no apartamento desde o Incidente do Expresso de Chuo, imaginei que fosse de constrangimento ou vergonha. E, francamente, também sentia vergonha ao ver seu rosto inchado e olhos injetados com remelas endurecidas grudadas nos cílios e os flocos grandes de caspa alojados no cabelo oleoso. Usava uma regata manchada e amarelada na área das axilas, e quando se levantou, reparei pela primeira vez em como sua coluna havia adquirido a forma de um S, com a barriga saliente, o peito encovado e os ombros curvos.

Escutei um barulho às minhas costas.

– Shitsurei itashimasu…[83] – Era a monja mais nova. Tinha me esquecido completamente dela mas, ao me virar e examiná-la com cuidado, vi que não era tão nova quanto eu imaginara. No caso de moças carecas, fica difícil saber. A única outra mulher careca que já tinha visto de perto era a mãe de Kayla, em Sunnyvale, que havia tido câncer de mama e cujo cabelo caíra todo, inclusive as sobrancelhas, só que ela não tinha o rosto lustroso que nem o dessas duas. Era ressecado e sem viço como cartolina.

As duas carregavam uma maletinha de rodinhas, que a mais nova tentava puxar para dentro do genkan, mas, como o assoalho inteiro estava tomado pelos nossos sapatos e chinelos, ela teve de passar a mala por cima. Em seguida, ela tirou as sandálias, entrou no nosso apartamento, se aproximou de mim e fez uma mesura.

– Por favor, entra? – ela perguntou, num inglês cuidadoso, como se eu fosse uma convidada chegando dos Estados Unidos. Simplesmente assenti, porque sinceramente me sentia uma estrangeira vivendo naquele apartamento idiota de Tóquio com pessoas estranhas que se diziam meus pais, mas que eu mal reconhecia.

Em Sunnyvale, eu pensava que era adotada. Algumas das minhas amigas chinesas haviam sido adotadas por pais californianos comuns, mas eu sentia que comigo era o contrário, como se eu fosse uma menina californiana comum adotada por pais japoneses, que eram esquisitos e diferentes, mas toleráveis, já que em Sunnyvale era uma coisa meio especial ser japonês. As outras mães pediam à minha que lhes ensinasse a fazer sushi e arranjos florais, e os pais tratavam o meu como um bichinho de estimação que poderiam levar para dar uma corrida no campo de golfe e ensinar truques novos. Ele sempre voltava para casa com aparelhos novos em folha e de ponta, como grelhas Weber e caixas de compostagem que mamãe não sabia como usar, mas tudo bem. Tínhamos certo estilo de vida. Agora, mal tínhamos vida.

4.

Aqui vai uma ideia: se eu fosse cristã, você seria meu Deus.

Está entendendo? Porque o jeito como falo com você é igual ao jeito como imagino que alguns cristãos falam com Deus. Não estou falando exatamente de rezar porque, quando você reza, é porque deseja alguma coisa, ou pelo menos era isso o que Kayla dizia. Ela vivia rezando por coisas e depois dizia aos pais exatamente pelo que havia rezado, e em geral conseguia o que queria. É

provável que fosse uma tentativa deles de fazê-la acreditar em Deus, mas por acaso sei que não estava funcionando.

Bom, não acho que você seja Deus de verdade nem espero que realize meus desejos ou algo do gênero. Só gosto do fato de poder falar contigo e você estar disposto a ouvir. Mas é melhor eu correr, caso contrário nunca vou chegar onde deveria.

Jiko e meu pai continuavam conversando na varanda, e a mais nova, Muji, me ajudou a fazer chá e depois entabulamos um papo educado ao estilo japonês, sobre o nada, até mamãe chegar em casa, e deu para perceber, pela surpresa que fingiu ter ao encontrar duas monjas budistas na sala de estar, que ela havia organizado a situação toda, e além disso tinha feito compras e levado sushi para cinco pessoas e também uma garrafa grande de cerveja, o que jamais teria feito só para mim e para o papai.

Depois que terminamos de comer, fui para o quarto e entrei na internet para verificar o número de acessos de "A morte trágica e precoce da aluna transferida Nao Yasutani", mas ele não aumentara desde a última vez em que eu o olhara, o que era deprimente, levando-se em conta que só fazia menos de duas semanas que estava morta e já tinha sido esquecida. Não existe nada mais triste que o ciberespaço… mas eu já disse isso.

Na sala de estar, ouvia as pessoas conversando sobre a necessidade de obras no templo da Jiko e que o danka[84] não podia arcar com os consertos porque todos os jovens estavam se mudando para as cidades, e os idosos deixados para trás não tinham muito dinheiro. E depois a conversa tomou outro rumo e eles passaram a falar baixinho, e, como escutei as palavras *ijime* e *homushiku*[85] e *nyuugakushiken*,[86] pus os fones de ouvido para não ter de ouvir aquilo. A única coisa mais solitária que o ciberespaço é ser uma adolescente, sentada no quarto que você tem que dividir com os fracassados dos seus pais porque eles são pobres demais para alugar um apartamento grande o bastante para você ter o próprio quarto, e então ter de ouvi-los discutir os seus supostos problemas. Aumentei o volume e ouvi algumas canções antigas de Nick Drake que papai me dera, das quais estava começando a gostar. "Time Has Told Me." "Day Is Done." As músicas de Nick Drake são muito tristes. Ele também cometeu suicídio. Por fim, não aguentei mais, então desisti e fui para a sala.

Continuavam sentados ao redor da mesa em que haviam comido, só que agora, no lugar do sushi, havia um pratinho de mochi[87] verde fluorescente coberto por uma pasta e um saco de ervilhas de wasabi verdes, e estavam bebendo cerveja dos copinhos dispostos diante deles, menos mamãe, que

tomava chá, e papai, que levara a cerveja para a varanda para poder fumar.

– De onde foi que isso veio? – perguntei em inglês, apontando para o mochi. Não era muito fã de bolinhos de arroz doce, mas seria bom se ao menos me oferecessem um, sabe?

Mamãe franziu a testa e fez que não, o que queria dizer que eu não devia apontar e não devia falar inglês.

– Chotto, osuwari… – ela disse, dando tapinhas na almofada, querendo indicar que eu devia me sentar ao lado dela como um chihuahua adestrado. Seus olhos estavam avermelhados, como se tivesse chorado.

Recuei.

– Vou para a cama – informei, ainda em inglês. – Estava estudando. Estou cansada.

Todos me observavam, papai da varanda, Jiko do lado oposto da mesa, de olhos semicerrados, e Muji, ajoelhada aos meus pés, o rosto enrubescido pela cerveja e agora ainda mais brilhoso, se é que isso era possível. Ela pegou o prato de bolinho de arroz doce e o ofereceu a mim.

– Por favor! É Zunda-mochi. São uns alimentos especiais de grão de soja da região de Sendai.

Assenti educadamente, como se entendesse do que falava, o que não era verdade. Ela aguardou, mas já que rejeitei a oferta, ela pôs o prato na mesa e pegou a garrafa para derramar o resto de cerveja no copo da velha Jiko. Ela realmente adorava servir.

– Jiko Sensei gostar muito – ela declarou. – Sensei é forte para beber o-saquê, mas sou muito fraca. – Ela deu uma risadinha e arrotou, em seguida tampou a boca com a mão. Arregalou os olhos e os globos oculares giraram feito castanhas assadas dentro da órbita. Eu me esparramei na almofada que estava ao lado dela. Era meio doida, e eu começava a gostar dela. Do outro lado da mesa, a velha Jiko havia cochilado.

– Nao-chan – chamou mamãe. Falava em japonês, e seu tom de voz era alegre e falso. – Sua bisavó Jiko teve uma ideia maravilhosa. Ela teve a gentileza de te convidar para passar as férias de verão inteiras no templo dela, em Miyagi…[88]

Inacreditável! Era tudo uma armação. Agora todos me observavam com atenção, minha mãe, Muji e Jiko, que imaginei ser capaz de me enxergar através das pálpebras fechadas, e meu pai, que continuava na varanda, espontâneo e fingindo indiferença. Detesto quando os adultos ficam olhando dessa forma. A sensação é de que você é um ciborgue que não funciona direito.

Não exatamente um humano.

– Uma delícia, você não acha? – mamãe estridulou. – O contorno da costa é lindo e o clima é bem mais fresco do que na cidade. E tem o mar bem ali, então você também pode nadar. Não acha que vai ser divertido? Eu falei para ela que você adoraria…

Às vezes, quando os adultos falam contigo e você os encara, eles parecem estar em um daqueles televisores antigos, do tipo com vidro grosso e escuro, e você vê suas bocas se movendo, mas, como as palavras exatas são abafadas no amontoado de ruído branco da estática, você mal as entende, o que não importa porque eu não estava ouvindo, de qualquer forma. Mamãe tagarelava sem parar como uma apresentadora de programa matinal, Muji arrotava e gorjeava feito um pirata embriagado, Jiko fingia dormir e papai exalava nuvens de fumaça de cigarro nas minhas calcinhas que estavam penduradas no varal porque no meio dessa empolgação toda me esqueci de guardá-las, mas nada disso tinha importância porque eu estava imersa nos meus pensamentos, que é o que faço quando as coisas ficam intensas demais. Era só uma questão de esperar e vencê-los pelo cansaço, e sou boa em esperar, já que consigo treinar bastante na escola. Um dos truques para esperar é fingir que você está debaixo d'água, ou melhor ainda, congelada num iceberg, e se você se concentrar de verdade, dá até para ver como seu rosto vai ficar se for congelado sob o gelo, todo azul, turvo e ondulado.

Papai voltou da varanda para a sala e se sentou à minha frente.

Eu continuava incapaz de ouvir a voz dele em meio à estática, mas consegui ler seus lábios. Você. Devia. Ir.

Não era isso o que eu queria. Fiz com que meu pulso desacelerasse. Me abstive de respirar. Parei totalmente de me mexer.

Jiko abriu os olhos nesse instante. Não sei como eu sabia disso, porque nem estava olhando para ela, mas senti uma espécie de energia vinda de seu lado da mesa, e, portanto, quando ela se inclinou para a frente e pôs sua mão envelhecida em cima da minha, não fiquei surpresa. Sua mão era muito leve, como as cócegas de um bafo quente, e minha pele começou a formigar. Ela não tirava os olhos de mim, e mesmo sem vê-la, eu a sentia derretendo o gelo, puxando minha mente em direção à dela apesar do frio. Senti minha pulsação voltando ao normal e meu sangue recomeçando a circular. Pestanejei. Papai continuava falando.

– É só por um tempinho – ele dizia. – Sua mãe já arrumou tudo. Eles têm médicos especiais que podem me ajudar a lidar com os meus problemas.

Quando você voltar, eu já vou estar bem. Sério. Prometo. Você acredita em mim, não acredita?

Agora que pude escutá-lo e ver como aparentava cansaço e tristeza, o resto de mim se derreteu.

– Mas… – eu disse, tentando achar minha voz. Claro que eu não acreditava nele, mas o que poderia dizer? Portanto, apenas fiz que sim, e foi isso.

72 *kanashibari* (金縛り) – literalmente “metal” + “atado”. Espécie de paralisia do sono.

73 *cosplay* (コスプレ) – vestir-se com fantasia, principalmente dos personagens de mangá ou animes prediletos. Gíria japonesa, de “costume” (fantasia) + “play” (interpretar, brincar).

74 *ikisudama* (生き魑魅) – fantasma vivo.

75 *tatari* (祟り) – ataques de espíritos.

76 *shitamachi* (下町) – centro da cidade.

77 *kappa* (河童) – literalmente “filho do rio”. Criatura mitológica maligna, como um gênio da água, com mãos e pés palmados e couro escamoso de réptil verde, azul ou amarelo. Tem uma carapaça similar ao casco das tartarugas e uma reentrância em forma de tigela no alto da cabeça, que deve estar sempre cheia d’água. Caso a tigela seja derramada, o *kappa* fica paralisado.

78 *zōri* (草履) – chinelos.

79 *Nao-chan desu ne?* – Você é a querida Nao, não é?

80 *Ohisashiburi* – Há quanto tempo.

81 *Ookiku natta ne* – Você cresceu bastante, não foi?

82 *Obāchama* – forma honorífica, mas íntima de se dirigir à avó.

83 *Shitsurei itashimasu* – Perdoem pela intrusão.

84 *danka* (檀家) – os paroquianos do templo.

85 *homushiku* (ホームシック) – do inglês *homesick*, com saudades de casa.

86 *nyuugakushiken* (入学試験) – provas de admissão.

87 *mochi* (もち) – bolinhos de arroz doce.

88 Miyagi… Sendai fica em Miyagi!

Ruth

1.

A província de Miyagi fica na região de Tohoku, no nordeste do Japão. Essa área foi um dos últimos territórios tribais a serem tomados dos indígenas emishi, descendentes do povo jōmon, que habitou o local da época pré-histórica até ser derrotado pelo Exército Imperial japonês no século XVIII. A costa litorânea de Miyagi também foi uma das áreas mais atingidas pelo terremoto e tsunami de 2011. O templo da velha Jiko ficava em algum lugar dessa costa.

A província de Fukushima, localizada ao sul de Miyagi, também fazia parte das terras ancestrais dos emishi. Agora, Fukushima sedia a Usina Nuclear Fukushima Daiichi. O nome Fukushima significa “Ilha Feliz”. Antes de o tsunami causar a catastrófica fusão da usina nuclear, as pessoas acreditavam que fosse um lugar feliz, e os cartazes colados nas ruas principais das cidades vizinhas refletiam essa sensação de otimismo.

Energia nuclear é energia para um futuro mais radiante!
O entendimento correto da energia nuclear leva a uma vida melhor!

2.

A ilha onde Ruth e Oliver moravam foi batizada em homenagem a um famoso conquistador espanhol que derrubou o império asteca. Apesar de nunca ter chegado até a extremidade norte da ilhota que recebeu seu nome, seus homens chegaram lá, e por isso as baías e canais da costa da Colúmbia Britânica são cheias de nomes de famosos espanhóis assassinos em massa. Mas, apesar do nome sanguinário, a ilhota era relativamente benigna e feliz. Dois meses por ano, era um paraíso precioso, transbordante de veranistas relaxados com iates e casas de praia e fazendeiros hippies alegres que cultivavam legumes orgânicos

e bebês desfraldados. Eram professores de ioga, praticantes de medicina alternativa e curandeiros de todas as modalidades, percussionistas e xamãs e gurus aos montes. Dois meses por ano, o sol brilhava.

Mas, quando os turistas e veranistas iam embora, o céu azul nublava e a ilha mostrava os dentes, revelando seu lado camponês. Os dias ficavam mais curtos e as noites se prolongavam, e nos dez meses seguintes, chovia. Os locais que moravam ali o ano inteiro gostavam disso.

A ilha também tinha um apelido, um nome paralelo que raramente era proferido: a Ilha dos Mortos. Alguns diziam que o nome se referia às guerras intertribais sanguinolentas ou à epidemia de varíola de 1862, que matou a maioria da população indígena salish. Outros diziam que não, que a ilha sempre havia sido um cemitério tribal, guarnecido de cavernas escondidas conhecidas apenas pelos anciãos, onde eles sepultavam seus mortos. Também havia quem insistisse que o apelido não tinha nada a ver com a tradição dos indígenas, preferindo enfatizar a população idosa de brancos aposentados, que viera passar o crepúsculo de suas vidas na ilha, transformando-a em uma espécie de comunidade fechada como Boca Raton, só que com clima tenebroso e sem conforto.

Ruth gostava do apelido. Tinha certa gravidade, e havia levado a própria mãe para morrer ali, afinal. Além disso, levara as cinzas do pai em uma caixa e, após a cremação da mãe, enterrara os restos de ambos no minúsculo cemitério de Whaletown, num lote com bastante espaço também para ela e Oliver. Quando mencionou isso aos amigos de Nova York, eles disseram que a vida na ilha rural estava tornando-a enfadonha e mórbida, mas ela discordava. É verdade que, em comparação com Manhattan, não havia muita emoção na ilha deles, mas de quanta emoção ela precisaria depois de morta?

3.

A agência de correio era uma cabana pequena de madeira, pregada no afloramento rochoso à margem da baía de Whaletown. A correspondência chegava de balsa três vezes por semana, e, portanto, nesse período, um representante de cada uma das residências de Whaletown pegava o carro, caminhonete ou o carro esportivo e se dirigia à agência para recolher as cartas. Esse desperdício temerário de combustível fóssil irritava Oliver.

– Por que a gente não tem carteiro? – ele resmungava. – Uma pessoa, um veículo, diminui o carbono e entrega a correspondência toda. Não entendo qual

é a dificuldade.

Ele se recusava a dirigir e sempre andava de bicicleta, e quando era a vez de Ruth insistia em que fosse caminhando, mesmo debaixo de chuva. Mesmo quando uma tempestade estava para cair. Eram cinco quilômetros.

– Você precisa fazer exercício – ele dizia.

O vento começava a aumentar e a chuva caía com força. Ruth estava encharcada quando chegou à agência do correio. Pescou as cartas ensopadas que enviaria, guardadas no bolso, e pediu selos.

– Sudeste – declarou Dora, de trás da janelinha. – O vento está ganhando força. A luz já vai ter acabado quando der a hora da janta. Noite boa pra escrever, né?

Dora era a agente do correio, uma mulher baixinha e com aparência enganosa de meiguice que tinha a língua afiada e a reputação de levar os vizinhos às lágrimas pela demora em buscar as correspondências ou por chegarem cedo demais, antes que terminasse de separá-las, ou simplesmente por escreverem nos envelopes numa letra ilegível. Era enfermeira aposentada e escrevia poemas, que oferecia num revezamento organizado a periódicos e revistas literárias. Alegava não gostar de muitas pessoas, principalmente dos recém-chegados, mas se encantou imediatamente com Ruth, e isso se devia apenas um pouco à assinatura que Ruth tinha da *New Yorker*, que, como Muriel lhe informara no dia em que reclamou da lentidão na entrega da revista, Dora tinha o hábito de tirar do plástico com sifão e levar para casa para ler antes de enfiar, atrasada, na caixa de correio de Ruth. Não, a verdadeira razão para Dora gostar de Ruth era o fato de ela também ser escritora, ser uma colega, e toda vez que Ruth ia à agência, Dora lhe dava notícias frescas sobre a situação de suas tentativas de publicação poética. Ao longo dos anos desde que Ruth a conhecera, Dora tivera vários poemas aceitos para publicação em revistas pequenas, mas a *New Yorker* continuava sendo seu santo graal e se mantinha firme na recusa em fazer a assinatura até que a revista publicasse um de seus poemas. Esse esquema funcionaria contanto que Ruth renovasse sempre a assinatura, e Dora não parecia se importar. Teimava em dizer que colecionar papeizinhos de rejeições era uma parte nobre e necessária do exercício poético e que se orgulhava de sua coleção. Revestia as paredes de seu alpendre com eles, como ouvira dizer que Charles Bukowski fazia. Ruth a admirava por admirar Bukowski.

Dora sabia de tudo sobre todos, e não apenas por ler as correspondências das

pessoas. Ela tinha um interesse permanente e contumaz pela vida alheia, e também era bondosa, apesar da propensão a alfinetadas. Mimava a mãe de Ruth e lhe dava buquês pomposos de rosas multicoloridas colhidas em seu jardim. Sempre perguntava sobre a saúde dos vizinhos e tinha um estoque de morfina que restara de sua época de enfermeira e que distribuía quando necessário, quando alguém estava ferido, ou agonizando, ou precisava sacrificar o bichinho mais querido. Tricotava enxovais para as grávidas solteiras da ilha e, no Halloween, fazia biscoitos que pareciam dedos decepados para as crianças, com amêndoas no lugar das unhas e glacê vermelho como sangue. A agência dos correios era como o poço do vilarejo. As pessoas se demoravam ali, e era o lugar para onde iam quando precisavam de informações.

Ruth havia superado sua aversão a telefones duas vezes naquela semana, na primeira vez para ligar para Callie e na segunda para falar com Benoit LeBec. Tinha deixado recado, mas, na falta de retorno à ligação, imaginou que Dora saberia o motivo.

– Ah, eles estão viajando – explicou Dora, socando os selos nas cartas úmidas de Ruth com o carimbo da agência de Whaletown. Tinha muito orgulho do carimbo. Era o carimbo mais antigo em uso contínuo do Canadá, datando de 1892, quando Whaletown ganhou sua primeira agência.

– Foram a Montreal para o casamento da sobrinha. Voltam amanhã, a tempo de ir à reunião do A. O que você quer com o Benoit?

Ruth deu um passo para trás e fingiu procurar trocados. Tinha certeza de que havia pistas no misterioso caderno em francês que a ajudariam a descobrir o paradeiro dos Yasutani, e queria que a tradução ficasse pronta o mais rápido possível, mas não podia falar isso para Dora. Muriel já era mestra em espalhar fofocas, mas Dora era pior ainda. Como agente dos correios, via nisso parte da descrição de seu emprego, e Ruth sentia uma vontade estranha de proteger Nao e seu diário e não queria que todo mundo ficasse sabendo. E também havia outras pessoas na sala da agência, sem pressa de sair da frente de suas caixas postais, fingindo ler as correspondências – um ostreicultor chamado Blake, uma professora aposentada de Moose Jaw chamada Chandini, uma moça hippie que se chamava Karen até trocar seu nome para Purity. Ninguém falava, e todo mundo parecia esperar uma resposta.

– Ah – disse Ruth, entregando a Dora o dinheiro dos selos. – Nada, na verdade. Só preciso de ajuda com uma tradução.

– Você está falando do caderno em francês que achou na praia? – indagou

Dora.

Que droga, pensou Ruth. Muriel. Não existiam segredos nessa porcaria de ilha.

– E tem um diário também, né? – perguntou Dora. – E umas cartas?

Não havia sentido em negar. As outras pessoas que estavam na sala haviam se aproximado da janelinha.

– É verdade que veio do Japão? – Blake, o ostreicultor, inquiriu.

– É uma possibilidade – disse Ruth. – Difícil saber.

– Você não acha que devia devolver? – perguntou Chandini. Era uma mulher magra, nervosa, de cabelo louro ralo, que outrora lecionava matemática.

– Por quê? – questionou Ruth, se espremendo para passar por ela e abrir sua caixa postal. – Devolver para quem?

– A agência de fauna e pesca? – sugeriu Chandini. – A Polícia Montada? Eu não sei você, mas se tem coisa do Japão vindo parar na nossa costa, eu fico preocupada com a radiação.

Os olhos de Purity se arregalaram.

– Nossa – ela exclamou. – A precipitação radioativa. Seria uma grande porcaria…

– Vai causar problema para as ostras – declarou Blake.

– Para os salmões também – completou Chandini. – Para tudo o que a gente come.

– É mesmo – disse Purity, expirando e prolongando a palavra. – Porque também fica no ar, e aí chove e entra no lençol d'água e, tipo, na cadeia alimentar toda, inteirinha, e aí entra no nosso corpo e tal.

Dora lhe lançou um olhar.

– O que foi? – disse a garota. – Eu não quero ter câncer nem ter filhos deformados…

Blake mexeu na barba e depois enfiou as mãos nos bolsos da frente. Seus olhos brilhavam.

– Também ouvi dizer que tem um relógio – ele comentou. – Um relógio de camicase verdadeiro.

Ruth examinou as correspondências e tentou ignorá-lo.

– Me interesso por esses troços históricos – ele disse. – Será que eu poderia dar uma olhadinha nele uma hora dessas?

Era inútil. Ruth esticou o braço e Blake e Chandini se apertaram para olhá-lo, mas Purity recuou.

– Isso aí também pode estar contaminado, né? – ela disse.

– É provável – respondeu Ruth. – Agora que você falou nisso, tenho certeza de que está.

Dora se inclinou para fora da janelinha.

– Quero ver.

Ruth tirou do pulso o relógio do soldado do céu e o entregou a ela, segurando-o pela tira. Lá fora, o vento começava a uivar. Dora pegou o relógio e assobiou.

– Que beleza – ela comentou, colocando-o no pulso.

– Você não tem medo de ser envenenada? – a garota indagou.

– Querida – disse Dora. – Eu sobrevivi a um câncer de mama. Mais um bocadinho de radiação não vai me fazer mal. – Ela admirou o relógio, tirou-o do pulso e o devolveu à Ruth. – Aqui está – ela disse, e em seguida piscou. – O material é bom, né? Como anda o livro novo?

4.

Para voltar para casa, Ruth pegou carona no caminhão de Blake, que recendia a ostras e mar. Ele a deixou no início da rua, e ela correu a longa entrada da garagem rumo à sua casa, debaixo da tempestade. Rajadas de vento açoitavam os abetos altos e os galhos dos bordos suspiravam. A madeira do bordo é quebradiça. Uns anos antes, um vizinho morreu ao ser atingido por um galho grande na cabeça, durante um temporal. Fazedores de viúvas, era como os chamavam. Ela ficou atenta ao que acontecia acima de sua cabeça enquanto corria. *Cadê o corvo?*, perguntou-se.

A luz já tinha acabado e voltado, Oliver lhe dissera, portanto ela subiu a escada às pressas para olhar os e-mails. Estava tentando ser menos obsessiva e compulsiva, mas já fazia 48 horas que escrevera para o professor Leistiko e estava ansiosa pela resposta. Deu uma olhada rápida na caixa de entrada. Nada do professor. E agora?

Ela escutava Oliver no porão, mexendo no antigo gerador a gás, se esforçando para ligá-lo. Tinham um sistema para o caso de faltar luz, que dependia de um gerador operante para distribuir energia a centenas de metros de extensões elétricas que serpenteavam a partir do porão, levando eletricidade ao freezer e à geladeira antes de se enrolar pela cozinha e subir a escada e entrar nos escritórios. Os fios eram perigosos. Era fácil tropeçar em um fio enrolado e cair na escada. Caso o gerador não funcionasse, recorreriam a velas, lanternas e lampiões. O gerador era barulhento. Sem ele, e sem a existência

sutil dos aparelhos elétricos – o zumbido e chiado de ventiladores e bombas e transformadores –, o silêncio da casa era profundo. Ruth gostava de silêncio. O problema era a impossibilidade de ligar o computador ou surfar na internet com um lampião.

A internet era o portal principal que tinham para o mundo, e um que vivia se fechando com um baque. O acesso se dava através de uma rede de celulares 3G, mas a enorme companhia de telecomunicações que oferecia o pretenso serviço era famosa por vender mais banda do que era capaz de suprir. A torre mais próxima ficava na ilha ao lado, e a conexão deles era lenta de doer. No verão, o problema piorava devido ao excesso de demanda e tráfego. No inverno, eram os temporais. O sinal tinha de atravessar quilômetros de mares agitados, ar densamente saturado e então, ao chegar à costa litorânea ziguezaguear por entre as copas altas das árvores açoitadas pelos ventos.

Mas ao menos por enquanto a internet funcionava e queria aproveitá-la antes que a luz acabasse. Consultou a lista crescente de palavras-chave e pistas. Digitou *The Future Is Nao!* O sistema de busca achou alguns links inúteis: uns vídeos de um robô francês humanoide de programação autônoma chamado NAO; um relatório do Tribunal de Contas Nacional sobre a importância de salvaguardar a saúde das abelhas melíferas.

"Você quis dizer: The Future Is Now?", o site de busca lhe perguntou, querendo ajudá-la.

Não quis dizer isso. Sabia que, depois que a luz acabasse, poderia passar uns dias sem voltar, então foi ao próximo termo da lista. Já tinha feito várias buscas abrangentes de *Jiko Yasutani*, *anarquista*, *feminista*, *romancista*, *budista*, *zen*, *monja*, *Taishō* e até *mulher moderna*, em diversas combinações. Dessa vez, acrescentou uma palavra nova, colhida durante a leitura da noite anterior. *Miyagi*. Recostou-se e aguardou.

O cômodo tinha ficado escuro, e o brilho da tela do computador em seu rosto era a única fonte de iluminação, um quadrado pequeno de luz numa ilha debaixo da tempestade. Também se sentia pequena. Tirou os óculos, fechou os olhos e os esfregou.

Lá fora, o vento realmente uivava, açoitando a chuva em círculos e fazendo a casa inteira estremecer e gemer. As tempestades na ilha eram primitivas, lançando tudo de volta no tempo. Ela pensou no segundo sonho que teve com a monja, lembrou-se da manga preta da velhinha ao acenar, da forma como os óculos de lentes garrafais tornaram o mundo um borrão. O temporal agia do mesmo jeito. E depois aquela sensação assustadora de ser atirada no vazio, na

inexistência, de tentar tocar o rosto e não o encontrar. O sonho foi tão vívido, tão aterrador, e, no entanto, depois de terminado, ela teve um sono muito profundo, despertando somente com o toque macio da monja e o ruído de uma risada e um estalo.

Abriu os olhos e pôs os óculos de volta. A rodinha do navegador continuava a girar, o que não era um bom sinal. O sinal não estava sendo transmitido e, com ventanias assim, era só uma questão de tempo até que uma árvore caísse em cima de um fio elétrico. Estava prestes a atualizar a página e recomeçar a pesquisa quando um clarão iluminou o monitor, ou seria um raio iluminando o céu lá fora? Não tinha certeza, mas um instante depois, a tela ficou preta, afundando o ambiente na escuridão. Já basta dessa história.

Ela se levantou e foi tateando em volta da escrivaninha à procura da lanterna que deixava em uma prateleira, mas assim que a encontrou, quando já ia ligá-la, o disco rígido zumbiu e a tela piscou, e a escuridão foi iluminada pela página brilhante do navegador com o resultado da pesquisa que havia feito. Estranho. Voltou para a escrivaninha e olhou a página.

Não era grande coisa. Um artigo, apenas, mas que parecia promissor. Seu coração acelerou quando leu:

> Resultado 1 – 1 de 1 para “Yasutani Jiko” e “zen” e “monja” e “romancista” e “Taishō” e “Miyagi”

Ela se sentou, puxou a cadeira para perto da tela e no mesmo segundo clicou no link, que a levou ao site de um arquivo de periódicos acadêmicos. O acesso ao arquivo era restrito a bibliotecas acadêmicas e outras instituições que faziam a assinatura. Sem assinatura, somente o título do artigo, uma amostra curta e os dados da publicação estavam disponíveis. Mas já era alguma coisa.

O título do artigo era “*Shishōsetsu* japonês e a instabilidade do ‘eu’ feminino”. Ruth se inclinou em direção à tela e leu a amostra, que começava com uma citação: *“Shōsetsu e Shishōsetsu – ambos são muito esquisitos. Veja só: não existe Deus na tradição japonesa, não há uma autoridade monolítica na narrativa – e isso faz toda a diferença.”* – Irokawa Budai

> O termo *shishōsetsu*, como também o *watakushi* mais formal, *shōsetsu*, se refere ao gênero da ficção autobiográfica japonesa, comumente traduzido para o português como “autoficção”. O *shishōsetsu* vicejou no breve período de liberalização sociopolítica da Democracia Taishō (1912-1926), e ecos fortes desse gênero continuam a influenciar a literatura contemporânea do Japão. Muito já foi dito sobre a forma, sobre o estilo “confessional”, a “transparência” do texto e a “sinceridade” e “autenticidade” de sua voz autoral. Ela também é citada na blogosfera com referência a questões de veracidade e fabricação, destacando a tensão entre os atos de

autorrevelação, autoacobertamento e modéstia.

Observa-se frequentemente que dentre os pioneiros do *shishōsetsu* predomina o sexo masculino. As primeiras escritoras do *shishōsetsu* foram amplamente ignoradas, talvez porque, de fato, houvesse muito menos escritoras publicadas na época, assim como agora, e talvez porque, como Edward Fowler, em seu estudo exemplar do gênero, *The Rhetoric of Confession*, declarou, "as energias das escritoras proeminentes atuantes nas décadas de 1910 e 1920 eram dedicadas tanto a causas feministas quanto à produção literária".[89]

Essa afirmação, de que a dedicação a causas feministas gera consequências danosas à produção literária, é a que vou abordar, argumentando que pelo menos uma autora pioneira de *shishōsetsu* usou a forma de modo inovador, vigoroso e radical. Para ela, e para as escritoras que vieram depois, essa práxis literária foi nada menos que revolucionária.

Essa escritora é desconhecida no Ocidente. Nascida na província de Miyagi, mudou-se para Tóquio, onde se envolveu na política da esquerda radical. Trabalhou com diversos grupos feministas, entre eles Seitosha[90] e Sekirankai,[91] e escreveu, além de artigos, poemas e ensaios políticos, uma única obra de autoficção, incomum e inovadora, intitulada, simplesmente, *Eu-Eu*.[92]

Em 1945, após a morte do filho, um soldado em formação e piloto recrutado pelo *tokkōtai* (as Forças Especiais Japonesas, também conhecidas como camicases), ela se entregou à tonsura e aos votos de monja zen-budista.

Seu nome era Yasutani Jiko, uma mulher pioneira da "autoficção", que se riscou de…

<leia mais…>

Ali estava o nome, Yasutani Jiko, na tela do computador. Ruth não tinha se dado conta da ansiedade com que vinha aguardando essa corroboração por parte do mundo externo de que a monja de seus sonhos existia, e de que Nao e seu diário eram reais e, portanto, rastreáveis.

Ela se aproximou do monitor, decidida a mergulhar na camada mais profunda de informações para a qual a amostra era apenas um portão. Queria saber de tudo a respeito de Jiko Yasutani, e não apenas fragmentos de informações que vinham à tona aleatoriamente no diário de sua bisneta. Teve uma sensação súbita e incisiva de afinidade com essa mulher de outra época e lugar, engajada em atos de autorrevelação, autoacobertamento e modéstia. Esperava que esse mesmo artigo contivesse a tradução de ao menos trechos da autoficção, que agora estava louca para ler. Seria de grande valia conseguir uma provinha da voz de Jiko e de seu estilo de escrita.

Ruth clicou no <leia mais…> no fim da amostra e se recostou para aguardar. A página começou a carregar, mas foi substituída pela mensagem de "Servidor não encontrado". Clicou no botão de "Página anterior", mas obteve os mesmos resultados. A tela piscou. Às pressas, ela tentou voltar e recuperar a página

original, mas antes que pudesse atualizá-la, a tela ficou branca e a luz acabou, dessa vez sem ruídos, mas definitivamente. Recostou-se na cadeira. Tinha vontade de chorar. Das profundezas do porão, escutou Oliver praguejando à medida que o cheiro de gás subia pela escada. O gerador havia estragado de novo, e a máquina estava debaixo d'água. Às vezes, a hidrelétrica da Colúmbia Britânica levava dias para consertar os cabos e restabelecer o serviço. Até lá, ficariam na escuridão.

5.

Na manhã seguinte, eles continuavam sem eletricidade, mas a ventania tinha arrefecido e a chuva, parado. Após o café da manhã, Oliver queria catar algas marinhas para o jardim. Alga marinha era um fertilizante excelente, e as praias estariam repletas depois daquela ventania do sudeste. Encheram a picape de forcados e lonas enceradas e cruzaram a ilha de carro. Ao se aproximarem da saída que levava a Jap Ranch, começaram a ver carros estacionados à beira da rodovia.

– Muita gente teve a mesma ideia – disse Oliver.

No entanto, era estranho. Havia carros demais. Parecia mais uma rave ou um funeral do que uns poucos jardineiros recolhendo algas depois de um temporal.

– Será que não está acontecendo alguma coisa? – questionou Ruth. – Que chatice. A gente vai ter que estacionar e ir andando.

Eles descarregaram o carro e rumaram para a praia. Quando chegaram ao cume do dique, viram Muriel. Ela estava parada na beirada, olhando para o contorno da costa. Ao ver Ruth e Oliver se aproximando, ela apontou.

– Olhem – ela disse.

A praia estava salpicada de gente. Só isso já era estranho. Mesmo no verão, no auge da temporada turística, as praias da ilha nunca enchiam e dava para passar o dia inteiro ali, nadando, fazendo piquenique e procurando relíquias sem nunca se deparar com mais do que um punhado de gente fazendo as mesmas coisas.

Naquele dia, contudo, havia pessoas espalhadas por todos os cantos da praia. Algumas carregavam lonas e recolhiam algas, mas outras apenas caminhavam, o olhar fixo adiante, se arrastando mecanicamente de um lado para o outro. Ruth reconheceu alguns. Outros, ela nunca tinha visto.

– O que é que está acontecendo? – indagou Oliver.

– Catadores – explicou Muriel. – Procurando coisas do Japão. No *meu*

território.

Ela enrolava a ponta de sua trança grisalha e comprida com o dedo, um sinal infalível de que estava irrequieta. Havia chegado cedo, mas em pouco tempo os outros começaram a aparecer.

– Amadores – ela ridicularizou. – É culpa sua, sabia? As pessoas ouviram falar do seu saco plástico e alguém falou nos correios de toda a grana que deve ter sido carregada pela água no Japão.

Ruth se lembrou de ter lido a matéria na página on-line do *Japan Times*. As vítimas do tsunami, em sua maioria, eram idosas, que guardavam suas economias em casa, enfiadas nos armários ou debaixo do piso de tatame. Quando as casas foram varridas pela onda, as economias foram juntas e acabaram sugadas mar adentro. Uns meses depois, o mar começou a cuspir os destroços e cofres e caixas-fortes apareceram nas praias. Estavam cheios de dinheiro e outros objetos de valor, mas as autoridades acharam impossível identificar grande parte de seus donos, ou até descobrir se estavam vivos. Ainda assim, quem os achava continuava a entregá-los às autoridades.

Ruth passou os olhos pela praia. Os catadores pareciam estar possuídos, feito zumbis, mortos-vivos. Era mórbido.

– Alguém já achou alguma coisa?

– Não que eu saiba. Francamente, seu saco plástico foi só um acaso, meu tubo de pasta de dente também. A gente está numa parte afastada demais do oceano. Cansei de falar isso para eles. Os destroços de verdade estão em mar aberto, em outro trecho da costa. A gente não vai ver muita coisa boa chegar tão longe. Mas nossos amigos aí não querem me dar ouvidos.

– Se acharem dinheiro, não vão poder ficar com ele – declarou Ruth.

– Por que não?

– Porque ele é das vítimas. São economias de uma vida inteira. A maioria era de idosos…

– Que nem aqui – disse Muriel.

– Só que ninguém aqui tem cofre – comentou Oliver. – Quem dirá dinheiro.

Muriel riu.

– Você tem razão. A única coisa que o mar lançaria na nossa costa é sacos de maconha.

Ruth sentiu o rosto enrubescer.

– Isso não é piada – ela interpelou. – Vocês são terríveis. Vocês dois.

Muriel ergueu as sobrancelhas.

– Bom, a regra dos catadores de praia é de que achado não é roubado. É uma

regra antiquíssima. E, além disso, estou vendo que você continua usando o relógio…

Ruth lhe lançou um olhar feroz e apoiou o forcado no ombro.

– Estou tentando descobrir o dono – ela justificou. – Pretendo ficar com ele até conseguir. – Ela se virou para Oliver. – A gente vai catar alga ou não vai?

Ela seguiu rumo à praia. De soslaio, viu Oliver encolher os ombros e dar um sorriso obediente a Muriel, o que a irritou ainda mais. Ela parou e se virou para Muriel.

– E a culpa não é minha. Você não precisava ter contado para essa merda de ilha inteira sobre o meu saco plástico.

Muriel assentiu. Fios soltos de cabelo grisalho batiam em seu rosto, e ela os afastou.

– Eu sei. Me desculpe. Na verdade, eu contei para umas poucas pessoas, mas você sabe como são as coisas. Não consegui me conter. É empolgante. Eu vivo pelo lixo.

89 *The Rhetoric of Confession*, de Edward Fowler. Ver Bibliografia.

90 Sociedade da Meia Azul.

91 Sociedade da Onda Vermelha.

92 Este nome parece vir de um poema de Yosano Akiko, intitulado “Pensamentos incoerentes”, publicado no primeiro número da revista *Seito*. Ver Apêndice C.

Nao

1.

A velha Jiko ama de verdade o meu pai, apesar de todos os problemas dele, e ele também a ama de verdade. Ela costumava dizer que ele era o neto preferido. Claro, ele é o único neto, então era só uma brincadeira, e de qualquer forma eu por acaso sei que monjas não devem ter preferência entre seres sensíveis. Agora, pensando nisso, talvez ela o ame porque todos os problemas dele lhe dão tanto pelo que rezar, e quando se está velho como ela, e seu corpo já está dizendo que basta, você precisa de motivos bem fortes para continuar vivo.

Ela mora em um templo minúsculo na encosta de uma montanha próxima ao litoral, mas apesar de ser bem pequenininho, o templo tem dois nomes: Hiyuzan Jigenji.[93] Os edifícios ficam na encosta íngreme e são rodeados por uma floresta de sugi[94] e bambu. Não dá nem para acreditar na quantidade de degraus que você tem de subir para chegar lá, e no verão, quando faz calor, você tem a sensação de que vai morrer com uma angina no peito ou algo do gênero. Um elevador cairia muito bem ali, mas os zen-budistas não são exatamente fãs de comodidades modernas. Juro que chegar lá é voltar milhares de anos no tempo.

Meu pai concordou em me levar de trem até Sendai, uma coisa incrível para ele porque teria de sair do nosso apartamento durante o dia. Percebi que estava ficando estressado, e eu não estava ajudando. Tive a ideia infantil de que poderíamos fazer um desviozinho e ir à Disneylândia de Tóquio para eu apertar a mão do Mickey-chan. Sabia que era impraticável porque a Disneylândia de Tóquio nem fica no caminho de Sendai, e além do mais meu pai perde a cabeça no meio de multidões, mas eu queria muito ir. Mickey-chan é da Califórnia, e eu também sou, e, como imaginei que talvez ele também estivesse com saudade de sua terra, implorei sem parar que meu pai me levasse, mas é claro que ele disse não. Numa situação familiar normal, acho que meu pedido seria razoável. Quer dizer, algumas horas na companhia do Mickey-chan não é um

preço tão alto assim se você vai se ver livre da filha o verão inteiro. Mas a situação da nossa família não era normal, e eu sabia que papai não era do tipo que curtia Disneylândia. Se eu tivesse me empenhado, poderia tê-lo perdoado por isso, e poderíamos ter aproveitado nossa viagem de trem, mas fechei a cara e fiz com que ele se sentisse culpado e triste o trajeto inteiro, o que sinceramente também não me fez bem. No final das contas, prometeu que iríamos à Disneylândia quando ele fosse me buscar e me levar para casa, o que me animou um pouquinho, porque percebi que seu plano era sobreviver às férias de verão.

Meu pai ficou muito nervoso na Estação Tóquio, quando tivemos de ficar cerca de uma hora debaixo do painel dos embarques até ele descobrir que trem-bala teríamos de pegar e quais passagens comprar, e depois fomos para a plataforma errada e acabamos no Yamabiko Semi-Local, em vez do Expresso de Komachi, mas para ele não tinha importância se parássemos em todas as estações do caminho, e para mim também não, na verdade. Portanto, percorremos todos os subúrbios de Tóquio, que não acabavam nunca, e depois por áreas industriais, passando por fábricas com chaminés e aglomerados de torres residenciais horrorosas e shoppings e estacionamentos, e as portas do trem não paravam de abrir e fechar, e as pessoas não paravam de embarcar e desembarcar, e as moças do trem, com seus uniformes, empurravam carrinhos com quentinhas pelos corredores afora, berrando: “Obento wa ikaga desu ka? Ocha wa ikaga desu ka?”[95] De repente senti fome de enguia grelhada doce, mas quando estava prestes a pedir ao meu pai, me lembrei de que a última vez que eu havia comido enguia grelhada doce foi quando comemoramos o “emprego” novo dele, e quando me lembrei da mentira que ele havia contado, minha predileção pela enguia sumiu e pedi um sanduíche de ovo. Eu o comi olhando, na janela do trem, o meu reflexo deslizando pela paisagem como um fantasma. Tudo lá fora era cinza-escuro ou cor de cimento, mas de vez em quando plantaçõezinhas verdes de arroz cintilavam como esmeraldas inestimáveis, e quanto mais nos afastávamos de Tóquio, mais verde se tornava o mundo.

Quando finalmente chegamos em Sendai, fizemos a transferência para um trem local que nos levou à cidade mais próxima do templo de Jiko, e em seguida carregamos minha mala de rodinhas até um ônibus antigo cheio de gente muito velha para chegar à aldeia dela. Na saída da cidade, passamos por uns mercadinhos e cafeterias e uma escola primária, mas, para ser sincera, não havia muito mais do que isso: uma usina de processamento de peixes, um fliperama, um posto de gasolina, uma loja de conveniência 7-Eleven, uma

borracharia, uma capela de beira de estrada, um bando de campos pequenos. Mas depois, à medida que avançamos, os edifícios ficaram cada vez mais distantes até finalmente eu perceber que estávamos na zona rural porque o lugar era lindo. Era como estar em um filme de anime, com o nosso ônibus fazendo barulho, traçando curvas em torno das montanhas e abraçando penhascos. Lá embaixo, vi as ondas quebrando naquelas rochas malucas, e às vezes passávamos por uma prainha que parecia um bolso arenoso enfiado na face dos rochedos.

Eu adorava ir à costa norte da Califórnia, a Marin ou Sonoma ou Humboldt, e o estilo dali era mais ou menos igual, só que no Japão tudo era mais verde porque havia muito mais árvores e nenhuma casa de arquiteto famoso. Em vez delas, havia pequenas aldeias de pescadores junto à costa litorânea, com agrupamentos de barcos e redes e jangadas de ostras balançando com as ondas, e varais de peixes pendurados para secar feito roupas ao lado das casas. O ônibus fez mais umas cem milhões de paradas em lugares que não pareciam em nada com pontos de ônibus, com apenas um banco à margem da estrada ou um poste com a placa redonda enferrujada ou de vez em quando uma casinha tipo choupana que parecia o local onde fica o aparelho de filtragem da banheira de hidromassagem quando se vive na Califórnia. Também havia inúmeras regiões de colinas íngremes na Califórnia, mas eu tinha a impressão de que não existiam muitas banheiras de hidromassagem nem piscinas nem mansões de celebridades ali, onde Jiko vivia.

Àquela altura já não restavam muitos passageiros no ônibus, somente eu e meu pai e umas senhoras bem idosas com tenugui[96] na cabeça e colunas curvadas em ângulos retos. O motorista era um rapaz magro de postura ótima. Usava um quepezinho e luvas brancas de motorista, e sempre que parava em um acostamento da estrada, ele abaixava a cabeça e tocava na aba do quepe com os dedos enluvados. Muito kakkoi.[97]

A estrada se estreitava e se escarpava, serpenteando montanha acima junto à lateral de um desfiladeiro cavernoso, quando, mais uma vez, o motorista parou. Pela janela, olhei a encosta da montanha tomada de árvores, esperando ver pelo menos um banco ou uma placa enferrujada, mas dessa vez não havia nada, apenas a montanha de um lado e, do outro, o despenhadeiro que dava no vale. Mas tornei a olhar para a montanha e dessa vez reparei em um portão de pedras antigo, escondido entre as árvores e coberto de musgo, e os degraus de pedra que cruzavam o portão e desapareciam na escuridão.

A porta do ônibus se abriu e o motorista tocou no quepe. As velhas nos

olharam com esperança.

– Chegamos, Naoko – anunciou papai. – Vamos descer? – Por alguma razão, falava inglês. Nunca teve inglês fluente, mas ao falar a língua parecia tão educado e intelectual que você jamais imaginaria que ele era o tipo de homem capaz de perder todo o dinheiro que tinha nos cavalos e se deitar no trilho do trem.

– É *aqui*? – chiei. Imaginei que estivesse brincando.

Mas ele já estava de pé, e as senhoras sorriam e balançavam a cabeça e nos diziam coisas como se já soubessem quem éramos nós, e meu pai também balançava a cabeça para elas enquanto eu tentava manobrar minha mala de rodinhas pelo corredor estreito, rumo aos degraus. O motorista observava pelo espelho e, ao ver minha dificuldade, ele pulou do banco para me ajudar, arrebatando a alça da mala da minha mão. Desci os degraus e parei à margem da estrada, de onde olhei para a beirada empedrada do despenhadeiro perpendicular que dava para o vale e levava ao mar. Consegui apenas vislumbrar a água, cintilante e reluzente como uma promessa de salvação.

Virei as costas para o mar e olhei para o alto da encosta. Nenhum edifício à vista. Portão de pedra. Musgo. Degraus escuros que levavam ao nada. Meu pai desceu do ônibus e parou do meu lado, e o motorista lhe entregou minha mala. Olhei para a escada de pedra e comecei a montar o quebra-cabeça. Puxei a manga de papai.

– Pai…?

Mas o motorista estava fazendo uma reverência ao meu pai, e ele retribuiu o gesto, e depois o motorista se acomodou no banco, fechou as portas e pôs o ônibus em movimento, os pneus trituraram o cascalho, e logo papai e eu ficamos sozinhos à beira da estrada, observando as luzes traseiras do ônibus tremularem e piscarem ao desaparecer na curva.

De repente tudo era silêncio, e só ouvíamos o vento batendo no bambu, soando como fantasma. Olhei para a minha mala de rodinhas, na terra, parada do meu lado. Era cor-de-rosa, com um desenho da Hello Kitty. Parecia solitária e triste.

Foi então que me dei conta. Meu pai me deixaria ali. Primeiro arrastaríamos a mala montanha acima e depois ele me deixaria ali o verão inteiro, com uma monja muito velha que por acaso era uma bisavó que eu mal conhecia.

– Certo! – exclamou papai, dando passos largos em direção aos degraus íngremes. – Vamos lá! Vamos ver quem chega mais rápido!

Minha garganta se fechou e minhas narinas começaram a coçar. Por força do

hábito, trinquei os dentes para conter as lágrimas como fazia quando as crianças me chutavam durante o linchamento kagome na escola, mas então pensei: *Dane-se, eu* preciso *chorar*. Preciso uivar e berrar e dar um escândalo, porque talvez, se agir de forma bastante patética, meu pai tenha pena de mim e me leve de volta para casa. Funguei um pouquinho e depois cheguei se ele havia notado, mas papai não estava prestando a mínima atenção em mim. Contemplava a encosta da montanha, e seu rosto estava iluminado como se estivesse empolgado mas não quisesse demonstrar. Eu não o via empolgado desde quando vivíamos em Sunnyvale e fora convidado por um de seus amigos programadores para pescar com moscas. Foi legal de ver, portanto o segui pela estrada, arrastando a mala de rodinhas degrau acima e continuando a puxá-la aos solavancos.

Ku… lunk.

A mala estava pesada, recheada com todos os livros que eu deveria estudar nas férias de verão. *Ku… lunk.* História japonesa antiga. *Ku… lunk.* Atualidades japonesas. *Ku… lunk.* Moral e ética japonesa. *Ku… lunk. Ku… lunk.* Já estava suando e prestes a desistir, mas papai estava mais à frente e me esperava, fitando os degraus com entusiasmo.

– Quando eu era menino, conseguia subir a escadaria correndo – ele comentou. – De repente eu ainda consigo…

Mas ele se aproximou e pegou a alça da mala da minha mão, e dessa vez eu deixei que ele o fizesse. Ele já tinha tentado me ajudar no metrô, e depois dentro do trem, e também quando entramos no ônibus, mas eu havia lhe dito que nem pensar. Dá para imaginar um cara de meia-idade de cabelo oleoso e olhos injetados e ombros corcundas arrastando uma mala cor-de-rosa da Hello Kitty? Você deixaria seu pai agir assim em público? É patético demais. Ele ficaria parecendo um completo hentai, o que ele não é. Ele é meu pai. Pode até ser hikikomori, mas o amo. Não aguentaria ver as pessoas o encarando.

Mas ali não havia ninguém para encará-lo.

– Anda, Nao-chan! – ele disse. – Vamos lá!

Puxando a mala, ele avançou degraus acima e eu o segui, e juntos subimos. Quanto mais alto chegávamos, mais densa era a floresta. Mais quente também. O suor pingava das minhas axilas. A pedra era escorregadia, não por causa da chuva, e sim pela umidade que tornava tudo viscoso, até o ar. Lembrava a neblina de São Francisco, só que a neblina esfria o ar, e ali eu sentia mais calor do que na sauna da mãe de Kayla, apesar da brisa. O musgo se espalhava por todos os cantos como uma urticária, gotejando pelas fendas das pedras. Papai

continuou a subida. Um passo. Outro. Mais e mais alto. Éramos uma tropa de dois, ele e eu, marchando montanha acima, mas não para conquistá-la. Estávamos batendo em retirada, um exército derrotado em fuga.

Um zumbido estridente, ruidoso, de inseto cortou o ar feito um arame vibrando, cada vez mais alto. *Me*, *meee*, *meeeeeee* – não conseguia lembrar quando o som havia começado. Talvez estivesse ali desde sempre, dentro da minha cabeça, mas agora era como se alguém tivesse aumentado o volume até fazer meu crânio latejar como um amplificador, lançando o chiado para o mundo. Pus os dedos nos ouvidos para ver se conseguia definir se o barulho vinha de dentro ou de fora, e papai me viu.

– Me-me-zemi[98] – ele disse. Parou, pegou o lenço e o usou para enxugar o suor que caía nos olhos, depois o passou no pescoço como se estivesse se enxugando na academia, na época em que a frequentava, em Sunnyvale. – São só os machos que chiam – declarou.

Queria perguntar o porquê, mas não queria escutar sua resposta. Ele amarrou o lenço em volta do pescoço e ficou parado, olhando a abóbada da floresta com uma expressão distante e esquisita no rosto.

– Me lembro de ouvir esse som na época em que eu era pequeno – ele disse. – É natsu no oto.[99]

Ele estava alguns degraus à minha frente e parecia muito alto, e ao observá-lo imaginei talvez entender sua expressão distante. Talvez fosse felicidade. Acho que meu pai estava feliz.

Para mim, os sons felizes do verão também estavam distantes. Eram do caminhão de sorvete Good Humor e do assobio do salva-vidas e do irrigador automático, cuspindo no lusco-fusco, e o chiado das costelas na grelha Weber de alguém, e o tinido da limonada com gelo nos copos foscos e grandes. Eram dos cortadores de grama e das crianças brincando de Marco Polo numa piscina. Minha garganta se entupiu como um ralo velho com essas lembranças felizes.

Ku… lunk. Ku… lunk. Papai voltara a subir. Enxuguei os olhos e fui atrás. Que alternativa me restava? Precisava ver o lado bom e tentar tirar proveito das coisas. Pelo menos papai não tinha sequestrado o ônibus para atirá-lo do despenhadeiro. Pelo menos ainda estava ali comigo, e talvez... talvez não fosse embora. Talvez eu pudesse fazer alguma coisa para que ficasse. Porque, apesar de ter prometido que voltaria para me buscar no final das minhas férias e que me levaria à Disneylândia, e se ele não agisse assim? E se os médicos especiais não conseguissem curá-lo? Ou se, a caminho de casa, a vontade de morrer ficasse intensa demais e de repente ele se atirasse nos trilhos, quando o Super

Expresso da Disneylândia estivesse chegando? Ele não estava nem aí para apertar a mão do Mickey-chan, afinal de contas. Até que ponto você pode confiar nas promessas de um pai suicida?

2.

Continuamos a subir, chegando cada vez mais alto, sem dizer muito, ambos absortos nos próprios pensamentos. Papai pensava na infância, e eu pensava em papai. Será que todas as crianças precisam se preocupar com a saúde mental dos pais? Da maneira como a sociedade funciona, os pais deviam ser os adultos e cuidar dos filhos, mas muitas vezes acontece o contrário. Sinceramente, não conheci muitos adultos na vida que pudesse de fato chamar de adultos, mas talvez seja porque morei na Califórnia, onde os pais de todos os meus amigos pareciam muito imaturos. Todos faziam terapia e iam sempre a seminários sobre desenvolvimento pessoal e retiros de potencial humano e voltavam com teorias e dietas e vitaminas e visualizações e rituais e habilidades interpessoais novas e doidas que tentavam impor aos filhos a fim de desenvolver-lhes a autoestima. Como era japonesa, meus pais não davam muita importância à minha autoestima, e eles não tinham interesse nessas coisas psicológicas todas, ainda que o amigo do meu pai fosse professor de psicologia. Ele era bem legal, um homem de mais idade que ganhou fama na década de 1960 por usar drogas e ficar chapado e chamar isso de pesquisa, então dá para imaginar que ele era meio charlatão e provavelmente bastante imaturo também. Não que eu seja perita nisso. Sou só uma adolescente, então não deveria saber lá muita coisa, mas na minha humilde opinião, a velha Jiko é a única adulta de verdade que conheci na vida, e talvez seja pelo fato de ser monja, e talvez seja por estar vivendo nesta terra há muitos e muitos anos. Será que é preciso chegar aos cem anos para realmente crescer? Eu devia perguntar isso a ela.

Espera aí…

<Ei, Jiko, com quantos anos a gente vira um adulto de verdade? Não só de corpo, mas também de cabeça?>

Foi o que acabei de mandar por mensagem de texto. Conto o que ela disse quando ela me responder. Talvez demore um pouco porque é hora de zazen no templo. Zazen é um tipo de meditação que fazem por lá, que parece ser diferente do tipo californiano ou pelo menos é diferente pelo meu ponto de vista, mas quem sou eu para dizer isso? Como eu disse, não passo de uma criança.

Onde eu estava? Ah, sim, estávamos subindo os degraus em direção ao templo. Caramba, eu realmente sou péssima nisso. Às vezes eu acho que tenho déficit de atenção ou alguma coisa assim. Talvez tenha pegado isso na Califórnia. Todo mundo na Califórnia tem déficit de atenção e todos tomam remédio para isso, e estão sempre mudando de remédio e ajustando a dosagem. Eu me sentia excluída porque não tinha nenhum remédio do qual falar, por meus pais serem japoneses e não saberem muito sobre psicologia, então eu ficava de bico fechado. Mas um dia, no almoço, alguém reparou que eu nunca tomava comprimido e Kayla teve que se intrometer e me acobertar. Na verdade, ela me expôs, mas da forma mais legal possível. Ela lançou um olhar de superioridade para o garoto e declarou: "A Nao não *precisa* de remédios. Ela é *japonesa*." Sei que soa meio ríspido, mas com o tom de voz que usou, ela passou a impressão de que ser japonesa era uma coisa boa, tipo ser saudável ou algo assim, e o garoto deu de ombros e se calou.

Foi legal da parte de Kayla me defender, mas na verdade não me acho nem um pouco saudável. Tenho certeza de que sofro de tudo que é tipo de síndrome, inclusive déficit de atenção e hiperatividade e estresse pós-traumático e bipolaridade, bem como a tendência suicida que corre no sangue da minha família. Jiko disse que a meditação zazen provavelmente não curaria todas as minhas síndromes e tendências, mas me ensinaria a não ser tão obcecada por elas. Não sei a eficácia que tem, mas desde que ela me ensinou, tento fazê-la todo dia – bem, talvez dia sim, outro não, ou umas vezes por semana – e agora, parando para pensar nisso, apesar de ainda ter a intenção de me matar, ainda não me matei, e se ainda estou viva e não morta, talvez esteja funcionando.

3.

Onde eu estava? Ah, o templo. Certo. Então, estamos subindo os degraus e enfim vemos o portão principal do templo, que fica bem no cume, e ele me parece enorme, como a boca de um terrível monstro de pedra, coberto de musgo e samambaias caídas e que se avultavam sobre nós, prestes a cair nas nossas cabeças e nos matar esmagados. Exatamente o tipo de lugar onde fantasmas gostam de espreitar e perseguir os vivos. Mais tarde, me dei conta de que não é um portão tão imenso quanto os dos templos importantes de verdade. Na verdade, é bem pequeno, mas visto de baixo, naquele primeiro dia, parecia gigantesco. Estava cansada depois de me arrastar todos aqueles degraus acima e alucinava devido ao calor e estava hipnotizada pelo som das cigarras e o *ku*…

lunk, ku…lunk das rodinhas da minha mala, e também estava assustadíssima, imaginando que meu pai me abandonaria ali, naquele lugar fantasmagórico. No instante em que vi o portão senti uma vontade forte de dar meia-volta e me atirar de cabeça nos degraus íngremes de pedra ou de simplesmente me deixar cair de costas na maciez de travesseiro da eternidade, e não teria problema se eu batesse ou quicasse feito uma couve até lá embaixo, rolando em seguida em direção ao mar, pois ao menos estaria a salvo e morta.

Minhas pernas tremiam. As rótulas dos joelhos pareciam as águas-vivas que minha mãe observava no aquário da cidade, e nesse momento algo roçou o meu queixo desprotegido, e todos os meus pelos se arrepiaram como se eu tivesse sido vítima de um eletrochoque. *Tatari!*,[100] imaginei, e dei um salto e gritei, e meu pai caiu na gargalhada, e no momento budista seguinte me vi olhando para os olhos verde-musgo de um gatinho preto e branco. Ele me lançou um olhar de soslaio, depois me deu as costas e começou a fazer aquilo que os gatos fazem, se esgueirando entre as minhas pernas, arqueando a coluna e esticando o rabo no ar enquanto alongava as patas da frente, não na minha direção, mas para longe de mim, mostrando a bunda para que eu a coçasse, assim como uma bela visão de seu ânus franzido e suas gigantescas bolas brancas e peludas. Basicamente, quando um gato lhe oferece a bunda para coçar, você tem que coçar e ignorar o resto do pacote. A pelugem dele era macia e quente, e naquele exato instante o sino do templo começou a tocar em um tom tão sonoro que fez as lâminas verdes das folhas de bambu estremecerem e o papai, que estava parado logo abaixo do portão de pedra, olhar em direção ao templo e sussurrar sozinho: “Tadaima…”, que é o que a pessoa diz ao voltar para casa.

O gatinho pequeno de bolas gigantescas balançou o rabo e nos conduziu trilha acima, e foi então que escutei o barulho de sandálias pisoteando a pedra, e Muji foi correndo ao nosso encontro. Usava seu pijama cinza e a cabeça estava coberta por uma toalha branca. Ela pegou o gato e o pôs debaixo do braço e depois, juntando a palma das mãos sem largar o gato, ela fez uma grande reverência dobrando o corpo na altura da cintura.

– Okaerinasaimase, dannasama! – ela disse, falando mais ou menos a mesma coisa que as garçonetes francesas dizem no Fifi’s Lonely Apron quando seus senhores chegam em casa.

Naquela noite, fizeram uma festa para nos receber, embora não fosse exatamente uma festa, já que éramos apenas eu e papai e Jiko e Muji e umas senhorinhas do danka que ficavam por ali e ajudavam na cozinha, no jardim e nos serviços religiosos e coisas assim. Antes de comer, nos revezamos na

banheira de ofurô,[101] alimentada pelas fontes termais sulfúricas. Papai entrou primeiro porque era homem, o que seria muito politicamente incorreto em Sunnyvale, mas ninguém aqui pensa nisso. Quando ele saiu, todo rosado e úmido, estava de yukata[102] com geta[103] nos pés e uma toalhinha felpuda na cabeça. Muji lhe ofereceu um copo de cerveja e ele me parecia mais feliz do que nunca, até mais do que na época de Sunnyvale, e a esperança que eu tinha de que ele resolvesse passar o verão conosco no templo voltou. Eu sabia que seria muito melhor para ele do que ver um bando de médicos psicólogos. Não tinha emprego nem nada parecido, e mamãe estava ocupada com o trabalho e sabia cuidar de si, e as Grandes Mentes da Filosofia Ocidental tinham vivido muito bem sem ele ao longo de centenas de anos e era provável que conseguissem esperar até o fim de agosto.

Estávamos sentados na varanda de madeira com vista para o jardinzinho do templo, e o vento do fim da tarde fazia as folhas dos bambus farfalharem. Eu o observava curtindo a cerveja e estava prestes a perguntar se ele não ficaria quando Jiko se levantou e disse:

– Nattchan, issho ni ofuro ni hairou ka?[104]

Como seria rude recusar, me levantei e a segui até a banheira, na esperança de que suas cataratas a impedissem de ver todas as minhas cicatrizes e hematomas e queimaduras de cigarro, que em sua maioria estavam curadas, mas era provável que algumas jamais desaparecessem.

Do lado de fora da casa de banho havia um pequeno altar, e Jiko acendeu uma vela e um incenso, depois fez três reverências de corpo inteiro, a ponto de se ajoelhar e encostar a testa no chão, o que demorou um tempo para fazer, mas não tanto quanto você deve imaginar por ela ser tão idosa. Ela me incitou a fazer igual a ela e me senti muito desastrada e boba, mas ela não pareceu notar porque passou o tempo todo murmurando uma oraçãozinha japonesa que em português seria mais ou menos assim:

Enquanto me banho
rezo com todos os seres
para que purifiquemos corpo e mente
e nos limpemos por dentro e por fora.

Parecia uma bobagem se dar a tal trabalho, mas em seguida pensei nas atendentes de bar do sento e em como pareciam limpas e puras após o banho. O estilo de vida que levavam não era benéfico nem nada assim, então talvez a oração de Jiko realmente desse certo para elas.

A casa de banho é basicamente uma caixa pequena de madeira dentro de uma caixa grande de madeira. A caixa menor é a banheira de imersão e é enchida com uma água superquente, que é sulfúrica e fumarenta e tem cheiro de ovo cozido, o que quer dizer que a gente leva um tempo para se acostumar com ela. A casa de banho é um breu, a não ser pelos feixes de sol intenso que cortam o ar escuro como espadas afiadas e caem sobre a nossa pele nua. Ao lado da banheira há uns banquinhos de madeira e umas bacias de plástico para a gente enfiar na banheira e pegar água quente para se enxaguar.

A maneira de se tomar banho no Japão é primeiro enxaguar o corpo muito bem com água quente para tirar o suor e a sujeira, a fim de não deixar a água do banho nojenta, e depois você entra na banheira e fica um tempo de molho para amaciar as coisas. Então você sai de novo e se senta no banquinho, e é nessa hora que você realmente lava o corpo todo com sabão e um pano esfoliante, e se você for passar xampu no cabelo ou raspar as pernas ou escovar os dentes ou qualquer outra coisa, vai ser nesse momento. E depois que estiver totalmente limpo, você enxágua toda a espuma e volta à banheira para terminar. Você pode ficar lá por um bom tempo se estiver com vontade e aguentar o cheiro de ovos podres.

A casa de banho fica cheia porque, embora o corpo da Jiko seja bem miúdo, o meu não é, e perto dela, eu me senti como um hipopótamo nu, e me preocupava com a possibilidade de derrubá-la ou esmagá-la sempre que me mexia. Mas Jiko nem pareceu reparar, e passado um tempo relaxei quanto a isso também. É assim que as coisas funcionam com a Jiko: um dos superpoderes que tem é este: só de estar no mesmo ambiente que você fazer com que se sinta bem consigo mesmo. E não acontece só comigo. Ela faz isso com todo mundo. Já tinha observado.

Talvez seja um bom momento para descrever a idade que a Jiko aparenta, pois a verdade é que fiquei em estado de choque naquele primeiro dia na casa de banho. Você não pode se esquecer de que ela tem 104 anos, e se nunca esteve perto de uma pessoa extremamente velha, bem, vou lhe dizer, é algo intenso. O que eu quero dizer é que, apesar de ainda terem braços e pernas e peitos e genitais como os outros seres humanos, as pessoas extremamente velhas mais parecem alienígenas ou seres do espaço sideral. Sei que não é lá muito politicamente correto falar isso, mas é a verdade. Eles parecem extraterrestres ou coisa assim, antigos e jovens ao mesmo tempo, e a maneira como se movimentam, vagarosa e cuidadosa, mas meio espasmódica também, faz com que pareçam extraterrestres.

E tem ainda o fato de que, por ser monja, ela é completamente calva. O cocuruto é luzidio e liso, assim como as bochechas arredondadas, mas a pele do resto de seu corpo é tomada por rugas finíssimas e muito delicadas, como uma teia de aranha coberta de orvalho de manhã. É possível que pese apenas uns 23 quilos, e talvez meça um metro e vinte e seja magra como se só tivesse ossos, e por isso, quando você segura o braço ou a perna dela, seu dedão se sobrepõe às pontas dos outros dedos. Suas costelinhas são como lápis por baixo da pele, mas os ossos dos quadris são enormes e em forma de tigela, e totalmente desproporcionais ao resto do corpo. Seria de se esperar que o corpo estivesse cheio de pele flácida pendendo do esqueleto feito rolos de tecido, mas na verdade a pele de seu corpo é de uma juventude surpreendente. Imagino que seja por sempre ter sido magra e nunca ter desenvolvido ondulações excessivas. Como os seios são pequenos e lisos, o peito parece com o de uma jovem que está começando a se desenvolver, com mamilos pequenos e rosados e recentes.

E tem outra coisa, talvez fosse melhor não a mencionar, mas vou falar dela porque tenho fé de que você não a levará para o lado da perversão hentai, que é o fato de que entre as pernas ela é igualmente calva e dá para ver o seu sexo com bastante clareza, portanto essa parte dela também causa a impressão de que ela é bem jovem, até você notar os poucos tufos de pelos grisalhos longos que caem como a barba de um velho. Sob as sombras da casa de banho, observando seu corpo pálido e torto emergir do vapor na banheira de madeira escura, achei sua aparência fantasmagórica – meio fantasma, meio criança, meio jovem, meio mulher sexy e meio yamamba,[105] tudo ao mesmo tempo. Todas as idades e fases combinadas em um único ser-tempo do sexo feminino.

Não tive todas essas ideias naquela primeira noite. O que estou descrevendo é a impressão geral após algumas semanas, vendo-a entrar e sair da banheira e lavando suas costas e até ajudando-a a raspar a cabeça com uma lâmina. A casa de banho tem espaço suficiente para três pessoas se lavarem ao mesmo tempo caso se espremam, e às vezes Muji nos acompanhava, e então fazíamos as reverências e oraçõezinhas juntas. Quando você mora no templo, há inúmeras regras, como, por exemplo, não falar durante o banho, e em geral não falávamos, mas às vezes a Jiko quebrava a regra e nessas horas não havia problema em entabularmos uma conversa em voz baixa, o que me dava uma sensação grande de paz.

E por falar em regras, as duas seguiam um bando de práticas loucas que executavam para cada tipo diferente de coisa que você possa imaginar, como

lavar o rosto e escovar os dentes, ou cuspir a pasta de dente, ou até para cagar. Não estou brincando. Elas se abaixavam e agradeciam ao vaso sanitário e faziam uma oração para salvar todos os seres vivos. Essa é meio hilária e é mais ou menos assim:

Enquanto vou defecar,
rezo com todos os seres
para que possamos nos livrar de toda a imundície e destruir
os venenos da ganância, da ira e da tolice.

No começo, eu pensei, *De jeito nenhum que vou falar uma coisa dessas*, mas quando você está rodeado de pessoas que são sempre supergratas e valorizam as coisas e dizem obrigado, a mania acaba pegando, e um dia, depois de dar descarga, me virei para o vaso e disse "Obrigada, vaso", e minha atitude pareceu natural. Ou seja, é o tipo de atitude que é normal quando se está num templo na encosta de uma montanha, mas é melhor nem tentar colocá-la em prática no banheiro da sua escola, pois caso os seus colegas de classe peguem você reverenciando e agradecendo ao vaso, eles vão tentar afogá-lo nele. Expliquei isso à Jiko e ela concordou que não era uma boa ideia, mas disse que não havia problema em simplesmente me sentir grata de vez em quando, mesmo sem falar nada. Sentir é a parte importante. Não é preciso fazer estardalhaço.

Não queria ir logo falando com Jiko sobre esse tipo de coisa. No começo ficava tímida e não queria conversar com ela nem com mais ninguém, principalmente depois que meu pai saiu de fininho de manhã bem cedo, quando eu ainda estava dormindo, sem nem se dar ao trabalho de se despedir. Ele deixou um bilhete, que achei ao acordar. Ele escreveu em inglês, e nele dizia: "Nao-chan, você parece tão em paz que nem a Bela Adormecida. Volto no final do verão. Por favor, não se preocupe comigo. Seja boazinha e cuide da sua querida bisavó."

Eu rasguei o bilhete. Fiquei achando uma droga ele ter me largado ali e ido embora antes de me dar a chance de começar a implorar para fazê-lo se sentir culpado. Ele não disse uma palavra sobre a promessa de me levar à Disneylândia e acabou viajando sem comprar o adaptador de tomada para o meu Game Boy que tinha prometido também, e eu fiquei sem nada para jogar que não fosse o Tetris do meu keitai, que não era lá muito emocionante. Nessa época, o templo não tinha nem computador; eu não podia mandar e-mails para Kayla em Sunnyvale e obviamente não tinha nenhum amigo em Tóquio para

quem pudesse enviar mensagens de texto ou ligar. Pensando nos dias quentes e compridos das férias de verão que se esticavam à minha frente, comecei a achar que ia morrer de tédio.

4.

– Você está muito brava? – a velha Jiko perguntou uma noite, na banheira, enquanto eu esfregava as suas costas.

Eu estava fazendo movimentos circulares com o paninho de lavar, tomando cuidado para não aplicar pressão demais porque àquela altura já tinha entendido como a pele velha dela era frágil e fina feito papel de arroz. No início, antes de ter me dado conta disso, os meus movimentos bruscos tinham deixado vergões. Embora ela nunca tenha reclamado, vi que precisava prestar mais atenção, principalmente ao esfregar os lugares onde os ossos eram mais saltados. E assim, quando Jiko me perguntou se eu estava muito brava, achei que podia ser porque estava esfregando forte demais e machucando-a, e tratei logo de pedir desculpas.

– Não – ela disse. – Está bom assim. Não pare.

Passei mais sabão no pano e comecei a descer pela curva da sua coluna corcunda. Como acontece com a maioria das pessoas velhas, a espinha dela era rígida e torta, embora Jiko ficasse com a postura perfeitamente aprumada quando se sentava para praticar o zazen. Ela não disse mais coisa nenhuma. Depois de terminar de esfregar, peguei algumas tigelas da água quente da banheira e derramei em suas costas para enxaguar bem a espuma e me virei para que Jiko pudesse começar a fazer o mesmo comigo. Nós nos revezávamos desse jeito.

Esperei. A velha Jiko gostava de fazer as coisas no seu tempo, e depois de ter passado tantos anos praticando, ela era mesmo muito boa nisso. E eu acabava sempre esperando por ela. Você deve estar pensando como devia ser chato para uma pessoa jovem feito eu, mas por algum motivo nunca me incomodava. Porque, afinal, eu não tinha mesmo nada melhor para fazer naquele verão. E então fiquei lá sentada no banquinho de madeira, nua, abraçada aos joelhos e tremendo, não de frio, mas já por antecipar o calor escaldante da água que ela iria derramar, por isso quando, em vez da água, senti as pontas dos dedos tocarem a pequena cicatriz no meio das minhas costas, pulei de susto. Meu corpo se retesou inteiro. A luz era tão fraca ali; como ela podia ter enxergado as minhas cicatrizes com a sua visão ruim? Concluí que não devia ter enxergado

coisa nenhuma, mas logo comecei a sentir o mesmo dedo correndo pela minha pele, hesitante, para formar um desenho, parando aqui e ali enquanto ligava os pontos.

– Você deve estar muito brava – ela disse. Numa voz tão baixinha que parecia que estava falando sozinha, e talvez estivesse mesmo. Ou talvez não tivesse dito coisa nenhuma e eu estivesse só imaginando aquilo. Fosse como fosse, senti a minha garganta apertar e, sem conseguir responder, só sacudi a cabeça. Eu estava envergonhada e ao mesmo tempo sentia uma tristeza enorme inundando tudo, tão grande que precisei prender a respiração para não chorar.

Ela não falou mais nada. Ficou só me lavando com toda a delicadeza, e pela primeira vez eu quis que se apressasse e acabasse logo com aquilo. Depois, me vesti depressa, dei boa-noite e a deixei na casa de banho. Parecia que ia vomitar. Sem vontade de voltar para o quarto, corri metade da encosta abaixo para me esconder no bambuzal que ficava no caminho, até escurecer e os vagalumes começarem a surgir. Quando Muji tocou o sino grande ao final da sua vigília do fogo, anunciando o fim do dia, me esgueirei de volta para o templo e me meti na cama.

Na manhã seguinte, quando fui procurar pela velha Jiko, encontrei-a no seu quarto. Ela estava sentada no chão, de costas para a porta, debruçada na mesinha baixa. Estava lendo. Fiquei parada na porta, sem nem me dar ao trabalho de entrar.

– Sim – falei. – Eu estou brava, sim. E daí?

Mesmo sem se virar, ela deu mostras de que estava ouvindo, então fui em frente e fiz um resumo executivo da minha porcaria de vida.

– E o que eu posso fazer? Não tem como eu consertar os problemas psicológicos do meu pai, nem a bolha da internet ou a droga da economia japonesa, nem a traição da minha suposta melhor amiga nos Estados Unidos ou o fato de sofrer bullying na escola, o terrorismo, a guerra, o aquecimento global ou a extinção das espécies, tem?

– *So desu ne* – disse ela, assentindo com a cabeça, mas ainda sem se virar para mim. – É verdade. Você não pode fazer nada para mudar essas coisas.

– Então é claro que fico brava – retruquei, bem brava mesmo. – Como você queria que eu ficasse? Foi uma pergunta idiota.

– É mesmo – concordou ela. – Foi uma pergunta idiota. Estou vendo que você está brava. Não preciso fazer uma pergunta idiota para entender isso.

– E por que você fez?

Muito devagar, ela girou o corpo sobre os joelhos até finalmente ficar de

frente para mim.

– Perguntei por sua causa.

– Por minha causa?

– Para que você pudesse ouvir a resposta.

Às vezes a velha Jiko fala em forma de charadas, e talvez porque eu tenha passado tempo demais em Sunnyvale ainda me confunda um pouco com o japonês, mas dessa vez acho que captei o que ela queria dizer. Depois dessa conversa, comecei a contar umas partes do que estava rolando na escola e tudo mais, mesmo sem ela ter feito nenhuma pergunta. Enquanto eu falava, ela ficava só ouvindo e passando as contas do juzu em volta do cordão sem parar, e eu sabia que cada conta que ela empurrava no cordão era uma oração por mim. Não que isso fosse muita coisa, mas já era melhor do que nada.

<105 才>[106]

Essa é a mensagem que ela acabou de me mandar. É essa a idade que Jiko acha que você precisa ter para virar adulto de cabeça e não só de corpo, mas como ela mesma está com 104 anos, estou achando que só pode ser uma piada.

93 Procurei esses nomes no Google, mas não achei nada. Nao escreveu os nomes em *romaji*, portanto só sei a pronúncia. Tentei chutar o kanji, mas não consegui descobrir uma combinação que pudesse localizar no mapa. Ver apêndice D para os possíveis kanji de *Hiyuzan* e *Jigenji*, bem como mais informações sobre a nomenclatura dos templos japoneses.

94 Criptoméria.

95 *Obento wa ikaga desu ka? Ocha wa ikaga desu ka?* – Querem uma caixinha de almoço? Querem um chá?

96 *tenugui* (手ぬぐい) – tecido de algodão fino usado para cobrir a cabeça ou para ser usado como toalha.

97 *kakkoii* (かっこいい) – estiloso, arrojado, elegante.

98 *minminzemi*? (ミンミンゼミ) – *Oncotympana maculaticollis*, uma espécie japonesa de cigarra.

99 *natsu no oto* (夏の音) – o som do verão.

100 *Tatari!* – Ataque de fantasma!

101 *ofuro* (お風呂) – banheira.

102 *yukata* (浴衣) – quimono de algodão.

103 *geta* (下駄) – sandálias de madeira.

104 *Nattchan, issho ni ofuro ni hairou ka?* – Nattchan, que tal tomarmos um banho juntas? (*Nattchan* – contração íntima e afetuosa de Nao-chan.)

105 *yamamba* (山姥) – bruxa da montanha, velha coroca da montanha.

106 *sai* (才) – anos (de idade).

Ruth

1.

A ilha ficou sem luz por quatro dias, um tempo relativamente curto para um blecaute de inverno. Nesses períodos de falta de energia, eles conseguiam manter os computadores e alguns eletrodomésticos funcionando, mas isso só se o gerador estivesse bom e enquanto tivessem gasolina para alimentá-lo. E, quando a gasolina acabasse, podiam comprar mais, mas isso apenas se o gerador de uma das duas bombas da ilha estivesse funcionando e se as estradas já tivessem sido liberadas após a queda de árvores que provocara a falta de energia em primeiro lugar.

Quando o gerador parou de funcionar, a bomba d'água parou também, e então a casa ficou sem água. Banheiros internos, água quente nas torneiras, banhos, iluminação elétrica – depois de quatro dias, todas essas coisas tinham começado a parecer luxos inimagináveis pertencentes a outra era e outro planeta.

– Bem-vinda ao futuro – disse Oliver. – Nós estamos no auge da tecnologia de ponta.

Ruth se movia pela casa num sonho escuro que cheirava a querosene, ouvindo o tamborilar da chuva e os gemidos do vento. Do lado de dentro, sem o constante ruído ao fundo das ventoinhas e compressores, a casa estava quieta e parada. No início, ela se pegou apurando os ouvidos para tentar detectar os motores do hidroavião que traria a equipe de manutenção, mas depois de um ou dois dias sem escutar nada, havia desistido e se rendido ao silêncio. Ficava sentada diante do fogão a lenha com o gato ou lia sob a luz do lampião a óleo. Estava tentando ler Proust. E se esforçando para não avançar na leitura do diário de Nao. Na maior parte do tempo, só mantinha os olhos fixos nas chamas. Às vezes, ao cair da noite, parava no vão da porta para ouvir os lobos se movimentando pelo meio da floresta envolta em névoa. O barulho começava baixo, um gemido peculiar de desconforto que serpenteava por entre as árvores e ia se acumulando à medida que – um a um – os animais chegavam com suas

vozes selvagens e rascantes, formando um único uivo poderoso. Ela estremeceu. Oliver havia feito questão de sair para correr mesmo com a chuva, e Ruth esperava por ele cheia de preocupação. Já vira marcas de garras de puma nas árvores atrás de casa, excrementos recentes na trilha, rastros de lobo na lama.

A população de lobos na ilha estava crescendo, e as matilhas andavam cada vez mais ousadas. Chegavam perto das casas, roubavam gatos, atraíam cachorros para a mata para devorá-los. Na década de 1970, quando houvera casos de lobos matando bois e ovelhas, a solução encontrada fora o abate: todos começaram a atirar no máximo de lobos que conseguiam, empilhando as carcaças como se fossem lenha nas caçambas de suas caminhonetes. Os moradores ainda se lembravam desse episódio e os lobos também, tanto que haviam se mantido a distância por um bom tempo. Mas agora estavam voltando. Especialistas na fauna local viajaram até a ilha para mostrar às pessoas o que fazer. O segredo era atordoar os animais, eles disseram. Gritar com eles. Atirar coisas. Mais fácil falar do que fazer. Uma vez ela assistira pela janela do escritório enquanto Oliver, metido nos seus shorts de corrida, sacudia um galho enorme e gritava perseguindo um lobo pela entrada de carros de sua casa. Oliver ficou sem fôlego de tanto esforço. O lobo mal chegava a trotar, sem dar sinais de que estivesse com pressa.

Como havia se transformado nessa mulher preocupada com as chances de o marido ser devorado por lobos ou pumas? Isso, Ruth não saberia dizer. A sua mente parecia simplesmente estar suspensa ali, numa estranha espécie de limbo.

Quando a energia regressou, a casa zuniu de volta para o século XXI: luzes acendiam, eletrodomésticos zumbiam, bombas do aquário gorgolejavam, torneiras suspiravam, e Ruth pulou por cima do gato, desvencilhando-se do emaranhado de fios das extensões enquanto corria para checar a sua caixa de e-mails no andar de cima. O mundo foi resgatado por sua devida época; a mente dela voltou a ficar on-line.

Ruth digitou o seu login e a senha. Nenhuma notícia do professor. Já se passara quase uma semana. Será que ele estava ignorando a mensagem dela ou também estava faltando luz por lá? Costumava haver blecautes em Palo Alto?

Ela deu uma olhada nas previsões meteorológicas. Outra tempestade a caminho. Não havia tempo a perder. Com tantas pontas soltas e questões sem resposta, Ruth escolheu tratar do assunto que pensou ser o mais fácil de

resolver. Abriu a janela do navegador e digitou "*Shishōsetsu* japonês e a instabilidade do 'eu' feminino". A conexão estava atipicamente rápida, como se tivesse voltado renovada depois de um merecido período de descanso. Em questão de segundos, ela foi conduzida de volta ao site de artigos acadêmicos e à amostra que estava lendo antes de a energia acabar. Ao clicar no link <leia mais>, foi parar na página de uma publicação chamada *Revista da Metafísica Oriental*. Genial. O título do artigo aparecia no índice. Clicando nele, apareceu a mesma amostra de antes do texto, desta vez com um botão de COMPRE AGORA ao pé da página. Ela clicou no botão, preencheu rapidamente os campos do formulário e começou a revirar o escritório atrás do seu cartão de crédito. Vivendo na ilha, Ruth muitas vezes passava dias sem precisar pegar a carteira e era comum que perdesse completamente a noção do seu paradeiro. Quando finalmente a encontrou, enfiada atrás de uma almofada da poltrona, digitou o número do cartão no campo apropriado. Depois clicou no botão CONFIRMAR COMPRA e esperou pelo início do download do arquivo, mas em vez disso viu surgir uma nova mensagem na tela.

> O artigo que você solicitou foi removido da nossa base de dados e não está mais disponível. Nós pedimos desculpas pelo transtorno. Seu pedido foi cancelado e a cobrança não será enviada ao cartão de crédito.

– *NÃO!* – gritou ela, tão alto que Oliver chegou a ouvi-la do seu próprio escritório, mesmo com os fones antirruído que estava usando. Ele parou o que estava fazendo e ficou atento ao que viria em seguida.

2.

Lá fora, no cedro ao lado da pilha de lenha, o corvo da selva inclinou a cabeça, também atento. Alguns instantes se passaram, talvez um minuto. As janelas da casa haviam voltado a brilhar – quadrados cintilantes flutuando na escuridão da floresta. Outro grito, dessa vez mais demorado, saiu da janela que ficava mais próxima à pilha de lenha.

NÃÃÃÃÃOOOOOoo...!

Em seguida silêncio, e a janela ficou escura. O corvo ergueu os ombros lustrosos e estremeceu no que era o seu equivalente corvino a um dar de

ombros. Ele bateu suas asas emplumadas uma, duas, três vezes, depois deixou o poleiro, voando por entre os galhos do cedro. Ele circundou o telhado da casa. Lá embaixo, uma fileira irregular de lobos corria em silêncio, perseguindo o rastro deixado na passagem dos cervos pela vegetação. O corvo berrou um último alerta, para o caso de haver alguém escutando, e depois subiu mais, afastando-se do pequeno telhado que despontava do meio da clareira, até finalmente erguer-se acima das copas altas dos abetos de Douglas.

Pairando agora por cima das árvores, ele avistava até as águas do Mar de Salish e a fábrica de papel e a cidade madeireira de Campbell River. Um cruzeiro estava passando pelo estreito da Geórgia rumo ao Alasca, todo aceso, como um bolo de aniversário coberto de velas. Voando em círculos cada vez mais altos, o corvo viu surgir os topos das montanhas da Vancouver Island Range com as geleiras brancas do Golden Hinde cintilando à luz do luar. Mais ao longe se estendiam as águas do Pacífico e tudo o que havia além, mas o corvo não tinha forças para voar tão alto a ponto de avistar o seu caminho para casa.

Nao

1.

O clima hoje está muito estranho aqui no Apron, e não sei se vou conseguir escrever muito. Babette acabou de vir me perguntar se eu estava afim de um encontro, coisa que não estou nem um pouco, mas quando menti, dizendo que amanheci menstruada, vi o sorriso dela se congelar no rosto e a expressão ficar dura e fria, e depois ela girou o corpo para ir embora tão rápido que quase fez a ponta rendada da sua anágua chicotear no ar e furar o meu olho. Acho que ela nem percebeu que o papo da menstruação era mentira, mas este meu hábito de ficar escrevendo o diário está virando um problema, e meu comportamento antissocial já começou a irritar Babette e as outras garçonetes francesas daqui. Espero que elas não queiram me fazer pagar a taxa de ocupação da mesa, que é absurdamente cara e me obrigaria a achar outro lugar para escrever. Mas eu entendo o lado delas. Embora não soubesse disso antes, agora sei que escritores não são as criaturas mais animadas do mundo, e certamente não estou contribuindo para criar um clima festivo por aqui.

Hoje a atmosfera no Fifi's Lonely Apron está mais solitária do que nunca.

Bem, é isso que está acontecendo no meu mundo. E no seu? Está tudo bem por aí?

2.

Não sei por que fico te fazendo essas perguntas. Não espero que você vá responder alguma delas, e, mesmo que respondesse, como eu ficaria sabendo das suas respostas? Mas talvez isso não tenha importância. Talvez, quando eu perguntar algo do tipo "Está tudo bem?", você só tenha que me contar se está ou não, para que mesmo não podendo te escutar eu fique aqui imaginando o que foi que você falou.

Você poderia dizer: "Claro, Nao. Está tudo certo. Tudo legal mesmo."

"Que ótimo, então", eu diria de volta, e nós sorriríamos um para o outro por cima da linha do tempo como se fôssemos dois amigos, porque a esta altura nós

já somos amigos mesmo, não somos?

E já que somos amigos, tem mais uma coisa que quero te contar. É uma coisa meio íntima, mas que me ajudou à beça. São as instruções da Jiko para desenvolver o seu superpoder. Quando ela me falou disso pela primeira vez, eu achei que estivesse de brincadeira. Às vezes é difícil saber quando uma pessoa supervelha está brincando ou não, principalmente se essa pessoa for uma monja. Nós estávamos na cozinha do templo nesse dia, ajudando Muji a preparar as conservas. Jiko estava lavando uns nabos grandes e brancos, e eu estava picando e salgando e guardando naqueles saquinhos apropriados para ir ao freezer. Isso foi depois que ela já tinha descoberto as minhas cicatrizes, e eu estava lá contando sobre o meu funeral e como os meus colegas de turma tinham cantado o Sutra do Coração para mim e como depois do tal funeral eu tinha me transformado num fantasma vivo e voltado num tatari para cravar uma faca no olho da Reiko. Jiko estava de pé junto da pia, esfregando um nabo que era mais comprido e mais gordo que o seu braço, e quando terminei de contar, ela largou a raiz em cima de outras raízes empilhadas feito pedaços de lenha e disse:

– Bem, Nattchan, você não precisa se preocupar. Não morreu de verdade. O seu funeral não foi verdadeiro.

E eu fiquei, tipo, Oi?! Acho que dessa parte eu já estava sabendo.

– Eles cantaram o sutra errado – ela explicou. – Não se entoa o Shingyo nos funerais. O certo é entoar o Dai Hi Shin.[107]

E então, antes que eu pudesse expressar o meu alívio, ela disse:

– Nattchan, acho que o melhor para você seria ter algum poder de verdade. Ter o seu superpoder.

Ela estava falando comigo em japonês, mas ao dizer isso usou o termo em inglês, *superpower,* que soou como supah-pawah. Dito muito depressa. *Supapawa*. Ou mais como *SUPAPAWA!*

– Tipo um super-herói? – eu quis saber, usando também o termo em inglês *superhero*.

– Isso – concordou ela –, tipo um *SUPAHIRO!* Com *SUPAPAWA!* – E me olhou com os olhos espremidos por trás dos seus óculos de lentes grossas. – Não seria ótimo?

É esquisito ouvir uma pessoa supervelha falando de super-heróis e superpoderes. Super-heróis e superpoderes são para gente jovem. Será que essas coisas existiam na época em que Jiko era menina? Eu achava que antigamente eles só tinham fantasmas e samurais, demônios e oni. E nada de

SUPAHIRO! com *SUPAPAWA!*. Mas só fiz que sim com a cabeça.

– Ótimo. – Muito devagar, ela secou as mãos, tirou o avental e passou a Muji algumas instruções sobre as conservas, e então foi me levando pela mão.

Primeiro nós fomos até o lava-pés e fizemos uma oração da lavagem dos pés que dizia assim:

Enquanto eu lavo meus pés,
Que todos os seres sensíveis
Conquistem o poder dos pés sobrenaturais
Sem qualquer impedimento à sua atividade.

É claro que na mesma hora comecei a pensar no tal poder dos pés sobrenaturais e em como seria legal ter isso. Mas eu não estava tão certa sobre a parte de querer que todos os seres tivessem a mesma coisa também – afinal, qual é a graça de ter uma coisa que todo mundo também têm? Essa é a diferença entre mim e Jiko. Ela com certeza quer de verdade que todos os seres sensíveis tenham pés sobrenaturais. Mas, voltando ao assunto, nós lavamos os nossos pés, e em seguida ela me levou até o hondo.[108]

O hondo é uma sala especial, muito escura e quieta, onde fica uma estátua de ouro grandona de Shaka-sama e, na extremidade oposta, uma menor representando o Senhor Monju, o Senhor da Sabedoria,[109] com um local para acender velas e incenso diante de cada uma delas. Jiko e Muji passam boa parte do tempo conduzindo os rituais ali, mas hoje em dia o danka não costuma comparecer muito a eles, afinal, a maior parte dos moradores do povoado está velha demais ou já morreu, e os jovens não se interessam por religião e foram embora para cidades maiores atrás de empregos e vidas interessantes. É tipo preparar uma festa já sabendo que nenhum convidado vai aparecer, mas Jiko não parece se incomodar muito com isso.

E são muitos os rituais que precisam ser conduzidos, até mesmo num templo pequenininho como o da Jiko. Muji me explicou isso uma vez. Antigamente havia outras monjas vivendo aqui, mas agora são somente as duas. De tempos em tempos, monjas mais jovens vêm do templo principal para ver como estão as coisas e ajudar nas cerimônias mais importantes. Elas são muito legais. Depois que a velha Jiko morrer, provavelmente uma dessas monjas vai se mudar para cá e ficar ajudando Muji – isso se eles não decidirem vender Jigenji para alguma firma de especulação imobiliária, que provavelmente vai demolir as instalações antigas do templo e construir um resort de águas quentes ou um campo de golfe. A velha Jiko fica com uma cara triste quando a conversa toma

esse rumo. O pequeno templo está caindo aos pedaços e ninguém tem dinheiro para uma restauração, e Muji costuma dizer que nem sabe como as fundações do prédio ainda estão agarradas à montanha. A preocupação dela é com os terremotos, o medo de que tudo acabe rolando ribanceira abaixo e seja levado pelo mar.

O momento do zazen geralmente era estupidamente cedo, tipo às cinco da manhã, quando eu ainda não tinha acordado direito, e depois à noite, após o jantar, quando já estava muito cansada. Essa coisa da meditação me deixava meio nervosa, para dizer a verdade, porque eu não gosto muito de ter que ficar sentada e quieta, mas a atmosfera do hondo era legal, assim, quando Jiko foi me mostrar como se fazia a oferenda para o Senhor Monju, tocando a haste do incenso na cabeça antes de espetá-la na tigela com as cinzas, fiquei muito empolgada. Ela repetiu três reverências raihai[110] e imitei tudinho do jeito que havia aprendido, me ajoelhando e tocando com a testa e os cotovelos no chão antes de erguer as mãos, com as palmas voltadas para cima, na direção do teto. Depois, ela me levou até um zafu[111] e me mandou sentar, e foi então que começou a me passar as instruções.

Hmm. Espera. Na verdade não cheguei a perguntar a ela se podia te contar essas coisas, e agora que comecei a falar estou achando que talvez seja melhor fazer isso primeiro.

Pronto, mandei uma mensagem perguntando se posso explicar como se faz o zazen. Provavelmente a resposta vai demorar um pouco a chegar, mas como o Apron está às moscas e não tem ninguém me perturbando agora, acho que, enquanto isso, vou aproveitar para te falar com que idade Jiko se tornou monja. Ela me contou uma vez, é uma história bem triste. Tudo aconteceu logo depois da guerra. No Japão, se alguém fala “a guerra” todo mundo entende que é uma referência à Segunda Guerra Mundial, porque essa foi a última na qual o país se envolveu. Nos Estados Unidos, é diferente. Os americanos vivem se metendo em guerras em todos os lugares, então você precisa ser mais específico quando fala desse assunto. Quando eu morava em Sunnyvale, se alguém dissesse “a guerra” estaria se referindo à Guerra do Golfo. Muitos amigos meus da escola nem sabiam nada sobre a Segunda Guerra Mundial, porque ela aconteceu muito tempo atrás e porque já aconteceram várias outras guerras desde então.

E tem mais uma coisa engraçada: os americanos sempre dizem Segunda Guerra Mundial, mas muitos japoneses chamam o conflito de A Grande Guerra da Ásia Oriental, e as versões de cada país sobre quem começou a briga e como

as coisas aconteceram também são completamente diferentes. A maioria dos americanos acha que a culpa foi do Japão por ter invadido a China para roubar petróleo e recursos naturais, obrigando os Estados Unidos a precisarem se meter na história e deter os japoneses. Muitos japoneses, por outro lado, acham que foram os americanos que começaram a impor sanções exageradas e a deixar o Japão sem petróleo e sem comida, porque "Ooooh, nós somos só um paisinho insular que precisa importar de tudo para sobreviver" etc. Segundo essa teoria, foram os Estados Unidos que obrigaram o Japão a entrar em guerra para se defender, e as coisas que eles estavam fazendo ou deixando de fazer na China nem eram da conta dos americanos para início de conversa. Mas aí o Japão pegou e atacou Pearl Harbor, o que muitos americanos contam que foi uma situação tipo o 11 de Setembro em Nova York, e os Estados Unidos não gostaram nem um pouco e declararam guerra. E então a briga foi seguindo adiante até os americanos se encherem de vez e tacarem as bombas atômicas que varreram Hiroshima e Nagasaki do mapa, o que quase todo mundo concorda que foi um tremendo exagero, porque a essa altura os Estados Unidos já estavam a ponto de sair vencedores de qualquer maneira.

Foi por volta dessa época que o único filho da velha Jiko, Haruki nº 1, que estudava filosofia e literatura francesa na Universidade de Tóquio, foi convocado para servir o exército. Ele estava com 19 anos, só três a mais do que tenho hoje. E você me desculpe, mas eu ia ficar maluca se alguém viesse me falar que tenho que ir para a guerra daqui a três anos. Eu sou só uma criança!

Jiko diz que Haruki ficou doido também, porque ele era um menino da paz. Imagina só. Um dia você está no seu quartinho de pensão esquentando os pés num fogareiro a carvão, bebericando seu chá-verde e lendo seu exemplar de *À la recherche du temps perdu*, e uns meses mais tarde se vê na cabine de um bombardeiro suicida, tendo que manter o nariz do seu avião apontado para a lateral de um navio militar americano, sabendo que em poucos instantes vai explodir numa bola de fogo e sumir do mapa. Quer coisa mais horrorosa do que essa? Eu não consigo nem imaginar. Quer dizer, isso é que é *temps perdu*, hein?! Sei que vivo dizendo que vou sair do tempo e dar um fim à minha existência, mas é uma coisa completamente diferente, porque se trata de escolha própria. Sumir do mapa e transformar o seu avião numa bola de fogo não foi uma escolha do Haruki nº 1, que, pelo que Jiko conta, além de ser da paz era também um garoto alegre, otimista, e que gostava de estar vivo, o que não tem nada a ver com o meu caso nem com o do meu pai.

Bem, mesmo tendo dito agora há pouco que não consigo imaginar uma coisa

dessas, talvez na verdade eu consiga, sim, só um pouquinho. Se você pegar todas as coisas que eu senti quando estava fazendo as malas para ir embora de Sunnyvale, e quando minha mãe achou as cicatrizes no dia do sento, e meu pai caiu nos trilhos do trem e os meus colegas de turma me torturaram até a morte, e se multiplicar esses sentimentos por cem mil milhões, talvez o resultado chegue perto de como o meu tio-avô Haruki nº 1 se sentiu ao ser convocado para as Forças Especiais e obrigado a se tornar um piloto camicase a bordo de um caça. É aquela sensação de ter um peixe gelado morrendo na sua barriga. Você tenta se esquecer dele, mas quando está começando a fazer isso, o peixe volta a se debater bem debaixo do seu coração e te faz lembrar que tem algo terrível acontecendo.

Jiko se sentiu assim quando soube que o seu único filho seria morto na guerra. Eu sei porque, quando contei sobre o peixe na minha barriga, ela disse que entendia exatamente do que eu estava falando e que teve um peixe também, durante muitos anos. Ela contou, aliás, que teve vários peixes, uns pequenos feito sardinhas, outros de tamanho médio como as carpas e alguns enormes como atuns, mas que o maior peixe de todos era esse peixe que pertencia ao Haruki nº 1, um peixe tão grande que estava mais para o tamanho de uma baleia. E ela me contou que depois que se tornou monja e renunciou ao mundo, aprendeu a abrir o coração e deixar a tal baleia nadar para longe. Eu estou tentando aprender a fazer isso também.

Quando Jiko descobriu que seu único filho iria morrer como piloto suicida, a vontade dela foi de cometer suicídio também, mas não pôde fazer isso porque a sua filha mais nova, Ema, estava só com 15 anos e precisava da mãe. E então, em vez de cometer suicídio, Jiko decidiu esperar até Ema crescer mais um pouco e ficar independente para aí poder raspar os cabelos e virar monja e passar o resto da vida dedicada a ensinar as pessoas a viverem em paz, e foi exatamente isso que ela acabou fazendo.

A velha Jiko costuma dizer que nós, da juventude japonesa de hoje, somos todos heiwaboke.[112] Não sei como traduzir essa palavra, mas basicamente quer dizer que nós somos uns alienados e cabeças de vento porque não sabemos nada da guerra. Para nós, o Japão é um país pacífico, só porque na época em que nascemos a guerra já tinha acabado e as nossas lembranças são todas dos tempos de paz. E nós gostamos que seja assim, mas Jiko diz que no fundo nós, japoneses, somos um povo moldado pela guerra e pelo passado, e que deveríamos entender isso melhor.

O que eu acho é que o Japão não tem nada de pacífico, e que a maior parte

das pessoas na verdade nem gosta tanto assim de paz. Lá no fundo, o ser humano é violento, as pessoas sentem prazer em fazer mal umas às outras. Nesse ponto, a velha Jiko e eu temos opiniões diferentes. Ela diz que, segundo a filosofia budista, essa minha visão é uma ilusão e que a nossa verdadeira natureza é a gentileza e a bondade, mas, para ser bem franca, isso para mim não passa de otimismo exagerado. Porque tem pessoas que eu conheço, tipo a Reiko, que são verdadeiramente do mal, e tenho certeza de que muitas das Grandes Mentes da Filosofia Ocidental concordariam comigo nessa parte. Mas mesmo assim fico feliz de saber que Jiko acredita que somos basicamente bons. Isso me dá esperança, embora eu mesma não consiga acreditar. Talvez um dia eu consiga.

Ah, espera aí. Legal. Jiko acabou de responder a minha mensagem dizendo que tudo bem eu ensinar a prática do zazen, desde que as duas partes estejam levando a coisa a sério e não fiquem de gozação. Eu não estou de gozação, você está? Acredito que não. Pelo menos estou decidida a imaginar que não está, e aí talvez você não esteja mesmo. Bem, vou te passar as instruções de qualquer maneira. Se não quiser experimentar, é só pular essa parte e pronto.

INSTRUÇÕES PARA O ZAZEN

Para começar, a pessoa precisa estar sentada, e provavelmente você já está. A tradição é sentar no chão em cima de uma almofada zafu com as pernas cruzadas, mas se você preferir pode ficar numa cadeira mesmo. O mais importante é prestar atenção na postura, sem deixar os ombros caídos nem a coluna torta.

Agora você meio que empilha as suas mãos no colo: as costas da sua mão esquerda devem ficar pousadas na palma da direita, com as pontas dos polegares se tocando por cima e fechando o desenho de um pequeno círculo. A altura onde os polegares se tocam deve estar alinhada ao seu umbigo. Jiko disse que essa posição das mãos se chama hokkai jo-in,[113] e que ela simboliza a inteireza cósmica do universo, como se você estivesse segurando ele no colo feito um ovo bem lindo e bem grande.

Depois disso, você só precisa relaxar, ficar sem se mexer e se concentrar na respiração. Mas não precisa fazer um grande alarde por causa disso. Não é para ficar pensando no ato de respirar, mas você também não vai estar não pensando nele. Parece um pouco com ficar sentada na praia, olhando as ondas baterem ou um grupo de crianças desconhecidas brincando lá longe. Você simplesmente observa tudo o que

está acontecendo por dentro e também do lado de fora, e isso vai incluir a sua respiração e as crianças e as ondas e a areia. E meio que é só isso.

Parece uma coisa bem simples de fazer, mas quando fui tentar pela primeira vez, me desconcentrei completamente por causa dos meus pensamentos loucos e minhas obsessões, e depois começaram a aparecer coceiras em várias partes do corpo e a sensação de que havia um monte de centopeias andando na minha pele. Quando falei para a Jiko, ela me disse pra ir contando as respirações, assim:

Inspira, expira... um.

Inspira, expira... dois.

E que eu devia seguir assim até o dez, depois recomeçar a contagem do "um" outra vez. Eu só pensei, *Deixa comigo, Jiko*! E lá fui eu contando e contando, até que umas fantasias bizarras de vingança contra os meus colegas de turma e lembranças nostálgicas de Sunnyvale começaram a brotar na minha cabeça e levaram embora o foco de novo. Como você já deve ter reparado a esta altura, por causa do DDA a minha mente está sempre tagarelando como um macaco, e às vezes não consigo nem contar até três direito. Dá pra acreditar? Não admira que eu não tenha conseguido vaga em nenhum colégio decente para fazer o ensino médio. Mas a boa notícia é que não tem problema se você estraga o zazen. A Jiko falou para eu nem pensar nisso como "estragar". Ela diz que é perfeitamente natural que a sua mente queira pensar, afinal é isso que a gente espera que as mentes façam. E que, se ela sair pensando desembestada e se enrolar toda com os pensamentos mais malucos, você não precisa surtar por causa disso. É normal. A gente só precisa se dar conta de que aconteceu e deixar pra lá, tipo "tá, já notei", e aí voltar para o começo da contagem outra vez.

Um, dois, três, e assim por diante. Só precisa fazer isso. Não parece grande coisa, mas a Jiko jura que se você fizer todos os dias a sua mente vai despertar e fazer brotar o seu *SUPAPAWA!*. Eu estou praticando direitinho até agora, porque depois que você pega o jeito não é tão difícil de fazer. O que eu mais gosto é que, quando você senta no zafu (ou mesmo quando nem tem zafu nem nada, como por exemplo quando você está num trem ou de joelhos no meio de um monte de gente te dando socos ou se preparando para rasgar as suas roupas, ou seja, em qualquer lugar ou situação) e volta a sua mente para o zazen, a sensação é igualzinha à de estar chegando em casa. Pode ser que para você isso não

> significique muita coisa, porque você sempre teve uma casa e tudo mais, mas, para mim, que nunca tive casa nenhuma exceto a de Sunnyvale – que agora não é mais minha –, isso é algo muito importante. O zazen é melhor do que uma casa. O zazen é uma casa que nunca vai deixar de ser sua, e eu continuo a praticar porque gosto dessa sensação, porque confio na velha Jiko e acho que não me faria mal tentar ver o mundo com um olhar um pouco mais otimista, do mesmo jeito que ela faz.

Jiko também diz que praticar o zazen é entrar completamente no tempo.

E eu gosto muito disso.

Olha só o que o velho mestre zen Dōgen falou a respeito da prática:

Pense em não-pensar.
Como se pensa em não-pensar?
Não pensando. Essa é a essência da arte do zazen.

Mas eu acho que essa ideia não vai fazer muito sentido a menos que você simplesmente trate de sentar e praticar. Não estou dizendo que você tem que fazer isso. Só estou dizendo o que eu penso.

107 *Dai Hi Shin Dharani* – Dharani da Grande Mente Compassiva. Um mantra ou invocação esotérica ao qual se atribui o poder mágico da proteção contra os maus espíritos.

108 *hondo* (本堂) – sala do santuário.

109 *Manjushri* (sânscrito) – o bodisatva associado à sabedoria e à meditação.

110 *raihai* (礼拝) – posição totalmente prostrada. O ato de erguer as palmas das mãos simboliza o gesto de levantar o mundo inteiro acima da cabeça da pessoa.

111 *zafu* (座蒲) – almofada preta redonda usada na prática do zazen.

112 *heiwaboke* (平和ぼけ) – entorpecidos de paz; literalmente “paz” + “estragado”.

113 *hokkai jō-in* (法界定印) – mudra cósmico.

Ruth

1.

Um. Dois. Três. Sempre que Ruth tentava se sentar para ficar quieta e contar as respirações, ela sentia a sua mente se contrair como um punho fechando devagar sobre seu ovo cósmico e pegava no sono.

Sempre, sempre.

Como é que isso podia significar o despertar da sua mente? A sensação estava mais parecida com tédio. Mais parecida com o que acontecia quando acabava a luz na ilha. Mas Nao tinha razão. Era também uma sensação de estar chegando em casa, e Ruth não tinha certeza se gostava disso.

2.

Ruth tentou várias vezes. Quando a sua cabeça começava a despencar para a frente, ela despertava com o tranco e se punha a contar respirações, mas sempre acabava cochilando outra vez. No interstício entre o despertar e o sono, flutuava num espaço liminar escurecido que, não sendo exatamente sonho, estava sempre prestes a se tornar um. E lá ficava submersa, adernando devagar, como um destroço de naufrágio na crista de uma onda que estava sempre na iminência de romper.

3.

E se o sonho me levar para muito, muito longe, e eu não conseguir voltar a tempo de despertar?

Ruth havia feito essa pergunta ao pai uma vez quando era pequena. Ele a levava para dormir, puxava as cobertas e lhe dava um beijo na testa antes de desejar bons sonhos, mas em vez do desejado efeito tranquilizador, essas palavras sempre a deixavam ansiosa. *E se o meu sonho não for bom? E se for*

um pesadelo horrível?

– Lembre que é só um sonho – ele dizia. – E então acorde.

Mas e se eu não conseguir voltar a tempo?

– Aí eu vou buscar você – o pai concluía, para depois apagar a luz.

4.

– Talvez você esteja se esforçando demais – opinou Oliver. – Vai ver é melhor fazer um intervalo.

Ele estava parado no vão da porta do escritório de Ruth, observando enquanto ela ajeitava a almofada no chão.

– Eu não posso – foi a resposta dela, voltando a se sentar e cruzando as pernas. – A minha vida inteira é um intervalo. Eu preciso fazer isso.

Ela deslocou o peso do corpo para a frente e arqueou a coluna. Vai ver estava confortável demais. Vai ver era preciso ficar mais desconfortável. Ela tateou em volta, deu um soco na almofada e tentou mais uma vez.

– Vai ver você só está cansada – Oliver disse. – Vai ver é melhor parar de tentar meditar e tirar um cochilo.

– A minha vida inteira é um cochilo. Eu preciso despertar. – Ela fechou os olhos e soltou o ar. Imediatamente sentiu o cintilar oco da fadiga, surgindo em algum ponto bem fundo do seu ser, arrastando-a para baixo. Sacudiu o corpo e voltou a abrir os olhos.

– Escute aqui – disse. – É você que costuma dizer que o universo providencia aquilo de que precisamos. Bem, pois o universo providenciou a Nao, e ela está certa de que o jeito de despertar é esse. E pode ser que tenha razão. Seja como for, eu quero experimentar. Preciso de alguma coisa. Preciso de um *supapawa*. – E voltou a fechar os olhos outra vez. A sua mente era o seu poder. Ela queria sua mente de volta.

– Tudo bem – ele concordou. – Que tal a gente ir pegar uns mariscos e ostras depois que você acabar? Parou de chover e a maré está bem baixa.

– Claro – disse ela, mantendo os olhos fechados.

O gato, que tinha acabado de afiar as garras na moldura da porta, se espremeu por entre as pernas de Oliver e caminhou direto para cima dela, pressionando a cabeça contra o seu mudra.

– Peste – disse Ruth, rompendo o círculo do ovo cósmico para coçar a orelha do animal. – Oliver, dá para vir aqui buscar o seu gato? E feche a porta quando sair.

– Esse é o superpoder dele – falou Oliver, pegando-o no colo. – Sabe como ser irritante.

Ele parou outra vez à porta, ainda segurando o gato.

– É melhor a gente ir logo buscar os mariscos, enquanto a maré continua baixa. Quanto tempo ainda pretende passar aí sentada? Quer que eu venha acordar você?

5.

O lugar onde eles mais gostavam de catar mariscos era um ponto secreto da praia, que Muriel tinha lhes mostrado. Os moradores da ilha tinham desses segredos: pedras secretas para catar mariscos e ostras, trilhas secretas para encontrar cogumelos de pinho e cantarelas, rochas submersas secretas onde cresciam ouriços-do-mar, plantações de maconha secretas, listas de telefones secretos para se conseguir salmão e halibute, carne e queijo e leite fresco. Recentemente, as três mercearias da ilha haviam incrementado seus estoques e era possível encontrar quase todo tipo de comida nelas, mas, nos velhos tempos, os recém-chegados ficariam condenados a morrer à míngua se um morador veterano não se apiedasse e lhes mostrasse alguns dos segredos locais.

O local dos mariscos ficava no extremo oeste da ilha, dando para as águas geladas do estreito. As ostras que cresciam ali eram pequenas e adocicadas e os mariscos, abundantes. Muriel dizia que era um local de cultivo antigo, usado pelo povo Salish havia muitas gerações, mas que hoje em dia poucas pessoas iam até lá colher as conchas e isso era uma pena, porque a produção se beneficiava das coletas frequentes. Mesmo assim, cada revirada do ancinho na areia revelava uma dúzia ou mais de gordos mariscos, e em cerca de vinte minutos Ruth e Oliver já tinham conseguido a sua cota diária conjunta de 150 mexilhões e trinta ostras.

Eles se sentaram numa pedra lisa que se erguia um pouco acima da areia e ficaram olhando para além do braço de oceano, na direção da silhueta serrilhada dos picos das montanhas a Oeste. O céu azul profundo estava riscado de nuvens claras, que refletiam o brilho mortiço do entardecer. No alto, as primeiras estrelas tinham começado a pipocar. Pequenas ondas lambiam as pedras aos seus pés.

Oliver tirou uma lata de cerveja do bolso do casaco, abriu-a e passou-a para Ruth. Pegou também uma faquinha de separar ostras e um limão. Com um

movimento rápido da lâmina, a metade superior da primeira concha zuniu, desenhando um arco no ar antes de mergulhar na água escura. Ele estendeu a outra parte para ela. O corpo exposto do molusco cintilava dentro da sua proteção perolada, a carne cinzenta e túrgida margeada por um debrum mais escuro. Ruth achou tê-lo visto se encolher ao contato do sumo do limão.

Ela aceitou a iguaria das mãos dele, levando a concha inclinada até os lábios e deixando a ostra escorregar boca adentro. Ela estava fria e exalava frescor. Oliver tirou mais uma do balde, abriu-a e sorveu o interior.

– Ahhh – suspirou. – *Crassotrea gigas.* A essência do mar. – E arrematou tomando um gole da cerveja.

Ele parecia tão feliz ali. E saudável também. Havia perdido peso na época em que estivera doente. Era bom vê-lo com a aparência tão boa outra vez. Ela pensou no que o ostreicultor, Blake, havia falado sobre a radiação, e no que Muriel dissera sobre as correntes.

– O pessoal que cultiva ostras está preocupado com a contaminação nuclear – falou. – Vinda de Fukushima. O que você acha?

– O Pacífico é enorme – Oliver respondeu. – Você quer mais uma?

Ela sacudiu a cabeça.

– É irônico isso – continuou ele, abrindo outra para si próprio. – Mas essa ostra-do-pacífico não é nativa daqui.

Ruth sabia disso. Todo mundo sabia. Era impossível viver na ilha e não saber disso. A coleta de ostras era o mais próximo que eles tinham de uma indústria local, agora que o ciclo migratório do salmão havia sido perturbado e todas as árvores maiores estavam derrubadas.

– Elas foram trazidas em 1912 ou 13 – explicou Oliver –, mas não se aclimataram de verdade até os anos 1930. Depois que se adaptaram, tomaram conta do pedaço. E acabaram com as espécies nativas menores.

– É – respondeu ela. – Eu sei.

– Antes, dava para caminhar descalço pelas praias. Ou pelo menos é isso que os mais velhos contam.

Ruth também tinha ouvido essa história. Agora todas as praias estavam forradas pelas conchas afiadas das ostras, então era difícil imaginar alguém andando descalço.

– Mas o que é tão irônico?

– Bem, talvez *irônico* seja o termo errado. Eu quis dizer que a *Crassotrea gigas* é japonesa, originalmente. Da região de Miyagi. Um dos seus nomes comuns, aliás, é ostra de Miyagi. E a nossa monja não é de lá?

– É – confirmou ela, sentindo a vastidão do oceano Pacífico de repente se encolher um pouquinho. – Disso eu não sabia.

A frieza da pedra havia passado pelo seu jeans. Ruth se levantou e começou a saltitar para aquecer o corpo. O tempo ainda estava frio demais para eles ficarem sentados nas pedras bebendo cerveja, mas ela não se incomodava. A brisa vinda do mar tinha um frescor gostoso quando penetrava nos seus pulmões, diluindo a sonolência e a sensação melancólica de claustrofobia que a dominavam após um dia diante do computador. Ali, ela se sentia desperta outra vez.

– Você tem noção da sorte que nós temos – Oliver começou – por morarmos num lugar onde a água ainda é limpa? Onde ainda podemos comer mariscos?

Ruth pensou no povo Salish, que antigamente fazia o cultivo naquelas pedras. E se perguntou quando a última ostra fora colhida nos arredores de Manhattan. Pensou no vazamento de Fukushima. Pensou no templo da velha Jiko, agarrado à encosta da montanha em Miyagi. Era lá mesmo que ele ficava?

– Quanto tempo será que ainda temos... – falou.

– Quem pode saber? – Oliver disse. – É melhor aproveitarmos enquanto podemos. – Ele lhe estendeu outra ostra. Seus dedos estavam úmidos, esfolados. – Mais uma?

– Tudo bem. – A borda afiada da concha era áspera contra os seus lábios, e a gelada carne, macia sobre a sua língua. Ela engoliu, saboreando a maresia. A água havia começado a subir ao redor da pedra, lambiscando seus dedos dos pés. – Eu estou com frio – ela disse. – Vamos para casa.

Nao

1.

Você já tentou humilhar uma onda? Dar um soco nela? Um chute? Já tentou matar uma onda com pauladas?

Idiota.

Depois que a velha Jiko encontrou minhas cicatrizes, ela me levou para fazer umas compras na cidade. No caminho de volta, quis parar para comprar bolos de arroz e refrigerantes e chocolates. Ela teve a ideia de pegarmos o ônibus até a praia para fazer um piquenique. Eu nem liguei muito, mas pelo jeito Jiko achou que seria um presente e tanto para mim poder lanchar comida comprada fora e brincar na beira da água, então eu falei, tipo, pode ser, porque afinal é complicado você desapontar uma pessoa que tem 104 anos de idade.

Por causa da catarata, Jiko tem dificuldade para caminhar e anda sempre com uma bengala, mas o que gosta mesmo é de quando a gente segura a mão dela. Acho que desse jeito se sente mais confiante. Peguei então o hábito de dar a mão para ela sempre que estou por perto, e, para falar a verdade, eu também gostava. Gostava de sentir os dedinhos magros dela nos meus. Gostava de ser a parte forte da dupla, de segurar o corpo miúdo dela junto do meu. Isso me fazia sentir útil. Quando eu não estava junto, Jiko costumava usar a bengala. E eu gostava da sensação de ser mais útil do que uma bengala.

Antes de pegarmos o ônibus até a praia, ela quis parar no Family Mart da cidade para comprarmos as coisas do piquenique, mas tinha um bando de garotas yanki[114] no estacionamento e então eu menti, dizendo que não estava com fome. Era uma gangue de motociclistas com os cabelos desgrenhados e pintados de amarelo e laranja, calças largas de operário e uns casacões abertos que pareciam aqueles jalecos de médicos e cientistas, só que não eram brancos. Tinham tons fluorescentes berrantes e estavam todos grafitados com traços gigantescos de kanji em tinta preta.

As meninas estavam agachadas no chão perto da entrada do mercado, mascando chicletes e fumando. Algumas apoiavam o corpo em espadas de

madeira como as que são usadas no kendo, e soltei depressa um “Não, vó, não estou com fome”, mas a velha Jiko estava decidida a me dar o tal piquenique na praia, então o que eu poderia fazer? Segui em frente, segurando bem forte na mão dela. Quando chegamos perto, alguém no grupo soltou uma cusparada que caiu perto dos nossos pés, e as garotas começaram a dizer coisas. Não era nada que eu já não tivesse escutado na escola, mas me choquei porque a Jiko já era bem velha, e como alguém podia falar de manko[115] e chinchin[116] perto de uma velhinha que ainda por cima é monja? A gente levou um tempão para terminar de passar pelo grupo, porque a Jiko caminha devagar e as garotas meio que bloqueavam a passagem. Elas gritavam e cuspiam sem parar, e fui sentindo meu coração ficar acelerado e o rosto cada vez mais vermelho, mesmo que a velha Jiko não parecesse nem um pouco abalada.

Até que finalmente nós entramos no Family Mart. E durante o tempo todo em que passamos escolhendo os bolos de arroz e as bebidas e decidindo se era melhor levar chocolates ou doces de feijão ou as duas coisas de sobremesa, não tirei os olhos da vidraça que havia na frente da loja e das garotas agachadas lá fora. Era óbvio que quando a gente saísse elas iam dizer mais coisas. Ou talvez atirassem objetos ou tentassem nos fazer tropeçar. Talvez seguissem a gente até a praia e mandassem os seus namorados nos estuprarem, surrarem e atirararem nossos corpos na água, ou talvez até elas mesmas resolvessem fazer o serviço com aquelas espadas de madeira. Eu, que por causa da escola já tinha bastante prática em imaginar coisas desse tipo sendo feitas com meu corpo, não me incomodei muito por mim mesma, mas a ideia de alguém machucando a minha velha Jiko era uma novidade para a minha cabeça, e uma novidade que me fez ter vontade de vomitar.

Mas a velha Jiko não estava prestando atenção. Concentrada em tentar decidir os sabores dos nossos bolos de arroz, ela acabou escolhendo umeboshi, alga temperada e ovas de bacalhau picantes. A escolha do chocolate ficou para mim: deveríamos levar um Pocky, Melty Kisses ou um pouco de cada um? Mas como eu iria conseguir me concentrar em algo tão sem importância? Eu precisava nos proteger do inimigo que estava lá fora, mesmo que Jiko fosse velha e cega demais para se dar conta do perigo que corríamos, e passei o tempo todo empenhada em calcular as minhas chances de enfrentar aquele bando yanki armado com porretes enormes usando só o meu ridículo *supapawa!*

A Jiko levou um tempão para pagar no caixa – você sabe como são os velhinhos com as suas bolsas de moedas –, mas não me incomodei e nem me

ofereci para ajudar. Meio que fiquei até torcendo para que ela levasse o dia todo, e quando nós enfim saíssemos, as garotas já tivessem ido embora. Mas não demos essa sorte. Elas continuavam lá, agachadas no piso do estacionamento, e no instante em que saímos concentraram toda a atenção em nós, lançando cusparadas e olhares despeitados na nossa direção. Eu tentei apressar o passo da Jiko para nós passarmos logo, mas você sabe como ela é. Faz tudo no seu tempo.

As garotas começaram a xingar, e à medida que chegávamos mais perto as vozes foram ficando mais altas e guinchadas, e algumas das que estavam agachadas se puseram de pé. Eu me coloquei na frente do corpo da Jiko, mas quando chegamos ao lugar onde estavam, ela estacou de repente. Girou para encará-las com um olhar avaliativo, como se tivesse percebido sua presença pela primeira vez, e depois puxou minha mão e começou a arrastar os pés na direção do grupo.

Fiquei parada, dizendo num sussurro:

– Dame da yo, Obaachama! Iko yo![117]

Mas Jiko não ouviu. Ela caminhou até ficar bem na frente das garotas e lançou-lhes o mesmo tipo de olhar demorado que usa para fitar todas as coisas. Demorado e fixo, provavelmente por causa do tempo que leva para fazer as imagens atravessarem os seus cristalinos turvos de catarata. As garotas, com suas calças berrantes e os casacos azuis e laranjas e vermelho-vivos cheios de riscos pretos dos kanji, deviam parecer só uma confusão de linhas e cores aos olhos dela.

Ninguém falou nada. As garotas trataram de empinar os queixos e projetar os quadris, mexendo-se inquietamente. Por fim, acho que a velha Jiko entendeu a imagem que tinha diante dos seus olhos. Ela soltou a mão da minha, e eu prendi a respiração. E então ela curvou o corpo numa reverência.

Não consegui acreditar naquilo. E não foi uma reverenciazinha discreta, não. Ela curvou bem o corpo. As garotas fizeram cara de “Que merda é essa?”. Uma delas, a gorda que estava agachada mais à frente, meio que esboçou um aceno de cabeça em resposta – não foi exatamente uma reverência nem um gesto de respeito, mas pelo menos não era um soco na cara. Mas, em seguida, a mais alta no meio do grupo, que claramente era a líder, estendeu o braço para dar um soquinho rápido na cabeça da gorda.

– Nameten no ka! – rosnou ela. – Chutohampa nan da yo. Chanto ojigi mo dekinei no ka?![118]

Ela deu mais um cascudo na gorducha; depois aprumou a postura, juntou as

palmas das mãos e curvou profundamente o corpo a partir da cintura. E as outras logo se levantaram e fizeram o mesmo. Jiko fez mais uma reverência para elas e me deu um cutucão para eu me curvar também. Mas a reverência que fiz saiu ridícula e levei outro cutucão para fazer direito. E, assim, todas ficamos quites: a velha Jiko era a líder da nossa gangue e eu era a gorducha incompetente que não fazia reverência direito. Para mim, a coisa nem teve tanta graça assim, mas as motociclistas acharam aquilo hilário, e Jiko deu um sorriso também antes de pegar minha mão e nos afastarmos. Quando o ônibus veio, ela se sentou perto da janela e lançou mais um olhar na direção do estacionamento.

– Qual será o omatsuri[119] de hoje? – indagou.

– Omatsuri?

– É – confirmou ela. – Aquelas jovens bonitas, todas enfeitadas com seus trajes matsuri. Pareciam tão alegres. E eu não consigo lembrar qual é a data especial. Muji refresca minha memória nessas horas...

– Não tem matsuri nenhum! Elas eram uma gangue, vovó. Motociclistas. Garotas yanki.

– Eram garotas?

– Garotas malvadas, delinquentes. Estavam dizendo coisas feias para nós. Eu achei que fossem nos bater.

– De jeito nenhum – Jiko disse, sacudindo a cabeça. – Estavam usando roupas tão bonitas. Cores tão alegres.

2.

– Você já humilhou uma onda? – Jiko quis saber, já na praia.

Nós tínhamos comido os bolos de arroz e o chocolate e estávamos aproveitando o passeio. Jiko tinha se sentado num banco baixo de madeira e eu estava deitada aos pés dela na areia. O sol brilhava bem forte. Jiko tinha envolvido a sua cabeça raspada numa toalha branca úmida e parecia fresca como um pepino, ali metida no seu pijama cinzento. Eu estava toda calorenta e suada e me sentindo irrequieta, mas não tinha levado maiô nem estava com muita vontade de nadar. Mas não foi isso que ela perguntou.

– Se já humilhei uma onda? – repeti. – Não. É claro que não.

– Experimente. Vá até a água e espere pela maior onda de todas, depois dê um soco nela. E uns bons chutes. Bata nela com isso aqui. Vá. Eu fico olhando você. – Ela me estendeu a bengala que usava para caminhar.

Não havia ninguém na praia, só uns surfistas bem longe da gente. Eu aceitei a bengala e saí caminhando e depois correndo até a beira do mar, brandindo o pedaço de madeira acima da cabeça como se fosse uma espada de kendo. As ondas, grandes, quebravam na areia, e avancei para a primeira que veio na minha direção berrando "*Kiayeeeee!*", feito um samurai indo para a luta. A bengala atingiu a crista da onda e atravessou pelo meio da água, mas ela não parou de avançar. Recuei correndo e consegui escapar, mas a onda que veio em seguida me derrubou. Voltei a me levantar e ataquei de novo e de novo, e a cada vez a massa de água arrebentava em cheio na minha cabeça, pressionando meu corpo contra as pedras e me deixando toda coberta de espuma e areia. Eu não me incomodei. Foi bom sentir aquela frieza cortante, e a violência das ondas batia poderosa e verdadeira contra minha pele, e o amargo do sal entrando pelo nariz era de um rascante delicioso.

Corri na direção do mar sem parar, batendo até me sentir tão cansada que mal conseguia ficar de pé. E então, quando a onda seguinte me derrubou, eu só fiquei lá parada deixando o mar me lavar, perguntando-me o que iria acontecer se eu parasse de tentar me levantar. Se deixasse meu corpo largado e pronto. Eu seria arrastada para dentro do mar? Os tubarões devorariam meus braços, pernas e órgãos. Peixes pequenos se alimentariam das pontas dos dedos. Os meus lindos ossos brancos afundariam até o leito do oceano, onde ficariam cobertos de anêmonas parecidas com flores. Pérolas ocupariam os globos oculares. Eu me levantei e caminhei de volta até o banco onde a velha Jiko estava. Ela pegou a pequena toalha que tinha na cabeça e estendeu na minha direção.

– Maketa – eu disse, deixando o corpo cair na areia. – Eu perdi. O mar venceu.

Ela deu um sorriso.

– A sensação foi boa?

– Mmm – eu disse.

– Que bom. Quer outro bolo de arroz?

3.

Nós ficamos sentadas ali mais um pouco, esperando o meu short e a minha camiseta secarem. Mais adiante na praia, ao longe, os surfistas continuavam caindo na água um depois do outro e desaparecendo.

– As ondas não param de bater neles também – comentei, apontando.

Jiko espremeu os olhos, mas não conseguia distinguir as silhuetas através das suas flores de vazio.

– Lá – eu mostrei. – Está vendo aquele? Está se levantando agora... Está em cima da onda... Em cima da onda... Opa, está embaixo da onda. – Eu ri. A cena era engraçada de assistir.

Jiko fez que sim com a cabeça, como se estivesse concordando comigo.

– Em cima, embaixo, mesma coisa – disse.

Esse era um comentário típico dela, fazendo questão de apontar o que chamava de natureza não-dois[120] da existência enquanto eu só estava tentando olhar uns garotos bonitos surfarem. Sei que não adianta nem discutir porque Jiko sempre ganha as discussões, mas esse tipo de diálogo com ela era como a piada velha do toc-toc, quando você tem que dizer "Quem é?" para a outra pessoa terminar de contar. Então eu falei:

– Não, não é a mesma coisa. Não para um surfista.

– É – ela respondeu. – Você tem razão. Não é a mesma coisa. – Ajeitou os óculos. – E não é diferente também.

Está vendo só o que eu disse?

– É diferente, *sim*, vó. No surfe, você tem que conseguir ficar de pé em cima da onda, não embaixo dela.

– Surfista, onda, mesma coisa.

Eu nem sei por que me dou ao trabalho.

– Que coisa idiota – falei. – O surfista é uma pessoa. E a onda é uma onda. Como podem ser a mesma coisa?

Jiko ficou olhando para o horizonte, para onde a água encontrava o céu.

– Uma onda nasce das profundezas do oceano – ela disse. – Uma pessoa nasce das profundezas do mundo. A pessoa brota do mundo e rola por ele como uma onda até chegar a sua hora de afundar outra vez. Em cima, embaixo. Pessoa, onda. – Ela apontou para as escarpas pontudas espalhadas ao longo do litoral. – Jiko, montanha, mesma coisa. A montanha é alta e vai viver muito tempo. Jiko é pequena e não vai durar muito tempo. É isso.

Como eu disse, esse é um exemplo bem típico das conversas que você pode ter com a minha velha Jiko. Eu nunca chego a entender completamente o que ela está dizendo, mas gosto que tente me explicar de qualquer maneira. É gentil da parte dela.

Estava na hora de voltar para o templo. Meu short e minha camiseta tinham secado e a pele estava coçando por causa do sal. Eu ajudei Jiko a se levantar e nós caminhamos juntas de volta até o ponto do ônibus, outra vez de mãos

dadas. Eu ainda estava pensando nas coisas que ela tinha me dito sobre as ondas e acabei ficando meio triste de pensar que a pequena onda da Jiko não iria durar muito mais tempo e logo ela voltaria para o mar, e mesmo sabendo que ninguém consegue segurar a água, agarrei os dedos dela com mais força para impedir que escorresse para longe.

114 *yanki* – delinquente, derivado do termo em inglês *yankee*. A imagem mais conhecida do yanki é um jovem delinquente com as sobrancelhas raspadas, usando um casacão colorido e de bordados espalhafatosos chamado de tokkō-fuku. O termo *tokkō-fuku* significa “Uniforme Especial de Ataque”, os uniformes usados pelos Tokkōtai, a Força Especial de Ataque dos pilotos camicases durante a Segunda Guerra Mundial.

115 *manko* – boceta, xana.

116 *chinchin* – pênis.

117 *Damé da yo, Obaachama! Ikō yo!* — Não, vovó, não faça isso. Vamos embora!

118 *Nameten no ka! Chutohampa nan da yo. Chanto ojigi mo dekinei no ka?!* – Está de brincadeira comigo? Que coisa mais ridícula. Não sabe nem fazer uma reverência direito?!

119 *omatsuri* (お祭り) – festival.

120 não-dualista – *funi* (不二), literalmente “não” + “dois”.

Ruth

1.

Ninguém consegue segurar a água nem impedir que ela escorra. Essa lição a Tepco aprendeu nas semanas logo após o tsunami, quando eles bombearam toneladas de água do mar para os reservatórios dos reatores da usina nuclear em Fukushima, numa tentativa de resfriar as varetas de combustível e evitar um derretimento que na verdade já havia acontecido. A estratégia usada, chamada de “enchimento e esvaziamento”, criava cerca de quinhentas toneladas por dia de uma água altamente radioativa que precisava ser contida para não vazar.

Do outro lado do Pacífico, Ruth estava debruçada sobre os relatórios do desastre. A Agência Internacional de Energia Atômica, encarregada de monitorar a situação, publicou atualizações diárias sobre o acidente nuclear em Fukushima ao longo de 2011, descrevendo em detalhes o esforço desesperado para estabilizar os reatores. Eram textos como o do pequeno trecho abaixo, publicado em 3 de abril:

> Em 2 de abril, a transferência da água do tanque de armazenamento do condensador pertencente à Unidade 1 para o tanque de surto da piscina de supressão foi concluída em preparação à transferência de água no subsolo do prédio da turbina da Unidade 1 para o condensador.
>
> Também em 2 de abril, a transferência de água do condensador da Unidade 2 para o tanque de armazenamento do condensador foi iniciada em preparação à transferência de água no subsolo do prédio da turbina da Unidade 1 para o condensador.

Parágrafo a parágrafo, página a página, o relatório detalhava o sistema complexo de bombas e drenos, tanques de surto e vias de águas de alimentação, bocais e linhas de injeção, piscinas de supressão e poços, taxas de fluxo e rastros de vazamento, valas, túneis e subsolos alagados que vinham sendo usados para conter a água.

Esse Relatório Atualizado de 3 de abril foi o primeiro a mencionar uma rachadura, descoberta na parede lateral de um dos poços de contenção abaixo do Reator nº 2, próximo ao local onde acontecia a captação da água do mar. Altas concentrações dos materiais radioativos Iodo 131 e Césio 137 foram encontradas em amostras de água recolhidas a até trinta quilômetros dos reatores, com índices dezenas de milhares de vezes mais elevados do que os medidos antes do acidente. O poço de contenção estava despejando o que mais tarde o *New York Times* descreveria como verdadeiros rios de água altamente radioativa diretamente no mar.

Em 4 de abril, o Relatório Atualizado registrou que a Tepco recebeu permissão do governo japonês para liberar 11.500 toneladas de água contaminada no oceano Pacífico, uma quantidade equivalente ao conteúdo de cinco piscinas olímpicas.

Em 5 de abril, o relatório registrou que o processo de liberação da água começou. Ele levaria cinco dias para ser concluído.

Os níveis de radiação da água contaminada eram aproximadamente cem vezes maiores que os limites permitidos pela lei, mas, dada a vastidão do oceano Pacífico, a Tepco não acreditava que isso geraria problemas. Segundo o texto do relatório, a companhia estimava que, se um membro da população comum consumisse algas e frutos do mar coletados nas proximidades da usina todos os dias ao longo de um ano, ele receberia uma dose de radiação adicional anual de 0,6 milisieverts, que estaria muito abaixo do índice considerado danoso para a saúde humana. A companhia não ofereceu uma estimativa de cálculo das consequências para os peixes.

Informação se parece muito com água: ela é difícil de reter, e é difícil impedir que haja vazamentos. A Tepco e o governo japonês tentaram reter a notícia do derretimento do reator, e durante um tempo tiveram sucesso em acobertar dados importantes sobre os índices perigosos de radiação em torno da usina danificada, mas não demorou para a informação começar a vazar. O povo japonês sempre se orgulhou da sua índole estoica e pouco afeita a rompantes, mas as revelações constantes de incompetência na administração da crise, as mentiras e o acobertamento de dados foram graves o suficiente para atiçar a revolta em níveis mais profundos.

2.

No Japão medieval, a população acreditava que os terremotos eram provocados

pela irritação dos peixes-gato que viviam sob as ilhas.

Nas lendas mais antigas, o *mono-iu sakana*, ou Peixe-Que-Diz-Coisas, dominava os lagos e rios. Era uma criatura sobrenatural capaz de se metamorfosear para assumir a forma humana e de falar as línguas humanas, e que aparecia para advertir os humanos caso sentisse que os seus domínios estavam sendo invadidos. Se os invasores não dessem ouvidos ao alerta, o enraivecido *mono-iu sakana* os punia mandando uma enchente ou outro desastre natural.

Em meados do século XIX, o *mono-iu sakana* havia se transformado no *jishin namazu,* ou Peixe-gato Terremoto, uma criatura imensa parecida com uma baleia que fazia a terra estremecer quando se debatia furiosamente nas profundezas. A única coisa capaz de detê-lo era a imensa pedra empunhada pela divindade Kashima, que habita o santuário com o mesmo nome.

Essa pedra é chamada de *kaname-ishi*, um termo intraduzível do japonês que significa algo como “pedra fundamental” ou “pedra do rebite” ou ainda “pedra-ímã”. O deus Kashima usa a *kaname-ishi* para imobilizar o peixe, imprensando a sua cabeça no chão. Mas se ele cochilar, se distrair ou for chamado para resolver questões em outro lugar, a pressão sobre a cabeça do peixe diminui e ele pode voltar a se debater. O resultado disso é um terremoto.

Quem visitar o santuário de Kashima não vai ver muita coisa da pedra, já que a maior parte dela fica no subsolo. Um pequeno cercado coberto protege um pedaço de terra nua, de onde uma pedra redonda e pequena, com uns trinta centímetros de diâmetro, sai do chão como a cabeça de uma criança coroando, prestes a nascer. É impossível calcular o tamanho que a pedra pode ter debaixo da terra. Que impressionante imaginar que o destino das ilhas do Japão está depositado na suposição de que uma pedra enterrada longe da vista de todos possa ser grande o suficiente para subjugar um Peixe-gato Terremoto enfurecido!

3.

O Peixe-gato Terremoto não é só uma criatura maléfica, apesar de toda confusão e calamidade que é capaz de desencadear. Ele tem aspectos benevolentes também. Uma subespécie do Peixe-gato Terremoto é o *yonaoshi namazu*, ou Peixe-gato Reparador-do-Mundo, que tem a capacidade de curar a corrupção política e econômica da sociedade enquanto dá uma chacoalhada geral nas coisas.

A crença no Peixe-gato Reparador-do-Mundo ficou especialmente forte durante o início do século XIX, um período marcado por um governo fraco e ineficaz e uma classe empresarial poderosa, assim como por padrões climáticos anômalos e radicais, perda de colheitas, fome, retenção de recursos, levantes revoltosos nas cidades e peregrinações religiosas em massa que muitas vezes descambavam para a violência.

O Peixe-gato Reparador-do-Mundo atuava sobre a classe empresarial, o um por cento cujas práticas predatórias de cartel, retenção de recursos e propina levavam à estagnação econômica e corrupção política generalizadas. Irritado, ele provocava um terremoto que fosse capaz de trazer o caos e a destruição, para que assim os ricos tivessem de liberar recursos e promover a reconstrução que criaria empregos para a classe trabalhadora nas áreas dos resgates, na remoção de entulhos e na construção civil. Esse ideal de redistribuição de riqueza aparece em charges da época, que mostram o Peixe-gato Reparador-do-Mundo forçando comerciantes ricos e altos executivos a vomitarem e excretarem moedas de ouro, prontamente embolsadas pelos trabalhadores.

Mas infelizmente os terremotos provocam também muitos danos colaterais, e não é raro o peixe-gato responsável por eles se encher de remorso. Num desenho muito tocante, o *seppuku namazu*, ou Peixe-gato Suicida, é retratado rasgando o próprio ventre com uma faca para se redimir das mortes que causou. Moedas de ouro escorrem do talho aberto. Em uma das mãos, ele segura a faca do ritual de evisceração que acabou de levar ao estômago. Na outra, carrega uma barra de ouro, oferecendo-a a um grupo de humanos enquanto é observado do alto pelo deus Kashima e pelos espíritos dos mortos.

4.

A associação entre os peixes e os terremotos permanece forte até a atualidade. O Yure Kuru é um aplicativo para telefones celulares que alerta o usuário sobre a iminência de um terremoto e fornece informações sobre a localização de seu epicentro, a hora prevista e a intensidade sísmica. Yure Kuru significa “tremor à vista”, e o logotipo é um peixe-gato com um sorriso bobo e dois raios saindo da sua cabeça.

– Que graça – foi o comentário de Oliver, enquanto estendia a mão para apanhar o seu iPhone. – Vamos instalar nos nossos telefones. Um bem grande está para chegar por estes lados. Será que o serviço vai funcionar em Whaletown?

Os dois estavam na sala, sentados diante da lareira depois de jantarem sopa de ostras e mariscos, pão de alecrim assado na hora e uma salada com folhas tenras de couve e mostarda picante colhidas na sua estufa. Ainda era só o início de fevereiro, mas Oliver vinha cuidando da horta para que eles tivessem verduras frescas ao longo de todos os meses de inverno.

– Em Stuttgart, onde meus pais cresceram, havia peixes-gato enormes no fundo do rio Neckar. Ninguém jamais os via; eles só subiam para a superfície quando estava para acontecer um terremoto. Uns bichos enormes, com longos bigodes, que pesavam até cem quilos cada um.

– Eram mesmo grandes assim?

– Pelo que meu pai contava, eram. Mas hoje a pesca já acabou com a maioria deles. Ninguém mais vê peixes-gato desse tamanho, exceto em Chernobyl. Tem um bando vivendo no canal que levava a água para resfriar os condensadores do reator. Eles ficam debaixo da ponte da ferrovia. Como ninguém mais pesca naquelas águas, os peixes tomaram conta. E ficaram imensos, alguns com até quatro metros de comprimento. São animais que vivem nas águas profundas. Provavelmente a lama do rio ainda tem muitas partículas radioativas, mas para os peixes-gato isso parece não ter importância.

Ruth voltou a pensar nos mariscos. Ela os deixara na varanda por 24 horas para tirar toda areia e lama. Sua técnica era colocá-los de molho em baldes de água do mar com um punhado de farinha de milho e um prego enferrujado. A água precisava ser remexida várias vezes ao dia e trocada depois de doze horas.

Ela aprendera essa receita em um dos romances que havia lido, não se lembrava qual. Era a história de uma família que tinha uma casa de veraneio no Maine ou Massachusetts, ou talvez fosse em Rhode Island. Algum desses refúgios de veranistas bonitos na Costa Leste, onde se instalavam com seus filhos magrelos e dourados de sol e um estilo de vida confortável, e com uma mãe que sabia fazer os moluscos cuspirem as porcarias que havia dentro das suas conchas. Os mariscos que chegavam à mesa da bela família da Nova Inglaterra não tinham nenhuma areia desagradável que se atritasse entre os seus dentes brancos e fortes. Vai ver a casa era nos Hamptons. A memória é uma coisa esquisita. A técnica usada pela mãe para limpar os mariscos ficara gravada no pensamento de Ruth, mesmo ela tendo se esquecido da trama do romance ou dos motivos pelos quais o tal método era eficaz.

Quando ela comentou com Oliver a respeito, ele apresentou a sua teoria.

– Eu acho que acontecem duas coisas. A farinha de milho serve

simplesmente como uma comida que os mariscos ingerem e que limpa seu aparelho digestivo da gosma verde vinda do mar.

Ruth estava picando as batatas para a sopa de frutos do mar quando ele lhe explicou isso. Empunhando a faca e ouvindo com atenção as palavras, a imagem da mãe da história voltou muito claramente à sua cabeça. Ela usava um vestido comprido e elegante feito de linho branco. Os mariscos que ia preparar certamente não tinham gosma verde nenhuma.

– Essa é a primeira parte do processo – Oliver estava dizendo. – A parte biológica. A segunda é eletroquímica. A água salgada é uma solução iônica e funciona como eletrólito. O prego enferrujado, que é feito de ferro, faz o papel de condutor no processo, e acredito que os corpos dos mariscos também.

Provavelmente a casa era mesmo nos Hamptons, Ruth pensava consigo mesma. Porque na história havia dunas de areia e brisas vindas do Atlântico, toldos listrados de verde e branco e cadeiras de lona nas varandas. O vestido branco da mãe era inflado pelo vento da tarde, ou talvez ela na verdade estivesse de short e eram as cortinas diáfanas das janelas altas da casa que o vento inflava.

– Quando você acrescenta o prego à água salgada – prosseguiu Oliver –, ele gera uma pequena carga elétrica, suficiente apenas para irritar os mariscos e os fazer expelirem a areia que têm dentro das conchas.

Mas podia ser também que ela estivesse misturando a cena do romance com alguma outra coisa. Talvez a linda mãe de vestido branco esvoaçante não mergulhasse o prego enferrujado no balde com os mariscos. Essa ação não parecia combinar muito com a imagem que fazia dela. Talvez a história do prego fosse um macete japonês que Ruth havia aprendido com a sua mãe ou alguma das amigas japonesas dela.

– E então, basicamente – Oliver concluía –, o que você faz é alimentar os bichos e eletrocutá-los simultaneamente para que eles cuspam e caguem tudo.

Ruth, que agora tinha começado a picar as cebolas, limpou as lágrimas dos olhos com as costas da mão.

– Na verdade – ela disse –, o romance falava mais sobre a família mesmo: sobre drinques em copos altos elegantes e uniformes brancos de tênis e relações humanas, esse tipo de coisa. Ele não discorria tão detalhadamente assim sobre reações eletroquímicas.

Os dois comeram diante do fogo na sala de estar e ficaram ouvindo o vento uivar do lado de fora. Ali era frio demais para vestidos esvoaçantes, e, além do mais, o pessoal na costa noroeste do Pacífico preferia roupas mais práticas,

como lã sintética e polipropileno. Mas Ruth não tinha do que reclamar. A lareira deixou a sala aconchegante e a sopa estava uma delícia, bem cremosa e encorpada. Fosse qual fosse a origem ou a explicação, o fato era que a técnica para limpar os mexilhões funcionava mesmo, e os seus mariscos haviam ficado bem polpudos e sem grãos de areia. O gato também gostava da sopa de frutos do mar. Ele passou a refeição rondando Ruth e Oliver e tentando lambiscar as tigelas deles. Quando Oliver foi enxotá-lo, levou uma patada na mão, o que fez com que pressionasse a cabeça do animal contra o piso em represália. Subjugado, mas também ofendido, Pesto dera as costas aos dois e agora estava contemplando o fogo com um ar amuado.

– Que droga – Oliver disse. – Eu posso baixar o Yure Kuru, mas ele só recebe dados da Agência Meteorológica do Japão. Não vai nos dizer nada sobre os terremotos no Canadá.

Ruth manteve os olhos fixos nas chamas.

– Eu achei que o Canadá estivesse a salvo.

– Nenhum lugar está totalmente a salvo – retrucou Oliver. – Pronto, instalado. Agora vamos ficar sabendo de tudo sobre a atividade sísmica no Japão.

– Talvez seja melhor a gente ir para o Japão para você poder usar o aplicativo.

– Talvez isso nem seja necessário, afinal o Japão está vindo para cá.

5.

– O quê?

– O Japão está vindo para cá.

– Como assim?

– O terremoto – Oliver explicou. – Ele deslocou a costa japonesa para perto da nossa.

– Verdade?

Oliver fitou-a com um ar desconcertado.

– Você não se lembra? A zona de subducção empurrou a massa de terra ao redor do epicentro cerca de quatro metros na nossa direção.

– Eu não fiquei sabendo disso.

– Ficou, sim. Nós conversamos a respeito e tudo. Ela também deslocou a massa da Terra mais para perto do núcleo, o que fez o planeta começar a girar mais depressa. E a aceleração do movimento de rotação encurtou a duração dos

dias. Os nossos dias estão mais curtos agora.

– Sério? Mas isso é terrível!

Ele abriu um sorriso.

– Você falou igualzinho à sua mãe...

Ruth ignorou o comentário.

– Quanto tempo nós perdemos?

– Não muito: 1,8 milionésimo de segundo por dia, ou coisa parecida. Você quer que eu veja o número exato?

– Eu acredito na sua palavra.

– Mas tenho certeza de que nós tivemos uma conversa – insistiu Oliver. – O assunto pegou fogo na internet. Você não lembra mesmo?

– É claro que lembro – ela mentiu. – Lembro que comecei a achar os dias curtos demais. Mas que pensei que devia ser só coisa da minha imaginação.

Nao

1.

No final do verão, com a ajuda de Jiko, eu tinha começado a ficar mais forte. Não só com o corpo forte, mas mais forte na cabeça também. Na minha cabeça, eu estava me transformando numa super-heroína. Igual à Jubei-chan, a Garota Samurai, só que no meu caso era Nattchan, a Super Monja, com uma lista de poderes concedidos pelo Senhor Buda que incluía enfrentar as ondas, mesmo perdendo sempre, e ser capaz de suportar doses impressionantes de dor e dificuldade. Jiko me ajudava a cultivar o *supapawa!* dando força para que eu praticasse o zazen por horas e horas sem me mexer e me mostrando como não matar nenhum ser vivo, nem os mosquitos que zumbiam em volta do meu rosto quando eu me sentava no hondo no fim da tarde ou quando estava deitada na cama à noite. Aprendi a não os espantar nem quando me picavam, e também a não coçar a picada depois. No início, acordei com o rosto e os braços inchados de tantas picadas, mas aos poucos meu sangue e minha pele foram ficando mais duros e imunes ao veneno deles e eu deixei de ficar toda empelotada, por mais que continuasse sendo picada. E logo já não havia mais diferença entre mim e os mosquitos. Minha pele já não era um muro nos separando, e o meu sangue passou a ser o sangue deles. Fiquei bem orgulhosa de mim mesma e tratei de procurar Jiko para contar a novidade. Ela deu um sorriso.

– Sim – disse, dando uns tapinhas no meu braço. – Muita comida boa para mosquitos.

Ela me explicou que todo jovem precisa de muito exercício, que a gente tinha que deixar o corpo exausto diariamente ou então ficaria cheio de pensamentos e sonhos conturbados, que resultariam em ações conturbadas. Eu, que já tinha visto muitas ações conturbadas de gente jovem para entender perfeitamente a lógica dela, não me importava de ser mandada para trabalhar na cozinha com Muji todos os dias. E sei que Muji ficava contente com a minha presença lá, porque ela me disse isso. Antes de eu chegar, havia trabalho demais para uma monja só fazer. Eu acho que já falei isso, mas o que você precisa saber para

entender a vida no templo é que ela se parece com estar numa época completamente diferente, e tudo leva umas cem vezes mais tempo lá do que no século XXI. Muji e Jiko nunca jogam nada no lixo. Cada elástico ou pedacinho de arame para fechar embalagens, cada pedaço de barbante ou papel ou retalho de tecido, elas guardam cuidadosamente para reutilizar. Muji tem uma fixação pelas sacolas de plástico: ela me fazia lavar todas com o maior cuidado usando água e sabão e depois pendurar para secar do lado de fora, onde inchavam com o vento e giravam ao sol como aqueles balões em forma de água-viva. Eu não me incomodava muito porque não tinha outras coisas para fazer mesmo, mas, se você quer saber, achava que aquilo tomava tempo demais. Tentei explicar que seria mais rápido e mais fácil jogar as sacolas velhas fora e comprar outras e pronto, que assim as duas ficariam com mais tempo para o zazen, mas Jiko não concordou. Fazer zazen, lavar sacola plástica, mesma coisa, ela falou.

Elas só jogam alguma coisa fora quando está realmente quebrada de vez, e mesmo assim fazer isso demanda todo um processo. Guardam todos os alfinetes tortos e agulhas de costura quebradas e, uma vez por ano, organizam um funeral para eles. Entoam cânticos e espetam alfinete por alfinete num pedaço de tofu para que eles possam repousar num lugar macio. Jiko diz que todas as coisas têm um espírito, mesmo se for algo velho e inútil, e que nós devemos dar conforto e homenagear aqueles que nos serviram bem.

Então você pode imaginar que, com essa trabalheira toda, seja bom para as duas ter alguém mais jovem por aqui, e nós conseguimos preparar mais conservas de ameixa e repolho, e desidratar mais abóboras e nabos, e cuidar melhor dos jardins do templo. Conseguimos visitar muitos moradores velhos e doentes da região, e às vezes durante essas visitas eu aproveitava para limpar os quintais das casas deles também.

Comecei a me levantar às cinco da manhã para praticar o zazen com elas, e depois das oferendas e dos rituais e de terminarmos o soji,[121] enquanto Muji preparava o café da manhã, Jiko me fazia correr lá do alto da montanha até a estrada e então subir até o templo outra vez. Ficava me esperando enquanto eu dava os últimos passos do trajeto, sem fôlego, as pernas moles feito fios de macarrão. De pé ao lado do Chibi, o gatinho preto e branco do templo, ela esperava para me entregar uma toalha e uma jarra enorme com água fresca, e ficava só olhando enquanto eu bebia tudo.

– Você tem pernas bem retas – ela me disse uma vez. – Boas e compridas. Fortes.

Eu fiquei contente com o comentário e provavelmente teria corado toda se

meu rosto já não estivesse tão vermelho da corrida.

– As mesmas pernas do seu pai – continuou Jiko. – Ele também era um bom corredor. Só um pouquinho mais veloz que você.

– Ele também tinha que correr pra baixo e pra cima?

– Claro. Ele era um jovem com muitos pensamentos conturbados. Precisava fazer muito exercício.

Eu derramei o resto da água da jarra na cabeça e depois sacudi para secar. As gotas de água espirraram das pontas dos meus cabelos numa chuvarada bem em cima do Chibi, que deu um pulo e fugiu.

– Desculpa, Chibi – gritei, mas é claro que ele me ignorou. Foi sentar lá longe, de costas para mim, e começou a se lamber. Estava com um ar superofendido, mas como ele era um gato eu não levei muito para o lado pessoal.

– Papai continua tendo pensamentos conturbados – eu disse, com o olho pregado no gato, que continuava me ignorando. – Ele podia vir morar aqui com a gente outra vez. Para você treiná-lo e ensiná-lo a ser forte de novo. Ele podia correr pra baixo e pra cima, e praticar o zazen, e trabalhar na terra...

Quanto mais eu pensava na ideia, melhor ela me parecia – e logo as palavras começaram a escorregar da minha boca numa torrente sem fim. Por favor, vovó!, eu disse. Isso é sério, ele está precisando de ajuda! E contei a ela sobre a noite em que meu pai caiu na frente do trem, sobre como ele e mamãe tentaram fazer tudo parecer um acidente, mesmo não sendo, e como ele nunca arredava pé do apartamento durante o dia, mas saía tarde da noite e passava horas e horas fora, e eu sabia porque ficava acordada esperando com medo de ele não voltar nunca mais. E como numa noite, já não aguentando mais aquilo, tinha me esgueirado para segui-lo e descobrir se ele andava perseguindo alguém ou se encontrando com alguma amante, o que seria péssimo para mamãe, mas pelo menos daria a ele um motivo para continuar vivo. Contei que o segui pelas ruas, me escondendo nas sombras, andando rente às paredes. O caminho que ele escolheu não fazia nenhum sentido, mas isso não parecia ter importância para o papai. Era como se ele fosse um robô e seus pés tivessem sido programados para executar os algoritmos aleatórios que aprendemos na aula de computação, só que sua mente estava desligada, então não se dava conta de para onde seus passos o estavam levando. Ou vai ver que aquilo era um ataque de sonambulismo. Algumas vezes ele entrava em bairros desconhecidos, e outras, as ruas iam ficando tão antigas e estreitas e tortuosas que eu tinha certeza de que estávamos perdidos. Em nenhum momento ele parou ou falou

com ninguém ou comprou coisa nenhuma, nem mesmo um maço de cigarro ou cerveja numa máquina dessas que aceitam moedas, e, lembrando agora, acho que não passamos mesmo por ninguém pelas ruas que percorremos, então talvez ele tivesse também um algoritmo para evitá-las embutido na sua programação, assim como os robôs têm um para não esbarrarem nas coisas.

Nós passamos horas caminhando. Eu fiquei assustada porque sabia que nunca iria conseguir achar o caminho de volta sozinha e não queria que ele soubesse que eu o seguira o tempo todo. Mas também estava cansada demais para continuar com aquilo. E foi justo nesse momento que nós dobramos uma última esquina e saímos na mesma pracinha na margem do rio Sumida, que eu tinha visto quando fiquei com atadura de metal na minha cama. Era exatamente como tinha aparecido para mim. No lado mais perto da água havia uma área com brinquedos, com uma trave com balanços, um escorregador e uma gangorra, e eu sabia que era para lá que ele estava indo. E estava certa. Meu pai caminhou direto para junto dos balanços e se sentou num deles, de costas para mim. Eu dei a volta e fui me esconder atrás de um panda de cimento para conseguir enxergar o rosto dele. Ele acendeu um Short Hope e começou a se balançar. De frente para a água, começou a dar impulso com as pernas até ir cada vez mais alto, com o cigarro preso entre os dentes e um sorriso de quem sabia o que estava fazendo. A impressão era de que estava tentando fazer o balanço ir o mais alto possível, para que, quando chegasse ao ponto extremo do arco e soltasse as correntes, o impulso o arremessasse por cima do muro baixo e direto para o rio, onde se afogaria e o corpo afundaria para ser comido pelos kappas ou por algum peixe-gato gigante. Eu juro que consegui até visualizar o instante em que as mãos largariam as correntes e o corpo seria projetado do assento, voando com braços e pernas abertos para abraçar o ar e depois a água escura e funda. *Não... não... não!*, eu pude me ouvir sussurrar, o coração batendo no ritmo do vaivém do balanço. *Já... já... já!*

Mas nada aconteceu. Ele não soltou as correntes, e aos poucos o impulso foi perdendo a força e o arco do balanço ficando menor e mais irregular, até já quase não haver movimento nenhum e os dedões das sandálias de plástico começarem a se arrastar para frente e para trás, riscando círculos aleatórios no chão debaixo do balanço. Ele então se levantou, caminhou até o murinho de proteção e olhou por cima dele, depois deu uma última tragada no cigarro e o atirou na água com um peteleco. Ficou ali um tempão, com os olhos fixos na água oleosa. Eu tive medo de que fosse subir no muro e pular. Tive vontade de sair correndo do meu esconderijo para detê-lo.

– Mas não fez isso – disse Jiko.

– Não. Eu ia fazer, mas então ele deu as costas para a água e começou a caminhar outra vez.

– E você foi atrás?

– Fui. Ele andou para casa. Eu fiquei esperando do lado de fora do apartamento até achar que estava seguro, e depois entrei usando a minha chave. Acho que ele não me ouviu entrar. Já estava roncando a essa altura.

A velha Jiko assentiu com a cabeça.

– Ele dormia bem quando era menino.

– Você não concorda que era melhor ele voltar para ficar aqui com a gente? – eu quis saber. – Não acha que faria muito bem a ele? Você devia ter visto a cara dele quando nós subimos a escada do templo. Estava com um ar bem feliz.

– Ele sempre gostou daqui – foi o comentário da Jiko.

– Então seria bom se voltasse, né?

– Maa, soo kashira[122] – ela retrucou, numa dessas respostas japonesas que não querem dizer absolutamente nada.

2.

Em agosto, o calor estava de matar. À tarde, no horário em que Jiko e Muji ensinavam técnicas de arranjos florais ou canções de Sutra para as senhoras da vizinhança e eu devia estar ocupada com minhas pesquisas de férias para a escola, o que eu fazia era me arrastar até a engawa[123] que dava para o lago e ficar sentada lá vendo o tempo passar. Eu gostava de me recostar na viga grossa de madeira com meus fones nos ouvidos e as pernas esparramadas para a frente, olhando as libélulas voejando em torno das folhas de lótus no laguinho enquanto escutava covers japoneses de clássicos da *chanson* francesa, que eu já adorava mesmo antes de saber sobre *À la recherche du temps perdu.* Jiko não ficava contente de me ver com as pernas esparramadas, e sempre me dizia isso quando me flagrava assim. Sentar com as pernas abertas para o mundo era falta de modos, na opinião dela, principalmente porque eu não usava calcinhas. Em geral eu até concordaria com isso, mas o tempo estava tão quente! Quente demais para suportar a sensação da parte interna de uma coxa roçando na outra. E a madeira antiga da engawa era macia e fresca, e não havia ninguém olhando. Até mesmo Chibi, o gato, que geralmente gostava de um colo bem quente, tinha preferido se afastar e jazia desmaiado em cima de uma pedra fria e musguenta debaixo das samambaias. O ar, que em geral ficava

completamente parado, de vez em quando soprava das encostas na forma de uma brisa muito leve, que entrava pelos portões do templo e chegava até o jardim, encrespando a água do lago e fazendo umas cócegas no meio das minhas pernas que me davam arrepios. Às vezes eu fico achando que os espíritos dos ancestrais moram nesse tipo de brisa, e que dá para ouvir o leve ruído de seus movimentos.

Estávamos perto do Obon, e os espíritos zanzavam como se fossem viajantes chegando ao aeroporto com as suas malas em busca de algum lugar para ficar. O Obon era as férias de verão dos espíritos, a época em que eles voltariam da terra dos mortos para nos visitar aqui, na terra dos que chamamos de vivos. O ar quente parecia grávido de fantasmas – essa é uma imagem engraçada de se usar no meu caso, que nunca estive grávida, mas eu já tinha visto mulheres com barrigas que pareciam prestes a explodir no trem e imagino que a sensação seja semelhante. Elas andam arrastando os pés, projetando a barriga para a frente do corpo, e quando alguém gentilmente lhes cede o lugar, se jogam no assento com as pernas abertas, esfregando as barrigas e abanando os rostos vermelhos e suarentos, e é justamente essa a sensação de agosto perto da época do Obon, como se o mundo inteiro estivesse grávido de fantasmas e a qualquer momento os mortos fossem irromper pela membrana invisível que os separa de nós.

Quando não estava escarrapachada na varanda, vendo o tempo passar, eu seguia a Jiko pelo templo, carregando coisas para ajudá-la e perturbando a sua paz com perguntas sobre os nossos ancestrais.

– E a vovó Ema? Ela vem? Eu cheguei a conhecê-la? Seria bom poder conhecê-la. E a tia-avó Sugako e o tio-avô Haruki? Eu gostaria de conhecer os dois também. Você acha que eles vão querer me conhecer?

Eu estava toda empolgada porque, embora nenhum parente morto tenha aparecido antes para o Obon, ou pelo menos não que eu saiba, este ano estava com a sensação de que as coisas seriam diferentes. Para começar, eu agora era ikisudama, e podia ser que o fato de ser um fantasma vivo deixasse os fantasmas mortos mais à vontade para fazerem suas aparições. E podia ser também que eles ficassem mais inclinados a aparecer ali no templo da Jiko, onde já eram esperados e todos sabiam como tratá-los direito, do que por exemplo em Sunnyvale, onde os vizinhos simplesmente surtariam e tratariam eles como se fossem as assombrações cafonas do Halloween. É mais ou menos como uma festa de aniversário. Se você tiver pais como os da Kayla, que são ótimos em planejamento de eventos e levam a turma para jogar boliche ou

fazer escaladas, é fantástico ser a aniversariante do dia. Mas, se você tiver pais sem noção como os meus, os aniversários sempre vão ser uma droga, e você vai querer estar em qualquer lugar menos na sua festinha chata cheia de amigos americanos que não param de suspirar e revirar os olhos uns para os outros, mas que explodem de entusiasmo e fingimento a cada vez que sua mãe entra na sala carregando mais uma bandeja de sushi. E nessa hora você também finge que está se divertindo e começa a sorrir feito maluca, mas sabe o tempo todo que é como um trabalho de vendedora e que você só está fazendo isso para deixar os seus pais felizes e aumentar a autoestima deles. Mas, voltando ao assunto, o que eu estava querendo dizer é: se você fosse um fantasma, para qual tipo de festa escolheria ir?

Jiko e Muji são ótimas em planejamento de eventos, e nós passamos cada nanossegundo budista daquelas semanas preparando os altares e ajeitando as flores e espanando e fazendo faxina em todos os cantinhos do templo, para que tudo ficasse impecável para a chegada dos espíritos e ancestrais. Nós também cozinhamos pratos especiais para as oferendas, porque eles ficam com fome depois da longa jornada ao nosso mundo e podem se irritar se não tiverem nada para comer. A comida é uma parte importante do Obon. No Japão existem milhares de espíritos diferentes e fantasmas e goblins e monstros capazes de fazer tatari com você, então, por segurança, nós decidimos iniciar com uma grande cerimônia osegaki,[124] com muitos convidados e a presença de monges e monjas de um templo próximo, que viriam para nos ajudar a alimentar os espíritos famintos.

Muji me contou a história por trás desse costume. Antigamente, o Senhor Buda tinha um discípulo chamado Mokuren, que ficou muito abalado quando viu sua mãe pendurada de cabeça para baixo como um pedaço de carne no Reino Infernal dos fantasmas famintos. Quando ele foi perguntar ao Senhor Buda como poderia resgatá-la, o Senhor Buda lhe disse para fazer oferendas especiais de comida para esses espíritos, o que funcionou, e o que serve para ilustrar como os filhos precisam sempre zelar pelo bem-estar dos pais, mesmo quando os pais estão mortos e pendurados de cabeça para baixo em ganchos de açougue nos confins do inferno. O velho Mokuren era um sujeito incrível e cheio de *supapawa!*, do tipo que conseguia passar através das paredes e ler a mente das pessoas e conversar com os mortos. Imagina só que legal. Eu sou só uma principiante, mas, como você sabe, acho importante ter objetivos na vida. E atravessar uma parede não parece tão complicado assim, não é mesmo?

Enfim, finalmente nós conseguimos aprontar tudo, e na véspera do dia em

que os convidados chegariam, Jiko, Muji e eu fomos juntas para a sala de banho para ficarmos bem limpas e bonitas, e fui eu que raspei os cabelos das duas com a lâmina. Jiko e Muji são superrígidas com sua higiene pessoal: a cabeça delas nunca fica mais de cinco dias sem ser raspada, o que dá mais ou menos um terço de centímetro de cabelo, e às vezes elas me deixavam ajudar a raspar. Eu gostava dessa tarefa. Gostava de ver os toquinhos de cabelo saírem com a lâmina e do jeito como a pele ficava macia e brilhante depois. Os toquinhos de cabelo da Muji eram pretos e minúsculos como formigas pretas caindo de uma página em branco, mas os da velha Jiko eram brilhantes e prateados como purpurina ou pó de fada.

E elas também tinham uma oração para raspar as cabeças, que dizia assim:

Enquanto raspo os cabelos da minha cabeça
rezo com todos os seres
para que possamos cortar fora nossos desejos egoístas
e entrar no paraíso da verdadeira libertação.

Nessa noite, eu estava tão empolgada pensando na chegada dos fantasmas que fiquei acordada até Muji me mandar ir deitar, e assim que ela e Jiko adormeceram, eu me esgueirei para fora da cama outra vez. Não sei o que estava esperando. Mas atravessei o jardim e fui me sentar no degrau mais alto da escadaria do templo, logo abaixo do portão, para esperar. A pedra do degrau estava fria e úmida debaixo do meu pijama, e dava para ouvir o canto dos sapos e dos insetos noturnos.

Tem gente que acha a noite triste porque a escuridão faz lembrar a morte, mas eu não concordo com essa ideia de jeito nenhum. Pessoalmente, gosto da noite, especialmente aqui no templo, quando Muji desliga todas as luzes e sobram apenas a lua, as estrelas e os vagalumes. Ou então quando está nublado e o mundo fica tão preto que não dá para enxergar nem a própria mão na frente do rosto.

E tudo pareceu escurecer ainda mais enquanto eu estava sentada ali, exceto pelos vagalumes, com as suas luzinhas piscantes riscando o ar negro e quente. Acende apaga... acende apaga... acende apaga... acende apaga. Quanto mais eu olhava, mais zonza ia me sentindo, até que pareceu que o mundo estava tombando e me jogando encosta abaixo para dentro da garganta funda da noite. Baixei a mão para me apoiar no degrau e firmar o corpo, mas, em vez da pedra fria, o que encontrei foi uma coisa espinhenta que se mexeu como uma corrente elétrica sob a minha palma. Com um gritinho, recolhi a mão, mas é claro que

era só o Chibi, que tinha decidido sair para receber os fantasmas junto comigo. Meu grito fez ele congelar igual a um gato de desenho animado e arregalar os olhos verdes como se fossem duas moedas brilhantes e redondas, mas depois que dei um riso e fiz um carinho no seu pelo eletrizado, ele veio esfregar o corpo no meu joelho e empurrar a cabeça contra a minha mão.

– Baka ne, Chibi-chan![125] – eu disse, ainda sentindo o coração martelar. Mesmo mal conseguindo distinguir a silhueta dele na noite preta, era bom ter a sua presença ali.

Uma rajada de vento agitou o bambuzal e a sensação foi de espíritos se deslocando. Como seria a aparência de um fantasma, afinal? Será que eles tinham um ar humano? Ou seriam grandes e gordos como monstros de nabo? Será que tinham narizes tremendamente longos, como o tengu[126] de cara vermelha? Será que eram verdes como duendes, ou que viriam disfarçados de raposas? Ou seriam mais como massas de carne humana em decomposição, do nosso tamanho, mas sem cabeça e com postas enormes de gordura no lugar de pernas e braços e um cheiro de podre horroroso? Esses se chamam nuppeppo. Muji me contou sobre eles. Costumam vaguear perto de templos abandonados e cemitérios e gostam de fazer longas caminhadas sem destino na calada da noite. Vai ver meu pai estava se transformando em nuppeppo. E há também os fantasmas que se parecem com homens mortos precisando de um corte de cabelo melhor, com os olhos injetados saltando das órbitas e a pele descolando dos ossos como líquen. Eles se vestem com ternos baratos de poliéster e ficam pendurados nas árvores da Floresta dos Suicidas, girando lentamente. Esses são os fantasmas que mais me assustam, porque parecem um pouco com o meu pai. E justo quando estava começando a me apavorar, senti alguma coisa se acomodar ao meu lado. Virei o corpo e lá estava ele. Papai, sentado bem ao meu lado no degrau de pedra. E mesmo sem os olhos saltados nem o terno barato de poliéster, eu soube que ele estava morto, que enfim havia se matado, e que aquele era o seu fantasma que tinha vindo para me dar a notícia.

– Pai? – tentei sussurrar, mas minha boca estava tão seca que não saiu som nenhum.

Ele estava com os olhos fixos na escuridão.

– Pai, é você? – A minha voz continuava não produzindo som nenhum; as palavras não passaram de pensamentos na minha cabeça. Claro que ele não estava me ouvindo. Estava ainda com os olhos fixos na escuridão. Eu respirei fundo, limpei a garganta, tentei outra vez.

– Otosan – falei, dessa vez usando o japonês. A palavra escapou por entre os

meus lábios como uma bolhinha minúscula. O fantasma do meu pai virou ligeiramente a cabeça e reparei que ele parecia muito jovem e que usava um tipo de uniforme, com um quepe na cabeça. Era como um uniforme de escola, só que de uma cor diferente. Ele continuou sem dizer coisa nenhuma. Me ocorreu que talvez a gente precisasse ser supereducada ao falar com um fantasma para não o ofender, mesmo ele sendo seu pai, então fiz mais uma tentativa, desta vez usando a minha voz mais formal e educada de garota do colegial.

– Yasutani Haruki-sama de gozaimasu ka?[127]

Dessa vez, ele me escutou. E virou o corpo lentamente para me olhar e falar numa voz tão suave que eu mal consegui distinguir sob o vento que soprava.

– Quem é você? – indagou.

Ele não havia me reconhecido. Não dava para acreditar! Meu pai estava morto e já tinha se esquecido de mim. Eu senti a garganta apertar e o nariz começar a coçar, como acontece quando estou tentando não chorar. Respirei fundo mais uma vez.

– Eu sou Yasutani Naoko – declarei, tentando soar destemida e autoconfiante. – É um prazer vê-lo.

– Ah – ele fez. – O prazer é meu. – As palavras dele eram miúdas e melancólicas, retorcendo-se como o fio de fumaça que sai da ponta de um incenso aceso.

Havia alguma coisa errada. Eu sabia que seria indelicado ficar encarando, mas não consegui me conter. Ele parecia uma versão mais jovem do meu pai, só alguns anos mais velho do que eu, mas falava de um jeito diferente, e as roupas também estavam todas erradas. E foi aí que me dei conta: se esse fantasma que tinha reagido ao nome do meu pai não era o meu pai, então só podia ser o tio dele, o piloto suicida, Yasutani Haruki nº 1.

– Nós nos conhecemos? – ele pareceu perguntar.

– Creio que não – foi a minha resposta. – Acho que sou a sua sobrinha-neta. Sou filha do seu sobrinho Yasutani Haruki nº 2, batizado em sua homenagem.

O fantasma assentiu com a cabeça.

– É mesmo? – falou. – Eu não fazia ideia de que tinha um sobrinho, quanto mais uma sobrinha-neta. O tempo realmente voa...

E nós dois ficamos em silêncio. Da minha parte não havia muita escolha, porque eu tinha esgotado o meu vocabulário educado. Não sei quase nada de japonês formal, tendo sido criada em Sunnyvale, e o fantasma de Haruki nº 1 também não parecia muito afim de conversar. Ele tinha um ar meio taciturno e

introvertido, o que combinava com as coisas que Jiko tinha me contado sobre o seu gosto por filosofia e poesia francesas. Eu senti vontade de ter prestado mais atenção nos textos que meu pai lia para mim sobre o existencialismo, porque de repente teria algo inteligente para dizer a ele, mas a única poesia francesa que eu sabia era o refrão de uma música da Monique Serf chamada “Jinsei no Itami”,[128] que talvez não fosse a melhor escolha para uma conversa com uma pessoa morta.

Le mal de vivre
Le mal de vivre
Qu’il faut bien vivre
Vaille que vivre[129]

Eu fiquei lá cantarolando no escuro, recitando as palavras baixinho mesmo sem ter muita certeza do significado de todas elas. E achei ter ouvido um risinho dele ao meu lado, ou talvez tenha sido só o vento, mas quando me virei para olhar o lugar onde estava sentado, Haruki nº 1 havia desaparecido.

3.

Nao idiota! Que garota mais tonta! Lá estava eu, ao lado do fantasma do meu tio-avô que havia sido nada menos do que um piloto camicase da Segunda Guerra Mundial, e que provavelmente seria a pessoa mais interessante que eu poderia conhecer na vida, e o que foi que fiz? Comecei a cantar uma droga de *chanson* francesa para ele! Você consegue imaginar uma burrice maior??? Ele deve ter ficado achando que eu era só mais uma dessas adolescentes imbecis típicas, então por que perderia o seu precioso tempo na terra falando comigo? Melhor desaparecer e ir procurar alguém com coisas mais interessantes para conversar.

O que foi que deu em mim? Eu tinha um monte de perguntas para fazer a ele. Poderia ter indagado sobre os seus interesses, os seus hobbies. Poderia ter perguntado se era verdade mesmo que só gente deprimida se interessa por filosofia e se ele achava que ler livros de filosofia tinha sido útil para alguma coisa. Poderia ter pedido para ele me contar como foi ser arrancado de uma vidinha tranquila e obrigado a se transformar em piloto suicida, ou se os companheiros da tropa dele zombavam porque ele escrevia poemas em francês. Eu poderia ter perguntado como ele se sentiu quando acordou no dia da sua

missão, que também seria o seu último dia na terra. Ele sentiu um peixe gelado se debater, agonizando na boca do seu estômago? Ou se encheu de uma calma luminosa que tinha deixado todos à sua volta impressionados, sabendo que estava pronto para alçar voo?

Eu poderia ter perguntado a ele qual tinha sido a sensação de morrer.

Idiota, baka Nao Yasutani.

4.

Depois do café da manhã, quando Muji e Jiko estavam ocupadas recebendo a primeira leva de monges do templo principal, que tinham vindo para ajudar com a cerimônia osegaki do dia seguinte, eu aproveitei para ir escondida até o gabinete da Jiko. Ela não se incomoda com a minha presença lá, nem sei por que estou dizendo que fui escondida. O gabinete é o meu lugar favorito no templo, com sua janela que dá para o jardim, a mesa baixa onde ela se senta para escrever e a pequena estante lotada de volumes grossos e antigos sobre filosofia e religião com as suas capas de tecido desbotado. Jiko me contou que os livros de filosofia são do Haruki nº 1, da época em que ele estava na universidade. Eu tentei ler alguns, mas decifrar os kanji dos livros em japonês era uma tortura de tão difícil, e os outros estavam em línguas como francês e alemão. E até mesmo os livros em inglês eram num inglês que não se parecia com nada que eu já tivesse escutado. Sinceramente, nem sei se ainda existe gente que consegue ler esse tipo de livro hoje em dia, mas se você tirasse as páginas do miolo eles dariam ótimos diários.

Na parede oposta à da estante, no fundo da sala, ficava o altar familiar. No alto, um pergaminho com a imagem de Shaka-sama estava cercado pelos ihai[130] para todos os nossos ancestrais e um livro com os nomes deles. Embaixo, havia prateleiras para flores e velas e queimadores de incenso e também para bandejas com oferendas de frutas, chás e doces.

Em uma das prateleiras, na lateral, havia uma caixa embrulhada num tecido branco e três pequenos retratos em preto e branco dos filhos já falecidos de Jiko: Haruki, Sugako e Ema. Eu já tinha visto esses retratos, mas nunca prestei atenção neles. As pessoas que apareciam ali eram só desconhecidos naquelas suas poses rígidas e antiquadas, seres-tempo de um outro mundo que não significavam nada para mim. Mas agora tudo havia mudado.

Eu fiquei nas pontas dos pés e estendi a mão para pegar a fotografia de Haruki na prateleira. No retrato, ele parecia mais jovem do que o seu fantasma,

um estudante pálido com seu quepe escolar e uma expressão poética congelada sob o vidro do porta-retratos. E também parecia um pouco com meu pai, antes de o meu pai ficar todo largado e parar de cortar o cabelo. Como o vidro estava muito empoeirado, decidi limpá-lo com a barra da minha saia, e quando estava fazendo isso alguma coisa no rosto dele pareceu se mexer um pouco. Só um retesar da mandíbula, talvez. Ou um pontinho minúsculo de brilho nos olhos. Se ele tivesse virado a cabeça para me olhar e começasse a falar, isso não iria me espantar nem um pouco. Fiquei esperando, mas não aconteceu mais nada. Ele continuou com o olhar perdido em algum ponto para além da câmera, e logo o instante passou e o retrato voltou a ser só uma fotografia velha na sua moldura.

Eu virei a foto na minha mão e vi que havia uma data no verso: Showa 16. Fiz a conta usando os dedos. 1941.

Ele ainda estava no ensino médio. Era só alguns anos mais velho do que sou hoje. Poderia ser meu senpai.[131] Fiquei pensando se nós dois teríamos ficado amigos e se ele iria me proteger dos brigões da escola. Fiquei pensando se ele sequer teria gostado de mim. Provavelmente não. Eu sou muito idiota. Fiquei pensando se eu iria gostar dele.

Um dos colchetes na parte de trás da moldura estava solto, e quando fui tentar empurrá-lo para o lugar, a estrutura se desfez toda na minha mão. Só pensei, *Ah, merda,* porque não queria que Jiko soubesse que eu tinha quebrado o porta-retratos, e então fui tentar pôr os pedaços no lugar outra vez, mas alguma coisa emperrada não me deixava encaixar. Eu já estava suando frio a essa altura. Cheguei a pensar em esconder a moldura ou então deixá-la largada no chão e jogar a culpa no Chibi. Mas o que acabei fazendo em vez disso foi me sentar no tatame para desmontar tudo outra vez, e foi então que encontrei a carta. Era uma única página, dobrada e encaixada entre a fotografia e o papelão da parte de trás da moldura. Eu desdobrei o papel. A caligrafia era forte e bonita como a de Jiko, e o texto tinha aquele estilo antigo difícil de ler, então voltei a dobrar o papel e o enfiei no bolso. Não era minha intenção roubar a carta. Eu só precisava de um dicionário e algum tempo para conseguir decifrar o que ela dizia. A moldura continuava quebrada, mas encaixei a foto de volta e entortei um dos colchetes, que meio que segurou a coisa toda no lugar. Antes de devolver o retrato ao altar, eu o segurei bem perto do meu rosto.

– Haruki Ojisama! – sussurrei no japonês mais sincero e formal que consegui reunir. – Eu sinto muito por ter quebrado a moldura do seu retrato e sinto muito por ter sido tão tola. Por favor, não se zangue comigo por ter pego a sua carta.

Por favor, volte.

5.

Querida mãe,

Esta é a minha última noite na Terra. Amanhã eu vou amarrar uma faixa com a marca do Sol Nascente na testa e ganharei os céus. Amanhã eu morrerei pelo meu país. Não fique triste, mãe. Eu posso ver o seu rosto choroso, mas não sou digno das suas lágrimas. Depois de me pegar tantas vezes imaginando o que iria sentir neste momento, agora eu sei. E não estou triste. Estou aliviado e feliz. Enxugue suas lágrimas, mãe. Tome conta de si mesma e das minhas irmãs queridas. Diga-lhes que sejam boas meninas, que vivam alegres e tenham vidas felizes.

Esta é minha última carta para você, é a minha despedida formal. A Autoridade Naval irá tratar de enviá-la junto com a notificação da minha morte e a pensão auxiliar a que terão direito a partir de agora. Eu temo que não seja uma quantia muito grande, e meu único pesar é o fato de a minha vida sem importância poder fazer tão pouco pela senhora e pelas minhas irmãs.

Estou enviando de volta também o juzu que tinha me dado, meu relógio e a cópia do *Shōbōgenzō* que me fez companhia nestes últimos meses.

Como posso expressar minha gratidão à senhora, mãe, por todo seu esforço para criar este filho tão pouco digno de tudo isso? É impossível.

Há tantas coisas que eu não posso expressar, não posso enviar para a senhora. É tarde demais, agora. Quando a senhora ler essas palavras, eu já estarei morto, mas morrerei acreditando que conhece o meu coração e que não me julgará com dureza. Eu não sou um homem com inclinação para a guerra, e tudo o que faço sempre estará em sintonia com o amor pela paz que me foi ensinado.

Logo as ondas extinguirão esta chama
– minha vida – ardendo ao luar.
Ouça! Está ouvindo as vozes
que chamam do fundo do oceano?

São palavras vazias, a senhora sabe, mas meu coração transborda de amor.

Seu filho,
Segundo Subtenente da Marinha, Yasutani Haruki

121 *sōji* (掃除) – limpeza.

122 *Maa, sō kashira* — Bem, é o que eu me pergunto...

123 *engawa* (縁側) – um avarandado estreito de madeira que circunda as construções da arquitetura tradicional japonesa.

124 *segaki* (施餓鬼) – fantasmas famintos; também pode ser um termo pejorativo para se referir a moradores de rua.

125 *Baka ne, Chibi-chan!* – Que idiotas nós somos, não é, querido Chibi?

126 *tengu* (天狗) – demônios sobrenaturais que têm os rostos vermelhos e compridos narizes fálicos, e muitas vezes aparecem vestidos como monges budistas. Um Tengu pode ser malévolo ou benevolente, e eles são considerados os protetores das montanhas e das florestas.

127 *Yasutani Haruki-sama de gozaimasu ka?* – O senhor é o honorável Sr. Haruki Yasutani?

128 *Jinsei no Itami* – "A dor da vida".

129 Será corajoso viver... ?

130 *ihai* (位牌) – tábua dos espíritos, tabuleta fúnebre.

131 *senpai* (先輩) – alguém que está à frente de outra pessoa no trabalho ou na escola, o seu superior.

Ruth

1.

– *Le mal de vivre* – Benoit repetiu. Ele era um homem baixinho e atarracado, de rosto largo, metido num par de calças de trabalho sujas sustentadas por suspensórios vermelhos, e usava uma camisa de flanela rasgada e um gorro cobrindo os cachos de cabelo preto. A barba eriçada estava rajada de grisalho. Uma das mãos grandes segurava uma penca de garrafas de vinho, e na outra havia uma garrafa de Tanqueray. Os olhos dele miraram por cima da cabeça de Ruth, fixando-se em algum ponto a distância, onde versos franceses aparentemente residiam. A barulheira do centro de reciclagem pareceu se aquietar só para deixar ele responder.

– Sim, é claro que quer dizer "a dor da vida" – disse Benoit. – Ou a doença ou talvez ainda a perversidade de estar vivo, como em "les fleurs du mal". Ou então, simplesmente, a tristeza da vida, o oposto de "la joie de vivre".

Ele parou por um instante para saborear o modo como as palavras soavam antes de enfiar as garrafas na abertura quadrada do triturador. O ruído do vidro se estilhaçando foi ensurdecedor.

– Por quê? – ele berrou.

– Ah, por nada – Ruth respondeu. De repente, ela não teve certeza do quanto deveria contar a Benoit, do quanto conseguiria explicar a ele no meio daquela algazarra. – É só uma letra de música que eu ouvi. – De que maneira explicar as circunstâncias: que se tratava de uma música que fora cantada para um fantasma; que ela a lera num diário encontrado num saco plástico cheio de cracas na praia? Ela queria lhe pedir ajuda para traduzir o caderno em francês, tinha até o trazido consigo, mas agora tudo estava parecendo difícil demais. O depósito não era o melhor local para uma conversa delicada num sábado de manhã.

No estacionamento às suas costas, picapes abriam caminho pela lama rumo às lixeiras ou manobravam para estacionar. Mesmo com o programa de coleta domiciliar implantado recentemente, os moradores da ilha ainda preferiam

fazer as coisas da maneira antiga. Eles gostavam de levar o lixo pessoalmente até o depósito. Gostavam de carregar as caixas úmidas cheias de latas e frascos plásticos até a mesa de reciclagem, de separar o papel do papelão, de atirar as garrafas de vidro no triturador. E gostavam de vasculhar as araras e prateleiras da Loja Grátis do depósito, que era o que a ilha tinha de mais parecido com uma loja de departamentos. Uma ida ao depósito era a mesma coisa que uma ida ao shopping center. Era o que o pessoal local considerava uma boa distração para ocupar as manhãs de sábado. As crianças ficavam correndo do lado de fora, brincando de World of Warcraft entre os restos enferrujados de carros e refrigeradores sem portas. Punks com dreadlocks nos cabelos catavam correntes e peças de câmbio aproveitáveis na pilha de bicicletas velhas. Gralhas e águias-de-cabeça-branca voavam em círculos por cima de tudo, disputando território e restos de carne.

– Sim – disse Benoit. – É uma canção muito famosa. Da Barbara. – Ele pronunciou o nome à moda francesa, enroscando os lábios ao redor de cada sílaba e dando a elas pesos equivalentes, raspando os *Rs* guturais no fundo da garganta.

– Não, na verdade a cantora se chamava Monique...

Ele abanou a mão, impaciente.

– Serf. Sim, sim, é a mesma pessoa. Barbara é o nome artístico, como os fãs a conhecem. Você é fã dela?

– Bem, na verdade eu nunca a escutei cantar – Ruth explicou. – Só vi a letra num livro e fiquei curiosa para saber o significado...

Benoit fechou os olhos e começou a falar. Ela precisou se inclinar mais para perto para captar as palavras no meio do ruído constante do motor do triturador.

– *Le mal de vivre*, "a dor da vida". *Qu'il faut bien vivre*... "que nós precisamos viver com, ou suportar". *Vaille que vivre*. Esta é difícil, mas quer dizer algo como: "Nós precisamos viver a vida que temos. Devemos seguir batalhando."

Ele abriu os olhos.

– Ajudou?

– Ah, sim – Ruth respondeu. – Eu acho que sim. Obrigada.

Benoit estudou o rosto dela.

– Era só isso que você precisava? Não quer ajuda com o resto das traduções? Ainda tem o caderninho em francês, non?

Ela voltou os olhos para encarar a boca aberta do triturador.

– Muriel?

– Dora – respondeu Benoit. E sorriu, deixando à mostra a lacuna onde deveria haver um dos dentes da frente.

– É claro.

– *Mais, j'adore Barbara* – ele disse. – E agora fiquei interessado em ajudá-la. Aqui é barulhento demais. Não prefere passar para a biblioteca?

Ele deu um grito para um dos punks de dreadlocks ir substituí-lo no triturador, chamou o cachorro com um assovio e foi guiando Ruth para atravessar o estacionamento e subir um barranco de terra, que fora coberto com camadas de gerânios plantados dentro de pneus velhos de caminhão, até chegarem à salinha atrás da garagem onde a empilhadeira estava estacionada. O cachorrinho saiu correndo na frente, latindo.

Era uma sala surpreendentemente bem arrumada, com janelas que davam para a área das lixeiras mais abaixo. A mobília esparsa era a que seria de se esperar: uma mesa de metal surrada num canto; duas cadeiras de escritório com os rodízios bambos; um arquivo de metal lascado. Mas acima da mesa e cobrindo as duas paredes adjacentes havia prateleiras desde o chão até o teto, repletas de livros. A parede restante era decorada com quadros que as pessoas haviam jogado no lixo, em sua maioria aventuras artísticas movidas a álcool e drogas, imitações de arte indígena e paisagens com alces e ursos tiradas de livros para colorir, tão ruins que acabavam sendo interessantes. Presa com tachinhas, nessa mesma parede, via-se uma folha de caderno pautada com uma cópia da Oração da Serenidade, escrita cuidadosamente à mão. *Deus, conceda-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar...*

– *Voilà* – fez Benoit, abrindo os braços. – *Ma bibliothèque et galerie*. Seja bem-vinda.

Ele foi se sentar na cadeira junto à mesa de metal. O cachorrinho, um vira-lata de pelo eriçado com muitos terriers na sua árvore genealógica, pulou na outra cadeira e logo foi enxotado por Benoit, que limpou o assento com um pano e o ofereceu a Ruth. Depois de lançar-lhe um olhar muito sentido, o animal foi se enroscar aos pés do dono.

Ela avançou lentamente, inspecionando as lombadas nas prateleiras. Havia alguns títulos em francês, mas a maioria era em inglês mesmo. Uma boa coletânea de clássicos entremeada por alguns volumes de ficção científica, história e teoria política. Um acervo melhor do que o que vira na biblioteca.

– Todos vindos do depósito – ele disse, orgulhoso. – Fique à vontade. – E ficou observando, atento, enquanto ela puxava da prateleira uma coletânea de

contos do Kafka. – Você se parece muito com a sua mãe – comentou, enquanto Ruth se acomodava na cadeira à sua frente.

Ela ergueu os olhos do livro, surpresa.

– Ah, você não sabia? Eu e sua mãe fomos grandes amigos. Ela era uma das nossas clientes mais fiéis.

E então ela se recordou. Oliver costumava trazer sua mãe até o depósito todas as manhãs de sábado. Era o compromisso sagrado dos dois, e ela não esquecia nunca, nem mesmo quando o resto do seu mundo começou a desvanecer.

“Masako”, Oliver dizia bem alto e perto do seu ouvido para que ela o escutasse mesmo sem o aparelho auditivo, que a essa altura já havia deixado de usar. “Será que você gostaria de me acompanhar até a Loja Grátis no sábado?”

E o rosto dela se iluminava com um grande sorriso banguela. Ela também já deixara de usar a dentadura nessa época.

“Ora, ora!”, exclamava. “Eu achei que você não fosse me convidar nunca...”

Ela adorava garimpar ofertas. Havia crescido na época da Depressão e frequentava as lojas de segunda mão perto de casa antes que a família se mudasse para o Ocidente. Pouco depois da sua chegada à ilha, eles a haviam levado para vasculhar as prateleiras da Loja Grátis. Ela estava na seção dos casacos, examinando um cardigã, quando chamou Ruth.

“Mas onde está a etiqueta de preço?”, perguntou num sussurro. “Eles não puseram etiqueta. Como eu vou saber quanto custa?” Havia uma agitação na sua voz. Coisas faltando a deixavam perturbada. Etiquetas de preço faltando. Lembranças faltando. Pedaços da sua vida faltando.

“Não tem etiqueta de preço, mãe”, Ruth havia explicado. “É de graça. Tudo aqui é de graça.”

Ela ficou impressionada.

“De graça?”, repetiu, correndo os olhos pelas araras de roupas e prateleiras cheias de brinquedos, livros e utilidades domésticas.

“Isso mesmo, mãe. É por isso que se chama Loja Grátis.”

Ela ergueu o casaco que tinha na mão.

“Quer dizer então que posso levar isto aqui? Sem pagar? Só levar e pronto?”

“Isso, mãe. Só levar.”

“Minha Nossa”, fez ela, com os olhos pregados no casaco e sacudindo a cabeça. “Parece até que eu morri e fui para o Céu.”

Depois desse dia, Oliver pegava sua picape todos os sábados para levar Masako até o depósito. Ele estacionava, ajudava-a a saltar, e depois a conduzia

cuidadosamente pelo terreno pedregoso até passarem pelos montes de ferro-velho e chegarem à entrada da Loja Grátis, onde a entregava nas mãos de uma das voluntárias do lugar. Logo ela ficou conhecida de todas, que guardavam as melhores peças de seu tamanho. Quando terminava de separar o lixo reciclável, Oliver ia buscá-la para descerem juntos a ladeira até o estacionamento, onde Benoit os esperava para perguntar como tinham sido as compras e se Masako havia achado os preços bons. Essa piada sempre a fazia dar risada.

Quando os armários ficavam lotados e as gavetas da cômoda começavam a transbordar, Ruth tirava sorrateiramente as peças mais do fundo e devolvia para a Loja Grátis, onde a mãe poderia garimpá-las mais uma vez.

"Não é uma graça?", indagava Masako, mostrando a Ruth uma blusa que acabara de trazer para casa. "Foi uma sorte ter encontrado essa blusa. Eu tinha uma igualzinha, sabe..."

Benoit riu quando ela lhe contou essa história.

– A sua mãe era muito engraçada – ele disse. – E acho que ela sabia direitinho de tudo o que vocês faziam. Chegaram a organizar uma cerimônia fúnebre em homenagem a ela? Não? Foi o que pensei. Uma pena.

Ele inclinou o corpo para frente na cadeira. Os olhos escuros cintilaram.

– Mas diga, o que eu posso fazer por você?

Benoit já ouvira falar do saco plástico e de tudo o que havia nele. Pediu para ver o relógio do soldado do céu, e Ruth o tirou para mostrar. O que aquele relógio tinha que impressionava tanto os homens? O assovio que escapou pelo vão de seus dentes acordou o cachorro, que levantou a cabeça, alerta. Depois que ele terminou de admirar o relógio, Ruth pegou as cartas e o caderno de redação na mochila e desembrulhou cuidadosamente. O cachorrinho deu um bocejo e voltou a cochilar.

– As cartas estão escritas em japonês – explicou ela, deixando-as de lado para pegar o caderno. – Mas isto aqui está em francês.

Hesitou um instante ao olhar para as mãos manchadas e calejadas do homem. As rachaduras na pele castigada estavam pretas de sujeira, assim como a parte de baixo das unhas. Ela pensou que devia ter feito uma cópia dos textos. O caderninho pareceu frágil e muito antigo ao ser segurado por aqueles dedos grossos, mas Benoit o manuseou com todo o cuidado, virando as páginas finas com um ar de reverência que a deixou surpresa. E começou a ler em voz alta:

10 décembre 1943 – Dans notre grand dortoir, les soldats de l'escadron et moi, on dirait des poissons qui sèchent sur un étendoir. Seule les nuits

de pleine lune, quand le ciel est dégagé, me procurent assez de lumière pour écrire… Mes dernières pensées, mesurées en gouttes d'encre.

Ele ergueu os olhos.

– Você entendeu alguma coisa?

– Bem pouca – ela admitiu. – Dezembro. Alguma coisa sobre peixes e a lua cheia. E os últimos pensamentos de alguém, talvez...?

O sorriso que surgiu no rosto dele tinha um toque de compaixão.

– Posso ficar com o caderno, para fazer uma tradução que lhe sirva?

O tom condescendente na voz a deixou irritada, mas Ruth poderia passar por cima disso. A sua maior preocupação era a segurança do velho caderno. Ela não queria deixar que ele o levasse, mas também não queria ofender o sujeito. O cachorro acordou e, sentindo que a reunião estava no fim, pôs-se de pé e começou a farejar a mão de Benoit.

– Está bem – Ruth disse, observando enquanto ele abaixava o corpo para coçar a cabeça do cão. – Você acha que vai demorar muito?

Ele deu de ombros. Indagações sobre períodos de tempo não faziam sentido na ilha. Mas então seus olhos escuros se iluminaram.

– Ah – exclamou. – Isto é para o seu livro novo?

– Não, não – ela respondeu. – É só curiosidade pessoal.

Ele pareceu desapontado. Voltando a dobrar o caderno, estendeu a mão para pegar o papel encerado do embrulho e o envelope. Pelo menos o sujeito era cuidadoso. A pilha de cartas dobradas chamou a sua atenção.

– Todas elas foram escritas pelo mesmo homem? – ele quis saber.

– Na verdade, eu não sei – Ruth disse. – Ainda não li. A caligrafia japonesa é complicada...

Ele não demonstrou grande interesse pelas desculpas dela. Pegou a pilha de cartas e começou a folheá-las. Desdobrou uma e a estendeu no tampo da mesa. O cachorro, cansado de esperar, voltou a deitar no chão.

– Não vá me dizer que você também lê japonês – ela disse.

– É claro que não. Para mim, isso é igual a um monte de rabiscos. Mas veja. A caneta é a mesma, a mesma tinta. – Ele abriu o caderno de redação outra vez, ao lado da carta. – E, você está vendo? A caligrafia é parecida, ainda que o homem esteja escrevendo em alfabetos e línguas diferentes.

Benoit tinha razão. A letra tinha o mesmo estilo, precisa e delicada e ao mesmo tempo cheia de vida e energia. Ruth se perguntou como podia ter deixado de reparar nisso.

– E por que você acha que é a escrita de um homem?

– Certamente é de um homem – Benoit afirmou, dando batidinhas no parágrafo que havia lido em francês. Ele voltou a ler o trecho, agora traduzido.

> *10 de dezembro de 1943 – Nós dormimos todos juntos num quarto espaçoso, os membros do esquadrão e eu, deitados em fileiras como peixes postos para secar.*

Ele estendeu a mão por cima da mesa para tocar o mostrador do relógio que ela usava.

– É só um palpite, mas estou achando que tudo isso foi escrito pelo seu soldado do céu.

2.

Na volta do depósito para casa, Ruth percebeu que o vento estava mais forte outra vez, então decidiu parar no Squirrel Cove para comprar mantimentos e completar o tanque do carro. Ela não tinha trazido a lata para a gasolina extra, mas, se o tanque estivesse cheio, Oliver poderia tirar gasolina dele com um sifão para abastecer o gerador. Isso se ele tivesse voltado a funcionar, é claro. As nuvens pairavam baixas no topo das montanhas e a superfície da água tinha se encrespado na boca da enseada, com as ondas mostrando suas cristas brancas. Um pequeno barco pesqueiro atravessava a doca. Uma águia voava em arcos amplos no céu mais acima. A tarde mal havia começado, mas o céu já havia escurecido e as luzes da reserva Klahoose piscavam no fundo da baía.

Em casa, as luzes também continuavam acesas. Ela estacionou e descarregou a caixa com os mantimentos. Passando pela pilha de lenha, ouviu um corvo crocitar. Parou e deu uma olhada em volta, pensando se seria o corvo da selva, mas não conseguiu enxergar o pássaro. Será que cada um soava diferente? Aquele pio parecera alarmado. Ela o ouviu outra vez, agora mais distante, seguido pelo ladrar baixo e insistente de um lobo vindo da direção da enseada. E continuou andando para casa.

Oliver, prevendo a tempestade que se avizinhava, já havia deixado o gerador pronto para funcionar. Livrando-se da caixa dos mantimentos, ela seguiu a trilha dos fios das extensões escada acima. A porta do escritório dele, em frente ao dela, estava aberta, e Ruth lançou um olhar lá para dentro. Oliver estava na escrivaninha, usando seus fones antirruído e assoviando uma melodia

desafinada enquanto navegava na internet. O gato dormia ao seu lado, na velha cadeira giratória que tinham trazido para ele do depósito de lixo. Ela e Oliver haviam apelidado a cadeira de assento do copiloto, e o móvel se transformara no lugar preferido do gato. Ele próprio, afinal, também fora trazido do depósito.

Aqueles fones de ouvido originalmente pertenciam a Ruth, mas ela os dera a Oliver quando percebeu como ele gostava deles. Ele gostava da forma como o arco espremia a sua cabeça. A pressão o ajudava a pensar, dizia, e o resultado era que agora Ruth precisava gritar para ser ouvida.

– Oi! – berrou do vão da porta onde estava, acenando com o braço.

O gato piscou, depois abriu um dos olhos. Oliver tirou os olhos da tela e acenou de volta.

– Você já chegou – disse, numa voz alta demais. – Eu não ouvi quando entrou. Conseguiu? – O gato, irritado com o barulho, abriu o outro olho.

Ruth fez um gesto para ele tirar os fones.

– Desculpa. – Agora, a voz tinha baixado para o volume normal. – Você conseguiu?

– Ele vai fazer a tradução. Na opinião dele, o caderno foi escrito pelo soldado do céu.

– Haruki nº 1 – disse Oliver. – Interessante. – Ele deu um empurrão no braço do assento do copiloto e olhou enquanto Pesto girava devagar. – Só não entendo por que o sujeito decidiu escrever em francês...

– Para que ninguém mais pudesse ler? Benoit disse que ele escondia o caderno dos companheiros de tropa.

Oliver girou outra vez o gato, pensativo.

– Excelente como forma de segurança – comentou.

No instante em que ouviu as palavras, Ruth se lembrou da referência. Como é que ele podia guardar com tanta clareza as coisas que ouvia?

– "Quem pegaria um livro velho chamado *À la recherche du temps perdu?*" – prosseguiu ele. – Foi isso que Nao escreveu. Ela escondeu o diário dentro do Proust, ele escondeu o diário escrevendo em francês. Manter diários secretos e a cultura francesa pelo visto eram coisas de família. – Ele deu uma última girada alegre no assento do copiloto e recolheu depressa a mão enquanto Pesto, totalmente desperto e nada contente, lhe dava uma patada que conseguiu atingir o alvo.

– Ai! – fez Oliver, levando o dedo à boca.

– Bem feito – foi a resposta de Ruth. O gato pulou do assento do copiloto,

desceu as escadas e saiu pela sua portinhola privativa. – Ouvi lobos ladrando quando cheguei – ela disse. – E estavam bem perto. Se ele for devorado vai ser culpa sua.

Oliver deu de ombros.

– Seria bem feito para ele se fosse pego por um lobo. A retribuição cármica por todos os filhotes de esquilo que matou. – E voltou a pôr os fones nos ouvidos, mas ela viu que havia uma sombra de preocupação no seu rosto. Ótimo. Ruth cruzou o corredor rumo ao seu escritório.

Diários secretos e cultura francesa eram coisas de família. Claro. Por que ela não tinha feito essa ligação?

Ao entrar no escritório, deu de cara com a almofada de meditação no chão e pensou que, no estado mental em que estava, talvez fosse uma boa ideia fazer uma nova tentativa de praticar o zazen – talvez isso pudesse ajudar com a sua memória. Mas Ruth não foi meditar. Em vez disso, se sentou diante do computador e entrou na página do Gmail.

Nenhuma resposta do professor Leistiko ainda.

3.

Já fazia mais de uma semana que tinha mandado o e-mail, e uma ideia repentina lhe ocorreu nesse momento: a mensagem fora mesmo enviada? Talvez ela tivesse escrito o texto e esquecido de clicar em ENVIAR. Ou talvez a conexão tivesse falhado na hora e a mensagem não tivesse saído da caixa. Essas coisas aconteciam com mais frequência do que Ruth gostaria de admitir. Ela foi checar a pasta de mensagens enviadas. Não, lá estava o e-mail, com a data e o horário marcados. Certo. Ela contou os dias que haviam se passado. Nove! Onde esse tempo todo tinha ido parar?

O cursor pulsava na tela, com a sua impaciência ritmada. Ruth fez uma cópia do primeiro texto, acrescentando um pedido educado de desculpas pela persistência, e enviou mais uma vez. Não queria ser tomada como *stalker* nem nada assim, mas nove dias?

Sentindo o rosto afogueado, ela levou as mãos às bochechas para esfriá-las. Estava tomada por um sentimento vago de culpa, mas por que motivo? Culpa por perturbar o professor? Por estar negligenciando o próprio trabalho? Por causa do tempo enorme que gastou on-line tentando rastrear pistas sobre Nao? O desaparecimento súbito de “A instabilidade do ‘eu’ feminino” havia mexido com ela. O artigo era a corroboração que ela vinha tentando encontrar para a

história toda no mundo real e havia lhe escapado sem mais nem menos. Seria trapaça da sua parte essa vontade de querer saber mais do que a garota escrevera? O mundo descrito no diário parecia cada vez mais estranho e irreal. Ruth não sabia o que pensar da história do fantasma, por exemplo. Nao acreditava mesmo naquelas coisas que escrevera?

O professor agora era sua única esperança. Olhando para os pixels inquietos na tela, sua impaciência aumentou. Era uma agitação já bastante familiar, um tipo de sentimento paradoxal que ela via crescer dentro de si sempre que começava a passar tempo demais on-line, como se houvesse uma força que ao mesmo tempo a instigasse e tentasse detê-la. Como poderia descrever? Uma gagueira do fluxo temporal, uma indolência urgente, uma sensação simultânea de pressa e de estar ficando para trás. Algo que a fazia se lembrar do caminhar descompassado e característico dos pacientes de Parkinson no sanatório onde sua mãe passara os últimos meses de vida, da maneira como eles seguiam guinando e estacando enquanto atravessavam os corredores rumo ao salão de refeições e, um dia, rumo ao seu último sopro de vida. Era uma sensação horrorosa, incômoda, cheirando a pânico, difícil de descrever em palavras, mas que, se ela fosse tentar representar tipograficamente, seria parecida com isto:

essaéaSENSAÇÃOdagagueiradofluxo
temporaléFEITOfeitoumimimimIMPULSO
gagagaGAGOqueSELANÇAACELERADO
adianteSEMumMOMENTONEMumINSTANTE
paraDISTINGUIRUMAURGÊNCIAda
seguinteFICANDOCADAVEZMAISEMAIS
ALTOESEMPONTUAÇÃOatéque
DEREPENTESEMAVISOELE...

para

4.

– Acho que estou ficando maluca – ela disse. – Você acha que eu estou ficando maluca?

Os dois estavam na cama. Oliver, ocupado checando seus e-mails no iPhone, não respondeu nada. Mas Ruth nem reparou.

– Ando tendo umas premonições – continuou ela. – Está lembrado daquele sonho que tive com a velha Jiko? Eu te contei sobre isso, não contei? Sobre aquele primeiro, que pareceu muito real? Ela escrevia uma coisa no computador, e mesmo sem conseguir ver a tela eu sabia o que estava escrito.

Ela fez uma pausa. Ainda sem qualquer resposta de Oliver, decidiu seguir adiante.

– Estava escrito: “Em cima, embaixo, mesma coisa.” E então, quando as duas estavam na praia, Jiko disse exatamente essas palavras... “Em cima, embaixo, mesma coisa”. Eu havia tido o sonho mais de uma semana antes de ler sobre o passeio na praia. Como poderia saber?

– Como você poderia saber? – ele repetiu.

– Bem, foi como se a velha Jiko tivesse me mandado uma mensagem também, só que por telepatia. Isso é loucura?

– Hm – fez Oliver.

– Para mim, pareceu um tipo de premonição. O que você acha?

– Premonições são coincidências esperando para acontecer – ele disse, sem erguer os olhos do telefone.

– Devem ser mesmo. Mas não é esquisito? Coisas aparecendo do nada, como o saco plástico na praia e depois o corvo da selva. Coisas desaparecendo, como o tal artigo que eu tentei encontrar outra vez e não consegui. E a publicação, a *Revista da Metafísica Oriental?* Sumiu também. Não consigo achar em lugar nenhum.

– Normalmente as coisas não desaparecem assim, do nada – ele disse, enquanto digitava uma mensagem com a ponta do indicador. – O artigo tem que estar em algum lugar. Você não pode fazer uma busca por autor, para saber onde...

– Já tentei! Aí é que está o problema. Não encontro mais nem o nome do autor. Eu seria capaz de jurar que ele estava listado no site de artigos

acadêmicos, mas quando voltei lá para procurar, não havia mais nada. Desapareceu! E o professor Leistiko não responde as minhas mensagens. Parece que, quanto mais procuro, mais as coisas vão escapando para longe. É frustrante demais!

– Vai ver que você está se esforçando demais na procura... – sugeriu ele.

– O que você está querendo dizer?

– Nada. – Ele deu uma batidinha na tela e Ruth ouviu o *vupt* do e-mail sendo enviado.

– Você está prestando atenção em mim ou checando seus e-mails?

– Prestando atenção, checando e-mail, mesma coisa.

– Não é, não!

– Está certo – admitiu ele, erguendo os olhos da telinha. – Eu estava checando meus e-mails, e ao mesmo tempo prestava atenção em você, e ao mesmo tempo apareceu uma coisa no meu *feed* de notícias que pode ser relevante. Então agora eu tenho duas ideias e mais uma bela novidade para contar. Qual você quer ouvir primeiro?

– A bela novidade, por favor.

– Acabou de chegar uma mensagem de um coletivo de artistas do Brooklyn. Eles querem publicar a minha monografia sobre o NeoEoceno.

– Que maravilha! – disse ela, sentindo a irritação se evaporar. – Mas quem são eles?

Oliver abriu um sorriso contido, tentando não demonstrar o quanto estava exultante.

– É um grupo que se autodenomina Amigos do Pleistoceno.

– Genial.

– É mesmo. Quer dizer, não é 100% perfeito. Eu sou um sujeito que está mais para o Eoceno, você sabe, e esses caras têm umas ideias meio vanguardistas demais. Mas é como dizem por aí: um milhão ou cinquenta milhões de anos a mais ou a menos...

– Eles ficaram interessados em publicar. É isso que interessa.

– É – concordou ele, parecendo meio na dúvida. – Eu só espero que esses caras não acabem desaparecendo também.

– Eles não vão desaparecer. Não depois de terem existido por tanto tempo.

– Você tem razão – ele concordou. – Perto dos Amigos do Pleistoceno a *Revista da Metafísica Oriental* é mixaria.

– Essa era a sua ideia sobre o assunto?

– Não. – Ele ergueu o iPhone para mostrar a ela. – Primeiro, olha só o link

que eu recebi.

Na tela minúscula, estava aberto um artigo da *New Science* sobre os últimos avanços na construção de qubits para a computação quântica.

Ela teve que apertar os olhos para enxergar as letrinhas do texto.

– E?

Oliver aumentou o tamanho da fonte e apontou. E então ela viu. O nome do pesquisador encheu a telinha: H. Yasudani.

– Meu Deus – ela gritou, erguendo o corpo na cama. – Você acha que é ele? Tem uma chance de ser, não tem? Pode ser um erro de digitação. Mas que loucura. Mande o link para mim por e-mail. Quero ver se consigo fazer contato...

– Já mandei – disse Oliver.

Ela já estava com metade do corpo fora da cama e um dos pés no chinelo, pronta para ir até o computador no andar de cima e iniciar a busca.

– Você não quer saber qual é a outra ideia? – ele indagou.

– É claro que quero – disse ela, tateando em busca dos óculos.

– Eu fiquei pensando que talvez possa existir um componente quântico em tudo isso que está acontecendo.

Ela voltou a recostar na cama, o chinelo pendurado no pé.

– Como assim?

– Bem, pode ser que não seja o melhor jeito de dizer isso, mas eu pensei que, se as coisas que você está procurando teimam em desaparecer, talvez você devesse parar de procurá-las. Talvez devesse se concentrar só no que é tangível, no aqui e agora.

– Como assim?

– Bem, você achou o diário e está lendo os textos. Isso é bom. Benoit está traduzindo o caderno de redação. Isso é bom. Mas ainda há as cartas. Você poderia achar alguém para te ajudar a decifrá-las.

Ruth franziu o cenho. Aquilo fazia sentido, e ao mesmo tempo não fazia.

– Já mostrei a Ayako, mas ela disse que não podia...

– Ayako, não – interrompeu Oliver. – Arigato. Espere aí, vou checar a previsão do tempo...

– O que o tempo tem a ver com isso?

– Ótimo – ele disse. – A tempestade resolveu passar ao largo desta vez. Vai ser uma travessia tranquila amanhã. – Ele ergueu os olhos da tela. – Eu preciso levar aquele maldito gerador para o conserto antes que ele nos deixe na mão outra vez. E pensei se você não queria aproveitar para comer um sushi no

Liver...?

5.

Campbell River, ou Scrambled Liver,[132] como tinha sido apelidada pelos moradores da ilha, era a cidade mais próxima de Whaletown – embora “próxima” e “cidade” fossem dois conceitos bem relativos nesse caso. Uma ida ao Liver incluía duas travessias em balsas e mais uma viagem de carro por uma ilha intermediária que demoravam em torno de duas horas, isso sem contar a espera nas filas para as balsas, que no verão podia ser interminável. E, quando enfim se chegava ao Liver, o entretenimento que havia eram algumas megalojas e shopping centers com metade do espaço desocupado, o tribunal da cidade, a cadeia, um hospital, um punhado de bazares de caridade e brechós, alguns bares de striptease e uma fábrica de pasta de papel abandonada que deixara muita gente sem emprego ao fechar as portas.

Ainda assim, era uma viagem linda, com a balsa abrindo caminho devagar pela superfície metálica do mar, salpicada de ilhotas verdes que brilhavam sob um céu de chumbo. Às vezes, grupos de golfinhos chegavam para apostar corrida ou brincar no rastro deixado entre as ondas. Ao longe, os picos nevados das montanhas furavam as faixas baixas de névoa, apontando diretamente para o alto.

Ruth e Oliver não viajavam para apreciar a paisagem, entretanto. As suas idas à cidade envolviam necessidades práticas, como visitas ao hospital ou à oficina mecânica, a compra de uma apólice de seguro ou de algum produto para a casa. E era de praxe que os moradores da ilha demonstrassem um sofrimento atroz diante da ideia de trocarem o seu pedaço de paraíso pela dose triste mas necessária de realidade que era o Liver.

Mas Ruth gostava dessas idas à cidade. Para ela, Campbell River era uma mudança de ares sempre bem-vinda. Era bom poder ir às compras, e nas vezes em que eles ficavam para pernoitar, costumavam sair para jantar em algum restaurante diferente – embora, se comparadas às de Manhattan, as opções disponíveis não fossem grande coisa: dois bufês de comida chinesa, um restaurante tailandês e um japonês, o favorito de Ruth, chamado Arigato Sushi.

O chef, o ex-mecânico Akira Inoue, emigrara com a esposa Kimi de Okuma City, no distrito de Fukushima. Akira era um entusiasta da pesca esportiva e havia se instalado com a família no litoral da Colúmbia Britânica para aproveitar a abundância do salmão que ainda existia por ali. Eles logo abriram

o restaurante, batizado de Arigato para expressar a sua gratidão pela boa vida que haviam conquistado no Canadá – e, em troca, os dois trabalhavam duro para refinar o paladar dos seus vizinhos em Campbell River. Foi assim que eles criaram o filho e o mandaram para estudar em Montreal. Mas depois que começaram a ficar mais velhos e o salmão a rarear, Kimi finalmente havia convencido Akira a vender o Arigato Sushi e ir passar a aposentadoria na sua cidade natal no Japão. O desastre na Usina Nuclear Daiichi, em Fukushima, mudou tudo. Da noite para o dia, Okuma City se transformou num deserto radioativo, e Akira e Kimi se viram presos para sempre no Liver.

– Okuma City não tinha nada de muito especial – Kimi disse. – Mas era a nossa terra natal. Agora, ninguém mais pode viver lá. Nossos amigos, nossos parentes, todos tiveram que ir embora. Sair das suas casas. Deixar a vida inteira para trás. Não tiveram tempo nem para lavar os pratos. Nós convidamos a família para vir morar aqui. Dissemos a eles que o Canadá é seguro. Não tem armas. Mas ninguém quer vir. Para eles, aqui não é um lar.

Os restaurantes fecham as portas cedo no Liver, e Kimi largou os pratos na pia por um instante para se sentar com Ruth e Oliver no balcão dos sushis, enquanto Akira limpava suas facas e guardava os peixes. O filho deles, Tosh, havia se formado na Universidade McGill e trabalhava em Victoria, mas muitas vezes aparecia nos fins de semana para ajudar o pai atrás do balcão.

– Aqui é um lar para você? – Ruth perguntou a Tosh.

– Você está falando do Canadá ou de Campbell River? – devolveu ele, com um ar divertido. Era um rapaz alto, tranquilo e bem-articulado que havia se graduado em ciência política. – O Canadá é. E Montreal também, com certeza. Eu me sentia em casa em Montreal. Em Victoria, um pouco menos. Em Campbell River... Bem, não muito.

– E para você? – Ruth se voltou para Kimi.

Vendo-a hesitar, Akira respondeu no seu lugar:

– Ela nunca se interessou por pesca. – E fez um gesto de cabeça na direção de Ruth. – E você?

Ela sacudiu a cabeça.

– Eu não sei – disse. – Não sei como seria essa sensação de estar em casa.

Akira puxou um pedaço de filme plástico e o estendeu sobre um naco brilhante e vermelho de atum.

– Acho que você é mais uma garota da cidade grande. Já no seu caso... – Ele se inclinou por cima do balcão para repor a dose de saquê de Oliver, e depois ergueu o próprio copo num brinde. – Você é um rapaz do campo. Como eu. E

para gente como nós, Campbell River já está bom demais, huh?

Sentada ao seu lado, Ruth sentiu a hesitação de Oliver. Mas ele ergueu o copo.

– Ao Liver – propôs.

Estava ficando tarde. Ruth puxou a mochila para o colo e tirou as cartas. Ela explicara o problema mais cedo, e Kimi havia concordado em tentar ajudar. Agora, Ruth observava enquanto ela limpava o balcão antes de aceitar o maço de cartas com as duas mãos e uma ligeira reverência formal.

– Sim – iniciou Kimi, analisando o envelope. – É a letra de um homem. O endereço fica em Tóquio. O carimbo do serviço postal diz Showa 18. – Ela fez a conta nos dedos. – Quer dizer 1943. O carimbo de devolução não está tão claro, mas acho que é de Tsuchiura. Havia uma base naval nesse lugar, então talvez você tenha razão, ele era um soldado. – Ela abriu a carta e estendeu a folha de papel no balcão à sua frente, alisando delicadamente as marcas das dobras. Tosh deu a volta no balcão e inclinou o corpo por cima do ombro da mãe.

– É uma caligrafia muito bonita – ela disse. – E antiga também, mas eu consigo ler. Vou escrever a tradução, mas você vai ter que perdoar o meu inglês ruim. Mesmo depois de morar vinte anos aqui...

Tosh apoiou as mãos nos ombros dela e apertou de leve.

– Sem desculpas, mãe. Eu não sei ler japonês, mas posso ajudar você com o inglês.

Akira soltou um riso curto.

– É – ele disse. – Sem desculpas. Agora não nos vai faltar tempo para aprender.

Depois de terem passado a noite no hotel Above Tide, eles pegaram dois cafés com muffins pela manhã e rumaram para o terminal a tempo de pegar a primeira balsa para casa. Àquela hora não havia muito movimento – somente três veículos aguardavam a linha que seguiria para a sua ilha. O funcionário da companhia de transportes, um jovem robusto de Campbell River metido num par de shorts, se postou na frente do carro esperando para lhes dar o sinal para embarcarem. Ele monitorava os veículos na plataforma e ia passando a contagem pelo rádio.

– Três para Fantasia – murmurou, junto do bocal do aparelho.

Ruth tinha aberto a janela do seu lado e estava jogando migalhas dos muffins para os passarinhos.

– Você ouviu isso? – perguntou para Oliver, que lia um exemplar velho da *New Yorker* no banco do carona.

– O quê?

– O que o garoto das balsas acabou de dizer.

– Não. O que foi que ele disse?

– Três para Fantasia.

Oliver olhou para o garoto do lado de fora do vidro.

– Essa foi boa.

– Como ele poderia saber? Esse menino é novo demais para ter visto o seriado.

Oliver abriu um sorriso.

– Talvez. Mas ele conhece a ilha.

132 Um trocadilho com o som das palavras “Campbell” e “River”, traduzido literalmente como “Fígado Mexido”. (N. da T.)

Nao

1.

Eu não tinha decidido se ia contar a Jiko do meu encontro com o fantasma do Haruki nº 1. Primeiro, ela podia ficar até triste, porque, e se ele não tivesse visitado a mãe? Será que só tinha ido me ver porque eu era uma ikisudama? E depois, se contasse, eu teria que confessar também que tinha estragado tudo por não fazer perguntas interessantes nem o receber direito. Provavelmente deve ter um jeito certo de você tratar um fantasma, coisas que precisa falar pra ele e presentes especiais para dar. E a Jiko ia ficar brava por eu não ter feito nada direito, mas como eu poderia saber?

Ou vai ver ela ia achar que era mentira minha. Ia pensar que inventei a história toda para disfarçar a minha bisbilhotice no altar e o fato de ter quebrado a moldura da foto e roubado a carta. Quando acordei no outro dia, até eu já estava começando a achar que tinha inventado tudo aquilo, e como não apareceu mesmo uma chance de conversar com ela sobre o assunto, decidi só ficar esperando para ver se o Haruki nº 1 iria aparecer de novo.

No dia da cerimônia osegaki, levantei cedo e fui até o portão do templo. Ainda estava escuro do lado de fora, mas havia luzes acesas na cozinha e dava para ouvir a voz de Muji e das outras monjas que tinham vindo ajudar. Eu sabia que se me vissem elas iriam querer convocar a minha ajuda também, então tentei sair o mais quieta possível. Fiquei sentada no degrau gelado de pedra junto ao portão, com o corpo meio escondido por trás de um dos pilares imensos. Estava um clima soturno e meio úmido ali, exatamente o tipo de ambiente que um fantasma deveria gostar. Eu comecei a me sentir esperançosa.

– Haruki Ojisama wa irasshaimasu ka?[133] – sussurrei.

Mas a única pessoa que me respondeu foi Chibi, o gato, que não era pessoa coisa nenhuma.

Eu tentei outra vez:

– Haruki Ichibansama...?[134]

Então ouvi um barulho, uma espécie de bufada baixa e murmurante, e, quando meus olhos se voltaram para os degraus mais baixos da escada, distinguiram a silhueta de um monstro fantasmagórico caminhando na minha direção. Ele parecia uma espécie de lagarta gigante, marrom e cinzenta. *Tatari!*, pensei comigo. Um ataque de espíritos! Eu me levantei de um salto e tratei de correr para trás da pilastra antes que o monstro me visse, segurando o Chibi com as mãos bem firmes para que ele não tentasse escapar.

O monstro tinha manchas brancas e calombos peludos e montes de pernas nas laterais do corpo, e se movia de um jeito ondulante e desajeitado, erguendo-se lentamente e largando o corpo sobre os degraus íngremes de pedra. Eu observava cada movimento, tentando definir o que era aquilo. Ele se mexia devagar demais para conseguir assustar, e no início pensei que se tratava de um dragão antigo e bem patético. Às vezes há dragões nos templos, e já que Jiko era uma pessoa tão antiga, podia ser que o dragão dela fosse antigo também. Mas, chegando mais perto, percebi que não era dragão coisa nenhuma, e muito menos uma lagarta-monstro. Era só uma fileira comprida de velhinhos do danka que, vistos do alto da escada onde eu estava, formavam o corpo da lagarta com as suas costas corcundas e cabecinhas brancas bamboleantes. As pernas eram os braços e bengalas galgando os degraus na escuridão.

Eu tratei de correr de volta para o templo e anunciar que os convidados estavam chegando, o que deu início a um frenesi, com Muji correndo de um lado para o outro e distribuindo reverências e conduzindo as pessoas para a sala do santuário. Em frente ao altar principal em homenagem a Shakasama, nós tínhamos armado um altar especial do osegaki para receber os fantasmas famintos, e a velha Jiko estava acomodada numa cadeira dourada toda elegante. Depois de um monte de cânticos e orações e incensos acesos, Jiko desenrolou um pergaminho e começou a ler os nomes dos mortos. Eram nomes de familiares e amigos incluídos pelos membros do danka, e o pergaminho era muito comprido, e a voz antiga de Jiko seguia zumbindo sem parar. No ar quente, parado e quieto da sala, o único movimento era a sucessão dos nomes, e justo quando eu estava começando a cochilar de tédio, uma coisa estranha aconteceu. Talvez eu já estivesse meio adormecida e tenha começado a sonhar, mas a impressão foi de que, de repente, os nomes estavam vivos e pairando pelo santuário, e ninguém mais precisava se sentir triste ou solitário ou com medo de morrer, porque os nomes estavam lá conosco. Foi uma sensação boa, principalmente para as pessoas mais velhas que sabiam que muito em breve

passariam a ser nomes naquela lista também. Quando Jiko finalmente terminou a leitura, todos esperaram a sua vez de se levantar para fazer a oferenda de incenso, o que pareceu que não ia acabar nunca, mas também foi bem legal.

A cerimônia foi demorada, como você pode imaginar, mas eu não me incomodei, porque os monges e monjas visitantes ajudaram Jiko e Muji com os cânticos e os sinos e todo o cerimonial, e eles me deixaram tocar o tambor. Muji tinha me ensinado como se faz, e passei semanas treinando. Não sei se você já tocou um tambor na vida, mas acho que deveria experimentar qualquer dia – primeiro porque é legal poder usar toda a sua força para dar uma paulada em alguma coisa, e depois porque o som que ele faz é fantástico.

O tambor do templo é enorme feito uma barrica e fica no alto de um palanque de madeira. Você precisa se posicionar de frente para ele a fim de poder tocar, com o rosto voltado para a pele esticada na superfície, tentando impedir que a sua respiração saia pulando feito louca por causa do nervoso. Os monges e monjas ficam cantando ao lado do altar principal, e você fica esperando a sua deixa, que está cada vez mais perto de chegar. Então, na hora exata, você respira bem fundo, levanta as baquetas, afasta bem os braços e

buumBUUMBUUMBUUMBUUM...

...BUUM!

Você precisa entrar no tempo certinho, e mesmo com o medo enorme de errar na frente daquela gente toda, acho que fiz um bom trabalho. Eu realmente gosto de tocar o tambor. Quando estou tocando, consigo perceber os 65 momentos que Jiko diz que existem num estalar de dedos. Falando sério. Quando está batendo no tambor, você consegue perceber se o seu *BUMM* acontece um tantinho de nada depois ou antes da hora, porque a sua atenção está totalmente focada no fio da navalha que divide o silêncio do barulho. Finalmente, eu alcancei o meu objetivo e resolvi a minha obsessão de infância com o *agora*, porque é isso que o tambor faz. Quando bate no tambor você cria o *AGORA*, quando o silêncio vira um som tão imenso e vivo que te dá a sensação de estar inspirando as nuvens e o céu, e o seu coração é a chuva e o trovão.

Jiko diz que esse é um exemplo do ser-tempo. Som e não-som. Trovão e silêncio.

2.

Depois que as cerimônias terminaram, nós demos uma festa para os convidados e ajudei a servir a comida, o que foi uma cena horrorosa sendo eu a garota desastrada que sou, então nem vou me dar ao trabalho de descrever muito. O que aconteceu no final foi que Muji, que já estava exausta a essa altura, se encheu e me mandou cuidar de alguma coisa, nem lembro mais do quê, e passei pelo gabinete da Jiko e reparei que a porta de correr estava aberta. Parecia que havia alguém lá dentro. Ainda preocupada com a história do porta-retratos e da carta, decidi entrar para dar uma olhada.

Na sala às escuras, as velas do altar familiar estavam acesas e havia um homem bem velho ajoelhado diante dele. Com as costas curvadas, tinha as mãos juntas diante do rosto. Primeiro fez uma reverência, tocando a testa no chão, e depois se pôs de pé e andou com passos arrastados até perto do altar. O corpo dele era magro como o de um esqueleto, e o terno que vestia dançava em cima dos ossos. Tinha uma espécie de faixa decorada com fileiras de medalhas num dos ombros, dando a impressão de que talvez fosse um soldado. Quando chegou ao altar, ele acendeu uma vareta de incenso e a levou à testa antes de fazer a oferenda, e quando esticou a mão para espetá-la na tigela do altar, a brasa trêmula na ponta da vareta longa e fina pareceu um pequeno vagalume voando na escuridão.

Ele então arrastou os pés de volta e se ajoelhou no lugar onde estava antes, e ficou ali por um tempão. De vez em quando juntava as mãos com o juzu entre elas e os lábios se mexiam. De vez em quando ele parava, atento, antes de começar a murmurar outra vez. Eu fiquei ali observando a cena por um tempo, até que percebi que Jiko estava na sala também, ajoelhada em meio às sombras perto da prateleira de livros, os olhos fechados como se esperasse o velho terminar o que estava fazendo. Eu, é claro, fiquei a ponto de surtar com medo de que os dois notassem a moldura quebrada e a ausência da carta, mas no instante em que ia tratar de sumir dali depressa, ouvi um barulho atrás de mim, como uma porta antiga sendo aberta ou alguém pigarreando para limpar a garganta.

A primeira coisa que eles nos ensinavam era como dar cabo das nossas próprias vidas.

As palavras soaram baixas, mas bem claras. Eu corri os olhos em volta e não vi ninguém, só o sol do fim da tarde projetando sombras pelo jardim e as hastes de bambu farfalhando com a brisa. Mas pude reconhecer a voz.

Parece um pouco estranho, não? Nós éramos soldados, mas antes de nos mostrarem como matar os inimigos, eles nos ensinavam a dar cabo das nossas próprias vidas.

Um ventinho soprou pelo jardim, fazendo estremecer a superfície do lago. Uma libélula que estava lá fugiu para longe.

– É o senhor? – sussurrei, com a voz mais suave que consegui. – Haruki Ojisama...?

Eles nos davam rifles. Mostravam como usar o dedo grande do pé para puxar o gatilho. E como alojar a ponta do cano bem no "V" da mandíbula, para que ela não escorregasse.

A minha mão subiu até o rosto, e os dedos roçaram na parte de baixo do meu queixo.

Aqui.

Meus dedos se dobraram no formato de uma arma, o polegar para cima, os dedos médio e indicador fincados logo abaixo do osso da mandíbula. Eu não consegui sair do lugar.

Assim mesmo. Nós devíamos estar prontos para nos matar antes de permitir que os Meriken[135] *nos levassem como prisioneiros. Eles nos obrigavam a treinar o movimento o tempo todo e, se flagrassem alguma hesitação ou se não estivéssemos fazendo direito, os oficiais nos chutavam e surravam com porretes até cairmos no chão. Bem, mas eles nos batiam de qualquer maneira, independentemente de fazermos coisas erradas ou não. Para despertar o nosso espírito guerreiro, diziam.*

Ele riu um riso fantasmagórico.

Minha mão caiu ao lado do corpo.

O vento cessou e o ar ficou quieto e parado. Dentro do gabinete, o velho continuava de joelhos, e pela maneira como o corpo estremecia e a cabeça pendia feito uma tulipa com o talo quebrado, eu vi que estava chorando. Jiko continuava esperando pacientemente no canto, de olhos fechados, e pela primeira vez ouvi o tilintar baixinho e rítmico das contas do seu juzu, batendo as suas pequenas preces.

Quando a voz voltou a falar, mal consegui ouvir.

Aquela caixa no altar. Perto das fotografias. Você está vendo?

No altar havia uma caixa embrulhada num tecido branco. Eu a via todos os dias. Parecia um presente.

– Estou.

Sabe o que tem dentro dela?

Um dia, enquanto estava ajudando Muji a limpar o altar, eu tinha feito essa mesma pergunta. Ela havia me dito que a caixa continha os restos de Haruki nº 1, mas, pensando no assunto, eu achei que isso não fazia sentido. O termo que ela usou foi *ikotsu*,[136] mas se Haruki nº 1 havia morrido ao bater com seu avião camicase num navio inimigo, como podia ter sobrado algum osso? E mesmo que tivesse sobrado, quem teria recolhido esses ossos? E recolhido de onde? Do fundo do oceano? Mas Muji não tinha resposta para as minhas perguntas, e eu não poderia fazê-las a Jiko porque não seria educado perturbá-la dessa maneira. Será que eram boas perguntas para se fazer a um fantasma?

– Acho que... é o seu ikotsu, não é? Foi o que Muji me disse, mas não faz muito sentido...

Eu ouvi o barulho outra vez, como o som de uma porta antiga sendo sacudida pelo vento.

Não faz. Não faz nenhum sentido...

E depois ele se foi. Não me pergunte como eu soube disso. Simplesmente senti a ausência. Embora estivesse calor, comecei a tremer e fiquei com os pelos dos braços arrepiados. Senti medo de ter irritado ele outra vez com a minha pergunta idiota. Dentro do gabinete, o velho soldado tirou um lenço grande do bolso e enxugou os olhos, depois girou lentamente sobre os joelhos até ficar de frente para Jiko, e os dois se curvaram em reverências mútuas. Levaram uma eternidade para se levantarem depois de tantas reverências, deixando tempo de sobra para eu escapar dali.

3.

O Obon levou quatro dias ao todo, e é um período frenético para algumas das monjas. Depois do fim do osegaki, quando os visitantes já tinham ido embora, a velha Jiko, Muji e eu ficamos ocupadas fazendo a ronda pelas casas do danka, conduzindo os rituais budistas diante dos altares familiares. Antigamente, elas caminhavam de uma casa para a seguinte, mas quando Jiko enfim completou o centésimo aniversário, ela disse que não teria problema se usassem o carro em vez de andar. Muji então precisou tirar a sua carteira de motorista, o que no Japão é um processo muito difícil, caro e demorado de se fazer, mesmo se você for bom motorista, coisa que Muji não é. Ela é péssima motorista, aliás. O carro do templo é um automóvel velho que foi doado por um membro do danka. Eu me sentei no banco do carona, e Jiko se acomodou atrás. Muji agarrou as duas mãos ao volante com tanta força que as juntas dos

dedos ficaram brancas, e ela dirigia com o corpo tão projetado para a frente que o seu nariz quase encostava no vidro. O motor morreu duas vezes enquanto ela tentava dar a partida, e, mesmo depois que o carro já estava em movimento, as esbarradas no freio aconteciam o tempo todo por causa do nervosismo. E dava para entender, claro. A estrada que levava ao templo era estreita e cheia de curvas, e quando vinha um carro no sentido oposto, Muji precisava desviar para um acostamento inexistente para conseguir passar. Além do mais, a cada vez que isso acontecia, a velha Muji se lançava numa série de reverências educadas para o outro motorista, baixando e levantando a cabeça até quase jogar o carro encosta abaixo. Eu nunca senti tanto medo na vida. Numa hora em que virei para dar uma espiada no banco de trás, certa de que Jiko devia estar tendo um ataque do coração ou coisa parecida, ela tinha pegado no sono. Não sei como conseguiu. Depois de chegarmos às casas, não havia muito o que eu pudesse fazer para ajudar, então fiquei do lado de fora conversando com os gatos das pessoas.

A carta do Haruki nº 1 continuava no meu bolso. A essa altura, eu já tinha pegado o dicionário de kanji da velha Jiko na mesa dela e lido quase o texto todo, tirando umas poucas palavras que não consegui entender. À noite, eu me esgueirava para ir até o portão do templo e ficava lá, no meio da nuvem de vagalumes, esperando que ele aparecesse outra vez, mas isso nunca aconteceu.

4.

Depois do Obon ficamos só nós três outra vez, mas, antes que eu conseguisse voltar para a rotina antiga, as férias de verão chegaram ao fim e de repente eu só tinha mais alguns dias até meu pai aparecer para me levar para casa. Como viram que fiquei chateada à beça, Jiko e Muji organizaram uma festinha de despedida. Não que eu seja uma grande fã de festas, mas nós decidimos preparar uma pizza. O resultado foi horrível, porque nenhuma das três sabia fazer a massa direito, mas ninguém se incomodou. A sobremesa foi chocolate, porque a velha Jiko adora um chocolate, e depois nós brincamos um pouco de karaokê.[137] Foi Muji quem deu a ideia. Um dos membros do danka tinha dado um computador velho para a gente e nos ajudado a conectá-lo à internet, e eu encontrei um site legal de karaokê de onde podemos baixar as músicas e, mesmo sem microfone, nós cantamos e dançamos e fizemos o maior barulho. Era uma vez para cada, e depois nós votamos na canção que achamos que foi a melhor de cada uma.

O meu melhor número foi o clássico da Madonna, “Material Girl”, que eu apresentei na engawa usando as portas de correr como se fossem a moldura de um palco. Fui traduzindo a letra para Jiko, e ela riu à beça. Muji escolheu uma canção de R. Kelly chamada “I Believe I Can Fly”, só que na pronúncia dela ficou mais parecido com “I Bereave I Can Fry”,[138]* e eu morri de rir também. Mas o prêmio de melhor da noite foi para a Jiko, que cantou o tema de um musical da Broadway chamado “Impossible Dream”. Eu nem sou muito fã desses musicais antigos, mas a Jiko gosta muito dessa música e, mesmo não tendo mais a voz tão firme assim, ela pôs bastante sentimento na interpretação. A canção é uma balada sentimental dizendo que não faz mal se você tiver objetivos impossíveis, porque quem segue sempre a estrela inalcançável do seu desejo, por mais que ela esteja distante, vai conseguir morrer em paz. Mesmo se tiver sido humilhado e tiver o corpo coberto de cicatrizes ao longo desta vida, como é o meu caso. Eu me identifiquei demais com a letra, e a voz trêmula e antiga da Jiko foi bonita de ouvir. Dava para notar que ela estava cantando de coração, e de repente vai ver que cantou mesmo especialmente para mim.

Mais tarde, ela foi até o meu quarto dizer boa-noite, deslizando pelo chão da engawa e através das portas de correr como uma brisa vinda do jardim, tão silenciosa que eu nem ouvi a sua chegada. Ela se ajoelhou ao lado do meu futon e pousou a mão na minha testa. Sua velha mão era seca, fria e leve sobre a minha pele; eu fechei os olhos e, quando dei por mim, estava lhe contando tudo sobre o fantasma do Haruki nº 1, sobre a visita que ele me fez na escadaria do templo naquela primeira noite do Obon e o jeito como foi embora porque não consegui pensar em nada interessante para conversar e, em vez disso, comecei a cantar uma canção francesa idiota. E contei também que senti a necessidade de ir até a fotografia dele no altar pedir desculpas pela minha atitude tão burra e desrespeitosa, e que, quando estava segurando o retrato, o rosto dele pareceu ganhar vida, mas aí a moldura quebrou e a carta caiu e fiquei com ela. Contei como implorei para que ele voltasse e como ele acabou voltando mesmo, me disse que apanhava dos oficiais para despertar seu espírito guerreiro e me mostrou como eu podia dar um tiro em mim mesma usando o dedo do pé se não quisesse cair prisioneira dos Merikens, mas depois disso ele foi embora e não voltou nunca mais.

Passei o tempo todo com meus olhos fechados, como se estivesse falando sozinha no quarto escuro ou talvez nem falando, só pensando essas coisas. Sentia a mão de Jiko na minha testa, ao mesmo tempo drenando os

pensamentos da minha mente e me segurando firme na terra para que eu não saísse voando. Esse é mais um dos superpoderes da velha Jiko. Ela é capaz de puxar uma história de qualquer pessoa. E às vezes você nem precisa abrir a boca nem nada, porque ela escuta os pensamentos que estão zanzando dentro da sua cabeça doida antes mesmo de a sua voz encontrá-los. Quando terminei a minha história, eu abri os olhos e ela afastou a mão. A impressão que tive foi de que seus olhos estavam fitando um ponto distante no jardim, onde os sapos cantavam à margem do lago. Repetidas vezes, as vozes coaxantes incharam feito ondas, para em seguida quebrarem num silêncio.

– Sim – ela disse. – Era desse jeito que acontecia o treinamento. Eles eram estudantes convocados para ir à guerra, todos muito inteligentes. Os militares os desprezavam. Humilhavam e batiam neles todos os dias. Quebravam seus ossos e esmagavam o seu espírito.

A palavra que ela usou foi ijime, e, ao ouvi-la, de repente eu me senti muito pequena. Eu e os idiotas dos meus colegas de escola. As minhas cutucadas e agulhadas e ataquezinhos insignificantes de tesoura. Eu achava que entendia tudo de ijime, mas no final eu não sabia era nada. Mesmo me sentindo envergonhada, quis aprender mais.

– Mas não deu certo, não é? – indaguei. – Eles não conseguiram esmagar o espírito guerreiro de Haruki Ojisama, conseguiram?

Jiko sacudiu a cabeça.

– Não – respondeu. – Eu não acredito que tenham conseguido.

Pensei um pouco mais em tudo aquilo.

– Os americanos eram o inimigo – falei. – Isso é tão esquisito! Eu fui criada em Sunnyvale. Então quer dizer que sou o inimigo?

– Não, não.

– Você odeia os americanos?

– Não.

– Por que não?

– Eu não odeio ninguém.

– Mas odiava, antes?

– Não.

– E Haruki, odiava? Foi por isso que quis ser um piloto suicida?

– Não, Haruki nunca odiou os americanos. Ele odiava a guerra. Odiava o fascismo. Odiava o governo e as suas políticas violentas de imperialismo, capitalismo e exploração. Odiava a ideia de ter que matar pessoas as quais não era capaz de odiar.

Isso não fazia sentido.

– Mas na carta ele disse que estava dando a vida pelo seu país. E ninguém pode ser piloto suicida sem matar as pessoas, pode?

– Não, mas aquela era só uma carta para mostrar à família. Não era o que ele sentia de verdade.

– Então por que ele foi para o exército?

– Ele não teve escolha.

– Foi obrigado a ir?

Ela fez que sim com a cabeça.

– O Japão estava perdendo a guerra. E já tinham convocado todos os homens para lutar. Só os estudantes e os meninos haviam sobrado. Haruki estava com 19 anos quando chegou a convocação para que, como japonês patriota e guerreiro, ele se apresentasse no posto de alistamento. Quando foi me mostrar a carta, eu chorei. Mas ele só abriu um sorriso. "Eu", falou, "um *guerreiro*. Imagine só!".

Um sapo coaxou sozinho, depois mais um. As palavras da Jiko caíram como pedras no silêncio entre um coaxar e outro.

– Ele estava gozando de si mesmo, você entende? Era um bom menino, sempre gentil e com esse humor zombeteiro. Não fazia o tipo guerreiro.

As vozes dos sapos começaram a se unir e a ficar mais altas. Jiko seguiu falando, agora num fluxo regular de palavras que formou uma cadência baixa sob o coaxar estridente dos sapos.

– Era final de outubro. Aconteceu um desfile. Vinte e cinco mil estudantes convocados marcharam nas proximidades do santuário Meiji. Eles receberam rifles para levar nos ombros como crianças brincando de ser soldados. Caía uma chuva fria, e o vermelho e amarelo do templo pareciam berrantes e vivos demais. Durante três horas, os meninos ficaram em posição de sentido, e nós ficamos lá também, ouvindo as belas palavras de louvor à pátria.

E ela prosseguiu:

– Um dos rapazes, colega de turma de Haruki, fez um discurso. "Nós, obviamente, não esperamos voltar vivos", ele disse. Eles sabiam que iriam morrer. Todos nós tínhamos ouvido falar dos suicídios em massa dos soldados num lugar chamado Attu. Gyokusai,[139] como eles diziam. Uma loucura, mas naquele momento não havia como detê-la. O primeiro-ministro compareceu em pessoa. Tojo Hideki. Não é verdade aquilo que eu lhe disse antes sobre não odiar, porque eu odiei esse homem. Ele foi considerado um criminoso de guerra e acabou enforcado depois do conflito. Fiquei tão feliz. Chorei de

alegria quando recebi a notícia da morte dele. Depois raspei a cabeça e fiz meus votos para não odiar mais.

O coro dos sapos silenciou.

– O rapaz que fez o discurso sobreviveu – disse Jiko. – Todos os anos, durante o Obon, ele vem até aqui pedir perdão.

Demorei um instante para entender.

– Está falando daquele velhinho?

Ela fez que sim.

– Não é mais um rapaz. O meu filho seria um velho também, se tivesse sobrevivido. Eu mal consigo imaginar.

Deitada ali de costas, eu me lembrei do rosto do velho soldado. Tentei imaginá-lo mais jovem, tão jovem quanto o fantasma de Haruki. Foi impossível.

– Eles eram os nossos melhores estudantes – prosseguiu ela. – Eram o *crème de la crème*. – Jiko usou as palavras em francês com a sua pronúncia japonesa, mas eu sabia o que queria dizer. Os olhos dela, nublados de vazio, fitavam o passado. Eu fiquei com medo de dizer qualquer coisa que a incomodasse, mas precisava saber.

– Desculpe por ter pegado a carta – falei. – Eu vou devolver.

Ela assentiu outra vez com a cabeça, mas eu não tive certeza se tinha me escutado ou não.

– O que tem na caixa? – indaguei.

A pergunta pareceu trazê-la de volta por um instante.

– Que caixa?

– Aquela que fica no altar familiar.

Uma sombra cruzou o rosto da velha Jiko. Podia ser uma nuvem passando na frente da lua lá fora, ou quem sabe foi só a minha imaginação.

– Nada.

– Como assim, nada? – eu quis saber, e, sem uma resposta dela, insisti: – Quer dizer que ela está vazia?

– Vazia – ela repetiu. – So desu ne.

Ela me olhou como se eu fosse uma recordação se desvanecendo.

– Perdão, Nao querida. Eu começo a falar e não paro mais. Você precisa descansar.

– Não – protestei. – Eu gosto das suas histórias! Conte mais!

Ela abriu um sorriso.

– A vida é cheia de histórias. Ou talvez a vida sejam só histórias. Boa noite,

minha querida Nao.

– Boa noite, minha querida Jiko – respondi.

À luz da lua, o rosto dela pareceu velho e cansado.

5.

No dia seguinte, meu pai ia me buscar, mas antes de ele chegar fui ao gabinete da Jiko uma última vez. Tinha prometido a ela que iria devolver a carta, e vi que a caixa continuava na pequena prateleira, embrulhada no seu tecido branco, ao lado do retrato. Tudo o que eu não queria era perturbar Haruki outra vez, mas precisava muito ver o que tinha dentro da tal caixa. Jiko dissera que não era nada, mas o jeito como o riso fantasmagórico dele havia soado me fez acreditar que devia ter alguma coisa ali. Talvez os seus dentes de leite ou o diploma de conclusão do colégio. Você pode achar que é superstição, mas eu senti que precisava ver alguma parte do meu tio-avô que tivesse existido de verdade para torná-lo mais real.

Fiquei nas pontas dos pés e estendi a mão para pegar a caixa na prateleira. Sentei no chão para desatar o tecido branco do embrulho. Foi como abrir um presente de Natal. Dentro, havia uma caixa de madeira com inscrições que diziam “O espírito heroico do saudoso subtenente Yasutani Haruki”. Eu senti meu coração batendo forte. A caixa tinha cerca de quarenta centímetros de altura. Dei uma sacudida e achei ter ouvido algo chacoalhando lá dentro. Que tipo de barulho um espírito faria? Eu estava com muita vontade de olhar, mas de repente senti um medo de que, se abrisse a caixa, o espírito heroico dele acabasse voando para fora. Será que ele ficaria bravo comigo? Que voaria para cima de mim? Eu quase voltei a embrulhar a caixa e devolvê-la para a prateleira, mas no último instante acabei mudando de ideia. E levantei a tampa.

Estava vazia.

Jiko tinha razão. Eu não consegui acreditar naquilo. Por via das dúvidas, virei a caixa de cabeça para baixo e sacudi um pouco. Uma tirinha de papel caiu no chão.

– A Autoridade Naval me enviou isso – disse Jiko.

Ela estava parada no vão da porta, usando a túnica marrom desbotada que vestia para os rituais matinais e apoiando o corpo na sua bengala. Eu juro que minha Jiko tem essa capacidade de surgir assim do nada. É outro dos seus superpoderes.

– Eles nos mandavam os restos mortais de nossos filhos amados nessas caixas. Quando os corpos não eram encontrados, costumavam pôr esse pedaço de papel. Não poderiam enviar só uma caixa vazia.

Eu olhei para o papelzinho na minha mão. Havia uma palavra escrita nele:

遺骨[140]

– A minha reação foi abrir a caixa, do mesmo jeito que você fez – ela disse. – E, na mesma hora, o papel caiu. Eu fiquei tão surpresa! Li o que estava escrito, e depois comecei a rir sem parar. Ema e Suga estavam comigo nessa hora. Elas acharam que eu estava enlouquecendo por causa da dor da perda, não entenderam. As minhas filhas não eram escritoras. Para quem escreve, isso era engraçado demais. Mandar uma palavra em vez de um corpo! Haruki era um escritor. Ele teria entendido. Se estivesse lá, teria rido também, e por um instante a sensação que eu tive foi esta: de que ele estava comigo e nós dois ríamos juntos.

Ela soltou um riso leve e enxugou os olhos com um dedo velho e curvado. Às vezes, contando essas histórias do passado, os olhos dela ficavam molhados por causa das lembranças todas. Mas não eram lágrimas. Ela não estava chorando. Aquilo eram só as recordações transbordando.

– Foi o melhor consolo que eu poderia ter – prosseguiu ela. – Diante das circunstâncias. Mas eu nunca consegui sepultar a caixa no jazigo da família. A última palavra, afinal, não tinha sido dele. Tinha sido do governo.

Ela continuava com o corpo apoiado na bengala, mas nesse momento começou a procurar por algo dentro da manga da túnica, e numa hora em que o seu corpo oscilou de leve, parecendo que ia cair, eu me levantei com um salto para ajudá-la. Quando cheguei mais perto, Jiko estendeu a mão.

– Tome – falou. Ela estava segurando um dos sacos plásticos de Muji, que continha um bolo de papéis. – Essas foram as cartas que Haruki escreveu para mim antes de morrer. Talvez seja melhor você ficar com elas também. Pode guardá-las junto com a outra que encontrou.

Peguei o saco da mão dela, abri-o e dei uma olhada lá dentro. Reconheci a letra de Haruki, a mesma que eu vira na carta que estava na moldura da foto.

– Você pode lê-las. Mas lembre que essas não são as últimas palavras dele também.

Eu fiz que sim com a cabeça, mas quase não estava ouvindo. Fiquei tão empolgada! Mal podia esperar para ler aquelas cartas. Haruki nº 1 era o meu

novo herói, e eu queria saber tudo o que pudesse descobrir a respeito dele. Jiko remexeu outra vez dentro da manga da túnica.

– E isto aqui – ela disse. – Fique com ele também.

Ela me estendeu um antigo relógio de pulso. O mostrador redondo era preto, com pulseira e caixa de aço e um botão grande para dar corda na lateral. Eu o peguei e levei até o ouvido. Ele fazia um tique-taque agradável. Virei para ver o verso. No metal, havia uma linha de números e dois ideogramas kanji. O primeiro era o ideograma 空, que quer dizer céu. O segundo, 兵, soldado. Soldado do céu. Fazia sentido. Mas o ideograma que significa céu também pode querer dizer "vazio". Soldado vazio. Fazia sentido também. Voltei a virar o relógio e prendi no meu pulso. Não ficou grande. Nem pequeno. Do tamanho certo.

– Era do Haruki – Jiko disse. – Você precisa dar corda. – Ela deu um tapinha na bolota da lateral com o dedo curvado. – Todos os dias.

– Tudo bem.

– Nunca deixe ele parar – reforçou ela. – Por favor, não se esqueça.

– Não vou esquecer – prometi. E estendi o pulso para mostrar como tinha ficado. Fechei a mão num punho cerrado. O relógio me fazia sentir forte. Como uma guerreira.

Ela assentiu com a cabeça e pareceu satisfeita.

– Fico feliz por você ter se encontrado com ele aqui no templo – falou. – Haruki era um bom menino. Esperto como você. Um menino que levava a vida a sério. Ele teria gostado de você.

Ela assentiu mais uma vez, no seu tempo particular, depois deu meia-volta e se afastou com passos arrastados. E eu fiquei lá, ouvindo as batidas da bengala no assoalho velho do corredor. Sem conseguir acreditar nas coisas que acabara de ouvir. Ninguém nunca tinha dito que eu era esperta. Ninguém gostava de mim.

Guardei os restos-que-não-eram-restos do Haruki dentro da caixa, embrulhei o pacote e o devolvi ao seu lugar na prateleira do altar. Depois acendi uma vela e uma vareta de incenso e fiz uma oferenda para ele, juntando as palmas das minhas mãos.

– Foi um grande prazer tê-lo conhecido – falei, usando o japonês mais educado que consegui. – Espero que possa contar novamente com a sua companhia no verão que vem. Por favor, continue tomando conta da querida Jiko Obaachama até eu voltar, está bem? Ah, e obrigada pelo relógio.

Eu então fiz uma reverência profunda, a raihai, bem formal, caindo de

joelhos antes de tocar a testa no chão e erguer as palmas das mãos na direção do teto. Quando voltei a ficar de pé, um outro pensamento me ocorreu.

– Não sei se posso pedir isso também, mas se você puder dar uma olhada no meu pai, de vez em quando, eu ficaria muito grata. Ele foi batizado em sua homenagem, e anda precisando mesmo de ajuda.

Depois de mais uma reverência ligeira, eu saí. Não estava acreditando de verdade que o Haruki fantasma pudesse fazer alguma coisa pelo meu pai, mas achei que não custava nada pedir.

Papai chegou nesse mesmo dia, à tarde. Eu não queria ir embora, mas fiquei feliz por ele ter aparecido. Acho que uma parte de mim estava preocupada achando que isso talvez não fosse acontecer. Ele estava parecendo mais velho do que me lembrava, mas eu não disse nada. Fiquei esperando que ele reparasse como eu tinha ficado mais forte, mas ele não disse nada também. O combinado era que nós dormiríamos no templo e partiríamos de volta para Tóquio na manhã seguinte.

O que aconteceu em seguida me deixou meio mal. Na hora do jantar, ele anunciou que nós passaríamos pela Disneylândia no caminho de volta. Pensando agora, vejo como que essa história toda deve ter sido séria para o meu pai, um sujeito que sempre fica tão nervoso em lugares barulhentos e cheios de gente, e que provavelmente aquela declaração tinha lhe custado semanas de tortura mental prévia. Mas na hora eu não enxerguei nada disso. Só vi como ele estava parecendo velho e cansado e patético por trás de seu sorriso bobo, e na minha cabeça não conseguia parar de compará-lo com Haruki nº 1. Jiko e Muji ficaram sentadas em seus lugares, esperando que eu começasse a pular de alegria e a me sentir muito grata por causa da ida à Disneylândia, mas em vez disso eu só meio que murmurei um “Não precisa, obrigada”.

O sorriso do papai desapareceu na hora, o que, se eu fosse uma pessoa melhor, teria sido minha deixa para dizer “Que nada, era brincadeirinha!”, e então eu fingiria estar superempolgada e nós iríamos à Disneylândia e ficaria tudo certo. Mas não sou uma pessoa boa. A verdade era que eu não queria ir. Depois de conhecer Haruki nº 1, um herói de verdade, e de saber o que ele passou durante a guerra, eu não conseguia me animar com a ideia de ver de perto o Mickey-chan e apertar a mão dele. Tudo isso começou a me parecer meio infantil e bobo demais. O que eu queria mesmo era ir para casa e começar a ler as cartas.

133 *Haruki Ojisama wa irasshaimasu ka?* – Tio Haruki, o senhor está aí?

134 *Haruki Ichibansama?* – Sr. Haruki nº 1?

135 Meriken (メリケン) – americanos.

136 *ikotsu* (遺骨) – restos da cremação; literalmente “deixados para trás” + “ossos”.

137 karaoke (空オケ) – literalmente “vazio” + “orquestra” (*oke* é abreviação de *okesutora*).

138 Algo como “Eu De Luto Posso Fritar” (N. da T.)

139 *gyokusai* (玉砕) – ataque suicida, ataque frontal; literalmente, “espatifar-se como uma joia”, de um ditado chinês do século XVII que diz que “um grande homem deve preferir morrer como uma joia espatifada a seguir vivendo como uma lajota intacta”.

140 *ikotsu* – restos.

As cartas de Haruki Nº 1

10 de dezembro de 1943

Mãe querida,

Três meses se passaram desde que as Medidas Para Fortalecer a Situação Interna foram anunciadas, extinguindo a isenção militar para estudantes e decretando o fechamento do Departamento de Filosofia. Infelizmente, o de Jurisprudência teve o mesmo destino, assim como o das Belles Letres, o de Economia e tantos outros. Foi isso, portanto. Filosofia, Direito, Literatura e Economia sacrificadas em nome da gloriosa causa da Guerra. Uma verdadeira maravilha, não é mesmo?

Dois meses se passaram desde a nossa despedida pomposa no santuário Meiji, aquela cerimônia encenada por marionetes tristes debaixo da chuva fria e amarga. Mãe querida, eu lamento dizer que Monsieur Ruskin estava enganado. O céu de fato chora, e não há nada de inverdade no que ele chamou de falácia patética.

Uma semana se passou desde que me despedi da senhora e de Suga-chan e Ema-chan para me instalar nos alojamentos da Base Aérea Naval T. Quero tentar escrever contando mais sobre a minha vida aqui, mas por ora basta dizer que a senhora não me reconheceria se cruzasse comigo na rua, de tanto que estou mudado.

*

2 de janeiro de 1944

Mãe querida,

Quando descobri que a isenção militar para os estudantes foi suspensa, eu soube que iria morrer, e quando enfim chegou a notificação, fui tomado por uma emoção muito próxima do alívio. Finalmente, depois desses longos meses de espera e desconhecimento, ter uma certeza, mesmo que fosse a certeza da

morte, foi revigorante! O caminho à frente clareou e pude parar de me preocupar com as tolices metafísicas da vida – identidade, sociedade, individualismo, totalitarismo, vontade humana –, que tanto ocupavam e toldavam a minha mente na universidade. Diante da morte certa, todos esses conceitos pareceram insignificantes.

Foi somente quando vi as suas lágrimas, mãe querida, que me dei conta do egoísmo da minha reação, mas infelizmente eu era imaturo demais para me corrigir. Em vez disso, fiquei impaciente com a senhora. As suas lágrimas me fizeram sentir envergonhado. Se eu fosse mais homem, teria me atirado aos seus pés e agradecido pelas lágrimas e pela sua força e pelo seu amor por mim. Em vez disso, o que seu filho indigno fez foi lhe pedir (de um modo até frio, acredito) que parasse de chorar e tratasse de se recompor.

Durante os testes físicos de outubro, o oficial de recrutamento nos disse que deveríamos "desligar completamente nossos corações e mentes". Ele nos instruiu para que ceifássemos nossos amores e cortássemos os laços com a família e todos os parentes, pois agora que éramos soldados devíamos lealdade apenas ao nosso Imperador e à pátria japonesa. Eu me lembro de nessa hora ter pensado que jamais seria capaz disso, mas estava enganado. Quando tentei estancar as suas lágrimas, eu já estava obedecendo à risca a ordem desse oficial, não por fervor patriótico, mas por covardia, para não sentir a dor do meu próprio coração se partindo.

Desse dia para cá, em muitas ocasiões eu percebi que o meu revigoramento inicial foi uma reação preventiva e um tanto ingênua, além de egoísta. Foi um sentimento nascido da ignorância, o tipo de euforia existencial inebriante que dá origem a heroísmos simplórios ou ao tipo de patriotismo irrefletido que tanto vemos nesses tempos de guerra. Essas são consequências perigosas, e fico cheio de desgosto por ter incorrido em tamanho equívoco. Estou determinado a não permitir que isso aconteça novamente.

E, agora que não me resta mais muito tempo de vida, estou determinado a não ser um covarde. Eu viverei o mais sinceramente que puder e mergulharei profundamente em tudo o que estiver sentindo. Irei refletir com rigor sobre cada pensamento e emoção que me ocorrer e tentarei melhorar o quanto for possível. Continuarei a escrever e a estudar, para que quando chegue o momento da minha morte, eu morra de forma bela, como um homem em meio a um esforço elevado e nobre.

*

23 de fevereiro de 1944

Mãe querida,

Nosso treinamento é severo, e o nosso esquadrão recebeu mais um tanto de atenção especial hoje. É uma questão pessoal, e, ao mesmo tempo, não. O comandante do esquadrão é um suboficial chamado F., e ele, juntamente com os outros membros do comando, parece ver a nós, recrutas estudantes, com um olhar diferente, tanto que costuma escolher exercícios especiais para nós. Eles nos veem como um bando de privilegiados e fracos, e obviamente têm toda a razão. Estão nos fazendo um favor, dizem, que nos transformará em militares de fato – e eu só posso rir diante da genialidade dessa ideia! Ah, nós estamos mesmo nos transformando em belos soldados, isso é certo.

Com o meu porte franzino e modos desajeitados, a senhora pode imaginar que sou especialmente visado, mas sinto realmente é pelo K., que estava alguns períodos à minha frente no Departamento de Filosofia. K. é um verdadeiro filósofo. Ele é... como posso explicar? É alguém que "não pertence a este mundo". E K. tem o hábito infeliz de se perder nos próprios pensamentos e, quando isso acontece, fica com os olhos esbugalhados para o nada e sem prestar atenção às ordens dos comandantes, o que não o deixa numa posição muito favorável junto a eles. F. o apelidou de Professor (como a senhora já deve ter imaginado, todos nós ganhamos apelidos na caserna, sendo que o meu não merece ser reproduzido aqui). K. e eu concluímos que há uma certa beleza na ingenuidade dos métodos de treinamento adotados por F., que guardam uma certa semelhança com os usados pelo brilhante soldado francês Marquês de Sade. Assim como o Marquês, ele é dotado de uma mente inventiva e de uma introspecção artística que o inspiram e o levam a um grau de perfeição inacreditável. Nós decidimos que de agora em diante esse será o apelido de F.

*

26 de fevereiro de 1944

Minha querida mãe,

Os dias passam, e eu tenho a alegria de lhe contar que tenho feito progressos no treinamento e que pelo visto estou avançando em posição e status, bem como no conceito de meus superiores e colegas de tropa.

Recentemente, durante os exercícios, fui tomado de preocupação pela saúde de K. e me ofereci para ficar no lugar dele. O Marquês aceitou a troca de bom

grado, e desse dia em diante parece ter concluído que sou um pupilo bem mais satisfatório do que K., de quem ele jamais conseguia extrair qualquer reação digna de nota. Agora, todas as vezes que ele me convoca, é quase como se estivesse buscando a minha colaboração para tornar cada exercício mais completamente perfeito que o anterior. Ele se refere ao seu treinamento como um ato de bondade, e eu não me surpreenderia se repassasse mentalmente cada uma das nossas sessões mais tarde numa tentativa de refinar ainda mais o seu talento. Se o seu métier fossem as letras em vez da guerra, ele seria um poeta.

*

14 de abril de 1944

Mãe querida,

Retomo aqui o relato das minhas aventuras do ponto onde havia parado. Depois da última refeição e da chamada noturna, o Marquês muitas vezes sugere uns jogos tolos para ajudar a manter o moral da tropa elevado. E como agora eu me transformei no seu favorito, sou sempre convidado para ser o oni, enquanto os outros giram num círculo cantando “Kagome Kagome”. Você se lembra dessa cantiga, mãe? É uma letra bonita, que fala de um passarinho preso numa gaiola de bambu.

Outra brincadeira que ele gosta bastante de fazer é a do “rouxinol atravessando o vale”, na qual temos que pular de cama em cama parando vez por outra para entoar o canto do rouxinol, *ho-ho-ke-kyo!*. Às vezes nós brincamos também de trem ou de bombardeiro. O momento das brincadeiras só termina quando soa a última corneta, anunciando o apagar das luzes.

Os outros membros da minha tropa às vezes dão risada e se divertem, mas K. nunca ri. Ele fica lá parado, atento, fiel ao compromisso de testemunhar cada mínimo detalhe, mas não há nada mais que possa fazer. Sempre que tenta se oferecer para tomar o meu lugar, o Marquês simplesmente o espanta como se fosse um mosquito. Na minha avidez por proteger K., temo que tenha lhe causado um sofrimento ainda maior.

*

16 de junho de 1944

Minha querida mãe,

Hoje não me alongarei na escrita, afinal está chegando o dia da sua visita e esse

pensamento me enche de uma alegria que eu mal consigo conter ou mesmo expressar. Mas senti a necessidade de lhe escrever esta carta rápida para prepará-la.

K. desapareceu três dias atrás. No início, nós não imaginávamos o que podia ter acontecido. O Marquês nos inquiriu, mas ninguém sabia de nada, embora pessoalmente eu já estivesse temendo o pior. E, de fato, no dia seguinte chegou a notícia de que ele estava morto. Não sei como aconteceu, embora tenha as minhas suspeitas. Só sei ao certo que estou arrasado por imaginar o sofrimento do meu amigo e espero ardentemente que ele possa renascer num mundo muito melhor do que este.

*

3 de agosto de 1944

Mãe querida,

As lembranças da sua visita permanecem comigo, e eu me recordo de cada detalhe do seu rosto belo e forte, da timidez encantadora de Suga, dos sorrisos doces de Ema. Essas são as imagens que me confortam quando deito para dormir à noite e tento não pensar nas minhas queridas irmãs chorando e acenando enquanto o trem se afastava. Obrigado pelo juzu. Ele me conforta tanto! Eu o levo sempre sob o uniforme, perto do coração.

Também não me esquecerei da expressão de choque no seu rosto assim que a senhora me viu. Será que o seu filho amado está tão mudado assim? Ainda posso sentir o toque delicado das pontas dos seus dedos acariciando o hematoma no meu rosto e o corte ao longo do maxilar. A senhora não quis acreditar quando eu disse que eram ferimentos sem importância, e nessa hora senti vergonha por ter falhado em prepará-la para aquelas que, na realidade, são apenas as banalidades rotineiras da vida militar. Eu não imaginei o quanto a senhora iria sofrer por mim. Como fui egoísta e fraco! A única desculpa que tenho a apresentar é que às vezes me esqueço de que a senhora não tem o poder de ler meus pensamentos. Nós dois somos tão próximos, afinal, temos a mesma carne e o mesmo sangue, e a senhora sempre me conheceu a fundo.

Seus relatos sobre a situação em Tóquio me deixaram assustado, e eu peço que, por favor, tenha cuidado. Estou temeroso pela sua segurança e a das minhas irmãs. Gostaria de pedir que pensem na ideia de buscar refúgio no interior. Por aqui, enquanto isso, aparentemente uma fase do nosso treinamento se encerrou – e com isso a senhora pode parar de se preocupar. O Marquês

ganhou uma nova leva de recrutas e, nós, graduandos, agora estamos aprendendo a pilotar.

*

Dezembro de 1944

Mãe querida,

Ontem nós fomos convocados para ouvir um discurso instigante e apelo inflamado ao nosso espírito patriota, que culminou com um pedido para voluntários receberem treinamento acelerado como pilotos da Força Especial de Ataque. Mãe querida, por favor, me perdoe. A morte será o destino inevitável, não importando a escolha que eu fizer. Hoje enxergo isso, compreendo isso de maneiras que antes jamais teria sido capaz. Por favor, enxugue os olhos agora, deixe-me explicar melhor.

A escolha por essa morte traz consigo vários benefícios. Para começar, e o que é mais importante, ela garante uma promoção póstuma a um posto duas patentes acima da minha, o que obviamente não significa coisa alguma, mas incorrerá num aumento substancial da pensão que pagarão à senhora depois que eu morrer. Posso ouvir daqui a sua voz protestando, posso vê-la retorcendo as mãos e insistindo comigo que não precisa desse dinheiro, e saiba que esse pensamento me faz sorrir. A senhora preferiria ter que morrer de fome a ter algum benefício que venha da minha morte. E posso compreender isso. Mas, pelo meu bem e pelo bem das minhas irmãs, eu lhe imploro que aceite a minha decisão. Ter escolhido essa morte me confortou tremendamente. Ela virá dar sentido à minha vida e uma satisfação profunda ao meu coração de filho. Se a indenização extra puder ajudar a alimentar a senhora e minhas irmãs, e se for ajudá-las a encontrar bons maridos, isso terá bastado para mim.

Esse, portanto, é um dos benefícios, e um benefício bem prático. O outro talvez seja de uma ordem um pouco mais filosófica. Tendo me oferecido como voluntário para a surtida, eu pude recuperar alguma agência, por módica que seja, sobre o tempo que me resta de vida. Morrer numa ofensiva por terra ou durante um bombardeio me parecia uma possibilidade aleatória, imprecisa. Essa outra morte, não. É pura, limpa, com um objetivo. E me dará a possibilidade de controlar, e portanto apreciar, de forma íntima e exata, as etapas que se desenrolarão até o meu momento final. Poderei escolher onde e como, precisamente, o ato da morte acontecerá, e desse modo escolher também que consequências ele terá. Se a senhora enxugar as lágrimas e pensar bem no

assunto, mãe, tenho certeza de que vai compreender as coisas que estou lhe dizendo.

Spinoza escreveu que “um homem livre, isto é, aquele que vive sob os ditames da razão, não se conduz pelo medo da morte; em vez disso, deseja seguir diretamente o bem, isto é, deseja agir e conservar o seu ser segundo o princípio da busca do benefício próprio. E, por conseguinte, em nada pensa menos do que na morte, e sua sabedoria é uma meditação sobre a vida”.

Considerando que a minha morte nesta guerra é algo inevitável, a forma como ela acontecerá é um detalhe acadêmico. Já que não há como conservar o meu ser nem procurar o meu benefício próprio nesta vida, eu escolhi a morte que beneficiará mais aqueles que amo, pois é isso que me trará menos sofrimento na próxima vida. Eu morrerei como um homem livre. E peço que a senhora tente buscar consolo nesse pensamento.

*

27 de março de 1945

Mãe querida,

A senhora ficará feliz por saber que, enquanto espero pela morte, voltei a ler poesia e romances. Meus favoritos de sempre, de Soseki e Kawabata, e também os livros que a senhora me enviou das suas amigas escritoras, o *Words Like the Wind*, de Enchi Fumiko-san, e os versos de Yosano-san em *Tangled Hair.*

Ler essas autoras me fez sentir mais próximo da senhora. O seu passado foi tão movimentado quanto o delas, minha querida mãe? Se a resposta é sim, receba o meu aplauso e nenhuma pergunta além dessa, pois eu sei bem que não é de bom-tom um filho provocar a própria mãe dessa maneira.

Tenho me sentido mais atraído pela literatura hoje do que antes, não tanto por alguma obra em particular, mas pela ideia da literatura em si – o esforço heroico e a nobreza do nosso desejo humano de produzir a beleza a partir das nossas mentes –, ela me comove às lágrimas, fazendo com que eu precise afastá-las do rosto depressa, antes que alguém perceba. Chorar desse jeito não ficaria bem para um Yamato danshi.[141]

A senhora continua escrevendo? Nada me faria mais feliz do que a notícia de que tem produzido poemas ou está trabalhando num romance novo, mas imagino que lhe sobre pouco tempo para se dedicar a isso.

Hoje, num teste de voo, eu me lembrei da história fantástica do Miyazawa Kenji sobre a Guerra dos Corvos. As pessoas acham que é um conto para

crianças, mas é muito mais que isso. Quando eu estava voando em formação, a dois mil metros de altitude, eu me lembrei do Capitão Corvo alçando voo da sua acácia para ir à batalha. *Eu sou o Corvo!*, pensei, em êxtase. A visibilidade estava boa, e, como esse era o último dos nossos voos de treinamento, manobrei e segui em todas as direções para onde meu coração mandou.

Eu amo voar. Já lhe disse isso? Não existe outra sensação que seja mais esplêndida, ou mais transcendental. Às vezes o zazen consegue chegar perto. Tenho praticado todos os dias. Obrigado por ter sugerido. Eu me sinto reconfortado por saber que a senhora o pratica também.

Creio que meu dia está chegando, e a próxima carta "oficial" que chegar às suas mãos poderá ser a minha última correspondência para a senhora. Mas sejam quais forem as bobagens que eu escrever nela, saiba que elas não serão as minhas últimas palavras. Existem outras palavras e outros mundos, minha mãe querida. A senhora me ensinou isso.

141 *Yamato danshi* (大和男子) – literalmente "homem de Yamato". O arquétipo máximo do verdadeiro homem másculo japonês.

Parte III



Não pensem no tempo como algo que simplesmente voa e passa. Não compreendam "passar" como a única função do tempo. Se fosse verdade que o tempo simplesmente voa e passa, então existiria uma separação entre vocês e o tempo. Portanto, se vocês compreenderem o tempo como algo que apenas passa, nunca serão capazes de entender o ser-tempo.
Para captar verdadeiramente a ideia, pensem que todas as criaturas que existem no mundo estão ligadas entre si como momentos no tempo, e ao mesmo tempo existem como momentos de tempo individuais. Porque todos os momentos são o ser-tempo, eles são o seu tempo de ser.

– Dōgen Zenji, Uji

Nao

1.

Demorei uma semana para ler todas as cartas. A caligrafia dele era complicada porque os ideogramas iam se misturando uns com os outros, e eu também não entendia muitos dos termos usados, mas estava determinada a concluir a tarefa. Todas as noites, enquanto dava corda no relógio de pulso do meu tio-avô Haruki, eu ficava pensando nas suas histórias sussurradas, e elas me assombravam e me enchiam de vergonha. Todas as manhãs, quando me levantava bem cedo para o zazen, as palavras que passavam pela minha cabeça ao sentar na almofada eram as seguintes:

"Mas que tonta você é, Naoko Yasutani! Uma covarde, que não aguenta nem um pouquinho de ijime vindo de crianças tão patéticas quanto você! O que elas fizeram não foi nada comparado ao que o seu tio-avô teve que suportar. Haruki nº 1, embora não fosse muitos anos mais velho que você, era um super-herói de verdade, corajoso, maduro e inteligente. Ele se preocupava com a própria educação e estudava com afinco. Ele entendia de filosofia e política e literatura e conseguia ler livros em inglês, francês e alemão além do japonês. Ele sabia o jeito certo de dar um tiro na própria garganta, mesmo não querendo fazer isso. Você, Naoko Yasutani, é um fiasco humano perto dele. O que você conhece da vida? Mangá. Anime. Sunnyvale na Califórnia. Jubei-chan e o seu Amável Tapa-Olho. Como pode ser tão estúpida e tão fútil? O seu tio-avô Yasutani Haruki nº 1 foi um Herói de Guerra que, mesmo amando a vida e a paz, foi capaz de arremeter seu avião contra um navio inimigo e morrer para proteger seu país. Você não passa de um insetinho patético, Naoko Yasutani, e se não tomar jeito imediatamente não merece ficar viva nem mais um instante."

Pensando em retrospecto agora, vejo como deve ter sido difícil conviver comigo depois que voltei do templo. Eu estava com raiva de mim mesma, mas sentia mais raiva ainda do meu pai. Afinal, eu era só uma menina ainda bem jovem, então tinha desculpas para ser um fiasco, mas o meu pai era um homem feito e não tinha mais desculpa nenhuma. Em vez de ir ao médico e melhorar,

como deveria ter feito durante aquelas férias, logo vi que ele parecia era ter ficado na mesma ou até piorado, e que minha mãe já tinha percebido isso também.

Um dia, quando tinha acabado de começar a leitura das cartas, eu empaquei num kanji que não consegui encontrar no dicionário de jeito nenhum. O que fiz então foi copiar os traços do melhor jeito possível para mostrar à minha mãe naquela noite e perguntar o que queria dizer. Ela me explicou que era uma palavra antiga e em desuso, depois reescreveu da forma moderna e nós fomos procurar o significado juntas. Quando veio o empacamento seguinte, fui falar com ela também, e não demorou para que todos os dias eu fosse fazendo uma lista de ideogramas que precisariam da ajuda dela à noite, e assim a leitura começou a avançar bem mais depressa. Numa das noites, quando estávamos sentadas na mesa da cozinha, ela me perguntou o que eu estava fazendo e se aquilo era para algum trabalho da escola. Papai estava fumando na sacada nessa hora, e como eu sabia que não dava para ele ouvir nossa conversa de lá, resolvi contar tudo sobre as cartas de H no 1.

Ela fez uma cara surpresa.

– Sua bisavó lhe deu mesmo essas cartas?

A pergunta fez parecer que eu podia ter roubado as cartas, ou coisa assim.

– É, ela me deu mesmo. E elas são bem interessantes. Estão me ensinando um monte de coisas sobre história e tal. – Eu detestei o tom defensivo da minha resposta.

– Você já mostrou ao seu pai?

– Não. – Nesse ponto, comecei a me arrepender de verdade de ter contado a ela.

– Por que não? Quem escreveu foi o tio dele, com certeza seu pai gostaria de lê-las também. Até porque ele sabe bem mais do que eu sobre esse lado da família. Vocês dois podiam ler juntos.

Tá, agora eu estava brava de verdade. Eu não queria mostrar carta nenhuma para o meu pai. Ele não merecia ver, e, além do mais, fiquei com a sensação de que ela estava tentando me empurrar para ele como parte de seu suposto processo de reabilitação, ou do meu próprio.

– Se não está querendo me ajudar, não precisa. Eu me viro sozinha.

Essa foi uma resposta arrogante à beça, mas, em vez de ficar brava, ela estendeu a mão por cima da mesa e pousou no meu pulso, meio que me segurando onde eu estava.

– Naoko-chan – disse. – Eu adoro te ajudar. Não tem nada a ver com isso. Sei

que as coisas têm sido difíceis para você, mas tente não ser dura demais com o seu pai. Ele é um homem bom, e sei também que lá no fundo você o ama. Ele está se esforçando para atravessar esse processo todo, e é isso que você devia fazer também.

Se minha mãe não estivesse me segurando nessa hora, eu teria levantado com um pulo e atirado alguma coisa na sua direção. Ela não sabia nada sobre o que eu estava passando ou se estava me esforçando ou não! E além do mais eu não acreditava em uma palavra do que tinha dito sobre o meu pai. Tudo mentira. Ele estava na sacada sentado no balde virado, fumando e lendo um mangá, e pela expressão de cansaço no rosto dela e pelos seus gestos nervosos, dava para ver muito bem que minha mãe não acreditava que ele estava se esforçando coisa nenhuma.

Mas num ponto o papo dela estava certo. Eu ainda amava o meu pai. Nessa mesma noite antes de dormir, fiquei pensando na conversa com minha mãe e percebi que talvez quisesse falar, sim, com ele sobre a Guerra e sobre Haruki nº 1. Papai afinal tinha sido batizado com o mesmo nome, e, se soubesse como o seu antepassado tinha sido legal e corajoso, de repente ele conseguiria a inspiração para dar uma virada na sua vida.

E assim no dia seguinte, quando cheguei da escola, resolvi lhe mostrar as cartas. Ele estava sentado no kotatsu, dobrando um besouro-rinoceronte japonês numa das folhas de As Grandes Mentes da Filosofia Ocidental. Depois das coisas que eu tinha aprendido sobre o No 1, o meu interesse pela filosofia havia crescido um pouco.

– O que você está dobrando aí? – perguntei.

– Um *Trypoxylus dichotomus tsunobosonis* – falou ele, erguendo o origami para me mostrar o chifre pontudo.

– Não, eu queria saber qual filósofo.

Ele virou o inseto de barriga para cima, espremeu os olhos e começou a ler, girando o corpo para acompanhar o fluxo de palavras que enveredava pelas dobras e cantos do papel.

– "...existência do Dasein... vem a passar ao longo do tempo... inscrevendo historicamente qual 'passado' do nosso ser-um-com-o-outro... repassados... considerados como 'história' no sentido de que é enfatizado" – ele leu, para em seguida abrir um sorriso. – Sr. Martin Heidegger-san.

Por algum motivo, essa resposta me levou ao cúmulo da irritação. Eu não sabia nada sobre o Sr. Martin Heidegger-san nem entendi as coisas que papai tinha falado, mas quando reconheci o nome de um dos velhos livros de

filosofia do H nº 1, concluí que devia ser alguém importante, e ali estava o meu pai transformando a mente brilhante do Sr. Heidegger num besouro. Isso foi a gota d'água. Já estava na hora de alguém dizer ao meu pai o tipo de criatura desprezível que ele era.

– O seu tio Haruki estudava filosofia de verdade, sabe? – cuspi. – Ele fazia parte do Departamento de Filosofia da Universidade de Tóquio e não ficava sentado em casa o dia todo brincando de origami feito criança.

O rosto do meu pai ficou branco e congelado. Ele pousou o besouro na mesa e ficou olhando para ele.

Eu sabia que as minhas palavras tinham sido duras. Provavelmente devia ter encerrado ali mesmo, mas não foi o que fiz. Eu queria dar um sopro de inspiração a ele. Queria tirá-lo daquela situação à força. Joguei as cartas na sua frente.

– Jiko Obaachama me deu as cartas que ele escreveu. Você devia ler também, para quem sabe assim parar de se sentir um coitado. Seu tio Haruki nº 1 foi um homem valente. Ele não queria lutar na guerra, mas encarou o seu destino quando chegou o momento. E se transformou em subtenente da Marinha e num guerreiro japonês pra valer. Ele foi um dos pilotos camicases, mas cometer suicídio assim é uma coisa completamente diferente. Não tem nada a ver com covardia. Tio Haruki jogou o avião que estava pilotando contra um navio inimigo para proteger a pátria. E você devia agir mais como ele!

Meu pai não olhou para mim nem para as cartas. Ele manteve os olhos colados ao besouro. Até que por fim assentiu.

– Soo daro na...[142]

A voz soou triste demais.

Vai ver que eu não devia ter falado nada.

2.

As aulas voltaram. No Japão, setembro ainda é a metade do ano escolar, então voltei para a mesma turma daquele bando de idiotas hipócritas que tinham me ignorado até a morte no primeiro semestre e depois fingido ficarem tristes no meu funeral. Mas agora decidi que tudo ia ser diferente. Eu não deixaria ninguém me provocar mais nem esmagar o meu espírito. Eu sabia que voltar a dar umas facadas na velha Reiko sempre era uma possibilidade, mas não queria ter que recorrer à violência física se não fosse obrigada a isso. Em vez dela, eu usaria o *supapawa* que a Jiko tinha me ensinado. Eu seria corajosa, calma e

pacífica, como a Jiko era e como o Número 1 havia sido.

Quando entrei na escola no primeiro dia da volta às aulas, o meu coração estava parecendo um tambor, mas o peixe que se contorcia dentro da minha barriga era forte e poderoso como um golfinho ou uma baleia assassina. As pessoas devem ter percebido a diferença, ou então sentiram o fantasma do Número 1 pairando do meu lado, porque apesar de ninguém ter dado pulos de alegria quando me viu, eles também não socaram a minha cara nem nada.

Agora que as sessões de tortura eram coisa do passado, a minha concentração começou a melhorar e eu consegui ficar focada nos estudos. As aulas continuavam um tédio, mas depois de ler as cartas do Número 1 e ver como ele era inteligente e gostava de estudar, comecei a ficar com vergonha da minha ignorância. É claro, você pode estar se perguntando que diferença faz tanto estudo se você vai se espatifar contra um porta-aviões inimigo. E essa questão faz sentido, mas o que eu concluí foi que não me faria mal aprender alguma coisa antes que a minha hora chegasse, e então comecei a me aplicar mais nos estudos, e quer saber de uma coisa? A escola ficou mais interessante depois disso, principalmente as aulas de ciências. Nós estávamos estudando biologia evolutiva, e foi daí que veio a minha fixação pela extinção de espécies.

Eu nem sei por que fui achar esse tema tão interessante assim, tirando o fato de que os nomes em latim das criaturas que não existiam mais soavam lindos e exóticos, e o trabalho de decorá-los ajudava a manter o meu estresse sob controle. Comecei pelos pepinos-do-mar da Pré-História, então passei para as estrelas-do-mar. Depois, segui pelos peixes sem mandíbula e pelos cartilaginosos até chegar aos ósseos, para só então começar com os mamíferos. *Acanthotheelia, Binoculites, Calcancorella, Dictyothurites, Exlinella, Frizzellus*...

Jiko tinha me dado de presente um juzu para usar como pulseira, feito com umas contas cor-de-rosa lindas. Era tipo um conjunto para iniciantes, e para cada espécie extinta eu empurrava uma das contas pelo fio, sussurrando para mim mesma os belos nomes em latim nos intervalos das aulas, ou enquanto caminhava da escola para casa, ou quando estava deitada na minha cama à noite. E me enchia de calma saber que todas aquelas criaturas tinham vivido e morrido antes de eu nascer, que tinham passado pelo mundo sem deixar quase vestígio nenhum.

Não me interessei pelos dinossauros, ictiossauros e essas coisas porque aí já seria clichê demais. Toda criança pequena tem uma fase de ficar fissurada por dinossauros, e eu queria que a base do meu conhecimento fosse um pouco mais

sutil do que isso. Decidi então pular os sáurios e foi lá pelo mês de novembro, justo quando tinha começado a decorar os nomes dos hominídeos extintos, que meu pai se suicidou outra vez.

3.

Mas vou precisar voltar um pouquinho na história, até o dia 11 de setembro, para explicar isso direito.

O 11 de Setembro é um daqueles momentos loucos que ficarão marcados para sempre na cabeça de todos que estavam vivos no mundo nessa época. E marcados em detalhes. O 11 de Setembro é como uma faca afiada cortando o curso do tempo. Ele mudou tudo.

Alguma coisa já tinha começado a mudar dentro do meu pai. Ele andava reclamando de insônia, pelo jeito nem os remédios para dormir estavam adiantando mais, ou talvez ele simplesmente tivesse parado de tomá-los. Eu não sei. Ele continuava saindo para caminhar tarde da noite, e meus olhos continuavam se abrindo no escuro justo no instante em que o ferrolho da porta entrava de volta na tranca e as passadas ecoavam pelo corredor do prédio. Plástico contra o cimento. Eu não precisava mais ir atrás dele. Era só segui-lo mentalmente.

Mas a grande mudança veio mesmo no 11 de Setembro. Fazia mais ou menos uma semana que eu havia entregado as cartas do Haruki nº 1 a ele, e o que me acordou nesse dia foi o barulho da tevê ligada na sala. O volume estava baixo, mas o som das sirenes e caminhões de bombeiro soou alto o suficiente para me despertar. Olhei para o lugar onde mamãe e papai dormiam. Consegui distinguir a silhueta da mamãe, mas o futon do papai estava vazio. O mostrador do relógio digital marcava 22h48. Eu me levantei e fui até a sala.

Ele estava sentado no chão diante do aparelho de tevê, vestindo cueca e camiseta de baixo, com um cigarro apagado na boca. Na tela, dois arranha-céus altos e estreitos contra um céu urbano azul e brilhante. Os prédios me pareceram familiares, e eu meio que reconheci a silhueta da cidade recortada no horizonte. Não era Tóquio, com certeza. Uma fumaça saía das laterais dos prédios. Parada no vão da porta, fiquei assistindo por um tempo. Primeiro pensei que fosse algum filme, mas a imagem ficou igual por tempo demais, sem nada acontecendo. Só os dois arranha-céus soltando aquela fumaça sem nenhuma música nem trilha sonora, exceto pela voz baixa do apresentador do noticiário ao fundo.

– O que é isso? – perguntei.

Papai virou para me olhar. Sob a luz da tevê, ele pareceu doente. O rosto estava pálido, os olhos vidrados.

– É o Boeki Center – ele disse.

Tendo vivido nos Estados Unidos, reconheci o nome, mas não lembrava exatamente qual era a cidade.

– Em Nova York?

Ele assentiu.

– O que aconteceu?

Ele sacudiu a cabeça.

– Eles não sabem. Um avião bateu em um dos prédios. Parecia ter sido um acidente, mas pouco depois aconteceu de novo. Ali, olha!

A tela mostrava a imagem tremida de um avião sumindo na fachada do edifício prateado. Mergulhava nele como a lâmina de uma faca entrando numa barra de manteiga. Uma nuvem de chamas e fumaça cresceu da lateral do prédio. Onde tinha ido parar o avião?

– Esse foi o segundo avião – meu pai falou. – Agora estão dizendo que foi um ataque terrorista. Estão falando que foram homens-bomba.

A luz de uma nova golfada de chamas se refletiu na pele dele.

– Tem gente presa nos prédios.

Eu me sentei ao lado dele. Fogo e fumaça preta saíam das feridas abertas no prédio. Pedaços brilhantes de papel jorravam pelos buracos e cintilavam feito punhados de confetes jogados no ar. Pessoinhas minúsculas abanavam coisas das janelas. Pequenas formas escuras caíam pelas laterais do edifício reluzente. Procurei a mão do meu pai com a minha. Aquelas formas estavam vivas, eram pessoas também. Algumas vestiam ternos. Como os do meu pai. Eu distingui a forma da gravata de um homem.

Por cima das sirenes e buzinas dos carros, ouviam-se as vozes das pessoas na rua, perto da câmera. Vozes falando inglês. Um homem pedia: *Liberem a pista, liberem a pista*. Outros sujeitos falavam sobre um helicóptero que estava sobrevoando as torres. Será que ele ia tentar pousar?

Depois uma mulher berrou, e aí todo mundo berrou, e um homem começou a gritar *"Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!"* sem parar, enquanto a primeira torre caía de uma vez só, tragada por ela mesma, no meio de uma nuvem branca de fumaça e pó que inchou e engoliu o mundo.

Pessoas estavam correndo pelo meio da rua. Pessoas feridas. Pessoas tentando escapar. *Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!* Um tempo se passou, e então a

segunda torre caiu.

Eu agarrei o braço do meu pai. Nós ficamos sentados lá, lado a lado, e assistimos até o dia amanhecer. Uma depois da outra, as torres caíram. Outra vez e mais outra, nós vimos elas caírem. Quando saí para a escola, ele continuava assistindo. Quando voltei da aula, ele continuava assistindo.

4.

Ele ficou obcecado pelas pessoas que tinham pulado. Nós as vimos naquela primeira noite, pequenas formas humanas e escuras caindo pelas laterais dos dois prédios, e depois achamos que voltaríamos a vê-las na televisão ou nos jornais, mas em vez disso elas desapareceram. Será que tinha sido a nossa imaginação? Será que nós tínhamos sonhado?

Ao longo das semanas seguintes, meu pai se lançou numa busca pela internet. E as caminhadas pararam. Tarde da noite, eu acordava para vê-lo no nosso quarto sentado à minha escrivaninha, vidrado na tela do computador, vasculhando. Ele dizia que o governo e a imprensa estavam censurando as imagens, mas finalmente a foto do Homem Caindo acabou aparecendo. Você provavelmente viu a imagem. Ela mostra um homem minúsculo usando camisa branca e calça escura, mergulhando de cabeça ao longo da lateral de aço do edifício. Perto da forma gigantesca do prédio, ele não passa de um pequeno rabisco escuro, e no começo você fica achando que deve ser só um fiapo ou grão de poeira da lente que foi deixado por engano na foto. Só olhando mais de perto dá para entender. Aquele rabisco é humano. É um ser-tempo. Uma vida. Os braços estão perfilados junto das laterais do corpo e um dos joelhos aparece dobrado como se estivesse fazendo um passo de dança, só que de cabeça pra baixo. Está tudo errado. O sujeito não devia estar dançando. Ele não devia estar ali de jeito nenhum.

Deitada no meu futon, no chão, olhei para o meu pai olhando a fotografia. Ele chegou perto até quase encostar o nariz na tela, e a impressão que dava era de que estava conversando com o Homem Caindo, como se o sujeito tivesse parado em pleno ar por alguns instantes para refletir sobre as indagações do meu pai. *O que fez você tomar a decisão? Foi a fumaça ou o calor? Você precisou tomar uma decisão consciente ou seu corpo simplesmente soube o que fazer? Você pulou, mergulhou ou só deu um passo em falso no vazio? Sentir o ar contra o corpo foi refrescante depois de todo aquele calor e fumaça? Qual é a sensação de estar caindo? Está tudo bem? O que está passando na sua*

cabeça? Você está se sentindo vivo ou morto? Sente que está livre agora?

E eu me peguei pensando se o Homem Caindo iria responder.

Sei o que papai e eu teríamos feito se nós tivéssemos ficado presos naqueles edifícios. Nem teria sido preciso dizer coisa nenhuma. Nós teríamos achado o caminho até uma janela aberta. Ele teria me abraçado rapidamente e dado um beijo na minha testa antes de me estender a mão. Nós contaríamos até três do mesmo jeito que fazíamos na beira da piscina em Sunnyvale, quando ele estava me ensinando a não ter medo de nadar na parte funda. Um, dois, três, e então pularíamos os dois exatamente na mesma hora. E ele iria segurar bem forte na minha mão durante a queda, pelo máximo de tempo que conseguisse, antes de soltar os dedos.

5.

O que você faria?

A ideia da queda te assusta? Eu nunca tive medo de altura. Quando fico na beirada de um lugar muito alto, me sinto na borda do tempo, espreitando a eternidade. A questão que me vem à mente é sempre *E se...?*, e é uma adrenalina saber que no instante seguinte, num estalar de dedos ou menos que isso, eu poderia me lançar no infinito.

Lá em Sunnyvale, quando eu era pequena, suicídio era uma coisa que nunca me passava pela cabeça, mas depois que me mudei para Tóquio e o meu pai caiu na linha do trem, comecei a pensar bastante na ideia. Ela parecia fazer sentido. Se a gente vai morrer de qualquer jeito, por que não pegar e acabar de uma vez com a história?

No começo, não passavam de joguinhos mentais. Que método eu escolheria? Hmmm. Vejamos. Sei de gente que se corta, mas gilete faz uma sujeira enorme e morrer sangrando leva tempo demais. Se matar debaixo do trem também suja muita coisa, dá trabalho ao coitado que tem que limpar as tripas e o resto todo, e isso sem falar na multa que a família é obrigada a pagar. Não seria muito justo com a mamãe, que trabalha duro para sustentar a gente.

Comprimido dá trabalho para conseguir, e você nunca sabe se tomou a quantidade certa ou não. O legal mesmo é achar um lugar bonito ao ar livre, quem sabe uma encosta íngreme de uma ribanceira onde ninguém nunca te encontraria e onde o seu corpo pudesse se decompor naturalmente ou ser comido pelos corvos. Ou, melhor ainda, uma encosta íngreme na beira do mar. É, essa é uma boa ideia. Perto da prainha onde eu fiz aquele piquenique com a

Jiko. Provavelmente até com vista para o banco onde nós duas sentamos para comer os bolos de arroz e o chocolate. Lá do alto, a praia não ficaria maior do que um saco. Eu pensaria com carinho na Jiko me ensinando como é inútil brigar com uma onda, e esse seria um último pensamento legal para ter quando eu pulasse da beira do mundo e saísse voando na direção do mar. O mesmo oceano Pacífico imenso onde o Número 1 se espatifou contra o porta-aviões do inimigo. Uma ideia bonita. As águas-vivas comeriam a minha carne, e meus ossos afundariam, e eu ficaria com Haruki para todo o sempre. Ele é tão inteligente; não nos faltaria assunto nunca. Talvez ele pudesse até me ensinar francês.

142 *Sō darō na* – Mm, provavelmente você tem razão.

Ruth

1.

No 11 de Setembro, eles estavam no Driftless. Alguns dias antes, Ruth discursara na abertura de uma conferência sobre políticas de alimentação na Universidade de Wisconsin, em Madison, e depois partira com Oliver para visitar os amigos John e Laura, que tinham uma casa de campo perto dali. “The Driftless” é o nome dado a uma região no sudoeste do Wisconsin, que Oliver queria conhecer havia tempos por conta da geologia peculiar do seu planalto paleozoico. De alguma maneira, a área conseguira escapar da glaciação e ganhara seu apelido devido à ausência de “drift”: as fendas ou sedimentos como areia, barro, cascalho e pedregulhos geralmente deixados para trás depois que as placas de gelo recuam. O interesse dele estava voltado especialmente para os sistemas de cavernas, vales mortos e sumidouros característicos da topografia do lugar, mas para Ruth essa viagem ficou marcada pela ansiedade. Sua mãe ainda era viva e estava morando com eles na ocasião, e embora houvesse uma vizinha incumbida de passar regularmente em sua casa para levar comida e ver como estavam as coisas, a ideia de deixá-la tanto tempo sozinha não agradava a Ruth. Mas, de qualquer forma, o outono no Wisconsin era bonito e era bom estar na companhia do casal de amigos. Eles haviam passado uma tarde comprida e preguiçosa remando canoas nas águas do Mississippi e observando as tartarugas tomando sol em cima dos troncos.

Na manhã seguinte, os quatro estavam à mesa da cozinha depois de um desjejum demorado, saboreando uma segunda xícara de café, quando escutaram a picape do vizinho se aproximando. John saiu para ver o que o sujeito queria. E quando voltou, minutos depois, tinha uma expressão séria no rosto.

– Aconteceu uma coisa em Nova York – ele disse. Não havia televisão na propriedade deles. O rádio foi sintonizado na NPR no instante em que o segundo avião atingiu a Torre Norte.

Ruth passou a hora seguinte de pé na mesa de piquenique, numa pequena

elevação do terreno, tentando conseguir sinal no celular para falar com os amigos em Nova York. Por fim, ela conseguiu contato com a sua editora, que assistia a tudo da janela de sua cozinha no Brooklyn.

O grito da editora rasgou o mar de ruído estático da ligação:

– Está caindo! Ai, meu deus, a torre está caindo agora! – E em seguida a linha ficou muda.

Eles voltaram de carro para Madison, ligaram a tevê e passaram o resto da tarde vendo os aviões mergulharem nas torres, que desabavam. Ela pensou na mãe, sozinha na pequena casa lá no Canadá. A mãe sempre assistia ao noticiário, mesmo que não fosse se lembrar de nada no dia seguinte. Ruth tentou telefonar, mas ninguém atendeu. A mãe, quase surda, não iria ouvir o telefone.

– Mamãe está vendo isso – ela disse a Oliver. – Ela vai achar que nós estamos em Nova York, vai ficar louca de preocupação.

– Ligue para os vizinhos – ele sugeriu. – Peça para desligarem a tevê da tomada.

Quando ela conseguiu falar com alguém, já era a manhã do dia seguinte.

– Eu preciso que você vá até lá em casa e descubra se mamãe viu alguma coisa dessa história toda – instruiu. – E, caso ela tenha visto, por favor, acalme-a. Diga que nós estamos bem e que estamos bem longe de Nova York. Depois, tire a televisão da tomada e diga que o aparelho quebrou.

Houve um silêncio demorado do outro lado da linha.

– Claro – foi a resposta da mulher. – Aconteceu algum problema?

– Estou com medo de que ela veja a notícia e entre em pânico.

Outra vez, um longo silêncio.

– Notícia...?

Ruth explicou rapidamente e desligou o telefone.

– Nós temos que voltar – ela disse a Oliver.

2.

Os aeroportos estavam fechados. Eles alugaram um carro, um Ford Taurus, e rumaram para oeste margeando a fronteira do Canadá. O plano era devolverem o carro em Seattle e tomarem o aerobarco de volta para o país. O Canadá era seguro.

Ao longo da sua travessia, bandeiras dos Estados Unidos começaram a despontar feito flores depois da chuva, tremulando em mastros e antenas de

carros, presas com fita adesiva nas vitrines das lojas e janelas das casas. O país foi tomado por uma onda de vermelho, branco e azul. À noite, nos hotéis Super 8 e Motel 6 do caminho, eles assistiam à promessa do presidente de capturar os terroristas.

– Vivos ou mortos – prometia ele. – Tocados para fora das cavernas a fogo e fumaça, acuados até serem pegos.

Numa das noites, pararam para jantar no restaurante Great Wall of China em Harlem, Montana. As mesas estavam vazias e o lugar ia fechar mais cedo. Era uma medida extra de segurança, a garçonete explicou quando foi levar a conta.

– Nunca se sabe quem pode ser o próximo alvo – completou ela.

– Você acha que os terroristas árabes vão aparecer aqui em Harlem, Montana, para nos atacar? – Oliver quis saber. A localidade tinha pouco menos de 850 habitantes. Ficava a mais de três mil quilômetros de Nova York, encravada no meio do deserto.

A garçonete, que pela aparência poderia ser mexicana, sacudiu a cabeça.

– Nós não vamos arriscar – concluiu.

Mais tarde, no quarto do Hotel Super 8 da vez, eles viram no noticiário uma matéria sobre a onda de crimes de ódio contra americanos muçulmanos que estava varrendo o país.

– Sabe, eu acho que estava enganado – Oliver comentou.

– Sobre o quê?

– A nossa garçonete. Acho que não era dos terroristas árabes que ela estava com medo.

3.

Eles conseguiram cruzar a fronteira e se sentiram mais seguros do que nunca pisando em território canadense. Na ilha, os vizinhos se mostraram preocupados com o bem-estar dos dois, mas as notícias do mundo tinham pouca relevância no seu cotidiano. Todos tinham apenas uma consciência um tanto vaga dos acontecimentos mais ao sul – embora isso não os impedisse de emitir opiniões a respeito.

– Para mim só pode ser uma grande armação – disse um dos vizinhos quando passou para deixar o remédio de Masako para o Alzheimer, que havia buscado para ela na clínica.

– Armação? – repetiu Ruth. – Quer dizer que você não acredita que aconteceu de verdade?

– Não, não – corrigiu ele. – Aconteceu, sim. Só não é aquilo que estão dizendo que é. – Ele correu os olhos em volta e depois se aproximou mais, deixando o rosto a poucos centímetros do dela. – Se quer saber a minha opinião, eu aposto numa conspiração criada pelo governo.

Ele era americano, veterano da Guerra do Vietnã. Recebeu um Coração Púrpura na volta do front, mas o devolveu ao serviço de Imigração quando cruzou a fronteira para o Canadá. As lesões da batalha nunca curaram de vez, e só com doses regulares de morfina ele conseguia controlar a dor. Ruth não se sentiu com forças para retrucar. Ela lhe ofereceu um chá e sentou para ouvir suas teorias enquanto pensava na caixa guardada no porão. Como seria bom poder entrar nela e tirar um cochilo.

Ali do seu posto avançado no meio da neblina, na margem musguenta do mundo, Ruth acompanhou os Estados Unidos invadirem o Afeganistão e depois voltarem suas atenções para o Iraque. Enquanto soldados eram despachados sorrateiramente para o Oriente Médio, ela ficava sentada ao lado da mãe, na pequena casa encravada na floresta escura e úmida, com os olhos vidrados na telinha brilhante da televisão.

– Que programa é esse? – a mãe quis saber.

– É o noticiário, mãe.

– Eu não estou entendendo – retrucou ela. – Parece uma guerra. Nós estamos em guerra?

– Estamos, mãe – confirmou Ruth. – Nós estamos em guerra.

– Ah, mas isso é terrível! – Masako reagiu. – E é guerra contra quem?

– O Afeganistão.

As duas ficaram assistindo em silêncio até a pausa para o comercial. A mãe se levantou e foi arrastando os pés na direção do banheiro. Ao voltar, ela parou e pousou os olhos na tela.

– Que programa é esse?

– É o noticiário, mãe.

– Parece uma guerra. Nós estamos em guerra?

– Estamos, mãe. Nós estamos em guerra.

– Ah, mas isso é terrível! E é guerra contra quem?

– O Iraque.

– É mesmo? Achei que essa já tinha terminado.

– Não, mãe. Essa guerra não termina nunca. Os Estados Unidos estão sempre em guerra contra o Iraque.

– Ah, mas isso é terrível! – A mãe de Ruth inclinou o corpo para a frente e

fitou a tela com interesse.

Dias passaram, semanas. Meses passaram, e então anos.

– Contra quem mesmo você disse que é essa guerra?

Nao

1.

Depois do 11 de Setembro, nós ficamos achando que o fim do mundo seria uma coisa mais ou menos para já, mas não foi bem assim. O ano escolar seguiu seu caminho. Os meus colegas passaram um tempo sendo legais comigo por causa da minha conexão com os EUA. Nós dobramos mil cegonhas de origami para enviar ao Marco Zero em homenagem às 24 vítimas japonesas e a todos os outros mortos na queda das torres. Mas lá pelo final de setembro todos estavam enjoados de serem bonzinhos e cheios de consideração, e houve uma alta considerável no índice de hostilidade. Não foi nada organizado como havia sido antes, pelo menos não no começo, mas começaram a pipocar pequenos ataques aleatórios sempre que alguém começava a se sentir impaciente ou inquieto. Um empurrão no corredor, um soco no peito. O clima de guerra e traição estava no ar. O mundo inteiro estava esperando um ataque dos Estados Unidos ao Afeganistão; que não acontecia nunca, e a tensão provocada por isso se fazia sentir até na sala de aula da nossa turma. Nós fizemos a rodada preliminar de provas, que ainda não era a que contaria pontos de verdade, mas já deixava bem claro quem conseguiria entrar para uma escola boa no ensino médio e ter uma vida fantástica e quem estaria destinado a ser um eterno fiasco. Eu. Eu devia ter me preparado melhor, mas não fiz isso. Mesmo assim, não faz muito sentido ficar se torturando se os outros já vão se encarregar de fazer isso por você, não é mesmo?

Finalmente, em 7 de outubro, os americanos começaram a lançar bombas no Afeganistão e a minha menstruação voltou a aparecer, e de certa forma essas duas coisas foram um alívio enorme.

Eu sei que muita gente acha nojento falar desse assunto, então espero que você não se incomode. Não vá pensando que sou o tipo de garota que se excita com a ideia de sair contando para as pessoas sobre o seu ciclo menstrual. Eu não falaria nele se não fosse importante para o que vai acontecer em seguida.

Comecei a menstruar em Sunnnyvale aos 12 anos, que é uma idade bem

comum nos Estados Unidos, mas cedo demais para o padrão japonês. Quando mudamos de volta para Tóquio, eu já tinha feito 14, mas aí minha menstruação simplesmente parou de vir por quase um ano inteiro, provavelmente por causa do estresse todo e do ijime. Acho que meu corpo estava tentando voltar no tempo até uma época mais feliz. De qualquer forma, só voltei a ficar menstruada na última aula desse dia, no momento em que o Sensei anunciou que os Estados Unidos tinham começado a lançar bombas no Afeganistão. De repente, senti o sangue começar a descer. Por pura burrice, eu tinha largado o hábito de andar com absorventes na bolsa. Mesmo sabendo que não era seguro ficar na escola nem um minuto depois que a aula acabasse, eu não podia chegar toda ensanguentada em casa. Então saí direto para o banheiro assim que o sinal tocou.

O colégio onde eu estudava era antigo, e os banheiros tradicionais japoneses são diferentes dos americanos. As privadas ficam no nível do chão e você tem que se agachar por cima em vez de sentar. Eu estava lá agachada, com a saia erguida e as calcinhas manchadas nos tornozelos, quando ouvi a porta abrindo e depois fechando. Alguém havia entrado no banheiro.

Fazendo o mínimo de barulho possível, enrolei um pouco de papel higiênico na mão até fazer um bolo. O ruído de uma coisa raspando, como se fossem ratos subindo pela parede, veio da cabine ao lado da minha. Eu congelei. As divisórias entre as cabines vão até o chão e, graças a Deus, não dá para espiar por baixo delas, mas mesmo assim é uma sensação horrível você estar com as calcinhas arriadas e a bunda de fora e ouvir um barulho de ratos. Nada faz você se sentir mais vulnerável do que isso. Prendi a respiração. Estava tudo quieto. Ergui a saia e estava inclinando o corpo para encaixar o bolo de papel na minha calcinha quando ouvi o som novamente, desta vez vindo da parte de cima da divisória. Escutei uns risos abafados e, quando olhei, havia duas filas irregulares de telefones keitai, penduradas no alto das divisórias dos dois lados e apontados diretamente para mim. Mais que depressa, tratei de me levantar e erguer a calcinha.

– Ooooh – fez uma voz. – Bela foto!

Um a um, os telefones foram desaparecendo. Baixei a saia e me encolhi num canto da cabine.

– Que nojo! – alguém disse. – Tem sangue ali. E ela nem deu a descarga!

Eu me apoiei nos azulejos da parede, passando os braços em volta do corpo. Era melhor dar a descarga agora? Tentar escapar? Se eu tivesse um rifle ali, daria um tiro na minha garganta.

– Baka! Ficou borrada.

Desencostei da parede e estendi a mão para o trinco da porta.

– Borrada, nada. Isso são os pentelhos dela!

Destranquei a porta e abri. Eles estavam junto das pias, aglomerados em volta da Reiko, comparando as telinhas dos keitai. Eu baixei a cabeça e abri caminho na direção da saída, mas Reiko estendeu a mão espalmada como se fosse um guarda de trânsito.

– Aonde você vai? – perguntou.

– Para casa – eu disse.

– Não vai, nada.

Alguém me agarrou pela gola e me empurrou para um canto, onde Daisuke filmava tudo com uma câmera de vídeo. Três garotas maiores me obrigaram a ficar de joelhos e depois deitar de barriga para baixo. O piso de cerâmica cheirava a urina e desinfetante e bateu gelado contra o meu rosto. Senti o joelho duro de alguém pressionando forte as minhas costas e um par de mãos puxando a saia para cima até a altura das axilas. Outra pessoa chutou minhas costelas.

– Passem a corda.

Eles tinham planejado aquilo. Prenderam minhas mãos juntas e puxaram a saia por cima da cabeça, usando uma corda de pular para amarrá-la como um saco e me deixar sem enxergar nada. Eles seguraram meus tornozelos para que eu não pudesse chutar e tiraram a minha calcinha.

– Ooh, beleza! – alguém exclamou. – Manchada! As manchadas valem mais.

– Que nojo, isso tá fedendo. Guarda logo senão vou vomitar!

– Daisuke, seu baka. Tá filmando isso? A gente precisa ter o vídeo.

Estava tudo escuro dentro do meu saco de saia xadrez, e quente e úmido porque eu estava com a respiração pesada e o ar não tinha por onde sair. Eu distinguia só um pouquinho de luz e sombras através do tecido. Alguém enfiou o pé abaixo das minhas costelas e fez o meu corpo rolar, e agora as sombras estavam se mexendo por cima de mim e o gelado do piso pressionava a pele despida da minha bunda. Eles estavam discutindo para ver quem ia me estuprar primeiro. Decidiram que seria o Daisuke.

– Passa a câmera – Reiko mandou. – Baixem a calça dele.

Seguraram minhas pernas abertas, e em seguida fizeram ele se ajoelhar entre elas e deitar por cima de mim. Eu senti o peso do corpo magrelo e as pontas ossudas do quadril me cutucando. Mas ele estava assustado demais para que

qualquer coisa acontecesse, e então alguém o chutou dali e ouvi seus passos correndo para longe. Eles começaram a dizer que precisavam da cena de estupro para o vídeo, mas, depois do fracasso do Daisuke, nenhum dos outros queria arriscar. Vai ver que estavam todos assustados. Eu sei lá.

– Alguém vai ter que fazer.

– Ela tá sangrando, é muito nojento.

– Vocês são ridículos.

– Tá, então vai você, Reiko. Uma cena lésbica vai ficar melhor ainda.

– Baka. Eu não sou sapatão.

Fiquei deitada lá, sem me mexer. Não adiantaria me debater ou gritar. Eles eram muitos, e além do mais ninguém iria ouvir os meus gritos nem aparecer para ajudar, e a verdade era que aquilo nem tinha importância, porque os meus pensamentos estavam com o Número 1, e ele estava me dando coragem. Eles podiam machucar o meu corpo, mas não atingiriam o meu espírito. Eram apenas sombras, e enquanto eu ouvia as suas vozes discutindo, senti meu rosto relaxar num sorriso suave. Invoquei o meu *supapawa* e logo as sombras não passavam de mosquitos zumbindo ao longe, daqueles que deixam de incomodar se você não liga mais para eles.

– Ei – uma das vozes falou. – Ela parou de se mexer.

– Não está respirando.

– Tá saindo sangue demais.

– Merda. Vamos embora daqui!

Você lembra como é se fingir de morto quando a gente é pequeno? Estar no quintal da sua casa em Sunnyvale, brincando de guerra com os amigos e, de repente, POU!, alguém aponta um graveto na sua direção e atira? Você cai na hora, com as mãos no peito. Cai na terra fria e úmida. Como o inimigo está bem ali para ver a sua morte, você capricha, gemendo agarrado ao coração que sangra, mas, quando termina a cena toda, a guerra já avançou para outro canto do quintal.

Você fica lá deitado, sentindo o gelado da terra contra o seu rosto, o peito, o corpo inteiro. Rodelas úmidas estão carimbadas nos joelhos, marcando o primeiro ponto de contato com o chão. Você estremece. A terra tem cheiro de lama e chuva e fertilizante de jardim. Te faz sentir dor de cabeça, mas você não se mexe. Você não pode se mexer, porque está morto.

Para onde foi todo mundo?, você se pergunta. Será que se esqueceram de mim?

Quanto tempo eu ainda vou ter que ficar deitado aqui?

Será que eles vão só ficar brincando em volta do cadáver para depois ir embora? Como vou saber que a brincadeira acabou? E se ninguém me avisar?

É muito chato estar morto!

Por fim, sem conseguir aguentar mais, você rola até ficar de barriga para cima e abre os olhos para o céu imenso, bobo e salpicado de nuvens. Você pisca, acreditando um pouco que não é faz de conta e talvez possa estar morto de verdade. Devagar, vai mexendo o braço, a perna, vai vendo se ainda consegue se mexer, até que... Ei! Você não está morto! Cheio de alívio, você se põe de pé, pega a arma e se declara vivo de novo, antes de sair correndo e voltar para a guerra.

Foi desse jeito mesmo que aconteceu comigo, só que não tinha céu nenhum, e sim o clarão enevoado das lâmpadas fluorescentes através do tecido xadrez. O banheiro e o corredor lá fora estavam silenciosos. O piso continuava frio, e eu sentia a textura pegajosa do sangue embaixo do meu corpo. Devagar, me sentei e fui puxando o tecido amarrado até fazer a corda ceder e me libertar da saia. O banheiro estava claro e vazio. Com os dentes, soltei o nó que prendia os pulsos. Eles estavam doendo, e o lugar das costelas onde tinham me chutado também doía, mas tirando isso eu estava bem. Molhei algumas toalhas de papel e voltei ao cubículo para me limpar, e depois peguei o trem para casa.

Eles postaram o vídeo na internet na mesma noite. Um cara da minha turma mandou o link para o meu e-mail. A qualidade da imagem dos keitai era uma droga, toda tremida e granulada e sem deixar ver direito o meu rosto – o que achei ótimo –, mas o vídeo era bem claro. Com os braços e a cabeça presos pela saia e as pernas nuas chutando para todos os lados, quase daria para me confundir com algum tipo de lula gigante pré-histórica, se debatendo e expelindo tinta do corpo numa tentativa frustrada de confundir os predadores.

Ao lado do vídeo, tinha um link para um site de fetiches de burusera,[143] onde os hentai podiam dar lances num leilão das minhas calcinhas manchadas. O leilão duraria uma semana e os lances não paravam de chegar, mas dessa vez não senti nenhuma satisfação ao ver o contador de acessos crescendo. Desliguei o computador, me lembrando antes de apagar o histórico de navegação para o caso de meu pai checar algo levado pela curiosidade.

Nós ainda tínhamos só um computador em casa, então eu precisava dividir com o meu pai. Ele passou um período enorme sem acessar a internet, mas, depois que veio a obsessão pelo Homem Caindo, começou a passar o tempo todo on-line. E quando os EUA invadiram o Afeganistão, a coisa piorou de vez.

Ele largou os filósofos e os bichos de origami para passar os dias acompanhando o desenrolar da guerra, o que acabou sendo um enorme de um inconveniente porque eu estava às voltas com o material explícito de burusera, e tudo o que eu não queria era ser flagrada pelo meu pai enquanto monitorava o preço das minhas calcinhas. Dava uma aflição enorme. Ele ficava rondando atrás da cadeira, esperando pela sua vez de acessar a rede até que eu finalmente era obrigada a pedir que saísse para ter um pouco de privacidade. E, mesmo depois que isso acontecia, ele enfiava a cabeça pela porta do quarto de cinco em cinco minutos.

– Não se esquece de me dizer quando tiver terminado, tá? – repetia, até que eu me enchia daquilo e passava a vez, e depois podia ser que ele demorasse horas para sair da frente da tela. Se mamãe perguntava o que tanto olhava ali, ele mentia dizendo que eram sites de anúncios de emprego. Ela franzia a cara e tratava de se afastar antes que as palavras duras escapassem da sua boca. Aquela mentira não colava para ela, e nem para mim, porque nós duas tínhamos visto o histórico de navegação dele e as páginas que andava visitando. Sites de tecnologia armamentista. Blogs de guerra. Fan pages do exército. Al Jazeera. Imagens de mísseis que pareciam jogos de tiro, só que granuladas e escuras. Canhões explodindo. Construções desabando. Combates. Corpos.

2.

Fui eu que o encontrei.

Eu tinha parado de ir à aula depois do Incidente da Calcinha, no período em que os lances para o leilão estavam abertos. Em vez disso, saía de casa usando meu uniforme da escola e ia até um café com internet onde podia trocar de roupa, e se o tempo estivesse ruim ficava por lá, acompanhando os lances do leilão e lendo mangás, se não tomava um trem para ir olhar as vitrines na cidade. Depois eu vestia outra vez o uniforme e voltava para casa na hora do jantar.

Os dias estavam mais frios, e as folhas das árvores de gingko que se alinhavam nas calçadas tinham começado a amarelar. Andava chovendo bastante, também, com pingos que derrubavam as folhas e as deixavam grudadas no asfalto molhado como se fossem pequenos leques dourados. Árvores de gingko me fazem lembrar da Jiko, e sempre fico triste quando vejo as folhas e nozes sendo pisoteadas e se transformando em manchas amarelas

com jeito e cheiro de vômito ou cocô de cachorro.

No último dia do leilão, não sei se estava nervosa ou deprimida com o pensamento de que não iria demorar para um hentai nojento estar se deliciando com a minha calcinha. E foi tomada por esse clima pesado e para baixo que fui até a oficina de artesanato do Harajuku tentar me alegrar um pouco. E que sorte eu decidi fazer isso, porque foi lá que achei o meu lindo diário *À la recherche du temps perdu,* e me lembro até hoje da alegria que senti no trem de volta para casa. Era como se, enquanto tivesse o meu diário secreto, eu fosse conseguir sobreviver.

Mas, no instante em que a minha chave abriu a porta de casa, a sensação de otimismo se desfez. Pelo cheiro, eu sabia que havia alguma coisa errada. O apartamento estava com o mesmo fedor das árvores de gingko. O ar lembrava o dos becos nos sábados de manhã, depois de as atendentes bêbadas trazerem seus amantes para casa. Um cheiro de lixo e vômito.

Tirei os sapatos e rumei para a cozinha.

– Tadaima... – eu disse. Já te falei dessa expressão, tadaima? Tadaima quer dizer “agora mesmo”, e é o que você diz quando acabou de chegar na sua casa. Agora mesmo. Cheguei.

Papai não respondeu, porque, naquele instante mesmo, ele não estava. Não estava na cozinha. Não estava na sala. O Volume 1 d’As Grandes Mentes da Filosofia Ocidental tinha ficado em cima da mesa, e a tevê, desligada. Esse foi um detalhe que ficou marcado para mim, porque ele sempre deixava a televisão ligada na CNN ou na BBC para ver os últimos boletins sobre a guerra. Mas a tela estava apagada e a sala, silenciosa. E ele não estava no quarto também.

Eu fui encontrá-lo no banheiro. Estava deitado no chão com o rosto mergulhado numa poça de vômito. Eu queria poder contar para você que corri na mesma hora até o seu lado para ajudá-lo, mas não foi isso que fiz. Entrei e o vi e engasguei por causa do cheiro, e então uma grande lacuna no tempo se abriu e tudo ficou quieto e parado. Acho que eu talvez tenha dito um “Ai, desculpa”, ou alguma coisa idiota como essa, antes de recuar e fechar a porta atrás de mim.

Fiquei ali parada um tempo, só olhando para a porta fechada. Era como se eu tivesse entrado sem querer enquanto ele estava cagando ou visto ele pelado ou algo assim. Não sei explicar. Estar ali caído daquele jeito me pareceu uma coisa tão íntima e pessoal, e do nada eu soube que ele não iria querer que eu o visse assim, então recuei pelo corredor e afundei na parede oposta até ficar sentada no chão.

– Pai? – chamei, mas minha voz parecia vir de outra pessoa, que morava num lugar muito distante. – Pai?

Ele não respondeu. Meu keitai estava pendurado num cordão no pescoço, então eu disquei 911; depois me lembrei que no Japão o número de emergência é 119, liguei para lá e continuei sentada até a ambulância chegar. Os paramédicos puseram ele em cima de uma maca e o levaram embora. Perguntei se meu pai estava morto, e eles falaram que não. Perguntei se ele ia ficar bem, mas ninguém me respondeu. Não me deixaram ir junto com ele. Queriam que eu chamasse uma policial feminina para me fazer companhia até minha mãe chegar, mas eu disse que já tinha quase 16 anos e estava acostumada a ficar sozinha. O apartamento ficou muito quieto depois que eles saíram. Olhei para o cartão que tinha na mão. O paramédico escreveu o nome do hospital para onde ele estava sendo levado, mas eu não sabia como chegar lá de trem. Liguei para o número da minha mãe e caiu na caixa postal, então tentei deixar um recado.

– Sou eu.

Como detesto falar com essas máquinas, acabei desligando e mandando uma mensagem de texto.

“Papai vomitou e desmaiou. Ele está no Hospital N... na Ala T...”

O que mais haveria para dizer?

Eu senti sede. Fui até a geladeira buscar um copo de leite, mas o cheiro do vômito do papai se misturou com o gosto do leite e precisei derramar tudo na pia. O leite formou uma poça branca e espessa no aço inoxidável antes de escorrer pelo ralo e deixar só uma película clara para trás. Eu liguei as torneiras para a água tirar a mancha, depois lavei o copo e enxuguei a pia. Pensei que, já que estava com a mão na massa, talvez devesse limpar a sujeira do papai também, então peguei o balde e um esfregão na sacada. Como o cheiro ainda estava forte de dar náuseas, amarrei um pano de prato limpo em cima da boca e do nariz e entrei no banheiro.

O vômito era claro e um pouco amarelado, com uns caroços brancos meio derretidos que se pareciam com balinhas. Um dos paramédicos também tinha reparado neles. Ele vestira luvas de borracha para juntá-los com uma espátula do seu kit e derramá-los num tubo com tampa.

– Seu pai está tomando algum remédio? – ele me perguntou.

Eu não sabia. Os outros paramédicos estavam tentando conduzir o meu pai e a maca pelo corredor estreito. O homem checou rapidamente o chão e a lixeira.

– Você sabe onde ele guarda os remédios? – ele insistiu.

Como não queria meter o papai em nenhuma encrenca, não falei nada.

– Isso é importante – insistiu o paramédico.

Apontei para o armário do banheiro e ele o abriu, mas lá dentro não havia nada fora do comum: aspirinas, Band-Aids, laxante, pomada para hemorroidas e os produtos de cabelo que a minha mãe usa.

Os outros caras da ambulância já estavam na porta de casa com a maca do meu pai.

– Onde fica o quarto?

Eu segui à frente dele pelo corredor. Com as cortinas fechadas, estava bem escuro dentro do quarto. A única luz vinha do computador ligado num canto, e meu protetor de tela da Hello Kitty lançava uma aura rosada sobre tudo. O futon rosado estava no chão, arrumado cuidadosamente, como se alguém tivesse acabado de se deitar e depois levantado de novo porque esqueceu uma luz acesa. Perto do travesseiro rosado havia um copo e uma jarra com água pela metade, e também um frasco vazio de comprimidos. O paramédico enfiou o frasco em outro saco plástico e foi indo para a porta. Ele se virou para me entregar o cartão; depois me lançou um olhar mais atento.

– Você está bem?

– Estou – respondi naquela voz distante que não soava como a minha. E tentei dar um sorriso, mas o sujeito já tinha passado pela porta e estava saindo apressado pelo corredor.

A poça de vômito no chão estava meio ressecada. Eu voltei para a cozinha e peguei na lixeira uma caixa de suco de goiaba vazia, cortando-a com a tesoura e usando a borda do papelão para raspar a gosma do chão e jogá-la na privada. Já tinha visto nas séries de tevê que aquilo era destruição de provas, mas eu não precisaria delas de qualquer maneira. Já sabia o que tinha acontecido e sabia também que todos ficariam mais felizes se nós fingíssemos que foi um acidente. Papai bobão. Papai distraído. Papai que vivia se acidentando. Depois eu pensei em outra coisa.

Pus a caixa de suco de goiaba num saco plástico e desci para jogar no lixo da rua. Quando voltei para o apartamento, tranquei a porta atrás de mim. O Volume 1 d’As Grandes Mentes da Filosofia Ocidental estava em cima da mesa, mas como meu pai já tinha terminado os helenistas há um tempão, logo vi que havia alguma coisa errada. Achei o bilhete enfiado dentro do capítulo “A Morte de Sócrates”, numa folha do meu papel de carta do Gloomy Bear dobrada meticulosamente em três partes. Eu o puxei dali. Como não havia nome no bilhete, fiquei pensando se ele tinha escrito para mim ou para a

mamãe, ou se havia sido para nós duas, ou quem sabe tinha escrito para ele mesmo e pronto. Eu não queria ler naquele momento, então voltei a dobrar o bilhete e enfiei no bolso do blazer do meu uniforme.

O que pensei foi o seguinte: se eu ler o bilhete e ele já estiver morto, aí vou saber que ele estava falando sério desta vez e realmente tinha a intenção de morrer, e que foi tudo culpa minha por ter sido tão dura e cruel como eu fui. E se por acaso ele ainda não estiver morto, pode ser que ler o bilhete faça ele morrer, e aí a culpa seria minha do mesmo jeito.

Isso não fazia muito sentido lógico, mas foi o que passou pela minha cabeça naquela hora, e vi que ia ficar péssima de qualquer maneira, não importando o que resolvesse fazer. Ainda estava usando meu uniforme da escola. Eu fui para o quarto e vesti um jeans e um casaco de moletom, passei o bilhete para o bolso do casaco e voltei ao banheiro para terminar de limpar. Dois Incidentes de Banheiro horríveis na mesma semana. Estranho.

Mamãe ligou do trabalho. Ela antes estava numa reunião. Pediu para eu descrever exatamente o que tinha acontecido e o que eu tinha visto e depois me fez ler o nome do hospital, endereço e telefone no cartão. Depois perguntou se eu ia ficar bem sozinha.

– É claro – eu disse.

– Você está com fome? Seu pai te deixou alguma comida aí?

– Não estou com fome. – Provavelmente, nunca mais ia comer coisa nenhuma.

– Eu ligo do hospital. Espere por mim. Não saia de casa.

– Mãe?

– Sim?

Eu queria contar a ela sobre o bilhete, mas não sabia se devia.

– O que é, Naoko? – A voz soou tensa. Ela queria ir logo.

– Nada.

Nós desligamos. Peguei o bilhete do bolso do moletom. Talvez tivesse me enganado. O papel não tinha o nome de destinatário nenhum, então talvez nem fosse um bilhete. Eu o desdobrei. Havia duas frases escritas nele, na letra frenética e agitada do meu pai. A primeira dizia o seguinte:

> *Eu só conseguiria parecer ridículo aos meus próprios olhos se insistisse em me agarrar à vida quando ela nada mais tem a oferecer.*

Reconheci a citação. Era o que Sócrates havia dito ao amigo Críton antes de

tomar a taça com cicuta. Críton estava enrolando, tentando fazer com que Sócrates adiasse um pouco sua decisão. Ele estava tipo, “Qual é a pressa? Ainda tem bastante tempo. Por que você não janta e toma umas taças de vinho com a gente?”. Mas Sócrates estava tipo, “De jeito nenhum. Eu não quero ficar me sentindo um idiota. Vamos acabar logo com isso” e foi exatamente o que fez. Papai gostava à beça dessa história, e chegou a contá-la para mim uma tarde. Ele tinha umas teorias sobre como era um retrato sintomático da Mentalidade Ocidental, mas eu não entendi o que ele quis dizer. Só lembrava que tinha pronunciado Críton dizendo Kurrito, e que eu tinha gostado do som da palavra. Como o de um biscoito sendo quebrado ao meio ou de um bando de grilos no gramado.

Abaixo da primeira frase, havia uma segunda.

> *Eu só conseguiria parecer ridículo aos olhos dos outros se insistisse em me agarrar à vida quando eu não tenho mais nada a oferecer.*

Um pensamento terrível me ocorreu. Eu rumei de volta para o quarto. A Hello Kitty ainda estava soltando o seu brilho cor-de-rosa no descanso de tela, mas quando mexi no computador, ela desapareceu e me vi diante do site dos hentai burusera, na página do leilão da minha calcinha. Eu tinha me esquecido de limpar o histórico ao sair. Ele devia ter visto. O leilão estava encerrado. Alguém chamado Lolicom73 tinha vencido. Olhei o registro dos lances. Eles haviam chegado a um ponto máximo e depois se mantido estáveis, só que na última hora um novo usuário chamado C.imperator tinha aparecido e entrado numa disputa furiosa, e a dois segundos do encerramento Lolicom73 havia coberto a última oferta feita pelo C.imperator.

Lolicom73 era o feliz proprietário da minha calcinha. C.imperator perdera a disputa. Eu fui até o banheiro, me debrucei na privada e vomitei, mas pelo menos caiu tudo direitinho dentro da bacia.

Voltei para a sala. O bilhete continuava em cima do livro onde eu o tinha deixado. Peguei o papel, amassei e atirei longe, mas ele só quicou no sofá e foi cair no tapete. Eu queria que ele fosse uma pedra ou uma bomba. Queria que tivesse aberto um buraco bem no meio da nossa sala e explodisse a droga do prédio inteiro. Mas eu não tinha bomba nenhuma, então o que fiz foi pegar o Volume 1 d’As Grandes Mentes da Filosofia Ocidental e jogar na porta de vidro da sacada. O livro era bem pesado, mas o vidro era forte. O volume grosso quicou na porta e caiu emborcado no chão. Isso me deixou com mais raiva ainda, então eu o apanhei de volta e dessa vez abri a porta de correr antes

de arremessá-lo. Quando olhei os helenistas voarem por cima da grade da sacada, com as páginas tremulando ao vento igual às penas do último arqueoptérix, senti um alívio enorme. E fiquei ouvindo durante o que pareceram ser vários instantes à espera da pancada surda.

– Ei!

Eu congelei. A voz tinha vindo da rua lá embaixo.

– Ei! Não tente se esconder. Eu sei que você está aí em cima!

Era uma voz jovem, feminina, e como o tom não pareceu furioso demais, fui até a sacada e espiei para baixo apoiada na grade. Um rosto redondo bonito estava virado para mim. Era uma das atendentes que moravam na vizinhança. Eu a reconheci das casas de banho. Ela sempre sorria para mim quando cruzávamos uma com a outra, e agora estava me reconhecendo também.

– Ah, é você – falou, segurando o livro nas mãos. – Deixou cair isto aqui?

Como não parecia haver nenhum ferimento, fiz que sim com a cabeça.

– É melhor tomar mais cuidado – disse ela, como se aquilo não tivesse muita importância. – Podia ter matado alguém.

– Desculpa – eu respondi. Minha voz ainda não estava funcionando direito, então não sei se ela chegou a escutar.

– Eu vou deixar aqui, tá? – E ela colocou o livro na mureta de concreto que separava o edifício da calçada. – É melhor você descer logo para buscar, antes que alguém passe e leve embora. – Ela leu o título na capa. – Ou não. Bom, mas vou deixar aqui de qualquer maneira, tá bem?

– Obrigada – eu disse num sussurro, mas ela já havia dobrado a esquina e sumido.

Eles lavaram o estômago do papai para tirar todos os comprimidos lá de dentro, e ele acabou não morrendo. Não ficou nem perto disso, aliás. Mamãe chegou do hospital e me disse que ele iria ficar bem. Não contei a ela sobre o bilhete no meio das páginas do Sócrates.

Quando papai teve alta, nós nos sentamos na sala para mais uma conversa séria, ou talvez o melhor fosse chamar de interrogatório familiar. Papai falou numa voz mecânica como se tivesse decorado as falas sem acreditar nelas. Ele me pediu desculpas. Disse que tinha sido um acidente, que estava se sentindo exausto mas não conseguia dormir. Tinha perdido a conta do número de comprimidos que havia tomado. Não ia acontecer outra vez. Ele não falou nada sobre o bilhete nem sobre o leilão.

Minha mãe assistiu à performance com toda atenção, e quando chegou ao

fim o tom de alívio na voz dela era evidente.

– É claro que foi um acidente – ela disse, apelando para conseguir a minha confirmação. – Nós já sabíamos disso, não sabíamos, Nao?

E virou-se de volta para o meu pai em tom de bronca:

– Bobão! Como você pôde ser tão descuidado? De agora em diante, eu e Nao vamos guardar todos os seus remédios e você vai ter que nos pedir quando estiver precisando de algum. Certo, Nao-chan?

Não me meta nisso, pensei comigo, mas fiz que sim com a cabeça enquanto mexia numas pontas duplas do cabelo. Eu não conseguia olhar nos olhos de nenhum dos dois. Depois que a reunião estava terminada e que mamãe tinha ido para a cama, entreguei um papel do Gloomy Bear para o papai, dobrado meticulosamente em três partes. Era igualzinho ao bilhete do Sócrates, e ele ficou com o rosto branco e começou a abrir e fechar a boca feito um peixe.

– Acho bom você ler – eu disse.

Ele desdobrou e leu. Eram duas frases. Ao terminar, ele assentiu e dobrou o papel outra vez.

– É – disse. – Você tem razão.

A minha primeira frase dizia:

O seu tio Haruki nº 1 não estragaria as coisas desse jeito.

E a segunda era:

Se for fazer alguma coisa, por favor, trate de fazer direito.

Às vezes você tem que dizer o que está pensando.

Nessa noite, depois que meus pais finalmente foram dormir, eu me meti no banheiro, levando uma tesoura e a máquina elétrica que minha mãe tinha comprado para cortar o cabelo do papai na época em que ele ainda se importava com boa aparência e higiene pessoal e emprego e coisas assim. Sob a luz fria do banheiro, eu fui me livrando dos tufos de cabelo. Levou um tempão para deixar curto o bastante para a máquina poder agir. Liguei o fio na tomada e apertei o botão. Que barulheira! Desliguei depressa e fiquei ouvindo, mas não havia nenhum som vindo do quarto, então fechei a porta e enrolei a máquina numa toalha para abafar o som do motor. Depois que terminei de passar na cabeça toda, catei todos os fios de cabelo comprido, escondi num saco de papel e pus no lixo, depois sequei a pia com papel higiênico.

Com a cabeça nua coberta pelo capuz do moletom, me meti de volta embaixo das cobertas. A sensação foi superestranha, e toda hora eu levantava a mão e levava até o couro cabeludo.

Passei o resto da noite praticando zazen no meu futon, e no instante em que surgiu a primeira luz no céu, me vesti e saí do apartamento. Deixei o casaco por baixo do blazer do uniforme, o que era totalmente contra as regras da escola, mas precisava dar um jeito de esconder a cabeça raspada. Como era muito cedo, eu comprei uma lata de café quente numa máquina, fui até o jardim do templo e me sentei no banco de pedra para fazer hora. Um monge apareceu para passar o ancinho no cascalho. Ele ergueu os olhos um instante e me viu. Talvez tenha entendido o que havia debaixo do capuz, porque algum tipo de energia correu entre a gente e ele fez um aceno de cabeça na minha direção. Pousei a lata de café no banco e me levantei e tirei o capuz, depois inclinei o corpo numa reverência budista perfeita, com as palmas das mãos juntas e o corpo bem inclinado, como Jiko me ensinara. Quando endireitei o corpo, vi que ele tinha parado o trabalho e estava devolvendo a reverência, também do jeito como se deve fazer. Aquilo me fez sentir bem, e é por isso que eu gosto tanto de monges e monjas. Eles sabem ser educados com todas as pessoas, não importando se ela está com a vida completamente ferrada ou não.

Eu esperei até ter certeza de que o último sinal já tinha tocado, então fiz o resto do caminho até a escola correndo. Não havia ninguém no pátio. Eu me esgueirei pelos corredores, silenciosa como um fantasma, até chegar à minha sala de aula. Como ainda não tinha a habilidade de atravessar paredes, abri a porta com um empurrão. Sensei estava no meio da chamada, mas não me dei ao trabalho de me desculpar nem pela interrupção nem pelo atraso. Um pessoal da gangue da Reiko começou a soltar risadinhas quando me viu, e eu peguei no ar as palavras “leilão”, “calcinha” e “fim de linha”. Nessa hora, me dei conta de que todo mundo na turma tinha ouvido falar do Incidente da Calcinha e acompanhado o leilão ao longo da semana. Foi um trabalho de grupo.

Mas eu ignorei os cochichos e fui marchando até o meu lugar. Pode ter sido o moletom de capuz sob o uniforme que sinalizou algo de diferente, ou então a minha postura ereta de soldado marchando para a batalha, ou vai ver que a força do meu *supapawa* tinha lançado um raio paralisante em cima de todo mundo. Um a um, eles foram ficando em silêncio. Cheguei até o meu lugar, mas, em vez de me sentar, subi na cadeira e depois na mesa e fiquei lá em cima, com a cabeça erguida. Depois, quando todos os olhos estavam voltados para mim, baixei o capuz.

O barulho da arfada de susto coletiva me deu um arrepio na espinha. O *supapawa* da minha cabeça careca e brilhante irradiou pela sala de aula e de lá para o mundo como uma lâmpada brilhante, um farol iluminando cada fenda escura do planeta e cegando todos os meus inimigos. Eu finquei os punhos fechados nos quadris e vi todos estremecerem e erguerem os braços para proteger os olhos do meu brilho insuportável. Abri a boca e um grito cortante como o de uma águia brotou da garganta, sacudindo a terra e penetrando todos os recantos do universo. Fiquei olhando meus colegas apertando as mãos nos ouvidos e vi o sangue escorrendo entre os dedos deles quando seus tímpanos estouraram.

E então eu parei. Por quê? Porque senti pena deles. Desci de cima da mesa e caminhei até a frente da sala. Virei o rosto na direção do professor e dirigi uma reverência a ele, com as palmas das mãos juntas, depois me virei para o resto da turma e os cumprimentei com uma bela reverência também antes de deixar a sala. Agora eu já podia ir embora, e até consegui sentir um pouco de tristeza por saber que não iria voltar nunca mais.

3.

Meu pai tinha aperfeiçoado tanto a sua capacidade de não olhar para mim que, depois de ter raspado a cabeça e derrotado os colegas com meu incrível *supapawa*, eu fui para casa e tive que passar o resto do dia esperando que ele notasse a ausência do meu cabelo. Mas nem assim ele notou. Mamãe reparou na mesma hora, é claro. No instante em que ela entrou em casa à noite e me viu com o capuz, deu logo um ataque e exigiu que eu lhe contasse o que tinha acontecido. Decidi pular a parte do Incidente da Calcinha e simplesmente anunciei que estava largando os estudos e indo embora de casa para ser monja. Até porque em parte era mesmo verdade. Havia um lado meu que queria muito fazer isso, ir até o templo da velha Jiko e passar o resto da vida praticando zazen e fazendo faxina e picando legumes para preparar conservas.

De jeito nenhum, foi o que mamãe falou. Eu era nova demais para sair de casa e precisava terminar o ensino médio antes. O que foi um tremendo erro. Ela devia ter me deixado fazer o que eu disse que ia fazer, mas em vez disso nós passamos três dias brigando e, no fim, concordei em pelo menos participar das provas de admissão, que já estavam para acontecer. Para mim aquilo não tinha a menor importância, eu já sabia que nunca iria conseguir vaga em nenhum lugar que prestasse mesmo, mas prometi me esforçar e com isso

consegui pelo menos que ela largasse do meu pé.

Nessa mesma semana, na casa de banho pública, eu vi a atendente que quase havia atingido com As Grandes Mentes da Filosofia Ocidental e ela me reconheceu na hora, mesmo sem os cabelos. Em vez de desviar o olhar como a maioria das pessoas, ela estreitou os olhos, inspecionando o que via, até que por fim assentiu.

– Ficou bom – disse. – Belas formas. Você tem uma cabeça bem-desenhada.

Nós estávamos mergulhadas até o pescoço na água. No espelho embaçado, eu via a curva macia e branca do meu crânio, pairando acima da superfície escaldante como se fosse um ovo cozido.

– Eu não estou nem aí se ficou bom ou não – informei a ela. – Sou uma super-heroína. E super-heroínas não precisam "ficar bem".

Ela encolheu os ombros.

– Bom, não entendo de super-heróis nem de super-heroínas. Mas mal não deve fazer, não é mesmo? Ficar com uma boa aparência?

É, acho que não.

– A minha mãe surtou – contei a ela. – Quer que eu compre uma peruca.

Ela assentiu e estendeu o braço bonito e ficou olhando a água escorrer das pontas dos seus dedos graciosos.

– Tudo bem – falou. – Eu levo você. Conheço um lugar ótimo.

Como se eu tivesse pedido alguma coisa.

Ela me contou que se chamava Babette, um nome que não soava nada japonês. Mas Babette nem sempre tinha sido Babette. No início, ela se chamava Kaori e trabalhava como atendente num clube em Asakusa, mas isso foi antes de ser demitida por dormir com o namorado da mama-san. De qualquer maneira, ela já andava mesmo cansada de ficar lá, pelo que me contou. Os clientes eram sentimentais e beberrões demais. Ela então trocou o nome para Babette e arrumou emprego no Fifi's Lovely Apron, que era um lugar bem alegre e animado de se trabalhar quando ainda era "lovely", antes de ficar "lonely".

A grande paixão da vida da Babette é o cosplay, e no Fifi's ela pode usar anáguas e aventais, meias-calças e rendas. Quando está arrumada para trabalhar, ela fica parecendo um cupcake decorado com flores de marzipã e confeitos brilhantes e corações de açúcar, tão doce e deliciosa que dá vontade de devorar inteirinha, mas não se engane. A Babette não tem nada de doce.

Como eu não estava mais indo à escola e ficava sem muito o que fazer durante o dia, nós combinamos de pegar juntas o trem até Akiba.

– Eu gosto de andar com você – ela me disse. – As pessoas ficam olhando. A gente podia te arrumar umas roupas legais. Com uma boa produção e essa cabeça raspada linda, você ficaria bem shibui.[144] Podia se vestir de monja. Ou não, espera aí, de bonequinha de porcelana! Com um gorrinho rendado, você ia ficar igual a essas bonecas carecas que vendem por aí. Ah, que coisa mais fofa que ia ser!

– Você disse que ia me ajudar a arranjar uma peruca – retruquei, mas no fundo estava gostando.

Akihabara significa Campo das Folhas de Outono, mas os campos e as folhas foram trocados por lojas de eletrônicos, e hoje todo mundo chama o lugar de Akiba ou Cidade Elétrica. Eu nunca tinha andado muito por lá. Achava que era onde os otaku de mangá e geeks fracassados feito meu pai vendiam peças de computador quando estavam sem dinheiro, mas estava completamente enganada. Akiba é um lugar louco e fantástico de um jeito bizarro. Você caminha por aquele monte de ruelas estreitas, apinhadas de lojas e barracas cheias de placas eletrônicas e DVDs e transformadores e discos de jogos e artigos para fetichistas e bonequinhos de mangá e bonecas infláveis e cestos lotados de artigos eletrônicos e perucas e fantasias de empregada e calçolas de colegial. Por todos os lados, a gente vê cartazes coloridos de anime e faixas gigantescas penduradas nos prédios, com fotos enormes de garotas moe[145] e seus olhos brilhantes e redondos do tamanho de piscinas de criança e peitões descomunais transbordando dos seus uniformes de heroínas intergalácticas, e só ouve o *clang! clang! clang!* enlouquecido das máquinas de fliperama, e o *ping! ping! ping!* do Pachinko, e os alto-falantes berrando as ofertas por tempo limitado das lojas, e as empregadas francesas na rua gritando para os garotos otaku que passam. Tudo o que não tem por aqui são campos ou folhas de outono.

Babette me guiou pelo meio da multidão, segurando meu braço para eu não me distrair nem me perder. Fiquei me sentindo uma turista pateta, de queixo caído feito uma americana, o que me fez lembrar da Kayla. Há milênios que eu não pensava nela, e de repente fiquei com vontade de poder fazê-la se materializar ali no meio da Cidade Elétrica de Akiba, só para pirar aquela cabecinha limitada do Vale do Silício que ela tem. Ali estava um lado de Tóquio que eu podia aprender a curtir de verdade, e me vi ansiosa para encontrar logo a tal peruca – nessa hora, o que tinha em mente era alguma coisa bem lisa e cor-de-rosa tipo a da Anemone do *Eureka Seven* – talvez acompanhada de uma fantasia bonitinha para eu entrar mais no clima do lugar.

Mas foi aí que, por acaso, passei pela vitrine de uma loja de DVDs cheia de tevês de tela plana. Uma música estridente de luta berrava dos alto-falantes. Em meio a explosões de fogos, um título surgiu nas telas. *INSETOS GLADIADORES!* E depois o locutor gritou um *A seguir, o Grilo Ortóptero contra o Louva-A-Deus!*

Nós paramos e ficamos assistindo enquanto um grilo enorme enfrentava um louva-a-deus verde-claro no canto de um terrário de vidro. A imagem aparecia repetida em todas as telas, e o vídeo capturava todos os mínimos detalhes. *Vejam como a mandíbula poderosa esmaga o olho do louva-a-deus! As asas delicadas vão virar poeira!*

A luta acabou quando o grilo arrancou a cabeça do oponente.

E o vencedor é... o Grilo Ortóptero! No próximo embate, o Besouro-de-Chifres contra o Escorpião Amarelo!

O pálido escorpião usou as pinças para lançar o besouro numa pirueta no ar. O besouro caiu de costas, deixando a parte de baixo do seu corpo desprotegida. A cauda do escorpião se enroscou por cima para fincar o seu ferrão venenoso. *Sasu! Sasu! O Escorpião Amarelo deu sua ferroada!* O besouro estremeceu. No terrário tão pequeno e vazio, ele não tinha onde se esconder. As pernas finas se contorceram e ondularam no ar até que pararam de se mexer de vez. *Parece que o Besouro-de-Chifres se deu mal... Sim, ele está morrendo, ele está morrendo, ele... MORREU!*

O letreiro fosforescente piscou na tela. *Escorpião Amarelo Vence!*

Comecei a chorar.

Não estou de brincadeira. Até ali, nada tinha me feito chorar, nem ter perdido todo o nosso dinheiro, nem a mudança da minha vida maravilhosa em Sunnyvale para um buraco horroroso no Japão, nem a minha mãe doida ou meu pai suicida ou o desprezo da minha melhor amiga, e nem mesmo todos aqueles meses e meses de ijime. Eu nunca chorava. Mas, por algum motivo, a visão daqueles insetos idiotas acabando um com o outro foi demais para mim. Aquilo era uma coisa horrorosa, mas claro que a culpa não era dos insetos. Era dos seres humanos que acharam que isso seria divertido de assistir.

Eu me agachei perto do edifício, apertei os braços em volta do corpo e chorei. Babette ficou de pé, montando guarda à minha frente, remexendo a borda rendada do seu avental e tamborilando de leve as pontas dos dedos na minha cabeça pelada, como se estivesse escolhendo um melão ou tocando as escalas num piano. Dentro da cabeça, eu sentia o toque dos dedos como gotas de chuva caindo. Depois de um tempo, ela acendeu um cigarro e começou a

fumar, e quando apagou a guimba debaixo do salto quinze das suas botas de plataforma, eu já estava bem outra vez.

– Foi mal – falei.

– Relaxa – ela retrucou. Então, examinou meu rosto e começou a catar algo na bolsa. – Você tem paixão por insetos, ou coisa parecida?

– Na verdade, não. Meu pai é que tem. Ele gosta de fazer origamis em forma de inseto. É um dos hobbies dele.

– Que bizarro – ela disse, sacando um lenço de papel para enxugar algo do meu rosto. – E que outro hobby ele tem?

– Cometer suicídio.

Ela me entregou o lenço.

– Hmmm. Mas se ele continua vivo até hoje, é sinal de que não deve ser muito bom nisso.

– Ele é melhor com as dobraduras. – Eu assoei o nariz e enfiei o lenço no bolso. – O besouro-de-chifres voador que ele fez ganhou terceiro lugar no Great Bug Wars.

– Que máximo – ela disse. – Você deve ter orgulho dele.

– Eu tenho – falei, e por um instante tive mesmo.

– Já está melhor pra gente fazer compras?

– Claro – eu disse, caminhando atrás dela.

Nós compramos uma touquinha de tricô para mim, uma peruca com cabelos até os ombros, uma anágua de renda e um par de meias de colegial, e depois ela me levou até o Fifi's para conhecer as garçonetes. Babette era só uns anos mais velha do que eu, mas ela sabia como tomar conta de mim e me fazer sentir melhor.

143 *burusera* (ブルセラ) – fetiche por garotas em uniformes escolares; literalmente *buru* (abreviatura de *bloomer*, calçola) + *sera* (abreviatura de *sailor*, marinheiro).

144 *shibui* (渋い) – descolado, estiloso.

145 *moe* (萌え) – brotando, em flor. Gíria para garota bonita em estilo mangá, objeto de desejo.

Ruth

1.

– Essa Babette parece ser uma pessoa legal – Oliver comentou.

– Parece uma boa amiga para Nao... – ele disse.

– É bom que ela enfim tenha alguém com quem conversar... – ele disse.

– Eu gostaria de conhecer Akiba... – ele disse.

– É triste essa história dos insetos.

Ela fechou o diário, tirou os óculos e os pousou na mesinha de cabeceira. Depois de tirar o gato de sua barriga, desligou o abajur.

– Boa noite, Oliver – disse, dando as costas para ele.

– Boa noite – ele respondeu. O gato se enroscou no espaço entre os dois e voltou a dormir. E eles ficaram lá, lado a lado, em silêncio. Alguns milhares de momentos se passaram.

2.

– Eu falei algo de errado? – ele indagou para o quarto escuro.

Ela podia fingir que estava dormindo ou podia responder.

– Falou.

Quase dava para ouvir a cabeça de Oliver pensando.

– O que foi? – ele enfim perguntou.

Ela respondeu para a parede do fundo do quarto, mantendo o seu tom de voz inalterado.

– Me desculpe – iniciou. – Mas eu não entendo você. A garota é atacada, amarrada e quase sofre um estupro, o vídeo é postado num site de fetichistas e a calcinha é vendida para um pervertido, o fracassado do pai vê tudo e em vez de fazer qualquer coisa para ajudar a filha tenta se suicidar no banheiro, onde ela é obrigada a encontrá-lo e depois de tudo isso o que você tem a dizer é que a Babette é legal? E que é triste a história dos *insetos*?

– Ah.

Mais algumas centenas de momentos se passaram.

– Estou entendendo o que você quer dizer – ele disse. – Mas é bom que ela possa contar com uma amiga nessa hora, não é?

– Oliver, essa Babette é uma cafetina! Ela não está sendo legal com a Nao, está aliciando a menina. Ela tem um esquema de acompanhantes pagas no tal café sórdido das empregadas.

– Sério?

– É. Sério.

3.

Ele pareceu verdadeiramente surpreso.

– Todos os cafés em que as garçonetes se vestem de empregada são assim?

– Se todos eles são bordéis? Provavelmente não. Mas esse é.

Ele passou um tempo refletindo.

– Bom, acho que eu posso ter me enganado com relação à Babette.

– É. Você se enganou.

– Mas não é verdade que o pai da Nao não tentou ajudar.

Nessa hora, ela não conseguiu se segurar mais, sentou na cama e acendeu a luz.

– Você está de sacanagem comigo? – falou, fincando os punhos fechados nas dobras fofas do edredom. Pesto desceu da cama e escapou do quarto. Eles ouviram a batida da portinhola quando ele fugiu para a segurança da noite.

Oliver colou os olhos no teto e defendeu seu ponto de vista.

– Ele tentou ajudar, sim. Dando lances no leilão. Ele estava tentando ganhar. Não foi culpa dele se não conseguiu.

– O quê?

– No leilão. – O rosto dele pareceu confuso. – Da calcinha dela. Você não percebeu?

– Como você sabe disso?

– C.imperator? O cara que perdeu o leilão? Era ele. O pai da Nao.

Ela sentiu o calor tomando conta do rosto enquanto escutava.

– *Cyclommatus imperator* – prosseguiu ele. – Você não lembra?

Ela não lembrava.

– É o nome científico do besouro-de-chifres – ele explicou. – O da dobradura de papel, lembra? Era um *Cyclommatus imperator* voador. O tal que ficou com

o terceiro lugar no concurso dos origamis.

Era claro que *disso* ela se lembrava. Só não tinha lembrado o nome em latim e odiou o fato de ele ter lembrado. Odiou constatar que agora ele estivesse sentindo a necessidade de falar tão devagar e cuidadosamente e de explicar tudo como se ela fosse alguma imbecil ou sofresse de Alzheimer. Aquele tom de voz era o mesmo que Oliver costumava usar com a sua mãe.

– Nao reconheceu o nome em latim imediatamente – ele disse. – Por isso ficou tão perturbada. No momento em que achou o bilhete, ela entendeu tudo. "Eu só conseguiria parecer ridículo aos olhos dos outros se insistisse em me agarrar à vida quando eu não tenho mais nada a oferecer." O pai estava se referindo aos lances do leilão e Nao percebeu, por isso foi olhar o computador. É essa a minha teoria.

Ela odiou que ele tivesse uma teoria, odiou o jeito convencido dele.

– Ele não tinha mais nada a oferecer, entendeu? No leilão, por isso acabou perdendo. E não queria parecer ridículo aos olhos de...

– Eu entendi – ela cortou. – Que coisa horrível. Ele estava fazendo lances pela calcinha da filha. Que tipo de doente é capaz de fazer isso?

Oliver fez uma cara de surpresa.

– Se ele ficasse com ela, ninguém mais ficaria. Ele só não queria que algum hentai conseguisse vencer o leilão. Não tinha nenhum motivo pervertido para participar.

– Como você pode saber disso?

– Puxa vida. Então quem é doida é você. Se chegou a pensar nessa ideia, você que é a doente.

– Brigada.

– Porque o cara pode até ser um fracassado, mas...

– Bem, dessa parte você deve entender.

4.

Assim que as palavras saíram da sua boca, ela quis poder apagá-las.

– Eu não quis dizer isso – atalhou. – Você tinha me chamado de doida. De doente. Eu estava com raiva.

Mas era tarde demais. Ela viu os olhos azuis dele se toldarem, erguendo um muro para proteger suas partes sensíveis. Quando ele falou, a voz soou alheia, afastada.

– Ele não é um hentai. Só ama a filha, é isso.

Ela apagou a luz outra vez. Era tarde demais para consertar as coisas. E falou, para o escuro:

– Se ele a ama mesmo, devia parar de tentar se matar. Ou então fazer isso direito e pronto.

– Eu tenho certeza de que ele vai – Oliver respondeu baixinho.

5.

As brigas entre eles não eram frequentes. Nenhum dos dois gostava de discutir e havia certos territórios que tomavam o cuidado de não adentrar. Ele sabia que não devia alfinetá-la falando da sua memória. Ela sabia que não devia chamá-lo de fracassado.

E ele não era. Era a pessoa mais inteligente que Ruth conhecia, um autodidata, e tinha uma mente que descortinava o mundo como quem abre um ovo cósmico para revelar coisas que ela jamais perceberia sozinha. Ele fora um artista durante décadas, mas sempre se dizia um amador por questão de princípios. E alimentava apaixonadamente seus hobbies botânicos: cultivava coisas, fazia enxertos e misturas entre espécies. Ele vinha da estufa, triunfante, gritando um “Guarde a data de hoje!” sempre que conseguia fazer uma árvore rara germinar ou que um dos seus enxertos pegava. Ele tinha cactos cultivados desde a semente no peitoril da sua janela, e, com um pincel escuro, recolhia os grãozinhos de pólen amarelo dos espécimes machos para transferi-los cuidadosamente para as flores fêmeas. Fazia capinhas trançadas, semelhantes a pequenos chapéus de festa, para as cabeças arredondadas dos seus espécimes fêmeas da *Euphoria obesa*, um artifício para capturar as sementes fertilizadas quando elas fossem borrifadas no ar.

Antes da doença de Oliver e da mudança para a ilha, ele conseguia subsídios e contratos ocasionais de projetos de Land Art, complementando a renda vinda das suas aulas e palestras. Depois da mudança, ele continuou ativo no circuito das artes, mesmo no período em que esteve doente. Escrevia artigos, participava remotamente de eventos e criava projetos como o NeoEoceno. Ele chegou a viajar até Vancouver para implantar uma floresta urbana batizada de Meios de Produção, destinada a fornecer plantas e árvores para o uso dos artistas locais: madeira para fabricantes de instrumentos, vime para ser trançado, fibra para fazer papel. E, para onde quer que viajassem, sempre se lembrava de recolher sementes e amostras: alianto do Brooklyn; sequoias do Massachusetts; gingko, o fóssil chinês vivo, trazido das calçadas do Bronx. Na

sua passagem pelo Driftless antes do 11 de Setembro, ele havia recolhido pedaços de raiz de espinheiro para enxertar um pé de nêsperas.

– Foi a minha maior vitória! – ele disse, e enquanto ela preparava a comida, se sentou nos degraus para lhe contar a história das nêsperas europeias e dos seus frutos parecidos com maçãs, que eram sempre melhores se comidos depois de apodrecidos, apesar do cheiro horroroso e inconfundível.

– Tipo cocô de neném coberto de glacê.

– Que beleza – fez ela, jogando um punhado de sálvia na sua panela de sopa.

– Elas sempre tiveram má fama – ele continuou. – No período elisabetano, os ingleses as chamavam de "*open-arse fruit*", fruta de bunda aberta. Os franceses chamavam de *cul de chien*, cu de cão. Shakespeare as usava como metáfora para a prostituição e para o sexo anal. Onde está o seu *Romeu e Julieta*?

Ela o mandou até o seu escritório no andar de cima para buscar seu exemplar do *Riverside Shakespeare*, e não demorou para ele estar de volta, com o grosso volume aberto no colo, lendo o trecho em voz alta.

Se o amor é cego, nunca acerta no alvo.
Agora vai sentar-se sob a fronde de um nespereiro,
a desejar que a amada fosse a fruta
que as jovens chamam nêspera, quando riem sozinhas.

– Isso é Mercúcio zombando porque Romeu não consegue nada com Julieta – ele disse.

Ela baixou a chama do fogão e tampou a panela da sopa.

– De onde você tira essas coisas?

Ele lhe contou sobre o site de aficionados por nêsperas que havia encontrado com as tais referências a Shakespeare. E a ideia do enxerto com o espinheiro tinha sido tirada de uma leitura mais atenta dos *Certaine Experiments Concerning Fish and Fruite*, publicado em Londres no ano de 1600 por um certo John Taverner, Cavalheiro.

– O livro é um apanhado das observações desse senhor a respeito de lagos de peixes e árvores frutíferas – explicou ele, pensativo. – Eu bem que gostaria de publicar algo assim.

Oliver era o homem menos egoísta que ela conhecera na vida, e também não se mostrava especialmente ambicioso. Nos projetos de Land Art em que se envolvia, como os tais Meios de Produção de Vancouver, ele só se considerava bem-sucedido quando conseguia eliminar qualquer rastro de si mesmo.

– Eu quero que quem esteja olhando se esqueça da minha existência.

– Por quê? – quis saber ela. – Você não acha importante ter reconhecimento pelo seu trabalho?

– O objetivo não é esse. Não tem a ver com reconhecimento ou crédito. Nem com o mercado da arte. O trabalho é bem-sucedido quando todo traço de planejamento e habilidade humana desaparece depois de anos de colheita e novas floradas, quando as pessoas começam a vê-lo como uma parte integrante do ambiente. Quando qualquer resquício da minha presença como artista ou dramaturgo do cenário vegetal tiver desaparecido. Quando não importar mais. É aí que o trabalho começa a ficar interessante...

– Interessante de que jeito?

– Ele se torna mais do que “arte”, torna-se parte do subconsciente visual. Uma transformação aconteceu. Ele é o novo normal, é simplesmente como as coisas são.

Segundo seus próprios parâmetros, portanto, o seu trabalho era um sucesso, mas quanto mais bem-sucedido ele se tornava, mais dificuldades tinha de garantir o próprio sustento.

– Eu nunca vou ser um empresário de sucesso – ele concluiu, amargo, numa noite em que os dois estavam examinando o orçamento doméstico e tentando decidir como pagariam as contas. – Me sinto mesmo um fracassado.

– Não seja ridículo – ela retrucou. – Se eu quisesse estar ao lado de um empresário de sucesso, teria me casado com um.

Ele balançou a cabeça, triste.

– Só nasceu pé de limão no seu pomar do amor.

Nao

1.

Às vezes, sentada aqui no Fifi’s escrevendo para você, eu me pergunto como será a sua aparência, altura, idade, e me pergunto se você é homem ou mulher. Fico pensando se reconheceria você se nos cruzássemos na rua. Afinal, é possível que você esteja sentado numa mesa aqui em volta neste exato momento, embora eu duvide de que esteja. Às vezes fico torcendo para você ser homem, assim gostaria de mim porque sou bonitinha, mas às vezes penso que é melhor se for mulher, porque aí vai ter mais chance de me entender, mesmo não gostando tanto assim de mim. Mas, na maior parte do tempo, o que penso é que isso não tem importância. Não faz essa diferença toda, afinal de contas, homem ou mulher. Eu mesma me sinto às vezes mais masculina, outras, mais feminina. E quase o tempo todo acho que estou bem no meio do caminho mesmo, principalmente na época que meu cabelo começou a crescer depois de eu ter raspado a cabeça.

Falando em meio do caminho, aqui vai uma história legal. O primeiro encontro que a Babette arrumou para mim foi com um cara que trabalhava numa agência de publicidade superfamosa, e provavelmente você reconheceria o nome na mesma hora se eu contasse, mas não vou fazer isso porque não quero ser processada. O sujeito era cheio da grana, com uns ternos e relógios lindos de morrer, tudo Armani, Hermès e tal, e Babette disse que a gente se daria muito bem. Que seríamos um casal perfeito. Era a minha primeira vez, e Babette escolheu esse cara – vou chamá-lo de Ryu – não só porque ele era rico, mas também muito educado e gentil. Ele me perguntou se eu preferia sair para jantar primeiro, mas eu estava tão nervosa que tinha medo de vomitar se comesse qualquer coisa, então disse que preferia fazer logo o que tinha para fazer. Ele me levou num lugar bonito no distrito dos motéis em Shibuya, pediu uma garrafa de champanhe e tirou a minha roupa toda. Nós tomamos banho juntos, e ele me deixou bem bêbada. E me beijou tanto que comecei até a ficar irritada, mas aí falei que já estava enchendo e ele parou. Ele lavou meu corpo

inteiro e fez a gentileza de não perguntar nada sobre as cicatrizes e nem de pedir o dinheiro de volta por causa delas.

Depois, ele secou meu corpo e me levou para a cama, e foi aí que meio que surtei. Era minha primeira vez, afinal de contas, e eu estava com medo porque não sabia o que fazer. Provavelmente se ele fosse um babaca e tivesse me jogado na cama e seguido adiante, eu teria só me encolhido dentro da minha bolha de silêncio no iceberg, onde consigo congelar o mundo lá fora, e acho que nem iria reparar no que estava acontecendo ou sentir coisa nenhuma.

Mas Ryu não era um babaca. Ele fez questão de ser todo gentil e carinhoso, só que eu estava tensa demais. Era como você tentar passar uma linguiça através de uma vidraça: simplesmente não ia. Cada vez que ele tentava ficar dentro de mim, eu começava a tremer e não conseguia parar, e era tomada por uma onda avassaladora de tristeza. Vai ver o champanhe tinha me feito ficar chorosa daquele jeito, mas ali estava um sujeito bacana que eu pensava que seria um idiota completo, mas não era, e ele tinha pago um bom dinheiro para ter um encontro comigo e, em vez da noite de sexo com uma virgem que estava esperando, teve que aturar uma estudante chorona e uma vagina completamente impenetrável. Eu me senti péssima. Parecia que só conseguia chorar ultimamente, primeiro por causa das lutas idiotas dos insetos, e agora isso.

Ele era bem-educado demais para forçar a barra comigo enquanto eu estava chorando. Sentou na cama e ficou me olhando um tempinho, depois foi até a cadeira onde tinha pendurado o seu terno, tirou do bolso um lindo lenço de linho engomado e me deu para que eu assoasse o nariz. Depois, como eu não parava de tremer, pegou a camisa dele e embrulhou nos meus ombros. O tecido era tão macio e sedoso ao toque que, quando dei por mim, eu já tinha enfiado os braços nas mangas e fechado os botões no peito. Depois veio a gravata de seda cor-de-rosa, que ele amarrou no meu pescoço com um lindo nó Windsor. Depois a calça, o paletó do terno e, quando eu terminei de me vestir inteira com as roupas dele, já não estava chorando, e fui levada pela mão até a frente do espelho e virada de um lado para o outro para admirar o reflexo.

Fiquei linda naquele terno. Ryu era um pouquinho mais alto e maior do que eu, mas não era uma diferença muito grande. Eu tinha tirado a peruca, e a cabeça embaixo dela ainda estava quase pelada, o que ele disse ter gostado. E disse também que eu estava parecendo um bishonen,[146] mas a verdade era que eu estava mais bonita que qualquer garoto. De verdade. Eu juro que teria sido capaz de me apaixonar por mim mesma. Ele estava de pé atrás de mim, nu, e estendeu a mão para pegar um maço de cigarros no bolso do meu paletó. Tirou

dois cigarros, pôs na boca e acendeu com um isqueiro de platina elegante, que não era muito maior que um fósforo. Depois de deixar um dos cigarros entre os meus lábios, ele voltou para a cama para fumar o outro e ficar me observando. Por sorte, eu já tinha filado umas tragadas dos cigarros do meu pai e sabia como fazer. Inclinando a cabeça de lado, eu olhei para o meu reflexo no espelho. A fumaça escapou num fio por entre os meus lábios, que estavam vermelhos e inchados depois de tantos beijos. Com o canto do olho, eu podia ver Ryu no espelho. Estava deitado na cama, fumando, e obviamente excitado à beça. Eu me virei para servir outra taça de champanhe, bebi, apaguei o cigarro e fui até a cama montar em cima do corpo dele.

– Feche os olhos – eu disse. – Finja que você sou eu.

Ele fechou os olhos e me deixou beijá-lo por um tempo, depois estendeu a mão para desfazer o nó Windsor da sua gravata cor-de-rosa e abrir os botões da camisa. Ele desceu o zíper da calça. Então baixou-a e eu me livrei dela com um pontapé, mas fiquei com a camisa enquanto encaixava o quadril no dele e o sentia guiar meu corpo para baixo, e aquilo doeu, mas só por um tempo.

Depois, nós ficamos deitados um ao lado do outro, ele acendeu mais um cigarro e perguntou se eu queria também. Eu disse que não, obrigada. Depois ele perguntou se o sexo tinha sido legal para mim, e eu disse “Claro, obrigada por perguntar”. Quer dizer, isso foi legal da parte dele, não foi? Aposto que muitos caras nem se dariam a esse trabalho.

– Doeu? – ele indagou então, e lhe disse que um pouco, sim, mas que não tinha problema porque eu era bem resistente à dor. Ele sorriu e me disse que eu era engraçada.

– Mas qual é a sua idade, afinal? – Eu já estava começando a responder que estava com quinze, quando de repente me lembrei.

– Dezesseis – falei. – Eu tenho dezesseis.

Ele riu.

– Você falou com uma voz espantada.

– É – eu disse. – É que é meu aniversário. Eu estava quase esquecendo.

Ele pediu desculpas por não ter levado um presente, e então me deu o seu isqueirinho elegante. Nós tivemos mais alguns encontros depois e sempre fazíamos do mesmo jeito, comigo vestindo o terno dele. Uma vez, eu fiz ele vestir o meu uniforme da escola, só que o resultado ficou tão ridículo, com seus joelhos ossudos se projetando por baixo do xadrez da saia, que me deu foi raiva e vontade de bater, então eu bati mesmo. Nesse dia, eu estava com o Armani dele, um terno bem cruel, e ele ficou todo passivo na minha frente, usando a

minha saia e a minha blusa de marinheira e com os olhos baixos. A passividade dele me deixou com mais raiva ainda, e quanto mais brava eu ia ficando, com mais força queria bater. Eu bati até quase ficar histérica, e quando ele ergueu os olhos, eles estavam tão cheios de tristeza e compaixão por mim que pensei que talvez precisasse acabar com a raça dele mesmo. Mas na próxima vez que minha mão voou na sua direção, ele agarrou meu pulso.

– Já chega. Você só está machucando a si mesma.

Eu estava usando o relógio de soldado do Haruki nº 1. A fivela velha da pulseira de metal cravou no meu pulso, bem no lugar onde ele estava segurando. A pele do rosto dele estava vermelha e irritada. Eu ergui a outra mão e pousei na bochecha inchada.

– Desculpe – disse, começando a chorar.

Ele levou a palma ardida da minha mão até os lábios e deu um beijo.

– Eu te perdoo – falou.

Ele adorava o relógio de soldado do céu do Número 1; uma vez chegou até a me perguntar se eu queria trocar pelo seu Rolex. Era um Rolex com diamantes de verdade incrustados. Eu fiquei tentada a aceitar, mas é claro que disse que não.

2.

Às vezes, depois de fazermos amor, Ryu só queria ficar deitado na cama bebendo Rémy e vendo um pornô na tevê, e então eu vestia o terno dele e saía para dar uma volta. Às vezes chegava até a sair do motel, tomando sempre o cuidado de andar pelo lado onde ficava o nosso quarto, porque assim ele poderia me ver da janela se quisesse. Ele gostava disso.

Eu saía quase sempre sem querer chamar atenção, caminhando sozinha e à toa, só aproveitando a sensação de ser homem. Às vezes pegava um cigarro do bolso dele e acendia com o isqueiro de platina. Ele também tinha um pequeno diamante incrustado. Ryu era um sujeito muito classudo com seus isqueiros com diamantes e seus ternos chiques, mas o cigarro que ela fumava era Mild Seven mesmo, uma marca nada elegante. E que tem um gosto horroroso, se você quer saber. Da próxima vez, eu preciso me lembrar de arrumar um namorado que fume Dunhills, ou pelo menos um Lark.

Quando ainda não estava muito tarde, às vezes eu mandava uma mensagem de texto para a velha Jiko no templo, mas não me sentia à vontade para contar a ela o que estava acontecendo. Já fazia um tempão que eu tinha parado de

praticar o zazen, então nós não estávamos mais na mesma sintonia. E nem os horários combinavam, porque ela dormia cedo e eu, por causa dos encontros, ficava acordada até tarde. É estranho pensar em como o tempo pode contribuir para você se sentir mais próximo ou distante das pessoas. Quando eu me mudei para um fuso horário diferente, por exemplo, Kayla e eu não conseguimos continuar amigas. Eu me pergunto o que ela diria se pudesse me ver agora, aliás. Talvez me achasse um cara bonito e viesse puxar papo. Isso acontecia na rua de vez em quando, se eu tratasse de andar pelo meio das sombras. As garotas ficavam achando que eu era acompanhante de algum host club[147] e tentavam flertar comigo, e eu precisava sumir antes que percebessem que eu era uma menina e ficassem bravas comigo por ter tentado enganá-las.

Não daria para dizer que Ryu era o meu namorado. Não era assim que a coisa funcionava. Nós passamos quase um mês saindo juntos, mas quando o meu cabelo começou a ficar mais comprido ele desapareceu. Eu estava começando a me apaixonar de verdade, e era inexperiente nessa época, então quando ele parou de telefonar achei que meu coração fosse literalmente se partir. Ficava perguntando o tempo todo se a Babette tinha notícias dele, mas ela só dizia que não, o que talvez não fosse verdade. Babette arrumava encontros para muitas meninas, e nessa hora ela só dava de ombros e dizia que eu devia ter feito alguma bobagem – só que tirando aquela vez dos tapas, que ele até perdoou depois, eu não lembrava de ter feito nada de errado.

Depois do sumiço, passei um tempo só ouvindo Edith Pilaf e Barbara no Fifi’s, me recusando a aceitar qualquer outro encontro até que a Babette finalmente se encheu. Ela falou que eu devia parar de ser tão egoísta e que devia era agradecer a ela por ter me arrumado um cara tão legal para a minha primeira vez. Depois ela me disse para pôr um sorriso no rosto ou cair fora e ameaçou dar a minha mesa para uma garota mais alegre.

3.

Não que eu não me sentisse grata a ela. Eu era grata, e muito. Babette era a única amiga que eu tinha no mundo, e se não pudesse passar os dias no Fifi’s Lonely Apron, para onde mais eu poderia ir? Em casa, a vida andava uma droga. Mamãe tinha conseguido uma promoção no trabalho e agora era editora, o que significava muitas horas extras e ralação. Papai estava entrando numa nova fase à medida que se preparava para o seu terceiro e último desafio suicida. Até ali, nós tínhamos passado pela fase Finge Que Eu Tenho Um

Emprego, depois pela fase Hikikomori, pela fase das Grandes Mentes e pela fase dos Insetos de Origami, quando pelo menos ele se mostrava interessado e envolvido com as loucuras que arrumava. Mesmo na fase das Andanças Noturnas e do Homem Caindo, a loucura sempre tinha um foco e ele conseguia existir com coerência. Mas dessa vez a coisa estava diferente. Ele entrou numa depressão forte como eu nunca tinha visto, como se enfim tivesse perdido definitivamente todo o interesse em continuar vivo. E evitava qualquer tipo de contato comigo e com a mamãe, o que é um desafio e tanto se você mora num apartamentinho de dois cômodos. Em geral, ele fingia que nós éramos invisíveis e se mantinha grudado na tela do computador, mas, de vez em quando, se se a gente se cruzasse no corredor estreito e nossos olhos se encontrassem, seu rosto se vincava e começava a despencar sob o peso da vergonha, e eu era obrigada a desviar o rosto porque não suportava ver aquilo.

Papai e eu continuávamos dividindo o mesmo computador e, um dia, enquanto eu estava bisbilhotando seu histórico de navegação, dei de cara com o link de um clube para suicidas. Ele tinha conseguido fazer uns amigos por lá, ao que parecia, e andava conversando e tramando planos junto com eles.

Que coisa mais ridícula, não é? Você não dá conta de fazer sozinho, então precisa arrumar um desconhecido para segurar a sua mão?! Para piorar, um dos novos amigos do clube era uma estudante de colégio, e ele ainda teve a audácia de tentar convencer a garota a desistir do suicídio. Eu achei a conversa dos dois e fiquei lendo. Tipo, dá pra ser mais hipócrita?! O sujeito quer se matar e fica dizendo aos outros para não fazer isso? Que ela tem a vida inteira pela frente, que ainda tem muitos motivos para ficar aqui?

A ideia me ocorreu nessa época. Talvez eu não fosse me mudar para o templo da Jiko e me transformar em monja, afinal de contas. Talvez o melhor mesmo fosse me matar também e acabar logo com isso tudo.

146 *bishōnen* (美少年) – jovem bonito, garoto lindo.

147 Um clube noturno ou bar com acompanhantes bishonen que servem bebidas e divertem as clientes do sexo feminino.

Ruth

1.

Cara Ruth (se me permite chamá-la assim),

Foi um prazer encontrar sua mensagem na minha caixa de e-mails, e peço desculpas por ter demorado tanto tempo para responder. Eu me lembro de você, é claro, da época da sua estadia em Stanford. E sou muito amigo do professor P-L, de literatura comparada, então não precisamos nos alongar nas apresentações. Infelizmente, eu estava de saída para um período sabático na época da sua residência e não pude comparecer à sua palestra no departamento, mas tenho certeza de que em breve terei o prazer de ouvir alguma leitura do seu próximo livro.

Bem, mas com relação ao seu pedido urgente, embora eu me sinta na obrigação de manter as informações confiadas a mim sob uma certa confidência, creio que poderei lhe oferecer alguma ajuda.

Em primeiro lugar, também acho plausível que o “Harry” que assinou o depoimento no meu website seja realmente o pai de Nao Yasutani, cujo diário de alguma maneira foi parar nas suas mãos. O Sr. Yasutani era um engenheiro de computação que, na década de 1990, trabalhava numa das grandes firmas de tecnologia da informação aqui no Vale do Silício. Pode-se dizer que nós dois éramos amigos, e ele realmente tinha uma filhinha chamada Naoko, uma menina que não devia ter mais de 4 ou 5 anos de idade quando nós nos conhecemos.

Deixe-me esclarecer que usei tempo verbal no passado não porque tenha qualquer conhecimento do destino ou paradeiro deles, mas apenas porque não tenho mais contato com o Sr. Yasutani e, portanto, a nossa relação de amizade infelizmente faz parte do meu passado. Como é possível que você saiba, ele se mudou de volta para o Japão com a família pouco depois do estouro da chamada bolha da internet. Depois disso, nós passamos a ter algum contato esporádico por e-mail ou telefone, mas eles foram rareando aos poucos e faz alguns anos que já deixamos completamente de nos falar.

Mas tenho uma coisa a lhe dizer sobre o nosso amigo. Eu conheci o Sr. Yasutani em Stanford em 1991, quando fazia cerca de um ano ou menos que ele havia se mudado para Sunnyvale. Ele procurou meu escritório um dia, no final da tarde. Houve uma batida na porta.

O expediente já havia terminado, e eu lembro de que me senti ligeiramente irritado com a interrupção, mas bradei um “Pode entrar” e fiquei esperando. A porta permaneceu fechada. Eu repeti o convite e, ainda sem qualquer resposta, me levantei e fui até a porta para abri-la. Um sujeito asiático de compleição delicada estava lá fora, carregando uma bolsa tipo carteiro. Ele estava vestido de maneira um tanto informal, com calças cáqui, uma jaqueta esportiva e um par de

sandálias com meias. No início, achei que era um desses mensageiros de bicicletas, mas, em vez de me entregar uma encomenda, ele fez uma reverência profunda. Isso me pegou de surpresa. Foi um gesto muito formal, em contraste com as roupas casuais dele, e não existe o hábito da troca de reverências na Universidade de Stanford.

“Professor”, ele começou, falando um inglês lento e cuidadoso, “eu lamento muitíssimo por incomodá-lo dessa maneira”. E, me estendendo um cartão de visitas, curvou o corpo novamente. O cartão o identificava como Haruki Yasutani, engenheiro de computação de uma das empresas de TI que cresciam aceleradamente na região. Eu o convidei para entrar e pedi que sentasse.

Num inglês formal, ele me explicou que tinha nascido em Tóquio e, após ser contatado por um serviço de *headhunting*, veio para a Califórnia trabalhar com design de interface homem-máquina. Ele adorava seu trabalho e não tinha nenhum problema com a parte da máquina. A questão, explicou, estava no lado humano. Ele não entendia muito bem os seres humanos, e por isso fora procurar o Departamento de Psicologia de Stanford em busca de ajuda.

Fiquei bastante espantado, mas também curioso. O Vale do Silício é muito diferente de Tóquio, e era de se esperar que ele estivesse enfrentando um choque cultural ou tendo problemas com os novos colegas de trabalho. “De que tipo de ajuda você precisa?”, eu indaguei.

Ele ficou lá sentado com a cabeça baixa, pescando as palavras. Quando ergueu os olhos, vi o sofrimento marcando a sua expressão.

“Eu quero saber: o que é a consciência humana?”

“Ciência humana?”, indaguei, não ouvindo muito bem.

“Não”, ele disse. “Cons-ci-ên-cia. Quando fui buscar no dicionário, vi que a palavra tem origem latina. Que *Con* quer dizer ‘com’ e *ciência* é ‘conhecimento’. *Consciência* então quer dizer ‘com conhecimento’. Com ciência.”

“Eu nunca tinha pensado dessa maneira”, respondi a ele. “Mas certamente você tem razão.”

Ele continuou. “Mas isso não faz sentido.” E sacou um pedaço de papel. “O dicionário diz: ‘Um conhecimento ou senso do que é certo e errado, com uma compulsão para que se faça o certo.’”

Ele estendeu o papel para que eu visse, e o peguei. “Parece uma definição razoável.”

“Mas eu não entendo. Conhecimento e senso não são a mesma coisa. Conhecimento eu posso entender, mas e quanto ao senso? Senso é o mesmo que sentir, ter uma sensação? Consciência é algo que posso aprender e conhecer, afinal, ou é mais uma questão de emoção? Ela está ligada à empatia? É diferente da vergonha? E por que é uma compulsão?”

A expressão no meu rosto deve ter refletido toda a perplexidade que eu estava sentindo, porque ele seguiu tentando explicar.

“Estou achando que, mesmo com toda a minha experiência em engenharia da computação, nunca tive contato com esse tipo de senso, ou sentimento. E isso tem sido prejudicial para o meu trabalho. Por isso vim lhe perguntar: esse sentimento pode ser aprendido? Será que na minha idade não é tarde para aprender?”

A pergunta, ou melhor, a enxurrada de perguntas, que ele trazia era extraordinária. Nós continuamos conversando, até que por fim eu consegui ter um panorama melhor da história. Embora sua empresa atuasse principalmente no desenvolvimento de interfaces para jogos, o Exército americano tinha interesse no grande potencial que a sua pesquisa teria em ser aplicada à tecnologia de armamento semiautônomo. E a preocupação de Harry era que a interface que estava ajudando a criar pudesse ser perfeita demais. Os mesmos elementos que tornavam um jogo de computador divertido e viciante fariam com que fosse fácil e prazeroso conduzir uma missão de bombardeamento em massa. Ele estava tentando descobrir se haveria algum meio de incluir uma consciência no design da interface, algo que pudesse ajudar o usuário despertando o seu senso ético para distinguir entre certo e errado e instigando sua compulsão para fazer o certo.

A história pessoal dele também era muito comovente e trágica. Embora ele tivesse declarado não entender o conceito da consciência humana, fora precisamente a sua própria consciência que o levara a questionar o *status quo*, e era ela que acabaria lhe custando o seu emprego, tempos mais tarde. Eu não preciso ressaltar aqui que a área do design de tecnologia não é um campo neutro em termos de valores e que clientes da área militar e bélica não desejam ver esse tipo de questão levantada, muito menos inserida nos produtos encomendados por eles.

Fiz o que estava ao meu alcance para tranquilizá-lo. O simples fato de ele ter elaborado todos aqueles questionamentos já era um sinal de que a sua consciência estava funcionando perfeitamente bem.

Ele sacudiu a cabeça. “Não”, falou. “Isso não é consciência. É apenas vergonha por conta da minha história, e história é algo que pode ser modificado facilmente.”

Eu não entendi o que ele queria dizer e pedi que explicasse.

“História é algo que nós, japoneses, aprendemos na escola”, ele disse. “Nós estudamos sobre coisas terríveis, como as bombas atômicas que destruíram Hiroshima e Nagasaki. E aprendemos que isso é errado, o que nesse caso é fácil de absorver porque nós, japoneses, fomos as vítimas da situação.”

“Tudo se complica quando vamos estudar casos de atrocidades terríveis cometidas pelo Japão, como na Manchúria. Nessa ocasião, o povo japonês foi responsável pelo genocídio e tortura dos chineses, e portanto nós aprendemos que devemos nos sentir muito envergonhados perante o resto do mundo. Mas acontece que a vergonha não é um sentimento agradável, e há políticos japoneses que vivem tentando mudar os livros didáticos para que esses casos de genocídio e tortura não sejam ensinados às próximas gerações. Modificando a nossa história e a nossa memória, eles tentam apagar toda a nossa vergonha.

“Por isso eu acredito que a vergonha só pode ser diferente da consciência. E, se dizem que nós, japoneses, vivemos numa cultura da vergonha, isso é um sinal de que não somos tão bons no quesito da consciência, talvez? A vergonha é algo que vem de fora, mas a consciência deve ser um sentimento natural que brota do âmago mais profundo de um indivíduo. Dizem também que nós, japoneses, vivemos por tanto tempo sob um regime feudal que não desenvolvemos um senso de individualidade como o que os ocidentais têm. Talvez não seja possível ter uma consciência sem um senso de individualidade. Eu não sei. É isso que está me preocupando.”

É claro que estou reproduzindo aqui com as minhas próprias palavras, lembrando-me como posso de uma conversa afetadamente formal que aconteceu tantos anos atrás. Não recordo que resposta

dei a ele, mas sei que ambas as partes ficaram satisfeitas com a discussão, que evoluiu para outras conversas e por fim para uma amizade. E imagino que você possa entender como esse questionamento da individualidade acabaria levando, entre outras coisas, às discussões sobre vergonha, honra e autoaniquilação, que vinha a ser o tema da carta que chamou a sua atenção. O meu próprio interesse pelas influências culturais no suicídio, embora despertado inicialmente pela prática dos atentados suicidas no Oriente Médio, foi alimentado ao longo dos anos pelas minhas trocas de ideias com o Sr. Yasutani. Ele sempre reafirmava que, no Japão, o suicídio era primeiramente um ato estético, não moral, desencadeado por um sentimento de honra ou vergonha. Como talvez você saiba, o tio dele foi um herói da Segunda Guerra Mundial, um piloto Tokkotai que morreu numa missão camicase no Pacífico.

“A minha avó sofreu tanto”, Harry me contou. “Se o avião do meu tio tivesse uma consciência, talvez não tivesse feito aquele ataque. E a mesma coisa vale para o *Enola Gay*, talvez o ataque a Hiroshima e Nagasaki nunca tivesse existido. Mas naquela época, é claro, não havia tecnologia suficiente para fazer uma coisa dessa. Hoje, sim, seria possível.”

Ele ficou sentado com a coluna perfeitamente ereta, estudando as mãos pousadas no colo. “Sei que é uma ideia idiota projetar uma arma que vá se recusar a matar”, falou. “Mas talvez eu pudesse deixar o ato de matar não tão prazeroso.”

Mais para o final de sua estadia no Vale, o Sr. Yasutani começou a ter problemas com seus empregadores, que não estavam dispostos a sacrificar suas boas relações com os militares e os investidores por conta dos dilemas de consciência de um funcionário japonês. Eles lhe pediram que evitasse levar a sua linha de pesquisa por aquele caminho, mas ele se recusou a ceder. E acabou cortado da sua equipe de projetos. Ele foi ficando cada vez mais ansioso, depressivo, e, como eu não atendo clinicamente, recomendei que procurasse um amigo meu. Pouco depois, a empresa optou por demiti-lo.

Isso deve ter sido em março do ano 2000, porque menos de um mês depois, em abril, a bolha da internet estourou e veio a quebra da Nasdaq. Ele apareceu para conversar comigo e me contou que havia investido a maior parte das economias da família em ações da empresa, e assim perdera tudo. Não era um homem que soubesse ser prático. Em agosto desse mesmo ano, eles se mudaram de volta para o Japão e passei um tempo sem ter mais notícias.

No ano seguinte, decidi disponibilizar parte da minha pesquisa na internet e criei o website. Poucos meses mais tarde, recebi um e-mail de Harry, que continha aquele trecho que você leu. O texto era um pedido de ajuda belo, comovente, e nós nos falamos regularmente por e-mail e telefone durante os vários meses seguintes. Foi nesse período que eu perguntei a ele se podia publicar as suas palavras no site, e ele me disse que, se eu achava que elas ajudariam outras pessoas, tinha a sua permissão. Eu senti que ele estava precisando muito de ajuda profissional e cheguei a lhe indicar os nomes de alguns psicólogos clínicos em Tóquio. Mas não sei se ele procurou algum. Desconfio que não.

Depois dos ataques do 11 de Setembro, eu perdi o contato com ele. Foi uma época movimentada, já que os acontecimentos que sacudiram o mundo despertaram o interesse da mídia pela minha pesquisa. Lembro que ainda chegamos a nos corresponder uma vez alguns anos depois disso, mas por volta dessa época um vírus atacou meu computador e boa parte dos meus arquivos de e-mail, incluindo toda a correspondência neles, foi perdida. Eu quis fazer contato depois do terremoto e do tsunami, mas acabei descobrindo que não tinha mais o seu endereço eletrônico. Busquei consolo na certeza de que ele e sua família moravam longe da região de Sendai. Agora, entretanto, depois

de ter recebido a sua mensagem, me sinto impelido a tentar novamente descobrir o paradeiro deles.

Você mencionou a existência de cartas além do diário que pertenceria à filha. Caso contenham qualquer informação que possa me ajudar a localizar o Sr. Yasutani e a família, eu agradeceria se pudesse partilhá-las comigo. Gostaria de perguntar também que motivo a fez ficar preocupada com o bem-estar da menina. Sua mensagem fala em certa urgência. Por que a urgência?

Por fim, fiquei interessado também em saber como o diário e as cartas foram parar nas suas mãos, mas talvez essa seja uma história para um outro momento.

Por falar em histórias, você está escrevendo um novo livro, então? Eu farei questão de ler quando for lançado, já que gostei tanto do seu último trabalho.

Cordialmente,
etc.

2.

Depois de passar os olhos rapidamente pela mensagem, ela tratou de responder na mesma hora, descrevendo como havia encontrado o diário no meio das algas, sua teoria de que ele talvez tenha sido levado pelo tsunami e o seu insucesso até ali de encontrar alguma prova que corroborasse essa teoria ou que, pelo menos, explicasse de outra forma como o saco plástico foi parar na praia. Ela resumiu também, brevemente, os trechos do diário de Nao que haviam despertado a sua preocupação: as descrições do precário estado de saúde mental em que o pai se encontrava, as tentativas de suicídio e a decisão tomada por ela própria de se matar também. Ruth explicou que não conseguia deixar de sentir uma ligação muito forte, quase cármica, com aquela menina e o seu pai. O diário fora parar no litoral da sua casa, afinal. Se Nao e o pai estavam numa situação difícil, ela queria ajudá-los.

Concluiu mencionando o artigo sobre os qubits na *New Science*, que Oliver havia encontrado e que citava um certo H. Yasudani, sobre quem ela tentara encontrar qualquer informação sem sucesso. Ela apertou o botão para enviar a mensagem e se recostou na cadeira, saboreando a onda simultânea de alívio e empolgação. Era isso, afinal. A confirmação que tanto havia esperado. Nao e a família dela existiam de verdade!

Ruth se pôs de pé, alongou os músculos e atravessou o corredor até o escritório de Oliver. Ele estava sentado, com os fones antirruído pregados aos ouvidos. A cadeira do copiloto jazia sem ninguém a seu lado.

– Cadê o Pesto? – ela indagou, abanando uma das mãos para chamar a

atenção dele.

Oliver tirou os fones e olhou para a cadeira sem gato.

– Ele não apareceu por aqui o dia todo – disse, taciturno.

Eles haviam feito as pazes durante o café da manhã. Ruth pediu desculpas outra vez por tê-lo chamado de fracassado, e ele se desculpou por ter dito que ela era uma doente, mas ainda pairava um clima tenso no ar. Às vezes o gato, captando a atmosfera pesada, preferia ficar afastado. Ruth havia sentido o mesmo peso, e justamente por isso decidira atravessar o corredor para dar a ele a boa notícia sobre a mensagem do professor. Mas agora, olhando para o jeito como os seus ombros estavam caídos, ela hesitou.

– O que aconteceu? – ela quis saber.

– Ah – foi a resposta dele. – Nada. É só que eu estava com um lote inteiro de mudas de ginkgo prontas para serem plantadas, mas não consegui permissão do conselho local. Estão dizendo que a espécie é potencialmente invasiva. – Ele tirou os óculos e esfregou as mãos no rosto. Oliver tinha um carinho especial pelo *G. biloba*. – É loucura. Essa árvore é um fóssil vivo. Ela tem sobrevivido ao risco de extinção há centenas de milhões de anos. Sua população inteira foi dizimada, tirando uns pouquíssimos espécimes que conseguiram resistir numa área pequena da China central. E agora um carregamento inteiro de mudas vai morrer ali na nossa varanda se eu não puder levá-las para a terra depressa.

Aquele tom de desalento não era típico de Oliver, e nem o uso de tintas tão fortes para descrever um problema relativamente pequeno. Ele devia estar aborrecido por causa do gato.

– Não tem como fazer um canteiro provisório aqui na nossa propriedade?

Ele soltou um suspiro pesado, fitando as mãos vazias no colo.

– É, vou fazer isso. Só não acho que está mais valendo a pena me incomodar tanto. De que adianta? Ninguém entende o que estou tentando fazer...

Ele devia estar muito aborrecido mesmo por causa do gato. Ruth tomou a decisão de guardar a notícia da mensagem para mais tarde, mas, quando estava se virando para ir embora, ele ergueu os olhos.

– Você queria me dizer alguma coisa?

E então ela lhe contou. Relatou tudo o que Leistiko havia escrito, a revelação surpreendente de que o pai de Nao era um sujeito atormentado por dilemas éticos e que fora demitido por causa das suas crenças, e depois resumiu a resposta que enviara ao professor, mas interrompeu o fluxo da sua fala quando percebeu a expressão de Oliver.

– Que foi? – interpelou. – Você está me olhando de um jeito esquisito. Qual é

o problema?

– Você disse a ele que a questão era urgente?

– Claro que sim. A garota é suicida. E o pai dela também. O diário inteiro é um grande pedido de ajuda. Portanto, foi isso mesmo que eu disse. Urgente. Foi o termo que me pareceu mais adequado. – Ela ouvia a estridência defensiva na própria voz, mas não estava conseguindo se segurar. – Seu olhar continua estranho.

– Bem...

– Bem o quê?

– Bem, você não está dizendo coisa com coisa. Não é como se a história toda estivesse acontecendo agora, é?

– Como assim? O que você está querendo dizer?

– Faça as contas. O estouro da bolha da internet aconteceu em março de 2000. O pai foi demitido, eles voltaram a morar no Japão, alguns anos se passaram. Nao estava com 16 anos quando começou a escrever o diário. Mas isso foi mais de dez anos atrás, e nós sabemos que o diário também passou uns bons anos flutuando no mar. O que eu estava querendo dizer era que, se ela ia se matar, provavelmente já fez isso há muito tempo, você não acha? E, se no final não se matou, agora já é uma mulher de quase 30 anos. Eu só fiquei pensando se *urgente* seria mesmo a melhor maneira de descrever a questão.

Ruth sentiu o chão adernar. Ela apoiou a mão na maçaneta da porta para firmar o corpo.

– O que você tem?

– Nada – ela disse, engolindo em seco com força. – Eu... Claro, você tem razão. Idiota. Eu só... me esqueci. – Ela sentiu as bochechas arderem, e uma sensação de formigamento por dentro do nariz como se estivesse a ponto de espirrar ou cair no choro.

– Você se esqueceu? – ele repetiu. – Está falando sério?

Ela fez que sim com a cabeça, já recuando para sair. Sua vontade era de fugir e se esconder em algum lugar.

– Caramba – fez Oliver. – Que maluquice.

Ela deu meia-volta, atravessou o corredor e seguiu na direção do andar de baixo.

– Eu não quis dizer que *você* é maluca – continuou ele, para as costas dela.

Ruth não chegou a ir muito longe. Só até o quarto. Enfiou-se na cama, puxou as cobertas até o nariz e ficou deitada lá, com a respiração acelerada. Do lado de fora, os bambus tamborilavam contra a vidraça da janela. Hastes altas de samambaia haviam crescido até ali. As varas dos bambus, entremeadas por galhos espinhentos de roseiras, tapavam boa parte da luz. Ela ficou olhando para a vegetação emaranhada e pensando no e-mail que acabara de enviar ao professor. Sentiu o sangue subir todo para o rosto. Como pôde ser tão idiota?

Não que tivesse exatamente se esquecido. O problema fora mais uma espécie de deslize. Sempre que estava escrevendo um romance, vivendo embrenhada nas profundezas do seu mundo ficcional, os dias do lado de fora se embolavam, semanas inteiras, meses ou mesmo anos ficavam largados ao sabor das idas e vindas do sonho. Contas jaziam sem pagamento, e-mails sem resposta, ligações não retornadas. A ficção tinha o seu próprio tempo e sua própria lógica. E aí estava o seu grande poder. Mas a mensagem que ela acabara de escrever para o professor não era ficção. Era parte do mundo real, assim como era real o diário.

Oliver bateu na porta. Depois abriu só uma fresta.

– Posso entrar? – Ela assentiu. Ele caminhou até junto da cama. – Está tudo bem? – perguntou, examinando seu rosto.

– Eu me confundi – ela disse. – Na minha cabeça, ela continua com 16 anos. Sempre vai ter 16 anos.

Oliver se sentou na beirada do colchão e pousou a mão na testa dela.

– O eterno agora – ele disse. – Ela queria capturá-lo, você lembra? Conseguir agarrar o agora. Essa era toda a motivação.

– Para escrever?

– Ou para o suicídio.

– Eu sempre pensei na escrita como o oposto do suicídio – ela disse. – Escrever tinha a ver com imortalidade. Com derrotar a morte, ou pelo menos conseguir evitá-la.

– Como a Scheherazade?

– Isso – ela confirmou. – Contando histórias para adiar a própria execução...

– Só que a sentença de morte da Nao era autoimposta.

– E será que chegou a se cumprir?

– Continue a leitura – Oliver disse. – Você só vai descobrir no final.

– Ou não... – Ela ficou pensando em como se sentiria caso nunca viesse a saber. Nada bem. Então lhe ocorreu uma outra coisa.

– Ei! – exclamou, sentando-se na cama. – Ela não sabe!

– Não sabe do quê?

– Do motivo para a demissão do pai! Ela nunca soube que ele estava sofrendo um dilema de consciência. Nós temos que...

Pronto. Tinha acontecido mais uma vez. Ela deixou o corpo cair novamente sobre o travesseiro. Pelo menos dessa vez se dera conta logo.

– É tarde demais – falou numa voz sombria.

– Tarde demais para quê?

– Para ajudar Nao. De que adianta, então? O diário é só um passatempo. Que diferença vai fazer se eu terminar de ler ou não?

Oliver encolheu os ombros.

– Nenhuma, provavelmente. Mas mesmo assim você precisa terminar. Ela escreveu a história até o fim, e você deve isso à menina. Foi o combinado. E, além do mais, eu quero saber o que acontece.

Ele se levantou e deu meia-volta para sair. Ela estendeu o braço para pegar a sua mão.

– Eu sou maluca? – perguntou. – Às vezes sinto que sou.

– Talvez – ele disse, esfregando a testa de Ruth. – Mas não se preocupe com isso. Você tem que ter um pouco de maluquice. É o preço que se paga pela imaginação fértil. Esse é o seu superpoder. O acesso ao mundo do sonho. É uma coisa boa, não ruim.

O telefone começou a tocar e ele se encaminhou para atender, mas antes deu uma paradinha no vão da porta.

– Eu estou bem preocupado com o Pesto.

4.

Benoit estava sentado numa poltrona puída diante do fogão a lenha, fumando enquanto fitava as chamas. Ele ergueu o rosto quando ouviu Ruth entrar. Os olhos estavam vermelhos como se tivessem chorado, e ele havia bebido, também. O aroma enjoativo do uísque canadense se misturava ao cheiro de cigarro, fumaça da lenha e meias úmidas.

Sua esposa estava parada à entrada da sala. Ela não tinha um ar muito satisfeito. Fora a esposa que havia telefonado, e Oliver falara com ela. A tradução do diário francês estava concluída, ela avisou. Será que Ruth poderia passar para buscar os papéis ainda naquela noite? Oliver encerrou a ligação, pôs a motosserra na caçamba da picape e se ofereceu para dirigir. O vento estava aumentando, e as árvores mais altas já haviam começado a oscilar. Era

outra tempestade a caminho, vindo na direção deles.

Benoit estendeu um maço com uns vinte papéis de caderno pautado, que ficaram tremendo na sua mão.

– Le mal de vivre – ele disse. – Você tinha me perguntado o que significava. Pois é *isto aqui* que significa. Maldade, tristeza, sofrimento. Como pode caber tanta dor no mundo?

Ruth pegou os papéis.

– Obrigada – disse, olhando de relance as páginas traduzidas.

– Leve isto também. – Ele lhe estendeu o magro caderno de redação, embrulhado em seu papel encerado.

– Eu fico muito agradecida... – começou ela, mas ele sacudiu a cabeça e voltou a pregar os olhos nas chamas.

A esposa então se aproximou e tocou o braço de Ruth. Ela a conduziu para longe da sala e até a porta da casa.

– Ele estava bebendo.

Ruth não sabia o que dizer.

– Eu sinto muito...

A expressão da esposa suavizou um pouco.

– A culpa não é só sua – explicou ela, baixando a voz. – O cachorrinho dele foi estraçalhado pelos lobos ontem à noite. Puseram uma cadela no caminho, e ele foi atrás. Cão idiota. A alcateia o esperou no fundo de uma ravina. Caíram em cima dele e o mataram na hora. Despedaçaram e devoraram o corpo. – Ela virou o rosto para a sala, onde o marido continuava sentado. – Ele viu tudo acontecer. Chamou pelo cachorro, tentou ir atrás, mas não conseguiu chegar a tempo. É um homem grande. Lento demais. Só tinham sobrado uns tufos de pelo quando achou o lugar. E ele amava aquele cachorro. – Ela abriu a porta e inclinou a cabeça para o lado, escutando. – Agora vá. O vento está aumentando. Essa vai ser das grandes.

O diário francês secreto de Haruki nº 1

1.

10 de dezembro de 1943 – Nós dormimos todos juntos num quarto espaçoso, os membros do esquadrão e eu, deitados em fileiras como peixes postos para secar. É só quando a lua está quase cheia e o céu fica bem claro que tenho luz suficiente para escrever. Pego então estas páginas de dentro do forro do meu uniforme, onde ficam escondidas, e tenho que tomar cuidado para o papel não farfalhar. Desatarraxo a tampa da minha caneta tinteiro, sempre com medo de que a tinta seque e não seja suficiente para todos os meus pensamentos. Meus últimos pensamentos, racionados em gotas de tinta.

Eles nos instruíram a fazer um diário sobre o dia a dia do treinamento e os nossos sentimentos à medida que nos aproximamos da morte certa, mas um dos recrutas me avisou que, sem nenhum aviso, os oficiais inspecionam esses diários e também as nossas cartas, então eu deveria tomar cuidado para não expor meus pensamentos verdadeiros. Como enfrentar o infortúnio da hipocrisia não estava nos meus planos, decidi que escreveria dois registros: um para constar oficialmente e este escondido para contar a verdade para a senhora, mesmo não tendo esperanças de que um dia vá chegar às suas mãos. E eu escreverei em francês, ma chère Maman, seguindo o bom exemplo da sua amada Kanno-san, que continuou obstinadamente com suas aulas de inglês até o instante em que foi levada à forca. Assim como ela, nós devemos seguir nos aprimorando com nossos estudos mesmo quando a civilização desmorona à nossa volta.

2.

Cerre os dentes. Morda com força!, ordena nosso comandante, le Marquis de F. Ele soca o rosto de K. com o punho fechado até seus joelhos cederem, e depois que ele cai no chão começa a chutá-lo. Na semana passada, F. lhe esmagou dois

dentes, mas K. fez como se não sentisse nada, piscando os olhos e sorrindo aquele seu sorriso sobrenatural enquanto o sangue escorria da sua boca.

K. é meu superior no Departamento de Filosofia e tenho uma obrigação para com ele. Ontem, quando o espancamento começou a ficar especialmente violento, eu me meti na frente dele para tomar os golpes no seu lugar. O Marquis de F. adorou. Ele me socou dos dois lados do rosto e bateu também com o salto da bota. Depois que tudo terminou, a parte de dentro da minha boca parecia carne moída, e até mesmo um único golinho de missô era capaz de me deixar com lágrimas nos olhos. O sal nas feridas arde demais.

Chère Maman, este caderno fica embrulhado num oleado e escondido debaixo do arroz, no fundo da minha marmita. Tentarei arrumar um jeito de fazê-lo chegar às suas mãos antes de morrer. Não posso lhe escrever francamente nas minhas cartas, mas a esperança de que um dia a senhora saiba a verdade sobre este linchamento imbecil é o que me conforta. Eles podem bater como quiserem no meu corpo; enquanto eu tiver essa esperança, serei capaz de suportar qualquer dor.

3.

Ontem à noite, durante as brincadeiras no alojamento, eu pude sentir uma mudança em K. enquanto ele assistia à minha humilhação. Quando, por ordem de le Marquis, fui me agachar atrás do suporte dos rifles, passando os braços pelas aberturas para acenar sedutoramente como uma dama da noite, vi K. virar o rosto pela primeira vez, como se me ver daquele jeito fosse demais para ele suportar.

Le Marquis, tendo notado essa reação, talvez, mandou que eu repetisse aquilo sem parar. Ele também me dá falas. *Oi, soldado*, eu chamo. Como um diretor, um auteur, ele observa a minha performance com a cabeça inclinada para o lado. E manda que eu faça uma voz mais aguda e mais doce. Há uma certa seriedade, quase uma inocência, nessa sua atenção concentrada. *Venha aqui dentro brincar comigo?*, convido, e não demora para ele aceitar. As brincadeiras seguem até bem depois da última sirene, que anuncia o apagar das luzes. À noite, às vezes escuto o choro de K.

Tu marches sur des morts, Beauté, dont tu te moques;
De tes bijoux l’Horreur n’est pas le moins charmant...[148]

Baudelaire então sabia sobre tudo isto, Maman? Serão estas as pétalas negras das fleurs du mal?

4.

A canção do rouxinol é uma música linda. Nunca mais vou conseguir ouvi-la sem pensar em F. e sem querer matá-lo. Nós ouvimos histórias contadas aos sussurros sobre oficiais detestados, mortos pelas costas ou espancados até a morte por suas próprias tropas em meio à confusão da batalha. Estou contando os golpes que recebo do Marquis. E hei de devolver um por um a ele algum dia. Hoje à noite a contagem chegou a 267.

Eu não me importo de morrer. Nós todos compreendemos que a morte é o único desfecho para a nossa história. Só espero que não morra antes de provar o doce sabor da minha vingança.

5.

Não faz sentido. Não faz sentido. K. escapou ao amanhecer, e depois nos disseram que ele cometeu suicídio se atirando em frente a um trem de carga. Mas um homem que viu seu corpo me contou que ele levou um tiro pelas costas. Naquela noite, encontrei o seu exemplar surrado do *Shōbōgenzō*, do mestre Dōgen, enfiado no meio das minhas coisas. Fico deitado, ansiando pelas lágrimas quentes que costumava chorar, mas o meu coração se congelou. Eu estou congelado, por dentro e por fora. Deixei de sentir. Até mesmo os golpes do Marquis deixaram de surtir efeito e não despertam mais a minha raiva. Eles são como torpedos que erram o alvo. Num dado momento da minha vida, cheguei a aprender a pensar. Eu sabia como sentir. Na guerra, essas são lições que é melhor esquecer.

6.

Durante a sua visita, Maman, eu pretendia arrumar um jeito de lhe entregar este diário, mas sua expressão chocada ao ver o meu rosto me fez mudar de ideia. Eu menti ao dizer que os hematomas eram resultado de um acidente normal durante o treinamento. Não acho que a senhora tenha acreditado, mas, naquele momento, a mentira inviabilizou a ideia de lhe entregar estes textos com a

descrição tão detalhada e autoindulgente do que é a rotina e as crueldades banais na vida militar. Assim, como resultado da minha falta de autocontrole e resistência mental, aqui estou eu novamente, escrevendo sozinho à luz da lua. Apesar disso, não me arrependo de ter mentido. Eu seria capaz de qualquer coisa para poupá-la de um sofrimento ainda maior.

E a verdade é que meus sentimentos com relação ao Marquis começaram a se transformar. No início, eu sentia medo quando ele me batia, e não me importo de admitir isso. Como eu poderia não sentir? Nunca havia sido espancado! Poucos garotos tiveram a sorte que eu tive de serem conduzidos à condição de homens apenas com as palavras mais suaves e agradáveis aos ouvidos, apenas com os carinhos mais gentis, por uma mãe que nos protegia de toda a dureza e feiura que havia no mundo. Eu era um menino mimado, sem nenhum preparo para lidar com a crueldade, e talvez dito assim possa parecer que estou reclamando, mas não se trata disso em absoluto! Não pense que culpo a senhora. Fico com medo de parecer o filho mais ingrato do mundo, quando na verdade sou o oposto disso. Hoje me sinto mais grato do que nunca pela maneira como a senhora nos criou, ensinando-nos o valor da bondade, da educação, do pensamento autônomo e dos ideais de liberdade em face ao fascismo que está tomando conta do nosso país. Hoje, o mais cruel dos castigos não consegue arrancar lágrimas dos meus olhos, mas pensar nas provações que a senhora enfrentou por conta dos seus ideais me faz chorar feito um bebê.

Pronto, agora as páginas estão tão ensopadas de lágrimas que mal consigo distinguir as palavras. O papel é um bem precioso aqui, embora estas palavras não sejam dignas do papel e da tinta usados para escrevê-las.

Onde eu estava? Ah, sim. Estava lhe contando sobre a transformação dos sentimentos que tenho em relação a F. Depois das primeiras semanas de castigo e treinamento, comecei a perceber que o medo e a autocomiseração iniciais estavam se transformando em ressentimento, e logo o ressentimento se tornou revolta. Quando o ouvia chamar o meu nome, em vez de ansiedade, eu era tomado por uma onda fervente de agitação que percorria o meu corpo feito uma droga e tinha que fazer um esforço para manter os olhos baixos, pois tinha certeza de que, se fitasse aquele rosto desprezível, ele enxergaria a chama ardente da raiva nos meus olhos. E a ira me assustava mais do que o medo que eu sentia antes.

Mas, de um tempo para cá, o sentimento mudou novamente. Semana passada, ele me chamou por conta de alguma infração boba – talvez eu tivesse

derrubado um grão de arroz quando fui servir o seu prato, ou deixado uma mancha de poeira nos seus sapatos, ou talvez ele simplesmente estivesse sofrendo de indigestão ou não tivesse dormido bem naquela noite. Não lembro o que motivou o chamado, mas ele mandou que eu me ajoelhasse no chão com as mãos presas embaixo das coxas e começou a bater com o cinto no meu rosto e no meu corpo.

Normalmente, eu procuraria manter os olhos baixos, observando um ponto fixo no chão até que eles começassem a inchar ou se encher de sangue e eu não visse mais nada, mas nesse dia, por algum motivo, ergui o rosto. Eu olhei para F., bem nos olhos dele, violando a regra de que não devemos nunca fazer contato visual com nossos superiores. E no momento em que fiz isso, por estranho que pareça, senti meu coração amolecer. Eu sei que soa esquisito, mas foi isso que aconteceu. Pela primeira vez, vi a febre nos olhos juntos dele, vi o brilho do suor na sua fronte, e fui tomado por uma sensação de pena. E mesmo depois de uma dúzia de golpes, eu me vi capaz de perdoá-lo, de coração. É claro que estrategicamente foi uma decisão péssima, porque o olhar firme e a desobediência só o deixaram com mais raiva, e os doze golpes se transformaram em vinte, depois trinta. Quando perdi a consciência, também perdi a conta. Em algum momento, a surra finalmente deve ter terminado. Alguém deve ter me carregado de volta para o alojamento e ajeitado um cobertor em cima de mim. Quando despertei, meu corpo devia estar doendo, mas eu não conseguia sentir a dor. Em vez dela, me vi envolvido numa sensação calorosa de paz, a paz que vem da consciência do seu poder interior.

Essa mesma sensação, creio eu, era a origem do sorriso que me lembro de ver no rosto de K. enquanto ele apanhava, antes de eu entrar na frente para receber os golpes no seu lugar. Ele era capaz de tolerar a dor em si mesmo, mas a minha dor, sofrida por ele, foi mais do que K. conseguiu aguentar. Ainda me atormenta pensar que posso ter sido o responsável pela sua morte, mas, neste mundo de causas e efeitos tão emaranhados, seria impossível saber ao certo.

Desde essa última vez, embora tenham acontecido mais uma ou duas sessões de castigos, a impressão que eu tenho é de que F. se cansou de mim também, ou talvez esteja com medo. Posso estar imaginando coisas, mas ele não parece mais tão envolvido com o que está fazendo.

Será que eu deveria me sentir grato a ele? Agora que perdi a conta do número de golpes que recebi, eu também já não penso mais em revidá-los. Talvez isso seja um sinal de que deixei para trás esse tipo de criancice. Talvez eu tenha me graduado, e agora finalmente seja um homem.

7.

3 de agosto de 1944 – Aqui vai o que eu não pude dizer na minha carta. Os boatos não param de circular, Maman. A guerra não está indo nada bem. Nossas tropas bateram em retirada do norte da Birmânia, e os americanos já desembarcaram em Guam. Se continuarmos nesse ritmo, pode ser que haja uma invasão dos Estados Unidos no Japão, e a mobilização da nossa tropa seria a última tentativa de controlar as coisas. Fiquei muito abalado com seu relato sobre a visita da polícia militar, e minha preocupação é que a senhora se torne um alvo por conta do seu ativismo político. Peço que, por favor, tente ser cuidadosa. E gostaria que a senhora considerasse a ideia de se refugiar no interior com as minhas irmãs.

8.

Eu já lhe escrevi sobre a minha decisão de morrer. Pois aqui vai a parte que não contei. Dos meus dois lados, enquanto escrevo, meus companheiros de tropa suspiram e gemem no seu sono inquieto, lá fora os insetos gritam, mas o único som que eu consigo ouvir agora é o tiquetaquear do relógio. Segundo a segundo, minuto a minuto... tique-taque, tique-taque... as batidas pequenas e secas preenchem cada brecha de silêncio que há. Escrevo estas palavras nas sombras. Escrevo à luz do luar, forçando meus ouvidos a irem além do som frio e mecânico do relógio para abraçar os ruídos quentes e vivos da noite, mas todo o meu ser está em sintonia com apenas uma coisa: o ritmo incessante do tempo que marcha na direção da minha morte.

Ah, se eu pudesse esmagar o relógio e deter o tempo! Acabar com essa máquina infernal! Espatifar a face impassível e arrancar aqueles malditos ponteiros do seu torturante eixo limitador! Quase posso sentir o corpo robusto de metal amassando sob as minhas mãos, o vidro partindo, a caixa se abrindo para deixar meus dedos puxarem molas e engrenagens delicadas lá de dentro. Mas não, não adianta, não há como parar o tempo, e então eu fico deitado aqui, paralisado, ouvindo o tiquetaquear dos meus últimos momentos de vida.

Eu não quero morrer, Maman! Eu não quero morrer!

Eu não quero morrer.

*

Desculpa. Eu só estava falando com a lua.

*

Tonto. E pensar na quantidade de tinta que gasto nesses arroubos inúteis, esmagando mentalmente relógios, gritando com a voz da minha imaginação. Esqueça o relógio. Ele não tem poder sobre o tempo. Mas as palavras têm, e agora me vejo tentado a rasgar estas páginas. É assim que desejo ser lembrado? Por estas palavras? Pela senhora?

Mas não, eu as deixarei aqui por enquanto, já que elas nunca chegarão às suas mãos mesmo. Escrevo estas linhas em benefício de mim mesmo, para conseguir conjurar mentalmente a sua presença. Elas se destinam apenas a mim.

"Estudar o caminho é estudar a si próprio", Dōgen disse. Eu estou empenhado em praticar o zazen e estudar meticulosamente cada pensamento e sentimento que me ocorrer, como um cientista dissecaria um cadáver, para evoluir o quanto puder nestas poucas semanas que me restam. Estou empenhado em me revelar para a senhora, mesmo que nunca vá ler estas palavras. Rasgar estas páginas não arrancaria a covardia do meu coração, da mesma maneira que arrancar os ponteiros de um mostrador de relógio nunca vai parar o tempo.

A verdade é que sou um dos mais afortunados. Eu recebi educação, minha mente foi treinada. Tenho a capacidade de refletir a respeito das coisas.

"Filosofar é aprender a morrer."

Assim escreveu Montaigne, parafraseando Cícero, embora o pensamento na verdade estivesse longe de ser inovador – a ideia remete a Sócrates, no Ocidente, e a Buda, no Oriente... embora certamente as noções quanto ao significado de "filosofar" devam ser diferentes em uma cultura e em outra.

"Estudar o caminho é estudar a si próprio. Estudar a si próprio é esquecer-se de si próprio. Esquecer-se de si próprio é tornar-se iluminado por toda a miríade do Universo."

*

Eu mencionei, numa das cartas à senhora, os meus pensamentos extravagantes sobre a Guerra dos Corvos de Miyazawa, e agora me sinto tolo por ter feito

isso. Estou longe de ser um Capitão Corvo alçando voo para ir à batalha! Mas é verdade também que não posso negar meu amor pelo ato de voar. E por mais tola que possa parecer, a história ficou na minha cabeça, e mais tarde me peguei pensando na cena em que o Capitão Corvo está enterrando um inimigo morto e faz uma oração para as estrelas. A senhora se lembra dessa passagem? Ela diz mais ou menos assim:

Estrelas Abençoadas, por favor, façam deste mundo um lugar onde nunca mais nós sejamos obrigados a matar um inimigo que não conseguimos odiar. Caso algo assim possa acontecer, eu não reclamarei nem mesmo se tiver meu corpo dilacerado repetidas vezes.

Essas belas palavras são muito verdadeiras, no meu entender, e agora que sei que estou perto do final, elas ganharam um significado ainda mais forte para mim. A lembrança desse trecho na hora do jantar me encheu os olhos de lágrimas. Infelizmente, quando fui limpá-las, eu derrubei uma tigela de picles no chão. Mas a minha nova patente parece garantir uma certa proteção, e o Marquis simplesmente finge que não está vendo essas coisas.

9.

O tempo me parece muito interessante agora que me resta tão pouco dele. Eu pratico o zazen ou corro as contas do juzu pelos dedos, contando com elas e com a minha respiração os momentos que faltam até a hora da morte. Dōgen escreveu em algum lugar sobre o número de instantes que há num estalar de dedos. Eu não lembro o número exato, mas sei que era bem alto e que me pareceu muito aleatório e absurdo, mas imagino que, quando estiver na cabine do piloto, apontando o nariz do avião para o casco de um navio americano, cada instante será muito nítido, puro e distinguível. No instante da morte, espero enfim poder estar inteiramente vivo e consciente.

Dōgen escreveu também que um único instante é tudo de que precisamos para firmar a nossa vontade humana e alcançar a verdade. Eu nunca havia entendido isso antes, porque a minha compreensão do tempo era nebulosa e imprecisa, mas agora, na iminência da morte, dou valor às palavras dele. Tanto a vida quanto a morte se manifestam em cada instante da existência. O nosso corpo humano surge e desaparece instante a instante, e esse emergir e fenecer incessante é o que vivenciamos como tempo e como ser. Eles não são separados. São uma coisa só, e até mesmo numa fração de segundo nós temos a oportunidade de escolher e de direcionar o curso da nossa ação ou para a

obtenção da verdade ou para longe dela. Cada instante é absolutamente crucial para o mundo inteiro.

Quando penso nisso, me encho ao mesmo tempo de alegria e tristeza. Fico alegre pensando nos muitos instantes que emergem e estão disponíveis para que se faça o bem no mundo. Fico triste por todos os instantes mal aproveitados que se acumularam uns sobre os outros e nos conduziram a esta guerra.

No final, então, que tipo de escolha irá emergir em mim? Eu seguirei firme no curso planejado para o meu avião, sabendo que, no instante do contato, o meu corpo explodirá em chamas e matará muitos dos meus ditos inimigos, pessoas que jamais conheci e que não consigo odiar? Ou será que a covardia (ou o que há de melhor na minha natureza humana) tomará as rédeas uma última vez e me fará empurrar de leve o manche para que, escolhendo encerrar minha vida com um afogamento infame e não nas chamas do heroísmo, eu no mesmo instante altere permanentemente o destino dos inimigos a bordo do navio, e também o das suas mães e irmãs, dos seus irmãos, esposas e filhos?

E para que, nessa mesma fração de tempo, o movimento ínfimo da minha mão através do espaço determine também o destino de todos os soldados e cidadãos japoneses que esses mesmos americanos (os inimigos, cujas vidas eu terei salvo) ficarão vivos para matar. E assim por diante, indefinidamente, ao ponto de podermos dizer até mesmo que o resultado final desta guerra será decidido por um único instante e um milímetro, a representação física e manifesta da minha vontade. Mas como eu poderei saber?

Puxa, como ficamos pomposos diante da morte! Mas não tenho nenhum interesse em ser um Herói. No seu *Sein und Zeit*, Martin Heidegger discorre sobre esse conceito do Herói no contexto de uma discussão autêntica da temporalidade, historicidade e do Estar-No-Mundo, e muito embora em outros tempos eu fosse me debruçar diligentemente sobre uma análise heideggeriana do meu apuro atual, hoje tenho encontrado satisfação maior no zen Dōgen e nas minhas próprias tradições japonesas, o que talvez sirva apenas para comprovar que M.H. estava com a razão. “A linguagem é a morada do ser”, ele escreveu certa vez, e Dōgen (que era ele mesmo um homem das palavras!) sem dúvida teria concordado. Mas os meandros teutonicamente tortuosos de M.H. me parecem por demais exaustivos no estado de agitação em que me encontro, e minha atração pende mais para as salas quietas e vazias de Dōgen. Nas entrelinhas das palavras, Dōgen conhecia os silêncios.

*

As cerejeiras aqui da base já floresceram e perderam suas flores, e eu continuo esperando para ter o mesmo destino.

*

“Amanhã eu morrerei na batalha”, disse o Capitão Corvo.

Montaigne escreveu que a morte em si mesma não é nada. É apenas o medo que sentimos da morte que faz com que ela nos pareça importante. Se eu estou com medo? Certamente, mas ainda assim...

“Que sais-je?”, indagava Montaigne. A resposta é nada. A verdade é que não sei nada.

Ainda assim, à noite me deito na cama e vou passando as contas, uma para cada coisa que amo no mundo, e passando e passando, num círculo que jamais termina.

10.

Nós chegamos ontem a Kyushu. Dois veteranos da Ofensiva Chinesa, que haviam sido dispensados e depois reconvocados para servir novamente, foram designados para o nosso esquadrão. São homens calejados, rudes e longilíneos, com um brilho nos olhos de quem já viu o mal, e até mesmo F. fica nervoso na presença dos dois. O clima no alojamento mudou no instante em que eles chegaram. Ontem, após o jantar, os dois se sentaram conosco, cercados pelos rostos jovens dos recrutas estudantes recém-chegados, palitando os dentes e contando casos do tempo que serviram na província de Shandong.

Lembrar os relatos deles me dá engulhos agora, a maneira como riam ao falar das velhinhas chinesas que encontraram escondidas numa choupana com os netos pequenos. Uma a uma, eles foram puxando aquelas mulheres para o meio da cabana e violentando-as, e depois que terminaram usaram suas baionetas para mutilar seus genitais. Ainda rindo, eles imitaram o jeito patético como elas imploraram que tivessem piedade com os seus netos. Um a um, eles foram jogando os bebês para o alto e atravessando seus corpos com as baionetas.

E como seus olhos brilhavam enquanto eles descreviam os homens chineses que penduraram de cabeça para baixo, como se fossem pedaços de carne sobre fogueiras acesas, para então verem as peles se descolando dos corpos ainda com vida e os braços dançando no ar feito tentáculos de uma lula na grelha.

Depois que os homens morriam, seus corpos calcinados eram esquartejados e jogados aos cães.

E a maneira como nos olhavam de soslaio ao derramarem as histórias dos jovens recrutas japoneses, rapazes inexperientes como eu e K., que recebiam ordens para treinar o manejo da baioneta em prisioneiros chineses vivos, a fim de atiçarem o seu espírito de luta. Os prisioneiros eram amarrados em estacas, com alvos desenhados sobre o peito. "Espetem em toda parte menos aqui", ordenavam os oficiais, apontando para os círculos do alvo. A ideia era que os prisioneiros continuassem vivos pelo maior tempo possível, e os meninos soldados tremiam tanto que as baionetas sacudiam no ar, e chegavam a defecar nas próprias calças. Os nossos dois bravos soldados riam, relatando todo esse terror. Ao fim do treinamento, afirmavam eles, depois que os prisioneiros estavam mortos, com os corpos dilacerados e escorrendo sangue, aqueles meninos japoneses estavam transformados em homens.

Esses atos eram descritos da mesma maneira que praticados por eles, sem vergonha nenhuma. Estavam apenas cumprindo ordens, diziam, para ensinar aos chineses uma lição, e por isso conduziam massacres diante de povoados inteiros, diante dos olhos dos filhos, pais, vizinhos e amigos das vítimas. E ao nos relatar tudo isso, também estavam nos ensinando uma lição, para assim nos deixar mais duros e acostumados com o que estaria por vir.

"*Chacun appelle barbarie ce qui n'est pas de son usage*", escreveu Montaigne. "Todos chamam de barbárie aquilo a que não estão acostumados."

Felizmente, eu não viverei tempo suficiente para me acostumar, e de certa forma me sinto até grato a esses dois demônios: a dimensão da sua monstruosidade lança uma nova luz sobre a pequenez do meu sofrimento pessoal. Eu estou profundamente envergonhado por ter gasto tanta tinta com as minhas reclamações. É chegado o momento de fechar o livro da minha vida. Maman, meu voo está programado para amanhã, então este é o meu adeus. O Tetsu no Ame[149] foi lançado, e hoje à noite eu e meus colegas estudantes faremos uma festa. Nós teremos saquê para beber, escreveremos nossos testamentos e as cartas oficiais de despedida. Serão estas palavras vazias que a autoridade naval enviará de volta junto com meus objetos pessoais: o juzu que a senhora me deu, meu relógio e o exemplar do *Shōbōgenzō* que pertencia a K. Este diário, entretanto, não estará com eles. Eu devo confessar que mudei de ideia e gostaria agora que houvesse um meio de fazê-lo chegar às suas mãos, mas não ousaria tentar. O conteúdo lança por terra o teatro tênue de patriotismo que tem sido tão horrendamente encenado por nós, e temo que pudesse

comprometer a indenização que lhe é de direito pela perda de seu único filho. Ainda não sei que destino darei a ele. Talvez o lance no fogo quando estiver bêbado hoje à noite ou decida levá-lo comigo para o fundo do mar. Ele foi o meu consolo este tempo todo, e sem nenhum exagero eu lhe digo: realmente acredito que, mesmo sem jamais ter posto os olhos nestas páginas, a senhora leu cada palavra que escrevi. Pois a senhora, minha mãe querida, conhece a verdade do meu coração.

O que tenho para lhe contar agora não pode ser registrado em qualquer documento que possa ser lido ou interceptado. A minha decisão está tomada. Amanhã de manhã eu amarrarei a faixa com a insígnia do Sol Nascente à minha testa e voarei rumo ao Sul até Okinawa, onde darei a vida pelo meu país. Sempre acreditei que esta guerra era um erro. Sempre nutri desprezo pela ganância capitalista e pela arrogância imperialista que fomentaram o conflito. E agora, sabendo de tudo o que sei sobre a depravação nos campos de batalha, estou determinado a fazer tudo o que estiver ao meu alcance para desviar o avião do alvo e deixá-lo cair no mar.

É melhor travar minha batalha contra as ondas, que talvez um dia ainda possam me perdoar.

Eu não me sinto como uma pessoa que irá morrer amanhã. Sou alguém que já está morto.

148 Tu caminhas sobre os corpos mortos daqueles de quem zombas, ó Beleza / Dentre os teus tesouros, o Horror é o que mais fascina...

149 *Tetsu no Ame* (鉄の雨) – Tufão de Aço (também chamado de Batalha de Okinawa), o confronto que resultou no maior número de baixas no front do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. Mais de cem mil soldados japoneses foram mortos ou capturados ou ainda cometeram suicídio durante a operação. Entre os Aliados, o número de baixas passou dos 65 mil. E um número estimado entre 42 e 150 mil de cidadãos civis de Okinawa também ficaram feridos, foram mortos ou cometeram suicídio no período (algo entre 1/10 e ⅓ da população total da cidade).

Ruth

1.

Ela terminou de ler a última página traduzida por Benoit e a pousou na pilha ao seu lado no sofá. Fitou o horizonte para além da janela. Nuvens de tempestade deixavam a paisagem extremamente carregada e se não fossem as cristas espumosas das ondas, que eram açoitadas pelo vento e marcavam a textura da água, seria impossível distinguir o céu escuro do mar escuro. As ondas pareciam minúsculas de onde ela estava, sentada no sofá de casa. Difíceis de imaginar. De perto, certamente seriam bem maiores. Difíceis de passar despercebidas.

Ele voou para dentro das ondas, ela pensou.

Rajadas de vento fustigavam a casa, fazendo ranger as vigas de madeira antiga. Lá fora, as árvores gemiam e dançavam. Madeira viva.

Nao ainda não sabe disso. Ela ainda acha que o tio-avô lançou seu avião contra um navio inimigo. Acha que ele morreu como um herói de guerra, no cumprimento da sua missão. Ela não sabe que ele desviou. Como isso é possível?

Ainda havia energia, mas as lâmpadas já tinham piscado diversas vezes. Em algum lugar, uma árvore caíra sobre os cabos da rede elétrica. O gerador continuava no conserto em Campbell River. Eles estavam por um fio.

Ela leu as cartas em japonês – a despedida oficial que encontrou na moldura do retrato e as outras que Jiko lhe deu –, mas não disse nada a respeito de um diário secreto em francês. Será que sequer sabe da existência dele? Onde está o diário? Se Haruki nº 1 ficou bêbado e o atirou no fogo ou então o levou em sua missão, isso quer dizer que ele já teria há muito tempo se transformado em cinzas ao vento ou celulose dissolvida na água do mar.

Ela pegou o embrulho de papel encerado. Continha o caderno de redação que Benoit havia devolvido junto com a tradução. Examinou-o com cuidado, virando-o nas mãos.

É real, mas como foi que ele chegou aqui? Como foi parar dentro daquele

saco plástico e aqui em minhas mãos?

Ela queria discutir a questão com Oliver, formular as perguntas em voz alta, mas ele tinha saído para procurar Pesto. Ela abriu o embrulho e desdobrou o caderno. Correu as pontas dos dedos pela página. O papel era barato. A tinta estava desbotada, mas dava para ver que tivera um tom anil bem escuro. O caderno ficara dentro da marmita dele, escondido debaixo do arroz. Ficara escondido no forro da roupa, junto de seu peito. Ela fechou os olhos e o ergueu até a altura do rosto, inspirando com força, mas os únicos cheiros que conseguiu sentir foram da cera e do mar.

Nao precisa ler isto aqui, e o pai dela também. Eles têm que saber a verdade.

Ela abriu os olhos e voltou a dobrar e embrulhar o diário. Estava escurecendo lá fora. Ela checou o relógio do soldado do céu para ver as horas. O mecanismo continuava tiquetaqueando. Onde Oliver estava?

Haruki nº 1 estava às voltas com as mais profundas questões morais e existenciais do genocídio e da guerra, pensando nas consequências da sua morte iminente, e nós aqui chateados com um gato que sumiu? Como isso pode sequer ser possível?

Mas era possível e era verdade. Os dois tinham ficado abalados desde o desaparecimento do gato, e ainda mais apreensivos depois que souberam que o cachorro de Benoit fora devorado pelos lobos. A cada vez que ouvia um barulho do lado de fora, Oliver parava o que estivesse fazendo para ir até a porta, abri-la e ficar escutando. E ele ouvia os pios das corujas, os uivos dos lobos e até os gritos das gralhas com a mesma apreensão.

– Com certeza ele está bem – dizia, tentando acalmar a si mesmo. – É um sujeitinho tão mirrado. Um fiapo de nada de bicho. Quem se daria ao trabalho de devorá-lo? – Mas os dois sabiam que a floresta estava cheia de predadores que adorariam ter um gato mirrado para o jantar. No final, sem suportar mais aquilo, Oliver saiu para procurar Pesto justo quando o vento começou a aumentar.

Ruth se sentiu mal. Tinha sido tudo culpa dela, que ficou irritada e espantou Pesto para fora da cama e rumo à noite aberta. Ela gostaria de ter contido a sua irritação. Gostaria que Oliver não a tivesse deixado tão irritada, para começo de conversa.

A chuva estava começando a cair com vontade, então ela desceu para alimentar o fogo da lareira e descobriu que a lenha estava quase no fim. Depois de vestir a capa de chuva, pegar as galochas, uma lanterna e a sacola, Ruth saiu para buscar mais na pilha do lado de fora. O vento agora estava bem forte, e os galhos dos cedros chicoteavam o ar. Onde ele tinha se metido? Não era seguro perambular no meio da floresta com a ventania. As árvores gemiam e estalavam sob a tempestade. As raízes eram surpreendentemente rasas para troncos daquela altura, e o chão entre elas ficava empapado por causa da chuva. Por um instante, Ruth pensou em ir atrás dele, mas em seguida se deu conta de que seria tolice. Ela começou a pegar as achas cortadas de lenha e a arrumá-las dentro da sacola de couro. Nesse momento, um grito rascante veio do alto. Ela ergueu o rosto. Era o corvo da selva, empoleirado no seu lugar de sempre no galho do cedro. O corvo fitou seu rosto, fixando as contas negras dos olhos. *Caw!* O tom de urgência no grito soou como um alerta. Ela olhou para trás, na direção da casa. As janelas tinham ficado pretas. A energia tinha acabado. De repente, Ruth sentiu medo.

– O que eu devo fazer? – A chuva bateu no seu rosto quando ela virou de volta para encarar o corvo. – Vá – falou Ruth. – Por favor, vá encontrar ele.

O corvo só continuou parado no mesmo lugar, olhando.

Idiota, pensou ela. Falando daquele jeito com um pássaro. Mas não havia mais ninguém por perto, e, de alguma maneira, ouvir o som da própria voz ajudava a acalmá-la.

O corvo alongou o pescoço e sacudiu as penas. Ela ergueu a alça do saco pesado de lenha, pendurou-a no ombro e rumou na direção da casa escurecida. *Caw!*, gritou o corvo outra vez, e quando virou o corpo, Ruth viu Oliver emergindo do meio das árvores fustigadas pelo vento, encharcado. Ao vê-la parada ali com a lenha, ele abriu os braços. As mãos molhadas estavam vazias. Nada do gato.

Nao

1.

Tomar a decisão de acabar com a minha vida me ajudou a tirar um peso das costas, e de repente todas as coisas que a velha Jiko tinha dito sobre ser um ser-tempo se encaixaram de verdade na minha cabeça. Nada como saber que não há mais muito tempo de sobra para te fazer dar mais valor aos pequenos momentos da sua vida. Sei que pode parecer meio brega, mas eu comecei a realmente prestar atenção em algumas coisas pela primeira vez, tipo as flores das ameixeiras e cerejeiras nas ruas em volta do Parque Ueno na época da floração. Eu passei dias inteiros lá, caminhando para cima e para baixo naqueles túneis compridos de maciez cor-de-rosa, com o rosto virado para cima e os olhos perdidos nas nuvens fofas de pétalas, todas entremeadas por salpicos de luz do sol e com o azul do céu passando entre as folhas verdes brilhantes. O tempo desapareceu, e era como se eu tivesse nascido de novo neste mundo. Tudo era perfeito. Quando soprava uma brisa, chuvas de pétalas caíam no meu rosto e eu parava e tossia, engasgada de tanta beleza e pesar.

Pela primeira vez na minha vida, eu tinha um projeto e uma meta para nortear o caminho. Precisava decidir tudo o que ainda queria realizar no tempo que me restava na terra, e foi pensando nisso que percebi como queria escrever a história de vida da velha Jiko. Jiko era uma pessoa sábia e interessante, e agora, quando penso que fracassei no meu objetivo de contar a sua história, fico com vontade de chorar.

2.

O motivo para eu passar os meus dias no Parque Ueno, perdida entre as flores, era que Babette continuava brava e, obviamente, eu continuava sem frequentar a escola. Eu não tinha voltado mais desde o dia em que raspei a cabeça e descobri meu superpoder, e na maior parte do tempo sentia só um alívio

enorme por conta disso, mas agora que o ano escolar estava quase no fim, eu também sentia uma pontinha de arrependimento. Fiz as provas de admissão do ensino médio como havia prometido à minha mãe e me dei mal em todas. No momento em que me acomodei na cadeira, no dia do exame, eu já vi que aquilo seria um fiasco. A sala estava inacreditavelmente abafada e lotada, com fileiras de crianças irrequietas metidas em uniformes, fedendo a suor adolescente e poliéster. Quase dava para ver a nuvem de feromônios pairando no ar e transformando em chumbo o meu cérebro cheio de vida e interessante. Denso, pesado, inerte. Tudo o que eu queria fazer era me debruçar em cima da mesa e dormir.

Acabou que eu sabia um monte das questões, principalmente na parte de inglês, mas nem me dei ao trabalho de responder a maioria delas. As notas foram tão baixas que ficou ridículo, como se eu fosse retardada e tudo mais, mas eu não estava nem aí. Não liguei muito para aquilo, mas me incomodava um pouco saber que eu nunca ia entrar no ensino médio e aprender todas as coisas que meu tio Haruki nº 1 tinha aprendido antes de morrer. Você pode estar se perguntando de que adianta aprender coisas se você vai morrer depois, e isso faz sentido, mas tem uma certa nobreza no esforço que a pessoa dedica a tentar. Tipo a super-heroína da velha Jiko, Kanno Sugako, que continuou estudando inglês e escrevendo no seu diário até o dia em que foi mandada para a forca. Acho que ela é um modelo legal de se seguir, mesmo que tenha tentado assassinar o imperador com uma bomba.

Mas, voltando ao assunto, agora que eu sabia o quanto meu tempo na terra era limitado, não estava afim de gastar nem um momento precioso com outros encontros idiotas, e isso deixou a Babette furiosa. Ela falou que eu ficava ocupando um espaço valioso no Fifi’s e que aquela minha mania de ficar escrevendo deixava o clima pesado por lá. Ainda tentei discutir, dizendo que uma escritora fazia o lugar parecer mais autêntico, tipo um café francês de verdade, mas ela não concordou e acabou me dando um ultimato: ou eu topava mais um encontro, ou podia cair fora.

Tá. Que seja.

Isso foi ontem.

Ela se afastou batendo os pés, e continuei escrevendo e vigiando a situação de rabo de olho. Ela começou a conversar com um cara numa mesa próxima, e quando ele virou a cabeça para me olhar, quase não acreditei: era o hentai nojento que eu tinha mencionado lá no começo. Aquele do cabelo oleoso e a pele ruim, que gostava de me ver puxando as meias do uniforme escolar? Ele

vive por aqui, mas sempre me pareceu alguém que vinha só pra olhar, e não um sujeito que teria dinheiro para um encontro. E Babette estava lá com ele nesse momento, aplicando todas as suas táticas de vendedora, o que para falar a verdade eu achei meio ofensivo. Quer dizer, sou uma garota de 16 anos bem bonitinha usando uniforme de colegial. Um cara desse teria era que agradecer a chance de ter um encontro comigo, certo? No fim, ele sacou a carteira e entregou umas notas de dinheiro para a Babette. Ela dobrou tudo num rolinho, enfiou entre os peitos e depois me procurou com o olhar.

– Encontro – fez, mexendo a boca sem emitir um som.

Com um suspiro, fechei o diário e a segui até a chapelaria, onde ela pescou o maço magro de notas, separou algumas e estendeu para mim.

Fiquei olhando na cara dela, surpresa.

Babette deu de ombros.

– Ryu deixou você mimada. Está na hora de encarar a realidade.

– Não é por causa disso que eu estou nessa! – falei, devolvendo o dinheiro. – Tenho minha dignidade, sabia?

Um sorriso se alastrou, lento e ameaçador, naquele rostinho bonito de boneca. Ela me empurrou contra uma parede cheia de casacos e me agarrou pelo queixo, cravando as dobras dos dedos no "V" que o osso da mandíbula faz logo acima da garganta. A dor me fez engasgar de tão forte.

– Que interessante – ela disse. – Gente como você não merece ter dignidade. É melhor se tocar logo disso.

Ela pegou minhas bochechas e beliscou com uma força que deixou meus olhos cheios d'água. Depois me puxou até a testa quase encostar na dela e os seus olhos se transformarem num único olho horrendo, escuro e cintilante, cercado de babados e rendas.

– Você ainda tem sorte por eu ser generosa e te dar uma parte. Seu problema é esse jeito americano demais. Preguiçosa e egoísta. Devia aprender a ser mais leal e a trabalhar duro. – E, com um último safanão no meu rosto, ela me largou.

Eu bati com as costas nos casacos e afundei o corpo na parede. Ela virou a cabeça para me fitar, depois estendeu a mão para fazer um carinho na bochecha, que ainda estava ardendo.

– Tão rosada – falou. – Tão bonita. – E em seguida me deu um tapa. Ela achou o casaco do sujeito e o atirou em cima de mim. – Divirta-se – concluiu, dando meia-volta com uma pirueta tão perfeita que a anágua levantou e, do lugar onde eu estava no chão, deu para ver os babados da sua calcinha

enquanto ela marchava porta afora.

Não me lembro do nome do hentai. Vai ver que ele nem chegou a me dizer qual era. Estava me esperando na recepção, perto da fonte com a estátua de uma mulher nua. Eu lhe entreguei o casaco. Ele pegou sem nem olhar nos meus olhos. Murmurou uma coisa que não consegui entender direito e saiu andando, esperando que eu fosse atrás. O elevador minúsculo estava vazio e nós dois ficamos lá parados, sem jeito, olhando as portas que se fechavam sem saber como puxar conversa um com o outro. Alguns andares abaixo, as portas voltaram a se abrir e um grupo numeroso e alegre abriu espaço para entrar, cheio de risadas e gente bêbada, deixando de repente o meu corpo imprensado contra o dele. Eu senti o hálito azedo contra minha nuca enquanto ele me apalpava por baixo da saia, pressionando o corpo nas minhas costas. A minha vontade foi berrar *CHIKAN!* ,[150] como dizem para você fazer no metrô quando algum tarado passa a mão em você, mas tratei de segurar o impulso. Ele tinha pago por aquilo, afinal de contas, e se havia decidido adiantar o serviço, o que eu podia fazer? Depois que a porta do elevador abriu e todo mundo saiu, ele segurou o casaco na frente das calças e saiu aos tropeços pela calçada, parando e olhando de tempos em tempos para conferir se eu ainda estava indo atrás. Eu poderia ter dado um jeito de escapar, mas não fiz isso. Simplesmente continuei seguindo, porque o sujeito tinha pago e essa era a coisa mais honrosa a fazer. Nem dava para acreditar no tanto que aquele sujeito era patético, mas já que eu não tinha dignidade, isso não iria fazer diferença. Ele não tinha traquejo social nenhum. Não pensou em me dar um suéter de presente ou um keitai. Não me ofereceu nada para beber, e o hotel para onde me levou era do tipo que nem frigobar tem. Não havia champanhe nem conhaque, só uma máquina de moedas no corredor com latas de cerveja e dose única de saquê. Esse saquê de máquina me fazia lembrar do meu pai, porque era isso que ele tinha bebido na noite em que caiu na linha do trem expresso. Uma coisa bem deprimente, mas de qualquer maneira o sujeito era pão-duro demais para comprar um para mim.

Se você não se importa, prefiro não dar muitos detalhes do que aconteceu em seguida, porque só de pensar fico triste e com vontade de vomitar, e ainda não tive nem tempo de tomar um banho. Basta te dizer que a cama não era redonda e enorme nem tinha uma colcha de pele de zebra, mas o resto do cenário que eu tinha montado na cabeça foi bem parecido com a realidade. Quando chegamos ao quarto, ele foi direto ao assunto, e enquanto fazia as coisas que queria com meu corpo, me encolhi naquele canto silencioso e congelado da minha mente, que era bem limpo e frio e distante de tudo.

E não me lembro de muita coisa mesmo, tirando o fato de que no meio eu estava deitada de barriga para baixo e o meu keitai começou a tocar, e eu voltei a este mundo só por tempo suficiente para me perguntar quem estava ligando. E, quando pensei que talvez pudesse ser a Jiko, as lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos, porque eu sabia como ela ficaria triste se me visse ali daquele jeito e porque estava com saudades e queria muito conversar com ela. E então me ocorreu que talvez ela soubesse que eu estava naquela situação e tivesse me ligado justamente por isso, e que nesse exato momento talvez estivesse passando as contas do seu juzu e rezando para que tudo ficasse bem. E talvez o barulho do telefone tenha mesmo me salvado no fim das contas, porque ter pensado na Jiko me fez ver que eu não queria me transformar nessas garotas que a polícia encontra jogadas no chão depois de dias de busca, porque isso partiria o coração dela, e ninguém merece viver até os 104 anos para ter o coração partido por uma bisneta insensível. E foi nesse exato momento que o sujeito fez uma coisa que doeu tanto que o choque da dor me puxou de volta para o meu corpo, e me ouvi gritar e então reagi. Consegui empurrá-lo por tempo suficiente para me soltar de baixo do seu corpo. Ryu tinha me ensinado que os homens às vezes gostam de uma pitada de ijime, então eu invoquei meu superpoder, empurrei o hentai até ele cair deitado de costas, montei por cima dele e comecei a dar uns tapas bem fortes no seu rosto. E, quem diria, ele adorou aquilo. Usei o cinto para amarrar as mãos juntas, e nem precisei machucar demais para fazer o cara gozar. É impressionante a velocidade com um homem passa de sádico para masoquista. Eu sei o que a velha Jiko diria. Sádico, masoquista, mesma coisa.

Assim que ele pegou no sono, me levantei para checar o telefone, e – eu não disse a você? – a ligação era dela mesma. Ela sabia de tudo e tinha me salvado! Mas quando fui ler a mensagem de texto, vi que não era de Jiko. Era de Muji. Só uma linha. Eu li, mas não consegui absorver o significado. Li outra vez.

先生の最期よ.早くお帰り.[151]

Eu fiquei lá parada, no meio do quarto cafona e espelhado, com os olhos colados na telinha. O sujeito que tinha pago pelo encontro estava roncando na cama. Ergui o rosto e dei de cara com uma garota nua nos espelhos, repetida indefinidamente. O corpo tinha um jeito rude, estúpido, inadequado. Abracei meu próprio corpo e a garota abraçou também. Comecei a chorar, e nós não paramos mais. Eu dei as costas para ela e fui pegando e vestindo as peças do

uniforme sem fazer barulho. Nas pontas dos pés, cheguei perto da pilha de roupas do cara e vasculhei rapidamente os bolsos. Esvaziei a carteira e fiquei com as últimas notas que restavam. Juntei as roupas num bolo e me obriguei a parar de chorar para conseguir girar a maçaneta. Quando me esgueirei para fora do quarto, ouvi a porta se fechar com um clique e depois a voz dele chamando, e comecei a correr. Eu pude imaginar que ele começaria a procurar freneticamente pelas roupas, então joguei tudo na escadaria que havia no final do corredor. Podia ter levado comigo para jogar na rua, mas não precisava chegar a esse ponto. Acho que lá no fundo sou uma boa pessoa.

Depois que saí do hotel, continuei correndo, abrindo caminho pelo meio da multidão que lotava as ruas da Cidade Elétrica. O anoitecer em Akiba é mesmo uma coisa incrível, uma massa alucinada de néon pulsante e figuras gigantes de mangá que pairam acima de tudo como se fossem esmagar sua cabeça a qualquer momento. E tem o barulho também, a estridência metálica e louca das máquinas de Pachinko e dos fliperamas, os gritos dos vendedores anunciando suas ofertas, e os kyakuhiki[152] chamando os trabalhadores bêbados e turistas e otaku que se misturam e incham feito plânctons no mar.

Geralmente eu adoro. Geralmente essa energia me alimenta, mas você precisa estar com o humor certo para isso, e eu não estava. Fui abrindo caminho aos empurrões, com a cabeça baixa para esconder as lágrimas. Só queria chegar em casa e ver meu pai. Eu precisava do meu pai. Precisava dizer a ele que Jiko estava morrendo, para que ele largasse tudo e me levasse até a estação. Juntos, nós pegaríamos o expresso seguinte para Sendai, e como estaria de noite e não haveria ônibus, um táxi nos levaria da estação de trem até o templo. Nós estaríamos lá num instante. Talvez numas cinco ou seis horas. E quando chegássemos tudo estaria tranquilo e silencioso, e Muji apareceria correndo para nos receber e contar que Jiko já estava bem e tinha sido só um alarme falso e ela lamentava por ter nos chamado e nos preocupado à toa, mas já que estávamos ali, por que não entrávamos para tomar um banho?

Isso era o que eu queria. Encontrar o meu pai, ficar sabendo que Jiko estava bem, tomar um banho. Segui concentrada nesses pensamentos no trajeto de trem até a minha estação, mantendo a cabeça baixa e enxugando o nariz no punho da camisa do uniforme.

Estava tudo quieto no apartamento quando cheguei.

– Tadaima – eu disse baixinho. A voz saiu rouca por causa de tanto choro.

Não houve resposta, o que costumava acontecer quando meu pai estava na internet e não me ouvia chegar. Eu fiquei pensando se minha mãe ainda estaria

no trabalho. Será que Muji tinha ligado para eles? Talvez os dois já tivessem ido para Sendai sem me esperar.

– Pai?

Ouvi o barulho da descarga, depois um facho de luz cortou o escuro do corredor quando a porta do banheiro se abriu. Tirei os sapatos e entrei em casa. Havia uma sacola do supermercado no chão, no lugar onde deixamos as coisas que não queremos esquecer. Eu abri e dei uma olhada lá dentro, depois voltei a fechá-la e fui caminhando na direção da luz.

Ele estava no quarto, vestindo seu terno azul-escuro, com a barba feita, calçando as meias.

– Pai?

A pele dos pés ossudos tinha um ar doentio de tão pálida. Ele ergueu o rosto.

– Ah – falou. – Naoko. Eu não ouvi você entrar.

O olhar pareceu passar através de mim, e a voz soou monocórdia e sem vida. Ele inclinou o corpo para ajeitar uma das meias.

– Você chegou cedo. Não vai sair com os amigos da escola hoje?

Caramba. Ele ainda acreditava que eu tinha amigos na escola. Isso para você ver como ele era desapegado à realidade. Fiquei parada no vão da porta, olhando. Havia alguma coisa estranha com ele, mais esquisita até que o normal, como se meu pai tivesse se transformado num zumbi.

– Cadê a mamãe? – perguntei.

– Zangyo[153] – foi a resposta dele antes de se levantar e ajeitar as calças.

– Você vai sair?

– Vou – ele respondeu, com um tom leve de surpresa na voz. Estava usando uma gravata. Aquela que comprei para ele no primeiro Natal, quando ele ainda fingia ter um emprego. Ela não era de seda, mas tinha uma estampa bonita de borboletas.

– Para onde?

– Vou encontrar um amigo – ele disse. – Da época da faculdade. Nós vamos beber em nome dos velhos tempos. Não demoro. – Ele foi dizendo as palavras como se tivesse escrito tudo aquilo e depois decorado. Será que pensava mesmo que eu ia acreditar?

Papai Zumbi agora estava vestindo o paletó do seu terno.

– Alguém ligou? – eu quis saber.

Ele sacudiu a cabeça.

– Não. – Depois de guardar a carteira no bolso do terno, ele parou um instante e franziu a testa. – Por quê? Você estava esperando alguma ligação?

Fazia sentido. Muji era distraída à beça. Além do mais, ela sabia que ele nunca atendia o telefone mesmo.

– Não. Era só pra saber. – Dei uma conferida no visual. Ele ficava bem de terno. O terno era barato, feio, mas já caía melhor que o moletom velho que ele usava em casa.

Eu o segui pelo corredor e fiquei olhando enquanto ele encaixava o pé no mocassim com uma calçadeira.

– Não se esqueça da sacola – eu disse.

Ele estendeu a mão na direção dela, meio no piloto automático, e então congelou.

– Que sacola? – Fingindo que estava confuso. Como se eu não soubesse.

– Aquela ali. – Apontei para a sacola perto da porta.

– Ah. Sim. Claro. – Ele foi pegá-la e me olhou, obviamente imaginando se eu tinha espiado dentro dela. Dei meia-volta e caminhei para a cozinha.

– Ittekimasu... – ele disse, mas a voz saiu hesitante. Como se ele não tivesse certeza.

Ittekimasu é o que você diz quando sabe que vai voltar. O significado literal é este: eu vou e depois volto. Quando alguém lhe diz “Ittekimasu”, você deve responder com um “Itterashai”, que quer dizer: sim, por favor, vá e depois volte.

Mas não consegui responder. Fiquei parada junto da pia, de costas para a porta, mentalmente vendo ele parado ali, com a sua sacola de mercado cheia de briquetes de carvão e das suas músicas do Nick Drake, “Time Has Told Me”. *Day Is Done.*

Ele deve ter pensado que eu não escutei da primeira vez, porque então repetiu:

– Ittekimasu!

Por que ele simplesmente não foi embora? Um instante depois, a porta fechou com uma batida.

– *Mentiroso* – sussurrei entredentes.

Isso foi ontem à noite.

Eu não precisava do meu pai, a verdade era essa. Peguei o último trem para Sendai, depois fiz uma transferência para a rede ferroviária local e consegui chegar à cidade mais próxima ao templo. Os ônibus não circulavam à noite, e mesmo com o dinheiro do hentai eu ainda não tinha o bastante para pagar um táxi do litoral até o povoado da Jiko, então me sentei num banco da

estaçãozinha ferroviária minúscula e fiquei esperando. Pensei em telefonar para o templo, mas quando imaginei a campainha do telefone cortando o silêncio profundo e escuro da noite, aquilo me pareceu errado, então resolvi mandar uma mensagem de texto. Mas eu sabia que ninguém responderia, e como estava com vontade de conversar com alguém, escrevi todas estas páginas para você. Sabendo que você também não iria me responder. E acho que então peguei no sono.

O céu tinha começado a ficar cinzento quando o vigia da estação me acordou e mostrou onde eu podia tomar o ônibus. Comprei uma lata de café quente numa máquina, e agora estou aqui esperando o primeiro ônibus. Tentei ligar para o templo, mas ninguém atende, então não sei como estão as coisas por lá. Tomara que Jiko esteja bem. Tomara que ela ainda não tenha morrido. Tomara que espere por mim. Eu estou rezando. Você consegue me ouvir rezar?

Sei que isso é bobagem. Sei que você não existe e que ninguém nunca vai ler estas coisas. Estou só sentada aqui neste banco de ponto de ônibus idiota, bebendo um café de lata doce demais e fingindo que tenho um amigo para quem escrever.

Mas a verdade é que você é uma mentira. É só mais uma história idiota que inventei porque estava me sentindo solitária e precisava de alguém para desabafar. Eu ainda não estava pronta para morrer e precisava de uma *raison d'être*. Não tem o menor motivo, mas que raiva estou sentindo de você agora! Porque até você está me abandonando.

A verdade é que eu estou sozinha.

Eu devia ter imaginado. Desde que comecei este diário, eu já sabia que não iria poder continuar com ele, porque, lá no fundo, nunca acreditei que você existisse. E como eu poderia acreditar? Todo mundo que eu acreditava que existia está morrendo. A minha velha Jiko está morrendo, o meu pai já deve até estar morto a esta altura, e não acredito nem mais em mim mesma. Não acredito que eu mesma exista, e logo não vou existir mais mesmo. Sou um ser-tempo prestes a expirar.

Babette tinha razão. Sou uma egoísta; só me preocupei com a droga da minha própria vidinha, do mesmo jeito que meu pai só se preocupou com a droga da vidinha dele, e acabei desperdiçando todas estas lindas páginas e nem assim

atingi o meu objetivo, que era ter escrito sobre a Jiko e a vida fascinante que ela teve enquanto ainda me restava tempo, antes que ela morresse. Mas agora já é tarde demais. Ponha temps perdu nisso. Eu sinto muito, minha velha Jiko querida. Eu amo você, mas estraguei tudo.

Está frio. As flores na frente da estação já caíram quase todas, e as que ainda estão agarradas aos galhos ficaram todas marrons e feias. Um velho com agasalho de corrida azul e branco está varrendo as pétalas da calçada em frente à sua loja de conservas. Ele não me vê. O vigia está abrindo as portas da estação. Ele sabe que estou aqui, mas não olha para mim. Um cachorro branco sujo está lambendo o próprio saco do outro lado da rua. Uma velha fazendeira com tenugui azul e branco na cabeça passa de bicicleta. Ninguém me vê. Talvez eu seja invisível.

Acho que é isso mesmo. Esta é a sensação do agora.

150 *chikan* (痴漢) – tarado, molestador. Um homem que apalpa sexualmente uma mulher num lugar público.

151 *Sensei no saigo yo. Hayaku okaeri* — Últimos instantes de Sensei. Venha depressa.

152 *kyakuhiki* (客引き) – um vendedor insistente; literalmente: “cliente” + “puxar”.

153 *zangyō* (残業) – hora extra.

Ruth

1.

A tempestade chegou do nordeste ao amanhecer, contornando as Aleutas, descendo pela costa do Alasca e se afunilando pelo estreito da Geórgia, com ventos fortíssimos que derrubaram a rede elétrica e sumiram com a ilha inteira num piscar de olhos. Num instante, ela estava lá, sua presença marcada pelos amontoados de minúsculas luzinhas, e no momento seguinte havia desaparecido, tragada pela escuridão do mar tempestuoso.

Durante as horas seguintes, as rajadas de vento continuaram fustigando a clareira no meio das árvores altas. A casinha, que em geral ardia iluminada noite adentro, agora só era identificável pelo brilho insípido que emanava do quadradinho da janela do quarto.

2.

"...isso mesmo", leu Ruth, forçando os olhos para distinguir as palavras sob a luz fraca do lampião a querosene. "Esta é a sensação do agora."

A voz dela soava tão minúscula na vastidão uivante da noite tempestuosa, mas por um único e demorado momento as palavras fizeram todo o resto se congelar. A chama do lampião tremulou. O mundo estava com a respiração suspensa.

– Ela se confrontou consigo mesma – disse Oliver, quebrando o silêncio.

Os dois ficaram sentados lá, lado a lado na cama, pensando nas coisas que Nao tinha escrito, esperando deliberadamente o vento voltar a soprar, mas como a quietude persistia, Oliver enfim falou:

– Continue – ele disse. – Não pare.

Ruth virou a página, e seu coração deu um salto.

A folha estava em branco.

Ela virou mais uma. Nada.

E foi para a folha seguinte. Nada.

Ela avançou mais para o final. Havia ainda umas vinte páginas no diário, mas todas estavam em branco. O vento voltou a soprar, açoitando as árvores e derrubando baldes de chuva em cima do telhado metálico.

Aquilo não fazia sentido. Ela sabia que as páginas antes estavam preenchidas, porque em pelo menos duas ocasiões havia folheado o diário até o fim para conferir se a caligrafia da menina se mantinha a mesma até o final, e ela se mantinha. As palavras estiveram naquelas páginas, Ruth tinha certeza disso, e agora não estavam mais. O que havia acontecido com elas?

Ela apalpou o pilar da cama, onde pendurara a lanterna de cabeça, ligou o interruptor e ajustou a faixa elástica sobre a testa. O facho da lâmpada de LED era como a luz de um farol. Cuidadosamente, ela ergueu o livro e baixou os olhos para a roupa de cama, vasculhando os morrinhos e reentrâncias como se esperasse flagrar as letras fugindo às pressas para o meio das sombras.

– O que você está fazendo? – indagou Oliver.

– Nada – murmurou ela, voltando a vasculhar as páginas em branco para o caso de alguma palavra retardatária ter ficado para trás, presa na costura das páginas ou agarrada à lombada do livro.

– Como assim, nada? – insistiu ele. – Termine de ler. Eu quero saber o que acontece.

– Não acontece nada. Foi isso que eu quis dizer. O texto desapareceu.

Ele suspirou de leve.

– Como assim, o texto desapareceu?

– Ele estava aqui, agora não está mais. As palavras sumiram.

– Você tem certeza?

Ela ergueu o livro para mostrar a ele.

– É claro que eu tenho certeza. Eu tinha conferido. Mais de uma vez. O diário estava escrito até a última página.

– Palavras não podem sumir desse jeito.

– Bom, mas foi isso que aconteceu. Eu não sei como. Vai ver que ela mudou de ideia ou coisa parecida.

– Isso é meio fantasioso, você não acha? Ela não poderia simplesmente estender a mão lá de onde está e apagar o texto.

– Mas eu acho que foi isso o que fez – disse Ruth. Ela desligou a lanterna. – É como se a vida dela tivesse acabado de encolher. O tempo está se esvaindo entre os seus dedos, página a página...

Ele não disse nada. Vai ver estava pensando. Ou tinha caído no sono. Ela

ficou um bom tempo deitada lá, ouvindo a tempestade. A chuva agora caía de lado, batendo na janela feito uma criatura viva tentando entrar. O lampião continuava aceso na mesa de cabeceira, mas o pavio precisava ser aparado e a chama estalava e falhava o tempo todo. Logo ela teria de apagá-lo, mas, como não gostava do fedor do querosene e da fumaça, decidiu esperar mais um pouco. Lampiões e lanternas de LED. As tecnologias antigas e as mais novas subvertendo o tempo para criar um presente paradoxal. Será que o óleo de baleia tinha um cheiro melhor? Sob a luz tremulante, ela distinguia a silhueta fraca e instável de Oliver deitado ao seu lado, emergindo e voltando a mergulhar na escuridão. Quando ele finalmente falou, foi como se não tivesse passado tempo nenhum, e a proximidade da sua voz deu um susto nela.

– Se for isso mesmo – ele disse –, então não é só a vida *dela* que está correndo perigo.

– Como assim?

– Essa história põe em dúvida a nossa existência também, você não acha?

– A nossa? – ela repetiu. Será que ele estava brincando?

– Claro – ele disse. – Quer dizer, se ela parar de escrever para nós, então talvez nós também deixemos de ser.

A voz dele agora soou distante. Eram os ouvidos dela ou a tempestade? Um pensamento lhe ocorreu.

– Para nós? – falou. – Ela estava escrevendo para mim. Eu sou o *você* dela. Eu sou aquela que ela estava esperando. Desde quando me transformei em nós?

– Eu também me importo com ela, sabe – ele disse. A voz voltou a ficar mais perto, bem junto ao ouvido dela. – E ouvi você ler todo o diário, então acho que no momento posso ser incluído como parte de você. Além do mais, “você” pode ser usado como sujeito indeterminado, então como vamos afirmar que ela não estava se referindo a nós dois o tempo todo?

Ficava difícil ter certeza com a algazarra que o vento fazia lá fora, mas ela achou ter captado uma ponta de divertimento se insinuando na voz dele. Voltando a ligar o interruptor da lanterna, ela virou o facho diretamente para o seu rosto.

– Você está achando que isto é *brincadeira*?

Ele ergueu a mão para barrar a luz forte.

– De jeito nenhum – falou, fechando os olhos. – Por favor...

Ela atendeu, virando a cabeça para o outro lado.

– Eu estava falando sério – ele explicou, voltando a se recolher na penumbra.

– Pode ser que a gente não exista mais. E vai ver que foi isso que aconteceu com o Pesto, também. Ele simplesmente caiu para fora da nossa página.

3.

Do lado de fora, no galho do cedro alto, perto da pilha de lenha, o corvo da selva ergueu os ombros sob a chuva pesada. O vento passava entre os galhos, arrepiando as suas penas negras brilhantes. *Ke, ke, ke,* fez o corvo, ralhando com o vento, mas o barulho não deixou o vento ouvir nada, e ele nada respondeu. O galho balançou e o corvo apertou as garras contra ele, preparando-se para se lançar no espaço e voar.

4.

– Essa sua ideia está parecendo ainda mais maluca que a minha – ela disse.

– Maluca, nada – retrucou ele. – Pelo contrário. O que a gente precisa fazer é pensar logicamente na questão. Analisar passo a passo. – A fala dele tinha algo de cuidadoso e deliberado, e isso deixou Ruth desconfortável.

– Você está sendo sarcástico comigo – ela disse. – Pode parar.

– Se você tem tanta certeza assim de que as palavras estavam aí – ele prosseguiu –, então vai ter que ir atrás delas.

– Isso é ridículo...

– As palavras estavam no diário – ele insistiu. – Agora não estão mais. Para onde vão as palavras que desaparecem?

– Como é que eu iria saber?

– Porque é o seu trabalho saber? – Ele estava falando para o teto até então, mas nessa hora virou o corpo para encará-la. – Você é uma *escritora*, afinal.

Essa era a coisa mais cruel que ele poderia ter dito.

– Mas eu *não* sou! – gritou ela, a voz angustiada disputando espaço com o uivo do vento. – Eu já fui uma, mas agora não sou! Não consigo mais achar as palavras...

– Hm – fez ele. – Vai ver que você está fazendo esforço demais. Ou então está procurando no lugar errado.

– O que quer dizer com isso?

– Vai ver que elas estão aqui mesmo.

– Aqui?

– Por que não? – Ele voltou a erguer os olhos para fitar o teto. – Pense bem. De onde é que as palavras vêm? Elas vêm dos mortos. Nós as herdamos. Tomamos emprestadas. Fazemos uso delas por um tempo a fim de trazer os mortos à vida. – Ele rolou até ficar com o corpo de lado e se apoiou sobre o cotovelo. – Os gregos antigos acreditavam que, sempre que você lia em voz alta, na verdade eram os mortos que pegavam a sua língua emprestada para falar outra vez. – Ele passou o corpo alongado por cima do dela, estendendo a mão até o lampião na mesa de cabeceira. Passou a mão por dentro da alta proteção de vidro para apagar a chama e, por um breve instante, a luz iluminando seu rosto de baixo para cima fez os olhos fundos mergulharem na sombra, como as órbitas vazias de um esqueleto. – A Ilha dos Mortos. Pode existir lugar melhor para procurar por palavras desaparecidas?

– Você está me deixando assustada...

Ele riu, depois soprou dentro do vidro do lampião. O quarto ficou escuro e o cheiro acre do querosene e da fumaça subiu no ar como uma presença espectral.

– Bons sonhos – sussurrou.

5.

E se o sonho me levar para muito, muito longe, e eu não conseguir voltar a tempo de despertar?

– Aí eu vou buscar você.

Com o que uma separação se parece? Uma parede? Uma onda? Uma massa d’água? Um raio de luz ou um cintilar de partículas subatômicas se afastando? Qual é a sensação de abrir caminho e atravessar? Os dedos dela encontram a trama da superfície do sonho, reconhecem a tenacidade dos filamentos e sabem que é um papel prestes a se romper, exceto pela memória fibrosa que ainda resta ali, flexível, vascular e aprumada em toda a sua altura. A árvore era o passado e o papel é o presente, mas mesmo assim o papel ainda se recorda de postar-se ereto e inteiro. Como um sonho, ele traz a memória da seiva.

Mas ela segura a sua borda, empurrando até fazer as fibras cederem, como o câmbio vascular sob a lâmina do machado, como a pele sob uma faca...

Os galhos se separam então, revelando um caminho que volteia e se contorce, cada vez mais estreito, conduzindo-a para dentro da floresta espessa. A chuva parou agora. Grilos cricrilam. O perfume do incenso do templo, cedro e sândalo, paira no ar.

Ao longe, alguma coisa entre as folhas fisga o seu olhar – uma pixelização, uma forma, um vulto? É difícil dizer. Ela zune em disparada de ramo em ramo. Um pássaro? Os pixels se organizam, escurecem, depois a imagem se dissolve. Ela luta para ir atrás, depois se lembra. *Vai ver que você está fazendo esforço demais.* Ela para de se esforçar.

Às vezes a mente chega, mas as palavras não.

Às vezes as palavras chegam, mas a mente não.

De onde estão vindo essas palavras? Ela para de caminhar também. Senta-se no chão espesso da floresta, nas raízes de um cedro enorme. O húmus musguento forma uma almofada sob o seu corpo, frio e úmido, mas não de todo desagradável. Ela cruza as pernas.

Às vezes mente e palavras chegam juntas.

Às vezes nem a mente nem as palavras chegam.

Uma aranha escorrega pelo fio prateado de um galho mais acima. Uma brisa leve farfalha as copas das árvores. Gotas de orvalho e chuva salpicam as folhas e as samambaias rasteiras. Cada gota guarda em si uma lua minúscula e brilhante.

Mente e palavras são tempo que é. Chegar e não-chegar são tempo que é.

Alguma coisa se mexe na borda do seu olhar. Ela vira a cabeça e vê um calcanhar. Um calcanhar vestido numa meia escura, perto de um segundo calcanhar como ele, os dois pendendo cerca de um metro acima de um par de mocassins baratos, alinhados meticulosamente sobre um tufo de musgo verde-esmeralda. Ela ergue o rosto para fitar os corpos silenciosos, pendendo dos galhos em meio às sombras, e sabe que isso é errado, mas já não consegue mais se levantar e correr. Seu corpo está tão pesado e impotente quanto o homem enforcado, girando lentamente ao sabor de lodosas correntes de ar.

Ou seria de água? Sim, ela está nadando agora. Ela está com frio e nadando, e o mar é negro e espesso e está cheio de destroços. Ela começa a afundar e o teto de lodo se fecha sobre o seu corpo.

Sons se fundem e se separam, coalescem e divergem. Palavras cintilam, uma nuvem agitada de peixinhos miúdos se agita sob a superfície da água. Inabarcável. *Dormimos todosjuntos num quartoespaçoso deitados em fileirascomo pequenospeixespostosparasecar...*

Mas algo saiu errado com as palavras no tempo – sílabas permanecem, recusando-se a evanescer ou cair no silêncio –, de modo que agora há um amontoado de sons, como um engavetamento de automóveis numa estrada, transformando sentido em cacofonia, e quando dá por si ela está entrando na

balbúrdia, inarticulada e insondavelmente, com um grito que brota da sua garganta e segue jorrando sem parar. O tempo incha, inundando-a. Ela luta contra o pânico. Tenta relaxar e deixar-se fluir solta, resistindo ao instinto de retesar-se e fugir. Mas para onde iria? Ela se recorda do elevador da Jiko. *Quando o de cima olha para cima, em cima está embaixo...* Mas não tem em cima. Nem embaixo. Nem dentro. Nem fora. Não tem para a frente nem para trás. Só essa onda fria, massacrante, esse continuum inominável de aglutinar e dissolver. Sem um chão, ela se debate rumo à superfície.

Sentimentos lambem as suas bordas como ondas na areia. Jiko estende os óculos, Ruth pega e os leva ao próprio rosto porque sabe que deve. As lentes turvas borram o mundo enquanto fragmentos do passado da velha monja passam numa torrente: imagens espectrais, aromas e sons; o engasgo de uma mulher levada à forca por traição no momento em que o nó se aperta em seu pescoço; o choro de uma menina pequena tomada pelo luto; o gosto do sangue de um filho e dentes quebrados; o fedor de uma cidade engolfada em chamas; um cogumelo atômico; um desfile de marionetes na chuva. Por um instante, ela hesita. As palavras estão ali, nas pontas dos seus dedos. Ela pode sentir-lhes o formato, poderia agarrá-las e trazê-las consigo, mas também sabe que não poderá ficar muito mais tempo ali. Numa fração de segundo, a sua decisão está tomada, e o punho cerrado na sua mente se abre e solta. Ela não pode ficar agarrada ao passado da velha monja e ao mesmo tempo também querer encontrar Nao.

Nao, pensa. *Nao, now, nãaaaaaaaooooo...*

Com um abanar da cauda, o peixe escapa, mas ela vai atrás, insistente, braços e pernas atravessando a água na cadência de uma música distante, como uma atleta de nado sincronizado num filme antigo, até que a exaustão toma conta e quebra o mundo num caleidoscópio de padrões fractais – membros recursivos e marolas faiscantes – que giram e se reorganizam formando um quarto espelhado e uma cama redonda com colcha de zebra. *Ótimo,* pensa ela. Eu devo estar mais perto agora. Ela busca por Nao no espelho, uma opção lógica, mas vê apenas um reflexo de si própria que não reconhece.

– Quem é você? – indaga.

O reflexo olha de volta e dá de ombros, fazendo a superfície do espelho encrespar-se em círculos feito um lago quando uma pedra cai na água. As ondulações param e o reflexo é trocado por outro, ligeiramente diferente, que também não é seu.

– Eu te conheço? – ela indaga.

Eu te conheço?, o reflexo, mudo, copia.

– O que você está fazendo aqui? – ela indaga.

O que você está fazendo aqui?, ecoa o reflexo, quieto.

– Por que você está me imitando? – ela indaga.

O reflexo responde desprendendo sua mandíbula. A boca escancarada é vermelho-sangue, gotejante de baba, um orifício terrível. Quando se retorce num sorriso, a terra estremece, e das entranhas do túnel da garganta vem uma comprida língua bífida, que se empina e contorce feito uma serpente prestes a dar o bote.

– Pare! – ela grita, e só então repara na garota, de pé atrás dela no espelho. Está nua, exceto por uma camisa masculina desabotoada. Uma gravata frouxa pende do colarinho. Os olhares se encontram e a garota começa a fechar os botões da camisa, mas quando Ruth se vira, ela já não está mais lá, só há um vazio na cama de estampa de zebra.

Não se deixe enganar!, uiva o reflexo, enquanto o quarto explode num vórtice de espelhos e luz.

– Espera! – ela grita, mas, assim que os seus contornos começam a se dissolver no brilho ofuscante, o canto do olho capta o movimento de algo ligeiro e negro, uma lacuna, quase uma ausência. Ela prende a respiração e espera, sem coragem de se virar para olhar diretamente. A pequena lacuna escura começa a alisar as penas conforme os pixels se aglutinam, e então ela ouve um grasnar conhecido ao longe.

Corvo?

A palavra em inglês surge no horizonte, preta contra a luz insuportável, e à medida que se aproxima começa a se torcer e girar, alongando o **C** para formar a coluna, arredondando o **O** que cria a curva do abdômen, adernando o **R** que se torna a testa e o bico aberto. A ave estica o **W** das asas e bate uma, duas, três vezes até que, completamente emplumadas, começam a voar.



É o corvo da selva que veio para salvá-la! Ela se recompõe e o segue enquanto voa de galho em galho, mas seus pés têm que palmilhar o chão e o terreno é acidentado. A cada vacilo ou tropeço, o corvo da selva para e espera, dobrando a cabeça de lado e cravando nela o seu olhar de azeviche. Parece que quer conduzi-la a algum lugar. Ela ouve o barulho do trânsito ao longe, sobe uma ladeira pedregosa e se descobre num grande parque urbano, à beira de um lago espaçoso. Perto das margens há moitas de juncos e lótus, mas no meio a água é um espelho desimpedido. Está anoitecendo, mas pedalinhos em forma de cisnes com pescoços compridos e tons pastéis ainda zanzam pela água brilhante, deixando em seu rastro manchas ondulantes de azul, cor-de-rosa e amarelo. Uma larga alameda asfaltada envolve o lago, com bancos de pedra dispostos a intervalos regulares como as horas num mostrador de relógio.

Há um homem sentado num desses bancos, sob um salgueiro-chorão, dando de comer a um bando de corvos sarnentos que voejam e estufam o peito e disputam as migalhas de pão. O corvo vai pousar aos pés do homem, espantando os outros e levantando uma pequena nuvem de pó. Ela o segue e senta no banco ao lado dele.

O homem apruma a postura, depois curva a cabeça num cumprimento hesitante. – Você é quem estou esperando? – indaga.

– Eu não sei – ela responde. E então olha para ele com mais atenção. É um sujeito de meia-idade metido num terno azul brilhante, mas que, como a noite está quente, despiu o paletó e o dobrou cuidadosamente antes de pendurá-lo no encosto do banco. Ele usa uma camisa social branca de mangas curtas e uma gravata com estampa de borboleta.

– Você faz parte?

– Parte?

– Do clube...

– Eu creio que não.

– Ah. – Ele parece desapontado. E lança um olhar para o relógio.

Ela repara na sacola de mercado pousada aos seus pés.

– Briquetes? – pergunta, e vê o corpo dele se retesar de susto. – Estranho alguém fazer churrasco nesta época do ano. – Ela fita os pedalinhos no lago. Têm pescoços sinuosos e graciosos, em formato de pontos de interrogação, e expressivos olhos de cisne.

O homem pigarreia como se tivesse algo preso na garganta.

– Tem certeza de que não é a pessoa que estou esperando?

– Tenho, sim.

– E também veio até aqui se encontrar com alguém?

– Isso – ela diz. – Estou aqui para encontrar você.

– Eu?

– Sim. Você é Haruki nº 2, não é?

Ele arregala os olhos para ela.

– Como você sabe?

– Sua filha me disse – ela improvisa, decidindo arriscar.

– Naoko?

– Sim. Ela, hã, ela me falou que você talvez estivesse aqui.

– Verdade?

– É. E pediu que eu lhe desse um recado.

Ele agora é todo desconfiança.

– Como você conhece minha filha?

– Eu não conheço – rebate ela, pensando depressa. – Quer dizer... só por correspondência.

Ele a examina com o olhar.

– Você é meio velha para ser amiga dela – diz, brusco.

– Muito obrigada.

– Eu não quis... – começa ele, mas então outro pensamento lhe ocorre. – Por correspondência quer dizer na internet? Você é dessas *stalkers* on-line?

– É claro que não.

– Ah, bom – ele diz, com alívio. – A internet é um esgoto, com o perdão da palavra. – Ele atira um pedaço de pão para os corvos, perdido agora no seu mundo interior. – Nós nunca imaginamos que fosse dar nisso...

Os dois ficam olhando a briga dos pássaros pelo pão.

– Tudo bem – ela diz. – Na verdade, eu a conheci quando estava caminhando na praia. Depois de uma tempestade.

– Ah – faz ele, assentindo. – Que bom. Ela deveria passar mais tempo ao ar livre. Nós sempre íamos à praia quando morávamos na Califórnia. E agora eu ando preocupado. Ela largou, sabe.

– A escola?

Ele assente e atira mais um pouco do pão para os corvos.

– Sei que não posso culpá-la. Ela sofreu bullying. Postaram coisas horríveis na internet.

Ele solta um suspiro e a cabeça abaixa.

– Eu trabalho com programação, mas não pude fazer nada. Depois que as coisas estão lá, elas não somem mais, sabe? Perseguem você até o fim.

– Para falar a verdade, a minha experiência tem sido o contrário disso – ela diz. – Às vezes, quando eu vou procurar uma coisa, num minuto a informação está lá e, no instante seguinte, *puft!*

– Puft?

– Removida. Apagada. Rápido assim. – Ela estala os dedos.

– Removida – repete ele. – Hmmm. De onde você tem feito essas pesquisas?

– Bem, quase sempre na ilha onde moro. É um lugar meio parado no tempo, e às vezes a nossa conexão com o mundo é incerta.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Essa é uma ideia interessante – diz. – "Incerto" é uma palavra que sempre me ocorre quando penso sobre mim mesmo.

É bom estar no banco do parque conversando com ele, mas um aperto súbito no cérebro lhe diz que seu tempo está no fim. Ela tenta manter o foco.

– Você quer ouvir o recado da sua filha ou não?

Ela o vê estremecer, mas em seguida ele assente.

– É claro.

– Está certo. – Ela vira o corpo no banco para encará-lo, para que ele veja nos seus olhos que está falando sério. – Ela pediu para te dizer que, por favor, não faça isso.

– Não faça o quê? – ele indaga.

Ela aponta para a sacola do mercado aos seus pés.

O olhar dele acompanha o gesto, e os ombros desabam.

– Ah. Isso.

– É, isso – ela repete, séria. – Ela anda preocupada com você, sabe.

– Verdade? – Um cintilar minúsculo de alguma emoção transparece no rosto dele, mas some igualmente rápido. – Bem, por isso mesmo é melhor acabar com essa história logo, assim ela fica livre para tocar a vida.

A resposta dele a deixa irritada.

– Por favor, me perdoe por falar assim, mas você não devia ser tão egoísta.

Ele reage com surpresa.

– Egoísta?

– É claro. Ela é sua filha. Ela te ama. Como acha que vai ficar se sentindo se você abandoná-la? A marca vai ficar lá para sempre. Ela sabe dos seus planos, e se você fizer mesmo o que está pensando, a ideia dela é se matar também.

Ele debruça o corpo para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e cobrindo o rosto com as mãos. O colarinho da camisa está empapado de suor, e através do tecido ela distingue o contorno da camiseta sem mangas usada por baixo. As omoplatas se mexem como as asas de um passarinho recém-nascido, magras e espasmódicas, não exatamente úteis.

– Você acredita que isso é verdade mesmo? – ele pergunta, por entre os dedos.

– Eu tenho certeza. Ela me disse. Está decidida a se matar, e você é o único que pode impedir isso. Ela precisa de você. E nós precisamos dela.

Ele sacode a cabeça devagar, de um lado para o outro, depois esfrega a mão no rosto. Seu olhar procura o lago. Os dois ficam sentados ali um bom tempo, fitando os barcos alegres. Por fim, ele fala:

– Eu não compreendo. Mas, se o que você está dizendo é verdade, não posso correr esse risco. Vou para casa conversar com ela...

– Ela não está em casa. Está num ponto de ônibus em Sendai, tentando ir para o templo. A sua avó está...

– Sim? – Ele ergue os olhos para encará-la, mas um ar de preocupação subitamente surge em seu rosto. – Você está bem? – indaga. – Está pálida demais.

Há muitas outras coisas que ela quer dizer a ele, mas as palavras não vêm. O cérebro está se estreitando, o tempo está no fim, mas ainda há uma coisa que é preciso fazer e ela não consegue lembrar o que é. Quando se levanta, é tomada por uma onda de vertigem. Os corvos sarnentos aos seus pés grasnam e se alvoroçam, exigindo mais alimento. Ela olha em volta buscando pelo corvo da selva, que parece ter desaparecido.

– Corvo! – chama, sentindo a gravidade falhar e o mundo libertá-la do seu abraço, fugindo de baixo dos seus pés, enquanto o corpo é empurrado para trás.

Uma tempestade de pétalas enluaradas. O cemitério de um templo à noite. O vento açoita a cerejeira antiga, desnudando os galhos e enchendo a escuridão

de uma confusão branca de flores, que rodopiam em volta dos seus ombros e vão pousar nas lápides velhas. A madeira das tabuletas fúnebres matraqueia e bate como os dentes apodrecidos dos fantasmas, e em meio ao vento ela ouve uma voz que não é bem uma voz, mas mais uma sensação. *"É só quando a lua está quase cheia..."*, ela parece dizer, essa voz que não é bem uma voz, e sim como o sopro de uma brisa assombrada no gargalo de uma garrafa vazia. Por que aqui?, ela quer saber. Seus olhos baixam e ela se dá conta de que está segurando o caderno de redação, cuidadosamente embrulhado no papel encerado e vincado, e de repente a lembrança vem. Ela sabe se guiar pelos corredores do templo até chegar ao alta. Ela sabe onde encontrar a caixa, no alto da prateleira, e num instante desenrola o tecido branco, ergue a tampa e deixa cair lá dentro o caderno embrulhado. Ouvindo um barulho, ela ergue os olhos e vê a velha monja parada no vão da porta, observando. Atrás dela fica o jardim. Ela está usando uma túnica negra e, quando estende os braços para abarcar o mundo, as mangas compridas inflam. Vão ficando mais longas e amplas até se tornarem vastas como o céu noturno, e depois que conseguem envolver tudo, Ruth pode finalmente relaxar e cair nos seus braços, no silêncio, na escuridão.

6.

A tempestade havia passado durante a noite, e sob a luz fria do dia ela estava junto ao balcão da cozinha, esperando ferver a água para o chá. Era tarde, já quase meio-dia, embora tecnicamente ainda se dissesse manhã. Oliver tinha acordado mais cedo e saído para contar as árvores derrubadas pela ventania e também para ver se Pesto havia enfim aparecido, mas agora já estava de volta e ali na cozinha, no banco onde geralmente se sentava com o gato no colo. Ele checava os e-mails no iPhone, entre um gole e outro do chá, enquanto Ruth contava sobre o seu sonho. De certa forma, o gato ainda parecia estar com ele no lugar de sempre, só que como uma ausência, um vazio em forma de gato.

– Eu não consegui encontrar as palavras dela – Ruth disse. – Procurei, procurei e não consegui achar. Voltei com as mãos vazias. – Ela abriu os dedos e fitou as palmas inúteis.

– Bem – fez ele. – Pelo menos você tentou.

A água ferveu, e ela encheu o bule.

– Num certo momento até senti que estavam ali, bem nas pontas dos meus dedos, mas depois percebi que era a história da velha Jiko, não de Nao, e então

voltei a soltá-la. Eu não queria me desviar do caminho, você entende?

Oliver assentiu. De desvios, ele entendia bem. Ela ouviu o *vupt* de um e-mail sendo enviado enquanto ele punha o aparelho de lado e tomava um gole do chá frio.

– Os Amigos do Pleistoceno estão querendo saber quando a minha monografia vai ficar pronta – ele disse, taciturno. – Ela já devia estar, a esta altura. Por que não consigo me concentrar? Por que eles estão com essa pressa toda?

Eram questões retóricas, e ela não se deu ao trabalho de responder. Depois de completar a xícara de chá dele, serviu uma para si mesma.

– E as únicas outras palavras que achei foram de Haruki – ela prosseguiu. – Do seu diário francês secreto, mas como nós já tínhamos lido ele todo, eu o deixei lá.

– Esse é o problema do Pleistoceno – Oliver disse. – Só pressa, pressa, pressa. Eles querem tudo para ontem.

– Guardei na caixa dos restos mortais dele logo antes de acordar. Me pareceu o mais certo a se fazer.

– Mas não é culpa deles – ele continuou. – Eu sei disso. É minha. Não estou conseguindo me concentrar sem o Pesto.

– Você ouviu alguma palavra do que eu disse?

Ele ergueu os olhos para encará-la.

– É claro que ouvi. Foi um sonho bem impressionante. Você já foi olhar o diário?

Ruth pousou o chá no balcão.

– Ah – fez ela. – Você acha que eu devo?

Parte IV



Um livro é como um grande cemitério onde não conseguimos mais ler os nomes apagados nas lápides. Às vezes, entretanto, alguém se recorda bem do nome, ainda que não saiba de mais nada sobre aquele a quem esse nome pertenceu, e ele sobrevive nas páginas.

– Marcel Proust, *Le temps retrouvé*

Nao

1.

Você ainda está aí?

Eu não te culparia se tivesse desistido totalmente de mim. Afinal, eu mesma desisti, não é mesmo? Então por que deveria esperar que você continuasse comigo? Mas, caso tenha decidido continuar e ainda esteja aí (o que eu torço com força para ser verdade) então quero dizer obrigada por não ter pedido a sua fé em mim.

Mas então, onde nós estávamos? Ah, sim. Eu estava sentada no banco do ponto de ônibus, esperando que ele me levasse até o templo para eu ver a morte da minha velha Jiko, e tinha um velho de agasalho varrendo as pétalas da calçada, e um cachorro sujo lambendo o saco e um vigia abrindo as portas da estação. Os primeiros passageiros começaram a chegar, depois um trem parou e umas pessoas desceram, do mesmo jeito que a gente vê acontecer de manhã cedo em qualquer estaçãozinha de trem. Até aí, nada de mais. Mas, depois de uns minutos, o vigia voltou a aparecer na porta com um sujeito de terno, correu os olhos em volta até me avistar ali no banco e apontou. O cara fez uma reverência em agradecimento e, quando endireitou o corpo, vi que era o meu pai.

Nem consegui acreditar. Eu achava que ele estava morto. Na verdade, estava fazendo questão de nem pensar no assunto, porque, sempre que fazia isso, a imagem que vinha na cabeça era dele num carro no meio do mato com os seus amigos suicidas, sufocando enquanto ouvia Nick Drake.

Mas não era nada disso. Ele estava andando na minha direção, então tratei de desviar os olhos depressa e fingir que nem tinha visto. Quando chegou junto do banco, ele ficou lá parado enquanto eu olhava o cachorro pulguento se coçar. Ele sabia que eu sabia que ele estava ali, mas nós não tínhamos muita coisa para dizer um ao outro e a nossa conversa, quando finalmente começou, foi um papo ridículo mais ou menos assim:

– Oi – ele disse.

– Oi – eu disse.

– Faz tempo que você está aqui?

– Faz, né? Tipo só a noite inteira.

– Ah.

– Posso me sentar?

– Tanto faz.

Eu me arrastei para dar lugar, porque não queria encostar nele. Ele se sentou, e nós ficamos olhando juntos o cachorro até ele terminar de coçar todas as pulgas e ir embora.

– Você veio visitar Obaachama? – indagou ele.

Eu fiz que sim.

– Ela está doente?

Eu fiz que sim.

– Morrendo?

Eu fiz que sim.

– E por que não me contou?

Eu ri, mas não um riso do tipo *ha-ha*. Mais como um "tá, sei, e que merda iria adiantar?"

Ele entendeu o recado e não disse nada.

O ônibus dobrou a esquina bem nessa hora, e nós dois levantamos. Éramos os únicos passageiros, mas mesmo assim entramos educadamente em fila, meu pai atrás de mim, como dois desconhecidos. Quando o ônibus parou, eu soltei um:

– Achei que você tinha morrido.

Era como se eu estivesse falando com a lateral do ônibus, eu nem sabia se ele tinha escutado ou não. As palavras estavam na minha cabeça e vazaram pela boca antes que eu pudesse segurar. Na verdade, eu não queria estender esse assunto com ele, então senti um alívio quando não tive resposta. As portas do ônibus abriram e nós entramos. Papai pagou as passagens, fui sentar lá bem no fim do ônibus e ele foi atrás. Ainda hesitou um instante, depois se sentou do meu lado. Ele soltou um suspiro longo, como se a gente tivesse acabado de fazer alguma coisa superdifícil, depois estendeu a mão para dar uns tapinhas na minha.

– Não – ele disse. – Eu ainda não morri.

Quando nós chegamos ao templo, a velha Jiko continuava viva, mas já estava cheio de gente lá para esperar a morte dela. Umas pessoas do danka e umas monjas e monges e até uns jornalistas, que tinham aparecido devido à fama que ela ganhou por ser tão velha.

Éramos da família, então tivemos tratamento VIP e conseguimos entrar direto para falar com ela. Muji nos levou. A velha Jiko estava deitada no seu futon. E parecia tão miúda, como uma criança anciã. A pele estava quase transparente, e por baixo dava para ver o lindo contorno arredondado das maçãs de seu rosto. Os olhos estavam fixos no teto, mas quando me ajoelhei ao seu lado e tomei-lhe a mão, ela virou a cabeça e me olhou através do azul-leitoso das suas flores de vazio.

– *Yokkata* – sussurrou. – *Ma ni atta ne*.[154]

Os dedos eram gravetos secos, finos, mas estavam quentes. Eu tive a sensação de que ela me apertou a mão com aqueles dedos quentes. Não conseguia fazer nenhuma palavra sair da boca, porque estava fazendo força para não chorar. O que haveria para dizer? Ela sabia do meu amor. Às vezes você não precisa de palavras para dizer o que carrega no seu coração.

Mas ela tinha uma coisa que queria nos contar. Acho que estava esperando por isso. Erguendo os braços, fez um esforço para deixar o corpo sentado. Eu tentei ajudar, mas o corpo dela era só um punhado de ossos num saco de pele, e fiquei com medo de machucá-la.

– Muji – ela sussurrou.

Muji estava bem ali ao lado, e meu pai também.

– Sensei – pediu Muji. – Por favor, fique deitada. Não é preciso...

Mas a velha Jiko fez questão. Ela queria fazer o seiza,[155] então eles precisaram segurá-la pelas axilas para que ficasse de joelhos, e achei sinceramente que os braços iam se descolar do corpo ou que ela fosse morrer por causa do esforço. Dava para ver que não estava sendo nada fácil, mas finalmente eles conseguiram deixá-la equilibrada e ereta. Muji ajeitou o colarinho da sua túnica. A velha Jiko ficou parada um tempo, de olhos fechados, se recuperando, e depois levantou a mão. Muji já sabia. Ela estava com o pincel e a tinta preparados numa mesinha, e então passou os dois com cuidado para o futon da Jiko e arrumou cuidadosamente em frente a ela.

Não sei se você sabe disso, mas é uma tradição dos mestres zen que eles escrevam um último poema no seu leito de morte. Portanto, essa movimentação toda não foi tão esquisita como parece, mas mesmo assim era muito louco olhar para ela ali, sentada na cama com um pincel na mão, um instante depois de ter parecido a ponto de morrer a qualquer momento.

Ela ficou com os olhos fechados enquanto Muji aprontava tudo, abrindo um papel de arroz na mesa à sua frente e preparando a tinta sumi na pedra de moer. Depois, ela devolveu o bastão de sumi ao seu suporte e fez uma reverência.

– *Hai, Sensei. Dozo...*[156]

E então Jiko abriu os olhos. Ela mergulhou o pincel na tinta negra espessa, fazendo pressão e dando batidinhas de leve na pedra de moer, como se tivesse todo o tempo do mundo; e tinha mesmo, porque o tempo reduziu sua marcha para dar a ela todos os momentos de que precisava. Para honrar o seu grande esforço e a sua capacidade sobrenatural de reduzir a marcha do tempo, nós aprumamos a nossa postura o máximo que conseguimos – meu pai e eu ajoelhados em frente a ela, e Muji mais para o lado –, e tudo ficou muito quieto no quarto, exceto pelo pressionar e bater do pincel. Então, quando ele estava no ponto exato, Jiko respirou fundo e o segurou sobre a folha de papel branco. A sua mão ficou imóvel. Uma gota de tinta preta começou a inchar na ponta do pincel, mas, antes que ela caísse, o pincel arremeteu como um pássaro preto cruzando o céu cinzento, e, um instante depois, cinco riscos escuros e encorpados jaziam úmidos sobre a página.

Não era um poema. Era um único ideograma.



Cinco pinceladas. Sei. Ikiru. Viver.

Ainda com o pincel na mão, ela olhou para mim e para o meu pai.

– Por ora – disse, dirigindo-se a nós dois. – Enquanto é tempo.

Muitos mestres zen gostam de morrer durante o zazen, mas a velha Jiko quis se deitar. Não faz mal. Isso não quer dizer que ela não era uma mestre zen de verdade. Você pode ser um mestre zen e preferir deitar. O próprio Buda morreu deitado, e toda essa história de querer ficar sentado até o fim é só uma pitada extra de macheza. O jeito como Jiko morreu foi perfeitamente razoável. Ela apoiou cuidadosamente o pincel de volta no suporte e depois foi adernando muito devagar para o lado direito, igual ao velho Shaka-sama. Os joelhos continuavam dobrados depois do seiza, e ela não se deu ao trabalho de esticar as pernas. Quando a cabeça encostou no chão, ela simplesmente pôs a mão por baixo do rosto e fechou os olhos, como se estivesse se preparando para tirar um cochilo. E parecia mesmo muito confortável ali. Ela puxou o ar numa inspiração tremida, depois outra, e depois o mundo todo expirou com ela. E então parou. Só isso. Nós esperamos, mas não aconteceu mais nada. Ela tinha partido.

Muji se ajoelhou para umedecer seus lábios com matsugo-no-mizu,[157] depois fez algumas reverências raihai diante dela, e eu e meu pai fizemos também. Depois eles rolaram o corpo miúdo até deixá-lo de barriga para cima, esticaram os joelhos, e Muji acendeu o incenso e estendeu um tecido branco em cima do rosto dela. O altar com velas novas, incenso e flores já tinha ficado preparado, e em seguida ela saiu do quarto para dar a notícia a todos que esperavam do lado de fora.

Eu fiquei parada lá, tentando entender o que tinha acontecido. Não conseguia acreditar que a velha Jiko estava morta de verdade e tive que me segurar para não levantar o tecido branco. Tive medo tecido que ela fosse sufocar lá embaixo. Mas como o tecido nem estava se mexendo, dava pra saber que ela realmente tinha parado de respirar. Um fio estreito de fumaça subia da ponta acesa do incenso até as vigas do teto, mas nada mais se mexia.

O tempo continuava num ritmo lento e esquisito, e eu não sabia dizer se estavam se passando minutos, horas ou dias. Podia ouvir o barulho de coisas acontecendo em outras partes do templo. Os tatames começaram a desaparecer do quarto. No fim, uns homens entraram trazendo uma banheira de madeira grande. Muji encheu o sakasamizu[158] começando com a água fria, porque, quando uma pessoa morre, você tem que fazer tudo ao contrário e de trás para frente. Depois que a banheira estava pronta, ela tirou com todo o cuidado a roupa da velha Jiko e então me perguntou se eu queria ajudar a banhá-la. Deu para ver que meu pai estava preocupado comigo nessa hora, e ele chegou a falar que eu não precisava fazer aquilo, mas respondi que era claro que queria ajudar. Afinal, depois de todos os banhos que eu e ela tomamos juntas e de todas as vezes que eu tinha esfregado as costas da velha Jiko, eu já sabia direitinho o que fazer. Era como se tivesse sido um treinamento para estar ali. Eu sabia exatamente com que força tinha que esfregar, e o fato de agora ela estar morta não pareceu esquisito nem nada. Foi um banho normal.

Depois, nós vestimos nela um quimono especial todo branco, que tinha sido costurado pela Muji sem dar nenhum nó na linha, assim a Jiko não ficaria amarrada a este mundo. E fechamos o quimono cruzando o lado direito em cima do esquerdo, ao contrário do jeito que as pessoas vivas cruzam, depois a deitamos com o rosto virado para o norte em vez de para o sul. Muji pôs uma faquinha em cima do seu peito para ajudá-la a cortar os laços que ainda restavam com este mundo. E a velha Jiko ficou deitada dessa forma por todo o dia seguinte, enquanto os membros do danka e os outros monges vinham fazer

reverências e prestar suas últimas homenagens a ela. Depois eles a puseram no caixão.

Eu achei que entendesse um pouco dos funerais japoneses por causa daquele que o pessoal da escola tinha feito para mim, mas o funeral da Jiko não foi nem um pouco parecido com o meu. Foi tudo muito grandioso, conduzido no salão principal do templo, com uma multidão de gente vinda de todo lugar e todos os monges e monjas do templo principal. Minha mãe finalmente deu as caras, bem formal e vestida de preto. Ela trouxe um terno preto para o meu pai usar e um uniforme escolar limpo para mim. Os monges e monjas entoaram muitos sutras, e todos esperaram a sua vez de ir até o altar fazer suas oferendas de incenso. Eu era a segunda da fila, logo depois do meu pai, e fiquei toda nervosa e me sentindo importante. Depois que todos fizeram as suas oferendas e reverências, chegou a hora de nos despedirmos da velha Jiko antes de fecharem o caixão. Nós pusemos flores dentro dele e as coisas que poderiam ser úteis para ela na outra vida, como os livrinhos dos sutras, os chinelos e óculos de leitura, e também as seis moedas para ela poder cruzar o Rio das Três Travessias na Montanha do Medo. Quando não tinha ninguém olhando, dei um jeito de enfiar uns bombons Melty Kisses na mão dela também. Geralmente os mestres zen não levam chocolate para a Terra Pura, porque afinal eles não são apegados às coisas deste mundo e tudo mais, mas eu sabia como a velha Jiko adorava chocolate e achei que não ia ter problema. Quando encostei nos dedos dela, eles estavam duros e gelados. Ela já estava tão mudada, desde que tinha morrido. Um dia antes, quando demos o banho no corpo, a sensação era de que ela ainda estava ali, mas agora era um corpo vazio. Um saco. Uma bolsa de pele. Uma coisa fria. Sem Jiko nenhuma.

O caixão foi fechado e os pregos batidos com uma pedra enquanto os monges e monjas cantavam sem parar. Lembranças, como se fossem ondas, lamberam as bordas do meu pensamento. Eu voltei até o meu próprio funeral, e à voz triste do Ugawa Sensei e às palavras que entoava. *Forma é vazio e vazio é forma.* Agora elas faziam sentido para mim, porque num instante Jiko era forma, e no instante seguinte já não era mais. Depois me lembrei do dia do karaokê, quando ela tinha cantado “Impossible Dream”. Na minha cabeça, tinha uma ligação entre essa canção e o voto que Jiko fizera pela salvação de todas as criaturas, e quando olhei para ela deitada ali, me senti triste porque ela não tinha conseguido cumprir seu objetivo e o mundo continuava cheio de gente malvada e de hentai. Mas depois me ocorreu uma outra coisa, que talvez o fracasso dela não tivesse essa importância toda porque pelo menos Jiko havia

continuado fiel ao seu sonho impossível até o final. E me perguntei se, quando ela deitou para descansar, o seu coração estava calmo e em paz ou se ela ainda continuava preocupada com as coisas. Eu me perguntei se ela estava preocupada comigo. Sei que é uma ideia egoísta, mas eu meio que quis que ela estivesse. Quer dizer, uma coisa é ter o objetivo de salvar todos os seres, mas ela pelo menos podia ter esperado por mim. Pela sua própria bisneta. Mas ela não esperou. Ela seguiu adiante e entrou no elevador de qualquer maneira.

Partiu, partiu
partiu para além...

Um carro fúnebre sofisticado desceu com ela da montanha e a levou para o crematório perto do templo grande na cidade. Os monges e monjas entoaram mais cânticos enquanto o caixão da velha Jiko era arrumado em cima da bandeja metálica e então a deslizaram para dentro do forno como se fosse uma pizza. As portas foram fechadas, e de repente me peguei preocupada com os Melty Kisses derretendo em cima do quimono todo branco, mas era tarde demais para fazer alguma coisa. Nós fomos esperar do lado de fora, e vi a fumaça subindo no céu azul sem nuvens. O meu pai ficou perto de mim e pegou a minha mão na dele, e não me incomodei. Nós não falamos nem nada. Depois que terminou, voltamos a entrar, e eles retiraram a bandeja. Não tinha nem sinal dos bombons. Só o que restava era um esqueleto miúdo e quebrado de ossos quentes bem brancos. Ela era tão pequena que nem dava para acreditar.

O cara do crematório usou um martelinho para quebrar os ossos maiores, depois todos nos aglomeramos em volta da bandeja com palitos de madeira nas mãos para pegar os pedaços. Isso tem que ser feito em duplas: cada dupla pega um osso para guardá-lo na urna funerária. O jeito certo de começar é pelos ossos dos pés e ir subindo até chegar à cabeça, porque não dá para deixar o morto virado ao contrário pelo resto da eternidade. Eu e meu pai formamos uma dupla e começamos a manejar os palitos com todo cuidado, e enquanto pegávamos os ossos, Muji ia explicando o que cada um era. Ah, esse é o tornozelo dela. Esse é a coxa. O cotovelo. Olhem, é o nodobotoke!

Todos ficaram superfelizes, porque achar o nodobotoke é um ótimo sinal. Muji falou que é o osso mais importante de todos. No Ocidente, ele se chama pomo de adão, mas no Japão o nome é Buda da Garganta, por causa do formato triangular que lembra um pouco a forma de uma pessoa praticando o zazen. Quando a gente acha o Buda da Garganta, quer dizer que o morto vai entrar no

nirvana e voltar para o oceano da tranquilidade eterna. O Buda da Garganta é o último osso a ir para a urna, você deixa ele no topo da pilha e depois eles fecham a tampa.

Não precisamos do carro fúnebre enorme para nos levar de volta, porque agora Jiko estava tão pequena que podia ir no meu colo, e foi lá mesmo que ela ficou até chegarmos no alto da montanha. Quando chegamos, fomos até o quarto da Jiko e pusemos a urna e o retrato dela no altar da família, ao lado do Haruki nº 1.

Muji foi buscar o 生 da Jiko na sala do santuário. Ele já tinha sido levado para ficar exposto durante as últimas homenagens, e agora Muji pendurou o pergaminho junto ao altar da família, perto do retrato funerário da velha Jiko. Os jornalistas ficaram alvoroçados por causa da última palavra dela e abordaram os monges cheios de si do templo principal, querendo registrar suas interpretações profundas e explicações a respeito. E ninguém chegava a um acordo. Alguns disseram que tinha sido o início de um poema que ela não conseguira terminar. Outros diziam que não, aquele era o texto completo e mostrava que ela ainda estava apegada à vida e que nem depois de 104 anos a sua compreensão havia deixado de ser imperfeita. E outros ainda discordaram, alegando que ter escrito *vida* no momento da morte representava seu entendimento de que vida e morte eram uma coisa só, e portanto ela tinha alcançado a iluminação e estava livre da dualidade. Mas a verdade era que só eu e meu pai sabíamos o que ela queria dizer de verdade, e nós não íamos contar a eles.

Minha mãe foi ajudar Muji e as outras senhoras do danka com a limpeza da cozinha, e de repente ficamos só o papai e eu sentados diante do altar da família, sozinhos pela primeira vez desde que ele foi ao meu encontro no ponto do ônibus. A sala estava quieta. Até aquele momento, tudo tinha sido movimentado demais, com todos os monges e monjas, e o danka e os rituais e cânticos, e os jornalistas fazendo perguntas, mas agora éramos só o meu pai e eu e todas as palavras não-ditas, pairando como fantasmas entre nós dois. E a palavra que Jiko havia deixado escrita era o fantasma mais assustador de todos.

Foi meio esquisito. Eu ouvia os murmúrios de vozes distantes lá da cozinha e o barulho da comida sendo preparada e dos insetos zumbindo no jardim. Era primavera, e o tempo estava começando a esquentar outra vez.

– Eu queria saber o que tem na caixa – papai disse.

Acho que ele só quis puxar conversa, mas seu dedo estava apontando para a prateleira do altar onde ficava a caixa com os restos-que-não-eram-restos-de-

verdade de Haruki nº 1, e fiquei tão aliviada por ele ter feito uma pergunta que eu sabia responder que acabei lhe contando a história inteira. É claro que a maior parte ele já sabia, mas eu não me incomodei. E me senti orgulhosa porque era uma boa história, porque a Jiko é que tinha me contado e agora eu podia contar a ele e mandar embora os fantasmas das palavras não-ditas. Então fui contando tudo sobre a convocação de Haruki nº 1, sobre o desfile na chuva, sobre todos os castigos e maus-tratos que ele teve que suportar no treinamento e sobre o jeito como, apesar de tudo isso, ele completou corajosamente a sua missão suicida e lançou o seu avião contra o alvo inimigo. E porque ele foi um herói militar, porque cumpriu o seu dever e concluiu a missão, as autoridades enviaram para Jiko aquela caixa de restos mortais não-totalmente-vazia.

– Não sobrou nada dele – expliquei –, então eles puseram dentro um pedaço de papel escrito "ikotsu". Você quer ver?

– Claro – papai respondeu.

Eu fui até o altar e peguei a caixa da prateleira. Tirei a tampa e olhei para dentro, esperando ver a tirinha de papel. Mas havia uma outra coisa lá. Um embrulho pequeno. Eu o puxei para fora.

Era feito de um pedaço velho de papel encerado, manchado de mofo e meio comido por insetos. Quando o virei na minha mão, uns pedaços se soltaram. Espanei a poeira de cima.

– O que é isso? – perguntou papai.

– Eu não sei. Não estava aqui antes.

– Abra.

E eu abri. Tirei o papel oleado do embrulho, tomando cuidado para não rasgar. Dentro havia um caderno fino, dobrado em quatro partes. Eu o abri para olhar a primeira página. Estava coberta de palavras escritas numa tinta azul desbotada, que iam da esquerda para a direita ao longo do papel. Não de cima para baixo, como o japonês. Era tipo um texto em inglês, só que não entendi nada.

– Não sei ler isso.

Papai estendeu a mão.

– Deixe eu ver.

Entreguei o caderno a ele.

– Está em francês – papai disse. – Interessante...

Eu fiquei surpresa. Não fazia ideia de que ele soubesse francês.

Ele debruçou o corpo para a frente, virando as páginas quebradiças com cuidado. – Acho que pode ser do tio Haruki – ele disse. – Jiko Obaachama uma

vez disse algo sobre um diário. Ela comentou que Haruki tinha o hábito de manter um diário, mas achou que ele devia ter se perdido.

– Então como ele veio parar aqui? – eu quis saber.

Papai sacudiu a cabeça.

– Será que estava com ela o tempo todo?

Aquilo não me pareceu muito possível.

– Não pode ser – respondi. – Ela teria contado para a gente.

– Ele escrevia as datas, está vendo? – Papai mostrou. – 1944. 1945. Devia ser a época em que ele estava no serviço militar. Só não sei por que escreveu em francês.

Essa resposta eu sabia também.

– Era mais seguro – expliquei. – Se os caras que o maltratavam encontrassem, não conseguiriam ler o que estava escrito.

– Mm – fez papai. – Acho que você tem razão. Era um diário secreto.

Eu me senti toda contente.

– Tio Haruki era muito inteligente – comentei. – Ele falava francês, alemão e inglês também. – Não sei por que eu estava me gabando daquele jeito, como se fosse eu que soubesse todas aquelas coisas.

O olhar dele procurou o meu.

– Será que devemos levá-lo para casa conosco? Você não está curiosa para saber o que ele diz?

É claro que eu estava! Fiquei feliz porque realmente queria saber o que o tio Haruki tinha escrito no seu diário francês secreto, mas também porque já fazia um tempão que eu e meu pai não tínhamos um projeto só nosso como aquele. E fiquei ali olhando para ele, ajoelhado junto do altar e tentando decifrar o francês das páginas. Ele estava parecido com o meu antigo pai meio nerd e estudioso, alegremente perdido num mundo à parte. Mas então a imagem dele saindo de casa com a sacola cheia de briquetes de carvão surgiu na minha cabeça, e meu coração deu uma pirueta e afundou. Na verdade, nós já estávamos no meio de um outro projeto inacabado. O nosso último projeto. O projeto do suicídio.

Ele deve ter sentido o meu olhar, porque ergueu o rosto e desviei depressa para que ele não me visse segurando o choro. Eu tinha acabado de visualizar uma imagem muito triste nessa hora, das urnas empoeiradas minha e do meu pai, lado a lado no altar da família, sem mais ninguém vivo para tomar conta dos nossos restos mortais. Não faltava muito tempo.

– Nao-chan?

– O quê.

Eu sabia que minha voz tinha soado brusca, mas não me importei.

Ele esperou até ter certeza de que eu prestava atenção, depois falou num tom muito suave.

– É como a vovó Jiko escreveu, Nao-chan. Nós temos que dar o melhor de nós!

Encolhi os ombros. Claro que eram palavras bonitas e tudo, mas como eu poderia confiar nele?

– Ikiru shika nai! – ele disse, meio que falando consigo mesmo, e depois ergueu os olhos e repetiu num tom urgente, agora traduzindo, como se quisesse ter certeza absoluta de que eu ia entender. – Nós precisamos viver, Naoko! Não temos escolha. Precisamos aguentar firme!

Assenti, quase sem coragem de respirar enquanto o peixe na minha barriga batia a cauda enorme e saltava se retorcendo no ar. Depois, batendo na superfície com um estrondo, ele mergulhou de volta e foi nadando para longe. Pouco a pouco, a água voltou a se acalmar.

Ikiru shika nai. O meu peixe iria viver, e eu e papai também, exatamente como a minha velha Jiko escreveu.

Meu pai e eu voltamos à leitura. Chibi-chan começou a miar da varanda, então me levantei para deixá-lo entrar. Assim que abri a porta de correr, ele disparou pela abertura e foi se enfiar no meio das minhas pernas, como se estivesse sendo perseguido por cachorros fantasmas do inferno. Os pelos das costas estavam todos arrepiados. Uma brisa forte e quente entrou atrás dele, sacudindo o papel das portas na sua moldura. O barulho foi igualzinho ao riso da Jiko. Papai ergueu os olhos do diário do seu tio.

– Você disse alguma coisa?

Eu sacudi a cabeça.

Mamãe foi embora no dia seguinte porque precisava voltar ao trabalho, mas papai e eu ficamos para ajudar Muji a arrumar as coisas da velha Jiko. Não que ela tivesse tanta coisa assim. Os seus pertences se resumiam a uns livros de filosofia antigos que tinham sido do Haruki nº 1, que papai disse que levaria para ele. A única coisa com que Jiko realmente se importava era o destino do Jigenji, mas o pequeno templo não pertencia a ela de verdade. Pertencia à sede principal, e eles continuavam com a ideia de vender o terreno para uma empreiteira, mas por sorte o mercado de imóveis estava em crise devido ao estouro da bolha econômica, e, como seria uma fortuna transferir todas as

sepulturas, eles decidiram esperar. Isso significava que Muji poderia ficar, pelo menos temporariamente, e que nós poderíamos manter o altar da família lá também. Muji nos prometeu tomar conta dele como se fosse o da sua própria família, o que na minha opinião era mais ou menos isso mesmo, já que ela era praticamente minha tia, e prometi que voltaria para ficar com ela no templo todos os verões e também a cada mês de março, para ajudar com os rituais em memória da velha Jiko. E foi um bom acerto, pelo menos naquele momento.

154 *Yokkata. Ma ni atta ne* – Estou feliz... Você chegou a tempo.

155 *seiza* (正座) – postura formal de joelhos.

156 *Hai, Sensei. Dōzo* – Aqui está, Sensei. Por favor...

157 *matsugo-no-mizu* (末期の水) – água do último instante.

158 *sakasamizu* (逆さ水) – água de cabeça para baixo. Normalmente, a banheira leva água quente primeiro e só depois a fria.

Ruth

1.

O pequeno cemitério de Whaletown não ficava tão distante assim da casa deles, mas Ruth não o visitava com a frequência que deveria. Ela tinha plantado um pequeno corniso na sepultura dos pais, mas naquele primeiro verão a ilha passou por uma seca e ela se esqueceu de ir regar a árvore, então, apesar de ter sobrevivido, ela havia perdido alguns galhos e também a sua aparência agradavelmente simétrica. Ruth se sentiu mal por causa disso.

– Me desculpe, mamãe – disse, varrendo a poeira e as folhas secas acumuladas ao longo do inverno sobre a pequena placa de granito com o nome da sua mãe. – Eu não sou muito boa nessas coisas.

A mãe, é claro, não respondeu, mas Ruth sabia que ela não teria se importado. Masako nunca fora muito ligada em rituais, nunca se lembrava dos aniversários nem de datas comemorativas, e geralmente via tudo isso como um grande aborrecimento. E Ruth tendia a concordar com ela, mas depois que lera o relato de Nao sobre o funeral da velha Jiko, começou a sentir vontade de ter feito algo mais significativo na ocasião do falecimento da mãe.

A morte havia acontecido de forma discreta. Nos últimos anos de vida, ela desenvolveu um câncer na mandíbula, e a essa altura, mesmo que não houvesse as complicações do Alzheimer, seu organismo já estava frágil demais para resistir à cirurgia, na qual precisaria remover metade do osso do maxilar. O oncologista recomendou então um tratamento paliativo com radioterapia, que não removeria o câncer, mas talvez aliviasse um pouco o sofrimento dela. E foi isso mesmo que aconteceu. O tumor retrocedeu e a lesão fechou, mas Masako começou a precisar de mais cuidados do que Ruth e Oliver poderiam lhe garantir na ilha, então tomaram a decisão de transferi-la para uma casa de repouso em Victoria, onde passou seus últimos dois anos de vida. Quando o tumor voltou, eles tentaram fazer mais um ciclo de radioterapia, mas dessa vez Masako já não tinha forças ou vontade de se recuperar e acabou entrando em coma.

A morte não demorou. Era tarde da noite, e a casa de repouso estava silenciosa. Ruth e Oliver, sentados ao lado dela, liam seus livros. De repente, os

olhos da mãe se abriram num estalo, cegos, e ela debateu o corpo tentando ficar sentada. A respiração estava curta e falhada. Ruth segurou o corpo miúdo e rígido da mãe nos braços. Oliver pousou-lhe a mão na testa. Ela relaxou. As pálpebras tremularam enquanto a luz se esvaía do seu rosto. Por um tempo, ela ainda ficou ali, uma presença sutil e fugidia, depois exalou uma última vez e partiu.

Eles ficaram ao lado dela um pouco, fazendo companhia caso o seu espírito ainda estivesse por perto. Seguraram as suas mãos e conversaram com ela até que o corpo esfriou.

Isso aconteceu numa noite de terça-feira. A cremação foi na sexta. Tinham se passado vários dias, e Ruth estava apreensiva pensando em como estaria a aparência da mãe, mas, quando eles foram conduzidos à pequena antessala do crematório, onde o corpo de Masako estava deitado sob um lençol branco num caixão de papelão, tudo o que ela sentiu foi alegria por revê-la. Eles haviam escolhido os objetos favoritos da mãe para que ela levasse: retratos, cartas e postais de familiares e amigos; uma manta de crochê da Loja Grátis que ela adorava; o seu par de tênis preferido e as luvas; algumas barras de chocolate. Um calendário para ajudá-la a se lembrar das datas importantes. Lixas de unha. Fita durex. Um quadro em aquarela. Flores. Oliver quis levar flores tropicais, do Havaí, já que Masako fora criada lá, então comprou antúrios vindos de Hilo, folhas de coqueiro-de-vênus para dar sorte, ramos de gengibre e uma estrelítzia enorme e exuberante. Eles encheram o caixão de papelão com os objetos e flores e ficaram sentados com ela mais um pouco, e depois, sem saber o que fazer, deram-lhe beijos de despedida. Ruth pensou que ela parecia estar bem ali, cercada por todas as suas coisas. Confortável. O homem da funerária tampou a caixa e os seus assistentes a empurraram para a sala de cremação, deixando-a junto à entrada do forno. As portas se abriram e a caixa deslizou para dentro. Ruth girou o botão para ligar o aparelho. A mãe dela era tão pequena, o agente funerário havia comentado, só 33 quilos. Não iria demorar muito. Algumas horas. Eles podiam voltar para buscar as cinzas depois das duas.

Eles deram uma volta pelo cemitério-jardim, que ficava ao lado da casa funerária. Estava uma manhã bonita. Listras de nuvens cortavam o céu do Pacífico, mas o sol reluzia através delas e tudo estava molhado, cintilante e dourado. Grandes abetos de Douglas, do tipo que sua mãe adorava, cercavam a área ajardinada. Todas as árvores decíduas já haviam mudado de cor, e o amarelo e alaranjado das suas folhas brilhava contra os tons mais escuros das

coníferas. A grama estava salpicada de folhas caídas. Eles contornaram o lago, seguindo pela alameda até avistarem a chaminé do crematório. E ficaram olhando por um tempo. Não tinha fumaça saindo dela, mas os olhos podiam distinguir uma coluna densa de calor tremulante, que era tudo o que restava do corpo da sua mãe conforme ela se transformava em ar. Oliver disse que, naquela forma etérea, ela poderia seguir os ventos alísios de volta para Hilo e chegar lá bem depressa. Ruth comentou que a mãe iria gostar disso.

Eles levaram as cinzas de volta para Whaletown e Ruth foi conversar com Dora, que, na posição de secretária do clube comunitário, era também a responsável pelo cemitério local.

– Pode ser onde você quiser – ela disse. – Escolha o lugar e cave o buraco. Só tome cuidado para não desenterrar ninguém.

– Vai ser pequeno – Ruth respondeu. – É só para as cinzas dela e do meu pai. Mas eu gostaria de plantar uma árvore, se for possível. Um corniso japonês. Os dois gostavam de cornisos japoneses.

– Sem problemas – concordou Dora. – É só ela não fazer sombra em cima de mais ninguém. E não se esqueça de vir regar.

O pequeno corniso retorcido não crescera muito naqueles anos depois da morte da mãe, mas ainda assim dava algumas flores todas as primaveras, embora não houvesse muita gente em volta para vê-las. A mãe de Ruth não quisera uma cerimônia fúnebre, e o seu pai também não. Os dois tinham vivido mais tempo que a maioria dos seus amigos e a localização isolada da ilha impedia os que ainda restavam de passarem para visitar o túmulo. Ainda assim, Ruth às vezes encontrava uma rosa murcha ou um bichinho de pelúcia junto à lápide da mãe, o que significava que alguém costumava ir ali. Ela intuiu que as rosas deviam ser de Dora, mas os bichos de pelúcia eram um mistério, embora certamente fossem agradar Masako.

– Espero que vocês não se sintam muito solitários aqui – Ruth disse, dando uma última varrida na lápide do pai. Ela correu um olhar vacilante pelos túmulos em volta. Muitos dos mais antigos eram só locais afundados no terreno, marcados por pequenas cruzes de madeira carcomida. As sepulturas com lápides eram mais fáceis de localizar. Uma ou duas das mais antigas tinham motivos marinhos em homenagem aos pescadores e marujos que morreram no mar. Alguns dos túmulos mais recentes eram marcados por stupas rústicas ou totens de madeira, esculpidos por hippies de inclinação xamânica. Umas poucas sepulturas mostravam estar bem-cuidadas, mas a maioria não estava. Antigas oferendas de conchas e pedras, velas derretidas e apanhadores

de sonhos feitos de macramê podiam ser vistos espalhados por toda parte. Uma bandeira de oração tibetana meio esfarrapada pendia do galho de um cedro. Aquele era um lugar solitário. A mãe de Ruth, que sempre fora uma pessoa com inclinação para a solidão, não devia se importar. Mas o pai gostava de companhia.

Ruth guardou a vassourinha na mochila e tirou de lá uma pequena foice, que usava para cortar a grama morta. Ela examinou o corniso. Ele continuava retorcido, mas dava alguns sinais de crescimento. Brotos pequeninos abriam caminho nas pontas dos ramos, e ela prometeu para si mesma que voltaria quando a primavera estivesse mais avançada para ver as flores. Ela pegou então o pacote de incensos, que comprara na loja de comida natural da ilha, tirou uma das hastes e acendeu com o isqueiro. Ela enterrou o palito na terra e se sentou no chão diante das lápides... para fazer o quê? Ruth não sabia. A terra ainda estava úmida por causa da chuvarada. Um fiapo fino de fumaça se enroscou no ar, saindo da ponta do incenso. O céu acima estava azul e riscado de nuvens altas. Ela se pegou pensando no funeral falso de Nao e no funeral verdadeiro de Jiko e teve vontade de saber algum cântico que pudesse entoar. Como eram mesmo as palavras? Partiu, partiu, partiu para o completo além, desperto, vivas...

Alguma coisa assim.

2.

– Os japoneses levam funerais e ritos fúnebres muito a sério – Ruth disse.

– A sua mãe não levava – retrucou Oliver.

Eles estavam do lado de fora com Muriel, na varanda, testando a lente acoplável para observação de pássaros que Oliver encomendara para o seu iPhone. Muriel queria dar mais uma olhada no corvo da selva, e Ruth tinha pedido a Oliver que fizesse uma foto dele e a enviasse, junto com as coordenadas do GPS, para a base de dados colaborativa do Laboratório de Ornitologia de Cornell.

– É, a mamãe era esquisita. Não tinha muito de japonesa.

– Nem você tem. – Ele ergueu o cilindro comprido da teleobjetiva, na ponta do qual o iPhone se pendurava como se fosse alheio àquilo, e examinou a telinha enquanto vasculhava a copa alta de um abeto de Douglas. As árvores ficavam escuras contra o azul do céu, e ele estava tendo problemas com os ajustes de contraste.

– Eu sei – Ruth disse. – Mas procuro me esforçar. Foi bom ter ido ao cemitério hoje cedo. O corniso está um pouco menos desengonçado.

Ele passou a apontar a lente para um grupo de cedros.

– As raízes já devem ter se entranhado bem no solo. Ele vai conseguir sobreviver a mais alguns anos de seca e abandono.

Oliver mexeu na lente, tentando focalizar a imagem. Muriel tinha trazido o seu par de binóculos potentes. Ela estava com ele no rosto, vasculhando entre os galhos enquanto ouvia a conversa dos dois.

– Eu não acho que sua mãe era esquisita – opinou. – Na verdade, eu gostava muito dela. Muita gente aqui na ilha gostava. Ela fez amigos aqui, mesmo não conseguindo se lembrar direito de quem eles eram. Foi uma pena você não ter feito nenhuma cerimônia, se não por ela, pelas pessoas todas.

– Eu sei, eu sei...

– Sabia que Benoit sempre visita o túmulo? Ele leva brinquedinhos da Loja Grátis para ela.

Ruth ficou em silêncio. Benoit. Claro. Muriel tinha razão, era mesmo uma pena. Ela mudou de assunto.

– Na verdade, eu falei pensando em Nao e na Jiko. Os japoneses levam esses ritos muito a sério. A velha Jiko morreu em março, não foi? Nao prometeu que voltaria todos os anos nesse mês para ajudar com a cerimônia. O templo ficava na região norte de Sendai, perto do litoral e do epicentro do terremoto, e mais ou menos no caminho do tsunami. Então a questão que fica é: a garota estava lá em 11 de março de 2011? Eu acho que os indícios são bem fortes. Ela estava lá, sabia que a onda estava se aproximando, então pegou um dos sacos herméticos da Muji para guardar nele os seus pertences mais preciosos: o diário, as cartas de Haruki e o relógio...

– De que adianta ficar especulando? – Oliver indagou. – Você nem terminou de ler ainda.

Muriel baixou os binóculos e olhou para Ruth, perplexa.

– Você não terminou de ler?

– Não – Ruth disse. – Ainda faltam algumas páginas.

Muriel sacudiu a cabeça.

– Não entendo você. Se fosse eu, teria me sentado para ler do início ao fim e vasculhado tudo o que conseguisse antes de sair procurando evidências que comprovassem as minhas conclusões. E nada teria desviado a minha atenção até terminar de fazer isso.

Ruth fitou as nuvens ralas no céu e ficou pensando na melhor maneira de

responder.

– Bem – ela começou. – Entendo o seu ponto de vista, mas é que eu estava tentando controlar o meu ritmo de leitura. Senti que devia isso a Nao. Eu quis ler na mesma cadência com que ela estava vivendo as coisas. Pensando agora parece uma bobagem. – Ela fez uma pausa, pensando se devia ou não continuar. – E, além do mais, tem o problema com a parte final... – ela acabou dizendo.

– Qual é o problema com o final?

– Bom, nada. É só que ele fica... mudando.

– Mudando?

– Fica recuando – Ruth concluiu.

– Interessante – disse Muriel. – Será que você pode explicar melhor?

E então Ruth explicou. Contou como antes havia folheado as páginas até o fim para conferir se todas estavam preenchidas e como depois essas mesmas páginas apareceram em branco quando ela estava prestes a começar a lê-las. Ela lançou um olhar, buscando a confirmação de Oliver. Ele ergueu as sobrancelhas e encolheu os ombros.

– Que estranho – Muriel disse. – Desculpem perguntar isso, mas vocês andam fumando muita maconha?

– É claro que não – Ruth disse. – Você sabe que a gente não fuma maconha.

– Foi só para checar. – Muriel sentou na cadeira alquebrada da varanda, e o gemido agourento que a madeira velha soltou fez Oliver erguer os olhos nervosamente. A mobília ali de fora, assim como a varanda e a casa inteira, aliás, estavam precisando de uma reforma, e ele vivia com medo de as tábuas velhas cederem sob o peso de alguém.

– Isso que você descreveu é interessante – disse Muriel, retorcendo a ponta da trança em volta do dedo. – O leitor diante da página em branco. Como a ideia do bloqueio criativo do autor, só que ao contrário.

Ruth pensou um instante.

– Você está querendo dizer que eu, como leitora dela, tive um bloqueio e por isso as palavras desapareceram? Essa teoria não me agrada. E, além do mais, ela não faz sentido.

– É difícil dizer. Essa questão da agência é bem complexa. Sobre o que ela estava escrevendo quando as páginas ficaram em branco?

– Ela tinha chegado num momento de encarar a si mesma, encarar o *agora* da sua própria história. Estava sentada no banco do ponto do ônibus em Sendai, e suas últimas palavras foram: “Acho que esta é a sensação do agora.” E depois

disso, nada. Vazio. As palavras dela se esgotaram, pelo menos até...

Ela hesitou. A parte do seu sonho era ainda mais esquisita, e Ruth ficou sem saber se devia contar ou não a Muriel, mas diante do olhar de interesse dela, relatou como o corvo da selva a conduzira até o banco do parque em Ueno, onde o pai de Nao esperava pelos companheiros suicidas, como os dois tinham conversado sobre Nao e como ele decidiu ir atrás dela em Sendai.

– E então, na manhã seguinte, quando fui olhar o diário, ela tinha escrito toda a parte sobre a morte e o funeral de Jiko, sobre a reconciliação com o pai e a promessa que fez a Muji de voltar ao templo todos os anos no mês de março.

– Parece um final bem feliz – Muriel comentou.

– Bem – retrucou Ruth. – Eu acho que até seria, mas a questão é que *ainda* não cheguei ao fim. A cada vez que pego o diário, tem mais páginas escritas. Como eu disse antes, parece que o final fica recuando como uma onda indo para longe da praia. Para fora do alcance. E não consigo chegar nele.

– Cada vez mais curioso – disse Muriel. – Certo, mas tenho mais duas hipóteses. Na mitologia indígena, os corvos são símbolos bem poderosos. Então vamos dizer que esse corvo da selva seja o seu animal de poder, o seu totem, do mesmo jeito que o gato era o do Oliver. – Ela interrompeu a explicação e se virou para Oliver. – Eu lamento pelo que aconteceu com o Pesto – disse. – Você sabe que o cachorrinho do Benoit sumiu também, não sabe?

– Sei – ele disse, lacônico, de costas para as duas. – É horrível. – Ele ainda tinha uma esperança de que Pesto fosse voltar são e salvo, suas costas estavam rígidas de esperança, mas à medida que os dias se passavam, isso ia parecendo cada vez menos provável. Muriel, que perdera um gato que amava atacado por um puma, soltou um suspiro profundo, e o seu corpo inteiro pareceu murchar para dentro da cadeira bamba.

– É horrível mesmo – ela disse. – Tento me consolar pensando que é uma sorte vivermos num ecossistema que ainda sustenta a presença de grandes predadores, mas sinto falta do Erwin. – Ela baixou os olhos para o colo, depois respirou fundo e se reergueu. – Mas, voltando ao assunto, a minha hipótese é que o corvo do mundo de Nao veio até aqui para te conduzir até o sonho, e assim fazer com que mudasse o final da história dela. A história estava prestes a terminar de um jeito, mas aí você interferiu e criou as condições para que viesse um desfecho diferente. Um novo “agora”, por assim dizer, com o qual Nao ainda não terminou de se confrontar.

Muriel voltou a recostar na cadeira, com um ar todo satisfeito de si.

Ruth riu.

– E você se diz antropóloga?

– Estou aposentada – atalhou Muriel.

– Sei. E qual é a segunda hipótese?

– Tenho impressão de que você não vai gostar.

– Vamos ver.

– Bem, ela se refere à ideia do bloqueio de leitor. De que isso tudo tem a ver com você. Não tem a ver com o agora da Nao. Tem a ver com o seu. Você ainda não se confrontou consigo mesma, com o agora da *sua* história, e não vai conseguir chegar ao final da dela enquanto não fizer isso.

Ruth ficou pensando no assunto.

– Você estava certa – ela disse. – Eu não gostei. Não gosto de ter essa influência toda sobre a narrativa de outra pessoa.

Muriel riu.

– Mas que belo jeito de uma romancista falar!

– Eu não sou uma... – Ruth ia começando a dizer, quando Oliver interrompeu.

– Olha! – Ele apontou a lente para a copa do bordo. – Bem ali, no galho mais baixo. Aquele não é o seu corvo?

Muriel inclinou o corpo para frente e ergueu o binóculo.

– Parece mesmo um corvo da selva – ela disse. – É um pássaro bonito. O que você acha? – indagou, passando o binóculo para Ruth.

Ela levou um tempo para se ajustar ao emaranhado de galhos e ramos pendentes de barba-de-velho, mas então conseguiu distinguir uma asa negra brilhante contra um fundo de musgo verde-claro. Ela mexeu no foco das lentes. O corvo estava bem longe, mas o recurso de estabilização de imagem lhe deu uma boa visão.

– Sim, é ele mesmo. Estou reconhecendo o perfil aquilino. Tenho quase certeza.

O corvo alongou o pescoço e virou a cabeça.

– Ele está nos vendo – Ruth disse. – Está olhando direto para nós.

Oliver tirou mais algumas fotos.

– Não ficaram excelentes – disse. – Mas talvez bastem para fins de identificação. Eu queria conseguir uma foto mais nítida.

Ele voltou a apontar a lente, mas nesse exato momento o corvo arqueou os ombros, abriu as asas e saiu voando.

Ruth baixou o binóculo.

– Para onde ele foi?

– Para lá – Muriel disse, apontando.

O corvo tinha deixado os galhos para trás e ganhava altitude enquanto atravessava a campina na direção deles. Quando estava bem acima dos três, deixou cair alguma coisa que trazia entre as garras. O pequeno objeto cortou o ar e foi quicar no piso da varanda à sua frente, rolou um pouco e parou na brecha entre duas tábuas apodrecidas.

– Que estranho – disse Ruth. – O que era aquilo?

– Uma noz – Oliver disse, abaixando-se para pegá-la. – Ficou presa na fenda.

– Uma noz? – Ruth estava desapontada. O que ela esperava que fosse?

Oliver ficou de joelhos.

– Parece um tipo de avelã – ele disse. E sacou o canivete para abrir uma das lâminas. – Provavelmente veio de uma das nossas árvores no último outono. – Ele cutucou a fenda até soltar a noz e ficou girando-a na mão.

Ruth olhou para cima. O corvo estava voando em círculos, subindo mais e mais a cada volta. Ela pensou no Capitão Corvo, de Haruki.

– Você acha que ele quis nos bombardear?

– Duvido muito – Muriel disse. – Corvos derrubam nozes e mariscos em cima de pedras para abrir a casca.

O corvo continuava acima deles, mas agora bem mais alto, só um pontinho no céu.

– Então será que ele está esperando a gente quebrar a noz?

– Ele não parece estar esperando – Muriel respondeu. – Parece é que está indo embora. Foi um presente de despedida.

– Toma. – Oliver deixou a noz cair na mão de Ruth. – Se fosse um parafuso, eu teria certeza de que era para você mesmo.

– Puxa, obrigada – ela disse, rolando o objeto duro na palma da mão. – Vou encarar isso como um elogio.

Oliver continuava de joelhos, dobrando de volta a faquinha do canivete, quando algo por baixo da varanda chamou a sua atenção. A casa fora construída na ladeira de uma encosta, e a varanda avançava sobre uma parte inclinada do terreno, formando um vão amplo por baixo.

– Tem uma coisa se mexendo ali – ele disse. Inclinando o corpo, espiou pelo meio das tábuas, colando o rosto na mesma fenda onde a noz ficara alojada. – Está escuro demais. Me passa o telefone?

Ruth ligou o aplicativo de lanterna e entregou o aparelho a ele. Oliver apontou o facho de luz para o vão escuro.

– O que é? – ela perguntou, mas não teve resposta.

Ele se pôs de pé, apressado, e correu pela varanda. Os degraus foram descidos aos pulos, os pés pisotearam as moitas cerradas de samambaia e depois ele caiu de quatro e desapareceu para dentro do vão. Da varanda, elas viam o facho de luz enquanto ele avançava, apalpando o chão de terra, e depois ouviram um barulhinho fraco, algo entre um guinchado e um choramingo, e a voz de Oliver mais alta:

– O que você está fazendo *aqui*?

– É o Pesto – disse Ruth, apertando o braço de Muriel. – Ele voltou dos mortos.

3.

O gato tinha sofrido um ataque e estava muito ferido. E o incidente já devia ter acontecido havia vários dias, porque os cortes tinham se fechado e infeccionado. A cauda, que ele costumava empinar orgulhoso, agora estava caída e murcha, se arrastando no chão. Ele estava abatido. O pelo tinha manchas de sangue e bastante terra, e os olhos estavam turvos e distantes, como se ele tivesse se recolhido num refúgio interno inviolável onde não sentisse nenhuma dor. Oliver o levou para fora e o segurou enquanto Ruth encontrava uma caixa e a forrava com uma toalha. Quando o puseram lá dentro, ele tentou levantar, mas caiu na mesma hora. As pernas traseiras não estavam se sustentando.

– Não parece nada bom – Oliver disse. – Os cortes são fundos demais. E já formaram pus.

Ele respirou bem fundo e passou a mão pela traseira do gato. Quando encostou na cauda ferida, Pesto levantou a cabeça e tentou rosnar, mas até isso pareceu um esforço grande demais e ele voltou a afundar o corpo na toalha.

– Ele está sentindo muita dor – Oliver disse. Sua voz estava com um tom agudo, e as palavras soaram quebradiças. Ele endireitou o corpo e ficou de pé ao lado da caixa, com os olhos pregados nela. – Gato burro. Ele não vai conseguir sair dessa.

– Como você sabe? – disse Ruth. – Talvez ele...

– Não – cortou ele. – A infecção se alastrou pelo corpo. Nós vamos ter que sacrificar.

– Querem que eu chame a Dora? – Muriel perguntou.

– Não – Ruth disse. – Nós temos que levar ele para a cidade. Para o

veterinário.

– Não adianta – Oliver falou. Ele tinha se afastado e estava perto da grade da varanda. – Eu *sabia* que isso ia acontecer. Gato burro. Fugindo por aí. Arrumando briga. Era só uma questão de tempo.

– Nós podemos pegar a balsa das duas horas se sairmos agora – disse Ruth.

– Não vale a pena – ele retrucou. – Ele está morrendo. É só um vira-lata idiota.

– Nós podemos ligar para o veterinário quando estivermos no barco.

– Não. A consulta é cara. E nós vamos viajar até lá só para ele sacrificar o bicho...

Ele ficou parado lá, de costas para as duas, com as mãos agarradas à grade. Ruth olhou para as suas costas rígidas. Oliver estava furioso. Com raiva dela, com raiva do gato, do mundo inteiro, por ter partido o seu coração. Ela entrou em casa para pegar as chaves. Voltou a sair, pegou a caixa com o gato, levou até o carro e a pôs lá dentro. Ela manobrou, depois abriu a janela.

– Venha logo – chamou.

Ele virou a cabeça e hesitou.

– Vá logo – disse Muriel, empurrando-o para o carro.

Na balsa, os seus olhos ficaram colados às ondas para além da janela enquanto Ruth informava à clínica que estavam a caminho.

– Gato burro – era só o que dizia. – Gato burro.

Mas quando chegaram lá, ele carregou a caixa para dentro e ficou segurando Pesto na mesa enquanto o veterinário raspava o pelo e lancetava e drenava o pus das feridas. Eram ferimentos graves, o veterinário confirmou, graves como ele nunca tinha visto, abertos por dentes e garras, provavelmente de um guaxinim ou de um bando inteiro deles. Pesto havia tentado escapar, o que explicava os machucados tão sérios na sua traseira, mas a ameaça maior era a infecção que tinha se alastrado pelo corpo todo. O prognóstico não era bom. Eles precisariam manter os ferimentos limpos e voltar a lancetá-los caso ameaçassem fechar, para assim não criar novos abcessos. Seria preciso ministrar os antibióticos, garantir que ele não se mexesse e mergulhar o corpo todo num banho com sal de Epsom três vezes ao dia. Oliver fez perguntas, tomou notas, depois pediu um bisturi ao veterinário. Ruth ficou sentada numa cadeira, fazendo força para não desmaiar enquanto o veterinário explicava como eles deveriam abrir as feridas para drenar o pus. Oliver estava carrancudo, mas o seu ar determinado voltara. Ele ia salvar o seu gato.

Ela ainda estava meio tonta depois que a consulta acabou, então ele assumiu o volante. Pesto, derrubado pela anestesia, dormiu dentro da caixa durante todo o caminho de volta. Na fila para a balsa, ela encaixou a cabeça entre as costas do banco e a porta do carro, fechou os olhos e ficou ouvindo Oliver processar os acontecimentos. A mente dele estava girando em círculos, tentando entender o que havia acontecido.

– Pelo menos nós sabemos – dizia sem parar. – Mesmo se o Pesto não sair dessa, pelo menos nós sabemos o que aconteceu. Era isso que estava me deixando maluco. Não saber para onde ele tinha ido, se estava vivo ou morto. Mas pelo menos agora nós sabemos. E vamos fazer de tudo para salvar a vida dele, e mesmo se não der, mesmo se ele morrer amanhã, pelo menos nós vamos saber que tentamos. Gato burro. Não há nada pior do que não saber...

4.

Cara Ruth,

Meus esforços renderam alguns frutos, embora talvez os resultados não sejam tão satisfatórios quanto gostaríamos. Desde a nossa última troca de mensagens, eu consegui recuperar alguns arquivos perdidos do meu computador e encontrar um antigo e-mail que Harry deve ter me enviado, embora deva confessar que não me lembro de tê-lo recebido. Eu escrevi de volta para ele imediatamente, mas ainda não tive resposta. Tomei a liberdade de lhe enviar o seu endereço eletrônico e contar a respeito da urgência das suas preocupações, então é possível que chegue para você uma comunicação vinda diretamente dele, mas, volto a reiterar, também é possível que nada chegue. Estou encaminhando abaixo a mensagem original que encontrei, e quando lê-la você entenderá o que quero dizer.

O e-mail, obviamente, foi anterior ao terremoto e ao tsunami, então não creio que será muito útil para aplacar as suas preocupações, tampouco para fornecer respostas sobre o paradeiro atual do meu amigo enigmático e sua família, mas eu não pude deixar de pensar que há elementos no texto que poderiam ser do seu interesse. De todo modo, considerei que deveria partilhar com você a nossa correspondência mais recente, ainda que ela já tenha acontecido alguns anos atrás.

5.

Caro Ron,

Obrigado por não se esquecer de um velho amigo que há tanto tempo não se dá ao trabalho de lhe escrever. Primeiro, quero responder as perguntas tão gentis que me fez. A minha família está bem. Minha esposa continua trabalhando na editora de livros didáticos e, de um tempo para cá, começou a praticar mergulho nas horas vagas. Eu me sinto muito grato pelo apoio que ela me deu durante o momento difícil por que passei, assim como fico grato à minha filha, Naoko. Logo que voltamos de Sunnyvale para Tóquio, ela também passou por momentos complicados e chegou até

a abandonar a escola por um tempo. Mas depois conseguiu inscrever-se nos exames de equivalência à frequência escolar, se saiu bem neles e conseguiu bolsa para um colégio de ensino médio em Montreal, onde se interessou bastante pelo estudo da língua e da cultura francesa.

Quanto a mim, há alguns anos consegui abrir minha *start-up* de internet, calcada num sistema de criptografia e segurança on-line batizada de Mu-Mu[159] Vital Hygienics. Não posso lhe dar muitos detalhes por causa das cláusulas de confidencialidade, mas foi Naoko quem me deu a ideia. Quando ela estava terminando o ensino fundamental, sofreu bullying grave na escola e caiu vítima de colegas que a importunavam e fizeram vídeos humilhantes para postar na internet. Quando vi as imagens, chorei muito. Fiquei muito revoltado! Como pai, era meu dever zelar pela segurança da minha filha, mas eu tinha falhado com ela. Como um cego, não enxerguei o que estava acontecendo porque só conseguia me preocupar comigo mesmo.

Mas quando enfim acordei do torpor, comecei a pesquisar e consegui criar um *spider* capaz de se infiltrar nas bases de dados das ferramentas de busca, limpando todas as ocorrências do nome da minha filha e suas informações pessoais, assim como fotografias e vídeos indecentes, até não restar nada da humilhação sofrida por ela. Tudo voltou a ficar limpo. “Super ultra limpo!”, como Naoko disse, feliz por poder recomeçar a sua vida do zero em Montreal, no Canadá.

Isso tudo já foi um resultado muito bom, é claro, mas então pensei que o meu belo *spider*, que chamei de Destruidor Mu-Mu, poderia ser útil para outras pessoas também. Muita gente comete erros, por exemplo, que gostaria de voltar atrás e corrigir, e o meu Mu-Mu pode ajudar nisso. Muita gente também gostaria de desaparecer, e o Mu-Mu pode fazer você não ser encontrado por mais ninguém. Quando você é alguém famoso, por exemplo, e está cansado e quer voltar a ser alguém comum.

Para essa finalidade, nós desenvolvemos dois métodos Mu. O método 1 é quântico, o que chamamos Q-Mu, que faz o Mu buscar todas as ocorrências suas nas internets de muitos mundos e depois troca todas as instâncias por buscas nulas. Eu não sei bem como explicar, mas esse método é como fazer um origami com o tempo. É o mais difícil e caro dos dois, porque o Q-Mu exige uma colaboração entre os mundos e a mudança dos passados possíveis, então só é um método viável se você for muito rico e ainda assim há pessoas que são famosas demais para chegar ao estado Super Ultra Limpo, porque são famosas demais em mundos numerosos demais.

O método 2 é mais simples e mecânico, pois é um Mu que só pode alterar o presente e o futuro. Ele é chamado de MechaMu e acontece de forma mais gradual, mas tem um nível igualmente eficaz de sucesso com o passar do tempo. Nesse método, o MechaMu atua apenas nos mecanismos de busca e engole o seu nome, impedindo que eles o encontrem. Assim, depois que ninguém mais consegue encontrá-lo, você deixa de ser famoso depressa, e não demora para desaparecer. É como se fosse uma capa da invisibilidade de acionamento gradual, e é o método que oferece o melhor custo-benefício.

Eu tenho muitos clientes famosos de quem você nunca ouviu falar! (Isso foi uma piada, mas é a pura verdade.)

Sabe, Ron, hoje vejo que o suicídio é uma ideia antiga, vinda dos tempos antiquados do materialismo. É também um método pouco prático e desnecessário. Agora, com o meu Mu-Mu, ninguém precisa se preocupar com essas coisas, porque os *spiders* podem desfazer você com toda a praticidade se você quiser deixar de ser. Naoko inventou uma teoria engraçada sobre a inexistência, que ela chamou de Muyū.[160] Ela diz que Muyū é o Novo Yū.[161] O conceito é

inovador. Ela diz que o anonimato é a nova celebridade. Que a nova expressão máxima do cool é não obter resultados de busca para o seu nome. Nenhum resultado assinala a dimensão profunda da sua não-fama, porque a verdadeira liberdade vem de ser desconhecido. Eu não sei se isso é verdade ou não, mas talvez de certa forma as coisas sejam mesmo desse jeito, porque o meu Mu-Mu está tendo uma aceitação muito boa, e, pela primeira vez desde o estouro da bolha da internet, novamente tenho condições de dar uma vida confortável à minha família.

Espero que também esteja tudo bem com você. Tenho acompanhado o seu trabalho pelo website, e pelo visto você não anda precisando dos meus serviços, mas se vier a precisar no futuro, por favor, não hesite em falar comigo.

Seu amigo,
"Harry"

159 *mu-mu* (無無?) – não, zero, nada, nulo, in-, an-.

160 *muyū* (無有?) – não-ser.

161 *yū* (有?) – ser, existência, o antônimo de mu.

Nao

1.

Caramba. Vou mesmo sentir falta de você. É maluquice, eu sei, afinal você nem existe ainda. E, a menos que encontre este livro e comece a ler, pode ser que nunca nem chegue a existir. Você é só um amigo imaginário meu, pelo menos por enquanto.

Ainda assim, tenho a sensação de que reconheceria você se nos esbarrássemos na rua ou se nossos olhares se cruzassem alguma vez no Starbucks. Esquisito à beça, né? Mesmo se eu der pra trás e desistir de deixar este livro em algum lugar para você encontrar, até se eu concluir que talvez seja melhor você só existir na minha cabeça, continuo com a sensação de que seria só bater o olho para te reconhecer. Você pode ser só faz de conta, mas é meu amigo de verdade e me ajudou. Falando sério.

Mas como você já deve ter notado, as páginas estão acabando, então é melhor encerrar logo a história. Eu só queria contar o que aconteceu depois do funeral da velha Jiko e como minha família e eu estamos, para você não se preocupar demais. Quando estávamos voltando de Sendai, meu pai enfim foi comigo à Disneylândia, mesmo sendo uma coisa meio esquisita para se fazer depois de um funeral e mesmo eu já sendo grande demais para achar o máximo a ideia de apertar a mão do Mickey-chan. Mas foi divertido de qualquer maneira, principalmente ver meu pai na Futureland, atravessando os campos de asteroides da caverna de gelo, passando na velocidade da luz atrás da Estrela da Morte.

E, por falar em estrelas, mais ou menos um mês depois de voltarmos para casa, meu pai e eu fomos numa noite até aquele parquinho na beira do rio Sumida e nos sentamos nos balanços e olhamos as estrelas e as águas escuras do rio. Gatos de rua se esgueiravam pelas sombras, comendo lixo. No escuro, com o vaivém do balanço, ficou fácil falar de coisas difíceis. Nós conversamos sobre as estrelas e o tamanho do cosmos e também sobre a guerra. Tínhamos acabado de terminar o diário francês secreto do Haruki nº 1 na tarde daquele

mesmo dia. Meu pai arranjou um estudante de poesia francesa para traduzir o texto, nós lemos tudo juntos e pela primeira vez eu soube até onde pode ir a maldade das pessoas. Eu achava que entendia tudo de crueldade, mas a verdade era que eu não tinha a menor noção de nada.

Minha velha Jiko entendia. Era por isso que levava sempre com ela o juzu do Haruki, para poder rezar e ajudar as pessoas a serem menos cruéis umas com as outras. Depois do funeral, Muji deu o juzu para mim, e agora eu ando com ele o tempo todo também. As contas têm uma beleza intensa, escuras e lisas e com o peso de todas as preces que os dedos de Haruki nº 1 e de Jiko deixaram nelas. Não sei oração nenhuma, então só vou girando as contas na mão e repetindo na cabeça bênçãos para todas as coisas e pessoas que amo, e quando acabam as que amo, passo para aquelas que não detesto muito, e às vezes até acabo descobrindo que posso amar as coisas que pensava odiar.

No final do diário secreto, na noite da véspera da sua morte, o meu tio-avô chegou a escrever sobre a sua missão suicida, e meu pai e eu ficamos muito surpresos ao descobrir que, no final, ele estava decidido a não bater com o avião no porta-aviões inimigo coisa nenhuma. Como não podia se recusar a ir na missão, ele resolveu que bateria nas ondas do mar. Isso, claro, era superconfidencial. Ele sabia que seria executado como traidor se os comandantes descobrissem o seu plano de errar o alvo de propósito e queria garantir que a mãe e as irmãs receberiam a pensão paga pelo governo às famílias dos pilotos que davam a vida pelo país. Para mim, fez muito sentido. Ele era como o Capitão Corvo. Não queria dar o seu apoio a uma guerra que detestava e não queria causar mais sofrimento nenhum, nem para aqueles que as pessoas diziam ser o inimigo. Quando li isso, eu fiquei meio envergonhada, para falar a verdade. Porque me lembrei das emboscadas que armava para bater no Daisuke-kun e do jeito que me fiz de fantasma viva para esfaquear o olho da minha inimiga Reiko. Comecei a me sentir tão mal com essas coisas que resolvi que me desculparia se um dia encontrasse com esses dois outra vez, o que provavelmente não vai acontecer. Daisuke se mudou com a mãe para outra cidade, e como parei de ir à escola, não vejo mais a Reiko.

Mas, voltando ao assunto, quando a gente leu sobre a decisão do Haruki de jogar o avião nas ondas, o meu pai surtou pra valer. Nós estávamos em casa, sentados no kotatsu enquanto ele lia o texto traduzido para mim e, quando chegou nessa parte, ele baixou o papel e fez um barulho de ronco alto que foi meio parecido com um espirro gigante, só que não era isso. Era uma explosão de tristeza. Ele se levantou e foi para o banheiro e fechou a porta, mas mesmo

assim ouvi o choro alto, os soluços. E isso é bem esquisito, né? Ouvir seu pai desmoronando desse jeito? Eu fiquei sem saber o que dizer e, claro, assustadíssima, porque quando seu pai é um cara que já tentou se matar várias vezes, esse tipo de situação dá um nervoso danado. Mas no fim ele saiu lá de dentro e começou a preparar o jantar como se estivesse tudo de volta ao normal, e decidi deixar o assunto para lá. Mas depois, de noite nos balanços do parque, perguntei por que ele tinha ficado daquele jeito, e ele me contou.

Tinha a ver com o trabalho dele em Sunnyvale e com a maneira como ele foi demitido. Eu era bem pequena quando tudo aconteceu, então na época não entendi direito. Eu só sabia que o trabalho dele era criar interfaces para uma empresa de jogos de computador e que eu achava isso o máximo.

– As minhas interfaces eram muito boas – ele disse. – Todas ficavam divertidas. Todo mundo adorava jogar. – Os olhos dele nessa hora ficaram distantes, cheios de nostalgia. – Nós estávamos trabalhando com protótipos de perspectivas em primeira pessoa. Eles me chamavam de o Pioneiro do PDV. Depois a minha empresa assinou um contrato com o exército americano. Eles queriam usar minhas interfaces para criar controles de armas que seriam usadas pelos soldados.

– Caramba – exclamei. Essa parte também me pareceu o máximo. Eu não disse isso, mas ele pôde ouvir na minha voz. E enterrou a ponta de plástico do chinelo na areia embaixo dos balanços, pondo fim ao movimento.

– Isso era errado – ele disse, inclinando o corpo contra as correntes que sustentavam o balanço. – Aqueles garotos iam matar pessoas. Matar pessoas não pode ser uma coisa divertida.

Parei o meu balanço também e ficamos os dois lá, pendurados lado a lado. Meu coração batia com força, bombeando sangue para as bochechas. Eu me senti muito idiota e muito jovem, e ao mesmo tempo alguma coisa estava se abrindo dentro de mim, ou talvez o mundo todo estivesse se abrindo para me mostrar algo realmente importante que havia por baixo. Eu sabia que estava só vendo uma pontinha de nada, mas era maior do que qualquer outra coisa que eu já tinha visto ou sentido na vida.

Ele levantou do balanço e começou a caminhar. Fui atrás. Ele me contou como caiu numa depressão profunda e não conseguia mais dormir à noite. Como tentou achar alguém com quem pudesse conversar sobre seus conflitos. Que tinha chegado até a falar com um psicólogo na Califórnia. E que também discutia o assunto o tempo todo no trabalho, tentando convencer os companheiros da sua equipe de projeto a deixá-lo programar algum tipo de

choque de realidade no design da interface, alguma coisa que fizesse os pobres dos pilotos acordarem e entenderem a loucura que estavam fazendo, mas que o cliente militar não gostou da ideia, a empresa e os colegas cansaram de ouvir ele falando sobre seus conflitos e então veio a demissão.

Ele sentou num panda de cimento e segurou o rosto entre as mãos.

– Fiquei tão envergonhado.

Eu não estava conseguindo acreditar naquilo. Fiquei olhando para ele ali, desabado sobre a cabeça do panda, e senti que meu coração ia explodir de orgulho. O meu pai era um super-herói de verdade, e quem devia morrer de vergonha era eu, que enquanto ele era perseguido por causa das suas crenças, só tinha ficado com raiva pela demissão, por ele ter perdido o nosso dinheiro e acabado com a minha vida. Isso para você ver como eu não sabia de nada.

Ele ainda não tinha acabado de falar.

– ...e então foi por isso que chorei hoje, quando estava lendo o diário do tio Haruki. Porque sei o que ele estava sentindo, você entende? Haruki nº 1 tomou a sua decisão. Ele manobrou o avião para bater numa onda. Sabia que seria um gesto idiota e inútil, mas o que mais poderia fazer? E eu tomei uma decisão parecida, também idiota e inútil, só que estava levando a nossa família inteira no meu avião. E naquela hora me senti péssimo por você, pela mamãe, por todo mundo, por causa das atitudes que tomei.

“Quando aconteceu o 11 de Setembro, ficou claro que a guerra seria inevitável. Eles estavam se preparando para isso havia tempos. Uma geração inteira de jovens pilotos americanos iria usar as minhas interfaces para perseguir e matar pessoas no Afeganistão, e no Iraque também. E tudo seria culpa minha. Eu me senti mal por todos aqueles árabes e suas famílias, e sabia que os pilotos americanos iriam sofrer também. Talvez não imediatamente. No momento em que aqueles rapazes estivessem no cumprimento das suas missões, tudo pareceria irreal, empolgante e divertido, porque é assim que a interface foi programada para ser. Mas depois, talvez dias, meses ou até mesmo anos depois, a realidade do que fizeram começaria a vir à tona, e eles seriam torturados pela dor e pela raiva e iriam descontar tudo em si mesmos e nas suas famílias. E isso também iria ser culpa minha.

Inquieto, ele se levantou do panda e arrastou os pés até a cerca de metal em volta da área dos brinquedos. Eu fui atrás. Um portãozinho dava acesso ao barranco íngreme e coberto de concreto na margem do rio. Nós nos sentamos um ao lado do outro na ladeira e ficamos olhando a corredeira escura lá embaixo. Eu sabia que já tinha passado pela cabeça dele se afogar naquelas

águas. Eu sabia que ele estava pensando nas vezes que tinha ido até ali para morrer. Ele se virou e pegou a minha mão na sua.

– Eu falhei com você – disse. – Fiquei preso no meu próprio sentimento de culpa. Não estava ao seu lado quando você mais precisou.

Prendi a respiração. Ele ia tocar no assunto do Incidente da Calcinha. Ia confessar os lances que dera no leilão. Tentei puxar a minha mão de volta. Tudo o que não queria era falar nesse assunto, mas como poderia escapar? Afinal, eu tinha feito uma pergunta difícil e ele se abriu e contou a verdade. Agora era hora de retribuir. Então, quando ele me perguntou como a calcinha tinha ido parar no tal site hentai de burusera e o que tinha acontecido no vídeo, respirei fundo e contei a história toda. Eu sabia que ele e mamãe tinham conversado sobre o meu ijime, mas acho que ele nunca se deu conta de como a situação era grave. E vi como o relato deixou ele triste, mas também cheio de revolta.

– Obrigado por me contar – ele disse, depois que terminei. A voz soou dura, mas eu sabia que ele não estava bravo comigo. O tom era mais de quem havia tomado uma decisão. Ele levantou e me puxou para eu levantar também, e caminhamos de volta para casa em silêncio, parando uma vez numa máquina de moedas para ele me comprar uma garrafinha de suco. O ar no rosto dele era de quem estava com a cabeça a mil por hora. Eu não sei o que ele está planejando fazer, mas desde essa noite voltou a trabalhar no computador feito um louco com uma *raison d'être*.

As Grandes Mentes da Filosofia Ocidental foram definitivamente largadas de lado, e agora ele passa o tempo todo mexendo com programação no computador, que é o seu superpoder de verdade. Quer dizer, está cheio de super-heróis por aí e cada um tem um superpoder diferente. Tem uns que são impressionantes e chamativos, tipo superforça, supervelocidade, o poder de restruturação molecular ou de criar campos de força, mas no fundo essas habilidades não são tão diferentes assim do tipo de superpoder que a velha Jiko dominava, como aquele de se movimentar em câmera lenta ou de ler a mente das pessoas, aparecer nos vãos das portas ou fazer as pessoas se sentirem bem com elas mesmas só com a sua presença.

Mas nem sei por que estou te contando essas coisas todas, só pensei que talvez você fosse gostar de saber. Pelo jeito, o meu pai achou o superpoder dele, e vai ver que eu estou começando a achar o meu também: o superpoder de escrever para você. Então, antes que acabe o espaço, eu só quero dizer que meu pai e eu estamos bem de verdade agora que sei o tipo de pessoa que ele é, e que

embora a gente não tenha chegado a falar diretamente de suicídio, está meio óbvio que nenhum de nós dois alimenta mais essas ideias. Eu tenho certeza de que não alimento, pelo menos. Assim que terminar de preencher estas páginas, vou comprar um outro livro em branco para cumprir a minha promessa e escrever a história completa da vida da velha Jiko. Tudo bem que ela já morreu, mas as histórias continuam bem vivas na minha cabeça, pelo menos por enquanto, então é melhor eu tratar de escrever logo antes que me esqueça. Eu até tenho uma memória muito boa, mas as lembranças também são seres-tempo, como as flores da cerejeira ou as folhas do ginkgo: elas ficam lindas por um tempo, depois murcham e morrem.

E talvez você fique feliz de saber que, pela primeira vez na vida, não quero morrer mesmo. Quando acordo no meio da noite, a primeira coisa que faço é olhar se o relógio de soldado do céu do Haruki nº 1 está funcionando, olhar se ainda estou viva, e, acredite ou não, às vezes chego a ficar assustada, tipo, *Ai, meu deus, e se eu tiver morrido? Isso seria horrível! Eu ainda não escrevi a história da vida da velha Jiko!* E às vezes quando estou andando pela rua, eu me pego pensando, *Ah, por favor, não deixe que aquele Lexus idiota derrape e venha me atropelar, e nem que aquele hentai burusera maluco de cabelo ensebado queira me esfaquear, ou que aquele sujeito todo vestido de branco com cara de terrorista fanático jogue gás sarin no meu vagão do metrô... pelo menos não até eu terminar de escrever a vida da velha Jiko! Eu não posso morrer antes de fazer isso. Eu tenho que viver! Eu não quero morrer! Eu não quero morrer!*

É nisso aí mesmo que me pego pensando. Pelo menos até terminar de escrever a história dela, com toda a certeza eu não quero morrer. Só de pensar em falhar com a velha Jiko, já sinto meus olhos se encherem de lágrimas, e acho que dá para dizer que esse é um tremendo sinal de melhora do meu estado mental, ter esse medo todo de morrer, feito uma pessoa comum.

E tem mais uma coisa. Acabei de saber de uma coisa muito animadora. Soube que o velho Marcel Proust não escreveu só um livro chamado *À la recherche du temps perdu.* Ele escreveu sete! Incrível, né? *À la recherche du temps perdu* era uma história enorme, com milhares de páginas, e aí ele teve que publicar em um monte de volumes separados. E o último volume de todos se chama *Le temps retrouvé*, que quer dizer *O tempo reencontrado.* Quer coisa mais perfeita que isso? Então agora eu só preciso ficar de olhos bem abertos para tentar achar algum exemplar velho do *Le temps retrouvé.* Aí é só levar até a loja em Harajuku e ver se a vendedora pode mandar para a artesã cortar para

mim, e então vou poder escrever a história da velha Jiko nele.

Hm. Quer saber? Pensando bem, de repente eu não vou fazer nada disso. De repente tento aprender francês para ler o livro do Marcel em vez de jogar o miolo todo fora. Isso seria bem legal. E aí, para a história da minha velha Jiko, eu posso comprar só um papel comum mesmo e começar o trabalho.

Ruth

1.

Ela fechou o livro.

Tinha chegado ao fim. À ultima página. Ela terminara.

E agora?

Os olhos procuraram o relógio. Os números vermelhos brilhavam um 3h47. Quase quatro da manhã. O fogão a lenha da sala tinha se apagado havia horas e estava frio dentro de casa. Se estivesse no templo da Jiko, se levantaria dali a uma hora para praticar o zazen. Ela estremeceu. Do lado de fora, a noite fria e preta fazia pressão contra a vidraça da janela, e só o facho solitário de luz da sua lanterna de cabeça, refletido no vidro, oferecia alguma resistência. Ela ouviu o vento nos bambus e o barulho de uma árvore alta estalando. Ao seu lado, Oliver dormia a sono solto, com os lábios fazendo um pu-pu-pu baixinho. O gato machucado, na caixa no chão perto do lado dele da cama, estava em silêncio. Provavelmente dormindo também.

Ela havia despertado do nada uma hora antes e, depois de ficar na cama um tempo, sem conseguir voltar a dormir, resolvera pegar o diário. Quando se deu conta, já estava na penúltima página. A apenas mais uma do fim. Ela hesitou nessa hora, imaginando se de repente as páginas iriam se multiplicar outra vez, mas elas não se multiplicaram. Ela virou a última folha. As palavras continuaram, ela foi lendo até o final, e então, ao pé da página, elas pararam. Não restava qualquer dúvida quanto a isso. Não havia mais palavras e não havia mais páginas.

Livros terminam. Por que aquela surpresa toda?

O mistério das palavras desaparecidas voltou ao seu pensamento. Será que de alguma maneira ela havia conseguido encontrá-las e trazido todas de volta? Isso não era tão maluco quanto podia parecer. Às vezes, enquanto estava escrevendo, ela se perdia tão completamente numa história, que na manhã seguinte, ao abrir o arquivo do documento e olhar para o texto, ela dava de cara com parágrafos que poderia jurar que nunca havia visto na vida, às vezes cenas

inteiras que não tinha qualquer lembrança de ter escrito. Como aquilo havia surgido ali? Era uma sensação inquietante, em geral seguida por um rompante rápido de pânico – *alguém invadiu a minha história!* –, que com frequência se transformava em empolgação à medida que ela prosseguia com a leitura, inclinando o corpo na direção do monitor como se ele fosse uma fonte de luz ou calor, tentando acompanhar as frases novas e desconhecidas que se desenrolavam à sua frente. De forma vaga, muito vaga, começava a surgir um fiapo de lembrança, como uma imagem carcomida de sonho, a mente apalpando pelas beiradas, desconfiada, evitando encarar as palavras com medo de que elas se retraíssem para o mundo oculto, logo atrás dos pixels, e que desaparecessem por lá. Longe dos olhos, longe do pensamento.

Mas a situação desta vez tinha sido diferente. Ela não estava escrevendo nada, estava *lendo*. E um leitor certamente não era capaz desse tipo de conjuração bizarra, era? De puxar palavras do vazio? Mas pelo visto era exatamente isso o que ela havia feito, ou então estava maluca. Ou então...

Juntos vamos criar mágica...

Quem tinha conjurado quem?

Ela lembrava vagamente de uma alusão que Oliver havia feito a essa ideia, mas na ocasião não se deu conta de sua importância. Será que ela era o sonho? Será que era Nao que estava escrevendo a sua existência? Essa questão da influência é bem complexa, Muriel dissera. Ruth sempre tinha se sentido bastante real, mas talvez não fosse. Talvez fosse tão ausente quanto o seu nome indicava, um composto de palavras fantasmagórico e sem casa que a garota havia juntado. Ela jamais tivera qualquer motivo para duvidar dos próprios sentidos. A sua experiência empírica da própria existência, como um ser totalmente incorporado que persistia no mundo real das suas lembranças, parecia muito confiável, mas ali no escuro, às quatro da manhã, ela começou a não ter tanta certeza. Um calafrio passou pelo seu corpo, e o movimento súbito a deixou consciente de todos os pontos de contato entre seu corpo e a cama. Melhor assim. Ela fez um esforço para sentir o calor e o peso do edredom na pele, o ar frio no seu rosto e nos braços, as batidas do coração.

O diário também ainda estava quente nas suas mãos. Ela fitou a capa de tecido vermelho. Era só a sua imaginação ou o tecido agora parecia mais gasto do que quando encontrara o livro? Ela o virou nas mãos. Havia uma mancha escura no lugar onde o gato babou. Ela o levou até perto do nariz. O cheiro amargo de grãos de café e o doce e frutado do xampu tinham amainado. Agora o livro cheirava a madeira queimando e a cedro, e muito ao longe, também a

mofo e a pó. Ela correu o dedo pelas letras douradas na lombada e depois, rápida, abriu na última página, como se quisesse pegá-lo desprevenido.

A página não havia mudado. Claro que não. O que ela estava pensando? Que algumas palavras novas podiam ter se esgueirado por entre as capas quando o livro estava fechado, sem que ela tivesse visto? Que ridículo.

Ainda assim, algumas poucas palavras novas iriam fazer toda a diferença. Ela voltou a fechar o livro e balançou o canto quebrado como se fosse um dente solto. A capa agora parecia ter esfriado um pouco. Será que aquilo era fruto da sua imaginação, também?

Já chega.

Ela pousou o diário na mesa de cabeceira e apagou a luz. De manhã, quando estendeu a mão para ele outra vez, o livro foi um toque frio contra a sua pele.

2.

– Agora que você terminou – ela disse –, preciso saber se estou maluca ou não.

Eles estavam sentados junto ao balcão da cozinha, tomando o seu chá matinal. Pesto, com o corpo raspado, coberto de feridas abertas e envergando o Cone da Vergonha, estava deitado em cima de uma toalha no colo de Oliver, com um ar dopado e tremendamente contrariado. Oliver tinha acabado de ler as últimas páginas do diário, e ao ouvir a pergunta ergueu a mão para impedi-la.

– Eu já sei que essa conversa não tem como acabar bem. Por favor, nem vamos começar.

Ela ignorou as objeções.

– Naquela noite em que as palavras sumiram e você disse que era meu trabalho ir atrás delas, você não acreditou de verdade que as páginas estavam vazias. E você também não acreditou que o final estava recuando. Não foi. – O tom não era de pergunta.

Ele olhou bem nos olhos dela, sem hesitar um instante.

– Meu amor – disse. – Eu nunca *não* acreditei em você.

– Mas você me deixou contar tudo para Muriel, que a esta altura também deve estar me achando maluca.

– Ah – fez ele, com um alívio na voz. – Se é *isso* que está preocupando você, pode ficar tranquila. Todo mundo aqui nesta ilha é maluco. Eu tenho certeza de que Muriel nem lembra mais dessa história.

A resposta não lhe pareceu nem um pouco tranquilizadora, mas como havia um monte de outras questões pendentes, ela resolveu deixar passar.

– Tudo bem – concordou. – Então vamos supor que, de algum jeito, a teoria de Muriel esteja certa, e que no sonho eu realmente fui capaz de seguir o corvo da selva até o parque Ueno, encontrar o pai da Nao e enviá-lo até Sendai...

Ele havia deixado o diário de lado e agora folheava a edição mais recente da *New Yorker.*

– Oliver!

– Que foi? – Ele ergueu os olhos. – Eu estou ouvindo. Você seguiu o corvo até o parque e achou o pai e enviou ele até Sendai.

– Sim, mas o que significa isso?

– Como assim, o que significa?

– Você está dizendo que o corvo da selva me levou ao passado? Que, se eu não tivesse tido o sonho, o pai da Nao poderia ter se encontrado com o pessoal do clube de suicidas e se matado mesmo? E que, nesse caso, Nao jamais teria descoberto que o pai era um homem de consciência, nem sabido a verdade sobre o tio-avô camicase?

– Eu não estou dizendo nada – Oliver respondeu. – Nada mesmo.

– Se não fui eu que pus o diário francês secreto do Haruki nº 1 na caixa com os restos mortais dele, na prateleira do altar, como é que ele foi parar lá?

Ele voltou a erguer os olhos, surpreso.

– Você pôs o diário lá?

– Isso mesmo. Eu contei para você. Bem no fim do sonho. Descobri o diário na minha mão, e como já estava quase despertando, deixei-o dentro da caixa.

– Boa decisão – ele disse.

Ela encolheu os ombros, contente consigo mesma.

– É, eu achei também. Me senti um pouco super-heroína nessa hora.

– Tenho certeza de que sim – ele disse, com admiração na voz.

Mas ela não estava convencida.

– Eu não sei – disse, com a autoconfiança já descendo a ladeira. – Se fosse eu me ouvindo dizer essas coisas, também iria achar maluquice. Provavelmente deve haver uma explicação simples e racional, como a velha Jiko ter guardado o diário na caixa. Talvez estivesse com ela o tempo todo. Talvez Haruki nº 1 tenha encontrado uma maneira de enviar o diário antes de decolar com seu avião, mas por algum motivo ela nunca tenha contado a ninguém sobre ele. Talvez no fundo ela fosse a favor da guerra e sentisse vergonha da decisão do filho de não cumprir a sua missão suicida. Vai ver que achava que ele era um covarde...

– Chega – interrompeu Oliver. – Agora você está parecendo maluca de

verdade. Nós não temos nem um fiapo de evidência que possa apoiar essa teoria. A julgar por tudo que Nao conta, a sua velha Jiko era uma pacifista e uma ativista radical, mesmo do alto dos seus 104 anos de idade. Então não venha com explicações disparatadas nem entre num revisionismo histórico para se sentir sã. Se é preciso você ser maluca para que Jiko seja quem é, que assim seja. Isso vale para todos.

Ruth ficou quieta. Ele estava certo, claro. O exemplar da *New Yorker* voltou a ser erguido na sua mão, mas ela não estava pronta para deixar o assunto morrer.

– Está certo – admitiu. – Mas e quanto ao e-mail do Haruki nº 2? E o Q-Mu, o MechaMu e todo aquele papo de computação quântica? Você acredita mesmo nesse tipo de coisa? A mensagem dele me pareceu mais maluca até do que as minhas ideias.

Oliver olhou para ela por cima da revista.

– Informação quântica é como a informação tirada de um sonho – ele disse. – Você não pode mostrar para as outras pessoas, e quando tentamos descrevê-la nós modificamos a memória dela.

– Puxa – fez ela. – Que lindo, isso. A frase é sua?

– Não. Foi algum físico famoso que disse. Não estou lembrando o nome.[162]

– É a mesma sensação que tenho quando estou escrevendo, como se eu tivesse um mundo lindo na minha cabeça, só que, quando tento me lembrar dele para escrever, acabo mudando e não consigo mais voltar ao que era. – Ela lançou um olhar desconsolado para fora da janela e pensou no seu livro abandonado de memórias. Mais um mundo arruinado. Era triste. – Mas eu ainda não entendi. O que a informação quântica tem a ver com isso tudo?

Oliver mudou a posição do gato no seu colo.

– Muito bem – começou. – Você estava pensando sobre os desfechos múltiplos, não estava? Desfechos múltiplos indicam mundos múltiplos. Você não é a primeira a especular sobre isso. A teoria quântica dos muitos mundos já existe há cinquenta anos. Tem pelo menos a mesma idade que nós.

– Então é velhíssima, certamente.

– O que quero dizer é que não é nova. Nada é novo, e se você seguir a interpretação de muitos mundos da mecânica quântica, então tudo o que é possível vai acontecer, ou talvez já tenha acontecido. E, se for isso mesmo, então é possível que, em um desses mundos, Haruki nº 2 tenha conseguido criar o seu Q-Mu e feito com que objetos daquele mundo interagissem com os deste mundo. Talvez ele tenha encontrado um meio de usar o entrelaçamento

quântico para fazer com que mundos paralelos falem um com o outro e troquem informações.

Ruth encarou o gato, amuada.

– Eu não estou conseguindo acompanhar – disse. – Esse Cone da Vergonha devia estar no meu pescoço. Minha inteligência não dá conta de entender isso aí.

– Bem, nem a minha. Você tem que conseguir fazer os cálculos para entender de verdade, e isso está muito acima da capacidade da maioria das pessoas. Mas você já ouviu falar do gato de Schrödinger, não ouviu?

3.

Claro que ela já tinha ouvido falar do gato de Schrödinger. Eles tinham batizado o gato de Schrödinger, afinal de contas, apesar de o nome não ter pegado. Mas, sob pressão, ela seria obrigada a confessar que aquele nome, Schrödinger, sempre havia lhe despertado uma sensação vaga de ansiedade, parecida com a que o nome Proust costumava despertar também. Ela acreditava seriamente que deveria ter se informado sobre o gato do primeiro e lido a obra do segundo, mas o fato era que não fizera nenhuma das duas coisas.

O que ela sabia era que a história do gato de Schrödinger era um experimento complexo, desenvolvido pelo físico de mesmo nome, e que tinha alguma coisa a ver com morte e vida e física quântica.

E sabia também que a física quântica descrevia o comportamento da matéria e da energia num nível microscópico, onde os átomos e partículas subatômicas se comportam de maneira diferente dos objetos macroscópicos do nosso dia a dia, como por exemplo os gatos.

Ela sabia que Schrödinger havia proposto pôr o seu gato hipotético numa caixa hipotética com uma toxina letal, que estava programada para ser liberada caso um certo conjunto de condições se configurasse.

– Isso mesmo – confirmou Oliver. – Eu não me lembro dos detalhes também,[163] mas a premissa básica era que, se os gatos se comportassem como partículas subatômicas, então isso queria dizer que o gato da caixa estaria simultaneamente vivo e morto, desde que ela permanecesse fechada e que nós não soubéssemos se as condições haviam se configurado ou não. Mas no instante exato em que um observador abrisse a caixa para olhar e verificar as condições, ele encontraria o gato ou vivo ou morto.

– Então ele poderia matar o gato só de pôr os olhos nele?

– Não, não exatamente. O que Schrödinger estava tentando ilustrar é às vezes chamado de paradoxo do observador. É um problema que se apresenta quando você está tentando mensurar o comportamento de coisas muito pequenas, como partículas subatômicas. Física quântica é uma coisa esquisita. Num nível subatômico, uma única partícula pode existir como uma gama de possibilidades, em muitos lugares ao mesmo tempo. E essa habilidade de estar em muitos lugares ao mesmo tempo é chamada de superposição.

– Um superpoder e tanto – Ruth disse. – Nao iria gostar desse aí. – E ela estava gostando também. Se fosse uma partícula subatômica, ela poderia estar ali na ilha e em Nova York.

– O comportamento quântico das partículas superpostas é descrito matematicamente como uma função de onda. E o paradoxo é que as partículas existem em superposição só enquanto não tem ninguém vendo. No instante em que você observa a gama de partículas superpostas para mensurá-las, a função de onda parece entrar em colapso e a partícula passa a existir em apenas um dos seus muitos locais possíveis, e apenas como uma única partícula.

– As muitas se desfazem numa só?

– Isso mesmo. Ou melhor, isso é o que diz uma das teorias, pelo menos. Que não existe um desfecho único até o momento em que ele é mensurado ou observado. Até esse instante da observação, o que há é só uma gama de possibilidades e, sendo assim, o gato existe num chamado estado indistinto de existência. Ele está vivo e morto.

– Mas isso é absurdo.

– Exatamente. Esse era o argumento de Schrödinger. Tem alguns problemas com essa teoria de que a função de onda se desfaz. O que ela implica, por extensão, é que, a qualquer dado momento, uma partícula será o que quer que seja mensurada para ser. Que ela não tem realidade objetiva. Esse é o primeiro problema. O segundo é que ninguém conseguiu apresentar cálculos que sustentassem esse colapso da função de onda. E, portanto, Schrödinger não engolia a tal teoria. O objetivo todo com a história do gato foi ressaltar o absurdo da situação.

– E ele teve uma ideia melhor?

– Ele, não, mas depois uma outra pessoa teve. Um sujeito, Hugh Everett, que apresentou cálculos que sustentavam outra teoria, a de que o chamado colapso na verdade não acontece.[164] Nunca. Em vez disso, o sistema de superposição quântica permanece, mas no instante da observação ele se ramifica. O gato não está ou vivo ou morto. Ele está *tanto* vivo *quanto* morto, só que agora existe

como dois gatos em dois mundos diferentes.

– Dois mundos reais, você quer dizer?

– Isso. Louco, não? A teoria, que ele baseou no que chamou de função de onda do Universo, diz que a mecânica quântica não se aplica só ao mundo subatômico. Ela se aplica a tudo, incluindo átomos e gatos. O universo todo, inteiro, funciona segundo a mecânica quântica. E é agora que a coisa fica mais incrível. Se existe um mundo do gato vivo e um mundo do gato morto, isso tem implicações para o observador também, porque o observador existe *inserido* no sistema quântico. Você não pode se colocar à parte da história, e portanto se divide, como uma ameba. Então agora existe uma você que está observando o gato morto e outra você que está observando o gato vivo. O gato era singular, e agora eles são plurais. O observador era singular, e agora você é plural. Só não pode interagir e falar com as outras vocês, ou mesmo saber a respeito das suas outras existências em outros mundos, porque não consegue se lembrar...

4.

Seria essa a explicação para a sua péssima memória?

Ela encarou o gato, que se remexia desconfortavelmente no colo de Oliver. E o gato a encarou de volta, com um olhar demorado, agourento, antes de fechar os olhos. Quem estava observando quem? No momento era difícil para Pesto observar qualquer coisa por causa do Cone da Vergonha no pescoço, mas antes do Incidente do Guaxinim ele fazia o tipo observador. Será que Pesto podia ser o seu próprio observador? A questão era interessante. Ele tinha o hábito de levantar a perna para observar o buraco do ânus. E não parecia que essa observação o fizesse se dividir em múltiplos gatos com múltiplos ânus.

As palavras de Nao voltaram ao seu pensamento nesse exato instante, ou seriam as de Jiko? *Estudar o caminho é estudar a si próprio.* Não, era Haruki que tinha escrito isso. Citando Dōgen num trecho em que falava sobre o zazen. Fazia um certo sentido. Até onde Ruth havia entendido, o zazen parecia um tipo de observação de si próprio momento a momento que, ao que tudo indicava, levaria à iluminação. Mas o que significava isso, para começo de conversa?

Estudar a si próprio é esquecer-se de si próprio. Vai ver que, se você praticasse o zazen por bastante tempo, a sua percepção de si mesmo como uma individualidade sólida e singular acabaria se dissolvendo e você se esqueceria dela. Que alívio. Você então poderia seguir a vida alegremente como parte de

uma gama quântica aberta.

Esquecer-se de si próprio é tornar-se iluminado por toda a miríade do Universo. Montanhas e rios, capim e árvores, corvos e gatos e lobos e águas-vivas. Isso seria bom.

Será que Dōgen já havia entendido tudo? Ele escrevera essas palavras muitos séculos antes da mecânica quântica vir a existir, e antes que Schrödinger pusesse o seu gato enigmático dentro da caixa metafórica. Quando Hugh Everett apresentou os cálculos que sustentavam a teoria dos muitos mundos, Dōgen estava morto, já havia morrido quase oitocentos anos antes.

Ou será que não?

– Assim, por exemplo – Oliver estava dizendo –, nós agora estamos num mundo onde o Pesto está vivo, mas há um outro mundo onde ele foi morto e devorado pelos desgraçados dos guaxinins, que aliás eu pretendo capturar e afogar um por um, dividindo o mundo mais uma vez em dois: um com guaxinins mortos e outro com guaxinins vivos.

– Minha cabeça está doendo – Ruth disse.

– A minha também – respondeu Oliver. – Não se preocupe tanto assim com isso.

– Acho que você não deve matar os guaxinins – ela disse. – Não neste mundo, pelo menos.

– Acho que vou acabar não matando mesmo, mas isso não vai impedir o mundo de se dividir. Sempre que possibilidades emergem, é isso que acontece.

– Nossa. – Ela ficou pensando no assunto. Talvez não fosse tão ruim assim. Em outros mundos, ela tinha terminado o livro de memórias. As memórias e também mais um ou dois romances, quem sabe. Esse pensamento a alegrou. Se conseguira ser tão produtiva em outros mundos, quem sabe ela devesse se esforçar um pouquinho mais neste aqui. Talvez fosse o momento de voltar ao trabalho. Mas, em vez disso, ela continuou sentada onde estava.

– Você acredita mesmo nessas coisas? – indagou. – Que existem outros mundos onde Haruki nº 1 não morreu numa onda porque a Segunda Guerra Mundial não aconteceu? Onde ninguém morreu no terremoto e no tsunami? Onde Nao está viva e bem, quem sabe terminando o seu livro sobre a vida de Jiko, e eu e você estamos vivendo em Nova York enquanto concluo o meu próximo romance? Um mundo onde não existem vazamentos em reatores nucleares, nem depósitos de lixo boiando no mar...

– Não temos como saber – Oliver disse. – Mas se a Segunda Guerra Mundial

não tivesse acontecido, então você e eu não teríamos nos conhecido.

– Hm. Isso seria triste.

5.

Não saber é uma coisa difícil. No terremoto e no tsunami, houve 15.854 mortos, mas milhares de outras pessoas simplesmente desapareceram, soterradas vivas ou tragadas para o mar pelo refluxo da grande onda. Os corpos dessas pessoas nunca foram encontrados. Ninguém jamais saberia o que aconteceu com elas. Ou essa era a dura realidade deste mundo, pelo menos.

– Você acha que Nao está viva? – Ruth indagou.

– É difícil dizer. Será que a morte sequer é possível num universo de muitos mundos? E o suicídio? Para cada mundo em que você se mata, haverá outro em que isso não acontece, onde você continua vivendo. Os muitos mundos parecem ser a garantia de uma certa imortalidade...

Ela ficou impaciente.

– Eu não quero saber de outros mundos. Estou falando deste aqui. Quero saber se ela está morta ou viva neste mundo. E quero saber como o diário e o resto das coisas dela vieram parar aqui, na praia desta ilha. – Ela estendeu o braço e apontou para o relógio do soldado do céu. – Este relógio é de verdade. Escute só o tique-taque. Ele me mostra as horas. E então, como foi que ele chegou aqui?

Ele encolheu os ombros.

– Não sei.

– Eu realmente acreditava que a essa altura saberia a resposta – ela disse, pondo-se de pé. – Eu achava que, se terminasse o diário, as respostas estariam lá para preencher as lacunas da história. Só que elas não estavam, e não sei de nada. Isso é frustrante demais.

Mas não havia nada que ela pudesse fazer a respeito e estava na hora de subir as escadas e voltar ao trabalho. Enquanto estendia a mão dentro do cone para fazer um carinho no Pesto, um pensamento lhe ocorreu.

– Esse gato de Schrödinger – ela disse. – Ele me lembra você. Em que estado quântico você estava quando foi se esconder na caixa do porão?

– Ah – fez ele. – Essa história. Certamente indistinto. Meio-morto e meio-vivo. Mas se você tivesse me encontrado, eu teria morrido, com toda certeza.

– Bem, que bom que nem fui te procurar, então.

Ele riu.

– É? Você está falando sério?

– É claro. O que você acha? Que eu iria querer a sua morte?

Ele encolheu os ombros.

– Às vezes penso que você estaria melhor sem mim. Que poderia ter se casado com um empresário de sucesso e ter tido uma boa vida em Nova York. Mas, em vez disso você, está presa comigo neste fim de mundo de ilha com um gato estropiado. Um gato estropiado e careca.

– Agora é você que está entrando num revisionismo histórico – ela disse. – Pode apresentar alguma prova para sustentar essa afirmação?

– Posso. Tenho todas as provas do mundo de que o gato está muito estropiado. E muito careca.

– Eu estava falando da história de que estaria melhor sem você.

– Eu não sei. Acho que não.

– Ora, ora, então você merece usar o Cone da Vergonha só por sugerir uma coisa dessas. Porque agora acaba de me condenar a uma outra vida num outro mundo em Nova York, com um oligarca grosseirão do mercado corporativo fazendo-se de marido. Muito obrigada mesmo, hein? – Ela deu um tapinha final no focinho do gato.

– Ora, não se preocupe – ele retrucou. – Você já se esqueceu completamente de mim.

Ele estava brincando, claro, mas essas palavras a deixaram magoada. Ela recolheu a mão.

– Não esqueci, não.

Ele estendeu o braço por cima do balcão e pegou o seu pulso.

– Era só uma brincadeira – disse, e ficou segurando um pouco mais, para que ela não conseguisse se desvencilhar. – Você está feliz? – ele perguntou. – Aqui, neste mundo?

Surpresa, ela ficou parada um instante, pensando sobre a pergunta.

– Estou. Eu acredito que estou, sim. Pelo menos por ora.

A resposta pelo visto o deixou satisfeito. Depois de dar um apertão de leve, ele soltou o pulso dela.

– Muito bem – disse, voltando para a sua revista. – Assim já está bom.

162 Charles Bennett. Oliver foi procurar a citação depois e descobriu-a num artigo sobre computação quântica, escrito por Rivka Galchen e publicado pela *The New Yorker* em 2 de maio de 2011.

163 Para saber mais sobre o experimento hipotético de Schrödinger, veja o Apêndice E.

164 Para saber mais sobre Hugh Everett, veja o Apêndice F.

Epílogo



Você se pergunta sobre mim.

Eu me pergunto sobre você.

Quem é você e o que está fazendo?

Eu consigo vê-la hoje, uma jovem de... espere, preciso fazer a conta... 26 anos? Vinte e sete? Alguma coisa por aí. Talvez em Tóquio. Talvez em Paris, num café francês de verdade, erguendo os olhos da sua página enquanto procura por uma palavra, observando as pessoas que passam. Eu não acho que você tenha morrido.

Esteja onde estiver, sei que você está escrevendo. Você não conseguiria abrir mão disso. Eu vejo a sua mão segurando a caneta. Continua usando tinta roxa ou já está crescida demais para ela? Você ainda rói as unhas?

Não consigo ver você num cargo dentro de uma empresa, mas também não acho que seja uma *freeter*.[165] Desconfio de que esteja fazendo uma pós-graduação, estudando História e escrevendo a sua dissertação sobre as mulheres anarquistas da democracia Taishō ou então sobre a instabilidade do "eu" feminino. (Durante um breve momento de loucura, cheguei a pensar que essa monografia que encontrei on-line pudesse até ser sua mesmo, mas o texto desapareceu antes que eu conseguisse descobrir a autoria.) Seja como for, espero que tenha conseguido terminar o seu livro sobre a vida da sua velha Jiko. Eu teria muito prazer em lê-lo qualquer dia desses. E gostaria de ler também a autoficção da velha Jiko.

Na verdade, não sei bem por que estou escrevendo isto. Sei que não vou conseguir te encontrar se você não quiser ser encontrada. E sei que você será encontrada se quiser ser.

No seu diário, você cita uma fala da velha Jiko a respeito do não-saber, de como o não-saber é a coisa mais íntima que há, ou será que fui eu que sonhei isso? Seja como for, ando pensando bastante nisso e acho que pode ser que seja verdade, mesmo para uma pessoa como eu, que não gosta muito de incertezas. Eu quase sempre prefiro *saber*, mas, pensando bem, o não-saber deixa todas as possibilidades em aberto. Ele mantém todos os mundos vivos.

Mas, dito isso, eu queria te dizer também que, se algum dia você mudar de ideia e decidir que gostaria de ser encontrada, vou estar esperando. Porque

adoraria ter a chance de te conhecer qualquer hora dessas. Você também é o meu tipo de ser-tempo.

Com amor,
Ruth

P.S.: Eu tenho, sim, um gato, e ele está sentado no meu colo, e a cabeça dele cheira a cedro e ar doce e fresco. Como você sabia?

165 *freeter* ou *furītā*: termo japonês que designa os jovens que se excluem deliberadamente do mercado de trabalho formal, optando por se sustentar com serviços temporários ou ficar desempregados. (N. da T.)

Apêndices



APÊNDICE A: O MOMENTO ZEN

A monja zen Jiko Yasutani certa vez me disse num sonho que você não pode compreender o significado de estar vivo nesta terra até que entenda o ser-tempo, e para entender o ser-tempo, ela disse, você precisa entender o que é um momento.

No meu sonho, eu perguntei a ela: *Mas o que é um momento?*

Um momento é uma partícula de tempo muito pequena. Tão pequena que um dia é feito de 6.400.099.980 momentos.

Quando fui conferir mais tarde, descobri que esse foi o número exato citado pelo mestre zen Dōgen na sua obra-prima, o *Shōbōgenzō* (*O tesouro do verdadeiro olho do dharma*).

Numerais travam o olhar, então me deixe dizer em palavras: seis bilhões, quatrocentos milhões, noventa e nove mil, novecentos e oitenta. Foi esse o número de momentos que o mestre zen Dōgen postulou que há num dia, e depois de ter recitado o número, a velha Jiko estalou os dedos. Os dedos dela eram muito entrevados e retorcidos de artrite, de modo que estalá-los não era a sua especialidade, mas de algum jeito Jiko conseguiu passar a mensagem.

Por favor, experimente, ela disse. *Você estalou? Porque, se fez isso, esse estalo equivale a sessenta e cinco momentos.*

A granulosidade da visão do zen a respeito do tempo se torna clara se você fizer os cálculos,[166] ou você pode simplesmente se fiar pelas palavras da velha Jiko. Ela inclinou o corpo para a frente, ajeitando os óculos de aros pretos sobre o nariz e espiando através das lentes grossas, turvas, e depois voltou a falar.

Se você começar a estalar os seus dedos agora e estalá-los 98.463.077 vezes sem parar, o sol irá subir e se pôr, e o céu ficará escuro e a noite vai avançar, e todos estarão dormindo enquanto você continuar estalando os dedos até que, finalmente, um pouco depois do amanhecer, depois que contar o seu 98.463.077º estalar de dedos, você vai experimentar a sensação verdadeiramente íntima de estar consciente e saber exatamente como passou

cada momento de um dia da sua vida.

Ela voltou a descansar o corpo sobre os calcanhares e assentiu. O experimento hipotético que havia proposto podia ser extravagante, mas a premissa era simples. Tudo no universo está em constante mudança, nada fica igual, e nós precisamos compreender a rapidez com que o tempo passa se quisermos despertar e começar a viver realmente as nossas vidas.

É isso que significa ser um ser-tempo, a velha Jiko me disse, e depois estalou mais uma vez os dedos tortos.

Até que basta isto, e você morre.

166 Um único estalar de dedos * 65 momentos, e 6.400.099.980 momentos * 1 dia, portanto, 6.400.099.980 ÷ 65 * 98.463.077 estaladas de dedo por dia.

APÊNDICE B: MECÂNICA QUÂNTICA

Mecânica quântica é ser no tempo, mas a física clássica também é. Ambas descrevem as interações entre matéria e energia enquanto se deslocam no tempo e no espaço. A diferença é apenas de escala. Nas menores escalas e incrementos atômicos, energia e matéria começam a seguir regras diferentes, que não são abordadas pela física clássica. Assim, a mecânica quântica tenta explicar essas peculiaridades postulando um novo conjunto de princípios que se aplicam a partículas atômicas e subatômicas, entre os quais podemos citar:

- superposição: princípio pelo qual uma partícula pode estar em dois ou mais lugares ou estados simultaneamente (ou seja, o mestre zen Dōgen está vivo e morto ao mesmo tempo?)
- entrelaçamento: princípio pelo qual duas partículas podem coordenar suas propriedades através do espaço e do tempo e se comportar como um sistema único (ou seja, um mestre zen e seus discípulos; um personagem e o seu narrador; a velha Jiko e Nao e Oliver e eu?)
- o problema da medição: princípio pelo qual o ato de mensurar ou observar altera aquilo que está sendo observado (ou seja, o colapso de uma função de onda; o ato de contar um sonho?)

Se o mestre zen Dōgen fosse um físico, eu acho que ele iria gostar da mecânica quântica. Ele seria capaz de compreender naturalmente a natureza inclusiva da superposição e de intuir a interligação postulada pelo princípio do entrelaçamento. Na condição de um indivíduo contemplativo que era também um homem de ação, ele ficaria fascinado pela noção de que a atenção pode ter o poder de alterar a realidade, embora ao mesmo tempo fosse compreender que a consciência humana não é nada mais ou nada menos do que as nuvens, a água, ou as centenas de folhas do capim. Ele teria sabido apreciar a natureza ilimitada do não-saber.

APÊNDICE C: PENSAMENTOS ERRANTES

O dia de as montanhas caminharem chegou.
Ou assim digo eu, embora ninguém vá acreditar.
As montanhas estavam apenas adormecidas um tempo.
Mas em tempos idos, elas se moviam, como se tomadas por chamas.
Quem não acreditar, a mim não importa.
Só peço que creiam em uma, uma única coisa,
Que neste exato momento há mulheres despertando do sono profundo.
Se eu pudesse apenas escrever inteiramente em primeira pessoa,
Eu, que sou uma mulher.
Se eu pudesse escrever inteiramente em primeira pessoa,
Eu, eu.

Yosano Akiko

Esses são os primeiros versos do poema de Yosano Akiko *Sozorogoto* (Pensamentos Errantes), publicado pela primeira vez na edição inaugural da revista feminista *Seitō* (Meia Azul), em setembro de 1911.

APÊNDICE D:
NOMENCLATURA DOS TEMPLOS

Depois de ter pesquisado sobre a nomenclatura dos templos japoneses, eu percebi que *Jigenji* era o nome do templo, e *Hiyuzan* o chamado nome da montanha, ou *sangō* (山号). Segundo a antiga tradição chinesa, os mestres zen viviam recolhidos no alto de montanhas isoladas, afastados das distrações das cidades e centros urbanos, onde construíam uma cabana solitária de meditação e se entregavam inteiramente às práticas. À medida que se espalhavam as notícias das suas façanhas espirituais, discípulos começavam a subir as montanhas atrás deles, e logo foram surgindo comunidades, estradas foram sendo abertas e grandes instalações de templos construídas e batizadas com o nome da montanha antigamente isolada. (Como as notícias se espalhavam? Como essas redes virais e exemplos de economia da reputação se desenvolviam antes de haver a internet?)

Quando o zen chegou ao Japão, o costume de dar um nome de montanha aos templos foi mantido, não importando se de fato havia uma montanha debaixo das suas instalações ou não. Assim, até mesmo templos construídos na área litorânea da região metropolitana de Tóquio têm nomes de montanhas, e ninguém parece se incomodar com isso.

Existem diversas grafias de kanji possíveis para o nome de templo *Jigenji,* mas a combinação mais provável é 慈眼時 que consiste nos ideogramas para *misericordioso*, *globo ocular* e *templo.* O ideograma para *gen,* ou globo ocular, é o mesmo da obra do mestre Dōgen *Shōbōgenzō* (*O tesouro do verdadeiro olho do dharma*).

O kanji mais provável para *Hiyuzan* parece ser 秘湯山 (Montanha Escondida da Fonte de Água Quente); no entanto, na primeira vez em que eu li o nome, a combinação de ideogramas que me veio à mente foi 比喩山, que pode ser traduzida como Monte Metáfora. E não pude deixar de pensar na obra brilhante de René Daumal intitulada *O monte Análogo: o romance de aventuras alpinas, não euclidianas e simbolicamente autênticas.* O objeto da jornada de Daumal é uma montanha única e geograficamente existente, cujo

cume é inacessível, mas a base é acessível. “A porta para o invisível”, ele escreve, “tem que ser o visível”. O monte Análogo é onde o *peradam* pode ser encontrado, um objeto cristalino extraordinário e desconhecido que é visto apenas por aqueles que buscam por ele.

Tudo isso pode parecer uma digressão fora de propósito, mas nos momentos em que a localização do templo da velha Jiko se mostrou mais esquiva, pensar no monte Análogo me enchia de uma sensação enorme de esperança.

APÊNDICE E:
O GATO DE SCHRÖDINGER

O experimento é o seguinte:

Um gato é posto numa caixa de aço lacrada. Junto com ele, na caixa, há um mecanismo diabólico: um tubo de vidro com cianeto de hidrogênio, um pequeno martelo apontado para o tubo, e um gatilho que poderá ou não disparar a ação do martelo. O fator que controla esse disparo é o comportamento de uma pequena porção de material radioativo, monitorada por um contador Geiger. Se dentro de, digamos, uma hora, um dos átomos na substância radioativa decair, o contador Geiger irá detectar isso e acionar o martelo para espatifar o tubo, liberando o ácido e provocando a morte do gato. Entretanto, existe uma probabilidade equivalente de que nenhum átomo vá decair nesse período de uma hora, e nesse caso o gatilho ficará no lugar e o gato sobreviverá.

Parece tudo muito simples; a ideia por trás do experimento hipotético, entretanto, não é torturar o gato. A ideia não é matá-lo, nem salvá-lo, e nem mesmo calcular a probabilidade de que ele sucumba a qualquer um dos dois destinos. A ideia é ilustrar o paradoxo desconcertante que há no chamado problema da medição na mecânica quântica: aquilo que acontece às partículas entrelaçadas num sistema quântico quando elas são observadas e mensuradas.

O gato e o átomo representam duas partículas entrelaçadas.[167] Por entrelaçadas, queremos dizer que elas partilham certas características ou comportamentos, ou neste caso o seu destino dentro da caixa: *átomo decaído = gato morto;* e *átomo não-decaído = gato vivo.* Os dois se comportam como um só. Com os dois juntos dentro da caixa, o entrelaçamento átomo/gato é parte de um sistema quântico que está sendo medido por um observador que, digamos, é você.

Mas deixe de lado esse pensamento por um instante, porque, antes de prosseguirmos, nós precisamos entender dois outros fenômenos quânticos fundamentais: a *superposição* e o *problema da medição.*

Imagine que, em vez do entrelaçamento átomo/gato dentro da caixa, você estivesse querendo mensurar um único elétron. Antes de a caixa ser aberta para observá-lo, o elétron existe como *função de onda*, uma série dele mesmo em todos os lugares onde pode estar dentro da caixa. Esse fenômeno quântico se chama *superposição*: uma partícula pode estar em todos os seus estados possíveis simultaneamente. (Imagine um efeito de múltipla exposição na foto de um tigre zanzando dentro de um cercado, tirada com um obturador que expusesse o filme a intervalos de poucos segundos. No resultado final, o tigre apareceria como um borrão, uma mancha indistinta. Num universo quântico microscópico, governado pelo princípio da superposição, o tigre *é* a indistinção.)

O problema da medição surge no instante em que se abre a caixa para observar a partícula. Quando você faz isso, a função de onda parece entrar em colapso e se desfazer num estado único, fixo no tempo e no espaço. (Para voltar à analogia do tigre, a indistinção ou mancha se transforma num animal único outra vez.)

Muito bem, agora vamos voltar ao gato e átomo radioativo entrelaçados. O que estamos medindo aqui não é a posição de um tigre, mas o próprio entrelaçamento átomo/gato. Em vez das posições possíveis do tigre na jaula, nós mediremos os graus de vitalidade do gato, o seu estado existencial, por assim dizer.

E nós sabemos que, com o problema da medição, no instante em que a caixa for aberta para que se verifique o estado do gato, o observador o encontrará ou morto ou vivo. Na metade do tempo, o gato estará vivo. Nos outros 50% de tempo, estará morto. Qualquer que seja o desfecho, o estado do gato será singular e fixo no tempo e no espaço.

Acontece que, *antes* que a caixa seja aberta para a medição, o estado do gato é necessariamente indistinto e múltiplo, como o tigre borrado. Graças aos princípios quânticos do entrelaçamento e da superposição, até que você o observe o gato estará tanto vivo quanto morto, *ao mesmo tempo.*

Essa conclusão, claro, é absurda, o que é exatamente o que Schrödinger estava tentando demonstrar. Mas as questões levantadas pelo seu experimento hipotético não deixam de ser interessantes: Em que ponto do tempo um sistema quântico deixa de ser uma superposição de todos os estados possíveis e se torna um estado singular, do tipo ou/ou?

E, por extensão: a existência de um gato singular, ou morto ou vivo, requer necessariamente um observador externo, ou seja, você? E se não for você,

quem? O gato pode ser um observador dele mesmo? Sem um observador externo, todos nós existimos apenas numa gama de todos os estados possíveis simultaneamente?

Foram feitas muitas tentativas de decifrar esse paradoxo. A interpretação de Copenhague, formulada por Niels Bohr e Werner Heisenberg em 1927, apoiava a tese do colapso da função de onda, postulando que, no ponto em que a observação ocorre, o sistema quântico superposto sofre um colapso desfazendo os muitos em um, e que esse colapso *precisa* necessariamente acontecer porque é o que demanda a realidade do mundo macroscópico.[168] O problema é que ninguém conseguiu apresentar cálculos que sustentassem isso.

A interpretação dos muitos mundos, proposta pelo físico americano Hugh Everett em 1957, questiona a teoria do colapso da função de onda, postulando que o que ocorre é que o sistema quântico superposto se mantém e se ramifica.

A cada bifurcação – em cada momento zen quando emergem possibilidades – ocorre um rompimento e mundos se ramificam, resultando na multiplicidade.

Cada instância *ou/ou* é substituída por um *e*. E mais um *e*, e mais outro, e outro, e outro, etc., formando uma teia infinitamente inclusiva, embora mutuamente incognoscível, de muitos mundos.

O astrofísico Adam Frank me disse que o mais importante de lembrar é que, embora existam muitas interpretações, incluindo a de Copenhague e a hipótese dos muitos-mundos, a questão da mecânica quântica em si é puro cálculo. Ela é uma máquina para prever resultados experimentais. É um dedo apontado para a lua.

O professor Frank estava fazendo uma referência ao velho koan zen sobre o Sexto Patriarca do Zen, que era analfabeto. Quando lhe perguntaram como ele podia compreender a verdade dos textos budistas, se não era capaz de ler as palavras, o Sexto Patriarca ergueu o braço e apontou para a lua. A verdade é como a lua no céu. As palavras são como o dedo. O dedo pode apontar para o lugar onde a lua está, mas ele não é a lua. Para enxergar a lua, você precisa olhar para além do dedo. Procurar pela verdade nos livros, o Sexto Patriarca estava querendo dizer, é como confundir o dedo com a lua. A lua e o dedo não são a mesma coisa.

“Não são iguais”, a velha Jiko diria. “Não são diferentes também.”

167 Erwin Schrödinger cunhou o termo *entrelaçamento* durante a concepção do seu experimento teórico. Posteriormente, Einstein referiu-se ao entrelaçamento como “fantasmagórica ação a distância”.

168 Schrödinger apresentou o seu gato enigmático para questionar a ideia do colapso induzido pelo

observador. Ele afirmava que os físicos se apegavam à noção do colapso porque, sem ela, todas as possibilidades físicas e de outras ordens começariam a se propagar e, em pouco tempo, “nós veríamos o mundo que nos cerca se transformar rapidamente numa massa confusa, uma espécie de gel ou plasma indistinto, com todos os contornos borrados, onde nós provavelmente boiaríamos como águas-vivas”.

APÊNDICE F: HUGH EVERETT

Hugh Everett publicou o que seria conhecido como a sua interpretação dos "muitos mundos" da mecânica quântica em 1957, aos 27 anos, nas suas *Críticas à física moderna*. O trabalho foi apresentado como tese de doutorado em Princeton. Não teve uma boa recepção. Os físicos mais respeitados da época o chamaram de louco. De burro. Everett, desencorajado, desistiu da mecânica quântica e foi atuar na área do desenvolvimento de armas. Ele trabalhou no Grupo de Avaliação de Sistemas de Armas do Pentágono. Escreveu um artigo sobre teoria do jogo aplicada à área militar, chamado "Recursive Games", que se tornou um clássico da área. Criou um software para jogos de guerra que simulavam um conflito nuclear e teve envolvimento na Crise dos Mísseis de Cuba. Foi conselheiro da Casa Branca para o desenvolvimento de armamento nuclear e estratégias durante a Guerra Fria e criou softwares originais para alvejar cidades e focos de população civil com armas atômicas, para o caso de a Guerra Fria esquentar. Ele já havia registrado as provas matemáticas para a sua interpretação dos muitos mundos e acreditava que qualquer coisa que fosse capaz de imaginar iria de fato ocorrer, ou já havia ocorrido. Não é de admirar que ele bebesse muito.

A sua vida familiar era caótica. O relacionamento com os filhos era distante e complicado. A sua filha, Liz, que era maníaco-depressiva e propensa à dependência, tentou cometer suicídio ingerindo calmantes. O irmão da moça, Mark, foi quem a encontrou caída no chão do banheiro e correu com ela para o hospital, onde os médicos conseguiram fazer o coração voltar a funcionar. Quando Mark chegou em casa vindo do hospital, Everett ergueu os olhos da sua *Newsweek* e comentou: "Eu não sabia que ela estava tão triste."

Dois meses mais tarde, o próprio Everett veio a falecer de ataque cardíaco, aos 51 anos. Neste mundo, ele estava morto, mas acreditava na existência de muitos outros onde seria imortal. A esposa guardou as suas cinzas num armário de arquivo que havia na sala de jantar da família, antes de resolver atender seu desejo e jogá-las no lixo. Mark seguiu adiante e teve uma carreira de sucesso

como músico de rock, mas a vida de Liz saiu dos trilhos de vez. Quando ela finalmente teve sucesso no intento de se matar, tomando uma overdose de comprimidos em 1996, deixou um bilhete que dizia:

> Por favor, que o meu corpo seja cremado, MAS NÃO ARQUIVADO ☺. E espalhem as cinzas em algum lugar bonito que tenha água... ou então joguem no lixo, assim talvez eu vá parar no universo paralelo certo para reencontrar o papai.

BIBLIOGRAFIA

Arai, Paula Kane Robinson. *Women Living Zen: Japanese Soto Buddhist Nuns*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Bardsley, Jan. *The Bluestockings of Japan: New Woman Essays and Fiction from Seitō*, 1911–16. Ann Arbor: Série de monografias de estudo japoneses de Michigan, número 60. Departamento de Estudos Japoneses, Universidade de Michigan, 2007.

Byrne, Peter. *The Many Worlds of Hugh Everett III: Multiple Universes, Mutual Assured Destruction, and the Meltdown of a Nuclear Family*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Daumal, René. *O monte Análogo: o romance de aventuras alpinas, não euclidianas e simbolicamente autênticas*. São Paulo: Editora Horus, 2007.

Dōgen, Eihei. *Shōbōgenzō*. Traduzido por Gudo Wafu Nishijima e Chodo Cross. Berkeley: Numata Center for Buddhist Translation and Research, dBET PDF Version, 2008.

_____. *Treasury of the True Dharma Eye: Zen Master Dogen's Shobo Genzo*. Organizado por Kazuaki Tanahashi. Traduzido por Kazuaki Tanahashi, Peter Levett e outros. Boston: Shambhala Publications, 2011.

Ebbesmeyer, Curtis; Scigliano, Eric. *Flotsametrics and the Floating World: How One Man's Obsession with Runaway Sneakers and Rubber Ducks Revolutionized Ocean Science*. Nova York: Smithsonian Books/HarperCollins, 2009.

Fowler, Edward. *The Rhetoric of Confession: Shishōsetsu in Early Twentieth-Century Japanese Fiction*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1988.

Galchen, Rivka. "Dream Machine: The mind-expanding world of quantum computing." *The New Yorker,* edição de 2 de maio de 2011, pp. 34-43.

Hane, Mikiso, ed. *Reflections on the Way to the Gallows*. Traduzido por Mikiso Hane. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1988.

Hirastuka RaichŌ. *In the Beginning, Woman Was the Sun*. Traduzido por Teruko Craig. Nova York: Columbia University Press, 2006.

Hohn, Donovan. *Moby-Duck: The True Story of 28,800 Bath Toys Lost at Sea and of the Beachcombers, Oceanographers, Environmentalits, and Fools, Including the Author, Who Went in Search of Them*. Nova York: Viking, 2011.

Kundera, Milan. *O livro do riso e do esquecimento*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Leighton, Dan. *Visions of Awakening Time and Space: Dogen and the Lotus Sutra*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

Levy, David M. *Scrolling Forward: Making Sense of Documents in the Digital Age*. Nova York: Arcade Publishing, 2001.

Noma, Hiroshi. *Zone of Emptiness*. Cleveland e Nova York: World Publishing Company, 1956.

Ohnuki-Tierney, Emiko. *Kamikaze Diaries: Reflections of Japanese Student Soldiers*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

_____. *Kamikaze, Cherry Blossoms, and Nationalisms: The Militarization of Aesthetics in Japanese History*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

Proust, Marcel. *In Search of Lost Time*. Traduzido por C. K. Scott-Moncrieff, Terence Kilmartin, e Andreas Mayor. Londres e Nova York: Penguin Books, 1989. Copyright: Editions Gallimard, 1954. Copyright da Tradução: Chatto & Windus e Random House, 1981. Baseado no texto francês “La Pléiade” (1954).

_____. *O tempo redescoberto.* Traduçao: Lúcia Miguel Pereira. Sao Paulo:
Globo, 2004.

_____. *Swann's Way*. Traduzido por Lydia Davis. Nova York: Viking, 2003.

Suzuki, Tomi. *Narrating the Self: Fictions of Japanese Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

Yamanouchi, Midori; Quinn, Joseph L. trad. *Listen to the Voices from the Sea: Writings of the Fallen Japanese Soldiers*. Organizado por Japan Memorial Society for the Students Killed in the War – Wadatsumi Society. Scranton: University of Scranton Press, 2000. Publicado originalmente como *Shinpan Kike Wadatsumi no Koe* (Tóquio: Iwanami Shoten, 1995).

AGRADECIMENTOS

Primeiro, ofereço minha gratidão aos professores que tive: minha professora de zen, Norman Fischer, cujas palavras sábias penetraram meus ouvidos, provocaram minha mente e jorraram de volta, inevitavelmente, nestas páginas; agradeço a Teah Strozer e Paula Arai, que me orientaram nas questões relativas às práticas e aos costumes zen; agradeço aos gentis cientistas Adam Frank, Bill Moninger e Tom White, que responderam meus questionamentos sobre física quântica sem rir nenhuma vez; obrigada a Tim King pelas lindas traduções francesas, e a Taku Nishimae, pelo seu japonês cheio de sutilezas; obrigada a Karen Joy Fowler, que me deu coragem num momento crítico; obrigada a John Dower, que há muitos anos me encorajou a escrever sobre os diários dos pilotos camicases; e também a Missy Cummings, que partilhou comigo suas ideias sobre a criação de registros morais na interface homem-máquina durante um chá da tarde no hotel Empress... Eu agradeço a todos vocês pela sua generosidade, conhecimento e orientação, e faço questão de acrescentar que quaisquer erros e omissões que sejam encontrados neste livro são responsabilidade unicamente minha.

Em segundo lugar, ofereço gratidão ao meu sangha de leitores e amigos: obrigada a Tim Burnett, Paul Cirone, Harry Hantel, Shannon Jonasson, Kate McCandless, Olwyn Morinski, Monica Nawrocki, Michael Newton, Rahna Reiko Rizzuto, Greg Snyder, Linda Solomon, Susan Squier e Marina Zurkow por reservarem um tempo precioso das suas vidas ocupadas para lerem as primeiras versões do manuscrito e me fornecerem opiniões preciosas; obrigada a Larry Lane pelos sábios conselhos nas questões ligadas ao dharma e ao desenrolar da trama; a David Palumbo-Liu, John Stauber e Laura Berger, e também aos Amigos do Pleistoceno, que concordaram gentilmente em ser incluídos neste universo ficcional; e minha gratidão também a Kwee Downey, que uma vez disse que gostaria de ler um romance que tratasse também do zen e me sugeriu que escrevesse um.

Em terceiro lugar, meus agradecimentos vão para as instituições e templos

que me ofereceram seu apoio: ao Council for the Arts do Canadá, pelas bolsas para escritores profissionais em 2009 e 2011, que me garantiram sustento e condições para escrever; ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts e à Universidade de Stanford, pelas bolsas de estudo que sustentaram as pesquisas e pelas conversas que foram a inspiração para elementos cruciais desta história; e à minha amada Hedgebrook, pelo presente raro do isolamento, do companheirismo feminino e do *tempo.*

Em quarto lugar, agradeço ao meu precioso sangha editorial: obrigada a Molly Friedrich, Lucy Carson e Molly Schulman que me representam com tanta inteligência, graça e entusiasmo; aos meus parceiros sábios e maravilhosos da Viking Penguin, Susan Petersen Kennedy, Clare Ferraro e Paul Slovak, pela orientação e pelo apoio inabalável há tantos anos, e obrigada também a Beena Kamlani, Paul Buckley, Francesca Belanger e tantos outros que trabalharam duro para fazer deste livro uma expressão da beleza; obrigada a Jamie Byng, Ailah Ahmed e todos os meus novos amigos de Canongate, Reino Unido, e do mundo todo; e, acima de tudo, gratidão eterna a Carole DeSanti, minha querida amiga, editora, colega de trabalho, amiga de estudos e a leitora que me chama à presença em cada página.

Em quinto, ofereço meus agradecimentos à ilha e seus moradores, por imbuírem a minha ilha ficcional e fantástica com a expressão mais verdadeira da sua beleza, tenacidade, humor, conhecimento e disponibilidade para ajudar.

E, por fim, ofereço minha gratidão permanente a Oliver pelo seu amor e companheirismo: obrigada pela sua generosa colaboração na escrita deste livro e por ser o meu parceiro e minha inspiração neste e em todos os nossos muitos mundos.

Eu me curvo em reverências para todos vocês.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
Parte I
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao

Parte II
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao
- As cartas de Haruki Nº 1

Parte III
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth
- O diário francês secreto de Haruki nº 1

- Ruth
- Nao
- Ruth

Parte IV

- Nao
- Ruth
- Nao
- Ruth

Epílogo

Apêndices